

# GODSGRAVE

O ESPETÁCULO SANGRENTO

V.2 DAS CRÔNICAS DA QUASINOITE



JAY KRISTOFF

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PLATA  
FORMA 3

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# GODSGRAVE

O ESPETÁCULO SANGRENTO

V.2 DAS CRÔNICAS DA QUASINOITE



JAY KRISTOFF

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PLATAFORMA 31

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Sumário

|                   |  |
|-------------------|--|
| Créditos          |  |
| Dedicatória       |  |
| Mapa 1            |  |
| Mapa 2            |  |
| Mapa 3            |  |
| Boa viagem        |  |
| Dramatis Personae |  |
| Epígrafe          |  |
| Livro 1           |  |
| Capítulo 1        |  |
| Capítulo 2        |  |
| Capítulo 3        |  |
| Capítulo 4        |  |
| Capítulo 5        |  |
| Capítulo 6        |  |
| Capítulo 7        |  |
| Capítulo 8        |  |
| Capítulo 9        |  |
| Capítulo 10       |  |
| Capítulo 11       |  |
| Capítulo 12       |  |
| Livro II          |  |
| Capítulo 13       |  |
| Capítulo 14       |  |
| Capítulo 15       |  |
| Capítulo 16       |  |
| Capítulo 17       |  |
| Capítulo 18       |  |
| Capítulo 19       |  |
| Capítulo 20       |  |
| Capítulo 21       |  |
| Capítulo 22       |  |
| Capítulo 23       |  |
| Capítulo 24       |  |
| Livro III         |  |
| Capítulo 25       |  |
| Capítulo 26       |  |
| Capítulo 27       |  |
| Capítulo 28       |  |
| Capítulo 29       |  |
| Capítulo 30       |  |

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Epílogo

Mapa 4

Agradecimentos

Sua opinião é muito importante

TÍTULO ORIGINAL *Godsgrave*

© 2017 Neverafter Pty, Ltd. Publicado mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, SL, representante da Adams Literary.

Todos os direitos reservados.

© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

**Plataforma21** é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Isadora Prospero

REVISÃO Raquel Nakasone

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DESIGN DE CAPA Young Jin Li

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Jason Chan

TIPOGRAFIA DE CAPA Meg Morley

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

Todos os direitos desta edição reservados à

**vergara & riba editoras s.a.**

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+ 55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Kristoff, Jay

Godsgrave [livro eletrônico]: O espetáculo sangrento / Jay Kristoff; tradução Clemente Pereira. – 1. ed. – São Paulo : Plataforma21, 2018. – (Crônicas da quasinoite, v. 2)

8 Mb; ePUB

Título original: Godsgrave.

ISBN 978-85-92783-71-6

1. Ficção juvenil 2. Suspense - Ficção I. Título. II. Série.

18-14908 CDD-028 5

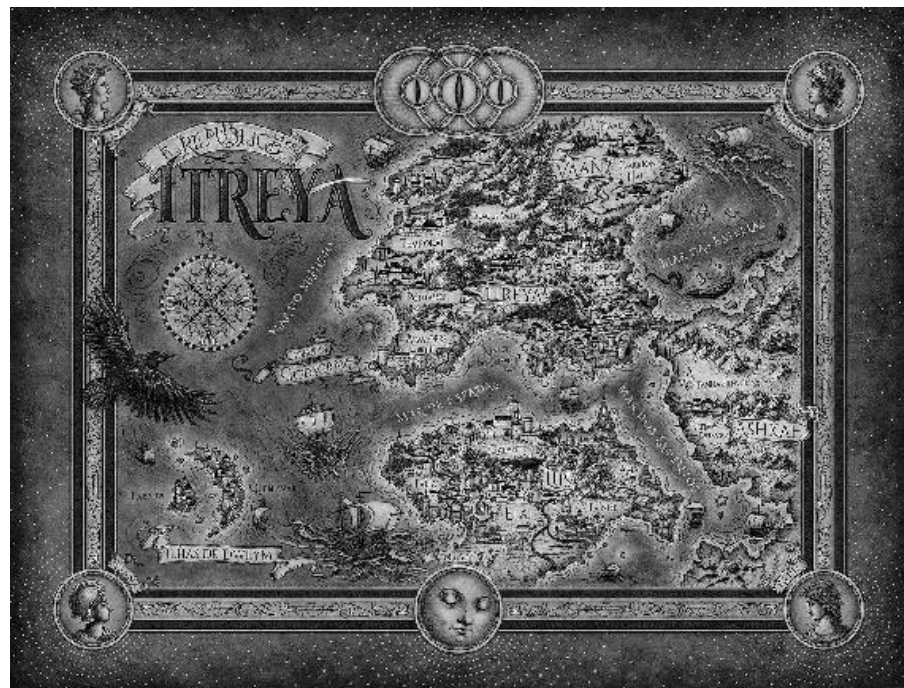
**Índices para catálogo sistemático:**

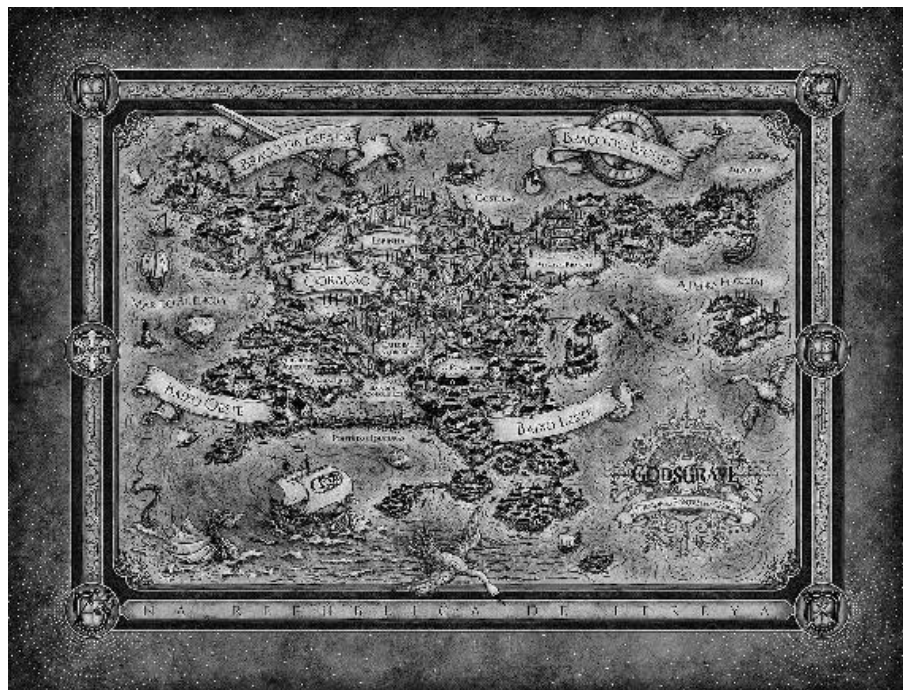
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

*Para meus inimigos:  
eu não teria conseguido se não fossem vocês.*









*Boa viragem, nobre amigo. É uma alegria vê-lo novamente.*

*Confesso que senti saudades enquanto estivemos longe um do outro. E agora, reunidos, adoraria simplesmente cumprimentar você com um sorriso e deixar-lhe partir para o mundo de assassinatos, vinganças e eventuais estocadas de imundície escritas com bom gosto. Mas antes de voltarmos juntos para o meio das páginas, devo comunicar um aviso verdadeiro.*

*A memória é traidora, mentirosa e uma ladra sem serventia. E embora o elenco do nosso drama esteja sem dúvida marcado indelevelmente na sua psique, às vezes devemos fazer concessões para os mais inferiores entre vocês mortais.*

*Talvez convenha refrescar a memória?*

# Dramatis Personae

**Mia Corvere** – assassina, ladra e heroína do nosso conto (se é que podemos dizer que nosso conto tem alguma figura heroica). Seu pai, Darius, foi executado por ordem do senado de Itreya. E ela, jurando vingança, fez-se discípula da seita de assassinos mais temida da República, a Igreja Vermelha.

Embora tenha fracassado nas provas da Igreja, Mia foi ungida Lâmina (isto é, assassina) depois de resgatar o ministério da Igreja durante um ataque de legionários luminatii.

Mia tem uma mistura de sangue itreyano e liisio. Também é sombria: alguém capaz de controlar a própria escuridão. Ela não entende muito seus poderes, e o único outro sombrio que conheceu na vida morreu antes de poder lhe dar as respostas que ela desejava.

É trágico, eu sei.

**Senhor Simpático** – demônio, passageiro ou familiar (depende de quem perguntar) feito de sombras, que salvou a vida de Mia quando ela era criança. Alega saber muito pouco da sua verdadeira natureza, embora se saiba que ele mente de vez em quando.

Usa a forma de um gato, embora esteja muito longe de ser um gato, e come o medo de Mia.

**Eclipse** – outro demônio de sombras, que se vale da aparência de loba. Eclipse era passageira do Lorde Cassius, o antigo líder da Igreja Vermelha. Quando Cassius morreu durante o ataque dos luminatii, Eclipse uniu-se a Mia.

Como a maioria dos cães e gatos, ela e o Senhor Simpático não se dão bem.

**Velho Mercurio** – mestre e confidente de Mia antes de ela entrar na Igreja Vermelha. O próprio Mercurio foi durante muitos anos Lâmina da Igreja, mas se aposentou e hoje vive em Godsgrave. O velho itreyano tem uma loja chamada *Penhoras Mercurio* e trabalha de informante e caça-talentos para os servos da Mãe Negra.

Jamais se viu um velho mais resmungão e desgraçado debaixo de qualquer um dos três sóis.

**Tric** – acólito da Igreja Vermelha, também amigo e amante de Mia. Tric era filho de um itreyano com uma dweymeri. Estava prestes a ser ungido Lâmina, mas Ashlinn Järnheim o esfaqueou repetidas vezes no coração e o empurrou da beira da Montanha Silenciosa.

Por causa de uma promessa feita a ele, Mia assassinou o avô de Tric, Quebraespadas, rei das Ilhas de Dweym, após a morte do rapaz.

O que não foi lá muito sensato, se você parar para pensar...

**Ashlinn Järnheim** – acólita da Igreja Vermelha, já foi uma das

amigas mais íntimas de Mia. Ash nasceu em Vaan, e é filha de Torvar Järnheim, Lâmina da Igreja aposentado. Em vingança por ter sido aleijado a serviço da Mãe, ele e os filhos tramaram um plano que quase pôs de joelhos a Igreja inteira, embora no fim a conspiração tenha sido frustrada por Mia.

O irmão de Ash, Osrik, foi morto no processo, mas Ashlinn escapou.

A melhor descrição para os sentimentos que Ash nutre por Mia é que são... complicados.

**Naev** – Mãe (isto é, discípula) da Igreja Vermelha e amiga íntima de Mia. Coordena as caravanas de suprimentos nas desoladas Ruínas Sussurrantes de Ashkah. Naev foi desfigurada pela tecelã Marielle por ciúmes, mas como recompensa pela ajuda de Mia durante o ataque luminatii, Marielle restaurou a antiga beleza de Naev.

Naev nunca esquece e nunca perdoa – este é um dos motivos por que ela e Mia se dão bem.

**Drusilla** – Reverenda Mãe da Igreja Vermelha e, apesar da aparente velhice, uma das mais mortíferas servas da Mãe Negra ainda vivas. Drusilla reprovou Mia na prova final, e foi apenas depois da intercessão de Cassius, Senhor das Lâminas, que a garota foi ungida.

Para sermos amenos, digamos que ela não é a maior fã de Mia.

**Solis** – Shahiid de Canções, instrutor dos acólitos da Igreja Vermelha na arte do aço. Mia cortou o rosto dele durante a primeira sessão de treinos. Solis decepou o braço dela em retaliação. A relação dos dois agora é ótima, como você pode imaginar.<sup>1</sup>

**Mataranhas** – eleita “shahiid com maior probabilidade de matar os próprios alunos” por cinco anos consecutivos, Mataranhas é a senhora da Sala das Verdades. Mia era uma das suas acólitas mais promissoras, mas depois de fracassar no teste final de Drusilla, a simpatia de Mataranhas pela garota praticamente evaporou.

**Mouser** – Shahiid de Bolsos e mestre do furto. Charmoso, esperto, e tão afeito ao roubo quanto ao hábito de vestir roupas de baixo femininas. O itreyano não alimenta fortes antipatias por Mia, o que praticamente o torna líder do fã-clubes da garota.

**Aalea** – Shahiid de Máscaras e senhora dos segredos. Dizem que há apenas dois tipos de gente neste mundo: quem ama Aalea e quem ainda não a conheceu.

Ela aparenta gostar de verdade de Mia.

Chocante, não é?

**Marielle** – uma dos dois feiticeiros albinos a serviço da Igreja. Marielle é mestre na antiga mágica ashkahi de tecer carne, capaz de esculpir pele e músculo como se fossem barro. Contudo, o preço que

paga para ter esse poder é elevado: sua própria carne é horrenda e ela não tem o poder de mudá-la.

Marielle não se importa com ninguém além do irmão, e talvez se importe demais com ele.

**Adonai** – o segundo feiticeiro que serve à Montanha Silenciosa. Adonai é orador de sangue, capaz de manipular o *vitus* humano. Como a irmã, é albino, mas graças à arte de Marielle, é incomparavelmente belo.

Embora eu bem me lembre de um provérbio acerca de livros e capas...

**Aelius** – o cronista da Montanha Silenciosa, encarregado de manter alguma aparência de ordem no grandioso ateneu da Igreja Vermelha.

Como tudo na biblioteca de Niah, Aelius está morto.

Ele demonstra alguma ambivalência a respeito desse fato.

**Shiu** – ex-acólito da Igreja Vermelha, agora Lâmina de pleno direito. Shiu nunca fala; comunica-se por meio de uma linguagem de sinais conhecida como *Deslândia*.

Esse garoto de Itreya ajudou Mia nas provas finais, embora insista que não são amigos.

**Jessamine Gratianus** – uma acólita da Igreja Vermelha da mesma leva que Mia, mas que fracassou em tornar-se Lâmina. Jessamine é filha de Marcinus, centurião itreyano executado por sua lealdade ao pai de Mia, Darius “o Faz-Rei” Corvere. Jess culpa Darius, e por extensão a própria Mia, pela morte do pai, embora na verdade as garotas tenham muito em comum.

O desejo de ver o cônsul Scaeva degolado feito um porco, por exemplo.

**Julius Scaeva** – cônsul do Senado de Itreya eleito três vezes. Scaeva detém sozinho o título de cônsul desde a Rebelião Faz-Rei, seis anos atrás. O cargo costuma ser compartilhado, e os cônsules geralmente só o assumem por um mandato, mas as regras parecem não se aplicar a Scaeva.

Ele presidiu a execução do pai de Mia, e condenou a mãe e o irmão bebê dela a morrerem na Pedra Filosofal. Também ordenou que Mia fosse afogada num canal.

É, ele é bem pau no cu.

**Francesco Duomo** – grão-cardeal da Igreja da Luz e membro mais poderoso do ministério do Onividente. Ao lado de Scaeva e Remus, foi responsável pela sentença dos rebeldes Faz-Reis.

Duomo é o braço direito de Aa neste mundo. A simples visão de uma relíquia santa abençoada por um homem com a sua convicção é

suficiente para fazer Mia contorcer-se em agonia.

Por conseguinte, esfaqueá-lo até ele perder toda a porra do sangue pode revelar-se uma tarefa problemática.

**Justicus Marcus Remus** – antigo justicus da Legião Luminatii e líder do ataque à Montanha Silenciosa. Durante o emocionante confronto com Mia, Remus fez diversos comentários crípticos acerca do irmão de Mia, Jonnen.

Mia matou o itreyano com uma facada antes de ele poder explicar-se totalmente.

Ele não gostou.

**Alinne Corvere** – mãe de Mia. Embora tivesse nascido em Liis, Alinne destacou-se nos salões do poder de Itreya. Era um gênio da política, e uma dona de não pouca estima e determinação. Aprisionada na Pedra Filosofal com o filho bebê após a fracassada rebelião do marido, ela morreu louca e miserável.

Sim, eu gostava dela também.

**Darius “o Faz-Rei” Corvere** – pai de Mia. Ex-justicus da Legião Luminatii, Darius selou uma aliança com o general Gaius Maxinius Antonius a fim de ver Antonius coroado rei. Juntos, levantaram um exército e marcharam contra a própria capital, mas ambos foram capturados à véspera da batalha. Sem liderança, o exército foi esfaçalhado. As tropas foram crucificadas, e o próprio Darius foi enforcado com o seu suposto rei ao seu lado.

Estavam tão próximos que quase se tocavam.

**Jonnen Corvere** – irmão de Mia. Recém-nascido no tempo da rebelião do pai, Jonnen foi aprisionado com a mãe na Pedra por ordens de Julius Scaeva. Antes de morrer, Aline Corvere disse à filha que Jonnen estava morto.

**Aa** – o Pai da Luz, também conhecido como o Onividente. Dizem que os três sóis – conhecidos como Saan (o Vedor), Saai (o Conhecedor), e Shiilh (o Observador) – são seus olhos, e um ou mais deles costuma estar presente nos céus, de modo que a noite de verdade, ou veratreva, ocorre apenas por uma semana a cada dois anos e meio.

Aa é um deus benevolente, generoso para com os súditos e misericordioso para com os inimigos. E se você crê nisso, nobre amigo, talvez queira comprar uma carroça usada na minha mão.

**Tsana** – Senhora do Fogo, aquela que queima nosso pecado, a pura, padroeira das mulheres e dos guerreiros, e primogênita de Aa e Niah.

**Keph** – Senhora da Terra, aquela em perpétuo sono, o Lume, padroeira dos sonhadores e dos tolos, segunda filha de Aa e Niah.



**Trelene** – Senhora dos Oceanos, aquela que beberá o mundo, o destino, padroeira dos marujos e dos canalhas, terceira filha de Aa e Niah, gêmea de Nalipse.

**Nalipse** – Senhora das Tempestades, aquela que recorda, a misericordiosa, padroeira dos curandeiros e dos líderes, quarta filha de Aa e Niah e gêmea de Trelene.

**Niah** – Mãe da Noite, Nossa Senhora do Bendito Assassinato, também conhecida como a Fauce. Esposa-irmã de Aa, Niah governa uma região sem luz do além conhecida como abismo. No começo, ela e Aa compartilhavam igualmente o governo do céu. Fora-lhe exigido gerar somente filhas para o marido, mas Niah acabou por desobedecer ao edito de Aa e lhe gerou um filho. Como punição, foi banida dos céus pelo amado, com autorização para voltar por apenas um breve período a cada poucos anos.

E o que aconteceu ao filho dos dois?

Como eu disse da última vez, nobre amigo, isso estragaria as coisas.

1 Sim, nobre amigo, foi sarcasmo. Admita: você sentiu a minha falta, não sentiu?

O lobo não sente pena do cordeiro.

A tormenta não pede desculpas ao afogado.

- MANTRA DA IGREJA VERMELHA

# **Livro I**

## **O Juramento Vermelho**

# Capítulo 1

## Perfume

Nada cheira tão mal quanto um cadáver.

Leva um tempo para eles começarem a feder de verdade. Ah, sim, há grandes chances de você, caso não tenha sujado as calças antes de morrer, sujá-las logo depois – receio que o corpo humano simplesmente funcione assim. Mas não me refiro ao fedor prosaico de merda, nobre amigo. Falo do perfume de arder os olhos que é a simples mortalidade. Leva uma viragem ou duas para pegar o ritmo de verdade, mas assim que o baile começa pra valer, não é esquecido tão cedo.

Antes da pele começar a enegrecer, de os olhos ficarem brancos e a barriga inchar como um balão horrendo, a coisa começa. Há um quê de doçura nisso, esgueirando-se pela sua garganta e fazendo sua barriga se revirar como uma batedeira. Na verdade, acho que o cheiro fala a algo primitivo dentro de você. À mesma parte de vocês, mortais, que teme a escuridão. Que *sabe*, sem sombra de dúvida, que não importa quem seja ou o que faça, os vermes haverão de banquetear-se, e que, em uma viragem, você e tudo o que ama morrerão.

Ainda assim, leva um tempo para os corpos ficarem tão podres a ponto de você poder sentir o cheiro a quilômetros de distância. Por isso, quando Bebelágrimas sentiu uma nota do fedor intenso e doce da decomposição nos ventos sussurrantes de Ashkahi, soube que os cadáveres já deviam ter morrido havia umas duas viragens.

E que com certeza havia um monte deles.

A mulher puxou as rédeas, fazendo seu camelo parar, e ergueu o punho para a sua tripulação. O cocheiro do comboio atrás dela viu o sinal, e a longa e sinuosa corrente de carroças e animais diminuiu o ritmo, toda cusparadas, resmungos e pisadas fortes. O calor era brutal: dois sóis faziam o céu arder num azul cegante e todo o deserto ao redor ondulava em vermelho. Bebelágrimas pegou seu odre na sela e deu um gole morno enquanto seu imediato parava ao seu lado.

– Algum problema? – perguntou Cesare.

Bebelágrimas espichou o queixo para o sul da estrada.

– Pelo cheiro, sim.

Como todo o seu povo, a dweymeri era alta: tinha dois metros – nem um centímetro a mais, nem um a menos, e cada um deles de músculo. A pele era de um marrom intenso, o rosto enfeitado com as intrincadas tatuagens faciais usadas por toda a gente das Ilhas de Dweym. Uma cicatriz comprida dividia sua testa ao meio, rasgando por cima de um olho branco--leitoso bochecha abaixo. Ela estava

vestida como uma marinheira, com chapéu tricórnio e uma velha sobrecasaca de capitão. Mas os oceanos que navegava eram de areia agora, e os únicos deques pelos quais caminhava eram as tábuas da sua carroça. Depois de um naufrágio que matara sua tripulação e toda a sua carga anos antes, Bebelágrimas concluiu que a Mãe dos Oceanos odiava a sua cara, os seus olhos e o navio em que navegava.

Então, foi para o deserto.

A capitã protegeu o olho da luz ofuscante, apertando-o bem para ver ao longe. Os ventos sussurrantes arranhavam seu corpo; o cabelo na nuca arrepiava-se. Eles ainda estavam a sete viragens dos Jardins Suspensos, e não era raro que traficantes de escravos usassem aquela estrada mesmo no auge do verão. Ainda assim, dois dos três sóis estavam altos no céu, e com a veraluz tão próxima, ela tinha esperança de que o clima estivesse quente demais para dramas.

Mas o fedor era inconfundível.

– Dogger! – ela berrou. – Graccus, Luka, peguem suas armas e venham comigo. Cruzareias, continue com a ferraria. Se eu terminar com um kraken-de-areia mastigando a minha bunda, volto do abismo para mastigar *você*.

– Certo, capitã! – gritou o dweymeri grande.

Voltando-se para a parafernália de canos de ferro chumbada na última carroça do comboio, Cruzareias ergueu um cano grande e começou a batê-lo feito um cachorro bagunceiro. A melodia desafinada da ferraria juntou-se aos suspiros enlouquecedores que sopravam das ruínas do norte.

– E eu? – perguntou Cesare.

Bebelágrimas sorriu sarcástica para o seu braço direito.

– Você é bonitinho demais para arriscar. Fique aqui, de olho nos animais.

– Eles não estão bem com esse calor.

A mulher concordou com a cabeça.

– Dê água para eles enquanto espera. Deixe-os esticar as pernas um pouco. Só não muito longe. A região aqui é ruim.

– Certo, capitã.

Cesare tirou o chapéu enquanto Dogger, Graccus e Luka montavam em seus camelos para se juntar a Bebelágrimas na linha de frente. Os três vestiam um gibão de couro grosso apesar dos sóis de rachar, e Dogger e Graccus portavam balestras pesadas. Luka brandia suas foices como sempre, a cigarrilha preguiçosa pendendo da boca – o liisio achava que flecha era coisa de covarde, e era bom o suficiente com as foices para a capitã não discutir. Mas como ele era capaz de fumar naquele calor estava além da compreensão dela.

– Olhos abertos, bocas fechadas – ordenou Bebelágrimas. – Vamos lá.

O quarteto partiu pela aridez rochosa, o fedor mais forte a cada segundo. Os homens de Bebelágrimas eram os desgraçados mais durões que você poderia encontrar debaixo do sol, mas mesmo esses nascem com o sentido do olfato. Dogger apertou um dedo contra o nariz, soprando uma torrente de ranho de cada narina e xingando tudo em nome de Aa e suas quatro filhas. Luka acendeu outra cigarrilha, e Bebelágrimas sentiu a tentação de lhe pedir um trago para se livrar do gosto na boca, com ou sem o calor maldito.

Eles encontraram os destroços depois de uns três quilômetros de estrada.

Era um comboio curto: duas carroças e quatro camelos, todos inchando à luz dos sóis. Bebelágrimas acenou a seus homens com a cabeça e todos apearam, circulando entre os restos com armas a postos. O ar estava denso com o hino de minúsculas asas.

Uma chacina, aparentemente. Havia flechas espalhadas pela areia e fincadas na carcaça das carroças. Bebelágrimas viu uma espada caída. Um escudo quebrado. Um fio de sangue seco que parecia o rabisco de um louco, e uma dança frenética de pegadas ao redor de um buraco frio onde antes estivera uma fogueira.

– Traficantes de escravos – ela murmurou. – Umas viragens atrás.

– É – concordou Luka, tragando a cigarrilha. – Parece.

– Capitã, uma ajuda aqui não ia mal – chamou Dogger.

Bebelágrimas contornou os animais caídos, com Luka ao seu lado, varrendo com a mão a sopa de moscas. Ela viu Dogger, de balestra sacada, mas não erguida, a outra mão levantada em súplica. E, embora ele fosse o tipo de homem cuja maior preocupação ao cortar a garganta de alguém fosse não sujar os sapatos, falava com delicadeza, como se lidasse com uma égua assustada.

– Opa, opa – sussurrava. – Calma, moça...

Mais sangue por ali, espreado pela areia, marrom-escuro sobre vermelho intenso. Bebelágrimas viu os montinhos reveladores de uma dúzia de covas recém-cavadas ali perto. E, olhando além de Dogger, viu com quem ele falava tão docemente.

– Pelo pau flamejante de Aa – murmurou. – Taí uma coisa que a gente não vê todo dia.

Uma garota. Dezoito anos no máximo. Pele pálida, um pouco vermelha dos sóis. O cabelo preto era comprido, cortado em franjas pontudas sobre os olhos escuros, o rosto encardido de areia e sangue seco. Mas Bebelágrimas conseguia enxergar a beleza debaixo da sujeira: têmporas altas, lábios cheios. Ela empunhava um gládio de dois gumes, talhado pelo uso recente. A coxa e as costelas estavam envoltas em farrapos, manchados com uma safra diferente do sangue na túnica.

– Que florzinha mais linda você é – disse Bebelágrimas.

– F-fique longe de mim – alertou a garota.  
– Calma – murmurou Bebelágrimas. – Você não precisa mais do aço, moça.

– Sou eu que decido sobre isso, se você não se incomoda – ela disse com a voz trêmula.

Luka deslocou-se devagar para o flanco da garota, esticando uma mão ligeira. Mas ela se mostrou rápida feito um raio; chutou o joelho dele e o mandou para a areia. Arfando, o liisio deu com a moça atrás dele, o gládio posicionado na junção do ombro com o pescoço. A cigarrilha de repente pendia de lábios secos e polvorentos.

*Ela é rápida.*

Os olhos da garota faiscaram quando ela rosnou para Bebelágrimas:

– Fique longe de mim, ou eu juro pelas Quatro Filhas que acabo com ele.

– Dogger, relaxe – ordenou Bebelágrimas. – Graccus, guarde a balestra. Dê um espaço para a jovem dona.

Bebelágrimas observou seus homens obedecerem, recuando devagar para deixar a garota dar vazão ao próprio pânico. A mulher deu um passo lento para a frente, com as mãos vazias estendidas e espalmadas.

– Não temos intenção de feri-la, flor. Sou apenas uma mercadora, e esses são apenas os meus homens. Estávamos viajando para os Jardins Suspensos, sentimos o cheiro dos corpos e viemos dar uma olhada. E essa é toda a verdade. Juro pela Mãe Trelene.

A garota observava a capitã com olhos desconfiados. Luka estremeceu com um cutucão da lâmina no pescoço, o sangue latejando no aço.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Bebelágrimas, já sabendo a resposta.

A garota balançou a cabeça, as lágrimas transbordando para os cílios.

– Traficantes de escravos? – perguntou Bebelágrimas. – Essa região é ruim por isso.

Os lábios da garota começaram a tremer e ela apertou o cabo do gládio com ainda mais força.

– Estava viajando com a sua família?

– C-com meu pai – ela respondeu.

Bebelágrimas olhou a moça de alto a baixo. Era mais baixa do que alta, magra, mas esbelta e dura. Ela tinha se refugiado debaixo das carroças e rasgado algumas lonas para se proteger dos ventos sussurrantes. Apesar do fedor, tinha permanecido perto da cena do massacre, onde havia abundância de suprimentos e onde seria mais facilmente encontrada, o que significava que era esperta. E embora sua mão tremesse, ela portava a lâmina como se soubesse brandi-la.



Luka tinha caído mais rápido do que a roupa de baixo de uma noiva na noite de núpcias.

– Você não é filha de mercador – afirmou a capitã.

– Meu pai é espada de aluguel. Ele trabalhava nas caravanas de Nuuvash.

– Cadê o seu pai agora, flor?

– Ali – disse a garota, com a voz falhando. – Com os o-outros.

Bebelágrimas olhou para as covas recém-cavadas. Talvez um metro debaixo do chão. Areia seca. Calor do deserto. Não era à toa que o lugar fedia tanto.

– E os traficantes?

– Enterrei também.

– E agora você está esperando o quê?

A garota lançou um olhar na direção da ferraria de Cruzareias. Ali tão ao sul não havia muito risco de krakens-de-areia. Mas ferraria significava carroças, e carroças significavam auxílio, e ficar ali com os mortos não parecia estar nos planos dela, com ou sem pai enterrado.

– Posso te oferecer comida – disse Bebelágrimas. – Uma carona até os Jardins Suspensos. E nada de abordagens indesejáveis dos meus homens. Mas você precisa soltar a espada, flor. O jovem Luka é o nosso cozinheiro, além de escolta. – Bebelágrimas arriscou um pequeno sorriso. – E como diria meu marido se ainda estivesse entre nós, você não vai querer que eu cozinhe o jantar.

Os olhos da garota se encheram de lágrimas quando ela lançou outro olhar para as covas.

– Vamos entalhar uma lápide para ele antes de partir – prometeu Bebelágrimas com suavidade.

As lágrimas então se derramaram, e o rosto da garota desmoronou como se alguém o tivesse chutado. Ela deixou a espada cair, e Luka se soltou depressa e saiu rolando pela areia. A garota permaneceu ali como uma pintura torta, cortinas de cabelo tingido de sangue sobre o rosto.

A capitã quase sentiu pena dela.

Ela se aproximou devagar pela areia empapada de sangue, toldada por um halo de moscas. E, tirando a luva, estendeu uma mão calejada.

– Chamam-me de Bebelágrimas – disse. – Do clã Lançamar.

A garota esticou os dedos trêmulos.

– M...

Bebelágrimas agarrou o pulso da garota, girou sem sair do lugar e a atirou por cima do ombro. A menina guinchou, caindo com tudo no chão. Bebelágrimas apoiou a bota nela, sem forçar completamente – só o bastante para arrancar o que ainda restava de luta de seus pulmões combalidos.

– Dogger, traga os ferros, isso – a capitã disse. – Pés e mãos.

O itreyano puxou as correntes da cintura e as prendeu na garota. Ela recobrou os sentidos, uivando e se debatendo enquanto Dogger apertava ainda mais as cadeias, e Bebelágrimas meteu a bota com tanta força na sua barriga que a fez vomitar no chão. A capitã deu mais um golpe para garantir, quase quebrando uma costela. A garota se encolheu com um gemido longo e esbaforido.

– Ponham-na de pé – ordenou a capitã.

Dogger e Graccus a levantaram. Bebelágrimas puxou um punhado de cabelo e forçou a cabeça dela para trás a fim de olhá-la nos olhos.

– Prometi nenhuma abordagem indecorosa dos meus homens, e vou cumprir. Mas continue a agitação e vou te machucar de jeitos que você vai achar bem desagradável. Entendido, flor?

A garota só foi capaz de assentir com a cabeça, o cabelo preto e comprido embolado nos cantos dos lábios. Bebelágrimas acenou para Graccus e o homenzarrão a arrastou ao redor da carroça destrozada e a jogou nas costas de seu camelo resmungão. Dogger já saqueava as carroças, revirando barris e baús. Luka conferia o corte que ganhara, olhando de lado para o gládio da garota no chão.

– Deixe outra fracote dessas te derrubar de novo – alertou Bebelágrimas – e vou te largar aqui pra porra dos espectros, entendido?

– Sim, capitã – ele murmurou, envergonhado.

– Ajude Dogger com os destroços. Levem toda a água para o comboio. Peguem tudo o que valer a pena. Queimem o resto.

Bebelágrimas cuspiu no chão, abanou as moscas do olho bom e caminhou pela terra empapada de sangue para se juntar a Graccus. Ela pulou para cima do camelo e, com um chute brusco, a dupla partiu em cavalgada de volta para o comboio de carroças.

Cesare esperava na boleia, o rosto bonito já amargo. Animou-se um pouco ao ver a garota, gemendo e meio desacordada na corcova do animal de Graccus.

– Para mim? – perguntou. – Não precisava, capitã.

– Traficantes atacaram uma caravana de mercadores. Acabaram mordendo mais do que podiam engolir. – Bebelágrimas apontou para a menina com a cabeça. – Ela é a única sobrevivente. Graccus e Dogger estão trazendo água dos despojos. Distribua entre a carga.

– Mais um morreu de insolação – informou Cesare apontando para o comboio. – Encontrei quando deixamos os outros saírem para esticarem as pernas. É a quarta baixa na mercadoria nessa entrega.

Bebelágrimas levantou o tricórnio e esfregou a mão pelo couro cabeludo encharcado de suor. Ela observou a carga cambalear de um lado para o outro nas jaulas; homens, mulheres e um punhado de crianças, piscando sob os sóis impiedosos. Só uns poucos estavam acorrentados – a maioria estava tão esgotada pelo calor que não tinha

nem forças para correr, ainda que tivesse para onde ir.

– Não temam – ela disse, apontado para a garota. – Olhe para ela. Alva como o leite. Um troféu assim dá e sobra para cobrir as nossas perdas. Uma das Filhas sorriu para nós. – Bebelágrimas se voltou para Graccus. – Tranque-a com as mulheres. Cuide pra que ela receba ração dupla até chegarmos aos Jardins. Quero que ela esteja no ponto quando chegarmos ao mercado. Se você tocar nela pra qualquer outra coisa, corto os seus dedos e faço você comê-los, entendido?

Graccus fez que sim com a cabeça.

– Certo, capitã.

– Botem o resto de volta nas jaulas. Deixem o morto para os espectros.

Cesare e Graccus foram cumprir suas ordens, deixando Bebelágrimas a sós para pensar.

A capitã suspirou. O terceiro sol despontaria dentro de poucos meses. Aquela provavelmente seria a última viagem que faria antes da vernaluz, e as divindades conspiravam para foder a porra toda. Uma epidemia de fluxo hemorrágico tinha eliminado uma carroça inteira da carga apenas uma semana depois de eles terem deixado Rammahd. O jovem Cisco tinha sido destruído durante uma saidinha para mijar – provavelmente pego por um espectro, a julgar pelo que sobrou. E o calor ameaçava esturricar o resto da safra antes mesmo de chegar ao mercado. Tudo de que Bebelágrimas precisava era brisa fresca por mais umas viragens. Quem sabe uma curta temporada de chuva? Ela tinha sacrificado um bezerro forte e jovem no Altar das Tempestades em Nuuvash antes de partir. Mas será que Nalipse tinha escutado?

Depois do naufrágio que quase a tinha arruinado anos antes, Bebelágrimas prometeu a si mesma manter distância da água. Transportar carne pelo mar era um negócio mais arriscado do que levar por terra. Mas ela era capaz de jurar que a Mãe dos Oceanos tentava transformar sua vida num sofrimento contínuo, ainda que isso implicasse trazer a irmã, a Mãe das Tempestades, para atormentá-la.

Nem um sopro de vento.

Nem uma gota de chuva.

Por outro lado, aquela flor linda estava fresca, e umas curvas como as suas valeriam um bom preço no mercado. Foi um golpe de sorte a ter encontrado ali, intacta no meio de tanta merda. Entre salteadores e traficantes de escravos e krakens-de-areia, as Ruínas Sussurrantes de Ashkah não eram lugar para uma garotinha andar a sós. Bebelágrimas a ter encontrado ali, antes de alguém ou *algo*, com certeza significava que uma das Filhas sorria para ela.

Era quase como se alguém quisesse que as coisas fossem assim...

Agarota foi jogada na primeira carroça com outras donzelas e

crianças. A jaula tinha dois metros de altura, toda de ferro enferrujado. O assoalho estava coberto de imundície, o fedor de corpos suados e o bafo de carniça eram quase tão ruins quanto o cadáver dos camelos. O grandalhão chamado Graccus não fora delicado – mas, fiéis às palavras da Capitã, suas mãos não fizeram nada além de arremessá-la para dentro, bater a porta da jaula e virar a tranca.

A garota se encolheu no assoalho. Sentiu os olhares das mulheres ao redor, os olhos curiosos dos meninos e das meninas. As costelas doíam por causa dos chutes que ganhara, as lágrimas derramadas cortavam trilhas através do sangue e da sujeira nas bochechas. Lutava para se acalmar. Fechou os olhos. Apenas respirou.

Por fim, ela sentiu mãos suaves a ajudando a se levantar. A jaula estava lotada, mas havia espaço suficiente para que se sentasse num canto, com as costas coladas às barras. Ela abriu os olhos e viu um rosto jovem e bondoso, sujo de fuligem, e olhos verdes.

– Você fala liisio? – perguntou a mulher.

A garota fez que sim, muda.

– Qual é o seu nome?

Ela sussurrou com lábios inchados:

– Mia.

– Quatro Filhas – murmurou a mulher enquanto acariciava o seu cabelo. – Como uma bonequinha linda que nem você veio parar num lugar desses?

A garota baixou o olhar para a sombra debaixo de si.

E então o levantou até aqueles olhos verdes cintilantes.

– Bom – ela suspirou. – É uma pergunta interessante, não é?

# Capítulo 2

## Festa do Fogo

Quatro meses antes

*O rei Francisco, soberano de toda Itreya, tomou seu lugar à beira do palco. Trajava gibão e calças do mais puro branco, bochechas sombreadas com tinta rosada. As joias na coroa reluziam conforme ele falava com uma mão no peito.*

– Busquei sempre governar com sabedoria e justiça,

Mas agora a frente real, como joelho de mendigo,

Deve beijar o chão e...

– Não! – veio um grito.

*Tiberius, o Velho, entrou pelo lado esquerdo do palco, cercado por seus conspiradores republicanos. Uma adaga prateada reluzia na mão do idoso, seu queixo estava firme e os olhos brilhantes. Sem uma palavra, ele atravessou o palco com um salto e afundou a lâmina no peito do monarca, uma, duas, três vezes. O público ofegou enquanto o sangue vermelho jorrava, salpicando as tábuas lustradas aos pés do rei. E com um último gemido (um pouco forçado, alguns disseram depois), ele fechou os olhos e morreu.*

*Tiberius, o Velho, mantendo a adaga no ar, pronunciou suas palavras finais e fatídicas.*

– Verte o sangue do coração, e o que deve ser, será.

O fim da tirania não tem preço alto demais para pagar.

Que os amigos saibam, porém, que não golpeei por mim.

Em nome da liberdade minha adaga fui encharcar.

*Tiberius correu os olhos pela plateia, com a faca sangrenta nas mãos. E enquanto fazia uma profunda reverência, as cortinas se fecharam e o veludo vermelho e pesado caiu sobre a cena.*

*Os convidados aplaudiam à medida que a música subia, sinalizando o fim da peça. Lustres arquêmicos no teto brilharam mais forte, banindo a escuridão que acompanhara o ato final. As palmas expandiram-se como ondas pelo salão lotado, pelo mezanino, pelo fundo do salão. E lá encontraram uma garota, com cabelo longo e negro como um corvo, pele pálida e perfeita, e uma sombra escura o bastante para três.*

*Mia Corvere uniu-se às palmas dos convidados, embora na verdade seus olhos tivessem se fixado em tudo menos na peça. Um calafrio suave tamborilou em sua nuca, escondido nas sombras projetadas pelos cabelos. O sussurro de Sr. Simpático chegou suave feito veludo ao seu ouvido.*

– ...foi ruim de doer a cabeça... – disse o gato de sombras.

*Mia respondeu baixo enquanto ajustava sobre o rosto a máscara que não lhe servia muito bem.*

– Achei o sangue de galinha um toque bacana.  
– ...você tem consciência de que foram trinta minutos da nossa existência que jamais recuperaremos...

– Pelo menos acenderam a merda das luzes de novo.

Depois de deixar a plateia aplaudir um pouco mais, as cortinas finalmente se abriram, revelando Francisco são e salvo, a bexiga furada que continha o “sangue do seu coração” quase invisível sob a camisa encharcada. De mãos dadas – com a adaga retrátil apertada entre os dedos de ambos –, Francisco XV e seu assassino Tiberius, o Velho, inclinaram-se para o público.

– Feliz Festa do Fogo, nobres amigos! – gritou o rei assassinado.

O aplauso desfez-se devagar conforme os atores deixavam o palco; conversas e risos recomeçavam agora que a peça terminara. Mia tomou um gole da sua bebida e inspecionou o salão. Agora, com as luzes acesas de novo, ela podia enxergar um pouco melhor.

– Muito bem, onde ele está... – murmurou.

Ela chegara elegantemente atrasada e o salão de baile estava cheio, mas isso não era surpresa: as recepções do senador Alexis Aurelius eram sempre eventos populares. Com a peça terminada, a orquestra de doze instrumentos começou uma música animada em seu mezanino dourado no fundo do salão. Mia observou nobres medulares de sobrecasacas engomadas adentrarem a pista de dança com donas graciosas nos braços, vestidos em tons escarlates e prateados e dourados que reluziam à luz dos lustres arquêmicos.

Os rostos estavam escondidos por trás de uma estonteante gama de máscaras com centenas de formatos e temas diferentes. Mia distinguia voltos de rostos quadrados e punchinellos risonhos e dominos cortados ao meio, joias sobre as tintas e marfim luminoso e leques de penas de pavão. O motivo mais comum entre a multidão era o triplo sol de Aa, ou belas variantes do Rosto de Tsana. Era a Festa do Fogo, afinal, e a maior parte das pessoas ao menos tentava de algum modo venerar o Onividente e sua filha primogênita antes que o hedonismo da comemoração atingisse seu ápice.<sup>2</sup>

Mia trajava um vestido tomara que caia, suas esvoaçantes camadas de seda lísia vermelho-sangue tocando o chão. O corpete a apertava, derramando um cordão de rubis escuros no decote, e apesar de Mia apreciar o efeito do corpete e das joias na valorização dos seus atributos, os olhares de admiração que vinha recebendo a quasinoite inteira não a ajudavam nem um pouco a respirar. O rosto estava coberto por uma máscara de Tsana – uma máscara que retratava o elmo da deusa guerreira, com um penacho de penas de pássaro-de-fogo perto da viseira. Os lábios e o queixo de Mia estavam descobertos, o que facilitava um pouco na hora de beber. E fumar. E xingar.

– Sangue e abismo da porra, cadê ele? – ela resmungou, com seus olhos

*perambulando pela multidão.*

*Ela sentiu o arrepio de novo, o sussurro suave no ouvido.*

*– ...as mesas... – disse Sr. Simpático.*

*Mia ergueu o olhar acima da multidão em movimento para as paredes sobre a pista de dança. O salão de baile do senador Aurelius tinha sido construído como um anfiteatro, com o palco numa extremidade, assentos dispostos em anéis concêntricos e camarotes reservados menores que davam para o térreo. Através da fumaça e dos longos feixes de seda pura pendentes do teto, ela finalmente avistou um jovem alto, trajando uma sobrecasaca branca comprida e plastrão preto, com os cavalos gêmeos da família bordados em fio de ouro sobre o peito.*

*– ...gaius aurelius...*

*Mia ergueu sua piteira de marfim e deu um trago, pensativa. O rosto do jovem estava meio escondido atrás de um domino dourado decorado com o triplo sol, mas a garota conseguia ver o queixo forte e o sorriso bonito enquanto ele cochichava na orelha de uma bela jovem de vestido elegante ao seu lado.*

*– Parece que fez uma amiga – sussurrou Mia, com cinzas transbordando dos lábios.*

*– ...bom, ele é filho de um senador; é improvável que passe a quasinoite sozinho...*

*– Não se eu puder evitar. Eclipse, vá dizer ao Dove para se aprontar. Talvez tenhamos de sair às pressas...*

*Um leve rosnado veio das sombras sob o vestido dela.*

*– ...DOVE É UM IDIOTA...*

*– Mais motivo ainda para garantir que ele esteja acordado. Acho que vou lá dar um oi para o primogênito do nosso estimado senador. E para a amiga dele.*

*– ...eles estão em dois, mia... – alertou Sr. Simpático.*

*– Verdade. Mas dá para se divertir muito em grupo.*

*Deixando seu canto, Mia esgueirou-se pelo salão de festas como a fumaça dos seus lábios. Sorriu aos elogios e declinou educadamente os convites para dançar. Passou despreocupada por dois guardas de casacas bem-talhadas na parte baixa da escadaria; simplesmente fingiu que pertencia àquele lugar e foi o que aparentou. Não havia mais ninguém no ambiente que não devesse estar ali, afinal. O convite consumiu-lhe cinco quasinoites pacientes para ser roubado da casa de dona Grigorio.<sup>3</sup> E as máscaras que aqueles idiotas medulares insistiam em usar em todas as festas facilitavam a tarefa de passar despercebida por eles. Especialmente quando as curvas do seu corpo estavam estranguladas de modo a atrair todos os olhos para longe do seu rosto.*

*Mia conferiu a maquiagem num espelhinho prateado e passou mais uma camada de vermelho-escuro nos lábios. Depois do último trago na cigarrilha, esmagou-a com o salto da bota e entrou tropeçando através das*

cortinas de veludo do camarote privativo de Aurelius.

– Ah, mil perdões – ela disse.

Don Aurelius e a companheira levantaram os olhos levemente surpresos. O par estava sentado num divã comprido de veludo amassado, com taças meio vazias e uma garrafa de um bom tinto vaaniano à mesa diante deles. Mia levou a mão ao peito como que espantada.

– Pensei que não tivesse ninguém aqui. Por favor, me perdoem.

O jovem don acenou de leve com a cabeça. Seu sorriso belo estava escuro de vinho.

– Não foi nada, mi dona.

– Vocês... – resfolegou Mia, insegura. Levou a mão até a máscara, que soltou e usou para abanar o rosto. – Desculpem, incomodaria se eu me sentasse aqui por um instante? Está mais quente que a veraluz aqui dentro, e é um horror respirar neste vestido.

Aurelius correu os olhos pelos traços desmascarados de Mia. Pelos olhos pretos emoldurados por habilidosas pinceladas de delineador. Pela pele pálida como leite e pelos lábios carnudos vermelho-escuros, pela gargantilha de joias ao redor do pescoço fino, lançando um olhar furtivo para a pele à mostra mais para baixo enquanto Mia ajustava o corpete com movimentos exagerados.

– Incômodo algum, mi dona – ele sorriu, gesticulando para o divã vago.

– Aa te abençoe – disse Mia, afundando no veludo, abanando-se de novo.

– Deixe que eu me apresente. Sou don Gaius Neraus Aurelius, e minha adorável cúmplice é Alenna Bosconi.

A companheira de Aurelius era uma beleza de Liis com mais ou menos a idade de Mia – talvez filha de um administratii local. Tinha cabelos e íris escuros e pele oliva, o chiffon dourado do vestido era acentuado pelo pó metálico nos lábios e cílios.

– Pelas Quatro Filhas, amei o seu vestido – suspirou Mia. – É Albretto?

– Bem notado – respondeu Alenna, erguendo a taça. – Parabéns.

– Vou fazer uma prova com ela semana que vem – disse Mia. – Isso se a minha tia me deixar sair do palazzo de novo. Desconfio que ela vai me mandar para um convento amanhã.

– Quem é sua tia, mi dona? – perguntou Aurelius.

– Dona Grigorio. Aquela vaca velha. – Mia apontou para o vinho. – Posso?

Aurelius observou-a encher a taça e secá-la com a mesma rapidez.

– Desculpe-me, mas eu não sabia que a dona tinha uma sobrinha.

– Pois isso não me surpreende nem um pouco, mi don – suspirou Mia. – Faz quase um mês que estou em Galante e ela não me deixa sair do palazzo. Precisei sair escondida para vir aqui esta quasinoite. Meu pai me mandou passar o verão com ela, insistindo que a velha ia me ensinar a me comportar como uma filha temente de Aa.



– Quer dizer que você não se comporta assim agora? – sorriu Aurelius.

Mia fez uma careta.

– Sinceramente, parece até que me deitei com um dos cavaleiros, pelo jeito que ele me trata.

Aurelius ergueu a garrafa até a taça de Mia e inclinou a cabeça.

– Mais?

– Quanta generosidade, senhor.

Aurelius serviu o vinho e lhe passou a taça cheia. Mia a aceitou com um sorriso malicioso; as pontas de seus dedos roçaram o pulso do jovem don e a corrente arquêmica fez formigar a pele de ambos. Alenna levou o copo aos lábios dourados, com uma leve irritação na voz.

– Já está acabando, Gaius – ela alertou ao olhar para a garrafa.

Mia encarou a garota e ajeitou uma mecha solta atrás da orelha. Qualquer medo que pudesse ter sentido foi engolido pelas sombras sob seus pés. Levantou-se do assento com uma graciosidade sedosa e afundou-se no divã ao lado daquela beleza dourada. Olhando nos olhos de Alenna, tomou um pequeno gole do vinho. Delicioso, macio como veludo, sua densidade dançava sobre a língua. E, tirando a taça vazia das mãos de Alenna, Mia lhe empurrou a sua, enlaçando os dedos com os de Alenna e levando a bebida até aqueles lábios dourados.

Ela olhou por cima do ombro da jovem para Aurelius e o viu observando tudo, extasiado. Sorrindo, sussurrou alto o suficiente para ser ouvida por cima da música que vinha do andar de baixo:

– Eu não me importo de dividir.

**A**urelius estava atrás dela, as mãos percorrendo os braços nus, passando por cima dos seios. Mia sentiu os lábios dele no ouvido, roçando-lhe a bochecha, e jogou as mãos para trás para enlaçar os dedos no cabelo dele. Encostou na rijeza no meio das pernas dele e buscou sua boca, suspirando com a trilha de beijos ardentes que ele lhe deixava pela garganta e arrepiando-se com a ponta de barba na sua pele. Ele encontrou a fita de seda atrás do corpete dela e soltou-a devagar, com mãos firmes.

Alenna estava atrás, desabotoando o casaco dele, que deixou cair no chão. As bochechas da liisia estavam coradas, e não apenas pelo vinho; suas unhas compridas arrancaram a camisa de seda, deixando-o de torso nu. Mia tocou aquele peito firme, deslizando os dedos para baixo, pelos sulcos e saliências daquele abdômen. Os lábios dele estavam em sua nuca e ela sentiu a pressão dos dentes, gemendo “sim” a cada mordida mais forte, procurando a boca dele de novo. Mas, com a mão livre, ele a agarrou por uma das longas tranças, puxando sua cabeça para trás, devagar; um arrepio percorria sua pele à medida que ele tirava o corpete.

A música soava distante, lá em cima, quase perdida sob o coro dos suspiros dos três. Desceram atabalhoados as escadas, Aurelius guiando Mia

e Alenna adiante com tapinhas jocosos no traseiro. Os guardas da casa fingiram não prestar atenção na passagem trôpega do trio, com Mia pressionando os lábios no pescoço de Aurelius quando ele parou para dar um longo beijo na bela liúia. Ele empurrou Mia contra a parede e pôs as mãos no meio das suas pernas, os dedos hábeis em ação bem ali no corredor. Quase não conseguiram chegar ao quarto dele.

Como na maioria dos palazzos medulares, os aposentos eram subterrâneos: era a melhor maneira para se esconder da luz incessante dos sóis. O ar era mais fresco na parte de baixo, e a luz dos globos arquêmicos era baixa e esfumada. O corpete de Mia caiu no assoalho quando Aurelius enfiou a mão dentro do seu vestido. Suspirando, ela sentiu as mãos dele envolverem seus seios, apertar os bicos túrgidos com força suficiente para fazê-la soltar um gemido. Ele baixou o vestido, que formou uma pilha amarrotada aos seus tornozelos. Então procurou o cinto dele e encontrou as mãos de Alenna ali também, e os dedos se enlaçaram enquanto soltavam a fivela. Mia sentiu as mãos de Aurelius baixarem, a corrente arquêmica dançando em sua pele conforme os dedos dele deslizavam pela sua barriga, então mais para baixo, sobre os pelos enrolados, até aqueles lábios sequiosos.

Ela gemeu enquanto os dedos dele trabalhavam, os joelhos fraquejando. Virando a cabeça, buscou a boca dele com a sua, mas a mão em seus cabelos a parou com um puxão e a deixou resfolegando, gemendo enquanto ela forçava a bunda para trás, esfregando-a contra a virilha dele no mesmo ritmo do dedilhado.

Com o cinto enfim solto, a bela puxou os botões da calça enquanto as pontas dos dedos de Mia deslizavam para dentro. Ela logo encontrou seu objetivo, e sorriu ao ouvi-lo gemer quando tomou seu calor entre as mãos. Sentiu também as mãos de Alenna, e as duas percorreram aquele comprimento enquanto o dedo dele entrava nela. Estrelas explodiram atrás dos olhos de Mia, e suas pernas quase vacilaram.

Aurelius se virou. Sua boca encontrou a de Alenna e as línguas enroscaram-se. Mia desenroscou a mão dele do seu cabelo e entrelaçou os dedos com os dele, desesperada para beijá-lo. Mas a pele dela se arrepiou ao senti-lo se afastar, ao sentir os lábios quentes no ombro, na nuca, as mãos quentes na cintura.

Não eram dele...

Os dedos de Alenna dançavam pelo seu braço, roçavam o volume dos seus seios. A respiração saiu acelerada quando as mãos da garota chegaram ao queixo e viraram devagar o seu rosto. Com o coração latejando, Mia a encarou.

A garota era linda, com seus lábios carnudos abertos e olhos escuros transbordando de desejo na luz esfumada. O peito agitava-se à medida que ela se apertava, ainda vestida, contra o corpo quase nu de Mia. Aurelius começou a beijar o cangote de Alenna, que por sua vez tirava uma longa

mecha de cabelo escuro da bochecha de Mia. Ela sentiu um arrepio descer até os dedos do pé quando a bela liisia se inclinou para beijá-la. Perto. Mais perto. Mais pert...

– Não – disse Mia, recuando.

Os olhos de Alenna turvaram-se, confusos, e ela olhou para Aurelius atrás de si. O jovem don arqueou a sobrancelha em interrogação.

– Na boca, não – disse Mia.

Os lábios da bela curvaram-se num sorriso malicioso. Os olhos escuros varreram o corpo nu de Mia, bebendo-a.

– Todo o resto então – ela sussurrou.

Alenna correu as mãos pelas bochechas de Mia, sobre as joias na garganta, fazendo-a se arrepiar. E de modo vagaroso e angustiante, ela se inclinou e apertou os lábios contra o pescoço de Mia.

Mia suspirou, a pele formigando, nenhum medo dentro de si. Jogou a cabeça para trás, rendendo-se, os cílios batendo enquanto as mãos de Alenna apertavam seus seios trêmulos, flutuando sobre seu quadril, acariciando-lhe a bunda. Mia não sentia nada além daquelas mãos, daqueles lábios, os dentes mordiscando, o hálito quente contra a pele, a boca da bela liisia descendo até o seio. Gemeu quando a garota abocanhou seu seio, a língua brincando sobre o bico túrgido, o quarto todo girando.

As unhas de Alenna fizeram subir calafrios pela espinha de Mia ao lhe roçar a pele e conduzi-la para trás. Ela sentiu a cabeceira da cama atrás dos joelhos, curvando-se como uma muda de árvore antes da tempestade e caindo com um suspiro contra os cobertores.

Alenna gemia à medida que Aurelius fungava no seu cangote ao mesmo tempo que soltava os laços do seu espartilho. O jovem don baixou o vestido pelo ombro e deixou o chiffon cair numa onda reluzente. A roupa de baixo o seguiu, e a bela liisia estava nua.

Os olhos de Mia percorreram o corpo da garota, que engatinhava na cama, movendo-se feito uma gata. Alenna ajoelhou-se sobre Mia, suspirando enquanto o jovem don fazia o mesmo atrás dela, cobrindo-lhe as costas de beijos, descendo até a bunda. Mia sentiu as mãos da garota deslizarem para a parte interna das coxas, a respiração acelerando quando aqueles dedos roçaram seus lábios. Alenna também respirava rápido, e gemeu quando Aurelius apertou os lábios no meio das suas pernas e começou a trabalhar com a língua. Os olhos dela brilhavam de luxúria. Ela se inclinou para a frente, de novo em busca da boca de Mia.

Mia virou o rosto, com uma mão nos lábios da garota.

– Não.

Ela correu as mãos sobre a pele de Alenna, encontrando a mão de Aurelius no quadril da garota. Enlaçando os dedos nos dele, a bela soltou um suspiro de protesto quando Mia puxou a mão dele para longe da presa. Olhos nos dele. Sem respirar.

– Me beija – implorou.

Aurelius sorriu quando Alenna baixou; os beijos dela eram como gelo e fogo pela garganta, pelos seios, pela barriga de Mia. O jovem don esgueirava-se mais para cima no colchão enquanto a garota baixava mais, lambendo o fundo do umbigo de Mia, os pelos no quadril dela. Mia sentiu os dentes delicados contra a parte interna das coxas, as mãos percorrendo sua pele, e gemia à medida que Alenna soprava suave, os lábios dela a um suspiro dos seus. Mia levantou uma mão e baixou a outra, enroscando os dedos no cabelo dos dois. Puxou Aurelius para si, suplicante, trazendo Alenna para perto. E a boca do don se fechou sobre a sua, sufocando o gemido silencioso ao mesmo tempo que sentia o primeiro toque da boca da bela liisia.

Começaram a agir, os dois, Mia contorcendo-se sobre as cobertas de pele enquanto ambos a adoravam. Um calor como ela nunca sentira antes lhe queimava entre as pernas conforme Alenna a beijava como homem algum jamais fizera, com a espinha arqueada, os dedos emaranhados nas tranças da garota. Ela sentia o sabor agri-doce dela na língua de Aurelius, e o beijou intensamente, mordendo-lhe os lábios com força suficiente para ferir a pele, a tinta vermelho-escura misturando-se ao sangue nas suas bocas. Os lábios de Mia sufocaram o grito de dor dele, e sua língua encontrou a dele, provocando, saboreando, dançando num pálido reflexo da língua de Alenna entre suas pernas.

O tempo parou de dar voltas, o mundo parou de girar. Afastando-se da boca de Mia, o don deixou um rastro de beijos sangrentos pescoço abaixo. Mia arfava conforme ele descia, lambendo, chupando, mordendo, os olhos piscando enquanto Alenna dava lambidas apressadas no seu botão de flor túrgido.

Aurelius levantou a cabeça.

Um rápido calafrio percorreu o seu corpo.

Um gemido baixo lhe escapou dos lábios.

E, ofegante, o jovem don tossiu um bocado vermelho e cintilante de sangue sobre os seios de Mia.

– P-pelas Quatro Filhas...

Aurelius encarou com horror o escarlate sobre a pele de Mia, sobre suas próprias mãos. Mia se apoiou nos cotovelos quando ele caiu para trás com outra tosse vermelha, dedos na garganta. Alenna percebeu o que estava acontecendo e seu rosto se tingiu de rubro. Recuando, tomou fôlego para gritar quando Mia investiu pela cama, agarrou a sua garganta e prendeu seu pescoço.

– Shhhhhh... – cochichou, roçando os lábios na orelha da bela.

A garota se contorceu no aperto de Mia, tentando escapar, mas a assassina era mais forte, mais rija. A dupla tombou no assoalho, no emaranhando das roupas; Aurelius começava a se debater, as unhas cravadas na garganta enquanto tossia mais sangue.

– Sei que é duro de ver – sussurrou Mia para a bela liisia. – Mas é só por

*um instante.*

*– F-foi o vinho...?*

*Mia balançou a cabeça.*

*– Na boca não, lembra?*

*Alenna olhou para a ferida que Mia abrira com os dentes no lábio de Aurelius, a tinta vermelha misturada com o sangue ao redor da boca. O jovem don desabou na cama como um peixe recém-pescado, o rosto torcido. Os lábios de Alenna abriram-se para gritar; uma sombra movia-se na cabeceira da cama, outra aos pés, duas formas feitas de escuridão. A mão de Mia cobriu de novo a boca da garota, enquanto Sr. Simpático e Eclipse se amalgamavam, contemplando arrebatados o jovem don gemer em agonia com o sangue borbulhando entre os dentes. E, com os olhos arregalados e lábios retraídos num grito silencioso, o primeiro e único filho do senador Alexis Aurelius exalou o último suspiro.*

*– Escuta-me, Niah – murmurou Mia. – Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti. Leva-o para perto de ti.*

*Senhor Simpático inclinou de lado a cabeça, observando o jovem don morrer.*

*Seu ronronado soava quase como um suspiro.*

**M**ia estava com sede.

Essa era a pior parte. A jaula, o calor, o fedor: tudo isso ela suportava. Mas por mais que seus raptos lhe dessem de beber, nunca era o bastante naquele deserto desgraçado. Quando Dogger ou Graccus enfiavam a concha pelas barras da jaula, a água morna parecia uma dádiva da Mãe em pessoa. Mia bebia sôfrega, entornando tudo o que lhe davam. Mas entre o sufoco, o suor e o aperto da carroça, logo seus lábios rachavam, sua língua ficava seca e inchada.

Os cativos ficavam espremidos como tiras de carne de porco num barril, e o cheiro era nauseante. Na primeira viragem que passara assando no forno daquela jaula, Mia começou a pensar que tinha cometido um erro terrível.

Pense. Mas não tema.

*Nunca trema.*

*Nunca tema.*

Mia tentava não falar muito. Ela não queria criar intimidade com os outros cativos, sabendo o que estava por vir nos Jardins Suspensos. Mas observava como eles cuidavam uns dos outros: uma idosa reconfortando uma mocinha que chorava pela mãe, ou uma garota dando a própria parca ração para um garoto que tinha vomitado a sua sobre os farrapos que vestia. Pequenas gentilezas que revelavam grandes corações.

Mia se perguntou onde o seu coração poderia estar.

*Não tem lugar para ele aqui, garota.*

Os raptos formavam um grupo variado. Parecia que Bebelágrimas, a capitã, dormia com o seu imediato, Cesare, embora Mia não tivesse dúvidas sobre quem seguraria as rédeas naquela viagem em particular. Nenhuma mulher chegava a liderar um bando de traficantes de escravos nas ruínas de Ashkahi se não tivesse os dentes mais afiados.

Os dois itreyanos, Dogger e Graccus, pareciam ser aqueles bastardos típicos que se encontra em qualquer um dos cem esquemas de comércio humano atuantes em Ashkah. Seguindo as ordens da capitã, não encostavam um dedo nas mulheres. Mas pelos olhares famintos que lançavam em sua direção, Mia imaginava que isso lhes causava um ressentimento infinito. Passavam o tempo ocioso jogando panca com um baralho cheio de orelhas, apostando com um punhado de mendigos raspados.<sup>4</sup>

O grandalhão dweymeri, Cruzareias, parecia ser do tipo mais cuidadoso. Tocava flauta e presenteava os cativos com uma melodia quando não tinha outra coisa para fazer. O último deles era Luka – o jovem liisio que Mia jogara no chão. Tinha cachos curtos e sorriso com covinhas. O chorume que ele cozinhava era pior do que o cu de um porco, mas Mia o tinha visto colocar pão a mais no prato de viragem das crianças.

E era isso. Seis traficantes de escravos com trajes de couro e uma fileira de barras de ferro trancadas entre ela e a liberdade que qualquer um dos cativos ao seu redor mataria para experimentar. Tudo era suor e vômito. Merda e sangue. Pelo menos metade das mulheres na carroça choravam até dormir o pouco que conseguiam. Mas não Mia Corvere.

A garota sentou-se encostada na porta, e esperou. As mechas desalinhadas caíam sobre os olhos profundos e escuros. O fedor do suor e da sujeira era inescapável, a pressão dos corpos ao redor, suficiente para lhe dar enjoos. Mas ela engoliu o vômito junto com o orgulho, mijando na estrada quando mandavam e mantendo a boca bem fechada. E se a sombra empoçada sobre si era escura demais – escura o bastante para dois, talvez –, o interior coberto da carroça era sombrio demais para que alguém notasse.

Faltavam apenas mais quatro viragens até os Jardins Suspensos. Mais quatro viragens daquele calor terrível, daquele fedor impiedoso, daquele balanço nauseante e modorrento. Mais quatro viragens.

*Paciência*, ela dizia a si mesma, murmurando a palavra como uma prece.

*Se a vingança tem mãe, seu nome é Paciência.*

Faltava talvez uma hora para o fim da quasinoite, e a caravana foi parar ao lado da sua estrada longa e poeirenta. Espiando pelo rasgo na

capota da carroça, Mia avistou um pedaço de morro de arenito projetando suas sombras sobre a areia do deserto. Era um lugar óbvio – e por isso perigoso – para se abrigar, mas era melhor parar ali na sombra do que avançar mais uma hora e passar a viragem inteira assando nos sóis.

Mia ouvia Cruzareias na carroça de suprimentos como sempre, martelando de vez em quando uma saraivada de ferraria para assustar qualquer kraken-de-areia ousado o bastante para vir tão ao sul.<sup>5</sup> Ela viu Graccus de relance, inspecionando as formações rochosas do alto da máquina de merda que era o seu camelo rabugento. Graccus parecia irritado; o rosto pingando e os olhos apertados voltados para cima e xingando o Onividente de maldito.

A primeira flecha o acertou no peito.

Veio sibilando pela luz dos sóis e penetrou o colete com um som seco. Uma expressão idiota enrugou o cenho de Graccus, mas as duas flechas seguintes que vieram das rochas arrancaram aquela expressão do seu rosto e o derrubaram do animal num jorro de vermelho vivo.

– Salteadores! – urrou Bebelágrimas.

As mulheres na carroça de Mia gritaram quando uma saraivada de flechas se abateu sobre a caravana, penetrando as capotas. Mia ouviu um suspiro, sentiu a carne ao seu redor se movendo. Uma moça caiu em meio ao aperto, com uma flecha no olho. Um dos moleques levou uma na perna e começou a uivar, a massa inteira de corpos ao redor se agitando como o mar numa tempestade e espremendo-se contra as barras.

– Sangue e abismo...

Mia ouviu cascos galopando, o som da chuva de penas pretas. Em algum lugar distante, Cruzareias rugia de dor e Bebelágrimas gritava ordens. O tinir do aço se tornou mais alto que os urros dos camelos feridos e o chiado da areia espalhando-se. Mia xingou de novo ao ter a cara empurrada com tudo contra as barras, a gente ao redor fervilhando de pânico.

– Certo, que se foda – disparou.

Ela baixou a mão para a bota, girou o salto e pegou suas confiáveis gazuas. Num instante estava livre das algemas e enfiava as mãos por entre as barras enferrujadas. Começou a trabalhar no cadeado, com a língua de fora, concentrada. Uma flecha rasgou a capota e passou a um triz da sua cabeça; outra se cravou na madeira perto da sua mão.

– ...talvez você queira se apressar...

O cochicho era suave como a respiração de um bebê, dito só para os ouvidos dela.

– Você não está ajudando – ela sussurrou em resposta.

– ...estou dando apoio moral...

– Está sendo um merdinha irritante.

– ...*também*...

O cadeado abriu na mão de Mia, e ela chutou a porta para o lado e rolou para fora, para a luz escaldante. Rolou para debaixo da carroça ao mesmo tempo que as outras mulheres perceberam que a jaula estava aberta e começaram a tropeçar umas nas outras na tentativa de escapar.

Mia avistou meia dúzia de cavaleiros circulando a caravana. Vestiam trajes de couro preto e cores do deserto, uma mistura de sexos e tons de pele. Cesare estava morto, perfurado por flechas de penas pretas. Mia não viu sinal de Luka, mas Dogger estava agachado atrás da última carroça, com o cadáver de Cruzareias ao lado. O camelo de Bebelágrimas tinha tomado uma flechada na garganta, e a capitã estava esmagada sob seu corpo com a balestra na mão.

– Filhos da puta fedorentos! – rugia. – Sabem quem eu sou?

Os cavaleiros apenas zombaram em resposta. Cavalgando num círculo incessante, forçavam as fugitivas de volta à direção das carroças e faziam os cativos nas outras jaulas espumarem de pânico.

– Uma distração – percebeu Mia.

– ...*do quê*...?

Dogger rastejou para fora do esconderijo e soltou um tiro rápido de balestra. De algum lugar entre as rochas, uma flecha de pena preta disparou e o acertou no peito. Ele caiu, com bolhas escarlates espocando nos lábios.

– Daquele atirador lá em cima – Mia cochichou.

A garota invocou as sombras debaixo da carroça, juntando-as como uma costureira puxa fios. Aquele lugar era tão claro, tão diferente das entranhas da Montanha Silenciosa. Mas, bem devagar, ela costurou as sombras umas nas outras, tecendo um manto. E sob ele, Mia se tornou um pouco mais do que uma mancha, como uma marca de dedo engordurado no retrato do mundo.

Claro, quase não via porra nenhuma. Ela sempre achou cruel que a Deusa da Noite lhe tivesse dado o dom de não ser vista, mas a deixasse praticamente cega quando o usava. Ainda assim, melhor cega do que um cadáver.

Mia se esgueirou para mais perto da roda, movendo-se pelo tato, preparando-se para sair correndo do abrigo.

– ...*tente não levar uma flechada*...

– Que conselho ótimo, Senhor Simpático. Muito obrigada.

– ...*apoio moral, como eu disse*...

E então ela foi. Agachada, com as mãos estendidas, foi para longe das carroças e rumo às rochas à frente. O mundo todo ficou embaçado, preto como café e branco como leite. A forma escura de um cavalo e seu cavaleiro surgiu como que do nada, esbarrando nela com força. Mia balançou, se arrastando cega até bater as canelas numa



pedra e tombar, xingando.

– Ai, caralho.

– ...ah, *tadinha, onde dói, nenê...?*

A garota se pôs de pé, gemendo, e deu um tapa no traseiro.

– Dá um beijinho para sarar?

– ...*talvez seja melhor você tomar um banho primeiro...*

A garota voltou a avançar, apalpando o rochedo para subir, movendo-se só por tato e audição. Ainda conseguia escutar as ameaças gritadas por Bebelágrimas, mas prestava atenção no zunido revelador das flechas, no estalar da corda do arco. E ele veio... e veio de novo. Mia ia subindo em círculos, silenciosa como um ratinho que tinha acabado de ser escolhido Mestre do Silêncio no Colégio de Ferro.<sup>6</sup>

Outra flecha. Outro estalo do arco. Mia conseguia escutar o murmúrio suave entre um tiro e outro, e se perguntou se haveria mais de um arqueiro lá em cima. Já estava atrás deles, atrás de um monte de rochas. E, jogando as sombras de lado, espiou por cima do esconderijo para descobrir quantos homens teria de assassinar.

Acabou que não teria que assassinar nenhum.

Ah, havia alguém, sem dúvida. Mas era tão arqueira quanto Mia era espadachim. Era uma mulher, em trajes de couro cinza salpicado de marrom, cabelo loiro cortado rente. Sempre que um alvo se apresentava, ela apertava a flecha contra os lábios, murmurava uma oração e a deixava voar. Fosse lá qual fosse a divindade a quem rezava, parecia que estava ouvindo. Quando Luka saiu em disparada para pegar um dos camelos, a arqueira lhe meteu uma flecha no ombro, e outra na canela quando ele voltava para a segurança aos tropeços.

A rocha esmagou a cabeça dela com o primeiro golpe, mas Mia deu mais dois na nuca, só para garantir. A arqueira caiu gorgolejando e espumando, os dedos retorcendo-se. Mia tomou seu arco, puxou a corda até os lábios, mirou e meteu uma flecha de pena preta na espinha de um dos cavaleiros lá embaixo.

A mulher contorceu-se na sela e caiu entre gritos e sangue. Um camarada a viu cair, se voltou para os rochedos acima e tombou para trás do cavalo com uma flecha na garganta. Outro cavaleiro gritava em alerta “Cuidado com o rochedo! O rochedo!” quando o Mia o acertou primeiro na coxa, depois na barriga. Uma foice reluziu ao sair voando de trás da carruagem do meio, e quase separou a cabeça do homem dos ombros.

Os assaltantes estavam todos confusos agora que a arqueira estava morta e o plano deles também. Bebelágrimas deu um tiro de balestra que matou um cavalo e mandou seu cavaleiro para a areia. Mia matou outro cavaleiro com duas flechas no peito. Os últimos poucos que sobraram pegaram o camarada sem montaria e fugiram galopando o

mais rápido que seus ganhões conseguiam.

– ...*bela pontaria...*

Mia olhou para a sombra sentada em cima do cadáver da arqueira. Era pequena e, usando a forma de um gato, limpava a pata semitranslúcida com a língua semitranslúcida.

– Obrigada – agradeceu Mia, inclinando-se.

– ...*eu estava sendo irônico...* – respondeu Sr. Simpático. – ... *você deixou quatro fugirem...*

Mia fechou a cara e mostrou os nós para o gato feito de sombra.

– ...*enquanto ainda estamos sozinhos, é melhor eu aproveitar a oportunidade para ressaltar de novo a insanidade desse seu plano...*

– Ah, sim, que as Filhas não te permitam passar uma viragem sem me encher com isso...

Mia limpou a mão de sangue nas calças da arqueira morta e pendurou a aljava dela no ombro. Então, com o arco em punho, desceu cuidadosamente a encosta até a chacina ao redor da caravana.

As cativas ainda estavam apinhadas ao redor da jaula. Graccus, Cruzareias, Dogger e Cesare estavam mortos. Luka estava jogado perto da carroça do meio, com flechas no ombro e na canela. Ele tentou ficar de pé, mas acabou apoiado num joelho só. Os olhos dele estavam cravados nos dela, a outra foice na mão.

Bebelágrimas tinha levado uma flechada na perna em algum momento da refrega. O rosto estava salpicado de sangue, mas as mãos ainda firmes apontavam a balestra diretamente para Mia. A garota parou a uns dez metros de distância e ergueu o arco. Era muito bem feito: de chifre e freixo, gravado com orações à Senhora das Tempestades. Capaz de atravessar uma flecha num peitoral de ferro àquela distância. E o traje de Bebelágrimas estava bem longe de ser de ferro.

– Esse seu pai te ensinou bem, garota – disse a capitã. – Bela pontaria.

– ...*pfffff...* – sussurrou a sombra de Mia.

Mia chutou a escuridão empoçada aos seus pés e a silenciou bruscamente.

– Não quero matar você, capitã – ela disse.

– Bom, é meu dia de sorte. Também não quero morrer porra nenhuma.

A capitã olhou para os cadáveres ao redor de si, para o seu pessoal dizimado, para a flecha na sua perna, para a longa estrada até os Jardins Suspensos.

– Acho que podemos nos considerar quites – disse. – Meu plano era conseguir um bom preço por você no mercado, mas salvar a minha vida parece um bom resgate. Que tal ir na frente comigo pelo resto da viagem e proteger a gente até os Jardins? Posso dividir o lucro com

você. Vinte por cento?

Mia fez que não com a cabeça.

– Também não quero isso.

– Bom, e o que você *quer*? – disparou Bebelágrimas, com o olhar fixo no arco nas mãos de Mia. – Suas cartas são boas, garota. É você quem diz como jogamos essa mão.

Mia olhou para as mulheres apinhadas ao redor da carroça da frente. Imundas e exaustas, seus trajes eram pouco mais do que farrapos. A estrada poeirenta se estendia através da areia vermelho-sangue, e Mia sabia bem o destino que as esperava no fim dela.

– Quero voltar à jaula.

Bebelágrimas piscou.

– Mas você acabou de sair da jaula...

– Você foi cuidadosamente escolhida, capitã. Sua reputação é conhecida, pois não deixa seus homens estragarem a mercadoria. E tem um acordo com os Leões de Leonides, não tem?

– Leonides? – Agitação se insinuou na voz de Bebelágrimas. – Em nome do caralho ardente de Aa, o que um estábulo de gladiatii tem a ver com tudo isso?

– Bom, esse é o segredo, não é?

A garota baixou o arco com um sorrisinho.

– Quero que você me venda para eles.

---

2 A celebração da Festa do Fogo marca o início do alto verão no calendário itreyano. Dedicada a Tsana, a Senhora do Fogo, cai no oitavo mês antes da Veraluz – a mais sagrada das festas de Aa, quando todos os três sóis ardem no céu.

Tsana é a primogênita de Aa, uma deusa virgem que serve de padroeira tanto para guerreiros como para mulheres. A Festa do Fogo é marcada por uma missa de quatro horas na catedral, e convida a momentos de reflexão e casta contemplação. Claro, a maioria dos cidadãos da República a usam como desculpa para trajar máscaras e participar de bebedeiras estridentes, dedicando-se exatamente ao tipo de comportamento detestado por Tsana. Mas o que vale para as esposas vale também para as deusas, nobres amigos: quase sempre é melhor implorar o perdão do que pedir permissão.

3 Os cinco gramas da toxina conhecida como “contratempo” que Mia tinha despejado no chá da dona duas viragens antes garantiam que ela não iria à recepção do senador Aurelius – padecer de evacuações explosivas de todos os orifícios costuma abafar um pouco a capacidade de socializar. Mia normalmente teria usado uma dose menor, sobretudo em uma pessoa tão idosa. Mas nas cinco viragens que passou de tocaia no palazzo de Grigorio, a velha se mostrou um carro de guerra cujo único prazer parecia ser gritar com o retrato do marido morto e espancar os escravos. Assim, foi difícil para Mia sentir-se culpada por ter dado uma porção extragrande àquela vaca velha.

Embora ela tivesse se sentido mal ao pensar em quem teria de limpar a sujeira depois.

4 Você certamente se lembra de que as moedas de Itreya levam apelidos de acordo com a gente que mais as manuseia, nobre amigo. Os cobres são chamados de “mendigos”. Os ferros são chamados de “sacerdotes”. Dependendo da posição social da pessoa a quem você pergunta, as moedas de ouro podem ser chamadas de

“impostores” ou de “sai daqui, plebeu imundo, antes que eu mande o meu guarda quebrar a porra das suas pernas”.

5 Geralmente, os predadores das Ruínas Sussurrantes de Ashkah não vão muito além do Grande Sal, e os maiores krakens-de-areia só são encontrados no interior dos desertos. De vez em quando, espécimes menores partem para o sul quando a caça fica escassa, e nos últimos anos vários empreendedores partiram para o sul de Ashkah para capturar esses krakens vagantes, vendendo-os depois para serem usados em combates espetaculares durante o *venatus magni*: os grandes jogos organizados em honra de Aa na Festa da Veraluz.

Os senhores do *venatus* estão sempre à procura de maneiras de superar o espetáculo (e o público) dos jogos anteriores, e se a ideia de assistir a um gladiatii querido lutando contra um terror das Ruínas Sussurrantes ashkahi não puser traseiros nos assentos, pouca coisa o fará, nobre amigo.

6 Talvez você se lembre de que os sacerdotes férreos do Colégio têm a língua removida na juventude para preservar os segredos da ordem. Tecnicamente, não existem “mestres do silêncio” no Colégio. Foi só um exagero da minha parte. Contudo, eu estava preocupado que talvez você não entendesse a piada se eu não dissesse.

...Ah, deixa pra lá.

Desgraçado.

O que você sabe de humor, afinal?

# Capítulo 3

## Sombras

Mia jazia nua no chão, salpicada de vermelho, com Alenna nos braços. A música ainda pulsava vaga vinda do baile no andar de cima, sem que nenhum dos convidados do senador fizesse ideia de que o único filho dele tinha sido assassinado bem debaixo dos seus calcanhares. Senhor Simpático estava sentado na cabeceira da cama, contemplando o corpo morto do jovem don. Eclipse lambia os lábios com sua língua translúcida; os suspiros da loba de sombras faziam o assoalho vibrar.

A garota nos braços de Mia estremeceu ao vê-los.

– Vou tirar minha mão agora, amor – Mia sussurrou. – Não vou machucá-la. Vou te amarrar, vestir minhas roupas e sair à luz dos sóis, e você nunca mais vai me ver. Justo?

Alenna concordou freneticamente com a cabeça, piscando os olhos marejados.

A voz suave de Eclipse pareceu vir de baixo das tábuas do assoalho.

– ...ISSO É BURRICE...

– ...e você é a especialista em burrice, minha filhotinha... – provocou Sr. Simpático.

– ...MELHOR SE LIVRAR DELA. NÓS NÃO TEMOS MOTIVOS PARA MANTÊ-LA VIVA...

– Nem motivos para dar fim nela – respondeu Mia. – A não ser que alguém me pague. Agora, não seria bom que um de vocês ficasse no corredor para o caso de um guarda aparecer aqui embaixo?

– ...eu fiquei de guarda da última vez, quando você deu fim naquele magistrado...

– ...MENTIROSO. EU FIQUEI DE GUARDA LÁ FORA O TEMPO TODO. VOCÊ ESTAVA COMENDO FEITO UM PORCO NUMA BACIA...

– ...e como você sabe disso, se estava de guarda lá fora o tempo todo...?

– Já terminaram? Estou me lixando pra quem vai, mas é melhor um de vocês ir lá fora, porque alguém tem q...

Uma batida suave soou na porta. Uma voz grave chamou do outro lado.

– Mi don?

Mia murmurou um palavrão e apertou a garganta de Alenna com mais força.

– Mi don – disse uma segunda voz. – Seu pai solicita a sua presença.

Pelo tom eram guardas. Pelo menos dois.

– ...ERA A SUA VEZ... – sussurrou Eclipse, irada.

– ...vira-lata mentirosos...

Mia chiou para que se calassem, a cabeça a mil. Com guardas na porta

dos aposentos, as chances de escapar despercebida tinham virado cinzas. Dove estava à espera com a carruagem no andar de cima, mas isso não servia de nada ali em baixo. Ela podia lutar sem problemas, mas estava completamente pelada, praticamente desarmada, e o barulho só ia atrair mais guardas. As sombras ali embaixo eram intensas, mas como os aposentos ficavam nos porões, não havia janelas pelas quais pular para f...

Mia perdeu o fôlego quando o cotovelo de Alenna colidiu com as suas costelas, e com um palavrão pesado, a garota deu com a cabeça no nariz de Mia. Temporariamente solta, Alenna respirou fundo e soltou um grito que os dedos de Mia só conseguiram abafar em parte:

– Assassina! – berrou. – Socorro!

Mia enfiou o punho na têmpora da garota, uma, duas vezes, até ela desmaiar. Ouviu um palavrão e um som pesado quando algo bateu contra a porta.

– Mi don? – gritou alguém. – Abra!

– ...era a sua vez...

– ...MENTIROSO...

– Vamos calar a boca, vocês dois!

Mia jogou o vestido por cima do corpo enquanto a porta tremia nas dobradiças. Fuçando no corpete abandonado, recuperou a adaga de ossário, o corvo no cabo parecendo censurá-la com seu olhar brilhante de âmbar. Tocando as sombras ao redor, a garota as puxou para cima da cabeça, lançando o mundo inteiro na escuridão e desaparecendo completamente sob ela.

A porta abriu com tudo e duas silhuetas borradas surgiram contra a luz. Uma delas gritou o nome de Aurelius antes de se mover na direção que Mia esperava ser a da cama. O outro viu a liisia nua e respingada de sangue no chão e se agachou ao lado dela. E, com a porta agora livre, Mia jogou o manto de lado e correu.

Os guardas berraram para ela parar, mas Mia os ignorou, disparando pelo corredor acarpetado rumo às escadarias principais. Dois outros guardas apareceram lá em cima, com a testa franzida em confusão ao ver uma garota suja de sangue correndo escada acima na direção deles. Um deles ergueu a mão para se defender quando a adaga dela reluziu conforme entrava e saía até o cabo na barriga dele. O homem engasgou e caiu, rolando escada abaixo; seu companheiro gritou o alarme, já empunhando o gládio. Mia desviou, gemendo quando a lâmina fez um corte fundo no ombro e no bíceps. O contra-ataque da garota zuniu no ar e abriu o pescoço dele.

O homem desabou, gargarejando, e Mia já tinha saído dali, subindo as escadas para o térreo. Invadiu o salão e os dons e donas medulares começaram a gritar alarmados ao vê-la com a lâmina ensanguentada na mão e o cabelo escuro espalhado ao redor de olhos ainda mais escuros, arregalados pela fúria.

– Perdão, mi dona – ela desculpou-se ao empurrar uma bela juvenzinha para o lado em sua carreira pelo salão.

Mais guardas vieram, sem saber ao certo a quem perseguir e por quê. A dupla dos aposentados de Aurelius apareceu no topo das escadas, correndo os olhos pela multidão confusa até enfim achar Mia, que avançava por entre as pessoas aos empurrões.

– A garota de vermelho! – urrou um deles. – Detenham-na!

– Assassina! – gritou o outro. – O filho do senador! Morto!

O salão dissolveu-se em caos. Uns tentavam agarrar Mia; outros fugiam dela. A garota rasgou da coxa à virilha um administratii ricoço que tentou agarrá-la e deu uma cotovelada na cara de outro magnata, que desmaiou na hora. A faca na mão e a expressão no rosto dissuadiram outros benfeitores da multidão, e com um passo para o lado, um empurrão e um rolamento, ela atravessou as portas duplas e disparou pelo saguão. Agarrou um copo da bandeja de um criado estupefato e mandou o vinho d'ouro para dentro antes de jogá-lo no guarda correndo na sua direção; o vidro pesado quicou na cabeça dele e o mandou para o chão.

Mia irrompeu pelas portas que davam para o pátio externo do palazzo de Aurelius. Os gritos de “Assassina!” ecoavam atrás de si. Três guardas disparavam escada acima ao encontro dela, enquanto os sóis gêmeos quase ofuscavam seus olhos.

– Merda...

Cada um dos guardas tinha um gládio de dois gumes e a morte no olhar. O ombro da garota sangrava profusamente, o vestido estava empapado de sangue. Mia se viu forçada a assumir a defensiva; invocou a sombra do líder e prendeu suas botas no chão antes de rolar por entre as espadas dos três, chutando com as duas pernas até parar e se levantar com dificuldade. Em seguida, disparou rumo aos cavalos e às carruagens estacionados ao redor do jardim da frente de Aurelius, à procura de uma pessoa entre a multidão.

– Dove! – rugiu.

Um adolescente na multidão levantou a cabeça. Usava um rosto retangular simples, libré berrante, cabelo escuro rente à cabeça. Uma cigarrilha pendia de um dos cantos da boca. Três lágrimas de sangue desciam pela bochecha direita da máscara. Não parecia encarnar muito o papel de Mão da Igreja de Nossa Senhora do Bendito Assassinato, mas ao som do segundo grito de Mia, se levantou de repente no assento do cocheiro.

– Tudo bem? – perguntou.

– Será que parece que alguma merda está bem? – berrou Mia, correndo até ele.

A Mão reparou na sua lâmina ferida, com os guardas em seu encalço. O garoto cuspiu a cigarrilha, vasculhou a sobrecasaca e sacou duas pequenas balestras. Mirando com cuidado, derrubou os dois guardas mais próximos

de Mia com dois tiros rápidos.

– Corre! – gritou, gesticulando.

– Ah, preciso mesmo?

Um zunido ao lado da orelha disse a Mia que mais guardas tinham chegado, com suas próprias balestras, e enquanto ela acelerava por entre os cocheiros com cara de espanto, um pico de dor ardente no traseiro lhe mostrou que pelo menos um deles era mais ou menos bom de mira.

Ela tropeçou e caiu aos palavrões, ralando as palmas das mãos e os joelhos nas pedras de calçamento como se fossem queijo. Chiando de dor, se levantou com dificuldade, a mão agarrada à seta protuberante no seu traseiro.

– Pelos dentes da Fauce, eles te deram uma flechada na...

– Cala a boca e atira de volta, tarado!

Dove atirou de novo, derrubando mais um guarda com uma flechada na garganta. O garoto se abaixou para recarregar e uma enxurrada de setas voou por sobre a cabeça de Mia, perfurando dois dos cocheiros em pânico e um cavalo especialmente irritado. Infelizmente, quando Dove se levantou com as balestras recarregadas, uma das setas o acertou no peito e o fez tombar sobre o teto da carruagem num jato de sangue. Mia assistiu à Mão tentar se levantar, com os lábios pintados de sangue, mas o garoto no fim despencou num gemido gargarejado.

– ...EU TE AVISEI QUE ELE ERA UM IDIOTA...

– ...pela primeira vez estamos de pleno acordo...

Mia se ergueu à procura de abrigo em meio às pancadas dos cavalos e ao pânico dos cocheiros. Mas com o braço fatiado não tinha como guiar uma carruagem e usar a chibata ao mesmo tempo, e os guardas de Aurelius se aproximavam rápido.

A adaga de ossário luziu e cortou as tiras de couro e os engates ao redor de um garanhão branco. Encolhendo-se de dor, ela se puxou para o lombo do animal.

– ...você se esqueceu do quanto os cavalos te odeiam...?

– Parece que sim.

– ...VAMOS...!

Mia deu com os calcanhares nos quartos do cavalo, e o garanhão disparou, levantando o cascalho compacto do jardim enquanto os guardas gritavam para ela parar.<sup>7</sup> Setas de balestra voaram ao lado da cabeça dela e roçaram os quartos do cavalo, até que uma delas se cravou no traseiro do animal. Ele relinchou, tentou derrubar Mia, mas ela se agarrou como uma sombra aos pés do dono. O garanhão acelerou, disparando portão afora para as largas vias da cidade de Galante. Sinos dobravam à distância, ecoando de dezenas de catedrais, cúpulas e minaretes que se erguiam até o céu. As ruas estavam lotadas por causa da Festa do Fogo, e os foliões berravam impropérios à passagem de Mia no garanhão ferido.

A Lâmina olhou para trás e viu meia dúzia de guardas cavalgando no



seu encalço. O sangue escorrendo do ombro grudava nas costas, o vestido encharcado colava-se à pele. Mia começou a se sentir zozza. Com um palavrão pitoresco, ela arrancou a seta de balestra do traseiro, a cabeça girando de dor. Precisava sair das ruas, achar algum lugar escuro, se esconder até o barulho passar.

As ruas de Galante estavam abarrotadas até ali, no bairro dos medulares; estavam lotadas demais para que a perseguição em alta velocidade pudesse continuar por muito tempo. A disparada do garanhão, impelida pelo medo, ia perdendo força, e o animal já mancava por conta da seta no traseiro. Mia desceu do cavalo e entrou na multidão de foliões bêbados, com os gritos dos perseguidores ecoando em seus ouvidos. Manquilou por uma viela entre uma das incontáveis catedrais da cidade e um imponente edifício administrativo, e enfiou-se pela teia de ruazinhas de Galante. Resfolegava, com a vista turva, a hemorragia deixando as mãos trêmulas. Com o braço esquerdo dormente por completo, a voz de Sr. Simpático a incentivava a ir em frente. Por fim, encontrou uma cerca de ferro fundido, com um mar cheio de lápides e tumbas do outro lado, recoberto de mato e flores coloridas.

A necrópole de Galante.

Ela atravessou o portão mancando e avançou trôpega por fileiras apertadas de mármore e granito musgoso, mausoléus imponentes repletos de gerações de mortos medulares. Por fim, ela se encolheu sob a cornija de um túmulo que pertencia a algum rico desgraçado, esquecido havia muito. E, tocando as sombras, Mia as puxou com dedos hábeis para as tecer ao redor dos ombros.

Como sempre, o mundo todo tornou-se negro sob o manto de Mia. Mas ela ainda ouvia os guardas de Aurelius entrando na necrópole, as botas calcando o pavimento. O capitão rosnou uma ordem e o grupo se dividiu, costurando pelo labirinto superpovoado de criptas e jazigos e túmulos, os gritos de “Assassina!” ecoando sobre a pedra clara.

Mas um guarda permaneceu.

Mia mal o enxergava através do véu de sombras, mas podia perceber pela sua vaga silhueta que o homem era enorme. Suas botas esmagavam o cascalho à medida que ele perambulava pelos mausoléus, murmurando baixinho. Mia prendeu a respiração quando ele se aproximou do seu esconderijo, movendo a cabeça de um lado para o outro. Ela sentiu uma gota morna escorrer pelas costas. As sombras engoliram o pico de pavor que sentiu ao se dar conta de que, apesar do manto de sombras, o sangue deixara uma trilha e agora ia formando uma poça sob seus pés.

O guarda avançou até a cripta em que Mia estava. E, em vez de rezar para que ele passasse reto, a garota simplesmente jogou fora o manto e investiu, com a adaga na mão.

O guarda vestia uma cota de malha por baixo da libré, mas a lâmina de ossário perfurou os anéis de aço como se fossem manteiga. O golpe

afundou até o cabo, mas, por golpear às cegas, ela tinha errado por um triz o coração do sujeito. O grandalhão berrou com o segundo golpe, que dessa vez cortou a jugular. Um jato vermelho e morno acertou o rosto da garota, ao mesmo tempo que o guarda agarrou seu pulso e desferiu um gancho arrasador no seu queixo. Mia foi arremessada contra a parede do túmulo, esfaqueando a mão que a segurava, e os dois caíram juntos.

A traqueia dele ainda estava intacta, e enquanto o guarda urrava, a garota rosnava e golpeava com a faca sem parar. Ambos rolaram pelo calçamento, e tanto Eclipse como Sr. Simpático sussurravam para avisar que os outros guardas estavam voltando. Mas o inimigo era enorme, e apesar de todo o treinamento, Mia estava ferida e sangrando – e qualquer um que acredite não existir vantagem em ser duas vezes maior que seu oponente nunca enfrentou um inimigo com metade do seu tamanho.

Mia ouviu o trovejar de botas com o rosto retorcido quando o guarda a agarrou pelos cabelos. Sua lâmina finalmente encontrou de novo o pescoço dele, fazendo-o cair de costas nos paralelepípedos num jato espumoso de vermelho. Mia se levantou com dificuldade e avistou mais quatro guardas se aproximando.

– ...corra...!

– Como? – ela resfolegou.

– ...SE ESCONDA...!

– Onde?

– Parada!

Os guardas a rodearam. Eram quatro, trajando a libré do senador Aurelius. Mia ouvia assovios na rua ao longe, o tum-tum de botas de legionários. Impávida, mesmo encarando a morte de frente, ela lançou um olhar fulminante ao guarda mais alto e girou a adaga nos dedos. Pensou no cônsul Scaeva e no cardeal Duomo. Na família por vingar. Mas o arrependimento vinha fundamentalmente do medo, e mesmo ali, no fim, ela não o encontrava dentro de si. Sentia apenas raiva porque as coisas terminariam assim.

– Quem morre primeiro? – ela perguntou, o olhar furioso sobre o grupo de homens.

O mais sensato dos guardas mirou a balestra carregada no peito dela.

– Você, vadia – cuspiu.

Um arrepio subiu pelo corpo de Mia, escuro e vazio. Calafrios ondearam por sua pele manchada de sangue. Os sóis ardiam forte no alto, mas ali na necrópole, as sombras eram escuras, quase negras. Uma forma se levantou por trás dos guardas, com capuz e manto, segurando lâminas que só poderiam ser de ossário. Golpeou o guarda da balestra, quase arrancando sua cabeça dos ombros. Os outros guardas gritaram e ergueram as espadas, mas a figura se movia como um raio, um golpe, dois, três. E quase mais rápido do que Mia era capaz de piscar, todos os quatro homens estavam mortos no chão.

– Pelos dentes da Fauce – ela murmurou.

As sombras a seus pés estremeceram; Eclipse estava rija e rosnando, Sr. Simpático no ombro de Mia, inflado e chiando. Mia sentiu o calafrio nos ossos, e seus passageiros tiveram que engolir seu medo quando aquele salvador se voltou para encará-la.

Não era humano. Isso era claro. Ah, tinha a forma de um homem sob o manto: era alto, de ombros largos. Mas as mãos... Sangue e abismo, as mãos ao redor dos cabos eram negras. Tenebrosas e quase translúcidas, os dedos fechados sobre os cabos como serpentes. Mia não conseguia enxergar seu rosto, mas tentáculos pequenos e negros se agitaram dentro do capuz, baixando ainda mais o tecido por cima de seus traços. E embora fosse quase o auge do verão, embora dois sóis ardessem forte no céu, o hálito daquele ser emanava como nuvens brancas dos seus lábios. O corpo de Mia arrepiou-se todo com o frio.

– Quem é você?

– Pergunte isso sobre si mesma – respondeu a figura. A voz oca, sibilante, era marcada por uma reverberação estranha. – Mia Corvere.

A garota piscou, surpresa.

– Você me conhece?

A figura se aproximou, de uma maneira que Mia só conseguia descrever como... serpenteante. Uma camada de gelo se formou sobre os túmulos e criptas ao redor deles.

– Sei que você é feita para mais do que isso – a figura disse. – A verdade sobre você jaz enterrada na cova. No entanto, você mancha as mãos de vermelho por eles, quando deveria estar pintando os céus de preto.

– ...ah, que bom, um críptico...

– Sua vingança é como os sóis, Mia Corvere. Só serve para cegar.

– De que caralho você está falando?

Mia ouviu gritos e voltou-se na direção do som de botas que se aproximavam.

– Busque a coroa da lua.

Quando olhou de novo, a coisa tinha ido embora, como se nem tivesse estado lá. Seu hálito ainda pairava no ar, o frio aos poucos deixando os ossos e a voz do ser ainda ecoando na escuridão atrás dos olhos dela. A garota deu uma olhada ao redor do cemitério, avistando apenas cadáveres e criptas e se perguntando se sonhava acordada.

– ...mia, eles estão vindo...

– ...temos de ir...

Mais assovios. Botas se aproximando. Sangue no rosto e na pele. Mia pegou o manto de um dos guardas – o menos sangrento do grupo. E, puxando o capuz por cima da cabeça, saiu mancando pela necrópole o mais rápido que podia. Pulou com dificuldade a cerca de ferro fundido e desapareceu pelo emaranhado de ruelas de Galante.

Havia apenas cadáveres atrás de si.

O s Jardins Suspensos de Ashkah constituem uma paisagem sem igual debaixo dos sóis.

Em Godsgrave, os vastos jardins no alto das casas transbordam de amassóis e rosas-de-mel, que ajudam a abafar o fedor do rio Rosa com seu perfume maravilhoso. Em Alvatorre, os jardins-labirinto que o rei Francisco III construiu para a amante se estendem por quilômetros, e um exército de escravos labuta para mantê-los aparados, mesmo um século depois da queda da monarquia. As Torres Talhadas de Elai erguem-se a vinte metros de altura, cobertas por um vasto emaranhado de cipó-navalha. Quando os cipós florescem, um pouco antes do auge do verão, as torres se cobrem de flores que podem ser vistas pela cidade inteira. Mas nenhum jardim em toda a República é páreo para os Jardins Suspensos de Ashkah, nobre amigo.

Nem por sua grandeza, nem por seu horror.

O cheiro chegou primeiro a Mia. Cobria o fedor da jaula já a quilômetros da cidade. Sangue, suor e o sofrimento mais negro. Mordendo os lábios, ela contemplou a metrópole que se erguia adiante, em meio à neblina. Algumas das crianças na carroça começaram a chorar, acompanhadas pelas mulheres mais jovens. Mia sentiu sua sombra eriçar-se ao enxergar o seu destino.

*Nunca tema.*

Os Jardins Suspensos foram colonizados por exploradores liisios depois da queda do Império Ashkahi. Nos séculos que se seguiram ao colapso, o porto cresceu até se tornar a maior metrópole da costa, e agora constituía a maior base nos mares do sul para o combustível que movia o coração da República de Itreya.

*Escravidão.*

A cidade portuária era feita em pedra vermelha, aninhada à beira de uma baía natural. A arquitetura era um misto de velhas ruínas ashkahi, belos pináculos e cúpulas em estilo liisio, construídos por cima dos restos da antiga cidade. E por todas as muralhas que cercavam a cidade pendiam milhares de jaulas de ferro individuais, ocupadas por milhares de corpos humanos.

Algumas jaulas tinham décadas de existência, com apenas ossos e farrapos dentro. Outros cadáveres eram recentes. Mas pelos tristes vagidos que se levantavam mais alto do que o burburinho da metrópole atrás do muro, Mia percebeu que centenas de pessoas ainda estavam vivas. Deixadas para balançar em suas jaulas até perecerem.

Os Jardins Suspensos de Ashkah, com suas flores feitas de carne e ossos.<sup>8</sup>

E Mia estava ali afinal.

O comboio sacolejou através de portões de madeira, o fedor aumentava com o calor. As ruas estavam lotadas, e o porto mais

adiante estava repleto de navios oriundos de todas as partes da República; alguns descarregavam, outros partiam carregados de mercadorias para revender. Era a alta temporada, quando os traficantes de escravos retornavam das incursões na costa de Ashkah e mais ao leste com os porões carregados de carne fresca. Legionários itreyanos esbarravam em mercadores liisios, o som das moedas e das lamúrias preenchiam os ares.

Mia sentiu alguém se levantar do seu lado. Ao virar-se, viu uma mulher magra contemplando as ruas com o rosto pálido.

– Que o Onividente nos ajude...

Mia apertou os olhos contra os dois sóis no alto.

– Acho que ele não está ouvindo – murmurou.

A carroça estacionou na beira da praça do mercado. Bebelágrimas desceu da coxia com um salto, manquitolando até a traseira da carroça das mulheres. Retirou a cobertura e apontou para Mia.

– Muito bem, garota – disse. – Vamos para o Fosso.

A capitã destravou a jaula e deu um passo para trás com a balestra na mão. Mercadores já se apinhavam em volta da carroça, cutucando a mercadoria lá dentro e avaliando seu preço. Capangas a serviço do mercado começaram a descarregar os homens na carroça traseira, as correntes cantando uma música enferrujada à medida que os cativos saltavam para a terra batida. Mia desceu e olhou a multidão ao redor.

*Estou aqui.*

Ela escondeu o sorriso por trás das mechas opacas do cabelo.

*Um passo mais perto.*

O Fosso se abria na outra ponta da praça do mercado, e Mia o ouviu bem antes de pôr os olhos nele. Ouviu vivas e gemidos de dor entrecortados, o tilintar de moedas e o estalar de carne e ossos. Ao longo do percurso através da praça abarrotada, Bebelágrimas foi parada ao menos uma dúzia de vezes por mercadores interessados na compra de Mia. A garota precisou de toda sua força de vontade para não perder o controle ao senti-los apalpar suas curvas e conferir seus dentes com mãos sujas. Mas Bebelágrimas rejeitou todas as ofertas pela compra de Mia, indicando que ela em breve estaria à venda no Fosso. As recusas da capitã foram recebidas com descrença ou frustração, com um dos mercadores declarando aquilo um “desperdício de belas tetas”. Mas Bebelágrimas se manteve firme, e o par continuou a caminhada.

O Fosso era exatamente isso: um buraco cavado no chão, com três metros de profundidade e quinze de largura, cercado por paredes de calcário. Um armazém a céu aberto tinha sido construído ao lado; suas barras de ferro enferrujadas continham uma multidão de escravos musculosos. O Fosso era ainda rodeado por bancos de calcário, abarrotados de jogadores entusiasmados e corretores de apostas aos

berros. E no anel interno, servidos por seus pajens e criados, Mia avistou mais de uma dúzia de sanguilas.<sup>9</sup>

Mia permaneceu com a cabeça baixa diante dos portões de ferro do Fosso. Legionários itreyanos inspecionavam as mercadorias de outro traficante antes de o deixarem passar. A garota sussurrou por baixo das suas cortinas de cabelo emaranhado.

– Você conseguiu ver Leonides?

– Ali – respondeu Bebelágrimas, espichando a cabeça na direção do outro lado do armazém. – O gordo desgraçado.

– *Todos* são gordos desgraçados.

– O mais gordo, então.

Mia forçou a vista, por fim identificando um itreyano sentado sob um guarda-sol largo. Vestia um fraque comprido apesar do calor, com o plastrão bem apertado, enfeitado com um broche no formato de uma cabeça de leão. Seu rosto era moreno, o corpo rechonchudo devido a anos de comida e vinho. Ao lado dele a garota viu outro itreyano, alto e musculoso, observando o Fosso com olhos atentos.

– Aquele é Titus – disse Bebelágrimas. – Trabalha de executus, treinando todo o plantel de Leonides.

– Eu sei o que um executus faz.

– Tem certeza? Porque se eu fosse de jogar, apostaria até o meu último mendigo que você não faz a *menor* ideia de onde está se metendo.

– Eu te disse – respondeu Mia. – Leonides treinou dois dos últimos três campeões do *venatus magni*. Organiza peneiras em todas as arenas. Ele suborna os funcionários certos, compra as pessoas certas. Se quero ganhar a minha liberdade, minha melhor chance é treinar com ele.

– Mas *por quê*, menina? – quis saber Bebelágrimas. – Você podia ter ido embora no deserto! Abismos, eu a deixaria ir embora *agora*! Você salvou a minha pele daqueles salteadores, e eu pago as minhas dívidas. Por que, em nome do Onividente, quer ser uma gladiatii?

– Fiz uma promessa – disse Mia. – E quero cumprir.

– Que tipo de promessa dá para cumprir num lugar desses?

– Uma promessa vermelha.

– Isso é loucura.

– ...*ela é mais sábia do que parece...*

O sussurro saiu da sombra sob o cabelo opaco de Mia, baixo demais para a capitã ouvir. Bebelágrimas tirou o tricórnio e esfregou o cabelo. Lançou um olhar de esguelha para Mia e suspirou.

– Uma garota como você não tem chance nesse ramo.

– Acredite, capitã – respondeu Mia. – Você nunca conheceu uma garota como eu.

Bebelágrimas xingou, mas, fiel à palavra, foi até os legionários na entrada. Os dois homens a saudaram com a cabeça, então franziram a

testa diante da magricela ao lado dela arrastando suas correntes.

– Está perdida, capitã? – perguntou o grandalhão.

– A baía das cortesãs é mais para frente – disse o outro, maior ainda, inclinando a cabeça na direção do curral.

Bebelágrimas fungou forte e cuspiu no chão.

– Abram passagem, seus filhos da puta fedidos. Tenho uma lutadora de nascença para mostrar e não tenho tempo para conversa mole a não ser que me paguem.

O maior piscou para Mia.

– Você quer vender essa magricela para um sanguila?

Os legionários explodiram em sonoras gargalhadas, com as mãos na cintura feito canastrões numa pantomima. Mia manteve a cabeça baixa enquanto Bebelágrimas foi peitar o primeiro guarda. Ele era grande, mas a mulher conseguia olhá-lo diretamente nos olhos.

– Você já me viu vender trastes aqui, Paulo? – Ela olhou para o outro. – Não venha me explicar o meu trabalho, seu punheteiro metido. Eu sei bem o que faço, e esta aqui vai para a porra do Fosso.

Os soldados trocaram olhares, um pouco encabulados. Dando de ombros, abriram caminho e deixaram Bebelágrimas e Mia passar para a baía. Um homem sebo com uma tabuinha de cera anotou o nome da capitã, e um garoto de olho torto marcou com tinta azul um número no braço e nas costas da túnica de Mia. A garota o observou trabalhar, pensando de onde ele teria vindo, em como tinha ido parar ali, e contemplou o círculo arquêmico solitário na bochecha dele.<sup>10</sup>

Tomando Mia pelas correntes, o garoto começou a arrastá-la na direção dos outros escravos. A garota resistiu por um instante e encarou Bebelágrimas nos olhos.

– Mais uma coisa, capitã – ela disse baixo.

– Ah, é? – A capitã levantou a sobrancelha. – Quantos favores te devo, não é?

– Você me deve a sua vida. O que eu diria que é o maior tipo de favor que existe. Uma viragem, talvez eu cobre essa dívida. E seria ótimo se eu não precisasse pedir duas vezes.

Bebelágrimas respirou fundo.

– Como eu disse, garota, eu pago as minhas dívidas.

Satisfeita, Mia se deixou arrastar para o calor sufocante em meio aos outros membros daquele gado humano. Olhando ao redor, se deu conta de que era uma de apenas duas fêmeas; a outra era uma dweymeri com as mãos do tamanho de pratos. Ela manteve os olhos voltados para a frente, observando os acontecimentos no Fosso e evitando os olhares curiosos dos seus companheiros de baía.

Parecia um processo simples. Mercadores de carne como Bebelágrimas perambulavam pelos bancos, fazendo propaganda dos seus itens para os sanguilas. E, um de cada vez, seus bens recebiam

uma espada de madeira e eram lançados numa luta pela sobrevivência.

Havia meia dúzia de lutadores profissionais em ação no centro do Fosso, cada um deles uma montanha de músculos e cicatrizes. Quando um novo candidato era empurrado para o ringue, um lutador aleatório empunhava na hora uma espada de madeira e partia para tentar afundar a cabeça do candidato no pescoço. Faziam-se apostas, o público uivava e urrava, e se o competidor permanecia de pé após alguns minutos, os sanguilas tinham a oportunidade de fazer lances por eles. Aqueles que se mostravam promissores eram logo comprados. Os que fracassavam eram arrastados para fora e levados para venda em algum outro lugar dos Jardins Suspensos.

Mia olhou de relance para o sanguila Leonides. O homem contemplava os combates como uma aranha contempla moscas, mas nunca dava lances. Os Leões de Leonides eram os melhores gladiatii da República, e Leonides passava seis meses do ano varrendo mercados do litoral, escolhendo a dedo os melhores. Se Mia quisesse chamá-lo de dominii, precisava impressionar.

Felizmente, ninguém se tornava Lâmina da Igreja Vermelha sendo incompetente com a espada.

O supervisor chamou o número de Mia. A porta de contenção da baía se abriu. O garoto vesgo soltou as correntes e lhe deu um gládio serrilhado feito de uma madeira que ela não usaria nem como lenha em circunstâncias normais. E assim, sem cerimônias, Mia se viu jogada no meio do Fosso.

Zombarias ecoaram nas arquibancadas, gargalhadas resfolegadas e ofensas de todos os lados. A visão de uma garota magrela de cabelo preto de pé, com os joelhos se tocando, no centro do ringue, não pareceu impressionar os plebeus na arquibancada, quanto mais os mestres de sangue.

– Pelo pau ardente de Aa, isso é uma piada? – berrou um deles.

Cusparadas e palavrões choveram dentro do Fosso, e os vários sanguilas voltavam o olhar desinteressado para os seus caderninhos – fosse qual fosse a piada, era óbvio que nenhum deles a achava divertida. Um dos lutadores do Fosso franziu a testa para o supervisor, que simplesmente fez que sim com a cabeça. O lutador deu de ombros, empunhou sua espada de madeira e avançou a passos largos na direção de Mia. Era um dweymeri, de ombros largos feito pontes, pele marrom cintilando de suor.

– Aguenta firme, moça – rosnou. – Não vai doer por muito tempo.

Mia fez o que foi pedido, permanecendo imóvel à medida que o grandalhão se aproximava. Mas quando o gigante levantou a espada para lhe afundar o crânio, ela se mexeu. Rápida como uma sombra.

Deu um passo para o lado, a espada assoviando próxima à cabeça.



Mia desceu o gládio de madeira no punho do homem, partindo-lhe os ossos. Vários sanguilas viraram quando o homenzarrão berrou. Mia deu um chute brutal no joelho dele, que rendeu um estalo nauseante quando a junta se dobrou totalmente no sentido inverso. O grandalhão caiu com um urro, e com crueldade deliberada, Mia afundou a lâmina de madeira na garganta do homem, reduzindo sua laringe a um purê.

Espuma vermelha borbulhou nos lábios do homem, que voltou os olhos espantados para Mia. A garota jogou o cabelo para cima do ombro e sussurrou devagar:

– *Escuta-me, Niah* – murmurou. – *Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti. Leva-o para perto de ti.*

E, gorgolejando, o lutador do Fosso caiu morto no chão.

Um burburinho de admiração ondulou pela multidão. Mia fez uma reverência aos sanguilas, como uma nova dona em seu baile de debutante. Em seguida, se virou para o próximo lutador na fila e ergueu a espada de madeira à altura da cabeça dele.

– Você é o próximo, bonito.

O lutador (que era *mesmo* bem bonito) olhou para os companheiros, para o cadáver no chão e, por fim, para o supervisor. O sujeito sebozo levantou o olhar para os sanguilas, que agora observavam Mia atentamente. E, virando de novo para o espadachim, assentiu com a cabeça.

O lutador deu um passo à frente e Mia deu um salto ao encontro dele. A luta durou menos de dez segundos, terminando com a sola da bota de Mia pressionada na braguilha do homem e a espada de madeira dela enterrada na bela garganta dele, até o cabo. A garota se virou para o público e fez mais uma reverência.

– Cem sacerdotes – veio o lance.

– Cento e dez.

Mia sorriu por trás dos cabelos quando os sanguilas começaram a fazer seus lances. Em questão de instantes, seu preço já estava em duzentas moedas de prata, uma quantia decente pelos parâmetros de qualquer um. Mas, ao levantar os olhos para os bancos, viu que Leonides e Titus ainda não tinham emitido uma palavra sequer. Embora o sanguila a observasse com interesse, embora Bebelágrimas cochichasse ao ouvido de Titus, que acenava devagar com a cabeça, Leonides não levantou a voz para dar um lance.

*Hora de atizar o fogo.*

Mia tirou a espada de madeira da garganta do lutador morto, encarou o terceiro da fila e falou alto o suficiente para que a arquibancada ouvisse:

– Você. Próximo.

O grandalhão olhou para os dois corpos ao pé de Mia.

- Foda-se – desdenhou.
- Pode trazer os amigos. – Mia sorriu para os lutadores ao lado dele.
- Sempre quis tentar com três ao mesmo tempo.  
A garota atirou a espada de madeira no chão.
- Ou vocês são todos uns covardes?

O público uivava e zombava, enfurecendo os lutadores no fosso. Perder no próprio terreno era uma coisa, mas engolir aquele monte de merda de uma menina com metade do tamanho deles era outra. Com olhos faiscando e espadas levantadas, os homens adentraram o Fosso.

Com um sorriso sombrio, a garota deu um passo à frente na direção deles.

---

7 Nota para futuros membros da comunidade de agentes da lei: isso NUNCA funciona. 8 A história dos Jardins Suspensos é encharcada de sangue. Fundada como cidade mercantil, logo se tornou um centro de comércio de carne depois da ascensão dos reis de Itreya. Mas o nome original do porto era Ur-Dasis, que significa “Cidade Amuralhada” no idioma da antiga Ashkah, e somente depois de uma revolta durante o reinado de Francisco II a cidade recebeu a nova alcunha. Como o trabalho escravo era a espinha dorsal do seu reino, Francisco não podia tolerar rebeliões de qualquer tipo. Quando um grupo de escravos se rebelou contra seus proprietários e tomou Ur-Dasis, o rei enviou uma legião inteira à cidade, sob as ordens do infame general Atticus Dio, para esmagar a revolta. Embora os rebeldes sitiados tenham lutado com bravura, acabaram dobrados pela fome, e aceitaram se render se Atticus promettesse clemência. O general concordou, jurando que os rebeldes seriam apenas devolvidos à condição de cativos.

Como esperado, Atticus não manteve a palavra. Quando os rebeldes depuseram as armas, foram depurados das muralhas da cidade aos milhares para servirem de aviso a qualquer um que ousasse se rebelar no futuro. Algumas das jaulas de ferro originais ainda decoram a cidade, e escravos revoltosos têm o mesmo destino ainda hoje: são enjaulados e pendurados nas muralhas para morrer sob os sóis escaldantes.

Curiosamente, o próprio Atticus acabou por liderar uma revolta contra o neto de Francisco, o rei-menino Francisco IV, quase vinte anos depois. E quando a dita revolta fracassou, o general foi levado até Ashkah e pendurado nas mesmas muralhas que tinha ajudado a libertar duas décadas antes.

A história, nobre amigo, não deixa de ser um pouco irônica.

9 Literalmente, “mestres do sangue”. Proprietários de estábulos humanos que punham seu plantel para lutar nas várias arenas de gladiatii pela República.

Sanguilas de sucesso têm uma popularidade que rivaliza com a do mais amado senador de Itreya, embora careçam do sangue nobre que lhes permitiria concorrer nas eleições.

A maioria se contenta em gritar até dormir nos braços de belas concubinas sobre enormes pilhas de dinheiro.

10 A escravidão é um assunto altamente codificado na República de Itreya, com um exército de administratii dedicado à sua supervisão. Os escravos se dividem em três categorias principais, e são marcados com um símbolo arquêmico na bochecha para indicar sua condição.

Escravos com um círculo são a ralé: gado que serve de domésticos, operários, buchas de bordel e coisas assim. Dois círculos denotam uma pessoa treinada em assuntos militares: gladiatii, guardas domésticos e membros da legião de escravos de Itreya, a infame Décima Terceira Sanguinária. Aqueles marcados com três círculos são os mais raros e valiosos, e sua marca indica que possuem educação formal ou

alguma habilidade extraordinária: escribas, músicos, mordomos, e algumas cortesãs disputadíssimas.

E se você está se perguntando o porquê de as prostitutas hábeis serem tão valorizadas na República, nobre amigo, é óbvio que jamais passou a noite com uma prostituta hábil.

# Capítulo 4

## Oferenda

– Dentes da Fauce, vamos ficar aqui até a veraluz? – Mia resmungou.

Pietro aqueceu a sobrançelha e derramou mais uma dose de vinho d'ouro sobre o ombro sangrento da garota. Mia se encolheu de dor e deu mais um trago na cigarrilha com mãos trêmulas. Estava sentada num banco de pedra baixo, Pietro atrás de si, envolto em seus trajes negros de costume. A Mão se ocupava da tarefa de costurar o corte sangrento no ombro da Lâmina, depois de ter aplicado uma compressa de gazes no seu traseiro que já estava empapada e vermelha.

O aposento era sóbrio, com paredes de pedra negra e globos arquêmicos baços. Como na maior parte dos cômodos na capela de Galante, um vago fedor de merda perfumava o ambiente. Os servos de Nossa Senhora do Bendito Assassinato na Cidade Portuária das Igrejas<sup>11</sup> tinham construído seu esconderijo em meio à vasta rede de esgotos debaixo da pele de Galante, e era difícil escapar do cheiro. Depois de oito meses servindo ali, Mia já estava acostumada, mas preferia passar o menor tempo possível no lugar. A não ser que precisasse levar pontos ou reabastecer seus suprimentos, só visitava mesmo quando precisava conversar com...

– Ora, ora, me virem do avesso – disse uma voz familiar. – Vejam só o que o gato de sombras trouxe para cá.

Mia levantou os olhos e viu uma mulher à porta, usando calças de couro, botas de cano alto e camisa de veludo preto. Era magra como um dedo, tinha o cabelo castanho-claro cortado num estilo claramente masculino, e sombras escuras sob os olhos. Caminhava com um gingado singular, e carregava mais facas do que qualquer pessoa em sã consciência seria capaz de usar.

– Bispa Decimani – disse Mia, inclinando a cabeça. – Eu me levantaria para fazer uma reverência, mas a seta de balestra no traseiro não colabora.

– Quasinoite interessante, então – sorriu a mulher, maliciosa.

– Alguém pod.... Caralho! – Mia lançou mais um olhar furioso por cima do ombro. – Sangue e abismo, Pietro, você está dando pontos em mim ou num vestido?

– Muito bem, muito bem, fora – disse Decimani ao desgastado cirurgião.

– Eu termino isso. Queria trocar umas palavras com a nossa Lâmina a sós.

– Excelência.

Pietro inclinou a cabeça antes de colar um chumaço de gaze sem muita delicadeza no ombro ferido de Mia e se retirar. Decimani deslizou para trás de Mia e tirou a bandagem, fazendo a garota estremecer por causa do sangue grudado na pele.

Decimani era uma figura infame nas histórias da Igreja Vermelha, uma Lâmina com muitos anos de serviço à Mãe com quase vinte assassinatos santos nas costas. O Velho Mercurio tinha contado a Mia histórias sobre a juventude da mulher, e a garota crescera meio que a admirando.<sup>12</sup> O serviço na Cidade dos Portos e das Igrejas ensinou a Mia que a bispa não era de muita polidez. Nem de frivolidade. Mas gostava de resultados, então felizmente gostava dela.

– Parece doer – murmurou Decimani, olhando para a ferida horrenda que se estendia pelo ombro e pelas costas de Mia.

– Cócegas não faz.

A bispa tomou a agulha de osso e começou a dar pontos na ferida, com dedos firmes.

– Creio que a dor valeu a pena, não?

Mia estremeceu, dando um trago longo na cigarrilha de cravo.

– Enquanto conversamos, devem estar moldando a máscara mortuária do filho do senador Aurelius.

– Você usou o lamento?

Mia fez que sim.

– Nos lábios, do jeito que a senhora sugeriu.

– Então melhor não perguntar como você ganhou acesso à boca do don.

– Um pouco de privacidade é sempre bom.

– E onde está o jovem Dove?

– Infelizmente – suspirou Mia –, minha jovem Mão não voltará para a ceia. Nunca mais.

– Que pena.

– Ele nunca foi a lâmina mais afiada do armário, bispa.

– A cavalo dado não se olha os dentes – Decimani comentou enquanto descia a agulha para mais um ponto. – Desde que os Järnheim quebraram a nossa perna, a qualidade aqui está em falta. Vossa senhoria é exceção, claro.

Mia mordeu o lábio e suspirou. A bispa Decimani falava a verdade: estava difícil encontrar boas Mãos e Lâminas na Igreja Vermelha naquelas viragens. Galante nunca foi um destino glamoroso, e a maior parte dos servos de Niah estacionados ali sonhavam mais alto. Mas as coisas estavam piores do que nunca desde o ataque luminatii.

Depois de oito meses, a congregação de Nossa Senhora do Bendito Assassinato ainda sangrava do golpe que Ashlinn Järnheim e seu irmão lhe infligiram sob as ordens do pai. Não foi só a morte de Lorde Cassius que desestabilizou a Igreja, embora a perda do Príncipe Negro já fosse desgraça o bastante. Mas Torvar Järnheim não havia só posto os filhos a serviço do Ministério dos Luminatii; o velho assassino também tinha revelado a localização de cada uma das capelas da Igreja Vermelha na República.

Assim, enquanto o justicus Remus invadia a Montanha Silenciosa, os luminatii lançavam ataques simultâneos por toda Itreya e imediações.<sup>13</sup> As

capelas em Dweym e Galante passaram ilesas. Mas todas as outras acabaram destruídas.

Pior ainda, Torvar tinha dado nomes. Disfarces. Últimos endereços conhecidos. Entre a traição dele e os ataques luminatii, Nossa Senhora do Bendito Assassinato tinha perdido quase três quartos dos seus assassinos numa única quasinoite.

Como a bispa dissera, a Igreja Vermelha estava com as pernas quebradas; talvez esse fosse o único motivo para uma Lâmina tão jovem como Mia chegar a ser responsável por oferendas como a de Gaius Aurelius. Nos oito meses desde que tinha assumido seu posto em Galante, ela dera fim a três homens e uma mulher em nome da Mãe Negra. A maioria das Lâminas da mesma idade teria sorte se fosse enviada para o seu primeiro assassinato no mesmo período.

Mia agradecia a chance de mostrar seu valor. Mas o problema era que a sua lista de gargantas para cortar só crescia em vez de diminuir. Ela tinha matado o justicus Remus, mas o cônsul Scaeva e o grão-cardeal Duomo ainda estavam vivos. Sua família ainda estava por vingar. E com o assassinato de Tric pelas mãos de Ashlinn durante o ataque luminatii, Mia precisava abrir mais uma traqueia para poder completar sua vingança.

E, presa ali em Galante, ela não estava nem um pouco perto de nenhum dos seus alvos.

Mia tensionou a mandíbula enquanto a bispa continuava a dar os pontos e pensou naquela... coisa... que lhe tinha aparecido na necrópole. Verdade fosse dita, a coisa salvara sua vida. A iminência da morte deveria ter abalado Mia, mas, como sempre, seus passageiros devoraram todo e qualquer temor dentro dela, duas vezes mais rápido agora do que quando ela só levava o Sr. Simpático consigo. Ela não sentiu nem um pouco de medo. E por isso, só o que lhe restou foram perguntas.

O que era aquilo?

O que queria com ela?

A Coroa da Lua?

Ela tinha visto a expressão antes, enterrada nas páginas de...

– Ouvi falar de uma confusão com os guardas de Aurelius – Decimani comentou, interrompendo o trabalho com a agulha para tomar um gole do vinho d'ouro medicinal.

– Nada com que eu não pudesse lidar – Mia replicou.

– Você geralmente age com um pouco mais de discrição.

– Perdoe-me, bispa, mas a senhora não pediu discrição – respondeu Mia com uma leve irritação –, e sim a morte do filho do senador.

– Uma coisa não exclui necessariamente a outra.

– Mas se só fosse possível escolher uma, qual deveria ser?

Mia sibillou quando a bispa derramou mais álcool sobre a ferida, agora fechada, e a cobriu com longas tiras de gaze.

– Gosto de você, Corvere – disse Decimani. – Me faz lembrar de mim

mesma nas minhas viragens de juventude. Tem mais colhões do que a maioria dos homens que conheci na vida. E você cumpre o combinado, mata quem precisa ser morto, então se dá ao direito de ter um pouco de ego. Mas quem avisa amigo é. E é melhor você deixar essa atitude aqui antes de voltar para a Montanha. O Ministério não gosta de você tanto quanto eu.

– E por que eu voltaria para a Montanha? Fui designad...

– O orador Adonai acaba de enviar uma epístola de sangue – interrompeu Decimani. – Você foi convocada pelo Ministério.

Mia apertou os olhos, desconfiada. Sentiu calafrios na pele.

– Por quê? – ela perguntou.

Decimani deu de ombros.

– Tudo que sei é que vão me deixar com um assassino a menos e um monte de gargantas que precisam ser cortadas. Se pudesse usar as Lâminas em mais de uma oferenda por vez, seria outra história. Mas violaria o Juramento.<sup>14</sup> Então, quando você vir aquele desgraçado do Solis, seja um amorzinho e dê uma joelhada na braguilha dele por mim, por favor.

A cabeça de Mia começou a dar voltas, desconfiança e entusiasmo se misturando em suas entranhas. Ser convocada de volta pelo Ministério poderia significar qualquer coisa. Realocação. Reprovação. Retaliação. Ela tinha servido bem à Mãe Negra ao longo dos últimos oito meses, mas todos os shahiids na Montanha sabiam que ela tinha fracassado na prova final ao se recusar a matar um inocente. O único motivo para ela ter se tornado Lâmina foi o batismo recebido das mãos moribundas de Lorde Cassius nas areias de Última Esperança. Talvez a simpatia que a aprovação dele lhe tinha conferido tivesse finalmente acabado...

Quem sabia o que a aguardava quando ela chegasse?

– Quando vou? – perguntou Mia.

Decimani levantou a agulha de osso e deu um olhar significativo para o traseiro de Mia.

– Assim que conseguir andar.

Mia suspirou. Não fazia sentido esperar por algo que ela não conseguiria mudar. E, ao voltar à Montanha, poderia conversar com o cronista Aelius, ver Naev. Talvez encontrar algumas das respostas que procurava.

– Incline-se para a frente – ordenou a bispa. – Tentarei ser delicada.

Mia pegou a garrafa de vinho d'ouro medicinal e deu um gole caprichado.

– Aposto que diz o mesmo para todas as garotas.

O negócio era que três homens ao mesmo tempo era quase mais do que Mia podia dar conta.

A batalha tinha começado até que bem. Os lutadores da casa tinham

avançado, estimulados pelas zombarias da multidão e pelo fato de Mia ter atirado a espada de madeira no chão. O primeiro – um itreyano corpulento – urrou um grito de guerra e brandiu a espada na direção da cabeça dela. E, num piscar de olhos, Mia tomou a escuridão aos pés dele.

A céu aberto, sob a luz de dois sóis, as sombras eram lerdas e pesadas. Mas Mia era mais forte agora, por dentro, naquilo que era, e já havia tantos anos que fazia esse truque em especial. Num piscar de olhos, ela fixou as botas do grandalhão itreyano na própria sombra, interrompendo o ataque. Aproximando-se quando ele perdeu o equilíbrio, ela o chutou com força no joelho, encaixou um soco na garganta e, enquanto ele caía de costas, deu uma pirueta para trás e pegou a espada que tinha saído voando das mãos dele, tudo ao som das ovações da multidão.

– ... *você está se mostrando agora...* – veio o sussurro na sua orelha.

– É essa a porra da ide...

O golpe a acertou atrás da cabeça e a deixou desnorтеada. Ela mal conseguiu se virar para defender a investida seguinte, recuando aos tropeços e assumindo uma vaga posição de guarda. Os outros dois lutadores – um liisio bexiguento de ombros largos e um dweymeri ainda maior com apenas sete dedos – avançaram sem lhe dar tempo de recuperar o fôlego. Ela se viu forçada a recuar pelo Fosso, com sangue morno escorrendo da nuca.

Setededos se aproximou e golpeou contra o seu rosto, garganta, peito. Mia defendeu, travou o braço dele e passou para dentro da guarda, mas a espada do Bexiguento estalou em suas costelas antes que ela pudesse golpear, e uma cotovelada a estatelou no chão.

Ela não deixou a espada cair, e rolou para o lado quando a dupla tentou esmagar sua cabeça. Cravou as unhas no chão e jogou um punhado de areia vermelha nos olhos de Bexiguento, em seguida chutou a bota em Setededos e o derrubou. Levantando com um salto, fincou a bota nas bolas do agora cego Bexiguento, com força o bastante para extrair um gemido penalizado de todos os homens do público. E, aos gritos entusiasmados da plateia, enfiou o cabo da espada no rosto dele, espalhando o nariz sobre as bochechas.

– ... *atrás de você...*

Ela se virou, mal conseguindo defender um golpe que teria afundado o seu crânio. O itreyano corpulento já estava de pé, o queixo manchado de vômito e saliva. Mia dançou com ele na areia, golpe e contragolpe, esquiva e investida. O homem era imenso, duas vezes mais forte do que ela. Mas Mia compensava o que lhe faltava em tamanho com rapidez e com uma ferocidade crua e sanguinária. O itreyano golpeou com força, partindo a espada dela no meio quando Mia defendeu. Mas, com um grito selvagem, ela dançou para dentro



da guarda dele, abaixou-se e enfiou a espada quebrada por baixo do seu queixo. A madeira pontiaguda furou a garganta, gotas de sangue tingiram a mão de Mia, e o corpulento caiu.

– ...*esquerda, esquerda...*!

O sussurro de Sr. Simpático a fez virar, mas tarde demais: um gládio a acertou no ombro e a fez cambalear sob os urros da multidão. Setededos investiu de novo, atingindo suas costelas, e Mia resfolegou de agonia. Ela travou o braço com que ele segurava a espada e o puxou para perto. Cheiro de suor, hálito imundo, sangue. Setededos socou seu rosto, uma vez, duas, e com um grito entrecortado ela invocou as sombras e prendeu os pés dele enquanto empurrava para trás com toda a força. Com os pés grudados, o homem tombou para trás, Mia caindo por cima dele. Os dedos dela encontraram a boca do dweymeri, entraram pelas bochechas e, torcidos como anzóis, saíram rasgando para fora.

O homem berrou quando os lábios se partiram. O público uivava. A garota começou a socar os punhos no maxilar dele, uma vez, duas, três. As mãos vermelhas. Os dentes cerrados. Sangue na boca. Imaginando um cônsul sorridente de belos olhos escuros. Um grão-cardeal com uma barba que parecia uma cerca viva e uma voz de mel. Os rostos amassados enquanto ela dava golpes e mais golpes

– ...*mia...*

e mais golpes, imaginando a mãe, o irmão, o pai, tudo o que perdera, tudo que eles lhe *tomaram*, e aquele homem sob ela, apenas mais um inimigo, apenas mais um obstáculo entre ela e a viragem em que cuspiria na porra das cov...

– ...*mia...*!

Parou. Encharcada de suor. A respiração queimando. Coberta de um vermelho morno e pegajoso. Ela sentia o frio de Sr. Simpático, misturado com o sangue na nuca. O mundo voltou a ser nítido, o volume preenchendo seus ouvidos. E sob o pulso trovejante e os ecos do passado, ela ouviu. Inflando-se no peito e latejando nas pontas dos dedos.

*Aplausos.*

Ela se levantou, vermelha até os cotovelos. A multidão nos bancos estava de pé, Bebelágrimas cuidando de uma avalanche de lances despejados pelos sanguilas à beira do Fosso. *Trezentas pratas. Trezentas e cinquenta. Quatrocentas.* E, com as pernas trêmulas, a garota atravessou o Fosso e se pôs diante de Leonides. Olhou para o seu possível mestre nos olhos e inclinou-se numa reverência perfeita.

– Dominii – disse.

O sanguila a observou com olhos apertados. Seu executus cochichou no seu ouvido. E, enquanto uma sequência de nós se formava no estômago de Mia, Leonides ergueu a mão e falou numa voz que ecoou

por todo o Fosso:

– Mil moedas de prata.

Um burburinho ondeou pelo público e o coração de Mia saltou no peito. Que quantia! Verdade seja dita, era demais – o homem provavelmente teria desbancado a maioria dos colegas com metade daquilo. Mas Mia sabia que o domínio dos Leões de Leonides gostava de teatro, e o seu lance mostrava para todo mundo no Fosso que ele não estava a fim de barganhar.

Leonides a queria. E, portanto, a teria. Dane-se o preço.

Era perfeito. Se Mia lutasse entre os Leões de Leonides, seu lugar no *venatus magni* era quase garantido. E quando terminassem os jogos, quando ela subisse vitoriosa ao palco...

– Mil e uma – veio o grito.

Mia gelou. Levantou os olhos para a arquibancada e viu uma figura avançar por entre a multidão. Envolta numa capa comprida, apesar do calor, ela jogou o capuz para trás para revelar um rosto jovem e belo, o cabelo acobreado, a pele alva e itreyana.

Uma mulher.

– ...quem é essa...?

– Não faço a menor – sussurrou Mia.

– Mil e uma moedas de prata – repetiu a mulher.

Mia estreitou os olhos. Nunca tinha ouvido falar de uma mulher sanguila; embora tivessem existido algumas gladiatii, o espetáculo do *venatus* sempre fora administrado pela mão cuidadosa de homens. Talvez a recém-chegada fosse uma agente de outro domínio? Um artifício do supervisor para subir o preço?

Mia olhou para Leonides cheia de expectativa. Fosse a mulher quem fosse, o maior sanguila da história dos jogos não ia se deixar vencer por uma única moeda de prata.

O rosto de Titus era uma máscara. Leonides olhou de relance para seu executus antes de voltar-se para a recém-chegada. Então falou como se as palavras lhe amargassem a boca:

– Isso é meio infantil, não acha, querida?

O sorriso da mulher espalhou-se no rosto como veneno.

– Infantil? O que você quer dizer?

– Ouvi dizer que você só tem um punhado de cobres para fazer volume na bolsa – Leonides disse. – Se a sua intenção é envergonhar o *patrii familia* da sua própria casa, acaso não existem maneiras menos caras para isso?

A mulher alargou ainda mais o sorriso, e Mia sentiu o chão lhe faltar.

– Agradeço a preocupação – disse a jovem. – Mas isto são só negócios, pai.

– ...ai, ai...

– Já te disse antes, Leona – alertou Leonides. – O *venatus* não é lugar para mulheres. E o camarote dos sanguilas não é lugar para você.

– Está com medo de os meus Falcões acabarem ofuscando os seus Leões, querido *patriis*?

Leonides fez um som de desdém.

– Os louros de uma vitória num fim de mundo desses não faz um colégio.

– Então você não se importa se eu ficar com a bela sanguinária?

Leona lançou um olhar para Mia. Leonides também se voltou para ela. Mia deu um passo à frente, com súplicas borbulhando atrás dos dentes. Mas o sussurro do Sr. Simpático a fez ficar quieta:

– ...*lembre-se de quem você é. e de quem você deve ser...*

O não-gato tinha razão. O roteiro ali era *dela*, e era ela quem tinha o papel mais difícil de representar. Se quisesse lutar na arena a serviço de um colégio gladiatii, teria de fazê-lo como propriedade do colégio. E uma propriedade não fala a não ser que peçam. E com certeza também não se intromete num braço de ferro público entre pai e filha...

*Merda.*

Mia encarou o sanguila Leonides, com olhos suplicantes. Tinha calculado tudo tão bem. Lutara feito um demônio, ganhara a aprovação de todos os mestres naquela merda de Fosso. Estava apenas a uma palavra, a *um único lance* de adentrar o maior colégio da República. Um passo mais perto da garganta de Duomo. Tudo o que ele tinha que fazer era falar...

– Muito bem, Leona.

Leonides deu de ombros com descaso fingido e deu as costas à filha.

– Fique com ela, então. Por todo o bem que ela vai lhe fazer.

Leona abriu um sorriso afiado e radiante. Os ombros de Mia despencaram. Legionários marcharam para dentro da arena e o rapaz de olho torto travou algemas ao redor dos pulsos dela. Mia podia ter fugido na hora. Escondida sob um manto de sombras, poderia se esgueirar para fora do Fosso, deixando para trás apenas gritos de decepção e preces ao Onividente.

Mas nesse caso voltaria exatamente para onde tinha começado. E ela tinha dado fim a tantas vidas, arriscado tanto para estar ali. Atrás de si havia apenas sangue e uma Montanha cheia de traição. Adiante, havia a areia do *venatus* e a vingança.

Esse era o seu caminho agora. Para bem ou para mal, ela tinha de percorrê-lo.

Os legionários abriram passagem. Mia levantou os olhos e viu dona Leona diante de si. Mais perto, podia ver que a mulher tinha vinte e poucos anos, olhos azuis brilhantes e cabelo acobreado enrolado em pequenos círculos, algumas sardas na pele. Usava joias de ouro, uma

aliança com um rubi. Sob a capa, um vestido feito de seda liisia macia. Cada parte dela gritava “rica”, exceto os olhos. Quando Mia arriscou olhar naquelas piscinas delineadas de azul brilhante, só conseguiu pensar numa palavra para descrevê-las.

*Fome.*

– Minha bela sanguinária – sorriu a dona. – Que dupla faremos.

Mia permaneceu imóvel, sem saber o que dizer. Leona lançou um olhar de irritação para os soldados. Um dos homens sacou um porrete e acertou Mia nas pernas. A garota gritou e caiu de joelhos. Dentes rangendo, as mãos manchadas de sangue cerradas. Mas ela sentiu Sr. Simpático rondar a sua sombra e sussurrar-lhe ao ouvido:

– ...*quem você é, e quem você deve ser...*

E assim, permaneceu no chão, com o olhar baixo, silenciosa e imóvel.

– Eu sou dona Leona – disse a mulher. – Embora você vá me chamar de domina.

A mulher estendeu a mão. Mia viu um anel de ouro no anular: um falcão de asas abertas, coroado com os louros da vitória.

O porrete estalou nos ombros de Mia, que chiou de dor.

– Mostre respeito, escrava! – vociferou um soldado.

Mia olhou bem para aquela ave de rapina com sua coroa de ouro. Tão orgulhosa e feroz e selvagem quanto ela. E, no entanto, lá estava ela, ajoelhada na areia como uma gatinha escaldada.

*Paciência*, pensou.

*Se a vingança tem mãe, seu nome é Paciência.*

Mia respirou fundo.

Fechou os olhos.

– Domina – murmurou.

E, inclinando-se para a frente, beijou o anel.

---

11 Galante se gaba de possuir o maior número de igrejas e templos em toda a República, superando mesmo Godsgrave nesse quesito.

Antes do grande Unificador, o rei Francisco I, conquistar a nação, o povo de Liis adorava uma trindade santa conhecida como Pai, Mãe e Filho. Mas com sua assimilação pela monarquia itreyana, o culto ao Deus da Luz alastrou-se entre a gente simples como fogo em cervejaria cheia.

Um sujeito astuto, o mercador Carlino Grimaldi, decidiu que a melhor forma de se destacar nessa nova ordem mundial era despejar montanhas de dinheiro na igreja itreyana. Construiu a primeira catedral em honra de Aa em todo o Liis; uma estrutura imponente conhecida como *Basilica Lumina*, bem no coração de Galante. Trabalhada em raro mármore roxo e belos vitrais, a construção quase faliu seu patrono. Contudo, o resultado foi tão impressionante que o cardeal de Galante conseguiu que Grimaldi fosse nomeado governador da cidade.

Os nobres de Galante logo se apressaram para angariar as simpatias dos ministros de Aa, e igrejas consagradas ao Onividente e templos a suas quatro filhas começaram a pipocar em Galante como furúnculos nas partes pudendas das docinhas quando a marinha chega na cidade.

Embora mais tarde tenha sido crucificado por sonegação, Carlino entrou na história de Liis como um desgraçado excepcionalmente esperto. Ainda hoje, angariar a simpatia dos homens de túnica em Liis é um ato chamado de “banciar o Grimaldi”.

12 Decimani começou a carreira como ladra nas ruas de Elai, e jamais perdeu o gosto pela arte do furto, mesmo depois de se tornar Lâmina da Mãe; era capaz de deslocar os dois ombros à vontade, o que lhe permitia espremer-se pelos lugares mais apertados sem muita dificuldade.

Sua oferenda mais famigerada foi o senador chamado Phocas Merinius – um homem com uma paranoia tão absurda com assassinatos que, diziam, mantinha um destacamento de meia dúzia de guardas por perto quando fazia amor com a esposa. Contam que Decimani ganhou acesso à villa de Phoca escalando a tubulação de esgoto até latrina – que tinha um diâmetro de no máximo vinte centímetros – e esperando dentro do cano. Quando o infeliz Phocas ouviu o chamado da natureza no meio da quinoite, sentou-se na latrina e teve as duas artérias femorais cortadas antes mesmo de começar a sua obra.

Contam também que Decimani passou as sete viragens seguintes na banheira da capela tentando se livrar do fedor.

Ah, as coisas que fazemos pelas nossas Mães...

13 Os ataques luminatii não atingiram dois locais: a capela de Galante é de construção recente e, sem que os Järnheim soubessem, a velha capela de Dweym fora realocada no inverno anterior, quando, devido a chuvas excepcionalmente pesadas e a um encanamento traiçoeiro, o seu sótão (e por conseguinte sua piscina de sangue) alagou.

Em vez de tornar a encher a piscina, o Ministério decidiu construir novas instalações num terreno mais alto na cidade portuária de Quebramar e abandonar a capela destruída em Farrow. Se a construção de uma capela de Nossa Senhora do Bendito Assassinato completamente nova, em segredo, no meio de uma grande metrópole, lhe parece um negócio oneroso e complicado, nobre amigo, pense no seguinte:

1. Há quase seis metros cúbicos de *vitus* em cada piscina da Igreja.
2. Um metro cúbico tem mil litros.
3. Cada porco contém em média quatro litros de sangue no corpo.

Faça as contas, nobre amigo. E se pergunte se alguma viragem querará encher duas vezes alguma dessas piscinas malditas.

14 As pessoas que empregam assassinos de aluguel da Igreja Vermelha geralmente sabem que eles agem de acordo com um código – que se não é bem *de honra*, é ao menos *de conduta* – conhecido como Juramento Vermelho. As restrições são as seguintes:

- Inevitabilidade – Nunca na história da Igreja alguma oferenda confiada a ela deixou de ser feita.
- Santidade – Ninguém pode ser alvo da Igreja enquanto estiver empregando os serviços dela.
- Segredo – A Igreja não revela a identidade dos seus empregadores.
- Fidelidade – Uma Lâmina só serve a um empregador por vez.
- Hierarquia – Todas as oferendas devem ser aprovadas pelo Lorde ou a Dama das Lâminas ou pelo Reverendo Pai ou a Reverenda Mãe.

As três primeiras restrições já eram vagamente vigentes nos começos da Igreja, mas as restrições de Fidelidade e Hierarquia foram codificadas depois de um acontecimento infame na história da Igreja, relatado aos acólitos com o nome de “Conto de Flavius e Dalia”.

Sente-se, nobre amigo.

Flavius Apullo era um general itreyano, membro do grupo de conspiradores que

derrubou o rei Francisco XV e forjou a República. Tornou-se em seguida senador e, como costuma acontecer, ficou incrivelmente rico.

Os anos que antecederam e sucederam a queda da monarquia de Itreya foram tempos de alta demanda pela arte do assassinato profissional, e os bispos das capelas locais foram investidos da autoridade para aceitar oferendas. O senador Flavius Apullo começou a temer um assassinato ao mesmo tempo que seus rivais começaram a pensar seriamente em eliminá-lo. Numa viragem embaraçosa, sucedeu que a Igreja Vermelha aceitou assassinar Flavius na mesma quasinoite em que ele contratou uma Lâmina da Igreja para ser seu guarda-costas.

De corar todos os rostos, nobre amigo.

O cúmulo da sacanagem foi que a Lâmina designada para *ambas* as oferendas foi uma mulher chamada Dalia. Bela, manipuladora e sem rivais no manuseio de uma faca com cabo em T, Dalia trabalhou por três anos como guarda-costas de Flavius. Durante esse tempo, os dois se tornaram amantes, e Dalia eliminou um número incrível dos rivais de Flavius; todos menos o seu adversário mais feroz, Tiberius, o Velho. Tiberius era o senador que tinha contratado a Igreja para assassinar Flavius e, conforme a Lei da Santidade, era intocável até que o assassinato fosse realizado. Tiberius, porém, estava morrendo da boa e velha sífilis, e tinha bastante pressa em ver Flavius degolado antes de despedir-se da sua carcaça perecível.

A Igreja Vermelha estava à beira de um vexame político que poderia arruinar sua reputação.

Num gesto de esperteza, Flavius pediu Dalia em casamento para firmar a posição dela ao seu lado; imaginou que uma noiva o manteria mais a salvo de possíveis assassinos do que uma mera contratada. Num gesto de não muita esperteza, porém, descuroou do pagamento devido à Igreja na mesma viragem em que Dalia aceitou seu pedido de casamento.

Dalia matou o marido a facadas na noite de núpcias. Há rumores contraditórios sobre ela ter chorado ou não enquanto fazia o que tinha que fazer. Dalia levou a cabeça de Flavius até o leito onde Tiberius, o Velho, convalescia, para mostrar que o contrato tinha sido cumprido. Estava feliz porque a reputação da Igreja permanecia intacta, mas mais feliz ainda porque Tiberius já não empregava mais os serviços da Igreja e, portanto, não era protegido pela Lei da Santidade. Dalia empunhou sua faca com cabo em T e poupou a boa e velha sífilis do trabalho.

Os rumores são bem claros sobre ela ter chorado ou não.

Depois do incidente, ficou decidido que era preciso escrever algumas porras de regras de verdade sobre o jeito de tocar as coisas.

# Capítulo 5

## Devoção

*Sangue de porco tem um gosto bastante peculiar.*

*O sangue humano é melhor se ingerido morno, e deixa uma nota de ferrugem presa aos dentes. Sangue de cavalo é menos salgado, com um amargor estranho, que quase lembra o chocolate escuro. Mas sangue de porco tem uma textura quase de manteiga; como ostras e ferro azeitado, descendo pela garganta e deixando um quê de sebo para trás.*

*Mia odiava pra caralho, verdade fosse dita.*

*Ela emergiu da piscina vermelha resfolegando, uma batida seca ainda ecoando nos ouvidos, a cabeça em parafuso. Estava nua, exceto pela adaga de ossário no pulso, uma espada de ossário na cintura e o cabelo preto e comprido grudado como cipós à pele ensanguentada. Ela apertava um pacote retangular envolto em lona. Duas Mãos em trajes escuros esperavam ao lado da piscina e a ajudaram a se erguer em meio a fôlegos entrecortados e tentativas de tirar o sangue dos cílios.*

*Piscando ao redor, ela se viu até a cintura numa piscina triangular de mármore, com dez metros de cada lado: os aposentos do orador Adonai na Montanha Silenciosa. Glifos de feitiçaria estavam gravados por toda parte, e o cheiro pesado de açougue pairava no ar. Mapas de cada uma das cidades da República tinham sido pintados em sangue nas paredes.*

*Mia lambeu os dentes, cuspiu, e tirou o cabelo da frente dos olhos.*

*Ao olhar para a ponta da piscina, viu o orador de sangue Adonai ajoelhado sobre a pedra. Embora jamais fosse admitir, arrepiou-se um pouco com a visão. A tecelã Marielle podia transformar qualquer rosto numa pintura, mas seu irmão era sua obra-prima: têmporas altas, queixo cinzelado. Vestia uma túnica vermelha de seda, aberta no peito, os altos e baixos do peito esculpidos em mármore. As calças de couro estavam tão baixas na cintura que beiravam a indecência, e o formato em V do abdômen...*

*– Boa viragem a ti, Lâmina Mia – disse o albino.*

*Mia arrastou os olhos para cima, até aqueles olhos cor de sangue.*

*– Para você também, orador.*

*Os belos lábios de Adonai se torceram num sorriso malicioso, mas Mia manteve um rosto de pedra. O orador era uma pintura, sem dúvida. E Mia já tinha alimentado sua cota de fantasias: deitada na cama, imaginando os dedos pálidos, espertos como os dela, descendo cada vez mais. Ela tinha até salvado a vida da irmã amada dele durante o ataque luminatii. Mas Mia não podia se enganar e pensar que o orador fosse algo além de um desgraçado sem coração.*

*Ainda assim, um desgraçado pegável...*

– O Ministério te aguarda no Salão dos Elogios – o albino disse.

Mia saiu da piscina, ainda mancando por conta das feridas, tomando cuidado para não escorregar no piso ensanguentado. Tinha consciência do olhar fixo do orador sobre o seu corpo, o sangue ondeando feito um mar calmo. Ela avistou o fim do corredor, a escadaria que dava para o Ministério à sua espera, e se perguntou por que abismos tinha sido chamada.

Com um olhar final para o orador, Mia saiu da sala. Limpando o sangue que já ia secando, trocou de roupa em silêncio: vestiu calça de couro preto, botas de pele de lobo, uma camisa de linho escuro. Ela escondeu a adaga de ossário na manga e pendurou a bela espada de ossário na bainha à cintura. A primeira tinha pertencido à sua mãe, e a última ao seu pai; fora tomada da mão morta do justicus Remus. As duas tinham um cabo com a forma de um corvo em pleno voo, com olhos de âmbar vermelho. Eram tudo o que lhe restara dos pais, com exceção do nome.

Ela imaginava que havia alguma metáfora nisso...

Abrindo o embrulho de lona, tomou o surrado livro de capa de couro debaixo do braço e trotou escada acima.<sup>15</sup> A voz do coral fantasmagórico pairava no negrume, e Mia não conseguiu conter o sorriso ao ouvir a canção familiar. Depois de meses em Galante, estava de novo nos corredores sagrados dos mais temidos assassinos de toda a República de Itreya.

Por fim, tinha voltado para casa.

Depois de uma subida interminável, ela saiu no Salão dos Elogios. Era um espaço vasto, circular, escavado no coração de granito da Montanha Silenciosa. Uma bela estátua de Niah, Mãe da Noite e Nossa Senhora do Bendito Assassinato, erguia-se doze metros acima da cabeça de Mia. Um par de balanças pendia da sua mão direita, uma espada afiadíssima da esquerda. Em qualquer ponto do salão que Mia estivesse, os olhos de Niah pareciam segui-la.

O lugar era contornado por pilares mais grossos do que paus-ferros antigos. As paredes eram forradas de túmulos, a luz escarlate jorrava pelos enormes vitrais. Nas lápides, Mia distinguia o nome de cada uma das vítimas da Igreja Vermelha, milhares de vidas tomadas em nome da Mãe das Trevas. Em contrapartida, os túmulos nas paredes não tinham marcação; continham os corpos dos servos da Mãe, e apenas a Mãe lamentava sua morte.

Os olhos de Mia vagaram para um túmulo na parede oeste e as quatro letrinhas que ela tinha riscado na pedra com uma lâmina de ossário oito meses antes.

– Lâmina Mia – disse uma voz grave. – Bem-vinda ao lar.

Mia virou-se para o pé da estátua. Todo o Ministério da Igreja Vermelha estava reunido, observando-a com olhos cheios de expectativa.

Todos, exceto o Reverendo Pai Solis, claro.



O grandalhão itreyano estava com os olhos cegos voltados para os frontões no alto. Vestia uma túnica de fino tecido cinza, o capuz para trás. Uma penugem loura-clara ponteava o couro cabeludo cheio de cicatrizes, a barba dividida em quatro espinhos de resina. A bainha sempre vazia pendia da cintura, o couro gravado com círculos concêntricos.

À direita de Solis estava Mataranhas, Shahiid de Verdades. A elegante dweymeri vestia verde-esmeralda, com um colar de ouro no pescoço. As tranças de sal estavam enroladas com perfeição no topo da cabeça, e mãos e lábios estavam manchados de negro pela confecção de venenos.

À direita de Solis estava Mouser, o Shahiid de Bolsos, seu rosto bonito disfarçando os anos em seus olhos brilhantes. Uma espada de aço-negro ashkahi pendia da cintura, duas figuras com cabeças felinas enlaçadas no cabo. Ele rolava uma moeda pelos nós dos dedos da mão direita, enquanto a esquerda agarrava-se a uma bengala toda decorada: suas pernas tinham sido gravemente quebradas durante a invasão luminatii, e o shahiid iria mancar pelo resto da vida.

Em terceiro lugar vinha Aalea, Shahiid de Máscaras. Tinha a pele branca como leite, os lábios vermelho-sangue, cortinas de cabelo negro emoldurando um rosto que deixava a palavra “beleza” cabisbaixa de vergonha. Ela sorria para Mia como se o mundo inteiro fosse um segredo e somente ela soubesse a verdade – com a promessa de revelá-la assim que as duas estivessem a sós.

Até o momento, ainda não haviam indicado um novo Shahiid de Canções: Solis ainda ensinaria a arte do aço aos acólitos novatos até encontrarem um substituto à altura. As feridas da traição dos Järnheim eram recentes, e mesmo ali, na sede do poder da Igreja na República, as cicatrizes ainda não tinham se fechado.

– Shahiids – disse Mia, curvando-se baixo. – Retornei como pedido.

– Como ordenado – vociferou Solis.

– Perdão, Reverendo Pai. Ordenado.

O título tinha um gosto estranho na boca de Mia. Depois da morte de Cassius, era natural que a Reverenda Mãe Drusilla se tornasse a Senhora das Lâminas, mas Drusilla indicou Solis para ser o Reverendo, decisão que irritou Mia consideravelmente. Solis ainda trazia no rosto a minúscula cicatriz de quando Mia o tinha superado na Sala das Canções, e o braço da garota ainda formigava de vez em quando onde o shahiid o decepara em retaliação. Verdade fosse dita, Mia o odiava feito veneno, e a ideia de receber ordens dele lhe caía tão bem quanto uma coleira num gato.

Solis parecia irado, com os olhos brancos voltados para o teto, os ombros largos esticando a túnica. Os outros membros do Ministério pareciam anões perto dele. Mia imaginou que talvez devesse se sentir intimidada, mas via naquilo mais um lembrete do quão inadequado para o cargo Solis parecia ser.

Ele nem cabe na túnica que deve vestir...

– Então – perguntou Mataranhas sem preâmbulos. – Gaius Aurelius está morto?

– Está, shahiid – respondeu Mia.

– Dizem que você quase morreu na missão – comentou Mouser.

– Um arranhão, shahiid – replicou Mia, dando de ombros e encolhendo-se ao sentir repuxar os pontos da ferida. – Embora eu vá ter de ficar um tempo sem dançar.

– Você mal sabe andar, acólita – rosnou Solis.

– Com todo o respeito, Reverendo Pai – disse Mia, quase perdendo o controle –, mas fui ungida pelo Lorde Cassius no seu último suspiro. Não sou acólita. Sou Lâmina.

Solis zombou.

– É o que veremos.

– Já tenho cinco mortes nas costas.

Mouser inclinou a cabeça para o lado e corrigiu:

– Você não quer dizer seis?

– Com certeza não se esqueceu do assassinato do rei dos dweymeri no seu próprio castelo sem a nossa permissão? – perguntou Mataranhas.

Mia engoliu em seco. Lançou outro olhar para o nome que gravara no túmulo não identificado na parede oeste.

tric.

Tinham feito uma promessa. Ele a ela e ela a ele. Se Mia morresse, Tric tinha jurado assassinar Scaeva e Duomo por ela. E se ele morresse, ela tinha jurado matar o desgraçado do avô dele, Quebraespadas. Na verdade, achava que merecia um assassinato depois de ter salvo a vida de cada homem e de cada mulher naquele salão. Mas talvez esse fosse o motivo de a terem mandado para um fim de mundo feito Galante.

O silêncio ecoava no salão. E Mia fervilhava sob ele.

– Posso perguntar por que estou aqui? – arriscou finalmente.

Solis curvou os lábios.

– Você tem um admirador, pequena Lâmina.

A garota arqueou a sobrancelha para o Reverendo Pai.

– Se é algum dos presentes, esconde muito bem a sua admiração.

Aalea sorriu com seus lábios escuros feito sangue.

– Talvez cliente seja uma palavra melhor. As últimas três oferendas que você realizou, o filho do senador Aurelius, o magistrado Phillip Cicerii e a amante de Armando Tulli, foram todas para o mesmo cliente. Essa pessoa solicitou especificamente os serviços “daquela que matou o justicus da Legião Luminatii junto com seus melhores centuriões”. E paga maravilhosamente por você.

– Quem é esse cliente, shahiid?

– Irrelevante – disparou Solis. – Você só precisa saber que, por um milagre dos milagres, ele está contente com os seus resultados. Você vai atrás de caça grande agora.

Mia olhou Solis de alto a baixo, pensativa. Pela testa franzida e a tensão no maxilar, ela seria capaz de apostar até a última moeda que o Reverendo Pai tinha se oposto com veemência à escolha dela. Mas, apesar disso, ela fora escolhida. O que significava que o cliente era poderoso. Ou rico. Ou as duas coisas.

Bom, isso reduz as possibilidades...

– E então, para que novo fim de mundo o meu ilustre cliente quer me mandar? – perguntou Mia. – Última Esperança? Amai? Temp...

– Godsgrove – respondeu Mouser.

Dentes da Fauce. A Cidade das Pontes e dos Ossos...

A capital de Itreya. Só as melhores Lâminas da Igreja serviram na Cidade das Pontes e dos Ossos. O grão-cardeal Duomo morava lá, assim como o cônsul Scaeva. Se Mia quisesse vingar a sua família, o primeiro passo era se aproximar dos homens que a assassinaram.

Se ela desse sorte de assumir um posto dos sonhos...

– Conheço seus pensamentos – esbravejou Solis. – Sei por que veio a esta Igreja e o que quer. Assim, embora esteja te enviando para a capital a contragosto, vou lhe dizer algo agora e apenas uma vez. – Solis assomava sobre Mia, os olhos cegos penetrando nos dela. – Não é para tocar no cônsul Julius Scaeva.

Mia fechou a cara.

– Por qu...

– Não vou tolerar que corra atrás das suas vingancinhas enquanto estiver a serviço deste Ministério – disse Solis. – Você já assassinou um bara dos dweymeri por um sentimento tresloucado pelo garoto com quem dormia. Não quero outra morte não autorizada pelas suas mãos. Ou pela sua boceta.

– Quem dorme comigo é problema meu. E você não pode dec...

– Eu decido! – rugiu Solis. – Sou o Reverendo Pai desta congregação! Não dou um peido de mendigo para quem sua os lençóis com você, mas Quebraespadas era a porra de um rei! E se fosse cliente desta Igreja? Teríamos quebrado a Lei da Santidade! A nossa reputação estaria arruinada por causa de um capricho infantil.

– Não foi um capricho, foi uma promessa!

– Então vamos falar de promessas, garota – disparou Solis. – Se me desobedecer, prometo te dar um fim de que até a Deusa desviaria o olhar. Não é para tocar em Scaeva!

– E por que não? – Mia correu os olhos pelo Ministério, vencida afinal pela raiva. – Os luminatii mataram Lorde Cassius e quase mataram todos vocês! Acham que não foi Scaeva que ordenou? Remus era a porra do cachorrinho dele. Acham que ele seria capaz de mijar sem pedir permissão antes?

– Agora, você me ouça! – Solis levantou um dedo de advertência, os olhos cegos faiscando. – Cuidaremos de Scaeva. Mas do nosso jeito. No

nosso tempo. Você é uma serva de Nossa Senhora do Bendito Assassinato, e pelo nome da Mãe, isso quer dizer que você serve, caralho!

Mia sentiu as bochechas queimarem de ódio. Encarou os olhos cegos de Solis e imaginou-se sacando a adaga de ossário da manga. Cortando a garganta dele. Espalhando as tripas pelo chão. Mas em meio à fúria, um único pensamento gélido a levantou pelo cangote e a chacoalhou até ela parar de se debater.

Ele tem razão.

Ela tinha sido infantil.

Tinha arriscado a reputação da Igreja ao matar Quebraespadas.

Tinha pensado em matar Duomo e Scaeva se voltasse para Godsgrove.

Os dedos apertavam tanto o livro que já estavam esbranquiçados. Mas ela os forçou a relaxar e pronunciou palavras que ecoaram pesadas na escuridão silenciosa:

– Em nome da Mãe, servirei.

O corpo enorme de Solis aos poucos relaxou; Mia se deu conta de que ele de fato esperava que ela fosse contestar. Mas depois de um longo e pesado silêncio, o homenzarrão enfiou a mão dentro da túnica e tirou de lá um rolo de pergaminho selado com cera preta.

– Um assassinato. Uma mulher que se autodenomina “a Dona”. Líder de uma gangue de braavi que atua nas ruas do Pequeno Liis. Você cresceu lá, não foi?

– Sim – respondeu Mia, estendendo a mão para pegar o rolo.

– Uma solicitação – o homenzarrão disse com o dedo em riste. – Um item importante para o seu cliente. Um mapa, escrito em ashkahi antigo e marcado com um selo em forma de foice. A Dona está intermediando uma troca em nome do atual proprietário. Você precisa tirar-lhe o mapa junto com a vida.

– Do que é o mapa?

– Ele fornece o caminho detalhado para o Império de Foda-se-não-é-da-sua-conta.

– A troca vai acontecer no quartel-general dos Duros – disse Mataranhas. – Antes do fim do mês.

– O fim do mês é daqui a oito viragens – disse Mia.

– Glória à Mãe Negra – disse Solis. – A menina sabe contar.

– Com as duas mãos, Reverendo Pai.

Solis entregou o rolo com a cara fechada. Mia chupou os lábios, a cabeça a mil. Oito viragens não era muito para planejar um assassinato desses. Ela precisava de uma retaguarda de confiança.

– Posso levar minha própria Mão para Godsgrove? – perguntou. – A última deparou com uma seta que não lhe agradou.

– Receio que não – respondeu Aalea como se lesse a sua mente. – Precisamos de Naev aqui. Com a maioria das piscinas de sangue destruída, os suprimentos estão em estado crítico. Uma nova capela foi construída na

necrópole debaixo de Godsgrave. O bispo da região lhe dará uma Mão. Adonai já enviou uma epístola de sangue avisando-o da sua chegada.

Solis inclinou a cabeça para o lado, os olhos brancos leitosos fitando algum lugar por cima dos ombros de Mia.

– Tem oito viragens para dar fim à tal Dona e recuperar o mapa. Talvez seu cliente tenha mais oferendas para você, partindo do princípio de que não pereça na tentativa de cumprir essa.

– Sou linda demais para perecer – disse Mia, tirando a franja do olho.

Solis fez um som de desdém.

– A tecelã Marielle cuidará de seus ferimentos. Adonai preparará a sua viagem para Godsgrave. Despeça-se de quem tiver que se despedir e esteja nos aposentos dele por volta da meia-viragem.

As perguntas quicavam no crânio de Mia. Quem era esse cliente? Por que matar um membro dos braavi? Por que pedir especificamente por ela? O que havia nesse mapa?

Não importa, ela concluiu.

Não cabia a ela perguntar. Cabia a ela servir. Quanto mais cedo se provasse capaz, mais cedo conquistaria um lugar permanente na capela de Godsgrave. E ali, não importava o que dizia Solis, estaria um passo mais perto da sua vingança.

O lobo não sente pena do cordeiro.

A tormenta não pede desculpas ao afogado.

– Não vou falhar – prometeu Mia. – Juro pelo nome da Mãe Negra.

Solis cruzou os braços, o rosto indecifrável sob a penumbra.

– Vá – ele disse afinal. – Que Nossa Senhora tarde a encontrá-la. E quando encontrar, que a cumprimente com um beijo.

Mia pegou o pergaminho e o enfiou debaixo do braço junto com o livro surrado. Depois de uma reverência profunda, retirou-se devagar do salão. Enfiou-se pelos corredores sombrios, passando por belos vitrais e por grotescas esculturas de osso, e duas silhuetas emergiram da escuridão para acompanhar os seus passos.

Um gato feito de sombras. E ao lado dele, uma loba de igual constituição.

– Dá para acreditar nele? – chiou Mia. – Me chamando de “acólita”, desgraçado.

– ...você age como se a desgraça de solis fosse uma espécie de revelação... – comentou Sr. Simpático.

O rosnado de Eclipse veio de algum lugar sob o chão.

– ...CASSIUS SEMPRE O ACHOU UM BRUTO ARROGANTE. DENTRE TODOS DO MINISTÉRIO, SOLIS ERA DE QUEM MENOS GOSTAVA. UMA VIRAGEM, DEVÍAMOS ENSINAR BOAS MANEIRAS A ELE...

– ...existem métodos menos dramáticos de suicídio, filhote...

– ...QUE FALTA DE FÉ NA NOSSA DONA, GATINHO...

– ...ela não é sua, p...

– Pela Mãe Negra, chega – estrilou Mia esfregando as têmporas. – A última coisa que preciso ouvir no momento é vocês dois batendo boca como duas velhotas.

Os passageiros ficaram em silêncio, deixando apenas o coral incorpóreo ecoando no escuro. Mia respirou fundo e tentou pôr o seu famigerado gênio sob controle. Eles ainda a tratavam como uma novata, apesar de tudo o que tinha feito. Mas, pelo menos, ela estava partindo para Godsgrave. A admiração do seu benfeitor misterioso era inesperada, mas, sinceramente, ela estava feliz por alguém reconhecer o talento que fora necessário para assassinar um justicus e cem dos seus homens. Se isso a aproximava de Scaeva e Duomo, ainda melhor.

Ainda assim, a mente dela transbordava com imagens da luta na necrópole. Aquela coisa com suas facas de ossário, os tentáculos agitando-se nos cantos do capuz. Embora fosse impossível ter medo com as sombras tão espessas aos pés, Mia sabia que algo muito grande estava em jogo ali.

Mia olhou para o livro sob o braço e correu os dedos pela capa puída. O fecho de bronze manchado.

– Busque a Coroa da Lua – ela murmurou.

– ...temos até meia-viragem...

A garota enfiou os polegares por dentro do cinto.

Percebeu que estava morta de vontade de fumar.

– Tempo suficiente para devolver meus livros à biblioteca.

Acela dela cheirava a mijo e a sofrimento rançoso.

A palha estava mofada, o balde no canto, encrustado de imundície e moscas. Mia tinha sido acompanhada para fora do Fosso, e Bebelágrimas despediu-se com um aceno de cabeça enquanto ela era levada através dos portões. Quatro legionários parrudos a escoltaram pela praça fervilhante até uma baía de contenção dentro de um grande edifício luminatii, onde a trancaram. Embora o preço tivesse sido definido, as moedas ainda tinham que ser entregues. Mia tinha poucas horas antes que a sua nova domina tomasse posse por completo. Poucas horas para tramar os fios esfarrapados do seu plano.

– ...precisamos informar à víbora...

A garota franziu o cenho para o Sr. Simpático. Ele era apenas uma silhueta mais escura contra as sombras que as barras projetavam no chão. As celas ao lado de Mia estavam vazias, mas sua voz não superou um suspiro:

– Gostaria que você não a chamasse assim.

– ...você tem outro termo menos lisonjeiro...?

– Você podia usar a porra do nome dela.

O não-gato emitiu um som como se bufasse, coisa impressionante para uma criatura sem pulmões.

– ...era para nós sermos comprados por leonides. em vez disso, a filha

*dele te comprou. a víbora não tem como saber disso. ela e eclipse estão à nossa espera no colégio de leonides em alvatorre, como planejado...*

– De fato, isso foi um lapso – reconheceu Mia.

– *...este plano todo é um lapso e uma loucura, ele é tecido de intrigas e sacanagens...*

– Eu sei o que estou fazendo.

– *...que pena que a víbora não sabe...*

Mia soltou um suspiro.

– Você vai ter de avisá-la. Consegue chegar a Alvatorre?

– *...com certeza encontro um navio para me esconder. mas o que você vai fazer...?*

– O que mais eu posso fazer? – Mia deu de ombros. – Treinar no estábulo de Leona. Lutar. Ganhar. O destino não mudou, só o ponto de partida.

– *...e onde digo para a víbora te encontrar? onde é que fica o colégio da sua nova dona...?*

– Não faço a menor ideia.

– *...ah, sim, com certeza você sabe o que está fazendo...*

Mia mostrou os nós para o gato de sombras e passou o cabelo opaco para trás das orelhas. Ainda estava coberta de sangue seco, de suor velho, de pó. Sentada na palha, tentava não imaginar os rostos dos homens que matara no Fosso. Precisou impressionar, e impressionou... de um jeito não muito bom. Tinha matado dezenas de pessoas que entraram no seu caminho. Ainda assim, os lutadores do Fosso só estavam obedecendo a ordens...

– Me sinto uma merda – suspirou.

– *...o seu cheiro também não está especialmente agradável...*

– Não é isso que eu q...

– *...você não pode se dar ao luxo de ter pena daqueles homens, mia. descer tão fundo só vai te fazer morrer afogada. você tem que ser tão forte e tão afiada quanto os homens que está caçando...*

– Se não fosse a pena que senti no meu teste final, eu teria estado no banquete de iniciação quando Ashlinn e Osrik envenenaram o Ministério. Estaríamos todos mortos.

– *...você não vai parar de jogar isso na minha cara, va...*

Passos ecoaram no corredor, e o não-gato desfez-se como fumaça. Mia levantou os olhos e deu com um administratii destrancando a sua cela. O homem era robusto, usava barba e trajava vestes brancas marcadas com os três sóis da República de Itreya. Ao lado dele estava um jovem com a camisa de manga curta dos aprendizes, carregando uma cadeira alta e uma caixa de mogno.

Dona Leona entrou devagar na cela, seguida por um dos homens mais bem constituídos que Mia já vira. Era itreyano, alto e forte. Parecia ter trinta e tantos anos, tinha uma barba espessa encanecendo

nas pontas, e uma cabeleira espessa penteada para cima e para trás num rabo comprido. A pele parecia couro, e uma cicatriz especialmente feia lhe partia a testa, a bochecha e o lábio, torcendo seus traços numa perpétua carranca. Pequenos vasos espocavam nas bochechas e no nariz, e ele se apoiava pesadamente numa bengala, seu cabo na forma de uma cabeça de leão. Baixando os olhos, Mia notou que ele não tinha a perna esquerda abaixo do joelho, uma haste de ferro servindo de substituta.

Ele olhou com desprezo para Mia com olhos cinzas como o aço. A voz era como rochas se partindo.

– É uma *garota*.

Dona Leona arqueou a sobrancelha perfeitamente delineada.

– Percebi.

– Sangue e abismo, dona, a senhorita deu mil pratas nessa franga? Não faço milagre. Preciso de boa argila para poder trabalhar.

– Ela matou cinco homens em cinco minutos – disse Leona. – Valeu cada moeda.

– Ah, que beleza então. Agora não temos nem um mendigo para chamar de nosso.

– Fizemos duas outras compras nessa viagem, ambos de boa constituição. E você não tem motivo para me reprovar, executus. Se não estivesse secando todos os litros dos Jardins ontem, teria estado comigo de manhã quando fiz a compra.

O grandalhão bufou e olhou Mia de novo.

– De pé, escrava.

Mia obedeceu muda, levantando-se com as mãos cerradas. O homem coxeou ao redor dela, a perna de ferro tinindo contra as pedras. Cutucou o músculo do abdômen, apertou os bíceps com as mãos enormes, conferiu os dentes. Mia suportou a inspeção em silêncio, os olhos baixos. Dava para sentir o cheiro de vinho d'ouro no hálito dele.

– Ela é baixa demais – declarou o homem. – Não tem envergadura.

– Ela é rápida como o vento – rebateu Leona.

– É jovem demais. Vai levar anos para estar pronta para a arena.

– Cinco homens – repetiu Leona – em cinco minutos.

– É uma garota – rosnou o grandalhão.

– Eu também era – respondeu a dona em tom suave. – E você nunca pensou menos de mim por isso.

– É só sentir o cheiro dela que os homens vão perder a cabeça.

– Meu pai não dizia o mesmo de mim quando eu ia visitar o colégio? E não foi você quem pediu que eu ficasse? Para aprender?

– É outra história, mi dona. A senhorita era filha do domíni. Essa fracote vai ficar nos alojamentos, junto com os outros.

– E até ela provar seu valor no Winnowing, você vai garantir que o meu investimento não sofra danos – Leona disse friamente.



– Ela não vai sobreviver ao Winnowing.  
– Então você vai ter o especial prazer de me dizer “Eu avisei”, executus.

O homenzarrão encarou Mia de cara fechada. Ela o olhou nos olhos, só por um segundo. O preto das pupilas dela ardia de fúria enquanto uma promessa silenciosa ecoava em sua mente.

*Você vai engolir essas palavras na veraluz, maldito.*

– Qual é o seu nome? – ele perguntou.  
– Me chamam de Corvo, mi don – ela respondeu, os olhos de novo no chão.

– Por acaso eu pareço a porra de um don, menina? Você vai me tratar de executus.

Mia precisou de todas as forças para não enterrar o joelho nas bolas dele. Para não arrancar os dentes da sua boca e sapatear na sua cabeça.

– Sim, executus – ela respondeu.

O homem fez uma carranca, o rosto ainda mais sombrio por causa da cicatriz. Marca de lâmina, Mia notou. Provavelmente ganhou em alguma arena. Ele se movia como um lutador. Com graça e força, apesar da perna faltante.

– Zarpamos amanhã – disse Leona. – Quanto mais cedo voltarmos ao Ninho do Corvo e começar o treinamento dela, melhor.

O coração de Mia deu um salto no peito.

– Ninho do Corvo? – ela murmurou.

O tapa a atirou de volta à parede. A cabeça bateu na pedra e ela caiu de joelhos, resfolegando. Levantou-se num instante, os olhos faiscando de ódio ao se cravarem no homem que tinha lhe golpeado. Mas, num segundo, o punho do executus colidiu com a barriga dela, pondo-a de joelhos mais uma vez.

*Ele é rápido...*

Mia sentiu aquela mão bruta no cabelo puxar sua cabeça para trás e bufou de dor.

– Se você esquecer o seu lugar, menina – disse o homenzarrão –, se falar outra vez na presença da sua domina sem que ninguém tenha pedido, passo a lâmina na sua porra de língua e dou de comer para o meu cachorro. Ouviu bem?

*Paciência...*

– Sim, executus – ela murmurou.

O homem bufou e soltou o cabelo dela. Mia levantou os olhos para Leona e viu a mulher a observando com frieza e arrogância. Não importava sua opinião sobre as habilidades marciais de Mia, estava claro que a nova domina não tinha problemas com os métodos brutais do homem.

Depois de alguns instantes de silêncio tenso, dona Leona se voltou

para o administratii, que ainda esperava pacientemente no corredor.

– Pode entrar e fazer o seu trabalho.

O administratii passou para dentro, o aprendiz ao seu lado. O garoto apoiou a cadeira alta ao lado de Mía, abriu a caixa de mogno que carregava e a apresentou ao administratii. Dentro, Mía viu uma coleção de agulhas de ferro. Pós em frascos com rolhas, pequenas garrafas de tinta. A sombra de Mía estremeceu, o medo a tomando por dentro. Ela sabia que isso ia acontecer. Fazia parte do jogo. Mesmo assim...

– Sente-se – o administratii disse.

Mía se levantou com custo do chão, olhando para as fivelas e tiras nos braços da cadeira. Era óbvio que pretendiam amarrá-la para o que viria depois. Ela sabia que se voltasse a falar, receberia outro golpe do desgraçado. Por isso, fixou o olhar na pequena janela gradeada, no céu azul atrás dela. E permaneceu de pé.

O executus esbravejou em voz grave, levantando a mão para golpear.

– Faça o que mand...

– Não – disse dona Leona, observando Mía com curiosidade. – Deixem-na ficar de pé.

– Com todo o respeito, dona Leona – disse o administratii –, mas isso não é uma tatuagem qualquer. O processo é arquêmico. A dor é imensa. É provável que ela desmaie.

Mía se lembrou da flagelação nas mãos da tecelã Marielle e quase riu com aquelas palavras. A mesma risada que piscou nos olhos de dona Leona.

– Mil se lembrou que não vai acontecer nada disso com ela.

O executus bufou de leve. O administratii parecia desnorteadado.

– Não sou de jogar, mi dona.

– Mas é um homem que insiste em me dizer o que já sei? – o tom de voz de Leona tornou-se afiado como uma navalha. – Cresci no melhor colégio gladiatii de toda a República de Itreya. Sei o que é uma maldita marca de escravo. Agora prossiga.

O administratii quase conseguiu abafar o suspiro. Voltou-se para a caixa e pôs-se a destapar os frascos e a misturar os ingredientes numa tigela de vidro rasa. A parte de Mía que gostava de fazer venenos assistiu com interesse, notando a maneira como o preparado arquêmico se formava, borbulhando e chiando e transbordando preto.<sup>16</sup>

O administratii molhou a agulha e a ergueu até o rosto de Mía. O aprendiz foi para trás da garota e segurou firme sua cabeça. Mía se forçou a permanecer parada e cerrou os dentes. Posicionando o aço contra a bochecha de Mía, o administratii empunhou um martelinho de ourives. A garota prendeu a respiração. E sem mais delongas, o

administratii marretou a agulha através da bochecha de Mia direto no osso.

Fogo negro. Agonia ardente. Os olhos de Mia se arregalaram, a pupila dilatou, a dor lancinante através do crânio roubando-lhe o fôlego. Os joelhos afrouxaram, estrelas negras estouraram em seus olhos. O administratii deu um passo atrás, na óbvia expectativa de que ela caísse. Mas com a sombra inchando e o coração acelerado, a garota permaneceu de pé.

Mia olhou para Leona. A dona a observava com um sorriso crescente.

– Então? – perguntou a mulher ao administratii. – Adiante!

O homem deu de ombros e sem qualquer pausa dramática, começou a martelar a agulha através da bochecha de Mia, uma depois da outra. Pequenas séries de golpes curtos, cada um deles como um trovão na cabeça da garota. O calor de cada pontada acendia uma fogueira no seu crânio.

tapTAPTAP

tapTAPTAP

As unhas enterrando-se nas palmas das mãos.

Manchas brancas encobrimdo a visão.

A cela girando sob seus pés feito um navio numa tempestade.

tapTAPTAP

tapTAPTAP

A expectativa era a pior parte. O momento entre uma sequência e a seguinte. Aquele pequeno intervalo que parecia uma eternidade, à espera de que a dor recomeçasse. A flagelação de Adonai, a costura de Marielle... nada que ela já tinha experimentado na vida se comparava, e era ainda pior por causa da amarga consciência de que a partir desse instante, para o mundo fora da cela, sua vida já não lhe pertencia.

tapTAPTAP

Mia começou a pensar que, se não fosse por Sr. Simpático, já teria se dado por vencida.

tapTAPTAP

Mas no fim

depois de toda a dor

de todas as preces

a bochecha sangrando

as pernas tremendo

Mia permaneceu de pé.

– Que bom – comentou dona Leona – que o senhor não é de jogar.

O administratii juntou seu equipamento sem uma palavra. Lançando um olhar venenoso para Mia, fez uma breve vênia para a dona e, com o aprendiz logo atrás, saiu da cela com um frufulhar de tecido preto. Leona voltou-se para o seu executus com um sorriso triunfante.

– Você pediu argila para poder trabalhar, executus? Eu te dou aço.  
O homenzarrão estreitou os olhos para Mia.  
– O aço quebra antes de entortar.  
– Pelas Quatro Filhas, você nunca está feliz, não é? – suspirou Leona. – Venha. Precisamos deixar a nossa bela sanguinária descansar. Ela vai precisar de forças para as próximas viragens.

A dona tomou o rosto de Mia entre as mãos e delicadamente limpou a bochecha ferida com o polegar. Os olhos azul-safira queimavam ao encarar os da garota.

– Vamos pintar a areia de vermelho, você e eu – ela disse. – *Sanguii e Gloria*.

Depois de um último sorriso, Leona saiu da cela numa revoada de seda azul. O executus foi mancando atrás e trancou a porta. O retinir de sua perna de ferro desapareceu com a dona ao longo do corredor.

Mia desabou de joelhos. Sua bochecha estava inchada, latejando de dor. As palmas da mão sangravam da pressão das unhas. Ela correu os dedos pela pele, sentindo as linhas protuberantes dos dois círculos interligados queimados logo abaixo do seu olho direito. Mas sob a lembrança da agonia, sua mente disparava, as palavras da dona saltando dentro do crânio junto aos ecos dos golpes do martelo.

*Eles vão me levar para...*

*– ...o ninho do corvo...?*

Ela levantou o olhar para o não-gato que, mais uma vez, limpava a não-pata com a não-língua. Lambendo os lábios rachados, ela tentou encontrar a própria voz.

– Era a casa da família Corvere. A *minha* família. O cônsul Scaeva a deu para o justicus Remus em recompensa por ter acabado com a rebelião do meu pai contra o senado.

*– ...e agora é de leona...?*

Mia deu de ombros em silêncio. O não-gato inclinou a cabeça para o lado.

*– ...você está bem...?*

O pai, segurando sua mão enquanto caminhavam por campos de altas campanas-solares. A mãe em cima de construções em pedra ocre, o vento fresco brincando no cabelo preto e comprido. Ela tinha crescido em Godsgrave: o cargo de justicus do pai não lhe permitia passar muito tempo longe da Cidade das Pontes e dos Ossos. Mas, de vez em quando, no auge do verão, eles viajavam para o Ninho do Corvo por uma ou duas semanas, apenas para ficarem juntos. Aquelas foram as viragens mais felizes na vida de Mia. Longe do sufoco de Godsgrave, de sua política venenosa. Os pais dela pareciam mais felizes lá. Mais próximos, de certa forma. O irmão dela, Jonnen, nascera lá. Ela se lembrou das visitas do general Antonius, o suposto rei que acabaria enforcado ao lado do pai dela. Ele e os pais de Mia

costumavam ficar acordados até tarde da noite, bebendo e rindo e, ah, tão vivos.

Todos já tinham partido.

– ...é melhor eu ir embora. encontrar um navio para alvatorre. dizer para a vóbra te encontrar no ninho do corvo...

– É – concordou Mia.

– ...você vai ficar bem enquanto eu estiver fora...?

A ideia a devia ter apavorado. Mia sabia que, se Sr. Simpático não estivesse ali, teria se apavorado mesmo. Por sete anos, desde a morte do pai, o gato de sombras tinha estado ao seu lado. Ela sabia que ele tinha de ir, que ela era incapaz de fazer tudo isso por conta própria. Mas a ideia de ficar só, de viver com o medo que ele geralmente bebia até a última gota...

– Vou ficar bem o suficiente – ela respondeu. – Só não enrole.

– ...vou ser rápido. nunca tema...

Ela suspirou, apertando a mão contra a marca na bochecha ainda latejando.

– E nunca, jamais, esqueça.

---

15 Mia quase sempre subia as escadas da Montanha contando os degraus. Nunca se surpreendia quando a quantidade mudava. Alguns dos lances mais “temperamentais”, como o que leva para a Sala das Canções, mudavam constantemente, ao passo que o lance que conduzia ao Altar Celeste era quase preguiçoso em comparação. Curiosamente, o número de degraus da escadaria que dava para o Salão dos Elogios permanecia constante.

Trezentos e trinta e três.

16 A arquemia da marca dos escravos era um segredo muito bem guardado pelos administratii de Itreya. O processo não marca apenas a pele da pessoa, mas também o osso sob ela, e a tatuagem vaza por cima da cicatriz caso o portador decida remover a marca com facas ou fogo.

Existem apenas quatro maneiras de remover uma marca arquêmica.

A primeira, pelas mãos de um administratii, quando uma pessoa compra sua liberdade. A segunda, por feitiçaria ashkahi. A terceira, cinzelando partes do próprio crânio, mas como sair por aí sem osso malar é uma indicação do status de fugitivo, dificilmente a agonia valerá a pena. Por último, a morte; por causa de uma rudimentar semelhança com a antiga magia sanguínea dos ashkahi, a marca arquêmica está atrelada à vida do seu portador, e assim que ela termina, a marca na bochecha se dissolve lentamente nos minutos seguintes.

Assim, a única liberdade que a maioria dos escravos atinge na vida vem nos braços da morte.

# Capítulo 6

## Mortalidade

O ateneu se abriu ao toque do dedo de Mia, as colossais portas de pedra escancarando-se como se fossem esculpidas em penas. E, respirando fundo, apertando o livro contra o peito, ela entrou mancando no seu lugar favorito em todo o mundo.

Olhado do alto do mezanino para as intermináveis prateleiras de livros abaixo, a garota não pôde conter um sorriso. Tinha crescido enfiada nos livros. Não importava o quão sombria sua vida se tornasse, fechar uma ferida era tão fácil quanto abrir um livro. Filha de pais assassinados e de uma rebelião fracassada, ela ainda poderia entrar na pele de sábios e guerreiros, rainhas e conquistadores.

Os céus nos concedem apenas uma vida, mas pelos livros vivemos mil.

– Uma garota com uma história para contar – disse uma voz atrás de Mia.

Sorrindo, ela se virou para um velho parado ao lado de um carrinho com pilhas de livros. Vestia um colete maltrapilho e dois tufo de cabelo branco tentavam escapar da cabeça calva. Os óculos grossos apoiavam-se sobre o nariz adunco, a coluna curvada feito uma foice. A palavra “antigo” se aplicava a ele com a mesma justiça que a palavra “beleza” se aplicava a Aalea.

– Boa viragem, cronista – saudou-o Mia, inclinando a cabeça.

Sem perguntar, o cronista Aelius sacou a sempre presente cigarrilha extra de trás da orelha, acendeu-a na que fumava e a ofereceu a Mia. A garota encostou-se na parede, estremecendo quando os pontos repuxaram, e tragou e exalou uma nuvem cinza de satisfação.

Aelius se encostou ao lado dela.

– Tudo bem? – perguntou com a cigarrilha balançando nos lábios.

– Tudo bem – ela disse, acenando com a cabeça.

– Que tal Galante?

Mia estremeceu de novo. As suturas pinicavam as costas.

– Um pé no saco – ela resmungou.

O velho abriu um sorriso fumacento.

– E então? O que te traz aqui?

Mia mostrou o livro que tinha trazido consigo pela caminhada de sangue. Tinha encadernação em couro manchado, estava carcomido e surrado. Os símbolos estranhos gravados na capa faziam sua vista doer. O fecho era de bronze opaco e as páginas tinham amarelado com o tempo.

– Achei melhor devolver isso. Faz oito meses que estou com ele.

– Eu já estava pensando que teria de mandar uma equipe de resgate.

– Seria desagradável para todas as partes envolvidas, com certeza.

O velho sorriu.

– As multas de atraso são bem exorbitantes numa biblioteca como esta.

O cronista tinha deixado o livro no quarto de Mia, um pouco antes de ela ser mandada a Galante. Nos meses desde então, ela tinha perdido a conta de quantas vezes se debruçara sobre suas páginas. A parte triste é que ela ainda não compreendia nem metade do livro e, a bem da verdade, tinha ficado um pouco decepcionada com ele nas últimas viragens. Mas o encontro na necrópole de Galante multiplicara seu interesse por dez.

O livro era escrito por uma mulher chamada Cleo – uma sombria como Mia, que falava às sombras como ela. Cleo viveu antes da República, e o livro era uma espécie de diário, detalhando sua jornada dentro e fora dos limites de Itreya. Falava de encontros entre a autora e outro sombrio; encontros que pareciam terminar com Cleo devorando os companheiros. O estranho era que, segundo Cleo, ela encontrara dezenas de outros sombrios em suas viagens. E pelos autorretratos rabiscados pela mulher, ela era acompanhada por dezenas de passageiros, que assumiam uma série de formas diferentes — raposas, serpentes e coisas do tipo. Uma coleção de sombras ao seu comando.

A vida toda, o único sombrio que Mia conhecera tinha sido Lorde Cassius. E os dois únicos demônios eram Sr. Simpático e Eclipse.

Então onde abismos estava o resto deles?

Entre rabiscos sem sentido e pictogramas que revelavam sua crescente loucura, a segunda metade do livro tratava da busca da mulher por uma coisa chamada “a Coroa da Lua”, exatamente o que a sombra da necrópole de Galante tinha mandado Mia encontrar. E, folheando as ilustrações rabiscadas depois do encontro, Mia percebeu que várias tinham uma semelhança sinistra com a figura que salvara a sua vida.

Infelizmente, Cleo não mencionava quem ou o quê essa “Lua” pudesse ser.

O livro tinha sido escrito numa língua arcana que Mia jamais vira, mas que tanto o Sr. Simpático como Eclipse eram capazes de ler. O mais estranho de tudo era que o livro continha um mapa do mundo antes da República, no qual a baía de Godsgrave estava completamente ausente. Uma porção de terra preenchia o mar onde a capital de Itreya erguia-se agora. Essa península estava marcada com um X e uma declaração desconcertante:

Aqui ele caiu.

– Você o leu antes de dar pra mim? – perguntou Mia.

O velho balançou a cabeça.

– Não consegui entender uma palavra. A única coisa que me fez pensar em você foram as imagens. Fazem sentido para você?

– Não tanto quanto eu gostaria.

Aelius deu de ombros.

– Você me pediu para procurar livros sobre os sombrios, e foi o que fiz. Não prometi que ia ficar mais esclarecida quando terminasse a leitura.

– Não precisa esfregar na cara, meu bom cronista.

Aelius abriu um sorriso irônico.

– Estou sempre à procura de outros. Se encontrar mais alguma coisa interessante aqui em baixo, mando para os seus aposentos. Mas não tenha pressa.

Mia concordou com a cabeça enquanto tragava. O ateneu de Niah era na verdade uma biblioteca de mortos, contendo um exemplar de todos os livros destruídos na história da escrita. Além disso, também possuía livros que nunca tinham sido escritos. Memórias de tiranos assassinados. Teoremas de hereges crucificados. Obras-primas de gênios que morreram antes da hora.

O cronista Aelius tinha dito a Mia que livros novos apareciam o tempo todo, que as prateleiras mudavam toda hora. E embora o ateneu de Niah fosse um lugar maravilhoso por causa disso, a desvantagem era evidente: encontrar um livro específico ali era como tentar encontrar um chato específico na virilha de um docinho no cais do porto.

– Cronista, já ouviu falar da Lua? Ou de quaisquer coroas de particular interesse à Lua?

Aelius assumiu um olhar cauteloso.

– Por quê?

– Você responde pergunta com pergunta o tempo todo – Mia suspirou. – Por quê?

– Se lembra do que eu disse na viragem em que você desceu aqui pela primeira vez?

– Viu só? De novo.

– Lembra ou não?

– Você disse que eu era uma garota com uma história para contar.

– E o que mais?

A fumaça vazou pelos lábios da garota sob o olhar firme do velho.

– Você disse que talvez eu não devesse estar aqui – ela respondeu afinal.

– O que me cheirou tão mal quanto bosta de cavalo na época, e me cheira ainda pior agora. Eu provei o meu valor. O Ministério todo estaria pregado em cruzes em Godsgrave se não fosse por mim. E já estou cansada pra caralho de todo mundo aqui se esquecendo disso.

– Você não acha irônico conquistar um lugar numa seita de assassinos salvando meia dúzia de vidas?

– Matei quase cem homens no processo, Aelius.

– E como se sente com relação a isso?

– E você é o quê, minha babá? – disparou Mia. – Sou uma assassina. O lobo não sente pena do cordeiro. E a...

– Sim, sim, eu sei o ditado.

– E sabe por que estou aqui. Meu pai foi executado por traição para



divertimento das massas. Minha mãe morreu numa prisão com meu irmãozinho a seu lado. E os responsáveis precisam morrer, porra. É assim que me sinto.

O velho enfiou os polegares dentro do colete.

– O problema de ser bibliotecário é que existem coisas que não dá para aprender com os livros. E o problema de ser assassino é que existem mistérios que não dá para resolver enfiando a porra da faca neles.

– Você sempre com seus enigmas – vociferou Mia. – Ouviu falar dessa Lua ou não?

O velho sugou a cigarrilha e olhou a garota de alto a baixo.

– O que eu sei é que algumas lições são aprendidas e outras são conquistadas.

– Ah, Deusa Negra, agora você também é poeta?

O cronista franziu a testa e apagou a cigarrilha na parede.

– Poetas são punheteiros.

Aelius jogou a bituca apagada dentro do colete. Pousou os olhos sobre o livro na mão de Mia, depois os ergueu aos dela de novo.

– Pode ficar com ele. Ninguém mais consegue ler.

Ele acenou de leve com a cabeça e foi pegar seu carrinho de devoluções.

– Quê? Essa é a explicação que você me dá? – perguntou Mia.

Aelius deu de ombros.

– Livros demais. Séculos de menos.

O velho saiu empurrando o carrinho pela escuridão. Ao observá-lo desaparecer nas sombras, a garota deu um trago furioso da cigarrilha com os dentes cerrados.

– ...bom, foi esclarecedor...

– ...AELIUS SEMPRE FOI ASSIM. SER ENIGMÁTICO FAZ COM QUE ELE SE SINTA IMPORTANTE...

Mia fechou a cara para a loba de sombras que se materializava a seu lado.

– Tem certeza de que Lorde Cassius jamais descobriu nada sobre isso, Eclipse? Ele era a cabeça de toda a congregação, e você me diz que não sabia nada sobre o que é ser sombrio? Sobre Cleo? A Lua? Nada disso?

– ...EU JÁ TE DISSE, NUNCA PROCURAMOS. CASSIUS ENCONTRAVA BASTANTE SENTIDO NA VIDA DANDO CABO À DOS OUTROS. NÃO PRECISAVA DE MAIS DO QUE ISSO...

Senhor Simpático bufou.

– ...coisas pequenas e cabeças pequenas...

– ... cuidado, bichano. ele era meu amigo antes de você ter forma. Era belo como a escuridão e afiado como os dentes da mãe. não fale mal dele...

Mia suspirou, apertando a ponta do nariz. Não conseguia entender como Lorde Cassius jamais buscara a verdade sobre si mesmo. Ela pensava nisso desde criança. O Velho Mercurio e a Mãe Drusilla disseram que tinha sido

*escolhida pela Deusa.*

Mas escolhida para quê?

*Ela se lembrou da luta contra Ashlinn nas ruas de Última Esperança. Do seu ataque à Basílica Grande aos quatorze anos. Nas duas ocasiões, a simples visão da trindade – o símbolo sagrado de Aa – a fizera agonizar. O Deus da Luz a odiava. Ela sentia esse ódio. Era tão certo quanto o chão sob seus pés. Mas por quê? E que abismos essa “Lua” tinha a ver com a história?*

*E Remus.*

*Aquele filho da puta.*

*Foi morto por suas mãos numa estrada poeirenta de Última Esperança. Mas antes de morrer, o justicus pronunciou palavras que viraram o mundo dela de cabeça para baixo.*

*“Mandarei lembranças suas ao seu irmão.”*

*Mia balançou a cabeça.*

*Mas Jonnen morreu. Minha mãe me disse.*

*Tantas perguntas. Mia sentia o gosto da frustração entrelaçando-se à fumaça na língua. Mas as respostas estavam em Godsgrove. E, graças à Mãe Negra, era exatamente para lá que o cliente misterioso a enviaria.*

*Hora de parar de choramingar e começar a me mexer.*

*Mia saiu do ateneu mancando escada sinuosa abaixo, rumo ao âmagô da Igreja. Atravessando poças de luz dos vitrais, com Sr. Simpático sobre o ombro e Eclipse à frente. O coro da Igreja soava enquanto os três percorriam as curvas das escadarias, os corredores compridos e tortuosos, até enfim chegarem aos aposentos da tecelã Marielle.*

*Mia respirou fundo e bateu algumas vezes na porta pesada. Ela se abriu em instantes, e a garota deparou com um par de olhos escarlates e, abaixo deles, um sorriso belo e sem sangue.*

*– Lâmina Mia – disse Adonai.*

*O orador de sangue vestia suas calças indecentes e uma túnica de seda vermelha, aberta no peito como sempre. A sala atrás dele era iluminada por uma única lâmpada arquêmica, e as paredes estavam enfeitadas com centenas de máscaras diferentes. Máscaras mortuárias e máscaras infantis e máscaras de Carnavalé. De vidro e porcelana e papel machê. Uma sala de máscaras sem qualquer espelho à vista.*

*– Estás aqui para seres tecida – disse Adonai.*

*– É – confirmou Mia, encarando os olhos vermelho-sangue sem medo. – As feridas saram com o tempo, mas não vou ter muito dele aonde vou.*

*– A Cidade das Pontes e dos Ossos – ponderou o orador. – Não há lugar mais perigoso em toda a República.*

*– Você não viu meu cesto de roupa suja – respondeu Mia.*

*Adonai forçou um sorriso e lançou um olhar para trás.*

*– Irmã amada, irmã minha? Tens companhia.*

*Mia viu uma forma defeituosa arrastar-se para baixo do brilho*

arquêmico. A pele era pálida como a de um albino, mas o pouco que dava para ver era inchado e rachado; sangue e pus vazavam através de ataduras no rosto e nas mãos. Ela estava coberta dos pés à cabeça por uma túnica preta. Seus lábios se partiram num sorriso quando ela viu Mia.

– Lâmina Mia – suspirou Marielle.

– Tecelã Marielle – disse Mia, curvando-se.

– Ela vai a Godsgrave. Segundo as palavras do Pai Solis, para os braços de um novo cliente. E, apesar dos pontos, ainda sangra. – Adonai arrepiou-se. – Sinto o cheiro nela.

– Todas as tuas feridas serão tratadas, pequena sombria – sussurrou Marielle. – É certo e verdadeiro.

A tecelã apontou com a cabeça para o temível leito de pedra que dominava o seu quarto. Um leito equipado com tiras e fivelas de aço polido. Embora Marielle fosse capaz de tecer carne como argila e curar praticamente qualquer ferida, o processo em si era uma agonia. Mia odiava a ideia de se destinar a ele, verdade fosse dita. Odiava ficar presa feito um porco no espeto, com as calças nos calcanhares. Mas, resignando-se à dor, sentindo as sombras dentro da sua sombra beberem o medo, ela adentrou os aposentos, mancando.

Depois de fechar a porta à passagem de Mia, o orador Adonai agarrou seu braço.

Mia encarou aqueles olhos cintilantes, os cílios alvos como a neve. Ele se aproximou, se aproximou, e por um terrível e emocionante momento, ela pensou que a fosse beijar. Mas, em vez disso, Adonai falou em uma voz tão baixa que era quase inaudível, os lábios roçando sua orelha:

– Duas vidas salvaste na viragem em que os luminatii puseram seu aço-solar contra a garganta da Montanha. A minha e a da minha amada irmã. A dívida de Marielle foi paga na viragem em que ela devolveu o rosto de Naev. Mas a minha dívida, pequena Lâmina, ainda está pendente. Saiba, pelas quasinoites vindouras, que não importa quão profundas e turvas sejam as águas em que te encontres: em questões de sangue, tu poderás contar com a promessa deste orador.

Adonai cravou-lhe os olhos escarlates, a voz afiada como o ossário no pulso de Mia.

– Tens uma dívida de sangue a receber, pequeno corvo – ele sussurrou. – E com sangue será paga.

Mia lançou um olhar a Marielle. Depois voltou a encarar os olhos vermelhos e cintilantes de Adonai. Sua mente transbordava de pensamentos sobre Godsgrave. Sobre braavi. Sobre mapas e clientes secretos e um Ministério que parecia não sentir nada além de ira por ela.

– Você sabe de alguma coisa que eu não sei, orador?

Um sorriso belo e sem sangue foi a única resposta. Com um esvoaçar da túnica, o orador Adonai apontou para a irmã. Mia se voltou para a Sala dos Rostos e a sua dona, de pé sob a terrível pedra. Marielle a chamou

com os dedos retorcidos.

*Não importava o que aconteceria. Já era tarde demais para voltar atrás.  
Respirando fundo, Mia se deitou na pedra.*

**E**la quase chorou ao vê-lo.

Erguia-se sobre o topo da montanha e rasgava o céu, a pedra ocre tornando-se dourada sob a luz dos dois sóis ardentes. Uma fortaleza escavada nos próprios penhascos, outrora lar de uma das doze melhores famílias da República.

O Ninho do Corvo.

Mia ajoelhou-se no convés do *Glorioso* e contemplou a vista, tomada de lembranças. As caminhadas no porto agitado, de mãos dadas com a mãe. Os comerciantes a chamando de “pequena dona” e lhe dando doces. O pai percorrendo a passos largos as construções sobre o mar, a brisa brincando em seu cabelo enquanto ele fitava além das ondas. Sonhando, talvez, com a rebelião que seria sua derrocada.

Ela era jovem demais para compreender, pequena demais para...

*Pá!*

O chicote estalou nas suas costas e a dor – ardente, vermelha – a arrancou dos devaneios.

– Não te dei permissão pra parar! No chão!

Mia arriscou um olhar de ódio para o executus, que assomava sobre ela com um chicote de gado comprido na mão. Suor escorria pelo rosto dela, o cabelo grudado à pele. Um segundo golpe nas costas foi a recompensa por sua hesitação. Com os braços ardendo de cansaço, ela se abaixou para fazer mais uma flexão. Pontos pretos explodiam na vista. Os dois homens a seu lado faziam o mesmo, gemendo de fadiga.

A jornada a partir dos Jardins Suspensos tinha levado quase três semanas. A cada viragem, ela e os companheiros de escravidão eram levados ao convés e forçados a realizar uma série de exercícios, e o som do chicote do executus já começava a assombrar os sonhos de Mia.

O primeiro camarada de cativeiro era um liisio rijo chamado Matteo. Parecia uns anos mais velho do que Mia, e tinha cabelos levemente ondulados, braços fortes e um sorriso bonito. Apesar do físico impressionante, Matteo passou a primeira semana no mar doente feito um cão; Mia achava que ele jamais estivera num navio.

O segundo companheiro de leito era um itreyano robusto chamado Sidonius. Tinha quase trinta anos e parecia duro como um prego de caixão. Ele tinha olhos azuis brilhantes e cabeça raspada. Era o mais cruel dos dois, e olhava Mia como se quisesse comê-la e/ou matá-la – ela não tinha certeza quanto à ordem. Não tinha certeza se o próprio Sidonius sabia. O mais estranho de tudo era que o homem carregava

uma marca que parecia ter sido queimada na pele em lâmina quente. Uma única palavra, gravada de um lado a outro do peito.

*covarde.*

Ele não dera qualquer explicação para aquilo, e Mia não gostava dele o bastante para perguntar.

Depois de mais trinta e duas flexões, o executus fez sinal para que os três parassem, e Mia desabou de cara no convés, com os braços trêmulos.

– Sua força nos membros superiores é uma piada – rosnou o homenzarrão para ela. – Mesmo assim, não estou rindo.

– Basta por hoje, executus – ordenou dona Leona do seu assento na proa. – Eles precisam conseguir andar quando encontrarem sua nova família.

– De pé.

Mia se levantou devagar, contemplando o mar. Os vergões nas costas incomodavam por causa do sal do suor. O cabelo louro e sujo do executus agitava-se feito chicote na brisa, e sua barba eriçava-se debaixo dos olhos furiosos. Longos minutos se passaram em silêncio, com apenas os gritos das gaivotas e os sons do porto ao longe.

– Bebam – bufou o executus finalmente.

Mia se virou e praticamente correu até o barril de água atado ao mastro principal. O itreyano grandalhão, Sidonius, a empurrou de lado com um palavrão, pegou a concha e bebeu até ficar satisfeito. Mia esperou sua vez, espumando de raiva, quase tentada a derrubar o brutamontes de bunda. Mas a parte sensata do seu cérebro aconselhou paciência. Quando Sidonius terminou de beber, Matteo abriu seu sorriso bonito e gesticulou para o barril.

– Depois da senhorita, mi dona.

*Pá!*

O garoto estremeceu com o chicote do executus nas costas.

– Não dei permissão pra vocês falarem!

O garoto cerrou os dentes e curvou-se num pedido de desculpas. Mia agradeceu com a cabeça e começou a engolir uma golada doce atrás da outra.

Ter que se curvar àquela gente a irritava quase ao ponto de berrar. Precisava de autorização para comer, para beber, para cagar. O desprezo do executus por eles só era comparável à ambiguidade de dona Leona. Por um lado, a mulher os tratava com delicado afeto, e falava da glória que estava por vir nas areias do *venatus*. Por outro, mandava que os chicoteassem pelo menor deslize. Eles não podiam olhar nos olhos dela. Falavam apenas quando lhes falavam. Obedeciam a todas as ordens.

*Como cachorros adestrados*, Mia se deu conta.

Os pais de Mia tinham escravos quando ela era criança, como toda

família nobre da República. Mas a babá de Mia, Caprice, era tratada na prática como membro da família, e o mordomo do pai, um liisio chamado Andriano Varnese, continuou a servir o justicus mesmo depois de ter comprado a própria liberdade.<sup>17</sup>

Mesmo lutando pela sobrevivência quando criança, e mesmo já consagrada ao serviço da Mãe Negra, Mia nunca entendeu realmente o que era não pertencer a si própria. A simples ideia de ser escrava queimava sua mente, como a lembrança da agulha martelada na pele repetidamente. A indignidade. A vergonha.

Mas não dá para ganhar sem jogar.

O *Glorioso* desceu a âncora na baía, e depois de um curto trecho de escaler Mia e os companheiros de cativo desembarcaram nas docas agitadas da cidade portuária sob o Ninho do Corvo, conhecida como Remanso do Corvo. Os pulsos dela estavam algemados e arranhados, as roupas imundas, o cabelo opaco e bagunçado. A ausência de Sr. Simpático era como uma facada na barriga, pela qual todo o calor sangrava do corpo. Ela olhou a sombra sob seus pés. Antes era escura o bastante para dois, até três. Agora, não diferia em nada das outras ao redor. O medo pairava sobre ela com asas negras e, pela primeira vez em anos, ela tinha de encará-lo só.

E se fracassasse?

E se não fosse forte o bastante?

E se aquela jogada fosse pura idiotice, como Sr. Simpático avisara?

– Ande! – veio o grito, pontuado por um estalo de nós de couro nas costas dela.

Cerrando os dentes, como agora era seu costume, Mia obedeceu.

Um trajeto de carroça e Mia entrou balançando no pátio do Ninho do Corvo, o coração doendo no peito. O refúgio lhe era tão familiar – a visão, os sons, Mãe Negra, até os cheiros não tinham mudado. Mas, decorando a pedra ocre das paredes do pátio, no lugar onde antes tremulava o corvo dos Corvere, Mia deparou com o brasão da família de Marcus Remus: um falcão vermelho sobre um campo esquadrelado preto e branco.

*Tenho um pressentimento ruim sobre isso...*

Lembranças da infância inundaram sua cabeça, misturadas com imagens do fim de seus pais. O pai executado ao lado do general Antonius perante uma multidão que uivava. A mãe e o irmão mortos na Pedra Filosofal. Parte de Mia sempre soubera que esse castelo já não lhe pertencia, que seu lar já não era seu. Mas ver as cores do desgraçado do Remus ainda nas paredes, mesmo depois de ela o ter enterrado... era como se o mundo oscilasse sob os pés. O vômito subia pelo estômago, borbulhante e pastoso. Ainda assim, ela não tinha tempo para pensar no fim da sua antiga família.

A nova a esperava.

Eles estavam parados em fila, como legionários à espera de inspeção. Treze homens e duas mulheres, trajando tanga e armadura de couro em várias partes: espaldeiras, grevas e coisas assim. A pele encharcada de suor reluzia ao brilho dos dois sóis ardentes, dando aos escravos a aparência de estátuas de bronze. Homens e mulheres que lutavam nas areias do *venatus*, que viviam e morriam sob os gritos da multidão sedenta de sangue.

*Gladiatii.*

Quando dona Leona desceu da carroça, cada um deles bateu no peito com o punho e todos bradaram em uníssono:

– *Domina!*

Leona apertou os dedos contra os lábios e jogou beijinhos em sua direção.

– Meus Falcões – ela falou com um sorriso –, vocês estão *magníficos*.

O executus estalou o chicote e berrou para que Mia e os outros dois descessem da carroça. Sidonius os empurrou para sair primeiro, como sempre. Matteo de novo sorriu e gesticulou para que Mia passasse à sua frente. Ela pôs os pés no chão e sentiu quinze pares de olhos examinando cada centímetro seu. Viu lábios torcerem-se, olhos apertarem-se em escárnio. Mas os gladiatii eram disciplinados como soldados, e nenhum deles emitiu uma só palavra na presença da sua proprietária.

– Deixo as apresentações por sua conta, executus – disse dona Leona. – Tenho um encontro marcado com um livro de contas e um banho bem longo e profundo.

– Seu menor suspiro é uma ordem – disse o homenzarrão com uma vênia.

A mulher desapareceu sob uma alta arcada de pedra e adentrou a fortaleza. Os olhos de Mia a seguiram, observando o jeito como ela falava aos criados, como se movia. Lembrava um pouco sua mãe. Leona c...

*Pá!*

O estalo da chibata do executus capturou sua atenção total e completa.

O homenzarrão pôs-se diante deles, com o chicote em uma mão. Na outra, segurava um punhado da terra vermelha sobre a qual pisava, deixando-a escorrer aos poucos por entre os dedos. Ele olhou Mia e os outros novatos nos olhos, e falou com uma voz capaz de partir rochas ao meio.

– O que eu tenho na mão?

Mia captou o truque logo de cara. Sentiu-o nos olhos famintos dos gladiatii reunidos atrás do executus. Ela era nova naquele jogo, mas não burra o bastante para cair...

– Areia, executus – disse Matteo.

*Pá!*

O chicote estalou pelo ar entre os dois e abriu sangue no peito de Matteo. O garoto cambaleou, o rosto belo torcido de dor. Os gladiatii reunidos bufaram de desprezo.

Mia estudou os lutadores um a um. O mais velho não podia ter mais de vinte e cinco anos. Todos portavam os dois círculos interligados de escravo lutador na bochecha. Todos tinham um físico impressionante: músculos rijos e pele lustrosa. Mas, fora isso, eram tão diferentes quanto o ferro e o barro.

Mia viu uma dweymeri com tranças de sal tão compridas que quase tocavam o chão. As tatuagens que costumavam marcar apenas os rostos dos dweymeri cobriam todo o seu corpo, derramando-se como cascatas negras sobre aquela pele de um intenso marrom. Havia uma vaaniana por volta da idade de Mia ao lado da dweymeri, de coque loiro no alto da cabeça e olhos verdes. Estava descalça e parecia quase frágil comparada aos companheiros. Mia olhou para essas mulheres para descobrir se sentiria alguma espécie de simpatia ou companheirismo, mas ambas a atravessaram com os olhos como se ela fosse de vidro.

– O que eu tenho na mão? – repetiu o executus.

Mia permaneceu calada, aquele enjoo revirando sua barriga. Duvidava de que existia uma resposta correta, ou de que o executus a aceitasse, ainda que a dessem. E a garota tinha certeza de que um dos seus dois companheiros de viagem seria burro o bastante para...

– Glória, executus – disse Sidonius.

*Pá!*

Os gladiatii reunidos riram ao ver Sidonius caído no chão, passando a mão sobre os lábios partidos e ensanguentados. O executus manjava o chicote como um espadachim Caravaggio manjava um florete, e dera ao grandão itreyano um golpe bem no meio da boca.

– Você não é nada – vociferou o executus. – Indigno de lambar a merda das minhas botas. O que sabe de glória? É um hino de areia e aço, tecido pelas mãos de lendas e cantado pela multidão ribombante. A glória é o ofício do gladiatii. E você? – Seus lábios contorceram-se. – Você não passa de um escravo comum.

Mia voltou a olhar para a fileira, analisando os homens por trás dos sorrisos.

Formavam um grupo variado, todos ursos. Um loiro bonito chamou sua atenção: era tão parecido com a vaaniana que certamente eram da mesma família. Mia viu também um dweymeri enorme, com a barba trançada da mesma maneira que seus nós de sal, a bela tatuagem facial estragada pela marca de escravo. Um liisio corpulento com um rosto de torta amassada balançava nos calcanhares, como se fosse incapaz de ficar parado. E, no primeiro lugar da fila, ela viu um



itreyano alto.

Um frio se insinuou na barriga.

O fôlego começou a faltar.

Tinha cabelo comprido e escuro na altura do ombro, emoldurando um rosto tão belo que poderia ter sido esculpido pela tecelã. Era musculoso e rijo, mas mais esbelto que alguns dos seus companheiros, o sussurro de uma velocidade assustadora escondendo-se nas linhas esticadas do braço, na musculatura ondulada do abdômen. Trazia no pescoço uma bela gargantilha de prata – a única joia no grupo. Mas quando Mia olhou nos seus olhos escuros e ardentes, sentiu o enjoo aumentar na barriga, as entranhas urrando com uma fome súbita e desesperadora.

*Já senti isso antes...*

Quando estivera na presença de Lorde Cassius, o Príncipe das Lâminas...

O executus se voltou para os guerreiros em fila, a areia escorrendo pelos dedos.

– Gladiatii, o que eu tenho na mão? – perguntou.

Os homens e mulheres rugiram em uníssono.

– As nossas vidas, executus!

– As suas vidas – confirmou o executus, então se virou mais uma vez para os novatos e jogou o punhado de areia no chão. – E por mais que não tenham valor, algumas viragens podem ser cantadas como lendas. Não me importa o que foram antes. Mendigos ou dons, padeiros ou docinhos. Essa vida *acabou*. E agora, vocês são menos do que nada. Mas se observarem como falcões-de-sangue e aprenderem o que eu ensino, então uma viragem podem figurar entre os escolhidos, nas areias do *venatus*. Como gladiatii! E *então* – ele apontou com o chicote para Sidonius, que ainda sangrava –, então poderão descobrir o sabor da glória, cãozinho. Conhecer a música da própria pulsação enquanto o público grita o seu nome, como gritam o de Furian, o Incaído, primus do Venatus Tsana e campeão do Colégio Remus!

– *Furian!* – rugiram os gladiatii em uníssono, batendo o punho contra o peito e voltando-se para o itreyano alto no primeiro lugar da fila.

O homem com cabelo de corvo ainda encarava Mia, sem piscar.

– Gladiatii não temem a morte! – continuou o executus, saliva escorrendo nos lábios. – Gladiatii não temem a dor! Gladiatii temem apenas uma coisa: a vergonha eterna da derrota! Lembrem-se de minhas lições. Saibam o seu lugar. Treinem até sangrar. Pois se trouxerem tal vergonha sobre este colégio, sobre a sua domina, juro pelo poderoso Aa e por todas as suas Quatro Filhas, vão lamentar a viragem em que a sua mãe cagou vocês no mundo.

Ele voltou-se para os lutadores de punho no ar, a cicatriz se

contorcendo no rosto conforme bradava.

– Sanguii e Gloria!

– *Sangue e Glória!*

Os gladiatii responderam como uma só coisa, batendo o punho contra o peito.

Todos menos um.

O campeão que chamavam de Furian.

O homem olhava fixo para Mia, com fúria ou volúpia ou algo entre os dois na expressão. A respiração dela se acelerou, a pele arrepiando-se como se estivesse com frio. A fome agitou-se nas entranhas e a boca ficou seca como o deserto, as coxas latejando de desejo. Mia olhou para o chão sob ele e viu que sua sombra não era mais escura do que as demais. Mas ela conhecia a sensação, com a mesma certeza com que conhecia o próprio nome.

E, ao olhá-lo nos olhos, ela sabia que ele sentia a mesma coisa.

*Esse homem é sombrio...*

---

17 Em lares medulares e alguns negócios de respeito, não é incomum que os escravos sejam pagos por seu trabalho – a ideia é que se um escravo tem a possibilidade de comprar sua liberdade se trabalhar duro o bastante, ele vai trabalhar duro para caralho.

O valor da remuneração, porém, é livre, e a maior parte dos escravos recebe uma miséria. Mestres inescrupulosos costumam cobrar do escravo os gastos com o seu sustento, de modo que uma vida inteira de trabalho jamais renderá o valor inicial pago na sua compra.

É injusto? Claro que sim. Mas se o sistema fosse justo, não seria um sistema, nobre amigo.

# Capítulo 7

## Fomes

*Uma pulsação seca. Um mar vermelho. Um jorro de vertigem inundando a cabeça.*

*Mia emergiu da piscina de sangue e se levantou. As feridas no ombro e no traseiro tinham sido curadas, mas mesmo assim ela perdeu o equilíbrio e teve de ser salva pelas duas Mãos ao seu lado. A dupla manteve Mia de pé, uma segurando cada braço, até ter certeza de que ela estava firme. Mia cuspiu sangue e o esfregou dos olhos com um suspiro.*

*Olhando ao redor, viu-se numa piscina triangular transbordando de sangue – idêntica à que tinha acabado de deixar para trás na Montanha Silenciosa. As paredes eram decoradas com padrões de glifos de feitiçaria, e uma delas tinha um mapa de Godsgrave pintado em sangue. O arquipélago espalhava-se pela pedra, ilhas fragmentadas atravessadas por canais como um gigante sem cabeça deitado de barriga para cima.*

*Mia respirou fundo, equilibrou-se e jogou o cabelo ensanguentado por cima do ombro.*

*– Pelos dentes da Fauce, nunca me acostumo com isso – resmungou.*

*– Pare de chorar, Corvere. É mil vezes melhor do que viajar de navio.*

*O estômago de Mia revirou quando ela reconheceu a voz. Voltando-se para a entrada da piscina, deparou com uma ruiva esbelta que retribuiu seu olhar. A garota tinha quase a sua idade, mas era mais alta, mais incisiva. Os olhos verdes brilhavam com uma esperteza selvagem, de caçadora. O rosto era levemente sardento, e os braços estavam cruzados dentro das volumosas mangas de uma comprida túnica preta.*

*Uma túnica de Mão.*

*Mia a reconheceria em qualquer lugar: a garota que fora a pedra no seu sapato ao longo de todo o treinamento na Montanha Silenciosa. A garota que culpava o pai de Mia pela morte do seu. A garota que jurara matá-la.*

*– Jessamine – respirou Mia, saindo da piscina com as pernas ainda instáveis.*

*A ruiva inclinou a cabeça.*

*– Bem-vinda à Cidade das Pontes e dos Ossos.*

*– Você foi postada em Godsgrave? – perguntou Mia. – Depois da iniciação?*

*– Observação brilhante, Corvere – respondeu a ruiva. – Como descobriu?*

*Mia apenas olhou enquanto as sombras sob si se enfureciam. Jessamine a examinou de alto a baixo e atirou uma trouxa de linho no peito dela.*

*– Os banhos são por ali.*

*A trouxa de linho era um roupão, e Mia o pôs sobre o corpo encharcado de sangue para então seguir Jessamine pelo corredor sinuoso, deixando*

pegadas vermelhas e pegajosas pelo caminho. A temperatura era sufocante, o fedor de ferro e sangue quase esmagador.

Mia viu que as paredes e o teto eram feitos de milhares e milhares de ossos humanos sobrepostos. Fêmures e costelas, colunas e crânios, formando um labirinto escuro e impregnado de sombras. Era óbvio que quem teve a ideia de construir a nova capela de Nossa Senhora do Bendito Assassinato dentro da vasta necrópole de Godsgrove nutria um profundo apreço pelo valor da ambientação. A luz baça era fornecida por globos arquêmicos, segurados por mãos esqueléticas nas paredes. Mas apesar de estar rodeada pelos restos de milhares de anônimos, os olhos de Mia fixavam-se na garota à frente. Ainda cuspidando o sangue gorduroso da língua, a Lâmina observava Jessamine como se ela fosse uma aberração.

Depois da iniciação, Mia ficou sabendo que Jessamine fora ungida Mão, mas o trabalho em Galante a consumira tanto que nunca pôde descobrir onde. Parecia que, dentre todas as cidades da República, a sua velha inimiga fora destinada a trabalhar em Godsgrove.

Típico para caralho...

O corredor terminava numa porta feita inteiramente de espinhas, a qual Jessamine abriu com um leve toque. Mia viu as três banheiras lá dentro. No ar, pairava o perfume vago de fumos de grísia e madressilva. Mia raspou com as unhas o sangue que já secava no rosto, sem tirar os olhos dos da ruiva. O alerta enigmático de Adonai ecoava em sua cabeça. Bastava um movimento do pulso para alcançar a lâmina de ossário que ela mantinha sempre amarrada no antebraço.

– Estarei lá fora – Jessamine disse, apontando para as banheiras com a cabeça. – Não demore muito. O bispo está esperando, e o humor dele está mais sombrio do que o normal.

Mia permaneceu firme, os olhos cravados nos da ruiva.

– Você está se perguntando se eu vou tentar te afogar, não é? – Os lábios de Jessamine se torceram num sorriso. – Enfiar uma faca nas suas costas assim que se virar?

– E por que você acha que eu vou me virar, ruiva?

Jessamine balançou a cabeça, e falou com a voz dura e fria:

– Ainda corre sangue entre nós duas. Mas na viragem em que eu for atrás de você, não vai estar pelada numa banheira com sabão nos olhos. Estará bem acordada, com uma espada na mão. Prometo. – Jessamine sorriu de orelha a orelha. – Então não tema, Corvere.

Mia olhou para as banheiras fumegantes, então para a sombra sob seus pés. Ela retribuiu o sorriso.

– Nunca temo.

Uma hora depois, Mia estava diante dos aposentos do bispo da capela de Godsgrove. Usava botas que iam até o joelho, roupas de couro preto e

um gibão de veludo amassado, seu cabelo penteado com esmero. A espada de ossário do pai pendia da cintura, e a adaga da mãe estava oculta sob a manga ondulada.

Os aposentos do bispo ficavam escondidos num emaranhado de túneis de ossos: as entranhas da capela eram um labirinto, e Mia logo ficou desorientada. Duvidava que seria capaz de encontrar o caminho de volta à piscina de sangue sem Jessamine, o que a deixou ainda mais cautelosa com a presença da garota.

As portas dos aposentos abriram-se silenciosas, e um jovem esbelto saiu para as sombras do corredor trajando veludo preto. Seu rosto fora tecido depois da última vez que Mia o vira, mas ele ainda era magro demais, e Mia reconheceria aqueles penetrantes olhos azuis em qualquer lugar. O cabelo escuro, a palidez de fantasma, os lábios levemente apertados contra as gengivas sem dentes.

– Shiu – sorriu Mia.

O garoto parou e olhou Mia de alto a baixo como se estivesse surpreso em vê-la. Um pequeno sorriso desenhou-se nos seus lábios enquanto ele gesticulava em Deslíngua.

Olá.

Ela gesticulou de volta com movimentos rápidos.

Você serve aqui? Em Godsgrave?

Shiu fez que sim.

Oito meses.

Bom ver você.

É?

Devíamos tomar uma.

O garoto olhou para Jessamine e deu de ombros, sem se comprometer.

– Ouçam, odeio estragar esse reencontro tão terno – disse Jess. – Mas, pra ser sincera, vou começar a chorar de emoção, e o bispo está esperando.

Shiu fez que sim e olhou para Mia.

Que a Mãe Negra te guarde.

Com um breve aceno de cabeça, o garoto juntou as pontas dos dedos e se afastou pelo corredor, silencioso feito uma sombra. Mia o observou com um quê de tristeza. Ela tinha sido acólita com Shiu. Ele a tinha ajudado nas provas finais e ela, por sua vez, salvara a vida dele durante o ataque luminatii. Mas, como sempre, o estranho garoto mantinha distância.

Um assassino sempre e antes de tudo.

Jess bateu três vezes à porta.

– Mas que porra, o que é? – quis saber uma voz fatigada lá dentro.

Jessamine abriu a porta e fez um gesto para que Mia entrasse. A garota adentrou os aposentos do bispo e correu os olhos pelo lugar. As paredes de ossos estavam repletas de estantes de livros, pilhas de documentos empilhados ao acaso sobre elas. Havia folhas de velino e pergaminhos em caixas ou simplesmente jogados uns sobre os outros, centenas de livros

equilibrados sem cuidado ou espalhados pelo chão: parecia que um globo de vidro-falso tinha explodido dentro de uma biblioteca. Numa das paredes havia uma fileira de armas de todos os cantos da República: uma espada luminatii de aço-solar; um machado de guerra vaaniano; um gládio de dois gumes de alguma arena de gladiatii; um florete de aço liisio. Todos brilhando à luz arquêmica baixa.

Sentado a uma mesa larga de madeira, quase escondido atrás de uma pilha cambaleante de papéis, Mia viu o bispo de Godsgrave com uma pena entre os dedos manchados pela idade.

– Pelos dentes da Fauce – ela sussurrou. – Mercurio?

O velho levantou os olhos da papelada e empurrou os óculos sobre o nariz. Seu cabelo grosso e grisalho parecia ter ficado mais rebelde desde a última vez que se viram, mas os olhos azul-gelo continuavam a ser emoldurados pelo rosto perpetuamente fechado. Era óbvio que ele não dormia bem havia meses.

– Ora, ora – disse Mercurio com um sorriso irônico. – Pensei que fosse o Quietinho voltando para reclamar um pouco mais. Como vai, pequeno corvo?

Mia olhou o ex-mentor atônita.

– Que abismos você está fazendo aqui?

– Que merda parece que estou fazendo?

– Tornaram você bispo de Godsgrave?

Mercurio deu de ombros.

– O bispo Thalles perdeu a cabeça na purga que os luminatii fizeram na cidade. Por algum motivo, os desgraçados não chegaram à minha loja, mas eu não podia arriscar voltar lá. Assim, quando reconstruíram a capela, Drusilla me tirou da aposentadoria. Como eu não tinha mais a loja, a merda toda sobrou para mim.

– Por que você não me contou?

– Você estava em Galante. E caso a porra dos seus olhos não funcione mais, tenho andado meio ocupado. Então, sem mais delongas, Adonai me enviou uma epístola avisando da sua chegada. Tem os detalhes?

Mia estava um pouco desnorteada. Mercurio nunca tinha realmente superado o fracasso dela na prova final. Embora sempre fosse gostar de Mia, ainda parecia um pouco... decepcionado. Como todos os outros membros do Ministério, o velho mestre era capaz de guardar ressentimentos. O que entristecia Mia: o velho lhe tinha dado abrigo, tinha cuidado dela por seis longos anos. Embora jamais fosse admitir isso a alguém, ela amava aquele desgraçado.

Ainda assim, ela era Lâmina, e ele agora era bispo, e o tom de sua voz foi um lembrete agudo da posição de Mia. Ela sacou o estojo onde estava o rolo de pergaminho que Solis lhe dera. Era de couro e por isso podia fazer a caminhada de sangue; nada que tivesse conhecido o pulso da vida era capaz de viajar por meio da mágica de Adonai. Mia observou Mercurio

desenrolar o pergaminho e deter-se sobre ele com os olhos estreitados.

– A dona – ele murmurou.

– Líder dos Duros – respondeu Mia. – Agem perto da Baía dos Açougueiros.

O bispo fez que sim com a cabeça e pegou um esboço do alvo de Mia. O retrato mostrava uma mulher de rosto escuro, olhos ainda mais. Usava uma sobrecasaca bem talhada, o cabelo penteado em anéis intrincados, à moda das damas medulares nas últimas estações. Tinha um monóculo apoiado (de um jeito bem ridículo, pensou Mia) contra o olho direito.

Mercurio soltou o pergaminho sobre a mesa.

– É uma pena ter que enterrar uma faca tão afiada.

O velho tomou um longo gole do seu chá. Perto como estava, Mia conseguia sentir o cheiro de vinho d'ouro na bebida.

– Certo – retomou Mercurio. – Os detalhes são claros, você sabe onde começar a procurar. Tem oito viragens para acabar com ela e afanar o mapa, e a ampulheta está escorrendo. Do que precisa de mim?

– Um lugar para dormir. Vidro-falso. Armas. Uma Mão que conheça Godsgrave tão bem quanto eu e que consiga se mover tão rápido quanto eu.

– Aí está a sua Mão, bem atrás de você.

Mia se virou para Jessamine. Depois voltou a olhar para o Velho Mercurio. O bispo com certeza não sabia da inimizade entre as garotas, e mencioná-la parecia cruzar a fronteira da mesquinhez. Mas Mia confiava em Jessamine tanto quanto confiava nos sóis para não brilharem, e a companhia dela a alegrava tanto quanto um eunuco se alegra ao ver litografias pornográficas.

Qual é a melhor maneira de abordar isso...

– Talvez haja alguém mais... experiente?

Com uma expressão amarga, Mercurio lançou um olhar por cima dos óculos para Mia.

– Lâmina Mia, Godsgrave é a única capela da Igreja Vermelha que conseguimos reconstruir nos oito meses que se seguiram ao ataque luminatii. Graças ao cardeal Duomo e seus capangas de merda, sou um de dois bispos atendendo a porra da República inteira, e com Scaeva disputando o quarto mandato de cônsul e a política de Godsgrave em polvorosa, não falta gente que precisa ser assassinada. Assim, como estou ocupado feito um perjeta num concurso de chute na bunda, conceda-me a honra de dizer “obrigada” e aceitar o que estou dando.

Mia olhou nos olhos do seu ex-mentor. Reconheceu o tom de voz: o mesmo que ele usava quando ela era uma menininha e ele a flagrava roubando suas cigarrilhas. Ela olhou para trás, para Jessamine, e suspirou de leve.

– Obrigada, bispo.

– De nada.

– Que a Mãe Ne...

– É, é, beijos negros e tudo mais. Agora caia fora, sim?

Mia se retirou da sala com uma vênha, tentando não levar o mau humor de Mercurio para o lado pessoal. Ele sempre fora um velho rabugento, e administrar a capela de Godsgrove em tempos como aqueles não devia favorecer nem um pouco o seu ânimo.

Jessamine conduziu Mia por uma passagem sinuosa, a Lâmina seguindo a Mão de perto. Assim que teve certeza de que o bispo não as escutaria, Mia puxou Jessamine pelo braço e a encarou.

– Nós vamos ter algum problema?

– O que você quer dizer, Corvere?

– Quero dizer que não é segredo que a gente se odeia para caralho. Mas você é a minha Mão agora. Preciso poder confiar em você, Jess.

– Eu não gosto de você, Corvere. Você se acha esperta. Se acha especial. Envenenou Diamo e trapaceou para roubar meu primeiro lugar na Sala de Canções. Mas sou serva da Mãe, serva do Ministério, assim como você. Não questione a minha devoção de novo.

A ruiva lhe deu as costas e sumiu pela escuridão.

As sombras ao pé de Mia ondularam, e um murmúrio frio lhe chegou aos ouvidos.

– ...você sempre teve talento para fazer amigos...

– ...BOM, eu GOSTO MUITO DE VOCÊ, SE ISSO TE CONSOLA...

– ...graças à mãe que eu não consigo vomitar de verdade...

– ...CALA A BOCA...

– ...ah, que resposta mais inteligente...

– ...PARA QUE GASTAR INTELIGÊNCIA COM BURROS...

– Vocês dois já terminaram? – Mia perguntou.

– ...vira-lata...

– ...PULGUENTO...

Mia cruzou os braços e começou a bater o pé na pedra. O silêncio recaiu sobre o corredor, pontuado apenas pelos passos de Jessamine, cada vez mais distantes.

– Aprese-se, Corvere – chamou a Mão. – A ampolheta não está se enchendo.

Mia enfiou os polegares no cinto. Não lhe restava escolha senão seguir Jessamine pelo corredor.

## Sombrio...

Mia encarava o gladiatii chamado Furian do outro lado do pátio. O homem devolveu o olhar, uma brisa morna soprando o cabelo sobre o rosto. Os olhos dele penetravam a garota com uma intensidade que...

Bom, verdade fosse dita, sem Sr. Simpático ao lado, aquilo a assustava.



Mas, Mãe Negra, o que aquilo queria dizer? Mia só tinha conhecido outra pessoa como ela antes, e Lorde Cassius tinha morrido antes de lhe dar qualquer resposta sobre quem ou o que ela era. Talvez Furian soubesse algo mais? Talvez ele tivesse todas as...

O executus estalou o chicote.

– Gladiatii! De volta ao treinamento! – Então se voltou para Mia, Sidonius e Matteo. – Vocês três. Comigo.

Os gladiatii se retiraram, mantendo a formação perfeita enquanto marchavam pelo pátio até a parte de trás do prédio. O executus foi mancando atrás deles, apoiado na sua bengala de leão. Mia o seguiu, e durante o percurso o viu tomar um gole de um cantil de metal que trazia no cinto.

No pátio dos fundos, onde seu pai antes mantivera um estábulo de cavalos imponentes, Mia deparou com uma reforma completa. Bonecos de treino, armários de escudos e armas de madeira cobriam as areias ocre do lugar. O chão estava desnivelado, com andaimes e poços dividindo o espaço em diferentes níveis, de três metros de altura a três metros de profundidade. Um círculo amplo tinha sido feito com pedras brancas, e flâmulas da família Remus tremulavam orgulhosas no topo das construções.

Os gladiatii formaram pares para treinar. Mia viu combinações diferentes de armas, estilos diferentes de luta. A vaaniana pegou um arco de pau-ferro e começou a perfurar alvos na outra ponta do pátio. Furian tomou um par de espadas e começou a espancar um dos bonecos como se ele tivesse ofendido a sua mãe.

O executus coxeou até a varanda e saudou um cachorro enorme que estava na sombra. Era um mastim, com pelagem escura e uma coleira de pregos. O cachorro ficou claramente animado com a chegada do homenzarrão, que se esforçou para se agachar e lhe dar umas palmadinhas na cara.

– Bom te ver de novo, amigo – murmurou o executus, acariciando o cachorro. – Protegeu o colégio enquanto eu estava fora?

Mia e os companheiros ficaram suando sob os sóis ferventes até o executus terminar de fazer festa com o cachorro. Era a primeira vez em um mês que Mia via o desgraçado sorrir, embora a cicatriz no rosto não a deixasse ter muita certeza. Ao terminar, o executus mancou até o círculo de pedra e estalou os dedos.

– Larva – esbravejou –, espada e escudo.

Mia percebeu movimento com o canto do olho – uma garota disparando da sombra de um pequeno prédio no canto do pátio. Era liisia, magra e bronzeada, com o cabelo escuro crescendo sem corte. Não podia ter mais de doze anos, mas os três círculos arquêmicos marcados na bochecha a identificavam como parte da categoria mais alta de escravos.

*Que abismos uma garota dessa idade faz para ser tão valorizada?*

A garota correu até os armários, pegou uma espada de treino de madeira e um escudo largo de carvalho e os entregou ao executus. O homenzarrão apontou a espada para Matteo.

– Venha. Mostre do que você é feito, cão. Larva, arranje um pau para o garoto e algo para se esconder.

A garota fez que sim, correu de volta aos armários e voltou com outra espada e outro escudo de madeira. Matteo se endireitou e assumiu uma postura de combate até decente.

– Ataque! – rugiu o executus.

Matteo deu um grito e investiu com a espada de madeira, mas o executus defendeu o golpe com facilidade.

– Não pedi a porra de um beijo. Eu disse “ataque”!

O garoto fechou a cara e desferiu uma série de golpes, na cabeça, no peito, na barriga. O executus era forte feito um touro, mas se movia devagar com aquela perna de ferro, e o gingado de Mateo se mostrou surpreendentemente bom. O garoto fez o executus recuar, espada estalando contra espada, o pó dos escudos subindo quando os dois colidiam. Mia reparou que os gladiatii treinavam meio sem vontade e assistiam ao embate com interesse.

Matteo ficou mais agressivo – era óbvio que, como Mia, esperava que o executus fosse um mestre da esgrima. Mas o homem permaneceu na defensiva em face dos ataques furiosos do garoto. Matteo acertou um golpe atrás do outro contra a guarda do homenzarrão, dominando a luta de modo absoluto, até o executus se ver forçado contra a borda do círculo.

Então, como um urso perturbado antes da hora, o homem despertou.

Trocou o pé de apoio pelo pé de ataque num piscar de olhos, movendo-se com rapidez e graça apesar da perna de ferro. E, em questão de segundos, derrubou a espada da mão de Matteo, estalou a sua na barriga do garoto e o deixou estatelado na areia.

O executus aproximou-se do rapaz ofegante com apenas um fino verniz de suor na testa.

– O que você aprendeu?

Matteo levou as mãos à barriga vermelha, sem fôlego para responder.

– A arena não é lugar de brigões – disse o executus, a cicatriz vincando sua carranca. – É um tabuleiro. E nele, jogamos o maior jogo de todos. Um oponente astuto pode fingir fraqueza. Deixar você à vontade e aprender os seus movimentos, tudo sem uma gota de suor. Confiança excessiva acabou com milhares de tolos que se diziam gladiatii. Lembre-se disso, ou *você* vai acabar da mesma forma. Agora caia fora da minha arena.

O executus se voltou para Mia e apontou sua lâmina de madeira para ela.

– Sua vez, garota. Mostre-me quantos daqueles mil sacerdotes você vale.

Com um sorriso tímido, a garota chamada Larva entregou a Mia uma lâmina de treino e um escudo. Mas Sidonius pegou a arma da mão da garotinha e empurrou Mia para o lado.

– Foda-se – esbravejou. – Não vou deixar essa puta entrar na arena antes de mim.

Talvez fosse o calor ou as três semanas aguentando as merdas daquele sujeito no mar. Talvez fosse o lendário mau gênio pondo as asas de fora sem Sr. Simpático para segurá-lo, ou os olhos escuros de Furian a seguindo pelo pátio. Qualquer que fosse o motivo, Mia de repente estava com as mãos nos ombros do grandalhão e o joelho enterrado até a coxa nas bolas dele.

– Eu sou puta, é? – ela suspirou.

Sidonius arregalou os olhos e se dobrou. Mia travou os dedos atrás da cabeça dele e a puxou para o seu joelho. Num piscar de olhos, encontrava-se em cima dele, os punhos descendo contra o seu queixo, dentes cerrados, sangue nas...

*Pá!*

O chicote gravou uma linha de agonia nas suas costas. Outro golpe a fez sair pulando, trôpega e sem ar, torcendo-se para evitar mais chicotadas. As gargalhadas dos gladiatii ecoaram no ar. O executus a encarou furioso, o chicote esticado na mão.

– Você acabou de danificar uma propriedade da sua domina, vagabunda. E agora, se ele cair no Winnowing, você vai pagar o preço da vida dele?

Mia esfregou o vergão no ombro e vociferou:

– Homem nenhum fala assim comigo.

– Ele não é um homem! – disparou o executus. – É um *escravo*. Como você. E os *dois* estão esquecendo o seu lugar. Até sobreviverem ao Winnowing no próximo *venatus*, vocês são menos do que nada. Agora, pegue essas armas e me mostre um pouco dessa promessa que a sua domina enxerga em você, antes que a minha paciência chegue ao limite.

A garota chamada Larva ajudou Sidonius a se levantar e delicadamente o tirou do círculo. O executus enrolou o chicote no cinto e tomou outro gole do cantil enquanto Mia apanhava a espada e o escudo de cara amarrada. As entranhas ardiam de fúria, os dentes estavam cerrados. Ela sentia Furian a observando com seus olhos escuros e cintilantes, sentia a fome e o enjoo acumulados dentro de si.

E, sem uma palavra, ela atacou.

Ataques cruéis, ofuscantes. Dançando pelas areias ocre, deslizando

por entre os golpes do executus. Mas ela tinha passado a maior parte do seu tempo de treino na Montanha aprendendo o estilo Caravaggio, com uma espada em cada mão. Era improvável que uma Lâmina da Mãe fosse se arrastar por aí com um trambolho de escudo pendurado nas costas. Por isso, ela nunca praticara com um durante todo aquele tempo.

Era um peso morto. Cada impacto desestabilizava seu cotovelo, seu ombro. E, por mais desesperada que estivesse para se provar, mantinha-se consciente de que o executus apenas brincava com ela. Deixava-a se esquivar e se cansar cada vez mais, o tempo todo estudando seus movimentos e preparando a execução.

Mas ela não era um saco de pancadas ou um boneco de treino inútil, e não deixaria que a tratassem assim. Por isso, querendo mostrar àquele homem do que realmente era capaz, forçou a vista e invocou as sombras aos pés dele.

Ninguém seria capaz de perceber – a sombra do executus mal ondulou. Mia não conseguiu segurar muito bem o pino de ferro; os sóis brilhavam demais ali fora, e seu controle das sombras era fraco. Mas ela prendeu a sola da bota dele o suficiente, como tinha feito no Fosso e na Montanha e cem vezes antes. O executus arregalou os olhos ao não conseguir trocar de posição. Mia partiu para a garganta, prendendo ainda mais as sombras, determinada a ensinar o quanto valia àquele homem que a considerava menos do que nada.

E então as sombras escaparam.

Esvaíram-se do seu controle como areia por entre os dedos e soltaram a bota do homenzarrão. O executus acertou o escudo no rosto de Mia, mandando-a para trás com tudo. Ela tentou desviar, mas soltou um grito de dor quando a espada bateu em suas costas e a mandou para a areia. Em seguida, a lâmina de madeira acertou o chão ao lado da sua cabeça; ela rolou para o lado e jogou um punhado de areia para cima. Mas o executus ergueu seu escudo como se não fosse nada e contra-atacou com um chute brutal do pino de ferro, bem na barriga.

Mia dobrou-se sobre si e vomitou, cega de dor. O executus cravou a espada de treino no chão ao lado da cabeça da garota, baixou os olhos e esbravejou:

– Mil peças de prata? Eu não teria dado uma!

Com as unhas enfiadas na areia, Mia pôs-se de joelhos, o cabelo grudado no vômito no queixo. Os outros gladiatii se viraram, bufando de escárnio, e voltaram ao treino. Mia tirou o escudo do braço e cuspiu sangue na areia.

– De novo – exigiu.

– Não – disse o executus. – Queria medir a sua capacidade e medi até demais. Vá se lavar da derrota. O horário avança. Seu treino

começa amanhã.

Matteo avançou devagar e ajudou Mia a se erguer. Estremecendo de dor, ela lançou um olhar para o outro lado do pátio, repleta de um ódio ardente. Ela tinha segurado a bota do executus, tinha certeza. Um truque que já fizera incontáveis vezes e que lhe devia ter permitido vencê-lo facilmente. Mas algo, *alguém*, roubara o controle das sombras e a fizera ser derrotada.

Furian desviou os olhos do boneco de treino que espancava até tirar o enchimento. Suor reluzia em seu belo rosto. O cabelo escuro e comprido agitava-se na brisa morna. A gargantilha de prata cintilava. Os olhos escuros estavam fixos em Mia.

– Desgraçado – ela murmurou.

O Incaído voltou ao treino sem outro olhar.

# Capítulo 8

## Preces

– Bom, vai ser complicado.

Mia deu um trago longo na cigarrilha enquanto observava a casa de prazeres do seu quarto na taverna de frente. Jessamine estava ao seu lado, o olhar concentrado enquanto vigiava a porta do bordel.

– Você esperava mesmo que a líder de uma gangue braavi ia simplesmente sair pelas ruas com o mapa na mão e cair por cima da sua espada, Corvere?

– Sabe, eu sou a pessoa que mais ama o seu sarcasmo, Jess – suspirou Mia. – Mas faz uma semana que estamos confinadas neste quarto e eu agradeceria se você variasse um pouco.

– Eu sei que faz uma semana que estamos aqui. Sou eu que tenho que aturar a porra da fumaça das suas cigarrilhas o tempo todo.

– ...bom, talvez a gente pudesse brigar até amanhã e perder completamente a nossa oportunidade...?

Mia olhou para Sr. Simpático, que lambia sua pata translúcida.

– Sua opinião é sempre bem-vinda.

– ...e gratuita...

– Você é um desgraçadinho, sabia?

– ...ah, sabia muito bem...

Sete viragens tinham se passado desde que Mia chegara à Cidade das Pontes e dos Ossos, e a única coisa que a impedia de dissolver-se numa poça de nervos eram os passageiros da sua sombra. Depois de perguntar para velhos conhecidos do Pequeno Liis, Mia e Jessamine localizaram o alvo após uma viragem: a maioria da gente de má vida do bairro sabia onde era o quartel-general dos Duros. Mas o problema não era encontrar a toca; entrar seria o enigma.

O quartel-general dos Duros ficava num palazzo bem aparelhado de cinco andares chamado comida do cão. Os andares de baixo pareciam ser uma taverna normal, cheia de músicas obscenas e um monte de gente. O terceiro andar parecia ser um ponto de tráfico de tinta; e os dois últimos, um bordel. Capangas do tamanho de choupanas guardavam as portas da frente; trajavam sobrecasacas caras e perucas brancas que não ajudavam muito a esconder as cicatrizes do rosto ou os músculos sob o tecido. Embora não houvesse qualquer sinalização que diferenciasse aquele edifício dos outros, ele estava em território braavi, e todos os vizinhos sabiam exatamente o que se passava atrás daquelas portas.<sup>18</sup>

A missão de reconhecimento tinha sido impecável: a possibilidade de enviar dois filetes de escuridão viva para dentro do prédio a fim de escutar cada conversa e analisar cada canto lhes permitiu saber que o negócio

*estava combinado para aquela virada. Mas isso não significava que seria fácil.*

*Mia sentiu a sombra tremer, o beijo de uma brisa fria. Eclipse formou-se a partir das sombras sob a garota e sacudiu-se dos pés ao rabo.*

*– Novidades? – perguntou Mia, a cigarrilha pendurada nos lábios.*

*– ...ELA ESTÁ NO ÚLTIMO ANDAR, ESCRITÓRIO DO CANTO. PASSOU A VIRAGEM DANDO ORDENS, BEBENDO, FUMANDO E FAZENDO MUITO SEXO...*

*– Sempre bom quando possível – disse Jess.*

*– ...O VENDEDOR VAI CHEGAR DENTRO DE UMA HORA. A TROCA VAI ACONTECER NO ESCRITÓRIO DA DONA...*

*– Então temos duas opções – ruminou Mia. – Interceptamos o mapa antes de chegar e damos fim à dona depois, ou esperamos o comprador e acabamos com os dois de uma vez.*

*– ...NÃO SABEMOS QUEM O VENDEDOR É...*

*– Provavelmente um malandro com um estojo para mapas.*

*– ...você ainda precisaria entrar no escritório e acabar com a dona...*

*– E é aí que está o problema.*

*– Você não poderia entrar escondida? – sugeriu Jessamine. – Debaixo das suas sombras?*

*Mia balançou a cabeça.*

*– Não consigo enxergar nada debaixo delas. Andar tateando dentro de um covil de braavi parece ser uma excelente maneira de acabar com uma espada nas tetas. E a tecelã caprichou tanto nestas duas, seria uma pena destruí-las.*

*Jessamine analisou o caminho até o palazzo.*

*– Você pode jogar uma corda entre este edifício e o do lado. Então pula a viela, entra pelo telhado da taverna e vai descendo.*

*– É fim de semana. Tem muita gente na rua. Se alguém olhar para cima...*

*– Então vai ser a porta da frente?*

*Mia fitou o palazzo do outro lado da rua.*

*– Sou péssima em entrar pela porta da frente... – murmurou.*

*– ...você tem melhorado...*

*– Mentiroso.*

*– ...ah, que falta de fé...*

*– Fé nunca impediu um naufrago de se afogar. – Mia deu um longo trago na cigarrilha. – Mas tenho que reconhecer que não há muita opção.*

*– ...podemos ficar acordados fazendo penteados uns nos outros e falando de meninos...?*

*– ...VOCÊ PRECISA SEMPRE BANCAR O BOBO, PULGUENTINHO...?*

*– ...faz parte do meu charme...*

*– ...ENTÃO ACHO QUE EXISTE UMA NOVA DEFINIÇÃO DE CHARME QUE EU DESCONHEÇO...*

– Se vocês dois já terminaram – esbravejou Mia –, podem ficar de vigia, que tal?

Um vazio preencheu Mia quando seus passageiros partiram e calafrios tomaram o seu lugar. Ela tentou acalmar os nervos. Olhava para a sede dos braavi e imaginava o que estaria à sua espera lá dentro. Combate em espaços estreitos. Um salão cheio de criminosos inveterados. E quem estivesse vendendo o mapa, fosse quem fosse, também traria sua própria força. As chances eram desfavoráveis.

Deixando as dúvidas de lado e com o aviso de Adonai ecoando na cabeça, Mia apagou a cigarrilha com o salto da bota.

– Muito bem – ela disse com um aceno –, preciso de um vestido.

**M**ia atravessou a rua lotada como se fosse a sua dona, pisando firme sobre os paralelepípedos quebrados até a porta do comida do cão<sup>19</sup>.

A quasinoite chegara, o vento uivava pela rua. Uma tempestade de verão veio com ele do oceano, e a chuva morna caía em cortinas finas, os dois sóis escondidos sob uma máscara cinza. Mas era raro que a inclemência dos elementos fosse motivo para o povo de Godsgrave passar um fim de semana em casa, de modo que as ruas fervilhavam com gente a caminho da farra.

O Pequeno Liis era uma das áreas mais miseráveis da capital, mas o povo liisio tinha estilo, e na infância Mia sempre tinha admirado as cores e os cortes de suas roupas. Elas a lembravam da mãe, verdade fosse dita, e havia algo na música e nos aromas do lugar que mexia com o sangue em suas veias. O traje de Mia tinha sido pego no guarda-roupas da capela a fim de que ela pudesse se misturar aos moradores da região: calças de couro e botas até o joelho, colete por cima de uma camisa de veludo, uma gargantilha cintilante, tudo em diversos tons de vermelho-sangue. Se ela fosse assassinada ali, ao menos seria um cadáver bem-vestido.

De perto, a aparência dos porteiros intimidava ainda mais. Estavam debaixo do toldo do comida, mas ainda assim pareciam estar um pouco molhados e bem mais do que um pouco mal-humorados. O cidadão da esquerda tinha de largura praticamente o que tinha de altura, e o seu camarada parecia ter comido os próprios pais de café da manhã.

O largo levantou a mão e barrou a entrada de Mia.

– Parada aí, mi dona.

– Feliz quasinoite, meus caros senhores – sorriu Mia e fez uma breve vênia.

– Você não pode entrar aqui – falou o órfão, balançando a cabeça.

– Nada de gentalha – concordou o largo.

Mia conferiu a roupa e soou um pouco magoada.

– Gentalha?

Quatro marinheiros bêbados que podiam figurar tranquilamente ao lado



da definição de “gentalha” no campeão de vendas A prosódia itreyana: guia definitivo, de don Fiorlini, chegaram à porta.

– Boa virada, nobres amigos – disse o largo. – Bem-vindos, bem-vindos.

O homem abriu as portas; o som de flauta e risos irrompeu de dentro, e os marinheiros entraram sem nem olhar para trás.

Mia abriu um sorriso doce para o largo.

– Meus amigos estão me esperando lá den...

– Você não pode entrar aqui hoje – disse o grandalhão.

– Não servimos gente da sua laia – concordou o órfão.

– Minha laia?

Os brutamontes bufaram e fizeram que sim com a cabeça ao mesmo tempo.

– Deixem-me ver se eu entendi – disse Mia. – Vocês são um bando de ladrões, cafetões, capangas e assassinos. E estão me dizendo que eu não sirvo para beber aqui?

– É – disse o largo.

– Cai fora – disse seu companheiro.

Mia ajustou o colete da maneira mais significativa possível. Os capangas braavi a observaram sem piscar. Por fim, ela cruzou os braços e suspirou.

– Quanto vocês querem?

O órfão franziu a testa.

– Quanto você tem?

– Dois sacerdotes?

O porteiro olhou para os dois lados da rua, em seguida acenou com a cabeça.

– Passa pra cá, então.

Mia revirou a bolsa e jogou uma moeda para cada porteiro. O ferro sumiu nos bolsos deles mais rápido do que fumo na boca de viciado no dia de pagamento.

Mia encarou a dupla e arqueou as sobrancelhas.

– E então?

– Você não pode entrar aqui hoje – disse o órfão.

– Não servimos gente da sua laia – concordou o largo.

A dupla abriu passagem para um segundo grupo de boêmios (que carregavam uma placa de rua e uma ovelha com ar meio preocupado), desejando-lhes boa virada enquanto entravam. Todos eram homens. Espiando dentro da taverna, Mia viu que a clientela era toda composta de homens. Foi então que, em algum lugar da sua cabeça, algo conectou.

– Aaaaah – ela disse. – Entendiiii.

– Entendeu – disse o largo.

O órfão coçou o queixo e concordou com ares de sabedoria.

– Muito bem – ela disse.

– Muito bem o quê?

– Muito bem, vocês podem me devolver meu dinheiro? – pediu a garota.

– Você é péssima nisso – disse o largo.

– Terrível – concordou o órfão.

Mia fechou um biquinho.

– Senhor Simpático disse que eu estava melhorando.

– Seja lá quem for, esse Senhor Simpático é um mentiroso da porra.

Os porteiros cruzaram os braços como um par de dançarinos sincronizados.

Mia suspirou.

– Feliz quasinoite, meus caros senhores.

E, depois de mais uma vênica, voltou para a chuva.

— Não abra a porra da boca – ela avisou Sr. Simpático.

Mia se agachava no telhado do edifício de frente para o comida, de olho na sacada do quarto andar. O não-gato estava a seu lado, a cauda balançando de um lado para o outro.

– ...se a gente pensar na sua infância, não é de admirar uma carência de aptidão social...

– Não. Abra. A. Porra. Da. Boca.

– ...miau...

– ...EM SENTIDO ESTRITO, ISSO TAMBÉM É UMA PALAVRA... – rosnou Eclipse.

– É – concordou Mia, erguendo um dedo. – Mais uma, e eu ponho o seu nome oficialmente no Livro Negro.

Senhor Simpático levou a pata translúcida até o lugar onde a sua boca estaria. A chuva ainda respingava morna sobre a pele de Mia. Jessamine tinha terminado de prender um fio comprido de seda num arpêu de ferro e agora o entregava à sua Lâmina.

– Não se esqueça do mapa – alertou a ruiva. – E espere até eu estar na rua para atravessar. Ninguém vai olhar pra cima se estiver olhando pra mim.

– Eu sei. Foi ideia minha, Jess.

– Essas calças foram ideia sua também? – Jessamine olhou Mia de alto a baixo. – Porque não favorecem nem um pouco a sua bunda.

– Ah, pare, acho que vou partir ao meio.

– Isso é...

– Isso é exatamente o que as calças diriam? – Mia revirou os olhos. – É, é. Bravo, mi dona.

– Estarei esperando aqui no telhado quando você sair. E tente não morrer, hein? – advertiu Jess. – Eu ficaria muito frustrada de não fazer isso eu mesma.

Mia lhe mostrou os nós. A ruiva abriu um sorriso malicioso e desceu pela escadaria sem mais insultos. A multidão tinha diminuído por causa da chuva, mas o comida continuava a despejar gente na rua, alguns

traçando as pernas no caminho de casa depois de uma quasinoite animada. Mia observou Jessamine marchar para o outro lado da rua, bem na direção de um jovem que deixava a casa de tolerância.

– Seu desgraçaaaado! – berrou ela, apontando um dedo acusador para o rosto dele.

– Quê? – perguntou o jovem, surpreso.

– Você me disse que ia no seu primo! – berrou Jessamine. – E eu te encontro aqui, bebendo e farreando com as putas pelas minhas costas!

O cavalheiro em questão franziu a testa, confuso.

– Mi dona, eu n...

– Não venha com “mi dona” para cima de mim! – Jessamine chegou mais perto, cada vez mais alterada. – É esse o exemplo que você quer dar para o nosso filho? Ai, minhas Quatro Filhas, por que não ouvi a minha mãe? Ela me avisou que você não prestava!

Os boêmios e os porteiros braavi observavam Jess atirar uma série de palavrões na cara do sujeito, que mal conseguia encaixar uma palavra nos intervalos. E, com todos os olhos na amante traída e no seu príncipe bêbado, Mia tentou a sorte.

Ela lançou o arpéu através do espaço de cinco metros, o prendeu no parapeito de ferro fundido e amarrou firme. Era um tombo de quatro andares que terminaria bem gosmento nos paralelepípedos da rua, e o parapeito estava escorregadio por causa da chuva. Mesmo assim, num segundo, ela deu o primeiro passo para o vazio entre os edifícios e começou a travessia.

Sem medo.

Ao chegar no telhado do bordel ao lado do comidão, levantou os olhos por trás da chaminé e não se surpreendeu muito ao ver dois tristes braavi sob o mesmo guarda-chuva vigiando a porta do teto. Mia tinha certeza de que poderia dar conta dos dois com um único vidro-falso branco da sua bolsa – bastava lançar o globo arquêmico aos pés dos homens e ele produziria uma nuvem de Desmaio grande o bastante para deixar ambos inconscientes. Mas vidro-falso fazia um barulho notável ao estourar, o que poderia chamar a atenção.

– ...mpphggllmm... – disse Sr. Simpático.

– Quê?

– ...ELE DISSE MPPHGGGLMM...

– Pelas Filhas, tudo bem, pode falar.

O não-gato limpou a garganta.

– ...qual é o quarto da dona...?

Eclipse espichou a cabeça para as janelas no canto do último andar. As cortinas estavam fechadas e não havia sinal do que acontecia lá dentro.

– ...HAVIA QUATRO HOMENS COM ELA LÁ DA ÚLTIMA VEZ QUE OLHEI...

– Não gosto da ideia de entrar às cegas – murmurou Mia. – E talvez o

*mapa não esteja lá.*

*– ...comece pela tinturaria, vá subindo, se esconda até ele chegar...?*

*– Isso quase parece um plano.*

*Mia se soltou sobre um beiral do terceiro andar do bordel e saltou pelo espaço chuvoso até a sacada do comidão. Esperou um instante, à escuta de qualquer sinal de movimentação, então espiou pela fechadura os aposentos além da porta. Quatro figuras em diferentes graus de nudez estavam desmaiadas num emaranhado de membros sobre uma cama com baldaquino, seringas vazias de tinta estavam espalhadas nas cobertas de pele ao redor. Mortos para o mundo.*

*Silenciosa como as sombras, Mia pegou a gazua no salto da bota, abriu a porta da sacada e entrou. O quarteto permaneceu imperturbado em seus sonhos de tinta. A garota sacudiu-se para tirar a água do corpo e se esgueirava para além da cama quando uma batida suave soou à porta. Mia atravessou o quarto feito um raio e se escondeu atrás da porta, que se abria delicadamente.*

*– Serviço de quarto? – disse uma voz jovem. – Mi dons? Eu trouxe a sua água açucarada.*

*Uma garota entrou, com uma máscara dourada de cortesã no rosto. Parecia mal ter chegado à adolescência, mas se vestia como mulher: tafetá plissado e chiffon barato. Carregava uma bandeja prateada, com quatro belos cálices e uma jarra com líquido azul-marinho. Baixando a voz ao ver os tinteiros apagados, virou-se para fechar a porta e cortar o som da farra no andar de baixo.*

*Um raio luziu nos céus do lado de fora. Uma mão a agarrou por trás e pegou sua bandeja. Outra se fechou sobre sua boca.*

*– Quieta agora – sussurrou Mia.*

*A menina ficou imóvel como uma estátua na Fileira dos Tiranos.*

*– Não quero te machucar, querida – disse Mia. – Você tem a minha palavra. Tiro a mão se você prometer não gritar. Tudo bem?*

*A garota fez que sim, a respiração acelerada. Mia soltou os lábios dela e deu um passo para trás, com a mão na espada de ossário. A menina se virou devagar e olhou-a de alto a baixo – as lâminas, o preto, o olhar –, a respiração cada vez mais curta à medida que ela se dava conta do que Mia tinha ido fazer ali. Olhou para a cama à procura dos alvos do assassinato.*

*– Não estou aqui por causa deles – prometeu Mia.*

*– Então... por minha causa?*

*Mia a examinou dos pés à cabeça: o decote baixo, o espartilho apertado, a máscara dourada. Uma mulher com o dobro da idade talvez ficasse confortável naquelas roupas. Talvez se deleitasse com o poder que elas concediam. Mas a jovem mal tinha passado da infância.*

*Mal tinha passado da infância?*

*Filhas, o que me tornei?*

*Mia sabia que tinha coisas a resolver. A Dona estava no andar de cima,*

o mapa chegaria a qualquer momento, e ela tinha que matar a primeira e roubar o segundo antes do fim da quasinoite. Mas algo na menina chamava a sua atenção. Era apenas mais uma entre as dezenas que trabalhavam dentro daquelas paredes. Será que ela própria não teria acabado num lugar daqueles se Mercurio não a tivesse encontrado? Se a vida dela tivesse sido um pouco diferente?

Aquilo era fraqueza, Mia sabia. Ela devia ser de aço. Ainda assim...

– Quantos anos você tem? – ela se viu perguntar.

– Catorze – respondeu a menina.

Mia balançou a cabeça.

– É isso que você quer?

A menina piscou.

– Quê?

– É isso que você sonhou ser? – perguntou Mia. – Quando era mais nova?

– Eu... – Os olhos da garota se cravaram sobre a espada no cinto de Mia. Sua voz saiu fria, carregada de autoironia. – Eu rezava para que Aa me tornasse uma princesa.

Mia sorriu.

– Nenhuma de nós vira princesa, querida.

– Não – disse a menina simplesmente. – Não viramos.

O silêncio pairava no quarto como a neblina. Mia apenas olhava, como costumava fazer, deixando a mudez fazer as perguntas em seu lugar.

– Cavalos – disse a garota afinal, puxando o vestido um pouco para cima. – Eu sonhava em trabalhar com cavalos. Ter uma carroça pequena de mercador, quem sabe. Algo simples.

– Parece bom.

– Eu teria um garanhão preto chamado Ônix – continuou a garota. – E uma égua branca chamada Pérola. E cavalgaríamos aonde o vento soprasse, sem ninguém nos parar.

– E por que você não faz isso?

A menina correu o olhar pelo quarto, pelo bordel além dele. A luz morreu em seus olhos quando ela deu de ombros, indefesa.

– Não tenho escolha.

– Você pode escolher as bolsas na cintura deles – disse Mia, apontando para o trio de medulares na cama. – As joias no pescoço... Conheço um homem chamado Mercurio que vive na necrópole. Se você lhe disser que Mia a mandou, ele pode arranjar as coisas para você. Algum lugar com cavalos, talvez. Algum lugar onde você queira estar.

Um olhar para cima. A sombra do medo nos olhos.

– Iam me pegar.

– Não se você for rápida. Não se for esperta.

Um trovão soou à janela.

– Não sou – disse a menina.

– Isso é o Medo falando. Nunca escute. O Medo é um covarde.

A garota olhou Mia de alto a baixo, balançando a cabeça.

– Não sou como você.

Mia enxergava o seu reflexo no olhar da criada enquanto os relâmpagos traçavam arcos no céu lá fora. A pele branca como a de um morto. A espada de ossário na cinta. As sombras nos olhos.

– Não sei se você quer ser como eu – disse. – Só duvido que isto – ela estendeu a mão e soltou a máscara dourada – seja você.

O rosto por trás da máscara era magro. Havia uma ferida velha no lábio. Olhos cansados e belos.

– Mas a escolha é sua. Sempre sua.

A garota olhou para os tinteiros, então de novo para Mia.

– Tem muita gente no andar de cima? – Mia perguntou.

A garota fez que sim, lambendo a ferida na boca.

– Os piores.

– Vão entregar uma encomenda aqui hoje. Você sabe algo sobre isso?

A garota balançou a cabeça.

– Não me contam muita coisa.

Mia baixou o olhar para os cálices de cristal, a jarra, a bandeja prateada. Voltou-os novamente para a menina e seus olhos cansados, que encaravam uma bolsa entre as roupas espalhadas dos tinteiros. Um anel de ouro no dedo de um deles.

– Qual é o seu nome? – perguntou Mia.

A garota piscou surpresa e voltou a olhar para Mia.

– Belle.

– Você me faria um favor, Belle?

Uma cautela repentina despontou nos olhos dela.

– Que tipo de favor?

Mia a rodeou devagar. Acenou uma vez com a cabeça.

– Você me empresta esse vestido?

Mia e Matteo foram acompanhados para a sessão de treino por dois guardas com tabardos da família Remus. Ao olhar para o selo do falcão sobre o peito deles, Mia sentiu o frio na barriga piorar. Sidonius veio mancando da enfermaria na parte de trás da fortaleza. O nariz do grandalhão fora imobilizado com um pedaço de madeira por causa dos socos de Mia, e ele ganhara pontos novos na sobrançelha. A garota chamada Larva vinha atrás, passando perto do mastim grande e deixando o animal lamber o sangue do homem das suas mãos. Ela olhou para Mia e, de novo, a presenteou com o seu sorrisinho tímido.

Sem saber ao certo o que pensar da garota, e apesar da dor amarga da derrota nas mãos do executus, Mia retribuiu o sorriso.

Os guardas foram receber Sidonius e, em seguida, marcharam com

os novos recrutas até as grandes portas duplas nos fundos da fortaleza. Lá, depararam com uma mulher esbelta com cabelo longo e grisalho e três círculos gravados na bochecha. Devia ter quase cinquenta anos e se portava com um ar de realeza. Um vestido esvoaçante de fina seda vermelha abraçava-lhe o corpo, e uma gargantilha prateada, parecida com a de Furian, cingia seu pescoço.

– Meu nome é Anthea, sou a governanta desta casa – ela disse. – Cuido dos negócios da domina dentro destas paredes. Vocês devem chamar-me de *magistrae*. Vocês tomarão banho e comerão antes de serem trancados nas celas para passar a quasinoite. Se tiverem perguntas, podem falar.

Sidonius esfregou o queixo sujo de sangue e olhou a mulher de alto a baixo.

– A senhora vai lavar as minhas costas para mim, dona?

A *magistrae* dirigiu um olhar aos guardas, e os homens sacaram seus porretes de madeira e começaram a espancar Sidonius em pleno saguão. Mia revirou os olhos, perguntando-se como o itreyano conseguia ser tão imbecil. Depois de mais uma surra bem dada – a segunda na viragem –, Sidonius se encontrou estatelado no chão em meio a uma poça do próprio sangue.

– Acho que n-não... não é...?

– Não me confunda com uma criada qualquer, cachorro – a *magistrae* disse, correndo os olhos escuros pelo *covarde* gravado a fogo no peito do grandalhão. – Conheço a domina de vocês desde que ela era criança e, na sua ausência, sou a sua voz nesta casa. Agora pare de sangrar no meu piso e me siga.

Sidonius se ergueu cambaleante, sobranceira e lábios pingando sangue. Mia observou a *magistrae* pelo canto do olho. A mulher a lembrava do majordomo do pai – um liisio chamado Andriano –, que era chefe da casa quando as cores dos Corvere ainda tremulavam sobre os muros. Ele também vivia em servidão, mas se portava como um homem livre. Anthea parecia agir da mesma forma.

*Nada muda de verdade...*

– Posso fazer uma pergunta, *magistrae*? – pediu Mia.

Anthea a examinou com cuidado antes de responder.

– Diga.

– Vejo falcões pendurados nos muros do pátio – começou Mia enquanto massageava as costelas doloridas. – Mas a nossa domina não é da família Leonides?

– O falcão é o símbolo de Marcus Remus – explicou a mulher, com um aceno. – Que Aa o abençoe e o guarde. Esta era a casa dele, recebida por seus serviços à República. Agora que ele partiu para o descanso eterno junto ao Lume, a propriedade passou para a viúva, a sua nova domina.

O mal-estar de Mia espalhou-se por todo o corpo e chegou até os dedos dos pés.

*Eu sabia, porra...*

Mia não sabia por onde ele estaria, mas quase podia escutar Sr. Simpático censurá-la ao pé do ouvido. Ela não apenas tinha falhado em conseguir uma vaga no colégio pretendido; também se tornara criada da mulher do justicus que tinha *assassinado*. O plano se aproximava mais e mais do ralo a cada viragem...

*Calma. Paciência. Leona jamais saberá.*

Mia curvou a cabeça e seguiu a magistrae obedientemente. O grupo foi escoltado até um salão amplo na parte de trás da propriedade, todos os três recrutas mancando por causa da surra que levaram. Mia ainda se recuperava das descobertas que fizera sobre Leona e sobre Furian. Contudo, no fundo da sua mente, a criança que percorrera aqueles corredores estava impressionada com todas as mudanças no Ninho do Corvo. A disposição dos cômodos estava intacta, mas a decoração...

A dona Corvere tinha preferido uma aparência mais faustosa, mas agora os corredores estavam nus – as belas tapeçarias e os carpetes tinham sido substituídos por armaduras e armas de guerra. Mia queria ver seu antigo quarto, com a vista do oceano a partir das sacadas, mas foi levada com os companheiros por uma escada sinuosa até a antecâmara do porão. Um rastrilho de ferro bloqueava qualquer avanço, e havia uma maquinaria complexa na parede ao seu lado. Um dos guardas inseriu uma chave estranha e puxou uma série de alavancas. O rastrilho levantou, e a magistrae mandou Mia e os outros passarem.

Darius Corvere usara aquele vasto espaço subterrâneo como refúgio nos meses brutais de verão, mas Mia notou que o espaço tinha sido reformado para se tornar um alojamento. Os depósitos tinham sido convertidos em celas de dois metros quadrados, separadas por barras de ferro.

*Que generoso da dona deixar os bichos de estimação viverem no porão...*

Ao passar diante das celas, Mia avistou feno fresco no chão e correntes de ferro. Globos arquêmicos brilhavam na parede. O alojamento cheirava a suor e merda, mas pelo menos era fresco. Os guardas os fizeram marchar até o fim do longo corredor, onde depararam com um grande quarto de banho, carregado de vapor. Mia e os companheiros entraram com a magistrae, enquanto os guardas esperavam do lado de fora. A mulher madura olhou-os com expectativa.

– Tirem as roupas – ordenou.

Outra garota de sua idade teria corado. Começaria a tremer, simplesmente recusaria. Mas Mia enxergava o próprio corpo como



uma arma, tão perigosa quanto qualquer espada. A tecelã Marielle lhe dera curvas afiadas o bastante para quase matar um homem, se Mia assim desejasse, e ela já tinha matado mais homens do que era capaz de contar.

Qual o problema de mostrar um pouco de pele agora?

Assim, ela arrancou os farrapos e as botas sem hesitar e ficou nua em meio ao vapor. Sidonius ainda estava grogue demais da surra para notar muita coisa, mas Mia viu Matteo contemplando seu corpo pelo canto dos olhos. A magistrae apontou para o banco de pedra perto da piscina. Mia viu lâminas, pentes e alguns sabonetes.

– Os gladiatii tomam banho juntos, comem juntos, lutam juntos – explicou a mulher. – Mas até que sobrevivam ao Winnowing, vocês cuidarão das próprias abluções. Lembrem-se bem do que digo: não tolerarei imundícies debaixo deste teto. E cuide desse cabelo, garota – a magistrae alertou, olhando para as madeixas compridas e sujas de Mia. – Se eu encontrar uma só pulga neles, vou mandar cortar tudo.

A mulher arqueou a sobrancelha como que convidando-os a fazerem perguntas. Após uns instantes de silêncio, fez uma breve vênica e disse:

– Volto em vinte minutos. Façam-me esperar e sentirão o gosto do chicote em recompensa.

A magistrae se retirou, os guardas permaneceram postados diante da porta, e Mia afundou na banheira com um longo suspiro. A temperatura estava maravilhosa, e a garota deleitou-se com a sensação, correndo as mãos sobre a pele. Jogando os cabelos para trás, ela enfim emergiu, piscando para tirar a água dos cílios. Fixou o olhar em Matteo e se levantou sobre a água apenas o suficiente para que seus seios ficassem à mostra acima da superfície. O garoto levou as mãos às partes numa tentativa frustrada de ocultar a crescente ereção e entrou na banheira.

– Quatro Filhas, você vai arrancar os olhos de alguém com isso aí – resmungou Sidonius. – Até parece que nunca viu um par de tetas antes.

Matteo mostrou os nós para ele e Mia se viu rindo. Ela estendeu a mão para pegar um sabonete de mel, pensando em como uma oferta de paz seria recebida. Os brutamontes costumavam baixar a crista quando você os fazia engolir a própria merda...

– Se você não fosse esse porco que é, Sidonius, eu até poderia te achar mais divertido.

– E se você não fosse tão babaca, eu conseguiria te achar mais atraente, pequeno corvo.

– Acho que consigo viver com essa desilusão.

O itreyano abriu um sorriso malicioso e tocou de leve o nariz quebrado. Embora Mia lhe tivesse dado uma surra, ele parecia não levar a questão para o lado pessoal, de modo que a garota chegou à

conclusão de que Sidonius era um daqueles sujeitos que lidavam com os sentimentos por meio da violência. O tipo de pessoa que entra numa taverna e cobre de pancadas o primeiro homem que o olhar atravessado, mas que, assim que a briga acaba, chama o inimigo de “irmão” e lhe paga uma bebida. Agora que ela lhe tinha dado uma sova, Sidonius aparentava estar mais gentil com ela. Embora Mia ainda não fosse capaz de dizer se o grandalhão, que começou a cutucar os pontos recentes pelo corpo, queria comê-la ou matá-la.

– Quem deu os pontos? – ela perguntou, tirando a espuma dos olhos. – A menininha?

– Foi – confirmou Sidonius. – Chamam de Larva.

– Que nome é esse?

O grandalhão afundou na água até o queixo.

– Sei lá. Mas ela é rápida na agulha. O que é bom, porque ela vai ter muito ponto pra dar depois do Winnowing.

Matteo enfim tirou os olhos dos peitos de Mia e franziu a testa.

– O que é esse Winnowing, afinal?

Sidonius caçou.

– De onde você é, garoto?

– Ashkah. Perto de Cataratas de Areia.

– Não tem arena lá?

Matteo balançou a cabeça.

– Eu nunca tinha visto o mar até um mês atrás. Nunca tinha nem deixado a minha aldeia. E agora estou aqui, trancafiado com porcos itreyanos e dweymeris selvagens.

– Olha a boca – alertou Sidonius com uma sobancelha arqueada. – Eu sou itreyano.

– É – disse Mia. – E o garoto mais nobre que eu conheci era dweymeri.

Sidonius concordou com a cabeça.

– Melhor você soltar essas merdas na privada, menino da roça.

Matteo balbuciou um pedido de desculpas e ficou calado. Minutos depois, o garoto se atrapalhou com o sabonete, deixou-o cair e começou a procurar por ele na água.

– Como você veio parar aqui? – perguntou Mia afinal.

O garoto deu de ombros; o vapor fazia suas mechas escuras grudarem-se na pele.

– Meu velho me vendeu. Dívida de jogo. Me chutou por falta de dinheiro.

– Pelo pinto de Aa! – exclamou Sidonius. – E pensava que *eu* era um desgraçado sem coração.

– Você até que sabe usar uma espada – disse Mia. – Onde aprendeu a lutar?

– Meu tio. – Matteo passou a mão no cabelo; Mia observava

casualmente os músculos do garoto se esticarem no braço enquanto desembaraçava as mechas. – Eu ia me alistar na legião. Tinha a esperança de ser mandado para uma cidade grande uma viragem. Sempre quis ver a Cidade das Pontes e dos Ossos.

– Talvez você veja – disse Mia. – O *venatus magni* acontece em Godsgrave.

– O que é isso?

– Os maiores jogos no calendário – respondeu Sidonius. – Acontecem na vernaluz, quando todos os olhos de Aa estão abertos no céu. As bolsas são uma fortuna para o sanguila que ganha. E o gladiatii vencedor do *magni* pode ficar com o melhor prêmio de todos.

A esperança brilhou nos olhos castanhos e fundos de Matteo.

– A liberdade?

O itreyano fez que sim.

– Um gladiatii consegue comprar a própria liberdade se ganhar dinheiro o bastante. Mas o gladiatii que vence o *magni* recebe a liberdade das mãos de deus.

O garoto franziu a testa, confuso; claro que ignorava o que aquilo queria dizer. Sidonius fez uma cara de tédio e retomou:

– Conhece a história do mendigo e do escravo?<sup>20</sup>

– Conheço.

– Bom, em honra ao Deus da Luz, durante a veratreva todos os mendigos de Godsgrave comem na conta da República. E o ganhador do *magni* recebe a liberdade do grão-cardeal em pessoa. Vestindo apenas farrapos, que nem Aa no Evangelho.

Sidonius inclinou-se para a frente, os olhos brilhando.

– E depois, como se isso não bastasse, a porra do *cônsul* te entrega os louros da vitória. Dá para imaginar? A multidão vai ao delírio. Aquele desgraçado do Duomo vestido de mendigo, e aquele cabaço do Scaeva chupando as suas bolas na frente da arena inteira. – Sidonius sorria feito um louco. – Todas as mulheres de Godsgrave vão saber o seu nome. Você vai nadar em pererecas pelo resto da vida, menino da roça.

Mia olhou para as ondas na água ao seu redor. Imaginou, como vinha fazendo por meses, o grão-cardeal Duomo ao alcance do seu braço, vestido apenas com os farrapos de um mendigo.

Sem catedral ao redor.

Sem vestes sacras sobre os ombros.

*E sem trindade pendurada no pescoço.*

E, ao lado dele, o cônsul Scaeva, estará à espera, com a coroa de louros na mão...

– E só o que eu preciso fazer é ganhar o *magni*? – perguntou Matteo. Sidonius caiu na gargalhada.

– Só? É, você só precisa fazer isso. Só ganhar os maiores jogos da

República. Contra os melhores gladiatii debaixo dos sóis. Este colégio não ganhou nem uma *vaga* nos grandes jogos ainda.

– E como a gente ganha uma vaga?

– É difícil – suspirou Mia. – Um colégio com vitórias suficientes até a veraluz pode mandar gladiatii para o *magni*. Mas parece que essa é a primeira temporada de competições da nossa domina, e tudo indica que ela só tem um vitorioso entre os seus – Mia disse com desprezo. – Furian.

– E nós três estamos bem longe da arena por enquanto – resmungou Sidonius. – Antes de sermos considerados gladiatii, temos que sobreviver ao Winnowing.

– Então é hora da explicação – exigiu Matteo. – O que é o Winnowing?

– Uma peneira – respondeu Sidonius. – Fazem isso antes de todos os jogos mais importantes até o *magni*. Para separar o joio do trigo.

– Ninguém sabe qual vai ser o formato do Winnowing – explicou Mia. – Os editorii mudam o formato toda vez. Mas o próximo é daqui a duas semanas. Em Pontenegra.

Matteo engoliu em seco, os músculos do queixo tremendo.

– Mas se não sabemos qual vai ser o formato, como nos preparamos?

– Você reza? – perguntou Mia.

– Rezo.

Ela deu de ombros.

– Eu começaria por aí, se fosse você.

---

18 Os braavi são coletivos de gangues responsáveis por boa parte da atividade criminal em Godsgrave: prostituição, incêndios, violência organizada. Embora sejam uma pedra no sapato dos reis e dos senadores de Itreya há séculos, a história da cidade está repleta de episódios sangrentos em que vários líderes locais tentaram (e não conseguiram) expulsar os bandidos de seus redutos tradicionais nas partes baixas de Godsgrave.

Foi o cônsul Julius Scaeva que teve pela primeira vez a ideia de pagar um estipêndio oficial aos braavi mais poderosos, e o primeiro pagamento foi tirado da fortuna pessoal do político. Desde então, a cidade tem gozado de um longo período de paz e estabilidade, e Scaeva viu sua popularidade disparar.

Como Mia afirmou tão memoravelmente na nossa primeira aventura, o dito “Senador do Povo” é um completo canalha, nobres amigos.

Mas não é um canalha burro.

19 Tradicional taberna no baixo oeste de Godsgrave, que trocou de nome um incrível número de vezes. Originalmente chamada de O Fogo de Baixo, a primeira proprietária foi uma cafetina aposentada que encarava de uma maneira bem positiva as enfermidades que os muitos anos de labuta lhe trouxeram. Comprado por um monarquista ferrenho anos mais tarde, foi rebatizado de O Rei de Ouro, um pouco antes da queda de Francisco XV. Depois do brutal assassinato do bom rei, o bar passou a se chamar O Tirano Morto, um gesto que a maior parte dos moradores da região achou genial para caralho.

Décadas depois, uma penca de sucessivos proprietários rebatizou a taverna de O Monge Bêbado, O Peito da Filha, o divertido, mas inexplicável Sete Gordões (os

proprietários eram apenas dois à época, e nenhum deles era especialmente obeso). Por fim, o lugar foi comprado por um líder braavi chamado Guiseppe Antolini e por sua nova esposa, Livia, e renomeado de Jura de Amor.

Guiseppe, porém, desapareceu logo depois da compra do bar, e Livia se tornou a única proprietária da estalagem e líder da gangue, tomando para si a alcunha de “A Dona” e dando à taverna o nome de Comida do Cão. Correm boatos de que ela teria descoberto que seu amado estava se engraçando com uma das atendentes, e, segundo dizem as fofocas, ela decepcionou o seu membro e o deu para o seu cão, Oli.

Os boatos sendo verdadeiros ou não, deve-se destacar que a primeira visão a saudar os clientes à entrada do estabelecimento é um cão bem nutrido sentado em frente à lareira e uma faca de carne afiada pendurada sobre o balcão.

20 Uma parábola dos Evangelhos de Aa. Na sua sabedoria, num belo fim de semana, o Deus-Luz resolveu testar a virtude dos seus súditos. Assim, vestiu-se de mendigo e sentou-se à entrada do grandioso templo em sua honra, vestindo farrapos e com um pires para esmolas diante de si.

O rei passou com sua coroa de ouro e o mendigo lhe implorou por uma moeda. Mas o rei disse não.

O cardeal passou com sua túnica de seda e o mendigo implorou de novo. Mas o cardeal não lhe deu nada.

Então apareceu um escravo, e, na sua sabedoria, Aa não lhe pediu nada, pois o homem não tinha coisa alguma para dar. Mas ao ver a situação do mendigo, o escravo tirou seu manto – sua única posse no mundo – e o pôs sobre os ombros do velho mendigo. E assim Aa desfez seu disfarce e se levantou, e o escravo caiu de joelhos, maravilhado.

– Levanta-te, peço – disse o onipotente Aa. – Pois mesmo na tua pobreza tiveste dignidade. E digo-te que jamais ficarás de joelho para homem algum de novo.

E o Deus-Luz concedeu a liberdade ao escravo. E o escravo gostou demais. E ninguém parou para perguntar o que o escravo planejava dar ao *próximo* mendigo que encontrasse se o primeiro não tivesse sido um deus; ninguém também parou para pensar que não era uma política pública muito boa que os reis circulassem por aí dando o dinheiro dos contribuintes para os desvalidos quando a infraestrutura pública tinha tanta necessidade de reparos, nem se o criador do universo não tinha nada melhor para fazer numa tarde de fim de semana do que descer à terra e foder com a vida das pessoas.

Pfft.

Parábolas.

# Capítulo 9

## Passos

Mia caminhava devagar, equilibrando a bandeja sobre a palma da mão. Outras garotas passavam por ela no corredor, carregando bebidas, tigelas de erva-do-sono roxa ou frascos de tinta. A camisa tinha ficado no quarto, mas Mia ainda vestia as calças por baixo do vestido e do corpete, com a espada, a adaga e a bolsa de vidro-falso amarradas às coxas. Avançava cuidadosamente pelo corredor, na esperança de transmitir uma imagem de compostura, não de alguém com um pequeno arsenal cutucando suas partes íntimas.

Ela chegou à escada no fim do corredor e passou feito uma brisa, sem dizer nada, por entre as duas torres de músculos no patamar. Um deles disse algo à sua passagem, fazendo-a parar no ato, gelada.

– Boa viragem, Belle.

Ela tinha prendido a máscara dourada de cortesã no rosto e colocado a peruca branca de Belle na cabeça. Tinha um ou dois dedos de altura mais do que a criada, e era mais musculosa, mas as curvas eram mais ou menos as mesmas, e era nelas que o brutamontes mantinha os olhos.

– Lazlo – ela disse, com uma pequena reverência.

“Um burro”, Belle tinha lhe dito. “Dê um pouco de trela que ele deixa você passar.”

– Impressionante como sempre – ele elogiou. Mia sorriu.

– Aonde você vai com isso? – o segundo homem perguntou, de olho na bandeja.

“Dario”, Belle tinha alertado. “Gente ruim. Só que ainda mais burro do que Lazlo.”

Mia espichou a cabeça para o alto da escadaria.

– Toliver e Vespa pediram uma garrafa para a Dona.

Dario olhou para Lazlo e começou a murmurar:

– Não é pra gente deixar ninguém subir até...

– Pelo caralho de Aa, cara, deixe a menina – disse Lazlo. Em seguida, correu o dedo pelo braço de Mia, e a garota teve que se segurar para não arrancá-lo até o ombro. – Pode subir, pombinha.

Arrepiada por ouvir um homem barbado chamar uma menina de catorze anos de “pombinha”, Mia subiu a escada com cuidado. Pelo que Dario tinha dito, o mapa ainda não tinha sido entregue, mas o vendedor devia chegar logo. Mia podia ouvir a chuva no telhado agora, enquanto caminhava por um corredor impecável, decorado com nus de homens e mulheres bonitos. Uma porta dupla ladeada por dois guardas aguardava-a ao fim do corredor, e graças ao reconhecimento de Eclipse, Mia sabia que o escritório da Dona ficava depois dela.

– ...CINCO HOMENS E O SEU ALVO ESTÃO LÁ DENTRO... – veio um rosnado aos seus pés.

– ...embora um deles não vá ser muito problema...

Quatro homens, mais a Dona, mais quem quer que o vendedor do mapa trouxesse.

Mãe Negra, eles não facilitam, não é?

Mia tinha pensado que talvez fosse melhor esperar num cômodo lateral até o vendedor aparecer, mas os guardas à porta do escritório estavam com os olhos fixos nela.

– Eclipse – ela murmurou –, desça as escadas e procure o nosso vendedor.

Sentindo sua sombra ondular, a garota ajeitou a peruca e caminhou decidida até o escritório.

– Maxis, Donato, boa quasinoite – disse sorridente, com uma pequena reverência.

– Belle, você não devia es...

Antes que Donato fosse capaz de concluir a primeira objeção, Mia bateu na porta com o pé. Num instante ela se abriu, e a garota deparou com um dweymeri alto, com o rosto coberto de tatuagens bem-feitas e o peito largo envolto num colete de primeira com botões de ouro. Ele fechou a cara para os dois guardas à porta.

– Achei que eu tinha dito que não queríamos visitantes até ela chegar.

– Eu tentei impedir. A culpa é do imbecil do Laz...

– Quem é? – perguntou uma voz baixa e musical de dentro do escritório.

Com um último olhar fulminante para os guardas, o dweymeri respondeu por cima do ombro.

– Belle. E bebida.

– Quatro Filhas, mande-a entrar. Sou capaz de beber o Mar das Estrelas. O capanga braavi encarou Mia por um instante antes de abrir passagem.

Mia, de novo, avançou como uma brisa<sup>21</sup>, reparando no florete e na adaga embainhados na cinta do braavi. Do lado de dentro havia um grande toucador, com três outros capangas braavi perto das paredes. Embora todos se vestissem como janotas medulares, cada um portava um pequeno arsenal. Quadros chiques estavam pendurados na parede e seda vermelha fora drapejada sobre todas as superfícies. Uma cama grande dominava o cenário, e um belo jovem dormia sobre ela.

– Ponha aqui, Belle. E seja rápida, amor.

Uma figura nas sombras falou numa voz baixa e sombria que Mia enfim identificou como feminina. Quando a interlocutora veio para a luz, Mia viu os cabelos escuros, as têmporas bem marcadas. Ela usava um monóculo preso por uma corrente prateada ao redor do pescoço, e estava enfiando uma camisa de seda elegante por cima da cabeça. Mia imediatamente a reconheceu do esboço no pergaminho de Solis: era a Dona, líder dos Duros.

– Não ligue pra ele, vai ficar um tempo apagado. – A Dona sorriu,

acenando com a cabeça para a figura que cochilava na cama. – Os homens de hoje não têm nenhuma resistência.

Mia soltou uma risadinha educada e pôs a bandeja onde o homem tinha ordenado. Os guardas mal prestavam atenção nela: dois estavam próximos o bastante para serem pegos pela explosão de vidro-falso, e ela era capaz de manter ao menos um deles parado com a sua sombra. O docinho na cama não seria problema. Com cinco passos curtos ela podia abrir a garganta da Dona. Tudo dependia de quem o vendedor trouxesse consi...

– ... ELA ESTÁ VINDO... – sussurro Eclipse no ouvido de Mia.

– Dona – chamou um dos guardas. – Temos companhia.

A líder braavi acenou com a cabeça e gesticulou para que Mia fosse para o canto.

– Fique parada ali feito uma planta e pareça misteriosa, amor. Mas plantas não falam, certo?

Mia fez que sim e recolheu-se nas sombras. Ouviu breves murmúrios na porta do toucador e um trovão estourando do lado de fora. Uma figura passou pelos guardas, vestida em um traje solto e cinzento, um pouco molhada por causa da tempestade. Era baixa, mas claramente feminina. O rosto estava coberto por um capuz, que deixava entrever um par de cintilantes olhos azuis entre as dobras do tecido. Tinha uma grande variedade de lâminas presas ao corpo, e Mia sentiu o coração bater mais rápido ao notar o estojo de mapa de madeira pendurado sobre o ombro.

– Muito bem – disse a figura. – Tudo muito bacana e dramático, não é?

– Você veio sozinha – observou a Dona.

– Eu trabalho assim – respondeu a figura, circulando pelo ambiente. As palavras saíam abafadas pelo capuz, mas alguma coisa...

Os olhos.

A voz...

Não podia ser...

A figura lançou um olhar para o jovem nu na cama, depois para Mia com o seu espartilho apertado demais.

– Bela vista – comentou. – Mas está meio lotado, não?

– É assim que eu trabalho – respondeu a Dona. – E tenho duas regras de ouro na vida, baixinha. Nunca confie num homem que fala da própria mãe sem carinho e nunca confie numa mulher que esconde o rosto sem motivo.

A figura revirou os olhos, mas tirou o capuz, soltando suas longas tranças loiras. E, enquanto um nó atrás do outro se formava no estômago de Mia, baixou o capuz e revelou um rosto que Mia conhecia quase tão bem quanto o seu próprio.

Um relâmpago atingiu a terra e as unhas de Mia enterram-se na palma das mãos.

Pela Mãe Negra...

Era Ashlinn Järnheim.

Da última vez que se viram, estavam frente à frente numa rua poeirenta



de Última Esperança. A invasão luminatii fracassara, o justicus estava morto. Mas uma trindade no pescoço de Ashlinn manteve Mia afastada tempo suficiente para que a loira fugisse.

E agora ela estava em Godsgrave.

Justo com o item que tinham mandado Mia roubar...

Que abismos está acontecendo aqui?

– Você tem o mapa? – perguntou a Dona.

– Você tem o dinheiro? – rebateu Ashlinn.

A Dona acenou com a cabeça para um guarda, que atirou uma bolsa tilintante na direção da garota. Ashlinn a agarrou no alto, puxou o cordão para abri-la e tirou uma única moeda. Não era mendigo de cobre, não era sacerdote de ferro, mas...

Ouro.

Mia balançou a cabeça.

Deusa, uma fortuna...

– Agora – disse a Dona. – A sua parte no trato, fazendo o favor.

Ashlinn tirou o estojo com o mapa do ombro e o atirou para a Dona. A mulher abriu uma das pontas com um leve estalo e puxou um pedaço de velino um pouquinho para fora do estojo. Mia conseguiu entrever uma escrita estranha e um símbolo em forma de foice no canto.

– Bom – suspirou Ashlinn –, está tudo muito agradável, mas notei uma bela ruiva lá embaixo, então é melhor eu...

A frase de Ashlinn foi interrompida pelos guardas à entrada, que fecharam a porta num gesto dramático. Mia balançou a cabeça, pensando se pegava primeiro o vidro-falso ou a espada. Decidiu-se pela arquemia, xingando Ashlinn pela tolice de entrar num covil de braavis e falar como se mandasse no lugar. Será que ela realmente pensava que ia acabar de outro jeito?

A tola em questão lançou um olhar por cima do ombro, os olhos azuis apertados.

– Será que você pode pedir para os seus rapazes chiques me deixarem ir, Dona?

– Receio que não – respondeu a líder braavi. – O grão-cardeal foi bem específico sobre o que fazer com você depois que as moedas trocassem de mãos.

O coração de Mia disparou às palavras da Dona.

O cardeal Duomo? Como ele entrou na história?

Outro trovão ribombou do lado de fora, e a luz dos raios piscou por entre as frestas da cortina. A Dona se encostou na escrivaninha e abriu um sorriso.

– Confesso que estou surpresa, baixinha. Você facilitou demais as coisas. Duomo tinha me dito que você e o seu pai eram afiados que nem navalha.

– Ouvi o mesmo de você – disse Ashlinn, com os olhos nos capangas braavi que agora se posicionavam à sua volta. – Imagine que frustração a

minha.

– Não tema, porque não vai durar muito – sorriu a Dona.

Ashlinn inclinou a cabeça para o estojo nas mãos da Dona.

– Você sabe pra onde esse mapa leva?

– Não. Não meto o nariz no que não é da minha conta.

– Talvez você queira repensar isso – retrucou Ashlinn, sorridente. – Porque um enxerido talvez tivesse dado uma olhada no fundo falso do estojo que lhe entregaram. E uma pessoa que não amasse tanto a própria voz teria ouvido a faísca que acendeu o pavio da bomba-caixão lá dentro.

A Dona arregalou os olhos. Ashlinn se jogou para o lado, e Mia quase não teve a presença de espírito de pular para trás da cama antes que o estojo do mapa explodisse com um estrondo de romper os tímpanos. A Dona voou para o outro lado do cômodo e morreu antes de atingir o chão. Três guardas foram pegos na bola de fogo arquêmica que se produziu: o dweymeri saiu correndo pela porta com o colete em chamas, enquanto os outros capangas pulavam de um lado para o outro como tochas de palha.

O escritório encheu-se de uma fumaça sufocante, e a cabeça de Mia latejava por causa da explosão.

– Pelos dentes da Fauce – ela soltou enquanto tentava se levantar.

– ...MIA...!

– ...você está bem...?

Ashlinn destapou os ouvidos e se ergueu. Em seguida agarrou o seu saquinho de ouro, puxou uma faca da cinta e a cravou no braço que gemia no chão perto de si. Satisfeita porque a Dona já estava morta, a loira rapidamente deu cabo de todos os guardas que ainda estavam se mexendo e se voltou para a criada estirada ao lado da cama com o seu vestido de chiffon chamuscado.

– Minhas desculpas, mi dona, mas eu...

Mia se virou para cima. Sua máscara tinha sido arrancada pelo impacto da explosão, seus ouvidos zuniam e a visão estava embaçada. Senhor Simpático materializou-se em seu ombro e Eclipse aos seus pés, com as presas translúcidas à mostra num rosnado que fazia o chão vibrar.

– Sangue e abismo – sussurrou Ashlinn.

Os olhos azuis como um céu vazio, antes fixos no gato de sombras no ombro de Mia, agora focavam a sua dona.

– Mia?

– Caralho, pelas Quatro Filhas... – veio outra voz.

Mia forçou a vista através da fumaça e viu Lazlo, Dario e três outros Duros à porta do escritório, todos contemplando o massacre, horrorizados. Os olhos de Dario deram com o cadáver da líder da gangue. Os de Lazlo, com a figura de cinza.

– Matem ela! – berrou um dos capangas.

Sem uma palavra, Ashlinn disparou em direção à janela, arremessando uma adaga que espatifou o vidro. Os Duros investiram todos ao mesmo

tempo e, mais por instinto do que por precaução, Mia enfiou a mão por baixo do vestido e jogou um dos globos brancos de vidro-falso aos pés deles. A esfera arquêmica estourou com um estrondo, e uma nuvem espessa de Desmaio logo envolveu os capangas.

Ashlinn abriu a janela com um chute e agarrou-se a uma corda de seda atada a uma gárgula de pedra no alto. Sem olhar para trás, subiu pela parede e desapareceu.

Mia levantou-se com pernas trêmulas, a cabeça ainda girando, e ziguezagueou até o peitoril. Ela usava um espartilho apertado e um vestido longo; não era o melhor traje para escalar as paredes de um bordel, mesmo sem traumatismos. Mas, impávida como sempre, agarrou a corda e balançou-se sobre a queda de cinco andares, aterrissando um pouco torta no telhado bem a tempo de ver Ashlinn saltar para o bordel vizinho.

– Eclipse, vá chamar Jessamine! – ela ordenou. – Senhor Simpático, comigo!

A loba de sombras desapareceu enquanto Sr. Simpático disparava pelo telhado atrás da presa. Sacudindo a cabeça para se livrar do zumbido, Mia seguiu no encalço de Ashlinn. Verdade fosse dita: suas botas não tinham sido feitas para uma perseguição, e a chuva tornava as telhas tão traiçoeiras quanto a cobra que ela perseguia. Quando Ashlinn desceu do telhado do bordel com um salto, Mia foi forçada a parar deslizando, e xingou enquanto retalhava a própria saia com sua adaga de ossário para poder correr mais depressa.

A cabeça de Mia estava em parafuso. Fazia oito meses desde a última vez que tinha posto os olhos em Ashlinn Järnheim, e ela quase não conseguia acreditar que a garota estivesse ali naquele momento. Ela e o pai tinham feito uma aliança com o justicus Remus para acabar com a Igreja Vermelha. E agora ela estava de conluio com o grão-cardeal?

Mia afastou as perguntas da mente, rasgou o resto da saia encharcada e continuou a correr. Do alto do telhado do bordel, avistou Ashlinn aterrissando na rua, longe demais para que ela pudesse segurar a sombra da garota. Sem medo da queda, ela saltou por cima do beiral e foi descendo, pulando de janela em janela, os dedos brancos contra a pedra escorregadia de chuva. Quando pisou no calçamento, disparou pelas ruas de Godsgrave rumo à Ponte das Lágrimas<sup>22</sup>.

Ashlinn corria como se a própria Mãe estivesse no seu encalço, enveredando pela multidão como fumaça. Mia disparava atrás, chegando a perdê-la de vista pelo menos duas vezes ao virar para o lado errado no labirinto de canais e ruelas de curvas fechadas. Mas Sr. Simpático flutuava de um telhado para o outro, saltando por sobre toldos e frontões como o vento e gritando mais alto do que a tempestade de verão:

- ...esquerda, esquerda...
- ...a rua depois da mercearia...
- ...não, a outra esquerda...

Mia saiu numa rua principal, deslizando por baixo do eixo de uma carroça e desviando dos punhados de polichinelos que Ashlinn jogava para trás.<sup>23</sup> Passou por fileiras e mais fileiras de casas, templos com janelas como olhos vazios, pontes estreitas e canais sinuosos. Elas se aproximavam do bairro medular de Godsgrave agora, as Costelas erguidas contra os céus tempestuosos. Ashlinn se enfiou num beco sem saída e foi pulando de parede em parede, puxando-se para cima sobre o vidro quebrado no alto.

Mia foi atrás, cortando as palmas das mãos. Ash de novo corria pelos telhados, o barro das telhas traiçoeiro por conta da chuva. Saltando através dos vãos entre um telhado e outro, Mia quase escorregou quando uma telha se partiu sob as botas encharcadas. Se caísse, sairia com a perna quebrada no melhor dos casos; no pior, com a coluna partida.

Carvalho, onde estão Eclipse e Jessamine?

Mia viu a Basílica Grande assomar adiante: uma obra-prima gótica de pináculos de mármore e vitrais. A trindade dos sóis luzia em cada janela, brilhava em cada campanário. Mia não conseguiu conter a lembrança da veraluz quando tinha catorze anos: as dezenas de homens que assassinara na sua tentativa fracassada de matar o cônsul Scaeva. Ash sabia da fraqueza de Mia perante símbolos sagrados do Onividente; era óbvio que tinha a esperança de que o terreno da basílica fosse santo o suficiente para repelir a sombria que a perseguia.

Garota esperta. Mas não é assim que funciona...

Ash levou a mão ao cinto, pegou outro arpéu atado a um fio e o lançou em uma calha da basílica; em seguida, balançou pelo vão e se puxou para o telhado. Mia apertou o passo, na esperança de saltar até lá, mas mesmo com Sr. Simpático devorando seu medo, ela percebeu que o vão era amplo demais. Parou com tudo na beira do telhado onde estava, de onde avistou Ashlinn escalando as telhas do templo. Resfolegava. O coração martelava no peito.

Mia puxou uma faca da bota e mirou. Tinha envenenado as lâminas com Desmaio, de modo que mesmo um arranhão bastaria para fazer a garota cair feito um saco de tijolos. Mas por mais que quisesse, Mia se deu conta...

Preciso dela com vida.

Baixou a faca e olhou para a rua de paralelepípedos dez metros abaixo. Um noviço que circulava pelas imediações da catedral levantou os olhos e a viu. Abriu a boca em surpresa.

– Merda... – ela murmurou.

– ...uma distância dessas não devia ser problema para você...

Mia olhou para o gato de sombras a seus pés. Então de novo para o vão.

– Não consigo pular tão longe. É impossível.

– ...não faz muito tempo que você desceu do topo da pedra filosofal até a ilha de godsgrave e esta mesmíssima catedral. saltou pela cidade como uma criança salta sobre poças d'água...

– Era veratрева, Senhor Simpático.  
– ...você fez o mesmo na montanha silenciosa...  
– Fiz, mas a luz dos sóis nunca brilhou dentro daquele lugar.  
– ...está chovendo. os olhos de aa estão escondidos atrás das nuvens...

– Você não percebe que não sou muito forte aqui fora?

O não-gato suspirou e balançou a cabeça.

Ashlinn tinha alcançado o ponto mais alto do telhado da catedral e se virou na direção de Mia. Seu cabelo loiro, mais longo do que era antes, estava encharcado de chuva e grudado à sua pele bronzeada. Os belos olhos eram azuis como um céu ensolarado. Mia sentiu os dedos fecharem-se em punhos, lembrando-se do que aquela garota tinha feito com Tric.

Ashlinn sorriu. Levou dois dedos aos olhos e depois os apontou para Mia do outro lado do vão, usando os sinais de Deslândia.

Estou te vendo.

E com um sorrisinho, a vaaniana soprou-lhe um beijo.

Então veio a raiva. Ela viu Ashlinn subindo rumo ao campanário principal da basílica. Senhor Simpático ainda era capaz de segui-la; Mia podia descer para a rua e correr. Mas Ash tinha aberto uma distância longa entre elas, e a verdade era que todas as cigarrilhas que Mia vinha fumando ultimamente não eram uma grande ajuda ao seu condicionamento.

Ela estava enjoada de correr.

Muito bem, que se foda.

Mia estendeu o braço sobre o vão, sob aquele céu turvo e cinzento. Não conseguia distinguir as sombras com a luz dos sóis velada, mas ainda era capaz de sentir dois dos olhos de Aa ardendo no alto. A fina película de nuvens e chuva não era o bastante para refrear a fúria de um deus, e Mia a sentia queimar sua nuca. Ainda assim...

Ainda assim...

Ela conhecia as trevas. Sua canção. Lembrava-se de como elas eram na veratрева. Infiltradas nos poros da cidade, empoçadas nas catacumbas sob sua pele. A escuridão que ela projetava sob os próprios pés, a escuridão que vivia dentro do seu peito, do seu ventre, de todos os lugares que a luz nunca tocara. E com dentes cerrados, trêmula, ela atingiu esses pontos tenros e vazios, esticou a mão para a sombra do campanário

e caminhou

através

do espaço vazio

até lá.

Mia vacilou, tomada de uma vertigem crescente, com vômito na garganta. Balançando para trás, cambaleou enquanto o mundo inteiro girava sob si, e quase caiu para a morte na cerca de ferro fundido lá embaixo. Percebeu então que estava no telhado da basílica, a chuva

alisando as telhas sob seus pés. Piscava forte e tentava recuperar o equilíbrio quando Ashlinn surgiu da luz ofuscante com uma adaga na mão.

– ...mia...!

Ela mal conseguiu se esquivar, dobrando-se para trás enquanto a lâmina cortava o ar. Mia ergueu a espada de ossário e tentou se endireitar. Tinha bile na boca. Suor nos olhos.

– ...mia...!

Ash investiu de novo, forçando as costas de Mia contra a parede do campanário. Mia ergueu a espada na posição de guarda, resfolegando e piscando e tentando fazer o mundo parar de girar.

– Apreendeu uns truques novos, querida? – sorriu Ashlinn, adaga na mão.

A garota baixou a mão e a enfiou dentro da bota. Levou um tempo, mas finalmente achou o que queria e sacou uma corrente comprida de ouro, acertando um chute ardente no estômago de Mia.

A trindade de Aa.

Mia sibilou como se a tivessem escaldado. Senhor Simpático gemeu e disparou pelos telhados. Os sinos da basílica começaram a soar as horas, acompanhados por aqueles das inúmeras outras catedrais espalhadas pela Cidade das Pontes e dos Ossos. Mia caiu de joelhos, vomitando. A agonia quase a fez gritar, a visão daqueles três sóis – platina, ouro-rosa, ouro amarelo – quase a cegou. Ela voltou a apoiar-se contra o campanário, as mãos erguidas para proteger os olhos daquela luz terrível e ardente.

– Parece que os velhos truques ainda funcionam, então – disse Ashlinn.

Os sinos se calaram, a chuva ainda caía. Ash olhou ao redor e para baixo, além da calha da basílica. Outro noviço de Aa estava no pátio agora, apontando com o companheiro para as garotas no telhado.

– Bom ver você, Mia – disse Ash com suavidade.

– V... vai se f... fod...

– Eu me perguntava se Drusilla ia te mandar atrás de mim. Acho que, dentre todos, você é a que me conheceu melhor. – Ash girou o símbolo sagrado nos dedos. – Guardei isso aqui, só para garantir. Mas diga àquela puta velha carcomida que, se ela quer me ver morta, é melhor vir pessoalmente. Porque com certeza eu vou atrás dela. E de todo aquele bando de merdas.

Ash pendurou o medalhão no pescoço, uma silhueta delineada por aquele ódio terrível e cáustico. A fúria de um deus, que queimava as vistas de Mia.

– Pena que foi você, Mia – suspirou Ash. – Sempre gostei de você. Merece mais do que aquele lugar. Aquelas assas...

A adaga acertou o ombro de Ashlinn. O sangue jorrou, reluzindo vermelho por entre as gotas de chuva. Ash virou para o lado. Outra adaga passou zunindo por sua bochecha e cortou um cacho de seu cabelo.

– Traidora!

E enquanto o cacho loiro caía, rolando em direção às telhas, Jessamine

*ergueu-se por cima da calha e voou na direção de Ashlinn com o florete em punho.*

O cheiro de comida quente foi ao encontro deles assim que subiram do porão.

A magistrae tinha ido encontrá-los no quarto de banho em exatamente vinte minutos, carregando uma trouxa de roupas novas. Nem mesmo Sid foi burro o bastante para deixá-la esperando.

Assim que terminou de vestir todas as peças que lhe deram, Mia ficou com vontade de perguntar onde estava o resto do traje. Ela usava uma tanga de linho cinza acolchoado, com um cinto de couro para mantê-la no lugar. Os peitos foram enfaixados com outra tira cinza acolchoada, e sandálias de couro com cordões foram amarradas na canela. Seus companheiros tinham ainda menos roupa: apenas tanga e sandálias para Sidonius e Matteo, com braguilhas de couro reforçado para proteger as partes do pior que pudesse acontecer durante o treino. O clima na iminência da vernaluz era tão quente que a falta de pano não incomodaria ninguém. Mas o fato é que os trajes deixavam bem pouco para a imaginação...

Sidonius balançou a braguilha para os lados e comentou:

– Ouvi falar que é a última moda entre os medulares de Godsgrave este ano.

No ato, um guarda brandiu seu porrete e deu com ele na parte de trás das pernas de Sid. O grandalhão caiu com um grito.

– Pela última vez, você só fala na minha presença quando falarem com você – disse a magistrae. – Esqueça a sua condição mais uma vez e vou providenciar um lembrete digno. Não faz diferença ter ou não língua para morrer na arena.

Sidonius murmurou desculpas, e Mia o ajudou a se levantar com um suspiro. O itreyano não era a espada mais afiada que ela já conheceria, mas quem tem vida de cão não pode se dar ao luxo de escolher as pulgas.

Os guardas da casa levaram o trio escada acima até a varanda. Os gladiatii sentavam-se em bancos compridos, mandando para dentro tigelas e mais tigelas de mingau com todo o apetite de quem tinha passado a viragem suando sob os sóis escaldantes. A magistrae acenou com a cabeça para um magrelo com avental de couro que servia a comida. Tinha um olho torto, um único círculo marcado na bochecha e pouquíssimos dentes na boca. Mia tinha aprendido com a mãe a nunca confiar num cozinheiro magrelo. Mas de novo, vida de cão...

– Comam – ordenou a magistrae, jogando a trança comprida e grisalha para trás. – Vocês vão precisar de força amanhã.

Sidonius avançou até o cozinheiro como se cumprisse uma missão, e

Mia e Matteo foram atrás. A garota se deu conta de que não comia desde o dia anterior, mas, sob a fome, havia ainda a sensação fria de enjoo que ela tinha experimentado à tarde. Correu os olhos pelos rostos dos gladiatii e encontrou Furian na ponta do primeiro banco. O homem tinha trançado o cabelo preto e comprido e conversava com o dweymeri entre uma colherada e outra.

Ele levantou os olhos quando Mia entrou, e os desviou quase com a mesma rapidez. As perguntas queimavam na cabeça de Mia, acumulando-se por trás de seus dentes.

*Paciência.*

Ela seguiu Sidonius até a panela de mingau e pegou uma tigela de madeira, quase babando com o aroma da comida. O magrelo serviu uma colherada grande e displicente para Matteo.

– Ei, eu cheguei primeiro, seu palito de merda – resmungou Sidonius.

Uma mão carnuda empurrou o cozinheiro de lado. Mia reconheceu o enorme gladiatii liisio com cara de torta amassada que agora assumia a concha. A cabeça raspada exibia apenas um montinho de cabelo preto remanescente, como a crista de um galo. O rosto era bexiguento, o sorriso torto: e não torto de propósito, por malandragem. Parecia ser mais por ele ter caído de cara vezes demais quando era bebê ou coisa assim.

– Boa viragem, nobres amigos – ele saudou com uma reverência. – Bem-vindos ao Colégio Remus.

Sidonius cumprimentou com a cabeça e respondeu:

– Obrigado, irmão.

Mia reparou que todos os outros gladiatii estavam assistindo. Um arrepio a percorreu.

– Ah, não é nada – disse o cara de torta. – As pessoas me chamam de Carniceiro. O Carniceiro de Amai. – O liisio abriu um sorriso aos três. – Viagem longa desde os Jardins? Vocês devem estar com mais fome do que uma puta na fila do pão, hein?

– É – confirmou Sidonius. – Não comemos desde ontem.

– Ah, vocês verão como todas as suas necessidades serão satisfeitas agora. Não há lavagem melhor do que a da nossa domina em toda a República. – Ele coçou o queixo. – O mingau pode ser um pouco inosso, é verdade. Mas não temam que eu tenho o tempero certo.

O enorme liisio enfiou a mão na tanga com um sorriso. E sem mais delongas puxou o pinto e deu uma mijada demorada e ruidosa na panela de mingau.

Os gladiatii explodiram em gargalhadas, batendo nas mesas e gritando o nome do Carniceiro. O liisio olhou Mia direto nos olhos enquanto esvaziava as últimas gotas da bexiga na panela. Em seguida, olhou para Sidonius, com o sorriso completamente desfeito.



– Se me chamar de “irmão” de novo, mijó no seu jantar e te afogo nele. Meus únicos irmãos e irmãs por aqui são os *gladiatii* – disse Carniceiro, batendo no peito. – Enquanto vocês não sobreviverem ao Winnowing, não são *nada*.

Carniceiro voltou ao seu lugar a passos largos, ganhando diversos tapinhas nas costas durante o trajeto. Mia permaneceu parada com a tigela na mão e o fedor de urina fresca nas narinas.

– Acho que não estou com tanta fome como tinha pensado – ela admitiu.

– É – Sidonius disse. – Pensamos igual, pequeno corvo.

O trio encontrou um banco vazio, e Mia e Sidonius apenas assistiram aos outros *gladiatii* encherem a barriga. Depois de ver suas caras de velório, Matteo despejou uma colherada da própria comida na tigela de Sidonius e outra na de Mia. O itreyano observou o gesto incrédulo, ao passo que Mia olhou nos olhos de Matteo e perguntou:

– Tem certeza?

– Coma, mi dona – ele sorriu. – Tenho certeza de que você faria o mesmo por mim.

Mia deu de ombros, e ela e Sidonius devoraram a comida sem perda de tempo. O mastim enorme apareceu no refeitório e começou a cheirar por toda parte à procura de restos. Foi até Matteo, de olho na tigela agora vazia do rapaz, e balançou o cotoco de rabo.

– Desculpe, amigo – suspirou Matteo. – Se tivesse sobrado alguma migalha, eu daria para você.

Pelo canto do olho, Mia observava o garoto acariciar o cachorrão, coçando atrás da orelha dele e sorrindo quando o animal começou a bater a pata no chão.

– O nome dele é Canino – disse uma voz.

Mia levantou os olhos e viu a garotinha chamada Larva sentada nos caibros do teto. Ela se lembrava de escalar aquelas mesmas madeiras quando era criança, recebendo as broncas da mãe e as palmas do pai. Era sempre assim: o *justicus* Corvere divertia-se com as molecagens da filha enquanto a dona tentava moldá-la numa moça prendada apta a casar-se uma viragem. Mia se perguntou como teria sido a sua vida se as coisas tivessem sido diferentes. Onde ela estaria se o general Antonius tivesse se tornado rei pelas mãos de seu pai. Provavelmente ela não teria uma marca na bochecha nem o cheiro de mijó no nariz...

– Canino – disse Matteo, dando tapinhas nas espaldas do cão. – Belo nome.

– Ele gostou de você – disse a garotinha.

– Eu criava cachorros em casa. Levo jeito com eles.

Ele alargou o sorriso, os olhos brilhando. Era bonito demais para aquele lugar, com certeza. Mas Larva parecia aprovar o garoto, e mantinha a cabeça baixa para esconder as bochechas coradas

enquanto se retirava.

Com o fim da refeição, os gladiatii marcharam até o porão. Mia, Sidonius e Matteo seguiram por último. Ninguém lhes dizia uma palavra, a não ser para dar ordens, e ninguém lhes dava atenção a não ser para empurrá-los ou desprezá-los. Apenas algumas horas naquela vida de merda e a novidade já não interessava tanto assim a Mia. Ela começou a se perguntar onde estaria Sr. Simpático, se ele tinha conseguido chegar a Alvatorre e encontrar...

– Parece que o nosso campeão é bom demais para dormir com os plebeus – murmurou Sidonius. – Bicha capada.

Mia seguiu o olhar do itreyano e viu Furian ser escoltado para dentro da fortaleza em vez de ir para o alojamento.

A vaaniana encarou Sid com uma carranca.

– Eu ficaria de olho nessa língua, itreyano.

– As mulheres costumam me pagar uma bebida antes – retrucou Sidonius com um sorriso malicioso. – Mas tudo bem. Você pode ficar de olho nela se quiser, dona. Onde quer que eu ponha?

Mia olhou para o lado e suspirou. A garota agarrou Sidonius pela braguilha e apertou até ele grunhir.

– Na sua bunda, seu bostinha – ela disparou. – Furian, o Incaído, é o campeão deste colégio. Fale mal dele quando o vencer no *venatus*. Até lá, boca fechada, senão eu fecho para você.

– Andem! – bradou o guarda atrás deles.

A garota soltou as bolas de Sidonius e saiu batendo os pés escada abaixo. O itreyano se segurou em Mia, que, por ter dado naquela mesma viragem uma joelhada nas partes do rapaz, foi caridosa e o ajudou a andar.

– Você leva mesmo jeito com as mulheres, Sid – suspirou Matteo, apoiando o grandalhão pelo outro ombro.

– F-foi bem isso que a sua mãe disse – retrucou Sidonius entre gemidos.

Os gladiatii aguardaram na antecâmara e, com uma volta daquela chave estranha na maquinaria da parede, o rastrilho abriu-se para os alojamentos. Mia foi conduzida até uma cela grande coberta de palha fresca, com Sidonius e Matteo logo atrás. Assim que cada gladiatii entrou na cela designada, o guarda da antecâmara puxou uma alavanca. Cada uma das portas se fechou com tudo, as trancas da maquinaria voltaram ao lugar com um baque e, num instante, todos os guerreiros estavam presos atrás de uma grade de ferro com mais de três dedos de espessura.

Parecia que dona Leona tinha tanto amor pelos seus “Falcões” que não queria que nenhum escapasse da gaiola.

As luzes arquêmicas brilhavam baixo, os gladiatii conversavam entre si na penumbra. Mia ouvia o burburinho dos guerreiros, notando

a mistura de sotaques e timbres de voz. A dweymeri com as tatuagens enormes tinha a própria cela do outro lado do corredor, com paredes de pedra de verdade que lhe proporcionavam um pouco de privacidade. Por baixo da porta, Mia conseguia ouvir alguém cantar baixo.

Do nada, a conversa morreu e o silêncio caiu feito a neblina. Mia ouviu um conhecido *clinc-toc-clinc-toc* sobre o piso de pedra. Avistou a figura imponente do executus mancando por entre as celas, com o maldito chicote na mão. O cabelo comprido e grisalho estava ajeitado por cima dos ombros como uma juba, e a barba tinha sido recém-escovada. A cicatriz terrível que descia pelo rosto projetava uma sombra longa na sua expressão.

– Parece que passei tempo demais longe destas paredes – ele resmungou. – Se vocês têm força para sentar e conversar feito velhas fiandeiras, é obvio que não se exercitaram o bastante.

Ao passar pela cela de Mia, ele mal se dignou a olhar para ela. O executus voltou mancando até o rastrilho, os olhos azuis cintilando na penumbra.

– Descansem a cabeça, Falcões – gritou. – Amanhã a viragem vai ser longa, prometo.

O rastrilho se fechou rápido com um chiado de maquinaria. Mia balançou a cabeça e resmungou consigo mesma. Sidonius também murmurou, com a voz mais grossa por causa do nariz quebrado:

– Tomara que eu tenha uma chance no círculo com esse bastardo amanhã. Vou arrancar a prótese dele e comer sua bunda enquanto o corpo ainda estiver quente.

– Você vai precisar ter pau pra fazer isso, covarde.

A farpa veio do outro lado corredor. Mia levantou os olhos e deu com Carniceiro, o destruidor de mingaus, observando-os por entre as barras da sua jaula. O rosto era dominado pelo nariz torto e a pele bexiguenta, e o corpo era uma coleção de retalhos de cicatrizes.

Sidonius olhou feio para o gladiatii.

– Me chame de covarde de novo e eu mato você e toda a sua família de merda.

– Pode falar à vontade, criança. – Os lábios de Carniceiro se torceram num sorriso horrível. – Você vai ver o quanto valem suas palavras quando entrar no círculo com o executus.

– Pfff, você acha que eu não dou conta de um cachorro velho que nem ele?

Carniceiro balançou a cabeça.

– Você está falando de um dos maiores gladiatii que já pisou nas areias, seu imbecil. Ele vai te mastigar e usar seus ossos para palitar os dentes.

Sidonius piscou, surpreso.

– Quê?  
– Você nunca ouviu falar do Leão Vermelho de Itreya?  
– Sangue e abismo. – Mia olhou para o portão pelo qual o executus passara. – Ele é o *Arkades*?

Matteo esfregou os olhos e se sentou.

– Quem é *Arkades*?

Carniceiro bufou de escárnio.

– Que bando mais sem noção...

– O chamado Leão Vermelho – disse Mia.

– O executus era um escravo como nós? – perguntou Matteo.

– Não como você, seu merda imprestável – rebateu Carniceiro. – Ele era gladiatii.

– Vencedor do *venatus magni* doze anos atrás – disse Mia, com uma voz sussurrada cheia de admiração. – A *ultima* era uma espécie de todos contra todos. Soltaram todos os gladiatii inscritos nos jogos na areia para a disputa final. Um guerreiro por minuto até a matança acabar. Deviam ser quase duzentos.

– Duzentos e quarenta e três – precisou Carniceiro.

– E o executus matou todos? – admirou-se Matteo.

– Não sozinho – disse Mia. – Mas foi o único de pé quando a carnificina acabou. Dizem que a cor da areia de Godsgrave nunca mais foi a mesma desde então.

– Daí veio o nome de Leão Vermelho – disse Carniceiro. – Ele ganhou a liberdade sob as cores de Leonides, entendeu? Com a perna quebrada de um jeito tão feio que tiveram de cortar depois. – Então ele provocou Sid: – E aí, pequeno, vai dar mesmo conta dele?

Sidonius fechou a cara e ficou calado.

– Eu mandei *dormir*! – veio o urro do rastrilho.

Carniceiro fungou e rolou para o outro lado. Matteo fez o mesmo e, depois de uma breve amostra de palavrões, Sid se encolheu de costas para todos. Mia permaneceu sentada, ruminando.

Os globos arquêmicos se apagaram, seu brilho morrendo aos poucos. A escuridão abateu-se sobre o alojamento, e apenas tênues fiozinhos de luz dos sóis vazavam até o portão pelo rastrilho no topo das escadas. Mia sentia os calafrios subirem até a cabeça, a pele arrepiar-se. Sentia o ar sufocante ali embaixo, carregado com o fedor de palha e suor. Mas pelo menos era escuro.

Dava quase a sensação de lar.

Ela esperou uma hora, até que todos os peitos estivessem subindo e descendo ao ritmo do sono. Matteo murmurava. Sidonius roncava baixo. Mia olhou para os lados na penumbra para ter certeza de que todos os companheiros estavam dormindo. Fechou os olhos. Prendeu a respiração e passou

das sombras

na sua cela  
para as sombras  
da antecâmara.

O lugar flutuava e ela se apoiou contra a parede. Dava para sentir o calor daquele par de sóis ardentes no céu. Agachada, ela espiou as celas pelo rastrilho. E, satisfeita por sua ausência não ser notada, subiu as escadas feito um sussurro.

Sem Sr. Simpático ou Eclipse na sua sombra, seu coração latejava, suas palmas umedeciam de suor. Ela conhecia a arquitetura da construção tão bem quanto o próprio nome, mas sem outros olhos que não os seus próprios, sentia-se absolutamente só. Ela podia ter esperado o gato de sombras voltar de Alvatorre com notícias, mas suas perguntas não aguentaram. Desde a viragem da morte do pai ela se questionava sobre quem era. Agora, todas as respostas talvez estivessem a poucos passos de distância...

Ela se movia rápido, todas as aulas do Shahiid Mouser ressoando na cabeça. Ficou à escuta dos passos dos guardas no andar de baixo. Apenas dois patrulhavam o interior da casa, e seria fácil evitá-los passando por trás das cortinas de seda e abaixando-se quando olhassem, até chegar à cozinha.

A cozinha estava vazia, e o cozinheiro esquelético tinha desaparecido. Mas havia bastante comida na despensa, e Mia mergulhou de cara, comendo até ficar satisfeita. Se quisesse sobreviver ao Winnowing, precisaria de toda grama de força que pudesse reunir. Ela roubou dois garfos de aço antes de se retirar sem um ruído sequer.

Desviou de novo dos guardas, guiando-se pelo enjoo na barriga e avançando à base do tato. Passou por uma comprida tapeçaria de parede que retratava o *venatus*: gladiatii batendo-se contra feras fantásticas. Conjuntos de armaduras de gladiatii estavam enfileirados por toda a extensão da parede, a luz dos sóis reluzindo em elmos cristados e peitorais de aço escovado. O medo agora aumentava, fervilhando nas entranhas à medida que ela se aproximava de um quarto com uma porta com tranca de ferro.

E do outro lado...

Mia sacou os dois garfos da tanga e dobrou os dentes contra a parede. Virou-se para ouvir os guardas antes de se ajoelhar diante da fechadura e começar a trabalhar. Logo ela abriu, a porta em seguida, e, com um olhar para trás para certificar-se de que não havia guardas, ela se esgueirou para dentro.

Então sentiu mãos em volta do seu pescoço, torcendo apertado, arremessando-a por cima de um ombro largo e a estatelando no chão. Ela viu estrelas quando o crânio bateu nas pedras do piso e um cotovelo veio contra sua garganta. Piscou e deu com um par de cintilantes olhos castanhos, um rosto belo emoldurado por cachos

esvoaçantes, negros como um corvo.

Furian, o Incaído.

Ele sentou-se sobre ela, forçando o ar para fora dos pulmões. Tão perto, o enjoo voraz que ela sentia à presença dele a consumia por dentro, tornando-se cada vez menos náusea e cada vez mais fome terrível. Mas ainda mais urgente era a necessidade de respirar.

Mia espetou um dos garfos na axila do campeão. Um bom empurrão e o metal deslizaria pelas costelas até o coração. Ela o apertou contra a parte mole, tentando não babar com a pressão crescente do cotovelo de Furian contra a sua laringe.

Ela forçou ainda mais o aço, lançando-lhe um olhar fulminante sem palavras. E, por fim, Furian relaxou, recuando apenas o suficiente para que ela pudesse respirar.

A voz dele era grave e melódica. Os olhos eram castanhos como chocolate escuro, deliciosos mas marcados pela amargura. Mia esforçou-se ao máximo para não perceber que o corpo apertado contra o seu estava completamente nu.

– O que faz aqui, escrava?

Ela pôs a mão livre sobre o ombro dele e, devagar, empurrou-o para o lado.

– Precisamos conversar – respondeu. – Irmão.

---

21 Bom, como uma brisa na medida do possível para uma pessoa com uma espada longa de ossário e um saco de explosivos arquêmicos apertados contra a virilha.

22 Situada próxima aos bordéis e casas de tolerância do Pequeno Liis, especula-se que a Ponte das Lágrimas ganhou esse nome por causa das tristezas dos mil apaixonados desiludidos que, ao longo dos anos, choraram sobre ela após descobrirem que o amor de sua vida tinha buscado a companhia de um docinho ou de uma docinha no bairro dos bordéis.

Na verdade, a ponte ganhou o apelido bem antes de a região tornar-se um covil de iniquidade, por causa do formato de lágrima das pedras que sustentam o seu arco principal.

Em todo caso, nunca deixe a verdade estragar uma boa história, nobre amigo.

23 Polichinelos: gíria de rua de Godsgrove para os estrepes. Levam esse nome por causa da semelhança de formato com alguém fazendo polichinelos, e também porque quem decide passar por eles logo perde o equilíbrio e começa a abrir e fechar as pernas... bom, deu para entender.

# Capítulo 10

## Segredos

*Um relâmpago partiu os céus quando Ash e Jessamine colidiram no telhado da catedral.*

*Ambas em silêncio. Sem gritos de guerra nem xingamentos. Sem tiradas afiadas. Ambas tinham sido treinadas na arte da morte pelos melhores assassinos da República, e ambas aprenderam bem as lições. Ashlinn tirou duas adagas das mangas e foi de encontro à investida de Jessamine. Mia forçava a vista em meio à chuva, em meio à terrível luz cáustica, e reparou que as armas de Ash estavam descoloridas de veneno. Embora Jessamine tivesse vantagem por causa da lâmina longa, um arranhão de Ash podia bastar para lhe dar fim.*

*Mia tateou em busca da espada e tentou se levantar. Mas não conseguia fazer nenhuma das duas coisas, não com aquela maldita trindade em volta do pescoço de Ashlinn. A cada movimento da rival, a luz baça dos sóis atingia a face do medalhão e rasgava os olhos de Mia. Cerrar os dentes era o máximo que conseguia fazer para conter o gemido, e levantar-se e lutar estava fora de questão.*

*Senhor Simpático tinha fugido, e Eclipse também era incapaz de se aproximar da trindade. Mia estava só. Um medo terrível inflava-se na barriga, o terror perante um deus e seu ódio.*

*Tanto poder. Tanto treinamento. Tantos talentos.*

*E ela estava absolutamente indefesa.*

*Jessamine saltou por cima das telhas escorregadias, mostrando a velocidade e a argúcia selvagem que a tornaram a pupila favorita de Solis. Ash recuou, os olhos brilhando de medo ao perceber que não era páreo para ela. Mas a voz saiu firme e fria.*

*– Bom te ver de novo, Jess. Como é ser parte da segunda linha?*

*Os tons vívidos de aço contra aço.*

*A percussão dos trovões.*

*– Conta pra mim – Ashlinn por pouco se esquivou do golpe de Jessamine –, como é ser parceira da garota que tirou o seu lugar de Lâmina?*

*Jessamine permaneceu em silêncio, recusando-se a ser provocada, forçando Ashlinn para trás, investindo enquanto a inimiga escorregava nas telhas molhadas. Ashlinn se levantou como pôde e deixou cair uma das facas. A adaga envenenada foi deslizando pela inclinação do telhado até parar na beira da calha.*

*– Como foi quando Mia matou Diamo?*

*Jessamine vacilou por um instante, então renovou o ataque com uma intensidade furiosa. Ashlinn sorriu, recuando até perto de onde Mia jazia indefesa. Empunhava a lâmina envenenada à frente do corpo, embora um*

veneno ainda mais mortal pingasse dos lábios.

– Você transava com ele? – perguntou Ash. – Nunca descobri. Como é dobrar os joelhos para garota que o matou?

– Cala a boca – murmurou Jessamine.

– Morte feia, Jess – disse Ashlinn. – Vomitando sangue. Merda nas calças. Dava para sentir o cheiro no círculo de treino? Eu senti um pouco nos bancos mais altos.

– Cala a boca!

Jessamine atacou com o rosto torcido de ódio. Ashlinn girou para o lado, e com a inimiga desequilibrada, teve tempo para enfiar a mão numa bolsinha presa ao cinto. Pegou um punhado, abriu a mão e um clarão de pó arquêmico estourou nos olhos de Jess. A ruiva recuou trôpega, cuspidando e cega. Ash se aproximou para matar, mas com o estômago fervilhando, Mia golpeou com a bota e deu uma rasteira na loira.

Jessamine e Ashlinn caíram juntas, florete e faca envenenada tilintando pelas telhas. As garotas partiram para a briga pura e simples, com unhas no rosto, socos e chutes e palavrões. Rolaram telhado abaixo, parando à beira da calha. Ashlinn estava debaixo de Jess, as mãos em volta da garganta da ruiva. Jessamine socou com força, partindo os lábios de Ash. Ainda meio cega, tateou pelo pescoço da outra, enrolou a corrente de ouro no punho e começou a sufocá-la. A corrente se partiu e a trindade caiu dez metros até a rua. Os trovões ressoavam, os relâmpagos rasgavam os céus, e à medida que o medalhão desaparecia da vista, a dor no crânio e o enjoo de Mia desfaziam-se devagar.

– Sua traidora filha da puta – disparou Jessamine, socando Ash no queixo.

– Sai... de cima de mim!

– Vou te mostrar o que é uma morte feia.

Jessamine fechou os dedos na garganta de Ash e socou de novo com a outra mão. Estava com o punho erguido para outro golpe quando uma voz soou mais alta do que a tempestade.

– Jess, j-já deu.

A ruiva não quis olhar para trás, os olhos injetados cravados em Ashlinn. Mia estava de pé, ainda longe de estar firme, mas aos poucos descia pelo telhado com a espada de ossário na mão.

– Vai se foder, Corvere – esbravejou Jessamine.

– Precisamos d-dela viva – disse Mia, cuspidando o gosto de vômito da boca. – Ela enganou os braavi. Mas eles p-pagaram uma fortuna. Sem chance de ela ter queimado um mapa tão valioso. Se ela tiver mesmo esse mapa, não vamos encontrá-lo com ela morta.

– Não recebo ordens de você.

Mia suspirou.

– Você é minha Mãe, Jess. É exatamente isso que faz.

Jessamine virou-se com um olhar fulminante para Mia, com fios de



cabelo encharcados grudados no rosto. A frustração e a raiva das últimas sete quasinoites na companhia de Mia enfim vieram à tona.

– Era para eu estar fazendo essa oferenda. Eu deveria ser a Lâmina aqui, não você.

– Ninguém disse que a vida era justa, Ruiva.

– Justa? – riu Jessamine. – Quem voc...

Jessamine caiu para trás, com sangue jorrando do pescoço. Ashlinn deu outra facada, a adaga envenenada que caíra na calha reluzindo na mão. Jess arfou, as mãos apertando o pescoço perfurado, o vermelho das artérias vazando entre os dedos pela túnica encharcada. Ashlinn deu outra facada, e outra.

Mia berrou o nome de Jessamine ao mesmo tempo que um trovão explodia nos céus, ao mesmo tempo que Ashlinn agarra o colarinho da Mão e a jogava para a frente. A ruiva agarrou desesperada o punho da loira numa tentativa de evitar a queda. Mas, com um som nauseante, Jess despencou do telhado para a cerca em volta da basílica, acabando empalada nas lanças de ferro fundido lá embaixo.

Os noviços no chão gritaram horrorizados e correram aos brados por luminatii, pelo cardeal, por qualquer pessoa. Arcos de um azul entrecortado iluminavam os céus quando Ashlinn levantou-se a custo, empapada do sangue de Jessamine.

– Sua puta – murmurou Mia.

Ashlinn passou o punho sobre os lábios partidos. Apalpou a garganta, percebendo que a trindade não estava mais lá.

– Mia, você não entende o que está acontecendo...

Mia ergueu a espada.

– Você matou Jessamine.

As mãos de Ashlinn estava encharcadas de sangue.

Os olhos de Mia transbordavam de ódio.

Um relâmpago reluziu no fio pálido da espada de Mia, no olhar vazio da garota morta que pendia da cerca de ferro fundido lá embaixo.

Os sinos da basílica repicaram de novo – dessa vez em alarme. Os acólitos estavam reunidos no pátio berrando “Homicídio! Homicídio!”. Mia deu um passo à frente, a espada empunhada. Com a trindade no chão, Sr. Simpático e Eclipse retornaram, preenchendo o pavoroso vazio que ela tinha sentido como a força do aço frio. Os pés de Ash estavam colados à própria sombra; ela não tinha para onde correr. Mas Mia tinha dito a verdade a Jessamine; se matasse a loira agora, não veria o mapa. E depois da sua última humilhação perante o Ministério, ela jamais voltaria lá de mãos vazias.

Mas e se voltasse com a garota que pôs o Ministério de joelhos?

Mãe Negra, imagine a cara de Solis...

Então Mia afastou a espada e bateu com o cabo de corvo no queixo de Ashlinn. A garota caiu de lado, meio desmaiada. Mia pôs-se a revistar sua

roupa, as botas e mangas da camisa, encontrando facas e toxinas e pós arquêmicos e jogando-os do telhado. Ashlinn se sentou, atordoada, e Mia pôs a espada contra o coração da garota. Ouvia-se o som vago de passos de coturnos em meio aos trovões.

– ...luminatii, mia...

– ...CÂEZINHOS DE MERDA. QUE VENHAM...

– ...que ansiedade para ver sangue, vira-lata...

– ...QUE ANSIEDADE PARA SAIR CORRENDO, GATINHO DE RUA...

– Agradeço a coragem, Eclipse – Mia cochichou. – Mas viver para lutar outra viragem talvez seja a nossa meta agora.

A loba de sombras rosnou com uma concordância ressentida, e Mia se voltou para Ashlinn.

– Certo. Há dois jeitos de você descer deste telhado. Com os pés ou com a cara?

– É... uma p-pegadinha?

Mia enterrou a ponta aguçada da lâmina na pele de Ashlinn. O ossário era mais forte do que aço, afiado o bastante até para furar pedras. Um empurrãozinho de leve...

– Se você tentar parar, se respirar de um jeito que me desagrade, vamos pintar a rua de um curioso tom de Ashlinn. Está claro?

– ...mia, precisamos ir...

A lâmina pressionou.

– Está claro?

Ash estremeceu.

– Feito cristal dweymeri.

Mia puxou o cinto.

– Estenda os punhos.

– Não sabia que você gostava disso – ironizou Ashlinn. – De verdade, você só precis...

A lâmina afundou mais, e Ashlinn contraiu-se de dor. Com uma expressão dolorida, apresentou os punhos. Mia enrolou o cinto em torno deles e apertou com força. Dava para ouvir os legionários claramente agora, enquanto uma multidão de cidadãos reunia-se fora dos portões da catedral, observando horrorizada o corpo pendente de Jessamine.

Mia se levantou e puxou a tira de couro.

– Mexa-se.

Ela conduziu Ashlinn até uma calha atrás do campanário. Uma gárgula cuspiu água de chuva da boca para o adro dois andares abaixo.

– Primeiro as putas – insistiu Mia.

– Vai ser difícil descer com as mãos amarradas, não?

– Você consegue. E nem pense em correr quando chegar ao chão. Minhas adagas correm mais rápido, e tenho seis que servem direitinho em você.

Ash fechou a cara, mas apesar da reclamação, deslizou pela calha sem grandes problemas. Mia foi em seguida, com Sr. Simpático sussurrando-lhe

aviso urgente no ouvido. As garotas correram pelo terreno da basílica e passaram por uma necrópole cheia de jazigos das grandes famílias. Pulavam a cerca de ferro quando uma tropa de luminatii contornou a catedral e gritou: “Alto lá!”. Mia agarrou o cinto enrolado nos pulsos de Ash e arrastou a prisioneira pelas ruas.

Os legionários vestiam peitorais de aço e portavam espadas longas de aço-solar flamejante, mas saltaram a cerca mais rápido do que Mia imaginara; um assassinato no solo sagrado de Aa não era coisa pequena para os seus fiéis. Mia olhou para a multidão ao redor e fez uma pausa para pegar a bolsa cheia dos braavi do cinto de Ashlinn.

– Corvere, caralho, não...

Mia lançou a bolsinha num arco amplo, fazendo cair uma chuva de ouro brilhante sobre o povo. A reação foi instantânea: de uma violência espantosa, as pessoas entravam em ebulição ao perceber que, sabe-se lá como, o céu desaguara uma fortuna colossal. Gente saía à rua de todas as tavernas e lojas das redondezas, mendigos, padeiros, açougueiros, interceptando o destacamento de luminatii aos socos e chutes por causa do ouro de Ashlinn.

Ashlinn chorava enquanto Mia a puxava pela chuva e pelo vento. Dispararam por uma ponte larga, pelas vielas atrás dos edifícios dos administratii, e lá, enfim, Mia empurrou Ashlinn para uma pequena alcova.

– Você tem noção de quanto...

– Cala a boca – silvou Mia.

A garota invocou as sombras ao redor e segurou-as em dedos hábeis, torcendo-as e tecendo-as num manto que lhe cobria os ombros. Com um simples girar da mão, acobertou Ashlinn também, como na viragem em que elas entraram escondidas nos aposentos do orador Adonai. As lembranças das viragens juntas na Igreja Vermelha fizeram Mia pensar em Jessamine; a imagem do corpo da Mão pendendo das lanças de ferro fundido queimavam-lhe a mente.

Jess, Tric, todas as Lâminas assassinadas no pogrom luminatii, a captura do Ministério... Ashlinn fora a responsável por tudo isso. Aquela garota em seus braços bem podia ser uma cobra enrolada, pronta para dar o bote.

– Nem um som – sussurrou Mia enquanto apertava a lâmina de ossário contra a garganta de Ash.

O mundo inteiro era negro sob o manto de Mia, mas ela ainda conseguia ouvir os legionários gritarem uns para os outros enquanto vasculhavam as vielas de Godsgrove. As garotas esperaram, apertadas uma contra a outra sob as sombras de Mia por minutos sem fim.

Um sussurro enfim surgiu em meio ao batucar da chuva.

– ...eles foram embora, mia...

– Muito bem – ela disse, acenando com a cabeça. – Senhor Simpático, verifique os telhados. Eclipse, você vai na frente para garantir que o

*caminho de volta à capela esteja livre.*

– ...QUE ASSIM SEJA. MAS SE VOCÊ MATAR ALGUÉM ENQUANTO EU ESTIVER FORA, VOU FICAR MUITO CONTRARIADA...

*Mia sentiu as sombras ao redor ondularem quando o não-gato e a não-loba saíram da escuridão aos seus pés. Senhor Simpático subiu pela parede, saltando de sombra em sombra, enquanto Eclipse derramava-se pelos paralelepípedos da rua. Ela podia sentir as batidas do coração de Ash, o cheiro vago de um perfume de lavanda e de suor fresco no rosto.*

– *Você vai me levar para a capela?* – perguntou a garota.

– *Tem uma dose de Desmaio na lâmina contra a sua garganta, Ash. Não me encanta a ideia de te derrubar e te carregar até lá, mas farei isso se precisar. Então cala a porra da boca.*

– *Eles estão me caçando faz oito meses. Se puserem as mãos em m...*

– *Você não precisa nem usar as mãos para contar as minhas rugas de preocupação com isso, Ashlinn.*

– *Eu não queria matar Tric, Mia.*

*Ashlinn retraiu-se quando Mia forçou ainda mais a adaga de ossário por debaixo do seu queixo.*

– *Não ouse dizer o nome dele.*

*Ashlinn levantou as mãos e falou lenta e cuidadosamente. Mia notava o medo na voz dela, o leve tremor que lhe dizia que Ash, apesar da fachada, não queria morrer.*

– *Eu queria o Ministério, Mia. Todos os outros só estavam no lugar errado na hora errada.*

– *Até o seu próprio irmão?*

– *Então... foi você que matou Osrik.*

– *Não – respondeu Mia. – Mas só porque Adonai acabou com ele antes de eu ter a chance. Vocês dois mataram Tric. Traíram seu juramento. Traíram a Igreja.*

– *Para vingar o meu pai! Você devia entender isso mais do que qualquer um.*

– *Não teste a sua sorte, Ashlinn. – Mia apertou ainda mais a lâmina. – Meu pai morreu.*

– *É? – ironizou Ash. – O meu também.*

*Isso fez Mia hesitar. Perguntas não faladas pairavam no ar. A chuva amainava, mas os céus permaneciam num cinza túrgido. Ashlinn tomou um fôlego longo e entrecortado.*

– *Escapamos da Igreja e suas Lâminas por oito meses – ela balbuciou. – Eles acabaram nos pegando em Carrion Hall. Meu pai era bom. Uma das melhores Lâminas que já serviram à Mãe Negra. Mas a sorte de todo mundo acaba uma viragem.*

*Mia apenas balançou a cabeça, recusando-se a morder a isca. Ashlinn Järnheim era feita de mentiras. Ela mentira durante todo o treinamento na Igreja. Mentira para o Ministério, para Mia, para todo mundo que*

conheceu. Tinha acertado o coração de Jessamine no telhado da basílica, e estava tentando fazer o mesmo com Mia agora. Todas as suas palavras eram venenosas.

– Não vou te mandar calar a boca de novo, Ash.

Ashlinn suspirou, já perdendo o controle dos nervos.

– Você não faz uma puta ideia do que está acontecendo, faz? Eu te conheço, Mia. Você faz ideia do que a Igreja Vermelha é de verdade? Acredita que o Ministério vai te deixar matar Scaeva enquanto ele pagar o salário deles?

O nome do cônsul foi como um soco na barriga de Mia.

– Você só mente.

– Por que você acha que Scaeva ainda não está morto? Metade do Senado quer ele enterrado. Acha que esse pessoal não teria dinheiro pra acabar com ele se ele não fosse protegido pela Santidade? Julius Scaeva é um filho da puta, mas não é burro. Faz anos que é cliente da Igreja.

– Eles nunca...

– Eles são assassinos, claro que sim! Não tem santidade nenhuma no que a Igreja Vermelha faz. Eles matam gente por dinheiro. Metade dos membros são psicopatas e o resto é um bando de desgraçados sádicos. Eles não são servos da sublime Deusa da Noite. São prostitutas!

A cabeça de Mia estava a mil. Ela sabia que não podia confiar em nada do que Ash dizia... mas no meio daquelas palavras, Mia ouvia uma nota de verdade. Quem representava ameaça a Scaeva ou morria, como o pai de Mia, ou era comprado, como os braavi. Não fazia sentido ele comprar a Igreja também? Por que outro motivo ordenariam que ninguém tocasse em Scaeva?

– Como você sabe disso tudo? – ela perguntou.

– Porque sou enxerida, Mia.

– Você é uma puta mentirosa, isso sim.

– Tem um cofre de obsidiana nos aposentos do Reverendo – disparou Ash. – E é dentro desse cofre que eles guardam os registros de todas as oferendas realizadas pela Igreja. Todos os clientes. Todas as merdas. Quando envenenei o Ministério na festa de iniciação, roubei o registro, Mia. Esse é o motivo de eles estarem caçando a mim e ao meu pai ao longo dos últimos oito meses. Não é por causa da nossa traição. É porque ficamos sabendo de todos os segredinhos podres deles.

Ashlinn virou um pouco a cabeça, apesar da lâmina na garganta. Só o bastante para poder olhar Mia nos olhos.

– Até os segredos sobre o seu pai.

Ashlinn se calou quando Mia apertou a lâmina contra a garganta dela. Ash matara Jessamine. Matara Tric. Mia sabia que ela faria qualquer coisa, diria qualquer coisa, para evitar ir à capela.

– Você é mentirosa – disse Mia.

– Sou. Mas não quanto a isso. Se me mandar de volta para a Igreja, vão

*me matar. E você nunca saberá a verdade sobre o que eles fizeram.*

*– E quer que eu confie na sua palavra?*

*– Mia, você pode ver com os próprios olhos.*

*– Você tem o registro?*

*– Algo me diz que os nomes na página não vão convencê-la. Mas posso te dizer exatamente aonde você tem que ir para encontrar uma prova escrita em algo maior do que tinta.*

*– Ah, é? E onde seria?*

*Ashlinn levantou o rosto para Mia, os olhos azuis brilhando como safiras partidas.*

*– De volta à Igreja.*

**—**Não temos nada para conversar – disparou Furian.

Mia ainda estava estatelada sob o campeão do Colégio Remus, o antebraço dele contra sua garganta. Os músculos avolumavam-se no braço dele, no peito. Ela apertou de novo o garfo contra as costelas de Furian, agora com força suficiente para romper a pele.

– Não sei das outras mulheres que você conheceu – ela disse baixo –, mas eu não curto muito essa posição. Me deixe levantar.

– Eu devia arrancar os seus dentes só por falar comigo. Como você entrou?

– Me. Deixe. Levantar. Seu porra.

Furian lançou um olhar para sua porta agora destrancada. Mia não fazia ideia das consequências caso fossem descobertos juntos, mas duvidava que seriam agradáveis. Consequia ouvir os guardas de ronda, chegando cada vez mais perto.

Com um palavrão, Furian soltou Mia e fechou a porta. Ficou na escuta por um momento, com o ouvido na madeira enquanto os guardas passavam. Mia olhou o campeão de alto a baixo, a pele arrepiando-se contra sua vontade. Nunca tinha visto um homem como ele, com sua pele grossa e bronzeada e músculos definidos. Mas havia também um quê de velocidade nele. Era ágil e feroz, como um grande felino. O corpo era completamente liso: depilado, Mia supôs, para que ele pudesse ostentar o físico para as multidões fanáticas. O maxilar era forte, os sulcos e as protuberâncias do abdômen puxavam os olhos dela para baixo, e ela mordida os lábios enquanto o contemplava.

Mia não fazia ideia do que estava acontecendo. Embora tivesse achado Lorde Cassius atraente, sua reação à presença dele nunca fora tão... carnal. Talvez porque ela nunca estivera tão perto do Senhor das Lâminas? Qualquer que fosse o motivo, olhando para Furian agora, ela se viu respirando mais rápido. As coxas latejavam. As entranhas vibravam.

A mobília do quarto era escassa. Uma pequena janela gradeada dava

para o mar, e havia uma cama simples contra a parede, um saco de pancadas e espadas de madeira em outro canto. Um pequeno oratório a Tsana, primogênita do Onividente e padroeira dos guerreiros, ficava embaixo da janela, e os três círculos interligados da trindade de Aa tinham sido desenhados com carvão na parede. As acomodações do campeão estavam longe de se parecer com uma villa medular, mas comparadas ao alojamento, eram um verdadeiro palácio. E, melhor ainda, privadas.

Quando os guardas estavam longe o bastante para não ouvir os dois, Furian se voltou para Mia, com o maxilar tenso, o cabelo escuro e comprido emoldurando os deliciosos olhos de chocolate.

– Você sente também, não sente? – cochichou Mia.

Furian foi para o outro lado do quarto e pegou uma faixa de linho cinzento na cama, que amarrou em torno da cintura para ficar decente.

– Sinto o quê?

Mia se levantou e ajeitou o cabelo atrás da orelha. Notou uma movimentação de esguelha e lançou um olhar para as sombras projetadas na parede pela vela do oratório. A dela. A dele.

– Pelos dentes da Fauce – suspirou. – Veja...

As sombras de ambos se moviam por conta própria.

O cabelo deles esvoaçava como se numa brisa oculta, fluindo em direção um do outro como as ondas de uma praia deserta. A sombra de Mia tentava tocar a de Furian, embora o corpo da garota não tivesse mexido um músculo sequer. O Incaído estendeu o braço e tocou a parede, como se quisesse ter certeza de que sua sombra era real. Mas a sombra não se mexia como ele; em vez disso, tentava tocar a de Mia.

O campeão recuou trôpego e levantou três dedos, o sinal de Aa para afastar o mal. Com isso, as sombras se aquietaram; agora tremiam apenas por causa da luz da vela.

– Você é como eu – disse Mia.

Furian piscou, desviou os olhos das sombras e os posou sobre Mia.

– Não sou como você coisa nenhuma – esbravejou. – Sou um gladiatii.

– Quero dizer que você é *sombrio* – disse Mia. – Como eu.

– Vou repetir, não sou como você coisa nenhuma, garota.

– Cadê o seu passageiro?

– O meu o quê?

– O seu demônio – disse Mia. – Tenho dois que moram na minha sombra. Quer dizer, costumam morar. Qual é a forma do seu? E cadê ele?

– Não sei de demônio nenhum – ele esbravejou –, exceto este na minha frente agora.

Ele a olhou de alto a baixo com uma expressão quase de nojo no rosto. Mas Mia notou que a pele se arrepiava, assim como a dela. A respiração dele ficou mais forte, as pupilas dilataram – todos os sintomas que a shahiid Aalea tinha lhe ensinado reconhecer num homem. Ou numa mulher.

*Desejo.*

– Como você escapou da cela? – ele quis saber.

Mia deu de ombros.

– Passei pelas sombras.

– Bruxaria – ele disparou.

– Não é bruxaria. É o que *somos*. Você não consegue fazer o mesmo?

– Não tenho nada a ver com as trevas – disse Furian, fazendo de novo o sinal de Aa.

– Claro que tem – ela disse, dando um passo na direção dele. – Hoje mesmo na arena, quando eu estava lutando com o executus. Você me impediu de...

– Saia daqui, garota. Sou o campeão deste colégio, e um filho temente de Aa. Gladiatii não se misturam com refugos, e eu não me misturo com hereges.

Mia lançou um olhar para o oratório a Tsana, para a trindade de Aa na parede.

*Será possível?*

– Você é fiel? Como pode...

– *Saia* – ele silvou. Não ousava levantar a voz para que os guardas não ouvissem, mas Mia percebeu a fúria contida nos punhos cerrados, nos tendões tensos do pescoço. – Se os guardas a encontrarem na minha cela, o executus vai arrancar o couro das nossas costas. E eu não vou sangrar por causa de gente como você. Agora saia antes que eu quebre o seu pescoço e tente a sorte com a misericórdia da domina.

A sombra dele fervilhava na parede, com as mãos estendidas na direção da garganta da sombra de Mia. Mia recuou, mas sua sombra permaneceu imóvel, o cabelo agitando-se e enrolando-se como um ninho de cobras. Um pico de fome surgiu de novo nas suas entranhas, e o enjoo, agora misturado com uma raiva pura e fervilhante.

Aquele homem não sabia nada do que era ser sombrio. Não sabia nada sobre si mesmo. Não havia respostas ali. Só mais perguntas.

E, quanto mais tempo ela permanecesse no quarto dele, maiores as chances de ela ser pega.

Mia recuou devagar, sem dar as costas ao rapaz, tentando ouvir os guardas pela porta. Como não escutou nada, abriu-a sem um ruído e conferiu se o corredor estava seguro. Satisfeita, lançou um olhar para trás, para o campeão do colégio; a sombra dele tremeluzia na parede.

Ela lembrou a si mesma o porquê de estar ali. Para vencer o *magni*, ela precisava ser melhor do que aquele homem, sombrio ou não. E



toda e qualquer afinidade sombria que os unisse ficava em segundo plano diante da consciência de que ele estava no seu caminho para a vitória.

Do seu caminho para a vingança.

*Que assim seja.*

– Belo quarto – ela comentou, correndo os olhos pelos aposentos.

– E daí? – disparou Furian.

Mia deu de ombros.

– Eu não me acostumaria muito com ele se fosse você.

A garota esgueirou-se pela porta e a fechou.

Alguns instantes se passaram até sua sombra vir atrás.

**P**á!

– Gladiatii não temem nada a não ser a derrota!

*Pá!*

– Gladiatii não têm sede de nada a não ser da vitória!

*Pá!*

– Gladiatii não vivem para nada a não ser a glória!

Esse era a música que acompanhava as horas que Mia passava sob o calor escaldante dos sóis. A voz do executus era a letra, o estalo do chicote a percussão, e os resmungos e suspiros dos homens e mulheres em volta eram o refrão.

Uma semana se passara desde a chegada dela ao Ninho do Corvo, mas aquelas sete viragens pareciam ter durado anos. O executus não tinha misericórdia, e fazia com que ela, Matteo e Sidonius treinassem com todas as armas e em todos os estilos de luta, que aprendessem todos os truques e golpes que os anos dele nos jogos lhe tinham ensinado. Eles lutavam no círculo, no terreno irregular em volta do pátio, no sono. Cada tropeção era respondido pelo chicote. Cada passo em falso. Cada deslize.

*Pá!*

*Pá!*

*Pá!*

Eram mantidos à parte dos outros gladiatii; tomavam banho e comiam por último. Carniceiro tinha estragado pelo menos outras três viradas deles, duas com mijo e uma com um punhado de cocô de cachorro que apanhara depois de Canino fazer as necessidades no pátio. Todas as quasinoites Mia fazia incursões sombrias para roubar comida na cozida, e uma vez conseguiu até passar um pouco de pão para Sidonius e Matteo com a desculpa de que encontrou no refeitório. Mesmo assim, ela estava bem magra. E seus companheiros de recrutamento estavam ainda em pior forma.

– Seus filhos da puta inúteis! – berrava o executus ao trio. – Daqui a

poucas viragens pisarão nas areias do *venatus* sob as cores deste colégio. Se acham que a multidão não vai uivar por mais sangue quando virem a primeira gota que cair de vocês, são mais burros do que eu imaginava. Agora, ataquem com decisão.

– Executus? – veio um chamado do alto.

Mia levantou os olhos e viu dona Leona de pé na ampla sacada no alto. Vestia um traje de seda branca ondulada, tinha ouro nos pulsos, e o cabelo castanho trançado para trás.

– Atenção! – bradou o executus.

Os gladiatii pararam e bateram o punho contra o peito.

– Domina? – perguntou o executus.

A mulher dobrou o dedo e o chamou.

– Seu menor suspiro é uma ordem – disse o homenzarrão, curvando-se.

Ele se virou para Mia e os companheiros.

– Sidonius, treine com os bonecos de madeira – ele disse, em seguida lançou um olhar fulminante para Mia e Matteo. – Vocês dois, treinem juntos no círculo. Ainda segura o escudo como se fosse uma anciã, menina. E Matteo empunha a espada como um garotinho de três anos balança o pipi. Se quiserem continuar com essas belas cabeças sobre os ombros no Winnowing, é melhor vocês dois darem duro.

O executus cofiou a barba e mancou para dentro da casa. Sidonius se pôs a golpear os bonecos. Larva pegou espadas e escudos de madeira para Mia e Matteo, e os dois começaram a lutar, batendo-se sobre as areias e dançando ao redor do círculo.

– Dar duro? – Matteo disparou. – Que abismos ele acha que fizemos a semana inteira?

Mia não respondeu, concentrada no treino. Apesar de o executus ser um desgraçado, agora que sabia que ele era Arkades, apegava-se a cada uma das suas palavras. Se o Leão Vermelho tinha lhe dito para trabalhar no braço do escudo, Mãe Negra, ela ia trabalhar na porra do braço do escudo.

– Bate mais forte! – ela rosnou. – Tenta me acuar.

– Estou batendo! – replicou Matteo enquanto dava mais um golpe com a espada.

Mia aparava os golpes com facilidade e uma sequência de ataques fez o garoto recuar aos pulinhos sobre a areia. Ela bateu de novo contra o escudo dele, cuspiando o pó da língua.

– Sangue e abismo, você luta comigo como se eu fosse de vidro. Me bate!

Matteo defendeu outro golpe, contra-atacando com uma investida fraca. As espadas de madeira estalavam contra os escudos, os pés dos dois dançando àquela percussão frenética.

- Não quero te machucar, Corvo – disse Matteo.
- E por que não? Porque eu posso te machucar também?
- Porque... você é uma garota – ele disse.

Mia arregalou os olhos. Cerrando os dentes, esquivou-se do ataque de Matteo, deslizando as sandálias na areia. Girou sem sair do lugar e golpeou com força as costas dele, fazendo-o cair para a frente, trançando as pernas. Quando Matteo virou para encará-la, a garota deu com o escudo na cara dele. Com sangue espirrando, ele caiu de costas na areia.

Mia se aproximou e apertou a lâmina de madeira contra a garganta dele.

– Honre essas suas bolas – disse. – Talvez a sua mãe tenha te criado para tratar todas nós como flores delicadas, talvez você esteja apenas pensando com a cabeça de baixo. Só que *não existem* garotas na areia. Nada de mães ou filhas. De filhos ou pais. Existem apenas *inimigos*. Perca um segundo se preocupando com o que tem no meio das pernas do seu oponente e a sua cabeça acaba separada do corpo. E do que vai adiantar o seu pinto então?

O garoto limpou o sangue do rosto e engoliu em seco.

– Perdão – ele balbuciou. – Eu...

– Gladiatii! Atenção!

Mia tirou os olhos do rosto ensanguentado de Matteo e os pôs sobre a sacada. Viu o executus Arkades com dona Leona ao lado. A mulher sorria como os sóis, e começou a falar em voz alta e clara.

– Meus Falcões! Amanhã partimos para Pontenegra e para os grandes jogos celebrados em honra ao governador Salvatore Valente! É o segundo evento oficial desta temporada do *venatus*, e todos os olhos estarão sobre ele. O Colégio Remus é agora tido em alta conta, graças à vitória do nosso campeão em Talia mês passado.

Nesse momento ela fez Furian avançar com um gesto. Os gladiatii urraram o nome dele e bateram as espadas nos escudos.

– Mas o triunfo de Furian não garantiu o nosso lugar no *magni*! – prosseguiu Leona. – O público está ainda mais sedento por sangue, e os editorii procuram apenas os melhores para o seu espetáculo grandioso. Precisamos da vitória. *Vamos* conquistar a vitória!

– Vitória! – todos gritaram.

– Os seguintes gladiatii ganharam o direito de participar no *venatus* de Pontenegra e lutar pelos Falcões de Remus. Um passo à frente, Carniceiro de Amai!

O destruidor de mingais deu um passo à frente com o seu sorriso de quem caiu de cara na infância e ergueu o punho para os homens atrás de si.

– Cantespadas, a Ceifadora de Dweym!

A mulher com o corpo todo tatuado deu um passo à frente e se

curvou.

– Nossos equillai, Byern e Bryn, mais uma vez encantarão a multidão!

Os irmãos vaanianos loiros se curvaram. Ao olhar mais de perto para a dupla lado a lado, Mia notou que deviam ser gêmeos: os dois eram parecidos demais.

– Nossa lenda das areias, o mais poderoso Falcão deste colégio, o vencedor de Talia, Furian, o Incaído!

O campeão deu um passo à frente e recebeu as aclamações dos companheiros, com as espadas gêmeas nas mãos. Com os olhos fixos na sacada, curvou-se baixo, o cabelo preto e comprido caindo ao lado das têmporas altas, do queixo quadrado. Mia olhou para a sombra dele e não viu nada de diferente. Mas sua própria sombra ondulou de leve, como água parada quando jogam uma pedra.

– E por fim – anunciou Leona –, nossos três novos recrutas arriscarão as vidas no Winnowing, para ganhar um lugar ao lado de vocês ou perecer na tentativa. Rezem para que Aa lhes seja favorável, para que Tsana guie suas mãos para a vitória – disse Leona, então correu os olhos pelo seu rebanho e abriu os braços. – *Sanguui e Gloria!*

– *Sanguui e Gloria!* – veio o grito.

Mia ouviu-os bradar, com punhos levantados alto, clamando por sangue e glória. Mas a verdade era que ela nem queria saber desta última. O sangue era o seu objetivo, o seu sonho, o seu único prêmio. O cardeal Duomo e Scaeva ao alcance do seu braço no pódio do vencedor. Mas para ficar diante deles, ela precisava acumular vitórias suficientes para garantir uma vaga no *magni*. E, de algum jeito, no meio daquele banho de sangue e carnificina, precisava ganhar.

Os gladiatii ao redor dela olharam para o céu, rogaram a Aa e à sua primogênita que lhes trouxessem a vitória. Mas o Onividente não tinha serventia para ela, nem sua filha guerreira. Aa só tinha se provado seu inimigo, e Tsana nunca a ajudara antes.

Por que começaria agora?

Assim, Mia baixou os olhos para a areia. Para a sombra, negra e empoçada ao redor dos seus pés. Perguntando-se se a deusa lhe atenderia depois de tudo que ela tinha feito.

Tudo que ela tinha desfeito.

Perguntando-se se as orações teriam qualquer serventia.

– Mãe Negra – murmurou. – Dai-me forças.

# Capítulo 11

## Trovão

*Mia emergiu arfando da piscina de Adonai.*

*Com sangue nos olhos e na língua, e a cabeça latejando. De pé e nua na piscina, olhou para o orador no seu vértice. Pele alva, cabelo ainda mais alvo, os lábios torcidos num sorrisinho. Ele abriu os olhos, a parte branca estava manchada de vermelho.*

*– Retornaste, Lâmina Mia. Tua presa morta, tua oferenda completa?*

*– Ainda não.*

*Adonai inclinou a cabeça de lado e alargou o sorriso.*

*– Então sentiste minha falta?*

*Mia virou e saiu da piscina, sentindo os olhos do orador percorrerem suas curvas. Gotejando vermelho sobre as pedras do chão, ela rumou para os banhos para lavar o sangue, afundando com um suspiro.*

*– ...não gosto disso, mia...*

*Senhor Simpático estava sentado no canto da banheira e a observava com os seus não-olhos.*

*– Eu também não. Mas que escolha tenho?*

*– ...ashlinn é uma mentirosa, e nós somos tontos de confiar nela...*

*– Não confiamos. Eclipse está de olho nela.*

*– ...eu também não confio em Eclipse...*

*Mia se secou e cobriu-se de couro e veludo negro, imaginando Ash como ela a tinha deixado: acorrentada numa cama com dossel numa pensão barata em Godsgrave, com uma loba feita de sombras postada sobre ela, e as presas translúcidas à mostra. Eclipse não era capaz de tocar a garota, claro. Mas Mia não sentira qualquer necessidade de contar isso a Ashlinn...*

*– ...ela está levando você para onde quer, mia...*

*– Você acha que eu não desconfio disso? Não sou uma idiota de merda, Senhor Simpático. Mas e se ela estiver dizendo a verdade?*

*– ...então nos veremos numa situação bem interessante...*

*– Eu tenho que saber...*

*O gato de sombras suspirou.*

*– ...eu sei. e estou ao seu lado, mia. não tema...*

*Ela conferiu a espada de ossário no cinto, a adaga na manga.*

*– Não com você ao meu lado.*

*Ela saiu dos banhos e adentrou a penumbra da Igreja Vermelha. Os hinos do coral fantasmagórico pairavam no ar enquanto ela subia as escadas sinuosas e atravessava os corredores de pedra negra, sulcados de padrões na forma de espirais infinitas. Naev tinha lhe dito certa vez que os padrões nas paredes constituíam uma canção sobre encontrar o caminho*

nas trevas. Ao pensar em tudo o que Ashlinn lhe tinha dito, a garota se pegou desejando conhecer a letra da canção. Se a loira tinha falado a verdade, Mia ficaria completamente perdida.

Não pode ser verdade.

Adiante pelas trevas famintas.

Não pode ser...

Escada circular para cima e espiral para baixo até chegar lá.

O Salão dos Elogios.

Ela ergueu os olhos para a imponente estátua de Niah com a espada e a balança nas mãos. Talvez fosse um efeito da luz, mas a deusa parecia mais implacável do que o normal.

Os passos de Mia ecoaram no recinto silencioso enquanto ela caminhava na periferia do salão, até o túmulo vazio com o nome de Tric, que acariciou com a ponta dos dedos. Pensou então no amigo. Nos conselhos que ele lhe dera. No conforto que encontrara nos braços dele. Tric tinha sido um porto seguro num mundo mais incerto a cada quasinoite...

– Você sente saudades dele – veio a voz.

Mia se virou e viu a Shahiid Aalea de pé sob a arcada, os olhos escuros e cintilantes. Usava um vestido simples, vermelho-sangue, a mesma cor dos lábios. Os cachos pretos derramavam-se sobre seus ombros, a pele era clara feito alabastro. Uma mulher assim poderia parecer fria como o auge do inverno à luz errada. Mas o sorriso de Aalea era cálido como um copo de vinho d'ouro.

– Shahiid – Mia disse, curvando-se.

– Você voltou. – Os olhos escuros percorreram o rosto de Mia. – Sem a vitória, aparentemente.

– Precisava de uma quasinoite na minha própria cama – disse Mia. – Mas a Dona morreu. E o mapa está quase em minhas mãos.

– Você preferiria que fosse o garoto em suas mãos, aposto.

Aalea inclinou a cabeça na direção do túmulo vazio de Tric. Mia também olhou, sem dizer nada. A shahiid correu a ponta dos dedos sobre o nome de Tric, gravado na pedra.

– Você sente a falta dele?

Mia não via sentido em negar.

– Não como se tivesse perdido um pedaço de mim – respondeu, dando de ombros. – Mas sim. Sinto.

Aalea apertou os lábios, como se hesitasse.

– Uma vez amei alguém – disse afinal. – Pensando que este lugar, esta vida que escolhi, não seria capaz de conspurcar algo que eu tinha certeza de ser puro. – A shahiid passou os dedos pelos lábios. – Amei aquele homem como a Noite amava o Dia. Prometi a ele que ficaríamos juntos para sempre.

– O que houve? – Mia perguntou.

– Ele morreu – Aalea disse com um suspiro. – A morte é a única

promessa que todos cumprimos. Nesta vida que levamos... há espaço para o amor, Mia. Mas para um amor como as folhas de outono. Belas uma viragem, fogueira na outra. Só restam cinzas.

Mia serenou-se com a imagem evocada por Aalea. Focou os olhos nos túmulos. Ela não tinha intenção de levantar suspeitas, mas a última coisa que queria fazer no mundo era ficar ali conversando sobre amores e perdas com uma assassina em massa. Não se o que Ashlinn lhe contara estivesse ao menos próximo da verdade...

– Alguma viragem você já se imaginou diante de uma lareira alegre? – Aalea perguntou. – Com o amado ao lado e netos no colo?

– Não sei mais o que imaginei.

– Não é esse o destino de uma Lâmina. – Aalea tomou a mão de Mia e a apertou contra os lábios. – Mas há beleza em saber que tudo acaba, Mia. As chamas mais brilhantes se consomem mais rápido, mas há um calor nelas capaz de durar a vida inteira. Mesmo num amor que só dura uma quasinoite. Para gente como nós, não há promessas para sempre.

Mia olhou para a estátua no alto. Aqueles olhos que a seguiam para onde quer que fosse.

– Meu pai costumava dizer que a arte de contar histórias consiste em saber quando parar. Se você falar demais, vai descobrir que não existe isso de final feliz.

Aalea sorriu.

– Homem sábio.

Mia balançou a cabeça. Lembrando-se da maneira como ele morreu. O motivo pelo qual morreu.

– Não tão sábio.

As palavras de Ashlinn ressoavam em seus ouvidos. O queixo dela ficou tenso.

Aalea olhou de novo para o túmulo vazio de Tric.

– Ele teria sido uma boa Lâmina – suspirou a shahiid. – E era lindo. Mas se foi. Não deixe que as tristezas desviem você do seu caminho, Mia.

Mia olhou nos fundos dos olhos de Aalea. Sua voz saiu feito ferro.

– Eu conheço o meu caminho, shahiid. Às vezes, a tristeza é tudo o que me mantém nele.

Aalea sorriu, doce e escura como o chocolate.

– Perdoe-me. Acho que os velhos hábitos de professora custam a morrer. Você é uma Lâmina agora. E uma mulher. Muito bela, por sinal. – Aalea inclinou-se para perto, os olhos cravados nos de Mia, os lábios a um triz dos dela. – Sempre gostei de você. Saiba que sempre que quiser um conselho, o terá. E se em alguma quasinoite quiser uma fogueira para se manter aquecida, estou aqui.

O pulso de Mia acelerou, a pele se arrepiando. Perto daquele jeito, dava para sentir o aroma de rosas e mel do perfume da shahiid. Ao encarar aqueles olhos escuros, delineados, ela se perguntou se havia alguma

*arquemia no cheiro de Aalea, ou se...*

*Olhos no troféu, Corvere.*

*Mia soltou a mão de Aalea e lambeu os lábios repentinamente secos.*

*– Obrigada, shahiid – ela balbuciou. – Vou pensar nisso.*

*– Tenho certeza de que vai, meu amor – disse Aalea, aprofundando o sorriso. – Mas agora, deixarei você com suas lembranças. Não deixe o Reverendo Pai encontrá-la aqui sem a presa, a não ser que goste mesmo de ouvi-lo esbravejar.*

*A Shahiid de Máscaras inclinou a cabeça e se retirou do salão, deixando seu perfume no ar. Mia a observou sair, a atração que sentia pela mulher quase tirando seu equilíbrio. Mas a consciência do motivo de estar ali a estabilizou e desfez os nós no seu estômago. Ela sentiu sua sombra ondular, a escuridão inchando aos seus pés.*

*– ...essa é perigosa...*

*– Posso dizer o mesmo de todas as mulheres que conheço.*

*– ...por onde começar...?*

*– Você começa desta ponta e vai avançando para o centro. Eu começo aos pés da Mãe. Fique atento às visitas. Não queremos companhia.*

*– ...você acha mesmo que essa busca vai dar frutos...?*

*– Não sei mais o que achar. Mãos à obra.*

*Mia se agachou ao pé da estátua de Niah e, à luz do vitral cor de sangue, começou a inspecionar os nomes gravados na pedra. Um por um. Milhares deles. Uma espiral que saía dos pés da deusa. Nomes de reis, senadores, embaixadores, senhores. Sacerdotes e prostitutas, mendigos e malditos. Os nomes de cada vida tirada a serviço da Mãe Negra.*

*O coral e Sr. Simpático eram a sua única companhia, e ela trabalhava em silêncio, perguntando-se o que fazer caso tudo o que Ashlinn contara fosse verdade. Uma ou duas vezes foi forçada a se esconder sob seu manto de sombras quando uma Mão ou novos acólitos atravessavam o salão. Mas a maior parte do tempo passou sem interrupções, de joelhos no escuro enquanto os nomes dos mortos misturavam-se dentro da sua cabeça.*

*Ela se lembrou da viragem em que ele morreria. Seu pai. De pé diante do nó da corda e dos uivos da multidão. O cardeal Duomo estava no patíbulo, a barba espessa feito um arbusto e os ombros largos. Julius Scaeva estava no alto, o cabelo preto e brilhante, os olhos fundos e escuros e as roupas de cônsul tingidas de roxo e sangue. Para assistir aos líderes da rebelião executados por seus crimes contra a grande República de Itreya. O justicus Darius Corvere e o general Gaius Antonius tinham reunido um exército, disposto a marchar contra a própria capital. Mas à véspera da invasão a salvação aparecera; os líderes rebeldes foram entregues às mãos da República.*

*Mia era jovem demais para perguntar na época. E depois, estivera cega demais para perguntar-se.*

*Como?*



Como os líderes da rebelião tinham caído nas garras do Senado, quando estavam escondidos em segurança dentro de um acampamento armado? Antonius não era burro. Nem o pai de Mia. Teria sido necessário que Deus em pessoa ultrapassasse as defesas e os sequestrasse em segredo.

Deus. Ou talvez alguém a serviço de uma deusa...

– ...mia...

Ela levantou os olhos ao notar o tom da voz de Sr. Simpático. Suas pupilas se dilataram na escuridão.

A passos largos, ela foi até o gato de sombras. Correu os olhos pelos nomes gravados no granito ali. Seu pai e Antonius tinham sido enforcados diante do povo de Godsgrave – ainda que a Igreja Vermelha tivesse algo a ver com a captura deles, não os tinha matado de fato. Mas se outros morreram durante a captura deles, então talvez...

O estômago de Mia foi tomado por um gelo nauseante.

– Sangue e abismo – ela sussurrou.

Estava gravado na pedra, do jeito que Ashlinn prometera. Um único nome dentre milhares. O nome de um escravo que comprara a própria liberdade, e mesmo assim permanecera ao lado do pai dela. A mão direita de Darius Corvere. Seu mordomo. Um homem que estaria com o justicus enquanto ele se preparava para marchar contra a própria capital. Um homem que estaria com o pai de Mia até o fim.

Adriano Varnese.

– ...então é verdade...

Sentiu gelo nas entranhas enquanto contornava o nome com os dedos sobre a pedra.

Sentiu cinzas e pó na boca.

A Igreja Vermelha estivera envolvida na captura do seu pai. No fracasso da rebelião. Por que outro motivo o nome do mordomo estaria gravado na pedra? De que outra maneira um general e seu justicus seriam capturados no meio de dez mil homens?

Todo esse tempo ela vinha treinando num covil de assassinos para vingar-se dos homens que executaram o seu pai, sem jamais imaginar por um instante que os assassinos com quem treinava tinha desempenhado um papel naquela mesma execução.

E tudo às ordens do homem que ela mais desejava matar.

Ash tinha dito a verdade.

Toda a verdade. Inteira.

Desfeita num instante.

– Ai, deusa – balbuciou Mia.

Ela olhou para a estátua sobre si. Para a espada e a balança nas mãos dela. Para as joias que brilhavam na túnica, como as estrelas na tranquilidade da veratreva. Para aqueles olhos negros e impiedosos.

– Ai, Mãe Negra, o que faço agora?

Aplateia era um trovão.

Reverberava pelas pedras ao redor de Mia, ecoava nas paredes manchadas de suor. A areia caía devagar por entre os estrados de madeira acima, o estrondo de milhares de pés, o tremor dos aplausos, o repicar ensurdecedor da adulação ao seu redor, agarrando-se a sua pele e vibrando no oco de suas entranhas.

Mia nunca tinha ouvido nada parecido com aquilo na vida.

Estava na cela de contenção sob a arena, espiando as areias do outro lado por entre as barras. Matteo estava ao seu lado, com os olhos escuros arregalados de admiração. Sidonius caminhava de um lado para o outro na pequena cela, como uma fera enjaulada ansiosa por ser solta. Ou, talvez, ansiosa por fugir. Mia olhou para a palavra *covarde* gravada a fogo no peito dele. Perguntou-se o que ele tinha feito para merecê-la.

– Já assistiu a algum *venatus*, pequeno corvo? – ele perguntou.

– Meu pai jamais deixaria. Achava os jogos uma barbaridade.

Sidonius olhou para a multidão e concordou com a cabeça.

– Homem sábio.

– Não *tão* sábio...

A viagem de carroça do Ninho do Corvo para Pontenegra tinha levado quase uma semana. Como sempre, Mia, Matteo e Sidonius ficaram separados dos verdadeiros gladiatii, e nenhum dos outros se dignou a dirigir uma palavra a ela. Contudo, eles foram bem alimentados, e talvez por compaixão pelo que estava por vir, Carniceiro não mijou em nenhum outro jantar. Depois de seis viragens, atingiram as sombras das Escarpas dos Dragões e avançaram até a metrópole gigantesca de Pontenegra<sup>24</sup>.

Agora eles esperavam sob a grande arena da cidade. As primeiras atrações já tinham começado: assassinatos públicos promovidos pelos administratii da região. Mia observava as areias serem batizadas com sangue; criminosos condenados, hereges e escravos fugitivos sendo executados e *gladiatii* aguçando o apetite da multidão para o banho de sangue por vir.

A arena de Pontenegra era enorme, em formato de elipse, com quase cento e cinquenta metros de comprimento. Acomodava pelo menos vinte mil pessoas, que eram protegidas da luz dos sóis por uma maquinaria móvel de telas. Os bancos e cabines estavam lotados, com gente que tinha viajado por quilômetros desde as cidades vizinhas para testemunhar a glória e o sangue do *venatus*. Mia avistava vendedores de carne seca e vinho. Havia esposas ao lado dos maridos, crianças montadas nos ombros dos pais para verem melhor.

*Nada une mais uma família do que uma agradável tarde de massacres.*

Sendo o segundo escalão, Mia e os outros recrutas iriam lutar

primeiro. O Winnowing era sempre um espetáculo sangrento, e os editorii tentavam sempre oferecer um bom divertimento ao público. Mas o povão ainda preferia as lutas entre seus heróis ao massacre de uns coitados sem nome, ainda que morressem de um jeito impressionante. As lutas com gladiatii *de verdade* aconteceriam depois, quando o Winnowing terminasse.

Com os olhos fixos na areia empapada de sangue, Mia sentiu o corpo tremer. A ausência de Sr. Simpático e de Eclipse era um vazio voraz. Quase uma dor física. Ela agarrou as barras para firmar as mãos trêmulas, xingando-se de covarde.

*Você lutou para estar aqui. Tudo isso é ideia sua. E agora você fica aqui, tremendo como a porra de uma criancinha...*

Ela imaginou Duomo e Scaeva presidindo a execução do seu pai no fórum. A multidão frenética uivando pelo sangue dele. Correndo os olhos pelos assentos da arena, ela viu aqueles mesmos rostos, aquele mesmo deleite terrível. O mesmo tipo de gente que aclamara a morte do seu pai.

*Mas não vão aclamar a minha, seus desgraçados. Não é aqui que eu vou morrer.*

Ela cerrou os punhos.

*Tenho muita gente para matar ainda.*

– Recrutas – disse uma voz.

Mia se virou na direção dela e viu o executus à porta da cela. Em vez da costureira armadura de couro e do chicote, trajava calças e um belo gibão decorado com o falcão vermelho da família Remus e o leão dourado da família Leonides. O cabelo comprido e grisalho estava penteado em tranças, a barba tinha sido escovada; não fosse pela cicatriz que dividia o rosto e a perna de ferro, poderia ser confundido com um don rico que foi assistir aos jogos à tarde.

– Agora é a hora – ele disse em um tom grave. – A morte ou a glória os aguarda. Caberá a vocês escolher o que receberão e o que ganharão.

Matteo falou numa voz trêmula.

– Qual será o formato do Winnowing?

– Os editorii anunciarão assim que vocês estiverem em seus lugares. Mas não importa qual seja o desafio, o caminho para a vitória é sempre o mesmo – o executus respondeu, dando de ombros. – Não morram.

Matteo parecia prestes a vomitar o almoço sobre as sandálias. Sidonius tornou a andar de um lado para o outro, passando a mão sobre a cabeça calva. Mia balançava o corpo, alternando o seu peso entre as pernas, a náusea perfurando as entranhas.

O executus olhou para cada um deles e, pela primeira vez, Mia pensou ter visto a mais mínima insinuação de carinho nos olhos dele.

– Todo gladiatii já esteve uma vez onde vocês estão agora – ele disse. – Eu também. Não importa o que tenham de encarar na areia, o medo é o seu único inimigo. Conquistem seu medo e serão capazes de conquistar o mundo.

Ele levou a mão ao peito. Acenou uma vez com a cabeça.

– *Sanguii e Gloria*. Vejo vocês depois do Winnowing, quando serão gladiatii cobertos de sangue, ou no Lume, quando partirão para o descanso eterno. Que Aa os vele e Tsana guie as suas mãos.

Guardas da arena em uniformes pretos marcharam para dentro da cela e escoltaram Mia e os outros por um longo corredor. A garota ouviu as trombetas anunciarem o fim das execuções. A resposta a elas veio num rugido que ecoou pelas arquibancadas. Pelas paredes e sob os pés, Mia ouviu rangidos e estalos de metal contra metal, e o giro de engrenagens potentes.

– O que é isso? – sussurrou Matteo.

– Maquinaria debaixo do chão da arena – respondeu Mia. – Os editorii controlam tudo que acontece na areia pela parte de baixo.

– Você sabe coisa demais sobre o *venatus* para uma garota que nunca assistiu a nenhum – murmurou Sidonius.

Mia tentou responder com um sorriso misterioso, mas o frio na barriga dificultou.

Os três foram conduzidos até uma baia grande, cerrada com um grande rastrilho de ferro. Do outro lado, Mia enxergava a luz escaldante dos sóis e a arena que os esperava. A areia estava borrada de escarlate. A multidão movia-se e agitava-se como água.

A baia contava com talvez mais quarenta pessoas, alinhadas em fileiras bem formadas. Cada uma ganhou um elmo pesado de metal com uma crista alta feita de crina de cavalo vermelha, um gládio curto de aço e um escudo largo e retangular decorado com uma coroa escarlate. Nada de armadura. Nada para proteger o resto da pele dela além das tiras de tecido que envolviam seus seios e seus quadris. Mia correu os olhos pelo grupo e viu gente de todas as cores e tamanhos, a maioria homens, um punhado de mulheres. Nos olhos deles, viu fervor, viu fúria, viu fatalismo.

Mas o que mais viu foi medo.

– Quando as portas se abrirem – urrou um guarda com elmo de centurião –, assumam seus lugares na areia e no palco da história! *Sanguii e Gloria*!

– Quatro Filhas, eu não estou pronto para isso... – balbuciou Matteo.

– Agente firme – disse Mia, apertando a mão do rapaz. – Fique perto de mim.

– Você tem um plano, pequeno corvo? – murmurou Sidonius.

As trombetas soaram de novo e a multidão respondeu aos uivos.

– Cidadãos de Itreya! Honoráveis administratii! Senadores e medulares! Bem-vindos ao quadragésimo segundo *venatus* de Pontenegra!

O teto tremeu sobre a cabeça de Mia, e a poeira começou a cair à medida que as arquibancadas trovejavam àquelas palavras.

– Em honra do governador Salvatore Valente, apresentamos a disputa épica entre os heroicos gladiatii dos melhores colégios da República! Mas antes, aqueles que buscam a glória da areia precisam se mostrar dignos aos olhos do Onividente! O tempo está próximo! A hora chegou! É o Winnowing!

Mia enfiou o elmo na cabeça e conferiu o gládio, sentindo a falta de Sr. Simpático como se tivesse um buraco no peito.

*Conquistem seu medo e serão capazes de conquistar o mundo...*

– Atenção! – veio o grito. – Eis que lhes apresentamos o Cerco de Pontenegra!

As palmas foram quase ensurdecedoras. Mas sob o fervor da multidão, Mia ouviu a maquinaria sob o chão girar com mais força. Uma agitação começou nas primeiras fileiras, homens e mulheres se empurrando contra o rastrilho para ver. Diante dos olhos maravilhados de Mia, o chão da arena se dividiu em dois e uma pequena fortaleza de pedra começou a erguer-se do mecanismo nas entranhas do estádio.

– Quatro Filhas – suspirou Matteo. – Isso é... um castelo?

Outras partes da arena se abriram e plataformas ocultas começaram a se levantar enquanto as engrenagens da maquinaria batiam e giravam. Mia viu torres de cerco feitas de madeira, um aríete coberto com uma lona de pele grossa, uma balestra pesada, e duas catapultas carregadas com barris de piche fervente. Estandartes escarlates com o selo do antigo Reino de Vaan foram desfraldados nas paredes da fortaleza de pedra. Mia olhou para a coroa vermelha desenhada em seu escudo e para as plumas vermelhas nos elmos ao seu redor.

– Ah, merda – bufou.

– Quê? – perguntou Matteo.

– Vão reencenar o Cerco de Pontenegra – ela se deu conta. – A batalha entre Itreya e Vaan que marcou o começo do império do rei Francisco – Mia explicou, dando um tapa na coroa vermelha no escudo de Matteo e outro no penacho escarlata no seu elmo. – Nós somos os vaanianos.

O garoto inclinou a cabeça para o lado. Mia bufou por dentro.

– Os vaanianos *perderam*, Matteo.

– Ah, merda.

As engrenagens da maquinaria foram parando aos poucos até que todas as peças da batalha estavam em suas posições na arena. A voz do editorii soou pela areia.

– Vejam as tropas do rei Brandr VI, os defensores cercados de Vaan!

O rastrilho estremeceu, subiu. Os guardas empurraram Mia e os companheiros, cutucando-os com as lanças até todos saírem, os olhos apertados por causa da luz dos sóis. Foram recebidos com vaias de um público predominantemente itreyano que berrava perante seus antigos inimigos.<sup>25</sup> Os guardas conduziram os competidores pela arena até a porta aberta da pequena fortaleza. E, depois de os forçarem a entrar, trancaram as portas.

A fortaleza tinha talvez uns seis metros de altura e uns cinco metros quadrados de área. Torres mais altas erguiam-se em cada um dos cantos, e o alto das muralhas era pontuado por ameias. De dentro, Mia percebeu que o castelo não era de pedra, e sim de gesso grosso com uma estrutura de madeira reforçada atrás. O grupo olhava confuso para os lados, sem a menor ideia do que viria depois.

– Ocupem as muralhas, porra! – gritou alguém.

– Subam lá, desgraçados!

As trombetas soaram na arena enquanto Mia, Matteo e Sidonius subiam por uma escada de madeira e assumiam seus postos numa das torres. Encontraram dois arcos pequenos feito de grísia e duas aljavas cheias de flechas.

– Algum de vocês sabe atirar? – perguntou Mia aos companheiros.

– Eu sei – disse Matteo.

Mia pegou um arco e pendurou uma aljava nos ombros, em seguida entregou a outra para Matteo. Quando ele foi pegá-la, ela apertou sua mão e o olhou bem nos olhos.

– Não tenha medo – ela disse. – Não é aqui que vamos morrer.

O garoto fez que sim com a cabeça. Ao redor, um mar de gente estava de pé nas arquibancadas. As muralhas da arena tinham dez metros de altura, e as cabinas dos medulares e dos políticos pontuavam o perímetro. Numa delas, Mia viu dona Leona sentada com outros sanguilas. Trajava um vestido dourado, o cabelo castanho estava trançado ao redor da cabeça como os louros da vitória. Mas, apesar de toda a beleza e do peso do sobrenome, sua propriedade acabou fazendo o papel de povo conquistado.

*Você não é nem metade do político que o seu pai é, mi domina.*

Num camarote grandioso na parte esquerda, Mia viu um homem que supôs ser o governador da cidade, rodeado de oficiais, administratii e belas mulheres em vestidos elegantes. O editorii dos jogos estava no canto desse camarote, vestindo um uniforme vermelho-sangue, com pequenas adagas douradas bordadas nas mangas e na cintura. Tinha um mico branco empoleirado no ombro. Ele falava em uma corneta comprida e espiralada, e sua voz era amplificada por outras cornetas nas bordas da arena.

– Cidadãos! – ele gritou. – Contemplem as nobres legiões de Itreya!

Um rastrilho do outro lado da arena escancarou-se e os guardas escoltaram outro destacamento de competidores. Tinham as mesmas armas e adereços que Mia e seus companheiros, mas os penachos no elmo eram dourados e os escudos estavam decorados com os três olhos de Aa. A multidão rugiu sua aprovação ao vê-los, e começou a bater os pés e fazer o chão tremer. A maior parte do grupo assumiu os postos nas torres de cerco de madeira, ao passo que outros ocuparam a balestra e as catapultas no canto da arena.

– A disputa termina quando restar apenas uma cor! – gritou o editorii. – Aos vencedores, o direito de lutar como gladiatii de verdade nas arenas do *venatus*! Aos derrotados, o sono eterno da morte! Que o Winnowing... comece!

Urros do público. As tropas douradas se movimentaram, dezenas apoiando-se contra a base das torres de cerco e as empurrando para a frente. Mia observou as tropas vermelhas que ocupavam as muralhas e olhavam ao redor à procura de um líder, sem encontrar nenhum. Voltando a olhar para as torres que se aproximavam, gritou mais alto que o público:

– Algum dos nobres amigos serviu na legião?

– Eu – disse um sujeito robusto na torre oposta.

– Por acaso tem experiência com guerras de cerco?

– Eu era um cozinheiro de merda, moça.

Mia olhou para o exército que se aproximava. Depois para a espadinha nas suas mãos.

– Ah, merda – suspirou.

– Arqueiros, atirem nas torres! Preciso de seis de vocês no portão para enfrentar o aríete, o resto vai para a muralha repelir as tropas! Dois homens em cada posto, ergam os escudos e se mantenham um de costas para o outro, está claro?

Mia franziu a testa e procurou quem estava gritando.

Era Sidonius. Mas não o Sid bocudo e tarado que ela tinha chutado no saco e socado no queixo. Esse homem era feroz como um dragão branco, com a voz trovejante, e emanava uma aura de liderança que não admitia dissidentes.

– Ah, é? – berrou alguém. – E quem caralhos é você?

– Sou o desgraçado que vai salvar as nossas vidas miseráveis! – urrou Sid. – A não ser que algum de vocês tenha um plano melhor, seus comedores de cabrita ridículos. Agora, espadas em punho e mandem aqueles desgraçados para o abismo que é o lugar deles!

Mia observou por um instante mais, a testa ainda franzida. Mas vendo que Sid não estava a fim de discussão, e fazendo parte dos comedores de cabrita ridículos sem plano melhor, ela mirou a flecha nas torres de cerco. Matteo preparou sua flecha também e falou pelo canto da boca, meio que rindo de Sid.

– Bom, por essa eu não esperav...

A seta da balestra acertou o rapaz como uma bigorna. O sangue espirrou no rosto de Mia quando Matteo foi lançado da torre com um “ufff”, caindo de cabeça na areia lá embaixo. Bateu no chão com um estalo cruel, com quase um metro de aço e madeira no peito, o pescoço torcido inteiro para trás.

– Sangue e abismo – balbuciou Mia.

Um estrondo arrasador balançou o castelo quando uma das catapultas disparou um barril de piche fervente. O projétil despedaçou-se contra a parede e o fogo líquido começou a chover sobre homens e mulheres do lado de dentro. A multidão bradou sua alegria ao ver a segunda catapulta abrir fogo; o barril estourou na fachada e incendiou o portão de madeira. Homens caíram das ameias cobertos de óleo flamejante, aos berros enquanto tentavam apagar as chamas na areia. Mia e Sidonius se abaixaram e trocaram um olhar de espanto.

– Quatro filhas da puta – murmurou o grandalhão.

– Sugestões, general? – perguntou Mia.

– Arqueiros! Naquelas torres!

Mia e um punhado de outros camaradas saíram dos abrigos e dispararam uma saraivada de flechas nas torres de cerco. Vários soldados dourados caíram, e a multidão uivou quando a segunda saraivada derrubou mais alguns. Uma fumaça preta emanava das chamas crescentes, irritando os olhos e a garganta de Mia, que disparou de novo.

– Aríete! – ela gritou. – Vindo forte.

– Protejam as portas! – gritou Sidonius.

Meia dúzia de dourados dispararam por entre as torres de cerco, o aríete no meio deles. Mia atirou de novo, mas o grupo tinha a proteção de uma lona grossa. As muralhas balançaram quando eles bateram no portão principal, e tremeram ainda mais quando um barril de óleo fervente acertou uma das torres traseiras da fortaleza, para o delírio do público. A explosão espalhou-se brilhante e feroz, sacrificando mais três vermelhos nas muralhas. Caíram aos gritos, com uma quarta guerreira que voou para trás com uma seta da balestra no peito.

– Essas armas de cerco estão nos matando! – berrou Mia.

– Bom, não temos muito mais do que palavrões pra atirar contra eles! – berrou Sidonius. – Os vaanianos perderam o cerco, pequeno corvo! Esses dados estão viciados!

Houve outro estrondo no portão depois de mais um golpe certo do aríete. Mia saiu do esconderijo e disparou em meio às ondas de fumaça, metendo uma flecha no pé de um dos homens que empurravam o aríete. Era tudo o que ela conseguia enxergar por baixo



daquela maldita lona, mas produziu o efeito desejado: o homem caiu uivando, e Mia esquivou-se de um tiro de balestra ao mesmo tempo que disparava mais uma flecha, que acertou o homem na garganta.

Outro barril explodiu; a multidão agora uivava ébria de fúria. O castelo estava em chamas e as dobradiças do portão começavam a se soltar. A primeira torre de cerco encostou nas ameias e despejou meia dúzia de homens sobre as forças de defesa com gritos de quem tinha sede de sangue. Sidonius avançou rugindo pela muralha e atravessou a barriga de um homem com sua espada. Mia se levantou silenciosa e segurou a sombra de um dourado, deixando-o imóvel, para poder defender o golpe de outro homem que em seguida empurrou com o escudo para fora da muralha; voltou então ao primeiro e enterrou a lâmina no peito dele. O sangue espirrou morno e cobreado nos seus lábios. Ela tinha se perguntado como seria capaz de usar seus dons sem que a multidão percebesse, mas no meio daquele caos e daquela fumaça e daquelas chamas, ninguém veria absolutamente nada da sua sombra.

O portão tremeu de novo, a madeira começou a rachar. Mais um bom empurrão e eles passariam. Outro vermelho saiu voando da ameia com uma seta de balestra na barriga, e outro barril explodiu no chão em frente à fortaleza, borrifando óleo fervente nas muralhas. Era bom ficar ali e defendê-las – Mia fatiou mais um dourado, rasgando seu ventre e espalhando as tripas pelo chão enquanto ele caía aos gritos –, mas aquelas catapultas iam acabar botando fogo em tudo.

*Conquistem seu medo, e serão capazes de conquistar o mundo.*

Ela se lembrou das aulas na Sala de Máscaras com a Shahiid Aalea, a assassina dentro de si vindo à tona. Era capaz de empunhar uma espada como os melhores entre eles, tinha certeza, mas sua verdadeira vantagem sobre a gente que lutava e morria ao redor era o seu treinamento na Igreja Vermelha. Sua inteligência. Sua astúcia.

*Não pense como gladiatii. Pense como Lâmina.*

Ela olhou para os rostos ao redor. Para o rosto de um homem que tinha acabado de matar, preso dentro de elmo. E, arrancando o elmo da cabeça do dourado morto, ela enfiou as mãos nas tripas espalhadas e puxou um punhado comprido e cálido. Tirou o próprio capacete, colocou o dourado e berrou para Sidonius.

– Não deixe que me acertem na volta!

Mia esfregou sangue no pescoço e no peito, apertou o punhado de intestinos rompidos contra a barriga e, respirando fundo, saltou da muralha para o chão. Caiu na areia com um gemido, estremeceu e caiu de lado. A fumaça preta fervia por toda parte, a madeira se rompia, e o povo urrava conforme o portão se despedaçava. Um estrondo ecoou pela arena quando outro barril explodiu contra a muralha, e Mia encolheu-se para se proteger dos globos de óleo

flamejante.

Ela se levantou, ainda apertando o punhado de tripas cortadas contra a barriga. E, com a espada pendendo da outra mão, caminhou tropega rumo à primeira catapulta.

O público quase não lhe deu atenção – pelo que viam das feridas do outro lado da arena, a garota era uma morta-viva. O grupo na catapulta também não deu a mínima; o elmo dourado a distinguiu como um deles, mas cada um lutava para salvar a própria pele. Assim, ninguém correu para ajudá-la ou impedi-la enquanto ela dava seus passos incertos pela areia, com sangue e tripas empapadas à frente, pingando no chão.

Ela chegou a tropeçar para enfatizar a atuação, e se levantou arfando. Já estava mais próxima, a catapulta e seus três operadores estavam a poucos metros de distância. Foi se arrastando aos gemidos, trançando as pernas, cada vez mais perto. Então, a alguns passos do trio, ressuscitou. Atirou o punhado de tripas no primeiro dos dourados e logo enterrou o gládio no peito dele.

O homem caiu com um grito. Antes que os outros dois pudessem se dar conta do acontecido, Mia estripou um deles; as entranhas se espalharam pela areia e ele caiu com um grito de gelar o sangue. O último procurou a própria espada, mas Mia a jogou para longe com o escudo. Desviou para a esquerda, para a direita, até que, com um brilho da lâmina, ofertou o homem à Fauce.

– *Escuta-me, Niah* – ela sussurrou enquanto apanhava a espada de um dos caídos. – *Escuta-me, Mãe* – ela continuou, correndo rumo à segunda catapulta. – *Esta carne, o teu banquete.*

Um dos operadores a viu sair da fumaça

– *Este sangue, o teu vinho.*

abriu a boca, talvez para avisar os outros

– *Leva-os para perto de ti.*

mas o golpe atravessou sua garganta até o osso, a lâmina travando numa vértebra. Mia a puxou de volta, decepou as pernas de outro e atirou a segunda espada no peito do último. A espada penetrou carne e costelas, derrubando o homem num jato vermelho. A segunda catapulta se calou.

O público começou a notar que algo estava errado. Os dourados tinham conseguido invadir a fortaleza, e uma guerra sangrenta eclodia nos portões e no alto das muralhas. Só que cada vez mais gente apontava para a menina baixa e pálida, encharcada de sangue, em meio às máquinas agora silenciadas. Ela se ajoelhou diante dos corpos que tinha matado, tirou o elmo e mergulhou seu penacho no sangue empoçado na areia, manchando-o de vermelho. E, pondo-o de novo com força, disparou com espadas nas mãos rumo aos dourados que estavam na balestra.

Eles a viram se aproximar, voltaram a arma na direção dela e dispararam. Mas a fumaça da fortaleza em chamas se espalhava pela arena e, no fim das contas, Mia era apenas uma coisinha, rápida e afiada feito uma faca. Ela se jogou para o lado e se levantou com um salto no momento em que um dos três vinha atacar. Era um gigante; um dweymeri com nós de sal compridos, meio metro mais alto do que ela. Mia bateu uma espada contra a dele e tomou um golpe de raspão no elmo. Como era bem mais baixa do que o homem, conseguiu enfiar a lâmina sob o seu escudo. Cortou o tendão de uma perna até chegar no osso, e o agarrou pelos cabelos assim que ele dobrou o joelho. Ela virou o homem na direção da balestra. Atiraram de novo. Escondida atrás do inimigo, viu a seta perfurar o escudo e o peito dele.

A multidão urrou quando Mia subiu nos ombros do homem que caía e saltou sobre as duas mulheres que operavam a máquina. Torceu as sombras aos pés da primeira e abriu o peito da segunda. A mulher caiu com um grito, mas seu golpe abriu uma ferida profunda no braço de Mia, e o sangue espirrou. A garota vacilou, a multidão, o pulso e o trovão ensurdecendo seus ouvidos no momento em que lançou a segunda espada na cabeça da outra mulher.

Com as botas presas ao chão, a mulher só podia desviar caindo para trás, aterrissando de costas na areia. Xingou, os olhos arregalados de medo enquanto puxava as botas, ainda presas à areia. Mia assomou diante dela, com um braço caído, o outro com a espada erguida.

– Não – a mulher gemeu. – Tenho uma filhinha e...

Mas não *há* mães na areia.

*Nem filhas.*

*Apenas inimigos.*

A espada de Mia calou a súplica da mulher. A multidão ao redor uivava. Tremendo de dor por causa do braço ferido, a garota carregou a balestra e puxou o arco para atirar. Mas já não havia mais ninguém nas ameias; a luta parecia acontecer apenas dentro das muralhas da fortaleza.

Com um suspiro cansado, Mia pegou a espada. O braço direito sangrava em profusão do corte profundo no bíceps; a cabeça girava. Ajeitando o elmo e pondo o escudo no braço machucado, ela começou o caminho de volta à fortaleza através das areias sangrentas e em chamas, para lutar contra quem tivesse restado com vida lá dentro. O público entoava um refrão, batia os pés em sincronia com os passos da garota – embora ela defendesse as cores do inimigo, o encanto da encenação cedeu a um desejo mais puro de sangue, e aquele projeto de mulher tinha acabado de assassinar quase doze pessoas num punhado de minutos.

Ela se deteve a seis metros do portão em meio a um véu de fumaça, ao fedor de tripas abertas e de sangue fervendo. Avistou quatro

silhuetas na fumaça marchando em sua direção. Respirando fundo, imaginando tudo o que podia perder se fracassasse, ergueu a espada. E, forçando a vista contra a fumaça, distinguiu a cor do penacho deles.

Vermelho-sangue.

Mia soltou o escudo, rindo alto ao ver Sidonius, surrado e sangrando, entre os homens. Atrás deles, o gargalo do portão tinha se tornado um matadouro, com dezenas de dourados e vermelhos mortos pelo chão. Ela viu Matteo entre eles, com seus belos olhos arregalados sem ver absolutamente nada.

Ela tentou afastar a tristeza, ciente de que o sentimento não tinha serventia. Esse era o seu mundo agora. Vida e morte, e apenas um golpe de espada separando as duas. E a cada golpe, ela chegava mais perto da vingança.

Não havia espaço para nada a não ser inimigos.

– Cidadãos! – gritou o editorii. – O governador Valente lhes apresenta os vencedores!

O público berrou em resposta. O som das trombetas cruzou o ar. Manchada de sangue da cabeça aos pés, Mia avançou ainda mancando e estendeu a mão para Sidonius. O grandalhão abriu um sorriso, agarrou o antebraço da garota e a puxou num abraço esmagador.

– Vem cá, sua putinha maravilhosa – ria.

– Me solta, seu idiota da porra! – ela disse, sorrindo.

Sidonius mostrou os nós para as arquibancadas e berrou para a multidão.

– Tomem isso, desgraçados! Ninguém é capaz de me matar, ouviram? NINGUÉM É CAPAZ DE ME MATAR!

Mia olhou para os camarotes dos medulares e viu dona Leona de pé, aplaudindo. Ao lado dela estava o executus, de braços cruzados, cara fechada como sempre. Mas, de modo quase imperceptível, o homem inclinou a cabeça. O gesto mais próximo de um elogio que ele já fizera.

Ela fez um círculo, contemplando o mar de rostos, as aclamações ébrias de sangue, o trovejar dos pés. E, por um minúsculo instante, ela deixou de ser Mia Corvere, a órfã, a sombria assassina, a encarnação da vingança. Abriu os braços, pingando vermelho na arena, e passou a ouvir a multidão urrar em resposta. E, apenas pelo tempo de um fôlego, ela se esqueceu de quem era.

Só sabia no que tinha se tornado.

*Gladiatii.*

---

24 Cidade situada nas Escarpas do Dragão, Pontenegra foi palco de um dos cercos mais infames da história de Itreya.

Decidido a forjar o maior reino que o mundo já vira, o Grande Unificador, Francisco I, mirou primeiro o Reino de Vaan. Quando o rei vaaniano, Brandr VI, recebeu a notícia de que Francisco marchava com seus andantes de guerra em

direção ao seu reino, enviou dois dos seus capitães mais leais – Halfstad e Ulfr – para defender as fileiras em Pontenegra.

Encravada num vale da Escarpa do Dragão, a cidade era protegida por todos os lados por grandes picos de granito, e só era acessível pelo sul por meio de uma única ponte de pedra, que deu nome à cidade. Halfstad, que já era um ancião na época, entregou o comando das muralhas à filha, a escudeira Eydis. Ulfr, um homem bem mais jovem, comandou as tropas de guerrilheiros que atacavam as tropas de Francisco no campo. O cerco foi duro e a tensão crescia entre os vaanianos, mas ainda assim eles conseguiram repelir os ataques itreyanos por seis meses. Com o auge do inverno chegando, Valerian, alto general de Francisco, declarou Pontenegra impenetrável.

Infelizmente, o mesmo não podia ser dito da filha de Halfstad, Eydis.

Veja: nos seis meses que passaram presos na cidade, Eydis e Ulfr desenvolveram um afeto muito grande um pelo outro. Mas quando Eydis informou ao pai que estava grávida do seu aliado, o velho Halfstad recebeu a notícia de um modo bem pior do que o esperado. Declarando que Ulfr tinha manchado a honra da filha, atacou seu companheiro suserano na praça da cidade. Os homens de Ulfr saltaram em defesa do seu mestre, os homens de Halfstad juntaram-se à contenda para proteger o seu, e antes que as pessoas pudessem entender o que se passava, as forças vaanianas descarregavam seis meses de frustração assassinando-se uns aos outros às centenas.

Os dois nobres pereceram nas hostilidades. Pontenegra caiu diante dos itreyanos logo depois, o que abriu o país inteiro à invasão. Dois anos depois, Vaan se tornou o primeiro estado-vassalo do grande Reino de Itreya.

E se você me der uma confirmação melhor dos benefícios da tabelinha, nobre amigo, eu engulo a minha pena.

25 Os vaanianos na arquibancada tiveram a sabedoria de se manter calados.

# Capítulo 12

## Epifania

– Você sabia?

O bispo de Godsgrove pulou quase um metro da cadeira. Sua xícara de vinho d'ouro escorregou dos dedos e se derramou no pergaminho sobre a mesa. Com o coração disparado no peito, Mercurio se virou e deparou com a antiga pupila atrás de si, envolta nas sombras da sua estante de livros.

– Sangue e abis...

O coração dele parou ao ver a adaga de ossário na mão de sua antiga protegida. Uma loira estava atrás dela, na penumbra, com um traje de couro escuro. Parecia vagamente familiar, mas quem disse que Mercurio conseguia identificar a desgraçada?

Um rosnado grave o fez virar-se para a porta aberta dos seus aposentos, onde viu uma loba feita de sombras tomar forma. Como se uma leve brisa tivesse passado, a porta foi rangendo até fechar.

– Você. Sabia? – repetiu Mia.

Mercurio voltou a encarar a antiga pupila.

– Eu sei um monte de coisas, pequeno corvo – disse calmamente. – Você precisa ser m...

Ela se moveu como um vulto, atravessando o espaço entre eles num piscar de olhos. Ele bufou quando ela o pegou pela garganta e apertou a lâmina contra sua jugular.

– Tire essa porra de espetinho do meu pescoço – o velho ordenou.

– Responda!

Mercurio encostou sua própria faca – que tinha sacado ao derrubar o vinho d'ouro – contra a artéria femoral de Mia.

– Um empurrãozinho e você sangra até a morte num instante – ele disse.

– Seremos dois.

– Eu te dei essa faca – ele disse, engolindo em seco contra a lâmina de ossário.

– Não. Foi o Senhor Simpático que me deu.

Mercurio olhou para o não-gato que tomava forma no ombro de Mia.

– ...você só a devolveu, velho...

– Ainda assim. Nunca pensei que ela apontaria contra a minha garganta, pequeno corvo.

– Nunca pensei que você me daria motivo – a garota disse.

– E qual é esse motivo?

– Eles mataram o meu pai, Mercurio – ela disse, com a voz trêmula. – Ou, o que dá na mesma, entregaram meu pai a Scaeva para ser enforcado!

– Quem fez isso? – o velho perguntou, lançando um olhar carrancudo por cima do ombro de Mia até a loira.

– O Ministério! – disparou Mia. – Drusilla, Cassius, todos eles. Meu pai e Antonius foram capturados no meio de um acampamento de dez mil homens. Quem seria capaz disso se não um Lâmina de Niah?

– Isso não faz a...

– Você sabia?

O velho encarou a pupila e não encontrou nenhum medo da lâmina que ele carregava. Nenhum medo de morrer refletido nos olhos dela. Apenas ódio.

– Por seis anos eu te treinei para as provas da Igreja – ele disse em voz baixa. – Pela Mãe Negra, por que faria isso se soubesse que a Igreja tinha ajudado Scaeva a matar o seu pai?

– Bom, por que a Igreja me treinou se ajudou Scaeva a matá-lo, Mercurio?

– É por isso que eu estava dizendo que isso não faz sentido, Mia. Pense.

As mãos de Mia tremeram na adaga, e ela o olhou nos olhos. Mercurio viu a Lâmina dentro da garota, a assassina esculpida a partir da menina que ele entregara à Igreja. Sabia que ela se tornaria isso quando a mandara para lá. Sabia da marca que isso deixaria. Ninguém entrega uma pessoa à Fauce sem dar uma parte de si mesmo junto. Mas lá no fundo ele ainda enxergava Mia. A menina que ele tinha salvo das ruas de Godsgrave. A garota que abrigara sob o seu teto, a quem tinha ensinado tudo o que sabia. E que, mesmo depois de ter fracassado na prova, ainda considerava família.

– Eu jamais a machucaria, pequeno corvo. Você sabe disso. Eu juro pela minha vida.

Mia permaneceu mais uns instantes encarando o bispo. A assassina que ela tinha se tornado combatia a menina que tinha sido. E devagar, bem devagar, Mia baixou a faca. Mercurio recolheu sua lâmina para longe da perna dela, enfiou-a de novo no braço da cadeira e voltou a sentar-se.

– Quer me dizer do que tudo isso se trata? – perguntou.

A loira tirou um livro de baixo do manto e o pôs sobre a mesa, diante dele. Era preto. De couro. Sem qualquer ornamento.

– Que porra é essa? – ele perguntou.

– Os registros da Igreja Vermelha – a loira respondeu.

Mercurio arregalou os olhos. De repente, fazia sentido. De repente...

– Agora eu a reconheço – ele disse com um suspiro. – Nos vimos na Igreja, quando fui buscar Mia. Você é a filha de Torvar. É Ashlinn filha-da-puta Järnheim.

– Na verdade o meu segundo nome é Frija, mas...

– Faz oito meses que caçamos você! – Mercurio virou-se para Mia e levantou a voz. – Abandonou de vez todo o bom senso? Graças a essa traidora e ao pai dela, quase todas as Lâminas estão debaixo da terra!

Ashlinn deu de ombros.

– Quem vive pela espada...

– Foi um milagre que não me pegaram!  
– Isso é besteira – replicou a garota. – Quando os luminatii expurgaram Godsgrave, ninguém derrubou a porta do seu pequeno antiquário, não é?  
– Ah, e por que motivo, posso saber, por favor? – resmungou o velho.  
Ashlinn olhou para Mia e depois de novo para o bispo vermelho de raiva.

– Porque eu não queria magoar Mia.  
O silêncio se abateu sobre o escritório. Mia olhava para tudo, menos para os olhos de Ashlinn. Depois de um momento longo e desconfortável, ela foi até o livro de registros e começou a folhear as páginas até encontrar um nome listado entre os muitos clientes e pagamentos. Um nome escrito em letra grossa e cursiva, em preto intenso contra o amarelo do pergaminho.

Julius Scaeva.  
– Você sabia, não sabia? – perguntou Mia. – O Ministério deve contar para os bispos quem pode e não pode ser tocado, pelo menos para evitar quebras da Santidade.

– Claro que sabia – o velho disparou. – Contaram assim que fui nomeado. Por que abismos você acha que ainda não mandei uma Lâmina minha cortar a garganta desse desgraçado? Concorrendo ao quarto mandato de cômulo? Ele é a mesma merda que um rei, só falta o nome. E eu sempre disse isso, não se lembra?

Mia apontou um dedo para uma linha.  
– Dez mil sacerdotes de prata – ela disse. – Enviados à Igreja pelo próprio Scaeva, três viragens antes da execução do meu pai. Pagos pelo homem que mais ganharia com o fracasso dos rebeldes. E o nome do braço direito do meu pai está gravado aos pés de Niah no Salão dos Elogios. Explique-me isso, Mercurio.

O ancião cofiou a barba, a cara ainda fechada.  
Olhou para os nomes e os números embaçados à luz fraca.  
Não podia ser...

Claro que ele sabia que Scaeva pagava a Igreja em segredo. Verdade fosse dita, fazia todo o sentido que alguém com dinheiro suficiente enchesse os cofres de Niah. Era uma das belezas da Santidade: do dinheiro suficiente à Igreja para ser considerado cliente e você estará sob a proteção do Juramento Vermelho. O rei de Vaan fazia isso havia anos. Ideia de gênio, mesmo. Os fiéis de Niah podiam ser pagos sem nem levantar um dedo.<sup>26</sup>

Claro, Scaeva pagava bem mais do que uma mensalidade; usava a Igreja para se livrar de dezenas de pedras no seu caminho. Mas Mercurio jamais suspeitara que a Igreja tivesse algo a ver com o fim dos Faz-Reis. Tudo o que ele ouvira sobre o assunto o fizera crer que Corvere e Antonius tinham sido traídos por um dos seus próprios homens.

Seria possível que...?



– A Igreja Vermelha capturou o meu pai – disse Mia, com a voz carregada de dor. – E o entregou para o Senado. Seria a mesma coisa se tivessem matado meu pai com as próprias mãos.

*Senhor Simpático inclinou a cabeça para o lado e ronronou baixo.*

– ...o que não entendo é por que scaeva mandou remus atacar a montanha, se scaeva já tinha a igreja no bolso...?

– ...COMO SE ESSA FOSSE A ÚNICA COISA QUE VOCÊ NÃO ENTENDESSE...

– ...calada, criança. os adultos estão conversando agora...

– Remus atacou a Montanha sem o consentimento de Scaeva – disse Ashlinn.

– Besteira – respondeu Mercurio, virando-se à vaaniana com a testa franzida. – Remus não mijava sem antes pedir permissão para Scaeva. O Senado, os luminatii e a Igreja de Aa são os três pilares da porra da República, menina.

– Não me chame de menina, seu babaca enrugado – rebateu Ashlinn. – Era o meu pai que estava de conluio com Remus, lembra? O justicus odiava Scaeva. Ah, sim, obedecia às ordens do cônsul, mas Remus era fiel a Aa, como Duomo. Usar a Igreja Vermelha para o seu trabalho sujo tornava Scaeva um herege aos olhos de Remus. E fechar a Igreja cortaria o acesso do cônsul a sua matilha de assassinos de aluguel.

*Mercurio coçou o queixo.*

– Eu achava que Remus e Duomo...

– Duomo também é cliente da Igreja.

– Eu sei disso – disparou Mercurio. – Não sou um cabaço que começou ontem. Sou a porra do bispo de Nossa Senhora do Bendito Assassinato.

– Com a exceção de que o nosso ilustre grão-cardeal jamais contrata a Igreja para assassinar benditamente ninguém – retomou Ashlinn, folheando os registros para mostrar os pagamentos que Duomo realizava havia seis anos. – Ele paga apenas uma taxa anual com o dinheiro de Aa. Para ter a proteção da Santidade, entenderam? Assim, sabe que Scaeva não vai poder simplesmente mandar cortar a sua garganta durante o sono. O cardeal e o cônsul se odeiam, e ambos fariam quase qualquer coisa para ver o outro morto.

– ...ME PARECE QUE REGISTRAR TUDO ISSO NUM LIVRO FOI UMA IDEIA INCRIVELMENTE IMBECIL...

– O livro ficava guardado num cofre trancado – disse Ashlinn à loba de sombras. – Dentro do covil dos assassinos mais temidos da República. E a única chave estava pendurada no pescoço de uma das assassinas mais competentes que o mundo já viu. Se você pensar no que eu tive de enfrentar para conseguir essa chave, talvez a ideia não lhe pareça tão imbecil assim.

– ...e por falar nisso, pequena traidora, diga-nos, por favor, por que ainda não matamos você...?

– Porque sou uma vencedora? – respondeu Ashlinn, voltando-se para o não-gato no ombro de Mia. – Ou talvez porque sou a única pessoa com alguma ideia do que está acontecendo nessa porra toda.

– Então, o que está acontec... – O velho piscou e correu os olhos pelo escritório. – Esperem um pouco, onde abismos está Jessamine?

Mia e Ashlinn trocaram um longo e desconfortável olhar. O lábio de Ash estava partido e inchado por causa da briga no telhado, e o olho roxo.

– ... aconteceu algo... desagradável...

– Que bela merda! – disse Mercurio, lançando um olhar fulminante para Ashlinn. – E você foi a responsável?

– Se isso servir de consolo, Jess me esfaqueou primeiro – respondeu Ashlinn, dando de ombros. – Eu só esfaqueei por último. E... várias vezes.

– Então o que faz aqui? – quis saber o bispo. – Mia foi enviada sete viragens atrás para matar uma braavi e roubar um mapa, e volta com a traidora mais procurada da história da Igreja. Onde você se encaixa nisso tudo?

Ashlinn deu de ombros.

– Eu estou com o mapa.

– ...você estava com o mapa. ele explodiu, lembra...?

A garota abriu um sorriso malicioso.

– Você não acha que eu sou burra a ponto de deixar uma coisa tão valiosa ser consumida pelas chamas, acha, Senhor Sabe-Tudo?

– É melhor começar a falar, então – esbravejou Mercurio.

– É – concordou Mia. – Onde arranjou o mapa? Para onde ele leva? E pra quem trabalha? A braavi disse que você ia vender o mapa para o cardeal Duomo.

– Ele me contratou para pegar o mapa – explicou Ash, encostando-se na parede e cruzando os braços. – Depois que o ataque à Igreja deu merda, meu pai e eu passamos os oito meses seguintes fugindo das Lâminas que vinham nos matar. Quando meu pai morreu, a gente já estava quase sem dinheiro. Duomo e Remus tramaram juntos o fim da Igreja, então eu sabia como entrar em contato com o cardeal. E por acaso ele estava procurando alguém com as minhas... qualificações.

– Quais? Grosseria e saber bancar a esperta? – disparou Mercurio.

Ashlinn torceu os lábios num sorriso enlouquecedor.

– Trancas. Armadilhas. Trabalhos sujos. Ele tinha descoberto outro jeito de fazer a balança pender para o seu lado e destruir a Igreja Vermelha de uma vez por todas. Sem a Igreja no caminho, ele estaria livre para derrubar Scaeva, eleger um cônsul novo que fosse dócil e mandar sozinho.

Mia franziu a testa.

– E que “outro jeito” seria esse?

Ash deu de ombros.

– Ele nunca me disse. E eu nunca perguntei. Meu trabalho era viajar com um bando de mercenários e um bispo do ministério de Aa. Para as ruínas

de um templo no litoral norte do Ashkah antigo. Foi lá que encontrei o mapa. E... outras coisas.

– Que tipo de coisas? – perguntou Mercurio.

O rosto de Ashlinn assumiu uma expressão de pedra.

– Do tipo perigoso.

– O que aconteceu com os seus companheiros?

A garota deu de ombros.

– Não sobreviveram.

– Então você voltou para Godsgrave sozinha para vender o mapa para Duomo? – perguntou Mia.

Ash fez que sim.

– Os Duros são os intermediários dele. Duomo tem dinheiro pra pôr muita gente no bolso. Eu não sabia se ele ia tentar me dar uma facada nas costas, mas me preparei para o pior. Sou uma ponta solta. Uma das poucas pessoas vivas que sabiam que o cardeal trabalhava contra Scaeva para derrubar a Igreja.

– Bom, alguém sabia que Duomo trabalha com os Duros – disse Mercurio. – E que o mapa seria entregue nessa virada. E esse alguém contratou Mia para...

Os olhos de Mia encontraram os de Mercurio. Os do velho se arregalaram.

– Você não acha... – ele começou.

Mia baixou os olhos para o assoalho, como se procurasse uma verdade que tivesse deixado cair. Jogou o cabelo para trás, o frio na barriga refletido no rosto.

– O cliente dessa oferenda pediu especificamente por mim – ela disse, a voz baixa. – “Aquele que matou o justicus da Legião Luminatii.” Ao menos foi o que o Ministério disse. E eu tinha feito outras três oferendas para o mesmo cliente.

– Quem você matou?

– O filho de um senador. Gaius Aurelius. A amante de outro senador de Liis, Armando Tulli. E um magistrado de Galante chamado Cicerii.

– Mãe Negra – resmungou Mercurio.

– O que foi? – perguntou Ashlinn olhando para os dois.

– Corria o boato de que Gaius Aurelius planejava concorrer a cônsul contra Scaeva – respondeu Mercurio. – E Cicerii preparava um inquérito sobre a constitucionalidade do quarto mandato de Scaeva.

Mia caiu de joelhos, firmando-se no piso. Eclipse tomou forma ao lado dela, e Sr. Simpático começou a lambê-la com a língua insubstancial.

– Ai, Deusa... – ela suspirou.

– Scaeva está pondo as pessoas na linha – percebeu Mercurio. – Está intimidando ou matando os adversários para garantir que seja eleito de novo.

– E eu o ajudei... – sussurrou Mia.

– ...DESGRAÇADOS...

– O que significa que ele sabe que Duomo está agindo contra ele. Sabe que o lugar a que o mapa leva é uma ameaça para a Igreja, e está usando a Igreja para eliminar essa ameaça.

– Está protegendo a sua seitinha de assassinos – disse Ashlinn, então olhou para Mia e balançou a cabeça. – O que eu falei? Putas, todos eles. Não satisfeita em ter ajudado a matar o seu pai, a Igreja ainda te faz cortar gargantas para o desgraçado responsável pelo enforcamento dele. Solis. Mouser. Mataranhas. Aalea. Drusilla. Eles precisam morrer. Cada um deles.

– Scaeva.

Mia cuspiu a palavra como se fosse um gole de veneno. Com os lábios recuados e os dentes à mostra, ela cravou os olhos em Ashlinn e, devagar, balançou a cabeça.

– Scaeva e Duomo primeiro.

Ashlinn deu um passo à frente, os olhos cintilando feito aço.

– Duomo provavelmente está na Basílica Grande neste exato momento.

Mia balançou a cabeça.

– Não posso entrar lá. Já tentei uma vez. As trindades...

– Eu posso pegar Duomo por você – ofereceu Ashlinn. – Trindade nenhuma pode me parar. Entro escondida e corto a garganta dele, e depois pegamos Scaeva e a Igre...

– Não – Mia disse. – Eles são meus. Os dois.

Ela se levantou devagar do chão, com o cabelo preto escorrendo sobre o rosto fantasmagórico.

– Esses desgraçados são meus.

– Esperem aí – aconselhou Mercurio. – Não vamos nos precipitar.

– Precipitar? – ironizou Mia. – A Igreja Vermelha matou o meu pai, Mercurio. Assim como Scaeva e Duomo. O Ministério é tão culpado quanto os outros dois.

– Mas por que a Igreja Vermelha treinaria você se ajudou a matar o seu pai?

– Talvez achassem que eu nunca fosse descobrir? Talvez Cassius tenha ordenado que o Ministério me treinasse por ser sombria? Talvez o filho da puta do Scaeva achasse que seria divertido? Ou talvez tenham pensado que depois de matar gente o bastante, de ficar fria o bastante, eu não me importaria mais?

O velho juntou os dedos no queixo, com os olhos fixos no livro de registros.

– Ninguém entrega uma pessoa à Fauce sem dar uma parte de si mesmo – ele murmurou.

– Você está comigo? – ela perguntou.

Ele olhou para o registro. Para o nome de Scaeva. O homem que criara

um trono para si na República que tinha se livrado dos seus reis séculos atrás. Um homem que se achava acima da lei, da honra, da moral. Mas, a bem da verdade, Mercurio tinha deixado de lado mais do que isso anos atrás. Tudo em nome da fé.

– Eu consagrei minha vida à Igreja Vermelha – disse o ancião.

Mia deu um passo à frente, os olhos flamejando.

– Você está comigo?

O bispo de Godsgrave olhou para a antiga pupila. Ela parecia feita de pedra, com o maxilar firme e os punhos cerrados sob a tênue luz arquêmica. Ele vasculhou aqueles olhos à procura de algum vestígio da garota de que cuidara por seis longos anos. Tinha ficado zangado com Mia depois de ela ter fracassado na iniciação. Depois de ter fracassado com ele. Mas a verdade é que ela tinha sido sua filha por aqueles seis anos. E sempre seria.

A Igreja já tinha lhe roubado um pai.

Ele deixaria que roubassem outro?

– Estou com você.

A resposta pendeu no ar como uma espada sobre a cabeça deles. Mercurio sabia o que isso significava e onde acabaria. Conhecia o verdadeiro tamanho do inimigo contra quem eles se opunham.

– Temos que fazer isso sem sermos vistos, Mia – disse Mercurio. – A Igreja não pode saber que foi você que matou Scaeva ou vai retaliar. E precisa pegar Duomo com a mesma cajadada, senão ele vai ficar dez vezes mais inatingível.

– Esse é o menor dos nossos problemas – respondeu Mia. – A Igreja vai me querer de volta. A Dona morreu. Scaeva pode querer que eu faça outra oferenda.

– Eles ainda estão sem o mapa – disse Mercurio. – Posso inventar uma história. Digo que o mapa escapou de você por um triz, mas que está atrás dele. Em rigor, isso pode levar meses.

– O Ministério não vai ficar feliz – disse Ashlinn.

– Foda-se – esbravejou Mia. – O Ministério nunca está feliz comigo.

– Maravilha, então – disse Ashlinn. – Agora a gente só precisa pensar num jeito de você matar um cardeal do qual não pode se aproximar e, ao mesmo tempo, assassinar o cônsul mais protegido da história da República de Itreya.

Mia e Mercurio se calaram. O velho franziu a testa em pensamento. Mia apertou os olhos e inspecionou as estantes de livros, sem encontrar a resposta em nenhuma das lombadas. Voltou-se para a outra parede, para a coleção de armas de Mercurio. A espada de aço-solar dos luminatii, o machado vaaniano, o gládio da arena de gladiatii em Liis...

Ela apertou ainda mais os olhos. As engrenagens por trás deles começaram a girar.

Olhou para o seu antigo professor com a respiração mais rápida.

– Que foi? – ele perguntou.  
Era idiotice.  
Insanidade.  
Impossível.  
– Acho que tenho uma ideia...

Treze gladiatii formavam um círculo no pátio de treinamento. As muralhas do Ninho do Corvo erguiam-se ao redor, os estandartes da família Remus tremulavam ao vento ascendente. Tinham chegado tarde de Pontenegra e era quase a viragem da quasinoite. Mas antes da virada, tirariam um tempo para dar as boas-vindas ao novo irmão e à nova irmã no mais sagrado dos ritos, conduzido ali, no solo sagrado do colégio.

*O votum vitus*<sup>27</sup>.

Os sóis gêmeos fustigavam o pátio, e Mia sentia o suor escorrer pela barriga e pelos braços nus. Estava de joelhos no círculo, com Sidonius ao seu lado. Arkades estava de pé diante deles, trajando um peitoral reluzente incrustado com leões gêmeos, arranhado e marcado por anos de combate. Dona Leona assistia da sacada num belo vestido de seda azul. Olhou para o executus lá embaixo e sorriu, o azul-safira dos seus olhos parecendo dizer: “Eu falei para você”.

– Gladiatii – o executus disse. – Estamos aqui no solo sagrado, neste rito sagrado, para dar as boas-vindas do nosso grupo a estes dois guerreiros provados. Ligamo-nos não com aço, mas com sangue. Pois sangue somos e sangue permaneceremos.

– Sangue somos – vieram as vozes ao redor do círculo. – E sangue permaneceremos.

O executus sacou uma adaga do cinto, passou a lâmina pela palma da mão e deixou as gotas vermelhas caírem sobre a areia. Então passou a adaga à esquerda.

O Carniceiro de Amai tomou a adaga. Repetiu o ritual, cortando a palma antes de passar a lâmina a Cantespadas. A mulher olhou Mia nos olhos ao cortar a mão. E assim foi com os treze. Os gêmeos de Vaan, Bryn e Byern, o dweymeri Fazondas, o resto dos gladiatii no círculo, até que, por fim, a lâmina ensanguentada chegou ao campeão, Furian, o Incaído.

O itreyano observava Mia com seus olhos escuros e nublados, e novos louros de prata na fronte. Ela tinha assistido à sua luta em Pontenegra, e a vitória dele (“ímpar”, o editorii tinha chamado, “impecável”) apenas atiçara a curiosidade da garota. Ela sentiu sua sombra tremer quando ele cortou a palma da mão, misturando seu sangue com o da família gladiatii na lâmina afiada. Ele deixou as gotas escarlates caírem na areia, então atravessou o círculo até ficar

diante de Sidonius e Mia. Baixando os olhos daquele queixo atraente, daqueles olhos flamejantes, até a escuridão aos pés do campeão, ela viu que a sombra dele também tremia.

*Ele está no seu caminho*, recordou a si mesma.

*Todos eles.*

*No seu caminho.*

– Sangue somos – ele disse ao passar a adaga. – E sangue permaneceremos.

Mia tomou a faca, sentindo um arrepio quando seus dedos roçaram os dele. E, xingando-se de burra, voltou-se para o executus e o olhou nos olhos.

– Não muito fundo – ele alertou. – Senão você estraga sua empunhadura.

Mia fez que sim e passou a lâmina pela palma da mão. A dor nítida e real pôs o mundo inteiro em foco. Ela estava ali. Era membro de sangue do colégio. Diante de si havia um deserto de areia, um mar de sangue. Mas, no fim, ela avistava o grão-cardeal Duomo em trajes de mendigo, sem a trindade no pescoço. O cônsul Scaeva se aproximando para colocar os louros da vitória sobre a sua cabeça.

Sua sombra projetando-se sobre as deles.

– Sangue permaneceremos – ela disse.

Sidonius tomou a adaga, cortou a palma da mão e repetiu a jura:

– Sangue permaneceremos.

Aclamações animadas percorreram o círculo. O executus gesticulou para que Mia e Sidonius se levantassem, e os gladiatii se aproximaram. Cantespadas sorriu para Mia, e a vaaniana Bryn a esmagou contra o peito, cochichando “Você lutou bem”. Carniceiro deu um tapa tão forte nas costas dela que quase a derrubou, enquanto os outros estendiam as mãos ensanguentadas ou lhe davam pancadinhas simpáticas no braço. Apenas Furian se manteve afastado – mas Mia não fazia ideia se era por causa da sua condição eminente de campeão ou da inimizade entre os dois.

– Meus Falcões – veio uma voz da sacada.

– Atenção! – exclamou o executus, e todos os olhos se voltaram para cima.

Dona Leona sorriu para eles como uma deusa sorri para os filhos, de braços abertos.

– Nossas vitórias em Pontenegra nos trouxeram ainda mais renome, além de uma vaga no *venatus* em Temporal daqui a quatro semanas!

Os gladiatii comemoraram, e Sidonius passou o braço ao redor do pescoço de Mia, apertando a garota enquanto berrava. Mia riu e empurrou o grandalhão, mas não conseguiu evitar que sua voz se juntasse à dos demais.

– As disputas ficarão cada vez mais duras à medida que nos

aproximamos do *magni*. Amanhã, vocês retomam os treinos. Mas agora, que jamais se diga que sua domina não recompensa o seu esforço, ou a honra que prestam a ela cada vez que entram na arena!

Leona bateu palmas e três criados empurraram um barril grande por entre as mesas e cadeiras da varanda.

– Isso é vinho? – perguntou Sidonius, maravilhado.

– Bebam, meus Falcões! – Leona sorriu. – Um brinde ao seu novo irmão e à sua nova irmã. Um brinde à glória! E um brinde às muitas vitórias que virão!

**T**rês horas depois, deitada na cela, Mia estava com a cabeça girando.

Ela tinha tentado beber pouco, mas Sid berrava cada vez que ela diminuía o ritmo, e todos os outros gladiatii pareciam beber como se a vida deles dependesse disso. Fazia sentido, ela supôs: para gente que não tinha nada, que arriscava a vida sempre que pisava na areia, um momento de descanso e um copo cheio deviam ser o paraíso. E por isso ela fez o máximo para representar o seu papel, bebendo muito com sua nova família e sorrindo com os elogios que lhe faziam.

A dweymeri, Cantespadas, parecia ter gostado especialmente de Mia, embora a maior parte do colégio também tivesse palavras carinhosas para ela. O truque na arena – vestir as cores do inimigo e fingir estar ferida para chegar perto o bastante para derrubar os dourados – tinha sido considerado pelo seu novo clã um pequeno golpe de gênio.

Bryn, a loira vaaniana, levantou o copo para um brinde.

– Belo ardil, pequeno corvo.

– É – concordou o irmão dela, Byern. – Quando vi você pegar aquelas tripas e percebi o que ia fazer, quase gritei alto o bastante pra estragar tudo.

– Corvo o caralho – zombou Carniceiro. – O nome dela tinha que ser Raposa, porra.

– Loba – sorriu Cantespadas.

– Cobra – disse alguém.

Todos os olhos se voltaram para Furian, de cara fechada na cabeceira da mesa. Seus olhos se encontraram com os de Mia e seus lábios se torceram de desdém.

– Os gladiatii lutam com honra – ele disse. – Não com mentiras.

– Ora, irmão – disse Cantespadas. – Ninguém vence sem merecer.

– Sou o campeão deste colégio – retrucou o Incaído. – Eu digo o que é merecido. E o que é roubado.

Cantespadas olhou para a gargantilha no pescoço de Furian, então para os louros na sua cabeça, e assentiu em silêncio. O Incaído voltou



a ocupar-se do seu vinho, sem mais uma palavra. As festividades acabaram logo depois e, a bem da verdade, Mia agradeceu. Não estava acostumada com tanto vinho, e alguns copos a mais a fariam botar os bofes para fora.

Agora estava na cela, as barras girando devagar. Ouviu Cantespadas cantarolar a mesma música da outra vez antes de as luzes se apagarem, e imaginou se tratar de algum tipo de oração. Mas agora a escuridão caíra, e tudo o que Mia escutava era o ruído de sono profundo.

Sidonius estava deitado de costas, roncando feito um touro moribundo, pausando apenas para soltar peidos tão altos que Mia os sentia no chão. Irritada, ela deu um chute no grandalhão itreyano, que rolou para o outro lado com um resmungo.

– Porco do caralho – ela xingou, tapando o nariz. – Preciso de uma cela só pra mim.

– *...raras vezes deixo de agradecer o fato de não precisar respirar...*

Mia arregalou os olhos ao ouvir o cochicho.

– *...neste momento, estou duas vezes mais grato...*

– Senhor Simpático!

– *...ela gritou, alto o bastante para acordar os mortos...*

Duas formas negras se materializaram das sombras no outro canto da cela.

– *...se os roncões desse inútil não acordaram, nada acordará...*

Mia sorriu de orelha a orelha quando a dupla de demônios se uniu a si, mergulhando em sua sombra como se fosse uma piscina negra. Um pico de alívio e tranquilidade fluiu por seu corpo, propagando-se por toda a sua extensão e deixando uma calma férrea no lugar. Ela sentiu Sr. Simpático escalar até seu ombro, enfiando-se por suas mechas sem bagunçar um só fio. Eclipse aninhou-se às costas de Mia e pôs a cabeça insubstancial no colo da garota. Mia passou as mãos em ambos, e as sombras deles tremularam como fumaça negra. Ela não tinha se dado conta da saudade que sentira deles até voltarem.

– Mãe Negra, que bom ver vocês dois – ela sussurrou.

– *...senti saudades...*

– *...ah, não me venha com essas...*

– *...não muita do bichano...*

Mia correu a mão pelo corpo da loba de sombras. Não tinha a sensação de ser capaz de tocá-la; acariciar Eclipse era como acariciar uma brisa fresca.

– Quando vocês chegaram?

– *...ontem. mas você ainda não tinha voltado do VENATUS...*

– *...imagino que as coisas tenham corrido bem...?*

– Não morri, se isso vale alguma coisa.

Senhor Simpático esfregou o focinho contra a orelha da garota, e a

pele dela se arrepiou. A sensação era a de ser beijada pela fumaça de uma cigarrilha.

– ...*vale tudo*... – ele cochichou.

O trio permaneceu calado na penumbra mais um pouco, apenas desfrutando a companhia um do outro. Mia enrolou os dedos naqueles corpos etéreos, sentindo todo vestígio de medo das últimas semanas desfazer-se até sumir. Ela tinha conseguido. O primeiro passo rumo ao pescoço de Duomo e de Scaeva tinha sido dado. E com os passageiros ao seu lado, os passos restantes não pareciam mais tão longínquos.

– ...*por mais agradável que este momento seja*...

– ...*podemos sempre contar com você para estragar o clima*...

– Não, ele tem razão – sussurrou Mia. – Ela está à espera?

– ... *está*...

– Me levem até lá, então.

Os passageiros sumiram na escuridão. Mia os sentiu tomar forma nas sombras da antecâmara. Então, como na quasinoite em que visitara Furian, ela fechou os olhos e invocou as trevas. Talvez por causa do vinho, talvez por causa da experiência que adquirira, Mia achou mais fácil dar o passo dessa vez, apesar da intensidade súbita e da vertigem. Ao abrir os olhos, viu tudo girar, mas estava sob as sombras da escadaria ao lado do rastrilho.

Ela se dobrou e vomitou alguns copos de vinho sobre o piso de pedra, cobrindo a boca para abafar o som. Notou alguns gladiatii mexendo-se no alojamento e voltou a mergulhar nas sombras enquanto lutava contra a vontade de vomitar mais uma vez. Ela se agarrou à parede em uma tentativa de fazê-la parar de girar. Limpou a boca com as mãos e cuspiu na pedra.

– Mãe Negra, lembrem-me de não fazer mais isso quando estiver meio bêbada.

– ...*venha*...

– ...*a víbora está à espera*...

Ela deu uma olhada na maquinaria que controlava o portão e se perguntou como funcionava. Depois, avançou pela fortaleza com as pernas trêmulas até as sombras da varanda. Canino estava debaixo da mesa, observando tudo com olhos curiosos. Quando Sr. Simpático e Eclipse passaram na frente dele, os pelos do cão se eriçaram. Mia estendeu a mão para acalmar o mastim, mas, com um ganido baixo, o animal fugiu às pressas.

– ...*cães são bobos*...

– ...*diz o bobo que se perdeu no caminho até aqui*...

– ...*eu não me perdi, minha cara vira-latas, estava explorando*...

– ...*é uma fortaleza enorme no alto de um penhasco com vista para a cidade inteira, como voc*...

– Shhh – silvou Mia, correndo para se esconder num recesso da

parede.

Passos rápidos anunciavam a aproximação da *magistrae* com uma criada logo atrás. A dupla discutia em detalhes os preparativos para a viagem até Temporal, e a criada ia tomando notas numa tábua de cera. Mia esperou a dupla se perder de vista antes de esgueirar-se devagar de volta ao corredor e seguir até as portas da frente, escancaradas para deixar a brisa fresca do mar entrar. Com os olhos quase fechados por causa da luz dos sóis, ela avistou as altas muralhas da fortaleza, pedra vermelha contra o céu azul ardente.

Mia juntou punhados de sombra e as estendeu por cima dos ombros. A bebida tinha deixado seus dedos um pouco atrapalhados, mas no fim o mundo todo recobriu-se de preto abafado e branco baço, que a deixavam quase tão cega quanto na viragem do seu nascimento. Aos sussurros, os dois passageiros a guiaram pelo pátio, para longe dos guardas de ronda, até uma reentrância sombreada ao lado dos portões principais. E, dali, ela fechou os olhos e

passou

para a sombra

do outro lado

da estrada.

Mia caiu de joelhos, com as mãos na barriga, se esforçando ao máximo para não vomitar. Depois de alguns minutos no chão de terra, ela recuperou o fôlego e secou as lágrimas.

– ...*você está bem...*?

– Próxima pergunta idiota, por favor – ela murmurou.

– ...*não precisamos vê-la agora...*

– Precisamos, sim. Mas não podemos ficar muito tempo fora. Só nos acordam de manhã, mas se por algum motivo sentirem a minha falta na quasinoite...

– ...*o vinho vai manter o seu companheiro de cela dormindo até lá...*

– Mesmo assim, temos de ser rápidos.

– ...*não é longe...*

Ela se levantou com as pernas bambas e foi se arrastando estrada de terra abaixo, seguindo as curvas na colina íngreme onde ficava o Ninho do Corvo. Mia já não precisava tanto de Sr. Simpático ou Eclipse ali: conhecia a estrada bem o bastante para andar de olhos fechados. Mas ainda não ousava se livrar do manto de sombras. Ainda estava com roupas de gladiatii, e os dois círculos na bochecha a marcavam como propriedade. Embora fosse comum que os senhores caminhassem acompanhados por escravos-guerreiros armados, era raríssimo ver um deles perambulando sozinho. Melhor continuar escondida e evitar completamente as perguntas.

Mia conseguia ouvir o mar ao sul e o repicar dos sinos no porto abaixo, sentir os aromas conhecidos da cidade à sombra da fortaleza.

Chamada de Remanso do Corvo, era o lar de três ou quatro mil pessoas: um porto comercial agitado que nascera sob a proteção da fortaleza. Os edifícios de pedra vermelha e estuque branco espremiavam-se pelas ladeiras íngremes que desciam até as águas. O ar ecoava com o canto das gaivotas.

Os passageiros de Mia a conduziram pelas vielas emaranhadas da zona portuária. Ali, ela se desfez do manto e disparou por ruazinhas sinuosas, cheias de lixo e maresia. Chegaram até uma pequena cervejaria, e Sr. Simpático indicou a estalagem no andar de cima com a cabeça.

– ...segundo andar, terceira janela...

Mia olhou ao redor para ter certeza de que era seguro e começou a escalar. Chegou à sacada do segundo andar, pulou o parapeito de ferro e deu uma batida no vidro.

A janela se abriu e ela entrou, silenciosa feito um suspiro.

Os olhos precisaram de um tempo para se ajustar depois da luz dos sóis lá fora. Mas enfim avistaram uma figura soltar-se sobre um divã velho e esticar as pernas compridas à sua frente. Estava toda vestida de preto, calça de couro e um gibão curto de couro com uma camisa de seda escura por baixo. O cabelo tingido para esconder o loiro revelador agora era vermelho-sangue, como o de Jessamine. Mas não havia como confundir aqueles olhos.

A garota recostou-se no divã e olhou Mia de alto a baixo.

– Oi, linda – cumprimentou com um sorriso.

– Oi, Ashlinn – respondeu Mia.

---

26 É, é, consigo ouvir a sua pergunta, nobre amigo. Como se estivesse sentado atrás de você. (Não tema, não estou sentado atrás de você.) Mas sei que você se pegou perguntando: “Se a Igreja não assassina ninguém que emprega os seus serviços, por que todo mundo simplesmente não paga uma mensalidade a ela e dorme tranquilo à noite?”. Excelente pergunta, nobre amigo, cuja resposta é bem simples:

É caro para CARALHO.

27 As origens da Jura de Sangue remontam à antiguidade, mas muitos creem que residem no antigo Império Ashkahi e na mitologia em torno do famoso príncipe-guerreiro Andarai.

Os feitos de Andarai eram tão conhecidos que sua lenda sobreviveu à queda do próprio império. Era o típico herói da época: um sábio ímpar, invicto nas batalhas e, dizem, dotado feito um asno. Passava boa parte do tempo resgatando princesas, matando feras e gerando bastardos, embora aparentemente também tenha encontrado tempo para inventar a arpa, o tear e, por estranho que pareça, a cadeira de parto. Seu inimigo mais odiado foi o lendário Ladrão de Rostos, Tariq, que, entre outros feitos, roubou a espada de aço-negro de Andarai, e foi para a cama com a mãe, a irmã e a filha do príncipe, todas supostamente na mesma virada.

Andarai ficou algo desgostoso com isso. Sobretudo com a parte envolvendo a mãe.

A rivalidade da dupla estendeu-se por décadas, e parecia destinada a terminar com a morte de um ou de ambos. Mas, quando o rei-demônio Sha’Annu levantou-se no norte e ameaçou todo o império, a dupla uniu forças para derrotá-lo. Ligados pelo parentesco único da batalha, ambos se declararam irmãos e juraram com sangue permanecer assim até o fim dos seus dias. Tariq até se absteve de ir para a cama com a mãe de Andarai de novo.

Já com a filha...

# **Livro II**

## **Sangue e Glória**

# Capítulo 13

## Saída

A fumaça com aroma de cravo enovelou-se no ar marítimo, escapando das narinas de Mia em traços finos. Ela deu um último trago na cigarrilha, apagou o fogo na parede e exalou um suspiro de contentamento.

– Sangue e abismo, eu precisava disso.

– Sabia que você estaria sentindo falta.

Ash sorriu, passando uma mecha de cabelo vermelho-sangue por trás da orelha. O tingimento tinha sido uma tática; se por algum golpe horrendo do destino alguém da Igreja a visse ao lado de Mia, Ash talvez passasse por Jessamine. Era um truque frágil, mas como Sr. Simpático gostava de dizer a Mia, a coisa toda era tão frágil que era praticamente um cristal translúcido.

Ainda assim, ela inclinou a cabeça agradecida e, fechando os olhos, recostou-se no velho sofá de couro ao som das vibrações do tabaco em seu sangue.

– Bom ver você de novo – disse Ash.

Mia abriu os olhos e lançou um olhar de soslaio para ela. Senhor Simpático pulou para o sofá com o rabo esparramado sobre o ombro de Mia. Eclipse se enrolou na cintura de Mia e descansou a cabeça no colo dela. Nenhum dos passageiros confiava em Ashlinn e, mesmo que as duas tivessem iniciado tudo aquilo juntas, Mia também não confiava. Ash tinha matado Jess. Tinha matado Tric. Matava qualquer um que ficasse no caminho da sua vingança.

*E ela é diferente de você, por acaso?*

Ela não tinha entregado o endereço da loja de Mercurio para o luminatii, afinal...

Ashlinn reparou nos trapos que Mia usava.

– Bom ver você bem vestida para a ocasião.

– Deu muito trabalho chegar aqui? – perguntou Mia.

Ash balançou a cabeça.

– Senhor Rabugento nos achou rápido.

A gargalhada de Eclipse subiu do chão. Senhor Simpático inclinou a cabeça de lado, os não-olhos em Ashlinn, e sussurrou numa voz como fumaça:

– ...*insolência*...

Ashlinn abriu um sorriso malicioso para o gato de sombras, puxou uma adaga do cinto e espetou uma maçã da vasilha de frutas ao seu lado. Com um giro hábil do pulso, jogou a fruta na mão já estendida de Mia.

– Esperamos em Alvatorre, como combinado – ela disse. – Assim que Leonides chegou e você não estava entre as suas compras, tive certeza de que alguma coisa tinha dado errado. Só não sabia que tinham dado tão errado, até que Senhor Espertinho nos encontrou.

– ...pare com isso...

– ...não, continue, por favor...

Ash ignorou os passageiros e arqueou a sobrançelha para Mia. A garota deu uma mordida ruidosa na maçã e mastigou por uns bons instantes antes de responder.

– Confesso que o plano sofreu alguns... reveses.

– Você sempre foi boa de eufemismo, Corvere. – Ashlinn espetou outra maçã da vasilha e começou a descascá-la com golpes hábeis de sua lâmina. – Morar na fortaleza que pertenceu ao seu pai antes de ele ser enforcado por traição. Ser propriedade da esposa de um justicus que você matou. Num estábulo que tem no máximo seis meses de existência e ganhou apenas uma vitória. Como está se saindo?

– Sobrevivi ao Winnowing – disse Mia, dando de ombros.

Ash meteu uma fatia de maçã entre os lábios.

– *Percebi* que você não morreu.

– E fiz a jura de sangue – prosseguiu Mia. – Agora sou uma gladiatii de verdade. O plano permanece o mesmo. Só vou ter de executá-lo num colégio diferente.

– Vai ter que lutar duas vezes mais – salientou Ash. – Leonides garantiu a vaga do seu colégio no *magni* graças às vitórias nos anos anteriores. Leona não tem o mesmo capital político que o pai. Precisa ganhar pelo menos mais três louros para poder sequer competir nos grandes jogos.

– Não preciso de ninguém para me explicar o óbvio ululante, Ashlinn. Já tenho Senhor Simpático.

– ...*algumas coisas são importantes o bastante para serem ditas duas vezes...*

– Veja, ninguém sabe melhor do que eu o tamanho da merda – disparou Mia. – Mas se algum de vocês consegue pensar num jeito melhor de pegar Duomo e Scaeva ao mesmo tempo, sem a Igreja Vermelha desconfiar, sou toda ouvidos, porra.

– Eu já te disse, Mia – respondeu Ashlinn. – *Eu* posso pegar Duomo para você. Fui treinada na Igreja, igual a você. Podemos navegar de volta para Godsgrave já e...

– Não, eu já *te* disse – interrompeu a garota com um olhar fulminante. – Duomo é *meu*. Scaeva é meu. Quero olhar nos olhos desses malditos enquanto eles morrem. Quero que *saibam* que fui eu.

– ...*sangue se paga com sangue...* – rosnou Eclipse.

Ash meteu outra fatia de maçã entre os dentes e franziu a testa para Senhor Simpático. Os dois pareciam discordar em tudo, mas no que



dizia respeito à insanidade que era o plano de Mia, estavam em pleno acordo.

– ...*mia*, *talv*...

– Não! – ela interrompeu. – É assim. E foi isso que combinamos, Ashlinn. Você me ajuda a pegar Scaeva e Duomo, e Mercurio e eu vamos te ajudar a pegar o Ministério.

– Vocês não iriam simplesmente pegá-los para *mim*, Mia. Vamos ser sinceras.

– Tem certeza de que ainda sabe o que é sinceridade, Ashlinn?

A garota chupou ruidosamente os lábios.

– Bom golpe.

– Andei treinando.

– Acho importante dizer que *eu* estou aqui para ajudar você, Mia.

– Eu pego Duomo. *Eu* pego Scaeva. Foi esse o nosso acordo.

E foi mesmo. Por mais insano que o plano tivesse parecido, Mercurio e Ashlinn passaram horas em Godsgrave tentando tramar uma alternativa melhor. O grão-cardeal e o cônsul não apareciam muitas vezes no mesmo lugar ao mesmo tempo; o que fazia sentido agora que Mia sabia o quanto se odiavam. Scaeva quase não fazia mais qualquer tipo de aparição pública, apoiando-se em propagandas e em somas ultrajantes de dinheiro para angariar as graças do povo. Duomo passava a maior parte do tempo na Basílica Grande ou em outros edifícios sagrados. E ambos estariam juntos no *magni*, ao alcance de um golpe, e Duomo ainda estaria sem a maldita trindade em volta do pescoço... Não importava quão difícil seria chegar lá; a oportunidade era boa demais para ser desperdiçada.

Assim, Mercurio se reportou ao Ministério para dizer que o negócio com os braavi tinha caído por terra, que a vendedora do mapa fugira e que Mia estava atrás dela pelo continente itreyano. Em seguida, os três pesquisaram colégios de gladiatii a fim de encontrar a melhor escolha para fazer Mia chegar até o *magni*, embora Mercurio não estivesse nada feliz com a participação de Ashlinn. Era verdade que a garota queria se vingar da Igreja Vermelha quase tanto quanto Mia. Era verdade que mentia melhor do que Mia; afinal, ela e o irmão tinham praticamente acabado sozinhos com a Igreja. Mas o fato era que Mia e seu antigo mentor confiavam em Ashlinn somente à distância suficiente para cuspir nela.

Ainda assim, Mia mantinha Eclipse por perto para ficar de olho em Ash – ela não podia respirar sem que a demônia estivesse presente para ouvir. Além disso, nunca era demais ter companhia para nadar em águas infestadas de dragões; pelo menos os animais podiam querer comer a outra pessoa e não você.

Ashlinn espreguiçou-se feito um gato e comeu mais um pedaço de maçã.

– Justo – disse. – Só estou mostrando as outras opções. Mas o acordo foi fechado, e eu vou cumprir a minha parte. Que nunca se diga que não sou uma mulher de palavra.

Senhor Simpático desdenhou, enrolando a cauda no pescoço de Mia.

– ...*pelo contrário, acho que isso deveria ser dito bem alto e sempre que possível...*

Ashlinn mostrou os nós para o não-gato.

– Ninguém estava falando com você, Senhor Positividade.

Eclipse levantou a cabeça, e seu sussurro ecoou pelas tábuas do assoalho.

– ...*como pode imaginar, dona jänrheim e eu temos nos dado muito bem na sua ausência...*

– ...*não me surpreende...*

– ...*você não tem nenhum ratinho para caçar, pulguento...?*

– ...*você não tem genitais para cheirar, sua vira-latas...?*

– Muito bem, chega, chega – interveio Mia. – Preciso voltar para a minha adorável e fedida cela no Ninho do Corvo antes que deem pela minha falta. Precisamos descobrir o máximo possível sobre Leona. Conhecíamos o pai de trás para frente, mas a dona é meio que um mistério.

– Que bom que andei perguntando por aí – disse Ash, sorridente.

A garota cortou mais um pedaço de maçã e o levou à boca.

Mia arqueou a sobrancelha.

– Desembuche, então.

– Diga “por favor” – gracejou Ashlinn.

– Ash...

A garota sorriu de orelha a orelha e voltou a recostar-se na cadeira.

– Faz só uma viragem que estou aqui, de modo que tenho mais coisas para descobrir. Mas sei que Leona se casou com Remus uns três anos atrás. Chamou a atenção dele no último *magni*, e Remus logo pediu a mão dela ao pai. Belo golpe. A filha de um reles sanguila se casar com o justicus da Legião Luminatii. Acho que mostra o cacife político do pai dela.

Mia deu uma mordida na maçã e falou de boca cheia.

– O casamento foi arranjado?

– Sempre são nesse meio. – Ash cortou uma fatia fina e a jogou dentro da boca. – Embora, pelo que eu saiba, Leona não foi forçada. Remus era rico. Bonitão. Uma estrela em ascensão na política. Ela tinha muito a ganhar se dividisse a cama com ele. Então, se eu estivesse no seu lugar, não deixaria escapar que foi você quem cortou a gigante dele.

– Ah, droga, eu estava planejando fazer isso.

Ashlinn sorriu e comeu outra lasca.

– E Arkades? – perguntou Mia depois de outra mordida barulhenta.

– Foi por anos o campeão de Leonides. Por que serve de executus para Leona em vez de trabalhar para o pai dela?

Ashlinn deu de ombros.

– Só faz uma viragem que estou aqui. Como eu disse, me dê um tempo.

– Bom, preciso de toda informação que puder. – Mia limpou os lábios, se levantou e se espreguiçou. – Então, quanto mais você descobrir sobre a minha domina, melhor.

Ash fez que sim, de novo olhando os trapos com que Mia estava vestida, encarando a barriga e as pernas de fora.

– Gostei do senso de moda dela, pelo menos.

Mia ignorou o comentário, dirigiu-se até a janela e conferiu se havia olhares pouco amistosos na rua. Como não havia, passou a perna pelo peitoril e se preparou para descer.

– Mia.

Ela se virou para Ashlinn com a sobranceira arqueada. As mãos da garota agitavam-se ao lado do corpo, os dedos mexiam na cintura da calça.

– Tome cuidado lá – ela disse.

Mia lançou um olhar para Eclipse, ainda aninhada no divã como uma poça negra.

– Fique atenta – disse Mia.

– *...na medida do possível, para quem não tem olhos...* – respondeu a não-loba.

E, com isso, Mia sumiu. Parede abaixo, viela adentro, puxando as sombras por sobre a cabeça. Esgueirando-se pela colina de volta ao Ninho do Corvo, guiada por Senhor Simpático até o seu lugar de descanso.

Pensou na forma como Ashlinn a olhava. No beijo que trocaram na viragem que Mia deixara a Montanha. Foi tudo fingimento, Mia tinha certeza. Só uma estratégia para avançar o plano da garota para derrubar o Ministério. Todo mundo sabia: Ashlinn Järnheim era venenosa. Mas, ao pensar naquele beijo, sua cabeça voou até a quasinoite na cama do filho de Gaius Aurelius e o gosto que aquela bela liisiana tinha deixado nos lábios do don. Mia se perguntava se *aquilo* também tinha sido só fingimento; só mais um ardil para chegar perto do filho do senador. Perguntava-se se parte dela tinha gostado daquilo, ou se importava se ela tivesse.

Perguntava-se porque ela sequer estava se perguntando essas coisas.

*Olhos na porra do troféu, Corvere...*

De volta ao Ninho do Corvo, encontrou o rastrilho ainda fechado, e os guardas de sentinela. Era tarde, e havia poucas chances de um criado receber ordens de descer até os alojamentos antes de os gladiatii serem despertados para o desjejum. Assim, Mia invocou as

sombras sob os pés no pátio e, respirando fundo,  
passou  
através  
do espaço  
entre ambos.

Ela caiu de joelhos sobre a terra, a cabeça girando, a luz ardente dos dois sóis no céu golpeando o crânio. Pelo menos o efeito do vinho tinha passado, e ela não sentia vontade de vomitar, mas a sensação estava longe de ser prazerosa. O capitão da guarda doméstica da dona, um sujeito de olhar atento chamado Gannicus, virou-se ao ouvir o som de Mia caindo no chão. Mas como ela estava oculta sob o manto de sombras na parede, ele não viu nada e voltou a montar guarda.

Passaram-se vários minutos até Mia sentir-se firme o bastante para se levantar e se esgueirar pelo pátio seguindo os cochichos de Sr. Simpático, passando pelo lado do edifício até a varanda aberta nos fundos. Desceu a escada às apalpadelas por causa da cegueira, e por fim encontrou as barras de ferro que separavam o alojamento do resto da villa. Depois de alguns instantes para se preparar, lamentando a vertigem que estava por vir, sentiu as sombras da sua cela imunda. E fechando bem os olhos

passou  
por baixo das trevas  
a seus pés  
até a cela do outro lado.

O calor dos sóis estava longe de ser tão intenso na escuridão do alojamento, mas ainda assim ela quase vomitou, o caldo subindo pelo esôfago e se acumulando na boca. Ela estava ficando melhor em passar pelas sombras desde o telhado da Basílica; como se fosse um músculo, a técnica ficava mais forte quanto mais fosse usada, Mia supôs. Mas uma passagem logo depois da outra parecia ter sido demais, especialmente com os sóis tão brilhantes no céu. Ela engoliu em seco e encolheu-se sobre a palha, agarrando as pedras do piso na tentativa de fazer o mundo parar de girar. Pôs-se a escutar as celas ao redor; não ouviu nada além de roncoss baixos e suspiros.

– ...*tudo parece seguro*... – veio o sussurro em seu ouvido.

Ela esperou mais um instante enquanto o mundo se firmava devagar. E finalmente, segura dentro da cela, Mia jogou o manto de sombras para o lado e piscou na penumbra do porão – bem para os olhos de Sidonius, que começavam a abrir-se.

– Caralhos – ele balbuciou. – Olha s...

Mia atravessou a cela como um raio, agarrou o homem pela garganta e tapou a boca dele com a mão. Sidonius se debateu, com os músculos saltados, rosnando enquanto lutavam. Sid era maior, Mia mais rápida, e os dois engalfinhavam-se em silêncio sobre a palha. Um

estrangulando o outro, as veias das duas gargantas inchadas, os olhos de Sid marejando.

– P-pa... – ele gorgolejou.

Embora Mia o sufocasse, ele apertava cada vez com mais força. A garganta de Mia se fechou, o peito começou a arder, o sangue parou de subir até o cérebro. Ela ainda estava zonzinha por causa da passagem, e não fazia ideia se o itreyano iria sucumbir primeiro. Não fazia ideia do que fazer se isso acontecesse...

– P... paz – ele conseguiu balbuciar.

Mia afrouxou um pouquinho as mãos e olhou nos olhos de Sidonius. O grandalhão fez o mesmo, e um sussurro de ar entrou nos pulmões da garota. Devagar como um gelo que se derrete, ela foi soltando o pescoço do grandalhão, que ao mesmo tempo retirava os dedos do pescoço dela. Mia rolou para o lado e se encolheu num canto da cela.

– Sangue e a-abismo – murmurou Sid enquanto esfregava a garganta. – Pa... Para que isso?

– Você viu – sussurrou Mia.

– E daí?

– Você sabe. Sabe o que *sou*.

Sid estremeceu ao tentar engolir saliva. Falou tão baixo que Mia quase não ouviu.

– Sombria.

Mia não disse nada; apenas cravou os olhos escuros nos dele.

– E por isso eu preciso ser estrangulado? – ele insistiu.

– Fale baixo – disparou Mia, correndo os olhos pelas outras celas.

– ...*conselho que deve ser seguido por todos, não...?*

Sidonius arregalou os olhos ao ver o gato de sombras aparecer devagar no ombro de Mia.

– Caralhos me mordam... – ele suspirou.

– ... *seria divertido de ver, mas melhor não...*

– Ah, e muito obrigada a *você* por ter dito que tudo estava seguro – cochichou Mia.

O não-gato inclinou a cabeça de lado.

– ...*não dá para eu ser perfeito em tudo...*

Mia e Sidonius encaravam-se um de cada lado da cela. O homem tinha medo no olhar; medo do desconhecido, medo do que ela era. Mas, apesar disso, Sidonius manteve a paz, segurou a língua. Apenas examinava a garota com curiosidade.

– Não era para você estar gritando agora? – perguntou Mia. – Repetindo que eles tinham que me pregar numa cruz por feitiçaria?

– Feitiçaria? – desdenhou Sid. – Você acha que eu sou um camponês de miolo mole?

– Tenho que confessar que você recebeu a notícia melhor do que a maioria das pessoas.

– Já vi muito desse mundo, pequeno corvo. E você não é a coisa mais estranha nele. Nem de longe – explicou o itreyano, voltando a se encostar nas barras e cruzando os braços. – Então... é verdade o que contam sobre vocês?

– Que a gente estraga o leite por onde passamos e defloramos as virgens...

– Que atravessam paredes, sua tarada. Acordei para mijar meia hora atrás e você não estava aqui. De repente, *puf*, aparece do nada.

– Não foi isso que aconteceu, Sid.

– Eu sei o que eu vi, Corvo.

Sons de gente desperta chegavam dos andares superiores da villa. Os passos do cozinheiro no assoalho, a troca de guarda lá fora. O executus desceria em breve para acordá-los para a primeira sessão de exercícios cruéis.

Mia olhou Sidonius nos olhos, examinando-o com cuidado. O homem era um insolente, um bruto, um completo imbecil no que dizia respeito às mulheres. Mas não era burro. Ela não confiava nele, nem pela metade. Mas tinham sangrado juntos nas areias de Pontenegra, o que valia alguma coisa. Ainda assim, não havia a menor possibilidade de ela revelar algo de si mesma sem que ele lhe desse algo em troca...

Ela olhou as cicatrizes nos nós dos dedos e os músculos inchados que delatavam um homem que passara a vida lutando. Os olhos frios e azuis que revelavam longos quilômetros e anos ainda mais longos. A palavra COVARDE queimada na pele.

– Quanto do mundo você *viu*? – ela perguntou.

– Liis – ele respondeu. – Vaan. Itreya. Aonde quer que o estandarte me levasse.

Mia arqueou a sobrancelha. Lembrou-se de como ele agira no Winnowing. Dando ordens como um homem acostumado a mandar. Pensando em táticas, como...

– Você era da legião de Itreya – ela disse.

Sid fez que não com a cabeça.

– Eu era *luminatii*, pequeno corvo. Servi ao justicus por cinco anos.

Mia franziu a testa, seu estômago gelando.

– Você serviu a Marcus Remus?

– Remus? – desdenhou Sid. – Aquele traidor de merda? Abismo, não. Servi ao justicus antes dele. O *verdadeiro* justicus, garota. Darius Corvere.

O coração de Mia pulou no peito. A língua grudou no céu da boca. Mãe Negra, esse homem tinha servido ao *pai* dela.

*Mas isso não faz sentido.*

– Eu... – Mia pigarreou. – Eu ouvi dizer que o exército Faz-Rei foi crucificado inteiro... às margens do Choir. Pavimentaram os degraus do edifício do Senado com os crânios deles.

– Eu não estava com Corvere e Antonius quando reuniram as tropas  
– Sid esfregou a marca no peito antes de completar com uma voz distante: – Sempre me perguntei se podia ter feito algo se estivesse lá... – Ele passou a mão pelo cabelo escuro e batido e apontou para as paredes ao redor. Para as barras que os prendiam ali. – Essa era a casa de Corvere, sabia? – suspirou. – Ele e a família costumavam passar o verão aqui, acho. Uma menininha e um bebê. Antes de darem tudo isso para aquela cobra do Remus. Pensar que é aqui que vou acabar as minhas viragens. Trancafiado no porão daquele filho da puta. Conquistando sangue e glória para a viúva dele até o dia em que minhas tripas se esparramarem na areia.

Então Sidonius tinha feito mais do que servir ao pai de Mia. Tinha permanecido fiel enquanto a República inteira tinha se voltado contra ele...

Pelos dentes da Fauce, ela nunca teria imaginado. Pensar que encontraria um dos homens do pai sob o mesmo teto que ela? Se antes não tinha qualquer afinidade com esse homem com quem sangrara lado a lado em Pontenegra, agora ela sentia o peito transbordar de simpatia. A forma como Sidonius falava do pai de Mia fez a garota querer beijar o babaca.

“O *verdadeiro* justicus”, ele dissera.

Enquanto todas as outras pessoas apenas o chamavam de Darius Corvere, “o traidor”.

Mia esfregou a garganta dolorida; sua sombra ondulava enquanto Sr. Simpático bebia seu medo. Ela nunca tinha falado muito do seu dom para ninguém. As pessoas tinham medo do que não compreendiam, e odiavam o que temiam. Mas, por mais estranho que pudesse parecer, Sidonius não aparentava mais qualquer medo.

*Ele é esquisito...*

– Eu não consigo atravessar paredes – ela admitiu.

Os olhos de Sid focaram nela do outro lado da cela.

– Eu meio que... passo. Em certo sentido. Entre as sombras, digo.

– Sangue e abismo – suspirou o grandalhão.

– Mas fico com vontade de vomitar depois – acrescentou Mia. – E eu sou capaz de ficar invisível. Mas fico quase cega. Não é o mais maravilhoso dos dons, na verdade.

– E o seu passageiro?

– Diga “oi”, Senhor Simpático.

– ...oi, *senhor simpático*...

– Então você consegue sair da cela a hora que quiser?

Mia deu de ombros.

– Em certo sentido.

O itreyano balançou a cabeça, estupefato.

– Então, pelo amor do Onividente e das Quatro Filhas, que merda

você ainda faz aqui, pequeno corvo?

O rastrilho estremeceu e subiu quando o guarda acionou a maquinaria com uma alavanca. O executus marchou para dentro do alojamento, de barba eriçada e chicote na mão.

– Gladiatii! – bradou. – Atenção.

Dando de ombros, Mia se levantou para começar a viragem.



# Capítulo 14

## Respiração

Dois sóis ardiam claros no céu: o amarelo escaldante de Shihi e o vermelho-sangue de Saan contra uma cortina de azul bela e infinita.<sup>28</sup> O calor cintilava contra o mar infinito, e Mia xingou o Onividente pela centésima vez naquela viragem.

Ela dançava pelo círculo, desviando dos golpes de Cantespadas, entrando e saindo da guarda da mulher. O rosto da dweymeri estava rijo como pedra, e sua espada de madeira assoviava uma canção habitual no ar.

– Não! – urrou o executus à beira do círculo. – Você fica pulando feito um coelho-preto. Vai se cansar até desmaiar se continuar dançando assim no calor. O escudo é uma arma, que nem a espada. Desvie os golpes do oponente, tire o equilíbrio dele.

Mia ergueu aquele grande retângulo curvado de madeira e ferro em seu braço. Pesava como uma pilha de tijolos e estava atado ao seu braço por um pedaço de corda velha. A garota odiava aquela merda, a bem da verdade, mas também era verdade o que Arkades dissera: Mia suava feito uma porca de tanto se esquivar. Tentou seguir o conselho dele, mas quando Cantespadas levantou a espada de novo e investiu contra Mia feito um raio, o instinto a fez entrar na guarda de Cantespadas e dar com a lâmina no tendão da perna dela.

– Merda – esbravejou Cantespadas. – Essa aqui é mais rápida que um filhote de dragão.

– Não!

O executus aproximou-se coxeando e puxou o gládio de ferro que sempre trazia consigo durante as sessões de treino.

– Se não parar de dançar feito noiva em festa de casamento, vou deixar você manca...

Mia ficou eriçada, talvez pensando que Arkades estava prestes a lhe bater. Em vez disso, porém, ele fincou a espada no chão, bem no centro do círculo. Depois estalou os dedos para Larva, que como sempre estava à espera na sombra de um telhadinho no canto do pátio.

– Corda – ordenou Arkades.

A garota disparou até os armários e desenrolou uma das cordas de pular que os gladiatii usavam em seus exercícios. Depois de arrastá-la até Arkades, Larva pôs-se a observar curiosa enquanto o executus prendia uma ponta no cabo da espada e a outra na perna de Mia.

– Quero ver você dançar agora, coelha-preta – ele provocou.

Arkades se retirou para a beirada do círculo e mandou Cantespadas

atacar. Incapaz de se esquivar, Mia se viu forçada a usar o escudo, os golpes de Cantespadas se abatendo sobre ela feito trovões. Os impactos faziam o braço de Mia vibrar até que a corda velha que prendia o escudo no antebraço se partiu em duas, prendendo a mão de Mia na alça de couro nodoso. E, com uma série de ruídos úmidos, três dedos de Mia estalaram nos nós.

– Sangue e abismo, *porra!* – ela urrou, soltando o escudo.

Os outros gladiatii no pátio voltaram-se para ela e puseram-se a observá-la dobrada sobre si segurando a mão. Carniceiro riu, Fazondas irrompeu numa salva de palmas. Depois de um olhar fulminante para o escudo quebrado, Mia acertou um chute brutal nele (“Trambolho do caralho!”) e o mandou pelos ares antes de cair de costas na areia.

– Aiiii – gemeu, segurando os dedos deslocados com a mão boa.

– Mostre – disse o executus, se aproximando e se ajoelhando ao lado dela.

Mia levantou a mão trêmula. O mindinho despontava num ângulo completamente errado, e o anular e o médio pareciam tortos. Arkades virou a mão de um lado para o outro enquanto Mia se contorcia e xingava.

– Você quebrou meus dedos! – ela disse com um olhar fulminante para Cantespadas.

A mulher deu de ombros e jogou as compridas tranças de sal por cima do ombro.

– Bem-vinda à arena, Corvo.

– Pare de choramingar, menina – disse Arkades, forçando a vista. – Só estão deslocados. Larva!

A garota levantou a cabeça no seu assento à sombra e disparou até Mia. Depois de desatar a corda em seu tornozelo, Larva a ajudou a se levantar entre gemidos e tremores. Os outros gladiatii retomaram o treino enquanto Larva puxava Mia pela mão até o outro lado do pátio. Ela viu Furian treinando com Fazondas, observando-as de esguelha. O rosto dele era uma máscara de pedra, e a barriga de Mia, um emaranhado de enjoo e fome, como todas as vezes que se aproximava do campeão.

*Será que eu causo o mesmo efeito nele?*

Larva levou Mia até um cômodo comprido na parte de trás da fortaleza, onde havia quatro blocos grandes de arenito. As pedras tinham o mesmo tom de ocre queimado das colinas ao redor, mas com um vermelho mais intenso e com uns padrões de respingos na superfície.

*Manchas de sangue*, Mia percebeu.

– Pode sentar – disse Larva em voz baixa e tímida.

Mia fez o que ela pediu, mantendo a mão machucada contra o peito. Larva perambulou pela sala, vasculhando uma série de caixas de

madeira, e voltou com um punhado de tiras compridas de madeira e um novelo de algodão marrom.

– Estenda a mão – ordenou a garota.

A sombra de Mia se inchou; Sr. Simpático começava a beber o medo do que ia acontecer. Larva examinou os dedos e coçou o queixo. E, com a delicadeza de uma folha que cai, segurou o mindinho de Mia.

– Não vai doer – ela prometeu. – Sou muito boa nisso.

– Tudo beaaaaaaaaAAAIH! – urrou Mia quando Larva encaixou o dedo de volta no lugar, rápida como um raio.

A gladiatii se levantou do bloco e se curvou de dor, segurando a mão.

– DOEU! – berrou.

– Doeu – confirmou a menina em tom solene.

– *Você prometeu que não ia doer!*

– E você acreditou. – A menina abriu um sorriso doce como o açúcar. – Eu disse que sou muito boa nisso – ela continuou antes de apontar mais uma vez para o bloco. – Sente-se de novo.

Mia piscou para afastar as lágrimas quentes que ameaçavam cair, a mão latejando de dor. Mas, ao olhar para o dedo, percebeu que Larva tinha feito tudo certo e encaixado a junta no lugar com perfeição. Respirando fundo, ela voltou a se sentar e estendeu a mão, obediente.

A garotinha tomou o anular de Mia, olhou para ela com seus olhos grandes e escuros.

– Vou contar até três – ela disse.

– Tudo beaaaaaaaaAAAIHCARALHO! – uivou Mia quando Larva estalou a junta no lugar. Ela se levantou e meio que dançou e pulou pela sala, com a mão dolorida no meio das pernas. – Merda, caralho, porra, vai se *foder*!

– Você fala palavrão demais – censurou Larva.

– *Você disse que ia contar até três!*

Larva concordou, triste.

– Você acreditou de novo, não é?

Mia estremeceu e cerrou os dentes, olhando a menina de alto a baixo.

– *Você é muito* boa nisso – ela admitiu.

Larva sorriu e deu uns tapinhas no assento.

– Último.

Suspirando, Mia voltou a sentar, a mão trêmula de dor, e Larva segurou delicadamente o dedo médio. Em seguida, olhou solene para Mia.

– Agora, este aqui vai doer muito – avisou.

– Esp... – ela estremeceu quando Larva encaixou o dedo.

Mia piscou.

– Ai? – disse.

- Terminado – sorriu Larva.
- Mas esse foi o mais fácil – reclamou Mia.
- Eu sei – rebateu Larva. – Eu sou...

– ... *muito boa nisso* – as duas completaram a frase juntas.

Larva passou a colocar talas nos dedos de Mia, prendendo-os nas tiras de madeira e amarrando bem apertado para limitar o movimento. Os três círculos gravados na bochecha da garotinha já não eram muito mistério...

– Por que chamam você de Corvo? – ela perguntou enquanto trabalhava.

Mia examinou a menina, tentando ignorar a dor quente e latejante. Larva era liisia; tinha pele bronzeada, cabelo escuro e enrolado, olhos grandes e escuros. Era magra, e o vestido pequeno envolvia um corpo ainda menor.

*Não tem nem uma viragem mais do que doze anos*, Mia supôs.

Talvez fosse o fato de vê-la ali no castelo onde tinha crescido. Talvez fosse a inteligência maliciosa que brilhava nos olhos escuros, ou a forma tão insolente de falar com os mais velhos. Mas, verdade fosse dita, a garotinha lembrava um pouco a própria Mia...

– Por que chamam você de Larva? – replicou Mia.

– Perguntei primeiro.

– Corvo é um apelido.

Mia lembrou-se da primeira vez que alguém a chamara assim. O seu primeiro encontro com o velho Mercurio. O ancião tinha dado uma surra num bando de bandidinhos que tinham roubado o broche de Mia. Na mesma viragem em que o pai dela tinha sido enforcado. Era a filha de um traidor, procurada pelos homens mais poderosos da República. E Mercurio não viu nada de mais em acolhê-la, em lhe dar um teto, em salvar a sua vida.

*Mãe Negra, quanta coisa ele arriscou por mim...*

Mia balançou a cabeça e pensou no seu plano insano.

*As coisas que ele ainda arrisca por mim.*

– Um amigo me deu – Mia disse. – Quando eu era pequena, tinha uma joia com um corvo. Ele me deu o apelido por causa dela.

– Eu nunca tive uma joia.

– Eu nunca mais tive uma igual. Aquela era presente da minha mãe.

– Onde está a sua mãe?

*Senhor Simpático se materializou no chão ao lado dela, o seu sussurro cortando o negrume. A dona Corvere deu uma olhada no gato de sombras e sibilou como se tivesse sido escaldada. Solto as barras e encolheu-se no canto mais distante, mostrando os dentes num esgar.*

– *Ele está dentro de você* – a dona balbuciou. – *Ai, Filhas, está dentro de você.*

Mia olhou para o chão de pedra. Para o sangue seco, respingado e

marrom.

– Ela se foi – disse Mia.

Larva olhou para Mia, acenou triste com a cabeça e continuou a amarrar os curativos.

– A minha também – disse. – Mas me ensinou tudo o que sabia. Assim, sempre que costuro uma ferida ou encaixo um osso ou curo uma febre, ela permanece comigo.

Era uma ideia bonita, Mia pensou. Sem dúvida, declamada para os órfãos do mundo inteiro desde o começo dos tempos. Mas, ainda que existisse algum traço do pai na forma como lutava, e da mãe na forma como falava, os dois ainda continuavam mortos. Se permaneciam com Mia de alguma maneira, era como fantasmas no seu ombro, cochichando na quasinoite sobre tudo o que poderia ter sido...

Se não fossem *eles*...

Mia virou a mão ferida de um lado para o outro. Ainda estava dolorida, mas bem menos. Em uma semana, estaria nova em folha.

– Você ainda não me disse o porquê de “Larva” – ela disse.

A garotinha olhou no fundo dos olhos de Mia.

– Reze para nunca descobrir – ela respondeu.

A menina saiu da enfermaria, e Mia foi atrás. Larva recolheu-se no seu lugar à sombra enquanto o executus coxeava até Mia; durante o trajeto, tomou um gole do cantil que levava na cintura. Agarrou a sua lutadora pelo punho e, fechando a cara para a mão machucada, disse:

– Você não vai poder treinar por...

– Executus – veio o chamado em voz baixa.

Arkades olhou para a sacada. Dona Leona estava lá, com o cabelo castanho em cachos esvoaçantes, o vestido de seda azul como céu. Ao lado dela havia um liisio de boa aparência com uma sobrecasaca bonita demais para a região e quente demais para o clima. Estava acompanhado de dois guarda-costas musculosos usando coletes de couro.

– Atenção! – bradou Arkades.

O pátio ficou imóvel com a ordem, e os gladiatii se voltaram para a sua senhora.

– Executus, prepare Matilius – a dona disse olhando para um itreyano enorme que treinava com um liisio chamado Otho. – Ele vai acompanhar estes homens para a casa do seu novo senhor.

As sobranceiras grisalhas de Arkades se uniram em dúvida.

– Novo senhor, mi dona?

– Ele foi vendido a Varro Caito.

Os gladiatii trocaram olhares tensos, e Mia notou a repentina queda no ânimo de todos. Matilius pôs de lado as espadas de treino e, franzindo a testa, elevou os olhos para Leona.

– Domina – disse o itreyano. – Por acaso eu... desagradei a senhora?

Leona lançou um olhar para o grandalhão; seus olhos azuis cintilavam. Mas uma olhada para o elegante homem ao seu lado fez seus olhos se tornarem tão duros quanto a pedra vermelha sob os pés.

– Não sou mais a sua domina – ela disse. – Mas você ainda não tem direito de me questionar. Lembre-se de seu lugar, escravo, para que eu não precise pedir ao executus que lhe dê um lembrete de despedida.

– Perdão – ele balbuciou.

O olhar frio e azul de Leona recaiu sobre Arkades.

– Executus, cuide da transferência. Os demais, voltem ao treino.

Arkades se curvou.

– Seu menor suspiro é uma ordem.

Embora tenha disfarçado bem, Mia ainda foi capaz de notar a confusão nos olhos do executus. Qualquer que fosse a natureza daquela “venda”, estava claro que Leona não o havia consultado.

O executus endireitou o corpo e olhou para Mia e sua mão machucada.

– Você não vai lutar por três dias, garota – disse, em seguida acenou com a cabeça na direção dos gêmeos vaanianos nos bonecos de treino do outro lado do pátio. – Acompanhe Bryn e Byern até o equorium amanhã. Pelo menos vai poder treinar com o arco e flecha.

Dando meia-volta, o Leão Vermelho manquitolou pelo pátio. Matilius despedia-se rapidamente dos outros gladiatii nos poucos instantes que lhe restavam. Agarrou o braço de Furian e apertou forte. Cantespadas o envolveu num abraço esmagador, e Carniceiro, Fazondas e Otho lhe deram tapas nas costas. Matilius olhou para Mia através do pátio e acenou uma vez com a cabeça. Ela acenou de volta. Não tinha tido muito contato com ele, mas parecia um sujeito decente. E claramente tinha amigos no colégio; irmãos e irmãs ao lado dos quais lutara e sangrara, e dos quais era forçado agora a se despedir.

Mia atravessou o pátio até os bonecos de treino, aproximando-se em silêncio de Bryn e Byern. A vaaniana era baixa, quase bonita, e estava com o topete comprido encharcado de suor. Byern era mais alto, mais bem-apessoado, com queixo quadrado e ombros largos. A espada de treino pendia inerte da mão enquanto ele observava as despedidas de Matilius. Os vaanianos deviam ter a idade de Mia, mas os dois pareciam mais velhos, por algum motivo.

Alguna coisa nos olhos deles, talvez.

– Quem é Varro Caito? – perguntou Mia em voz baixa.

Os gêmeos se sobressaltaram; não tinham notado a aproximação dela. Com uma expressão de tristeza, Bryn voltou a observar as despedidas, lançando um olhar venenoso para o liisio elegante na sacada.

– Um açougueiro – ela respondeu. – Promove o Pandemonium.

Mia arqueou a sobrancelha em dúvida.

– É uma roda de luta – Bryn explicou. – Clandestina. Não aprovada pelos administratii. Mas as lutas são sangrentas. E populares. Ex-gladiatii valem um bom dinheiro.

– Então é uma espécie de arena?

Byern balançou a cabeça.

– Não tem honra lá. Nem regras. Nem piedade. O Pandemonium é mais parecido com uma briga de cães humanos do que com o *venatus*. E as disputas nunca terminam. A maior parte dos lutadores morre num par de viragens. Mesmo os melhores só aguentam um mês.

Mia observou Matilius, que agora era algemado pelo executus e entregue ao açougueiro liisio. Os guarda-costas conferiram as correntes e acenaram com a cabeça. E, depois de um último olhar para trás, o homem marchou para fora do pátio sob a guarda do seu novo senhor.

Bryn suspirou, balançando a cabeça.

– Está andando para a morte.

– Então por que anda? – perguntou Mia.

– E o que mais você faria? – rebateu Byern.

– Fugiria – ela disse com valentia. – *Lutaria*.

Bryn encarou Mia como se ela fosse uma criança.

– Aconteceu uma rebelião de escravos em Remanso do Corvo. Uns sete meses atrás, talvez oito. Ouviu falar dela?

Mia fez que não.

– Dois escravos se apaixonaram – Byern disse. – Queriam se casar, mas o senhor deles proibiu. Então o casal cortou o pescoço dele à quasinoite e fugiu. Conseguiram chegar até Pontassol antes de serem pegos. Sabe o que os administratii fizeram?

– Crucificaram os dois, imagino – disse Mia.

– Isso – confirmou Bryn enquanto refazia as tranças. – Mas não só os dois. Açoitaram e crucificaram todos os escravos da casa do domínii deles para servir de exemplo. A única poupada foi a escrava que contou aos administratii onde encontrar os assassinos. E, por sua lealdade à República, ela foi obrigada a empunhar o chicote durante os açoites.

– Esse é o preço da rebelião em Itreya – disse Byern.

Mia torceu os lábios, pensativa. Nauseada. Sabia que a vida dos escravos era cruel e quase sempre curta na República. Sabia que os castigos para os que se rebelavam eram horríveis. Mas, Mãe Negra, a brutalidade daquilo...

– Vocês viram? – ela perguntou baixo. – As execuções?

Byern fez que sim.

– Todos vimos. Os administratii ordenaram que todos os escravos de todas as propriedades de Remanso fossem testemunhar. O menino mais jovem que pregaram não devia ter mais do que oito anos.

– Quatro Filhas – suspirou Mia. – Nunca imaginei...  
– Como você é gladiatii, tem mais sorte do que a maioria – Bryn disse. – Sangue. Glória. Agradeça.

Mia olhou a garota de soslaio.

– Você agradece?

Bryn olhou para a espada de madeira na mão. O irmão, Byern, estava emproado ao seu lado. Olhou para o céu acima deles, para areia abaixo.

– A gente aguenta – ela respondeu afinal.

Mia observou Matilius ser conduzido até o portão principal. Ele fez uma pausa diante do rastrilho, lançou um último olhar para seus irmãos e irmãs e levantou a mão em despedida. Bryn acenou, e Byern fechou o punho e o levou ao coração. E, com um empurrão nas costas, Matilius foi embora.

Mia balançou a cabeça, perguntando-se o que faria no lugar dele. Lutaria, num gesto fútil de resistência que acabaria causando a morte dos seus irmãos e irmãs? Ou marcharia calada para a morte? Como seria se o colégio fosse mesmo o seu destino? Se em vez de ser capaz de passar pelas paredes quando quisesse, estivesse mesmo presa ali? Sem controle. Sem ter qualquer poder de decisão sobre o próprio futuro.

– Como? – perguntou. – Como vocês suportam o insuportável?

– Existe um ditado em Vaan – respondeu Byern. – A esperança sobrevive em cada suspiro.

Bryn se virou para Mia.

Abriu um sorriso rápido para cobrir a dor.

Deu um tapa nas costas de Mia para quebrar o marasmo.

– Apenas continue respirando, pequeno corvo.

---

28 Embora o Império Ashkahi tenha terminado numa misteriosa calamidade mágica milênios atrás, vestígios da sua língua sobrevivem até hoje na República de Itreya. Os nomes dos três sóis, Shiih (*o Observador*), Saan (*o Vedor*) e Saai (*o Conhecedor*) são o exemplo mais óbvio, mas pode ser interessante notar que os nomes do panteão itreyano também são palavras ashkahi. *Aa* é a palavra ashkahi para “tudo”, e *Niah* é “nada”. Os acadêmicos de Itreya gastam muito tempo em discussões acaloradas durante jantares chiques, debatendo se tanto *Aa* como *Niah* eram adorados na Ashkah antiga, e se a religião da República é mais velha do que a própria República. De preferência, enquanto consomem enormes quantidades de vinho.

O próprio *Aa*, porém, nunca se pronunciou sobre o tema, nem bêbado nem são.



# Capítulo 15

## Direito

A virada da quasinoite foi triste, sem as piadas sujas nem as provocações entre amigos que costumavam marcar a refeição às mesas compridas da varanda. Todas as mentes pareciam ocupadas pela venda de Matilius. Ao pensar no destino que o aguardava no Pandemonium, Mia se viu sem apetite, e, em vez dos restos que costumava dar a Canino quando ele vinha farejar por perto, ela lhe deu quase a refeição inteira.

O mastim lambeu os dedos machucados da garota, abanando o rabo curto. Ela coçou suas orelhas e tentou ao máximo não se deter naqueles pensamentos. Tentou pensar nas disputas por vir, na vingança que a aguardava ao fim delas. Ela estava ali por um motivo apenas. E a vingança não chegaria se ela ficasse próxima demais de qualquer um que lutava ao seu lado. Não importava quão angustiante fosse pensar nisso.

Como que ecoando-lhe o pensamento, ela sentiu uma brisa fresca na nuca.

Um sussurro, suave feito sombra.

– *...essa gente não é sua família. eles não são seus amigos. todos são apenas um meio para atingir sua meta...*

Os outros gladiatii não pareciam a fim de falar no assunto; mastigavam a comida em silêncio. Carniceiro, porém, estava melancólico, murmurando consigo mesmo e balançando a cabeça. E, quase ao final da refeição, não aguentou mais guardar a língua dentro da boca.

– Mas isso é uma merda – rosnou, empurrando a tigela de lado.

– É carne de vaca, eu acho – disse Fazondas enquanto palitava os dentes.

– Estava falando de Mati, seu babaca do caralho – disse Carniceiro com um olhar fulminante para o companheiro mais forte. – Vendido para aquele desgraçado do Caito? Ele merecia coisa melhor do que acabar numa roda de luta.

– Olha a boca, irmão – disse Fazondas, levantando o dedo em censura, a voz de barítono mais grave do que o normal. – Há damas presentes.

Cantespadas franziu a testa.

– Onde?

– Chega! – vociferou Furian. O campeão tinha a expressão fechada, os olhos ardentes. Queixo tenso. Músculos saltados. – Coma a sua comida, Carniceiro.

– Não é direito, Furian.

O Incaído esmurrou a mesa e todos os olhos se fixaram nele.

– É a vontade da domina – ele disse. – Ela é a senhora deste colégio. Você se esquece disso fácil demais. Mas refresque a minha memória, irmão, o que você era antes que ela e o executus o tirassem da merda?

– Guarda-costas – disse Carniceiro, firmando o maxilar.

– A porra de um *burro de carga*, era isso que você era – disparou Furian. – Carregava as sacolas de uma dona velha no mercado e a comia quando ela mandava. E você, Fazondas?

– Ator – respondeu o grandalhão, orgulhoso.

– Ator? Você era um *porteiro* de merda num teatro de dois mendigos. Barrava os bêbados e limpava a merda do banheiro entre uma apresentação e outra.

Fazondas pareceu um pouco abatido.

– Eu estava escalado para interpretar o Rei Feiti...

– Byern ia para uma mina de cobre em Ashkah. – O Incaído apontou para os presentes. – Bryn, para um bordel em Liis. Pelo pinto de Aa, Cantespadas ia para a porra da *forca*! E a domina acolheu a todos *nós* e nos forjou em *deuses*!

O campeão correu os olhos sombrios pelo refeitório, à espera de objeções.

– A domina nos alimentou – ele disse. – Nos abrigou. Nos deu a oportunidade de lutar por glória e honra no *venatus* em vez de vivermos de joelhos ou estirados no chão. E você diz que não é direito? Todos devemos a vida a ela. Até Matilius. Isso torna tudo *direito*.

Mia permaneceu em silêncio, ouvindo os esporros do Incaído. Ninguém no refeitório manifestou discordância. Ela voltou a pensar naquele homem; quem ele era, pelo que vivia. Ela costumava ser boa em analisar o caráter das pessoas, mas Furian era um mistério. Lutava como um deus na arena, verdade. E, ao mesmo tempo, parecia perfeitamente feliz em dobrar o joelho para essa vida de sangue e servidão e de negar a verdade sobre quem ele realmente era.

*Por que, apenas uma vez, não posso conhecer um sombrio que não é desgraçado ou burro?*

A virada terminou e os gladiatii foram levados ao alojamento para tomar banho, quatro de cada vez. Mia quase sempre entrava com Sidonius, Carniceiro e Cantespadas, embora ela preferisse ir com Fazondas. O homem tinha uma bela voz, e sempre cantava ao se lavar; deviam ser canções que aprendera no seu breve tempo no teatro.

Mia já tinha abandonado qualquer noção de pudor; afinal, passava o dia todo circulando com duas faixas acolchoadas e um par de sandálias. Achava estranha a facilidade com que se acostumara com a vida no colégio. Nada de privacidade. Nada de decoro. E quando

fechava os olhos, ainda era capaz de ouvir o som que permanecia em sua cabeça desde os jogos de Pontenegra. O rugido que a elevava em asas de trovão.

### *O público.*

Sua pele se arrepiava só de pensar, e contra a sua vontade. A lembrança queimava dentro da cabeça. Ainda assim, Mia lembrou a si mesma de que estava ali por um motivo, e esse motivo era o *magni*. Leona tinha vendido Matilius sem conversar com Arkades. Se havia algum risco para o colégio, era melhor Mia descobrir a verdade.

Sid parecia de mau humor quando Mia voltou à cela depois do banho, e ela não tentou tirar nada dele. Em vez disso, encostou-se nas barras e cochilou, ao som do suave murmúrio que saía por baixo da porta de Cantespadas, até o resto dos gladiatii adormecerem. Mia sussurrou o nome de Sid, mas ele não se mexeu. Sentiu um cochicho gelado na nuca.

– ...aonde vamos...?

– É você quem diz – ela cochichou de volta.

– ...tenho circulado pela casa desde a virada...

– Então me conte.

– ...arkades solicitou uma reunião com leona. disseram-lhe para ir até ela depois do banho...

Mia acenou com a cabeça.

– Você vai na frente.

A sombra da garota tremeu e Sr. Simpático sumiu, disparando rumo ao rastrilho, já trancado para a quasinoite. Mia invocou as sombras da antecâmara, igual tinha feito na quasinoite anterior. Não estavam mais fáceis de apanhar, e chegaram a escapar de sua mão por um instante enquanto ela franzia a testa concentrada, respirava fundo e passava

para

a sombra

depois do rastrilho.

O mundo virou de ponta-cabeça e Mia quase caiu, engolindo um palavrão enquanto se equilibrava com a mão machucada. A cabeça estava baixa, o cabelo escuro e comprido cobriam os olhos retintos.

– ...venha...

O não-gato disparou na frente, de olho nos guardas da casa. Esgueirando-se por sua antiga casa como uma faca entre costelas, Mia passou pelas fileiras de armaduras até a ampla escadaria do primeiro andar. A cabeça transbordava de lembranças da infância ali.

Lembrou-se do pai exercitando os cavalos no pátio. Da mãe lendo à janela saliente do quarto. Da quasinoite em que seu irmão Jonnen nasceu, debaixo daquele mesmo teto. Seu pai tinha chorado ao tomar o bebê nos braços.

Ela se lembrava dele com tanta clareza. O cheiro. O modo como beijava a esposa: primeiro uma pálpebra, depois a outra, e por fim a testa suave em tom de oliva.

Um bom homem.

Um marido amoroso.

Um soldado fiel.

Que tipo de rei ele teria sido?

Mia balançou a cabeça, xingando-se de tonta. Não importava. O reino do pai dela estava a sete palmos do chão, e os dois homens que o mataram ainda falavam e respiravam. Só isso importava. Só com isso ela deveria se preocupar.

O quarto andar. Antes um depósito, agora pertencia à senhora da casa. Silenciosa como um suspiro, Mia esgueirou-se pelos longos corredores em direção às vozes baixas que vinham do quarto de banho.

Espiando pela porta, viu dona Leona emergir de uma piscina funda e vaporosa, a água escorrendo em pequenas corredeiras pelo corpo nu. O cabelo estava molhado, o rosto sem maquiagem. Mia se deu conta de que ela era uma beleza; tinha quadris largos, lábios carnudos. Os olhos da garota percorreram as curvas de Leona, envoltas em vapor, e ela se perguntou por que a visão era tão excitante. Por que no alojamento lá embaixo os corpos nus não significavam nada, mas aqui sentia a pele arrepiar? O coração bater um pouco mais rápido? Pensava, talvez, em outra mulher bela, a da cama de Aurelius, com seus beijos dourados cada vez mais em baixo.

Então pensou em Ash. O beijo que deram quando Mia saiu da Igreja. Aquele beijo que talvez tivesse durado demais. Ou talvez não o bastante?

Mia balançou a cabeça. Xingou-se de noviça. Ashlinn Järnheim tinha matado Tric, tinha traído a Igreja e os seus votos sagrados para vingar o pai...

Ela olhou para o outro lado do quarto de banho e viu-se refletida num pequeno espelho de prata.

*Lembra alguém que você conhece?*

A magistrae, que aguardava fielmente ao lado da banheira de Leona, passou um roupão comprido à sua senhora. A domina parecia pensativa. Roía as unhas e olhava fixamente para a pequena estátua de Trelene de onde a água fluía. Suspirou enquanto a magistrae tentava tirar a tensão de seus ombros com uma massagem.

– O que perturba você, meu amor? – perguntou a mulher mais velha.

Leona sorriu.

– Como você sabe que algo me perturba?

– Estas são as mãos que trouxeram você ao mundo – respondeu a

magistrae, retribuindo o sorriso. – Estes são os peitos que amamentaram você. Embora eu não tenha a pretensão de sempre saber o que se passa na sua cabeça, sei bem quando ela está cheia de pensamentos sombrios, não tenha dúvida.

Leona suspirou quando a magistrae tentou eliminar um nó no seu pescoço.

– Preciso de dinheiro, Anthea. Marcus me deixou com pouca coisa além destas paredes e dos fundos que gastei na reforma. Ele não era cuidadoso com dinheiro.

– Vocês dois combinavam, então.

Leona abriu um sorriso triste.

– Acho que mereço isso.

– Sente a falta dele, meu amor?

– Não – disse Leona, com um suspiro. – Marcus era bom até, mas nunca o amei. E... eu odiava precisar dele. Isso me torna terrível?

– Torna sincera – sorriu a mulher mais velha.

O silêncio ecoava pelo quarto de banho, e Leona ainda roía as unhas. A dona parecia mais jovem ali do que no pátio, como se tivesse se livrado da armadura agora que era vista apenas por olhos de confiança. A magistrae continuava com a massagem nos ombros, de vez em quando mordendo os próprios lábios. Quando falou, era óbvia sua trepidação.

– Leona, sei que você e seu pai...

– Não, Anthea.

– Mas ele tem dinheiro de sobra, é certo que se você...

– NÃO! – Ela se virou para a ama, os olhos azuis faiscando. – Você se esquece da sua condição. E não quero ouvir outra palavra a respeito disso. Prefiro *morrer* a aceitar um só cobre daquele homem, entendeu?

Os olhos da magistrae foram para o chão.

– Sim, domina – ela disse.

Observando das sombras, Mia entristeceu-se. Dava para sentir que Anthea tinha verdadeiro carinho por Leona, que a barreira entre ambas tinha se desgastado com as décadas. Mas, por mais que Anthea amasse Leona, seria sempre uma criada. Embora tivesse alimentado Leona em seu peito, Anthea jamais seria sua mãe.

Ainda assim, uma coisa era ouvir uma conversa capaz de selar o seu destino, outra completamente diferente era intrometer-se num momento tão íntimo. Informação era poder, e poder era vantagem. Mas Mia já tinha descoberto o bastante ali.

Esgueirando-se pelo corredor atrás de Sr. Simpático, ela chegou à ampla sala de jantar. Todos os móveis antigos ainda estavam lá: a mesa comprida onde seus pais recebiam convidados, as cadeiras de madeira que ela escalava e entre as quais se escondia quando pequena. Algumas das tapeçarias ainda estavam penduradas na

parede: a deusa Tsana envolta em chamas, a deusa Trelene com seu manto de ondas do mar.

Passos. Cada vez mais próximos. Clinc, toc. Clinc, toc.

Mia e Sr. Simpático se enfiaram atrás de uma das cortinas longas e pesadas. Ela podia ter simplesmente se coberto de sombras e escutado a conversa entre o executus e Leona, mas a verdade era que queria ver o rosto deles. Ver se a armadura que Leona usava fora dessas paredes era a mesma que usava para a lenda da arena que servia a ela em vez de ao homem que o tinha alçado a campeão.

Arkades adentrou a sala mancando e viu que estava vazia. Com o queixo tenso, sentou-se à mesa para esperar. Mia notou que ele tinha tomado banho, penteado a barba e o cabelo grisalho e comprido. A cicatriz no rosto e a pele desgastada tornavam difícil precisar sua idade, mas Mia arriscava que ele estava na casa dos trinta. A vida na areia não tinha sido um mar de rosas, mas a presença dele, o magnetismo absoluto de uma vida de vitórias diante de um público fanático...

Ele tinha deixado de lado a armadura de couro que vestia no pátio; em seu lugar, usava trajes elegantes. O gibão escuro era bordado com os falcões de Remus e os leões de Leonides. O castão da bengala também tinha o formato de uma cabeça de leão. Mais uma vez Mia questionou a lealdade do executus. Lá estava ele, servindo a Leona. E, ao mesmo tempo, ainda trazia os leões do pai dela no peito.

Arkades olhou ao redor, puxou um cantil de dentro do gibão como um ladrão e deu um gole longo e intenso.

– Temos cálices se você preferir, executus.

Arkades tomou um susto e se levantou assim que Leona apareceu à porta de trás com uma garrafa de vinho e dois cálices nas mãos. Os olhos arregalaram-se um pouco ao vê-la, e a própria Mia arqueou uma sobrancelha. O cabelo de Leona estava molhado, ela estava descalça e ainda de roupão. Um olhar atento a partir do ângulo certo, e muito pouco ficava por conta da imaginação.

– Mi dona – disse Arkades, curvando-se com os olhos até o chão e evitando com esforço um olhar atento a partir de qualquer ângulo.

Mia percebeu um pequeno sorriso no rosto de Leona. A dona caminhou para a cabeceira da mesa e soltou o corpo numa cadeira. Ela serviu um cálice para si e jogou o pé para cima do tampo de madeira. O roupão deslizou para trás e expôs sua perna até a coxa.

– Sirva-se – ela disse com um sorriso.

– Mi dona?

Leona apontou para o segundo cálice e para a garrafa.

– Receio que seja terrível. Mas cumpre o propósito. Aqui.

Ela se inclinou para a frente, serviu um cálice e o empurrou para o outro lado da mesa. Arkades manteve os olhos fixos em qualquer coisa

menos no peito dela e voltou para a cadeira praticamente se contorcendo.

*Ela o mantém desarmado desse jeito, Mia percebeu. Ele tem dez anos a mais. Duas vezes o tamanho dela. Um guerreiro de cem batalhas, campeão do magni, e o pobre-diabo não sabe nem para que lado olhar quando ela entra.*

– Então – disse Leona, recostando-se na cadeira e dando um gole na bebida. – Você quer dizer algo. Algo tão urgente que precisa ser dito *sem falta*.

Arkades fez que sim com a cabeça, a vergonha evaporando à medida que a conversa passava para o colégio.

– Matilius, mi dona.

– O que tem ele?

– A venda para Caito...

– Foi necessária – ela interrompeu. – A bolsa de Pontenegra não foi o bastante para cobrir as despesas este mês. Nossos cobradores me pressionam, e precisam ser pagos.

– Mas Caito... – começou Arkades. – O Pandemonium não é lugar para homem algum morrer.

Leona esvaziou o cálice com um só gole.

– Matilius não era um homem – ela disse, servindo-se de mais vinho.

– Era um escravo.

– A senhora não acredita de verdade nisso, mi dona.

Arkades lançou à jovem um olhar através da mesa. Mia conseguiu notar nos olhos dela um instante de delicadeza, que logo foi substituída por ferro.

– Não acredito? – ela perguntou.

– Matilius era gladiatii – disse Arkades. – Ganhou glória e honra para este colégio. Para a senhora, dona. Não era a nossa melhor espada, é certo, mas a serviu o melhor que pôde.

– Não foi o bastante. Tenho muitas bocas e todas custam dinheiro. Nossas dívidas se acumulam a cada viragem, e minha bolsa está quase vazia.

– E como isso aconteceu, eu me pergunto? – ironizou o executus. – Depois de a senhora gastar uma pequena fortuna numa única recruta?

– Ah – suspirou Leona. – Chegamos rápido ao ponto dessa vez.

– Com as mil peças de prata que a senhora pagou por aquela garota podia alimentar este colégio pelo resto do ano!

Mia prestou atenção e forçou a vista ao ouvir o seu nome.

– Você a viu em Pontenegra? – perguntou Leona. – Viu como ela inflamava o público?

– Furian já faz isso! – Arkades praticamente gritou, erguendo-se da cadeira. – O Incaído é o campeão deste colégio! Aquela magrela não consegue nem levantar a merda de um escudo!

– Então lutamos no estilo Caravaggio dela. Com espadas gêmeas. Sem escudo. O público vai adorar isso, e a ela. Uma garota mirrada, estripando homens duas vezes o seu tamanho? E com a aparência dela? Quatro Filhas, o público nem vai conseguir *ver* a garota com o pau duro deles na frente.

Arkades suspirou, passando as mãos semicerradas nos olhos.

– Quando a senhora começou este colégio, dona, pediu a minha ajuda.

– Pedi – respondeu Leona enquanto brincava com a gola do roupão.  
– E serei sempre grata por ela.

– Então, com todo o respeito, minha opinião deve ter peso. Conheço a senhora desde criança. Sei que cresceu em torno do *venatus*. Mas há uma diferença enorme entre assistir do camarote e administrar um colégio.

Os olhos e a voz de Leona se tornaram frios.

– Você acha que não sei?

– Acho que quer irritar o seu pai.

Leona estreitou os olhos, apertou os lábios.

– Você passa dos limites, executus.

Arkades ergueu a mão em súplica diante do ultraje de Leona.

– As Filhas sabem, lembro de como ele tratava a senhora e a sua mãe. E não falta motivo para o seu ódio. Mas receio que o seu desejo de superar o lance dele por aquela menina é uma prova cabal de que a sua mente está obscurecida por assuntos de família. A minha está clara. Lutei por anos na areia, treinei por anos os gladiatii do seu pai depois disso. E digo agora: essa garota não é campeã. Tem a esperteza de uma raposa, mas não é metade do gladiatii que Furian é. Chegará um momento em que a astúcia e os ardis não a salvarão. Quando serão somente ela e uma espada e um homem que terá que matar.

Arkades inclinou-se para a frente e olhou bem nos olhos de Leona.

– E ela. Vai. Falhar.

Mia ficou sem chão ao ouvir Arkades falar assim. Pensou que o tinha impressionado com seu desempenho em Pontenegra, mas o homem parecia completamente cego aos seus méritos.

Leona baixou os olhos, e Arkades lembrou-se da sua condição e voltou a sentar-se, bufando desculpas. A dona tomou de uma vez o resto do seu vinho e permaneceu com o olhar fixo no cálice vazio por minutos infinitos. Quando falou, a voz saiu tão baixa que Mia quase não conseguiu ouvir.

– Talvez tenha sido imprudente gastar tanto dinheiro. Mas eu... não queria ver meu pai ganhar de novo. Minha mãe me avisou quando eu era pequena. “Nunca enfrente seu pai”, ela disse. “Ele *sempre* ganha.”

A mulher levantou os olhos ardentes de fúria para Arkades.

– Mas não vai ganhar dessa vez – esbravejou. – Nunca mais. Quero-o



de joelhos. Quero que olhe nos meus olhos e saiba que fui eu quem o pôs ali. Quero beber o sofrimento dele como se fosse o melhor dos vinhos. – Ela jogou a garrafa contra a parede, bem ao lado da cabeça de Mia, e o vidro se partiu em milhares de cacos. – Não esta porcaria do caralho.

Ela voltou a baixar a cabeça e suspirou.

– Mesmo com a venda de Matilius, devemos para mais doze.

– Quanto?

– *Muito*. E os números crescem a cada viragem. – Leona cerrou o punho, os nós dos dedos ficando brancos. – Filhas, se ao menos Marcus não tivesse morrido. Mais uns anos com o salário de justicus e teria dinheiro bastante para começar isto aqui do jeito certo. Se eu encontrar quem o tirou de mim...

– Não importa – disse Arkades. – Podemos pagar todas as dívidas com o dinheiro que fizemos com a venda de Corvo. E depois levaremos Furian com força total até o *magni*. Temos três *venata* daqui até a veraluz, três louros para ganhar uma vaga. A senhora *terá* a vitória, dona – jurou Arkades. – *Se* me deixar dá-la à senhora. Tenha fé em mim. Como eu tenho fé na senhora.

Mia olhou para ambos, cada um separadamente e depois os dois juntos. O roupão de Leona, a sexualidade insolente, o modo como ela usava o corpo para desestabilizar Arkades... Fazia até sentido, agora que Mia sabia que Leona tinha crescido numa casa com um pai dominador.

Mas Arkades...

O fogo nos olhos. O fervor na voz ao fazer a promessa. Era o campeão da competição mais brutal que a República tinha projetado. Dez anos mais velho. Separado pela barreira entre os nascidos ricos e aqueles que já foram propriedade.

E no entanto...

Mia balançou a cabeça. Cinco minutos a sós com eles bastaram para que a jovem soubesse exatamente o porquê de Arkades deixar Leonides e vir servir à sua filha rebelde.

*O coitado realmente está apaixonado por Leona.*

A mulher pôs o cálice vazio sobre a mesa e suspirou.

*Será que ela sabe?*

– Você é o meu executus – disse a dona. – Sei que abriu mão de muita coisa para vir para cá. E cuidarei para que essa fé seja recompensada.

Leona correu o dedo pela borda do cálice e fez que sim com a cabeça, como que para si mesma.

– Vou seguir seu conselho. Vamos pôr a nossa bela sanguinária para lutar no *venatus* de Temporal no fim do mês. Não na *ultima*; temos o nosso campeão para isso. Alguma luta secundária, para não a

machucar muito. Com sorte, ela vai se sair bem o bastante para recuperar em alguma medida o valor que pagamos por ela.

Mia sentiu a barriga gelar.

*Mãe Negra...*

– A senhora vai vendê-la, então? – perguntou Arkades.

Leona olhou para a tapeçaria na parede. A deusa do fogo, de espada à mão, escudo erguido, envolta em chamas.

– A não ser que ela prove ser Tsana encarnada – Leona soltou um suspiro. – Muito bem. Vou vendê-la.

Arkades assentiu com a cabeça. A dona continuou:

– Está satisfeito agora? – perguntou.

O executus bufou um pedido de desculpas e se levantou devagar. Curvando-se baixo para a sua dona, saiu mancado da sala de jantar, a bengala e a perna de ferro batendo numa cansada retirada pela escadaria de pedra. Leona ficou a sós, os olhos nublados fixos num ponto que só ela enxergava. Corria a mão vazia pelo pescoço, sobre a pele alva do colo.

Mia se levantou em silêncio nas sombras, observando de perto. Pensando nessa mulher, tentando encontrar uma forma de fazê-la mudar de ideia. Se conseguisse dar um jeito de Furian cair em desgraça... Envenená-lo antes de uma luta, talvez? Se Mia pudesse crescer na estima da dona...

Uma coisa era certa: ela *não* podia ser vendida.

Leona mordeu os lábios e piscou ao acordar dos devaneios. Olhou para a porta aberta e endireitou-se como se estivesse à escuta. Era tarde, a casa estava em silêncio. A mulher se levantou, ajeitou o roupão e, quase na ponta dos pés, saiu para o corredor.

Mia franziu a testa, forçando a vista.

Leona era a senhora do lugar.

*Por que se esgueirar como um ladrão na própria casa?*

Mia saiu de trás da cortina e esgueirou-se até a porta, silenciosa como a morte. Espiou pelo batente e viu Leona na escadaria que descia para o terceiro andar. Abaixou-se quando a dona olhou ao redor, então desceu rapidamente pela escada.

– ...talvez tenhamos nos arriscado o bastante esta *quasinoite*, *mia*...

Ignorando o aviso do gato de sombras, Mia seguiu a dona com pés macios. Movendo-se como uma sombra, foi atrás de Leona pela escada sinuosa até o terceiro andar, depois até o segundo. Então a dona fez uma pausa, esperando que o capitão Gannicus e outro guarda passassem cochichando entre si. Quando os dois saíram de cena, Leona continuou a se esgueirar, e Mia a seguiu como um espectro até o primeiro andar.

Dos degraus mais altos, Mia viu a dona olhar ao redor, imóvel, à escuta dos guardas. Saindo devagar da escadaria, avançou até uma

porta de madeira no fim do corredor. Fora do alcance de olhos e ouvidos.

*Ah, agora faz sentido.*

Os esporros no jantar. A insistência em que só a vontade da domina importava, apesar da venda de Matilius. O fervor nos olhos dele ao falar da sua senhora, a sua devoção àqueles muros.

*Furian.*

Leona enfiou a mão no bolso, sacou uma chave de ferro e destrancou a porta. O Incaído a esperava do outro lado, o cabelo comprido e escuro emoldurando seu belo rosto, um sorriso curvando seus lábios ao ver a amante. Depois de uma última olhada para o trajeto que fizera, Leona enroscou os braços no pescoço de Furian e o puxou para um beijo faminto. E, entrando na cela, a dona da casa fechou a porta.

– ...*interessante*... – veio o cochicho frio na orelha de Mia.

– É – respondeu Mia, em tom irônico. – Mas eu gostaria que ao *menos* uma vez a minha vida fosse um pouco menos interessante.

– ...*ah, que divertido seria, não...*?

Mia mostrou os nós para o gato feito de sombras. Senhor Simpático apenas riu. E, sem mais nenhum som, a dupla avançou pelas sombras que tanto fazer amava.

# Capítulo 16

Mel

*Vssshhtunc.*

A flecha cravou-se no espantalho, perto do coração.

*Vssshhtunc.*

Outra, mais perto do que a primeira.

*Vssshhtunc.*

A terceira acertou o alvo, bem no meio do rosto sem feições.

Mia baixou o arco; os dedos da mão direita latejavam.

– Muito bem – disse Bryn ao seu lado. – Onde foi que você aprendeu a atirar assim?

– Li num livro – resmungou Mia. – Depois que terminei de transar com seu pai.

A vaaniana riu, levantou o próprio arco e puxou a corda.

– Quasinoite difícil, Corvo?

Mia pôs o arco de lado, estremecendo de dor.

– Já tive melhores.

– Não com o coitado do meu pai, aposto – disse Bryn com um sorriso malicioso.

A loira fez meia dúzia de flechas voarem em rápida sucessão. Três perfuraram o coração do espantalho, duas a garganta, e a terceira a cabeça.

– Dentes da Fauce... – balbuciou Mia.

– Você devia vê-la atirar com a mão boa – disse Byern ao passar pela dupla com rédeas de couro jogadas sobre o ombro.

– Ah, não tem por que se exhibir – respondeu Bryn.

Os gêmeos tinham deixado o Ninho do Corvo cedo pela manhã, como faziam a cada dois dias. Por ordem do executus, Mia os acompanhou, seguindo os passos deles como um cão atrás de um osso. Arkades os acompanhou até os portões da fortaleza, e Mia tentou não fechar a cara ao se lembrar da maneira como o homem tinha falado dela na quasinoite anterior. Arkades não fez qualquer comentário a respeito da sua venda iminente, a espada que pendia sobre sua cabeça. Não era que ele estivesse lhe oferecendo uma oportunidade de provar seu valor, longe disso. Era claro que o executus apenas a queria longe.

Aquilo ferira o orgulho dela, verdade fosse dita. Mais do que deveria. Mia não sabia por que queria a aprovação dele. Mas, no meio-tempo, o orgulho ferido tinha se tornado ódio ardente. Ela já não tinha tempo a perder: ser vendida para outro mestre era um risco que ela simplesmente não podia correr. Ela precisava se provar. Não a Arkades, mas a dona Leona.

Apesar de estar dividindo a cama com Furian, Mia suspeitava que a dona ainda via valor nela. Mia tinha inflamado o público em Pontenegra, e a reação da multidão tinha acendido uma pequena brasa de respeito no coração de Leona. Mia precisava dar um jeito de transformar a faísca em fogo.

O *venatus* de Temporal decidiria seu futuro – nesse colégio, e na arena. O plano de assassinar Duomo e Scaeva pendia na balança.

E ela não fazia ideia de como fazer a balança virar em seu favor.

Mia, Bryn e Byern foram acompanhados por quatro guardas domésticos de dona Leona pelo matagal pedregoso atrás do Ninho do Corvo. Depois de quase um quilômetro, chegaram a uma pista oval, talvez de uns dois quilômetros, marcada por areia ocre e pedras chatas. Havia um estábulo de um lado, que Bryn adentrou com seus arreios e rédeas enquanto Bryn esvaziava uma aljava atrás da outra de flechas nos três espantalhos que serviam de alvo.

Os guardas domésticos ficaram sob a sombra, sem prestar atenção. Mia se deu conta de como seria fácil para Bryn e Byern escaparem: algumas flechas no peito de cada guarda, dois cavalos e a dupla seria uma nuvem de pó no horizonte. Mas, ainda que dessem um jeito de chegar à República com as marcas nas bochechas, os gêmeos condenariam cada um dos outros gladiatii do plantel de Leona à execução na arena.

Ela precisava dar crédito aos administratii: aqueles desgraçados sem coração sabiam o que faziam.

Os dedos de Mia ainda estavam bem machucados e doíam ao segurar o arco por tempo demais, de modo que ela teve de se contentar com passar a maior parte do tempo assistindo ao espetáculo de Bryn. A garota era capaz de atirar às cegas, tanto com a mão esquerda quanto com a direita. Depois de esvaziar outra aljava, ela tirou as botas e segurou o arco com os dedos dos pés. E depois, no que talvez tenha sido a maior demonstração de destreza que Mia jamais presenciara, se levantou devagar de ponta-cabeça, curvou a coluna e deu uma flechada com os pés, espetando o coração do espantalho.

– Por falar em se exibir... – disse Mia.

Bryn virou com calma, se pôs de pé e começou a bater a terra das mãos.

– É brincadeira de criança quando os alvos estão parados – ela disse, dando de ombros. Em seguida, voltou-se para o estábulo e chamou o irmão: – Sangue e abismo, Byern, você vai arrear os cavalos ou pedi-los em casamento?

– Já pedi uma vez, e os dois disseram não – foi a resposta.

O gêmeo de Bryn emergiu do estábulo, carregando um grande escudo e conduzindo um par de cavalos atrelados a uma biga comprida e lustrosa. Os animais eram brancos como nuvens, com

músculos de mármore. A contragosto, Mia sentiu uma pontada ao vê-lo, pensando no seu garanhão, Bastardo. Depois de o ter resgatado da morte certa no deserto de Ashkah, Mia o tinha deixado livre em vez de trancá-lo no estábulo da Igreja Vermelha. Esperava que ele estivesse galopando por algum lugar agradável, fazendo o maior número possível dos seus próprios bastardos.

Mia sentia falta dele.

Sentia falta de muita coisa nos últimos tempos, verdade fosse dita...

– Irmã Corvo – disse Byern, gesticulando dramaticamente para os cavalos –, estes são Briar e Rose.

Mia examinou a dupla que puxava a biga de Byern. Como todo cavalo com que Mia deparava, os animais ficaram ariscos ao redor dela, de modo que ela manteve uma distância segura. O fato de ela chamar o único cavalo de que gostava de “Bastardo” já dizia o suficiente sobre a simpatia que Mia nutria por esses animais, mas ela sabia reconhecer um bom espécime.

– São éguas – ela notou. – A maior parte dos equillais que vi usam cavalos.

– A maior parte dos equillais que você viu são uns idiotas da porra – respondeu Byern.

A irmã dele concordou.

– Os machos pensam com o pau. As fêmeas sabem manter a calma em momentos de crise. O mesmo vale para os humanos, não é, irmão?

Byern ergueu um dedo em alerta.

– Respeito pelos mais velhos, criança.

– Você é *dois minutos* mais velho do que eu, Byern.

– Dois minutos e quatorze segundos. Agora, você vem ou não?

– Fique aqui no meio – orientou Bryn, esticando o pescoço para a pista de terra. – Quando eu falar, você começar a atirar sem dó.

– Quer que eu dê uma flechada em você? – perguntou Mia, arqueando as sobrancelhas.

Bryn riu alto.

– Quero que você tente. E não se esqueça de respirar.

Com essas palavras, a vaaniana pulou para a biga ao lado do irmão. Com um puxão nas rédeas e uma piscada para Mia (que lhe valeu um soco no braço dado pela irmã), Byern guiou as éguas para a pista.

A biga era ampla o bastante para permitir que os irmãos trocassem de lado. Vermelha, com detalhes em tinta dourada, apresentava um falcão do Colégio Remus entalhado. O grande escudo de Byern também tinha um falcão vermelho desenhado, e as bordas eram dentadas como as muralhas ameaçadas de uma fortaleza.

Mia caminhou até o canteiro no meio da terra ocre, rodeada pela pista oval. Espantalhos estavam dispostos numa única fileira bem no centro do canteiro, à direita e à esquerda de Mia. Num *venatus* real,

esses espantalhos seriam gente *de verdade*: assassinos e estupradores a serem executados por equillais diante da multidão fanática.<sup>29</sup>

Mia observou os gêmeos dispararem na pista, cada vez mais rápido. O topete de Bryn chicoteava ao vento; a pele bronzeada de Byern reluzia à luz dos sóis.

– Preparada? – Bryn perguntou a Mia.

– Sim – respondeu a garota.

– Manda ver, pequeno corvo!

Mia suspirou e mirou no peito de Byern. Acompanhou o movimento da biga, respirando devagar conforme a instrução de Bryn, apesar da dor nos dedos machucados. E, quando a dupla entrou na primeira curva, soltou uma flecha direto no peito do belo vaaniano.

Byern ergueu o escudo e defendeu o tiro com facilidade. Atirando por entre os *dentes* do escudo erguido, Bryn mandou quatro flechas: duas acertaram o chão perto das sandálias de Mia, e as outras duas acertaram o espantalho mais próximo.

– Eu disse para atirar em nós, não para nos tirar para dançar! – berrou Bryn.

– Podemos dançar mais tarde, se você quiser – completou Byern.

Bryn perfurou outro espantalho e o irmão se inclinou para fora da biga num ângulo impossível para pegar uma pedrinha na pista com a mão livre. Mia fechou a cara, tentando se livrar da sensação de estar sendo feita de idiota.

– Muito bem, que se foda... – resmungou.

Mia começou a disparar uma flecha atrás da outra enquanto os irmãos davam voltas na pista. E, embora estivesse mirando a sério, logo percebeu que Bryn e Byern eram mestres no que faziam. O escudo de Byern era impenetrável, e sua habilidade para conduzir os cavalos quase igualava a habilidade da irmã com o arco e flecha. No momento mais humilhante do treino, Byern defendeu uma flechada que zuniu direto para a garganta de Bryn ao mesmo tempo que se inclinava para pegar uma pedra e segurava as rédeas com os malditos dentes. Enquanto isso, Bryn salpicava cada espantalho com uma dúzia de flechas, com pausas ocasionais para fazer Mia dançar com alguns disparos contra os seus pés.

Nove voltas depois, a dupla parou diante de Mia. Byern saltou para fora da biga e curvou-se.

– Você prefere valsa ou balinna, mi dona?

Bryn deu outro soco no braço do irmão e sorriu para Mia.

– Bela pontaria. Quase me acertou uma ou duas vezes.

– Mentirosa – disse Mia. – Não cheguei nem perto.

Bryn estremeceu e concordou triste com a cabeça.

– Eu estava tentando fazer você se sentir melhor.

– Onde vocês aprenderam a fazer isso?

– Nosso pai criava cavalos – explicou Byern. – E Bryn é um diabo com o arco e flecha desde que aprendeu a andar.

Mia balançou a cabeça. Sabia que não devia perguntar. Não devia ficar próxima. Mas a verdade é que ela gostava dos dois. Do sorriso fácil de Byern e da fanfarronice cheia de segurança de Bryn.

– Como vocês vieram parar aqui? – ela perguntou, olhando para a pista ao redor e a silhueta do Ninho do Corvo à distância. – Neste lugar.

Bryn fungou.

– Má colheita, três anos atrás. A aldeia não tinha grãos suficientes para pagar o tributo devido aos administratii itreyanos. Mandaram o nosso suserano para os ferros e flagelaram ele e a família toda atados a um poste.

– Não gostamos *disso* – explicou Byern. – Eu e Bryn éramos novos demais para o nosso pai nos deixar ir, mas qualquer um grande o bastante para empunhar uma espada marchou até a porta do magistrado. Ele foi arrastado para o poste e flagelado também.

– Ele não gostou disso – disse Bryn. – Dá para imaginar o que aconteceu depois.

– Legionários – adivinhou Mia.

– É – confirmou Byern. – Cinco centúrias desses desgraçados. Mataram todos os rebeldes. Queimaram todas as casas. Venderam todo mundo que sobrou, incluindo minha irmã e eu.

– Mas vocês nem participaram – disse Mia. – O seu pai nem deixou que se rebelassem.

– E você acha que os itreyanos ligaram? – Byern sorriu com o canto da boca. – Esta República inteira, até o reino que veio antes dela, foi construída à base de mão de obra gratuita. Mas agora Liis, Ashkah, Vaan, estão todos sob o controle de Itreya. Então, de onde vêm os novos escravos? Quando já não há mais terras para conquistar?

– Construíram uma República injusta até o miolo – disse Bryn. – Que beneficia os poucos, não os muitos. Mas os poucos têm *ação*, além dos homens que pagam para o empunhar sem pensar. Então, quando algum dos muitos se levanta contra a injustiça, a brutalidade, o sistema o põe a ferros. Faz dele um exemplo para os outros e, na mesma cajadada, manda marcar mais um corpo como escravo. Mais um par de mãos para abrir estradas, levantar muros, trabalhar nas forjas, tudo por uma miséria e o medo da chibata.

Mia balançou a cabeça.

– Isso é...

– Uma merda? – completou Byern.

– É.

– É a vida na República – Bryn deu de ombros.

Mia suspirou. As mechas do seu cabelo preto como um corvo



estavam grudadas no rosto suado.

Por toda a vida, ela nunca tinha questionado se aquilo era direito. Nunca parou para olhar ao redor e ver as pessoas abaixo de si. O povo que caminhava como fantasmas sem voz pelo seu lar, pela sua residência nas Costelas. Os homens e mulheres que a vestiam, preparavam suas refeições, que lhe ensinaram as letras e os números. Sua mãe e seu pai cuidavam deles, sem dúvida. Mas ainda assim, eles *serviam*. Não por que queriam. Porque a alternativa era o chicote ou a morte.

Ela teve a sensação de que as escamas lhe caíram dos olhos. De que o horror da República em que havia sido criada se desvelava em toda a sua terrível majestade.

Ainda assim...

*Scaeva.*

*Duomo.*

Os nomes ardiam como fogo em sua cabeça. Como um farol, sempre a guiando pelo caminho, não importava quão escuro o mundo ficasse. A injustiça, a crueldade do sistema, sim, ela via tudo isso. Mas também via seu pai, pendendo da ponta de uma corda no fórum. Sua mãe na Pedra Filosofal, a luz desvanecendo dos olhos, empurrando a mão ensanguentada de Mia, balbuciando com seu último suspiro:

– Não é a minha... filha... Só... a sombra dela...

As lembranças traziam ódio, e o ódio tinha um sabor bom. Lembrava Mia de quem ela era, de por que estava ali. Para derrotar os maiores gladiatii da República. Para se erguer triunfante diante dos assassinos da sua família e abrir a garganta deles, uma de cada vez. E seria muito difícil fazer isso se ela fosse vendida como um pernil no mercado.

Brilhar no *venatus* de Temporal. Essa era a sua preocupação.

Sua primeira, sua *única* preocupação.

E, assim, apesar da dor na mão machucada, ela enfiou outra flecha no arco e acenou com a cabeça para Bryn.

– Muito bem. Diga o que estou fazendo de errado. E então vamos tentar de novo.

—Então ela deve estar devendo até os olhos da cara – disse Mia, tragando a cigarrilha. – E Arkades a convenceu a me vender para aplacar os credores.

Ashlinn recostou-se no divã, jogando uma uva na boca.

– Desgraçado.

– Depois de eu ter matado uma dúzia de pessoas em Pontenegra. Ele não liga para ninguém na areia, a não ser Furian. “*Ele* é o campeão deste colégio.” “Ele vai lhe dar a vitória, mi dona.” Ah, é, vai dar a

vitória, sim, seu mosca morta *do caralho*. Logo depois de dar um orgasmo à ela. Devia ter ouvido os dois se pegando...

Mia exalou uma nuvem de fumaça cinza como se fosse fogo.

– Arkades me prendeu no meio do círculo ontem. Quase quebrou a minha mão com aqueles escudos ridículos. Me chamava de “menina” como se fosse sinônimo de “bosta de cachorro”.

– Desgraçado do caralho – disse Ash, comendo outra uva.

Mia encarou a garota diante de si.

– Você está concordando só para me agradar?

– Praticamente – admitiu Ash com um sorriso malicioso. – Mas é bom você botar essas coisas para fora, Corvere.

– *...tenho certeza de que você está se sentindo melhor agora...*

Mia olhou para o não-gato empoleirado no seu ombro.

– Você também vai começar, é?

– *...resmungar ou pensar. qual dos dois é mais produtivo...?*

– Parece que Senhor Contente e eu concordamos em alguma coisa, para variar – disse Ashlinn.

– *...se eu tivesse garras de verdade, viborazinha, cortaria a sua língua...*

– Eclipse e eu andamos xeretando por aí – continuou Ash, como se o gato de sombras não tivesse dito nada. – Parece que as dívidas da sua domina não são de conhecimento geral. Ela compra do bom e do melhor no mercado. Se veste como uma rainha. Desconfio que isso é metade do problema dela.

Eclipse levantou a cabeça do colo de Mia, e sua voz ecoou através do chão.

– *...se importa demais com o que o povo pensa dela...*

– Provavelmente não quer que isso chegue aos ouvidos do pai – disse Mia, apagando a cigarrilha. – Não quer lhe dar a satisfação de saber que ela está na penúria.

Ash jogou um punhado de uvas para Mia e começou a falar de boca cheia.

– Então temos algumas opções, pelo que Eclipse e eu vemos da situação – ela disse.

– *...a mais simples é mandar os credores para debaixo da terra...*

– É – concordou Ashlinn. – Ela está três meses atrasada com um mercador de grãos chamado Anatolio. Ele tem umas prostitutas favoritas, e sabemos exatamente onde ele mete o...

– Não vamos acabar com um pobre coitado cujo único crime é dar uma linha de crédito para a minha domina – rejeitou Mia.

– *...precisaríamos acabar com mais de um...*

Ash concordou.

– Ela também deve para o capitão do porto, para alguns dos empreiteiros que trabalharam no Ninho, três costureiras, um joalheiro e...

– Certo, certo, entendi – disse Mia. – Teríamos que assassinar metade do Remanso. O que não vamos fazer. De modo que temos de voltar os olhos para...

– Temporal – completou Ash. – Sim. A única forma de garantir o seu lugar no Colégio Remus é uma vitória no *venatus* de Temporal. E uma vitória grandiosa.

– Nem sabemos que formato o *venatus* de lá vai ter.

– ...*ainda não*...

Ashlinn assentiu.

– É para isso que eu e a loba estamos aqui. Tem um navio no porto que vai para Temporal amanhã. Podemos chegar lá em uma semana, investigar as obras na arena e descobrir exatamente no que vai se meter. Depois, nos planejamos de acordo com isso e você terá uma vitória que vai ofuscar até o michê de Leona.

– Eu nunca teria percebido se não tivesse visto – suspirou Mia. – Ela esconde muito bem.

Ash deu de ombros.

– Ela não é a primeira rica a pagar um garanhão para apagar seu fogo. Ter que guardar segredo deve ser metade da emoção.

Mia mastigava as uvas; a testa franzida em pensamento. A fruta estava deliciosa, e era uma mudança bem-vinda comparada à combinação interminável de guisados e mingau que serviam aos gladiatii na virada e no desjejum.<sup>30</sup>

– Boas essas uvas – ela murmurou.

– Para você não dizer que eu não te amo, Corvere.

Mia lançou um olhar afiado para Ash, mas a garota estava reclinada no divã, jogando uvas para dentro da boca. As botas estavam apoiadas nos braços do móvel, as pernas cruzadas, com roupas de couro. O cabelo estava mais comprido, caindo pelas costas em ondas de vermelho.

*Vermelho. Como o sangue nas mãos dela.*

E, contudo, ali estava Mia. Confiando nela. Sabia que Ashlinn queria o Ministério morto. E Mia e Mercurio eram a melhor chance de Ash voltar à Montanha e realizar seu desejo. Mas será que o ódio comum à Igreja Vermelha bastava? Será que Ash tinha planos maiores? Não era como se ela não tivesse feito isso antes.

Ashlinn Järnheim tinha mentido para ela.

Ashlinn Järnheim era venenosa.

*Então por que os lábios dela tinham gosto de mel?*

Mia esfregou os olhos e acenou devagar com a cabeça.

– Vá para Temporal com Eclipse – ela disse. – Quanto mais soubermos, mais chances terei de conquistar uma vitória que Leona não poderá deixar de recompensar. Imagino que eu vá chegar lá algumas viragens antes de o *venatus* começar. E vou precisar saber de

tudo então.

Ash concordou com a cabeça, terminando de mastigar e limpando os lábios na manga da camisa.

– Mais uma coisa – ela disse. – O garanhão de Leona. Furian, o Incaído.

– ...o *sombrio*...

– Ele vai ser problema?

Mia balançou a cabeça.

– Nada com que precisem se preocupar.

– Mas eu me *preocupo*.

– Porque sem mim você não chega à Igreja, certo?

Os olhos escuros penetraram nos azuis cintilantes. À procura das mentiras por trás deles.

– Veja, eu sei que nosso passado é sangrento – disse Ashlinn. – Mas há mais do que sangue entre nós. Não estou aqui só por causa da Igreja. E com certeza não estou entocada neste muquifo de merda pelo luxo da estadia. E você sabe disso, ou não estaria aqui comigo, não importa quantas lobas de sombra mantivesse de olho em mim.

Mia olhou fixo para Ashlinn. Para os olhos dela. Suas mãos. Seus lábios. A garota simplesmente retribuiu o olhar e deixou o silêncio fazer as perguntas em seu lugar.

Mia ignorou todas.

– Boa sorte em Temporal – ela disse por fim. – Fiquem de olho no porto. Mande Eclipse quando chegarmos e me conte qual vai ser o formato dos jogos.

Ela se levantou ligeira, jogou o cabelo por cima do ombro e evitou o olhar de Ashlinn.

– Já vai embora?

Mia fez que sim.

– Melhor ir antes que sintam a minha falta. Sidonius é um sujeito decente, mas não quero mais ninguém descobrindo o que sou.

Ashlinn não disse nada; apenas observou Mia caminhar até a janela, escalar o peitoril e sumir de vista. Sem uma última palavra. Sem um olhar de despedida.

– Isso é óbvio, Corvere – suspirou.

---

29 Equillais são um subconjunto de gladiatii, uma tradição importada de Liis e adotada pela República de Itreya com enorme entusiasmo: as corridas de equillais são uns dos pontos altos de qualquer *venatus*, e os homens e mulheres que entram na pista podem ganhar um renome tão grande quanto o de qualquer outro guerreiro da arena.

Os equillais lutam em duplas; um auriga, conhecido como *sagmae* (“sela”), e um arqueiro, conhecido como *flagillae* (“chicote”). As disputas entre equillais têm lugar numa pista oval marcada no centro da arena e costumam incluir quatro equipes. A disputa se estende por nove voltas no circuito, e os vencedores são aqueles que acumulam mais pontos durante toda a corrida.

Os pontos podem ser obtidos de várias maneiras. O primeiro é matar com uma flechada qualquer prisioneiro no centro da pista. Como os prisioneiros estão atados a postes e não podem fugir, a pontuação é baixa: apenas dois pontos.

Uma volta completa no circuito também vale dois pontos. Uma flechada que fira algum membro das equipes de equillais adversárias vale três. Uma flechada fatal neles vale cinco. Coroas de louro, chamadas de *coronae*, também são jogadas na pista em intervalos aleatórios, e as equipes ganham um ponto para cada *coronae* que pegam do chão. Contudo, a equipe que acertar um cavalo dos adversários é penalizada em dez pontos. As disputas devem se dar apenas entre os equillais, e os mais sensíveis dentre vocês ficarão felizes em saber que o ataque às montarias é considerado falta de espírito esportivo.

Assassinar um colega equillai da maneira mais dramática possível é um ato perfeitamente aceitável e, de fato, altamente encorajado.

30 Nas semanas que se passaram desde Pontenegra, Mia descobrira que o cozinheiro magérrimo que servia dona Leona se chamava “Dedo”, embora nenhum dos gladiatii parecesse saber bem por quê. A maioria supunha que ele ganhara o apelido por ser fino como um dedo, embora o Carniceiro insistisse que foi por ter sido membro de uma gangue de braavi cuja modalidade preferida de concussão consistia em cortar fora os dedos menos essenciais das pessoas e os enfiar em orifícios geralmente pensados para isso.

Qualquer que fosse a origem do apelido, o talento de Dedo para a culinária era apenas um pouco mais notável do que o de um cego bêbado tentando encontrar um penico. O mingau tinha a consistência de ranho pastoso, e uma virada Mia encontrou no guisado um osso de dedão que parecia suspeitosamente humano.

Não é preciso dizer que Canino, que sempre aparecia para farejar ao redor das mesas em busca de migalhas, gostava mais de Mia a cada quasinoite.

# Capítulo 17

## Temporal

Mia andava de um lado para outro na jaula, os olhos fixos na areia.

Ela, Sidonius, Cantespadas, Fazondas e Carniceiro estavam todos trancados em celas à beira da arena de Temporal, abaixo do nível do chão. Pequenas janelas gradeadas lhes permitiam assistir ao *venatus* enquanto esperavam a sua vez diante do público. Mia estava arisca, se movendo de lá para cá enquanto refletia sobre os acontecimentos que a levaram até ali.

Exatamente como ela tinha contado a Ashlinn, os gladiatii do Colégio Remus tinham treinado mais uma semana sob os sóis escaldantes antes de partirem para Temporal. Precisavam de mais três louros se quisessem ganhar uma vaga no *venatus magni*, e todas as esperanças recaíam sobre Furian, Bryn e Byern para trazer a glória para a casa.

As mãos de Mia sararam o bastante para lhe permitirem voltar a treinar depois de algumas viragens, embora não precisasse ter se dado ao trabalho, dada a atenção que Arkades lhe dedicou. Senhor Simpático tinha escutado uma conversa entre Leona e a magistrae e descoberto que já se tomavam as providências para a sua venda. Havia alguns interessados: uma casa de tolerância em Alvatorre, um magistrado local que precisava de uma guarda-costas em quem pudesse enfiar o pinto de vez em quando e, claro, Varro Caito e seu Pandemonium. Nenhum sangue entre eles.

Todo o plano de Mia dependia da sua vitória em Temporal.

Eles tinham viajado até a cidade no *Cão da Glória* e chegado algumas viragens antes da data programada para o início do *venatus*. O porto vibrava de excitação, e havia gente que tinha viajado quilômetros para estar nos jogos; todas as estalagens, pensões e quartos estavam lotados a ponto de explodir.<sup>31</sup> Ashlinn tinha mandado Eclipse visitar Mia na cela, e a loba de sombras contara tudo o que ela e Ash descobriram a respeito dos próximos jogos. Ao longo das quasinoites seguintes, trocando mensagens por Eclipse, Mia e Ashlinn formularam seu plano.

Agora só faltava colocá-lo em prática.

Mia observava os equillais berrarem pela pista, a percussão dos cavalos vibrando pelas paredes de pedra. Bryn e Byern estavam indo bem: segundo lugar, a cinco voltas do fim. Mas se Mia achava os vaanianos habilidosos, ficou impressionada ao ver a equipe de Leonides em ação. O pai de Leona só mandava os melhores para a arena, e seus equillais não eram exceção: um *sagmae dweymeri* cujo

escudo com um símbolo de leão parecia impenetrável, e um belo *flagellae* liisio, cuja habilidade no arco igualava a de Bryn, se não a superava.

– Matapedras e Armando – murmurou Cantespadas, de pé nas barras ao lado de Mia. – Os m-melhores da República. O... público adora os dois.

Apesar de Bryn dar uma flechada mortal impressionante no *sagmae* de outra equipe, os Leões de Leonides se revelaram melhores e, depois das nove voltas, saíram vencedores. Matapedras e Armando desceram da biga juntos e ergueram as mãos dadas em vitória, enquanto a multidão ao redor trovejava.

Mia se sentiu mal por Bryn e Byern, pior do que se sentiu pela falta da terceira coroa de louros para o Colégio Remus. Mas, na verdade, a cabeça dela estava em outra coisa. Ela olhou de esguelha para Cantespadas e a tonalidade verde-fantasma da pele da moça sob as tatuagens.

– Está melhor? – perguntou.

– Acho que sim – disse a mulher, acenando com a cabeça. – P-parece que o pior...

Cantespadas arregalou os olhos e caiu de joelhos para mais uma vez vomitar no chão. Sidonius permaneceu onde estava, quase incapaz de gemer quando o vômito espirrou em suas sandálias. Carniceiro rolou para longe dos respingos, mas suas próprias bochechas estavam cheias feito balões.

– Pelo menos esvazie a barriga fora... da cela, irmã – ele gemeu.

– Vai se foder – resmungou Cantespadas com um fio comprido de baba e vômito pendendo dos lábios. – Antes que eu s-soque a sua cara f...

Outro jorro de vômito explodiu da boca da dweymeri, dessa vez atingindo Fazondas, que por sua vez dobrou-se sobre os joelhos e soltou um jato por entre as barras. O fedor chegava a Mia em ondas mornas e fartas, e ela ficou nas pontas dos pés, apertou os lábios entre as barras e respirou fundo o aroma agradável em comparação de sangue e merda de cavalo lá fora.

– Quatro Filhas do caralho! – ela xingou.

– Receio que elas não estejam ouvindo – veio o resmungo.

Ao se virar, Mia viu o executus Arkades, de pé do lado de fora da cela com as mãos na cintura. Ele correu os olhos pela palha encharcada de vômito e pelos seus melhores gladiatii, todos estirados feito feridos de guerra. Dona Leona estava atrás, com um belo vestido de seda escarlate e uma expressão de nojo completo.

– Bendito Aa – ela disse. – Todos?

– Menos Bryn e Byern – respondeu Arkades, em seguida lançou um olhar para Mia. – E Corvo. Até Furian está se derramando pelas duas

pontas. Só o Onividente sabe o que causou isso.

Mia manteve o rosto impassível, olhando para Arkades com uma expressão tão inocente que era capaz de envergonhar uma irmã da Irmandade das Chamas<sup>32</sup>. Claro, ela sabia exatamente o que tinha causado o surto de desarranjos intestinais entre seus irmãos e irmãs do colégio. Ashlinn tinha posto um pouco mais de contratempo na virada do que Mia gostaria; o resultado não precisava ser tão explosivo, a bem da verdade. Mas Ash nunca foi a melhor aluna de Mataranhas.

– Intoxicação alimentar – declarou Larva, ajoelhada ao lado de uma poça de vômito. Enfiou a mão pelas barras e a encostou na testa suada de Carniceiro. – Acho que não é fatal. Mas eles vão querer morrer antes que isso passe.

– J-já estamos aí... q-querida – gemeu Fazondas enquanto sufocava outro jato.

– Por que você não está doente? – perguntou dona Leona para Mia.

– Não comi ontem, domina – respondeu Mia. – Estava nervosa demais com os jogos.

– Sangue e abismo – esbravejou Leona. – Eu devia mandar *açoiar* aquele cozinheiro. Estamos a três louros do *magni*, este é o primeiro *venatus* em que eu e meu pai colocamos os nossos gladiatii uns contra os outros, e minhas melhores espadas estão mais enjoadas do que marinheiros de primeira viagem... – Leona franziu a testa ao ter uma ideia repentina e se voltou para Arkades. – Você acha que *ele* armou tudo isso?

O executus coçou o queixo, pensativo.

–É possível, embor...

Sidonius escorou-se na parede da cela e um jato de vômito jorrou dos seus intestinos. Larva e Leona pularam para trás, enojadas. A dona sacou um lenço perfumado do vestido e apertou contra a boca enquanto o itreyano balbuciava um pedido de desculpas quase indecifrável para logo em seguida cagar na tanga.

– Eles não podem lutar assim, domina – disse Larva em voz baixa.

– É – concordou Arkades. – Seria um massacre. Nenhum deles aguentaria.

– *Eu* aguento – interveio Mia.

O trio olhou para ela em silêncio. Leona apertou os olhos.

– Eu posso *ganhar* – ela jurou.

Arkades balançou a cabeça.

– Dê uma olhada lá fora, menina. Alguma coisa nessa arena chama a sua atenção?

Mia espiou a areia, correndo os olhos pelos muros, pelo público. Os restos da disputa de equillais estavam sendo guardados, os alvos estavam destruídos, os marcadores removidos. A multidão batia os pés, impaciente pelo começo da atração seguinte.



– Vidro quebrado – disse Mia, voltando-se para o executus. – E fogueiras. Pelos muros ao redor da arena.

– E isso quer dizer o quê?

– Ou que os editorii não querem que o público entre na arena, ou que eles não querem que sei lá o que soltarão por lá não vá para cima do público – respondeu Mia.

– *Bestiarii* – Arkades disse. – O tema deste *venatus*. Animais de todos os cantos da República, postos para lutar entre si e com os gladiatii para entreter o público. – O homenzarrão cruzou os braços enormes, a cicatriz em seu rosto ficando mais profunda conforme ele fechava a cara. – Você faz alguma ideia do que vai encarar lá fora?

Mia deu de ombros, fingindo ignorância.

– Seja lá o abismo que for, não vai feder mais do que aqui. – Ela olhou para Leona, de cabeça erguida. – Seus equillais acabaram de perder para os homens do seu pai, domina. E apenas um dos seus gladiatii é capaz de levantar a espada. Se a senhora tem alguma sede de vitória, ou qualquer coisa para provar, parece que só lhe resta uma escolha.

Leona apertou os olhos às palavras “qualquer coisa para provar”, com os lábios tensos. Mas Mia tinha dito a verdade: só havia um jeito de Leona ver a bolsa do vencedor naquele *venatus*. Apenas um jeito de recuperar parte dos seus custos, ganhar alguma glória, somar mais um louro para garantir a vaga do seu colégio no *magni*.

Mia e Ashlinn orquestraram tudo para que fosse assim, afinal.

Parte de Mia ainda não confiava em sua parceira de conspiração. Ainda esperava o golpe. Mas Ash tinha dito a verdade; Eclipse confirmara. Tinha envenenado os outros gladiatii, deixado Mia de pé, tudo para convencer Leona de que ela era sua única esperança para conquistar a vitória de que precisava desesperadamente. *Ainda assim...*

Ainda assim...

– Executus – disse Leona, sem tirar os olhos dos de Mia. – Diga aos editorii que o nosso Corvo vai lutar pelo Colégio Remus na *ultima*. Não vamos escalar nenhum outro gladiatii hoje.

– Mi dona, Furian estava escalado para a *ultima*. Uma mudança dessas em cima da hora...

– Eu paguei pela vaga neste *venatus* – Leona disse num tom cortante.

– Prefiro *morrer* a ver as mãos frias do destino me roubarem esta vitória. Se os editorii tiverem algum problema com a minha decisão, diga-lhes para virem manifestá-lo pessoalmente. Mas, juro pelo Onividente e suas santas Filhas, melhor avisar para trazerem um par extra de bolas, porque vou arrancar as originais e usar de brinco. – Ela passou a mão pelo vestido escarlata e completou: – O vermelho vai combinar com o meu vestido.

Larva abriu um sorriso largo, e Arkades tentou esconder o seu atrás

da barba.

– Seu menor suspiro é uma ordem – murmurou.

Curvando-se com a mão no peito, o executus saiu mancando à procura dos editorii, enquanto Larva ia atrás de água para limpar a bagunça. Leona ficou para trás, na umidade e fedor, encarando Mia através das grades com seus cintilantes olhos azuis.

– Estou arriscando muito com você, pequeno corvo.

– Só é risco se eu não vencer, domina – respondeu Mia. – E a verdade é que a senhora não tem nada a perder.

– Não vou perdoar um fracasso seu – alertou Leona.

Com a mão no peito, Mia curvou-se baixo.

– E creio que a senhora não vai se esquecer de mim – disse ela – quando eu vencer.

**A**s lutas foram brutais, sangrentas e belas. O público inebriou-se – com o vinho e o massacre – e seus urros reverberavam pelas pedras sobre a cabeça de Mia. Os guardas já comentavam que aquele *venatus* era o melhor que Temporal já tinha visto, que os editorii mais uma vez se superaram.

Os espectadores encantaram-se quando um bando de gladiatii teve de caçar um lobo-de-sabres por um mar de capim alto que tinha crescido nas areias com o acionar de um mecanismo. Uivaram de prazer ao ver gladiatii do Colégio Leonides, Trajan e Phillipi enfrentarem-se sobre uma rede de fios movediços pendurada sobre a arena enquanto ursos brancos vaanianos espreitavam abaixo para fazer em pedaços qualquer um que caísse. Prisioneiros de Estado tinham sido atados a estacas e executados por uma revoada de falcões-de-sangue famintos de Ashkah. Gladiatii com tridentes e redes lutaram contra um kraken-de-areia<sup>33</sup> vivo diante da multidão estridente. E agora, com os ventos da quasinoite já soprando do oceano e a viragem chegando perto do fim, estavam prontos para a *ultima*.

Ninguém sabia o que seria capaz de superar o kraken-de-areia, embora todos salivassem de antecipação. Batiam os pés em uníssono, e o ritmo ecoava pelo fosso da maquinaria sob as areias. Então, como em resposta, reverberando das profundezas, veio um rugido aterrador, de gelar a espinha.

– Cidadãos de Itreya! – anunciou uma voz pelas cornetas da arena. – Honoráveis administratii! Senadores e medulares! Agradecemos o nosso honrado cônsul, Julius Scaeva, por fornecer os fundos para a *ultima* que encerrará este gloriosíssimo *venatus*!

A multidão berrou seu contentamento, e Mia cerrou os dentes ao ouvi-la entoar o nome de Scaeva. A garota repeliu a imagem do cônsul da cabeça para focar somente na tarefa diante de si. Nenhum dos

lutadores na cela de contenção ao seu redor tinha a menor pista, mas Mia sabia exatamente o que os esperava sob o chão. E, apesar da vantagem, tinha consciência de que seria uma luta pela pura sobrevivência.

Mia usava uma malha de ferro no braço direito, espaldeiras do mesmo metal e grevas nas canelas, uma camisa de couro e um peitoral. A armadura não adiantaria quase nada perante o inimigo que enfrentaria, mas ainda assim era melhor do que lutar pelada com um sorriso amarelo no rosto. O elmo tinha uma pluma vermelha: a cor da flâmula da sua domina. Da flâmula de *Remus*. Era irritante saber disso, mas, de novo, ela repeliu esse pensamento. Não havia tempo para orgulho. Nem para dor. Apenas para aço. E sangue. E glória.

As espadas a faziam se sentir em casa: um bom aço liisio, afiado feito navalha. Ela ia precisar delas, e de toda a sua força, se quisesse sobreviver ao que estava por vir.

– Cidadãos! – veio o anúncio. – Eis os seus gladiatii! Escolhidos entre os melhores colégios da República, vieram aqui lutar para a glória dos seus domínii! Do Colégio Tacitus, lhes apresento, Appius, a perdição do Bosque Vazio!

O rastrilho diante dos gladiatii gemeu e subiu, tremendo com rangidos metálicos. Um homem enorme passou por Mia a passos decididos e adentrou a arena, erguendo a lança e o escudo para os gritos ensurdecedores do público. O elmo tinha a forma de uma cabeça de lobo, e a luz dos sóis reluzia na malha de ferro e no peitoril de aço.

– Do Colégio Livian, Trazcinzas, terror do Mar do Silêncio!

Um gladiatii dweymeri avançou para a areia e ergueu uma picareta de duas pontas que era maior do que Mia. Ele circulou pela beirada da arena batendo os pés na areia, e o público entrou no ritmo, até o mundo inteiro parecer feito de trovão.

E assim continuou. A cada colégio anunciado, gladiatii temíveis com epítetos igualmente temíveis marchavam para assumir suas posições, estimulando a plateia com suas performances. Mia notou com interesse que Leonides não mandara nenhum guerreiro para a *ultima*, o que era incomum para um colégio de prestígio. A garota se perguntou se ele não tinha alguma pista da natureza do inimigo...

Mais de duas dúzias de guerreiros estavam na areia antes de Mia ouvir os editorii anunciarem:

– Do Colégio Remus...

– Furian! – veio um grito.

– O Incaíiiiido! – veio outro.

– ...Corvo! – bradou o editorii.

Mia marchou para a luz dos sóis, erguendo as espadas gêmeas acima da cabeça. Foi recebida com confusão, palmas esparsas e algumas

vaías do pessoal que esperava o campeão do Colégio Remus e não uma magrela com metade do tamanho dele. Nenhum deles fazia ideia de quem ela era.

*Em breve.*

Mia cerrou os dentes e jurou a si mesma em silêncio.

*Em breve, o próprio céu vai conhecer o meu nome.*

Em um grande camarote à beirada da arena, ela avistou o governador de Temporal com a elite da cidade em torno da sua poltrona. Um editorii se sentava numa cabine separada, vestindo o tradicional traje vermelho-sangue com adagas douradas. Um gato cinza-fumo estava aninhado em seu ombro, observando os acontecimentos com um ar de supremo tédio. O homem falou numa grande trombeta, sua voz amplificada pela vastidão do espaço:

– E agora! – gritou. – Nobres amigos, preparem seu coração. Crianças, desviem os olhos! Arrancado das profundezas das Ruínas Sussurrantes de Ashkah por ordem do nosso glorioso cônsul, um horror poluído pela corrupção que pôs o antigo império de joelhos. Eis aqui, cidadãos de Ashkah, a sua *ultima*!

Mia sentiu o chão tremer, ouviu a grande maquinaria sob a areia começar a se mexer. Rochas pontudas feito dentes se levantaram pela arena, grandes e afiadíssimas. O coração da arena se abriu e a areia precipitou-se em cascatas para o fosso que se escancarava. E, como se saído do próprio abismo, emergiu um horror diferente de tudo que Mia já vira.

– Sangue e abismo... – disse uma voz ao lado dela.

Mia olhou para o gladiatii dweymeri; era o homem chamado Trazcinzas. De olhos arregalados. A picareta enorme tremendo nas mãos.

O monstro rugiu, fazendo a terra tremer. O público reagiu, se levantando, ovacionando, uivando, contente. Nenhum deles havia visto aquilo, mas todos já tinham ouvido as histórias. O pesadelo das profundezas dos desertos. Mais aterrorizante do que um kraken-de-areia. Mais temível que cem espectros. Uma palavra que provocava pânico em todos os caixeiros e mercadores que percorriam as ruínas de Ashkah.

– A serpente-cuspideira... – balbuciou Trazcinzas.<sup>34</sup>

A fera rugiu de novo e levantou a extremidade do corpo que, Mia imaginava, era a sua cabeça. A pele era verruguenta, rachada e amarronzada feito couro velho. Ela se movia como uma lagarta obscena, ondulando o corpo, investindo contra o público que gritava. Mas um colar de ferro e correntes grossas prendiam o monstro ao chão da arena e evitavam que se aproximasse do público. Assim que se deu conta de que não corria perigo, a multidão explodiu em aplausos, comemorando e cantando.

Com todos os olhos na fera, Mia continuou a caminhar pela arena, trinta passos mais, até estar sob uma estátua de Tsana na parede interna. Cravando as espadas na terra, ela se ajoelhou, inclinando a cabeça como se orasse. Mas, com a mão direita, começou a vasculhar a areia.

De início, não sentiu nada. Sua sombra ondulava porque sua barriga estava gelada, porque o pensamento de que Ashlinn a tinha traído se erguia como um espectro no fundo da sua...

*Não.*

Os dedos sentiram algo macio. Couro.

*Aqui está.*

Ela puxou o objeto da areia – uma bolsinha de couro cheia de objetos esféricos – e escondeu debaixo da espaldeira.

O editorii ergueu as mãos num pedido de silêncio.

O público ficou quieto como um açude.

O homem tomou um fôlego que se pôde escutar por toda a arena. Seu gato apenas bocejou.

– *Ultima!* – gritou o homem. – *Comecem!*

O público urrou, ensurdecador e arrebatado. A fera acorrentada no coração da arena contorceu-se, sua cabeça cega balançando de um lado para o outro, o estômago borbulhando na garganta, desesperada por consumir a presa que podia sentir sem alcançar. E, em resposta, soltou outro rugido de chacoalhar o céu.

E nem um único gladiatii

mexeu

um

único

musculo.

– *...não dá para culpar ninguém, sério...* – veio o sussurro na orelha de Mia.

O público começou a ficar inquieto. Vários espectadores passaram a vaiar os gladiatii, que permaneciam todos paralisados, alguns circulando a serpente-cuspideira que se debatia e rosnava.

– *Matem!* – vociferou alguém.

– *Lutem, covardes!*

Ao lado de Mia, Trazcinzas se irritou com a palavra “covarde”. Lançou um olhar para as arquibancadas, para o seu domíni no camarote dos sanguilas. E, empunhando a picareta, urrou “Comigo!” a plenos pulmões antes de atacar a fera com a arma erguida. Vários outros gladiatii atenderam ao chamado, Mia entre eles, correndo com tudo entre gritos de sangue. Atacaram a cobra pelos quatro lados, estocando e cortando com lanças e espadas. Preferindo o flanco, Mia disparou por trás de um dos dentes de pedra e enterrou as espadas até o cabo. Trazcinzas atacou de frente e, com um golpe da picareta, abriu

um buraco grande na pele da fera. Então, a serpente-cuspideira, com um som úmido e nauseante de arroto, ergueu-se e cuspiu o estômago por cima dos homens à sua frente.

A pele rosa apodrecida, quase líquida, espalhou-se no chão e estendeu tentáculos que pareciam dedos. Appius foi completamente enterrado no dilúvio de tripas, Trazcinzas ficou coberto até a cintura, aos gritos por causa do ácido que cobria as entranhas da cobra. Ele golpeou de novo aquela massa esponjosa com a picareta. O estômago continuou a rastejar pelo chão, quase como se tivesse mente própria, esticando os tentáculos pegajosos e prendendo os gladiatii ao redor. Por fim, com uma sugada oca e ligeira, a fera ingeriu as tripas de volta, arrastando meia dúzia de homens aos berros para dentro de si. O público urrou de prazer e nojo.

Mia cravou de novo a lâmina até o cabo no flanco do animal, e sentiu o monstro estremecer. Seu sangue era de um vermelho intenso, quase negro, e a lambuzou até os cotovelos. Quando o gigante rolou e contorceu-se, ela enfiou a mão na espaldeiras para pegar a bolsa que Ashlinn tinha deixado na areia. Tateando, pegou um punhado e puxou para fora – três esferas de vidro vermelho lustroso na palma da mão.

Presente de despedida de Mercurio.

Vidro-falso.<sup>35</sup>

Puxando a espada de volta, ela enfiou o punho na ferida e enterrou as esferas nos músculos do animal. A serpente-cuspideira rugiu de dor e rolou para o lado para esmagar Mia. A garota deu um mergulho para escapar, evitando por um triz virar pasta contra algum dos dentes de pedra quando a cobra deu uma rabada. O vidro-falso é ativado por pressão, geralmente pela que se produz quando lançados na parede ou no chão, mas Mia tinha a esperança de que a força dos músculos do animal e seu peso fossem capaz de quebrar as ligações arquêmicas que mantinham o vidro em estado sólido. Enquanto se levantava a duras penas, ela ouviu um estalo abafado, quase perdido no meio do ladrar do público e dos rugidos dos monstros. Um jorro borbulhante de sangue e carne explodiu no flanco da serpente-cuspideira com a explosão do vidro-falso.

A multidão vibrou; ninguém tinha a menor ideia do que a garota fizera, sabiam apenas que ela tinha ferido o animal. A serpente-cuspideira uivou, o esôfago tremia na boca, o fedor do sangue, das cinzas e do ácido chegando a Mia em ondas.

- ...acho que você a deixou com raiva...
- ...sempre observadora, cara vira-latas...
- ...sempre o espertinho, pulguento...
- ...não adianta vir com elogios...

A serpente-cuspideira voltou a cabeça cega na direção de Mia e soltou um uivo terrível. A garota bateu em retirada para trás dos

outros gladiatii e procurou abrigo entre as rochas na tentativa de ficar fora do alcance da corrente do animal. O monstro rastejou atrás dela, atirando o corpo pesado no chão a fim de esmagá-la. A arena tremeu; Mia perdeu o equilíbrio. Os outros gladiatii continuava a golpear a fera, que parecia, porém, inteiramente concentrada na garota que tinha lhe dado a pior ferida. Desesperada, Mia se virou e ergueu a mão enquanto recuava aos tropeços, tentando prender o monstro na própria sombra até estar fora do alcance da sua corrente.

A reação foi instantânea. Aterrorizante. O gigante se deteve, como se cada um dos seus músculos se retesasse de repente. Com um rugido de gelar a espinha, saltou pela areia bem na direção de Mia, com a boca distendida, a saliva corrosiva chiando enquanto se debatia. E, com um rangido de metal torturado, com o som vívido de aço partindo-se, a corrente prendendo a fera ao chão quebrou-se em duas.

– ...*ai, merda...*

– ...*ai, merda...*

– *Ai, merda!*

A fera se contorceu frenética, enorme demais para que Mia conseguisse mantê-la presa com suas sombras. A garota mergulhou para o lado quando o animal passou a cauda pela arena num grande arco, transformando as rochas em pedregulhos e os gladiatii ao redor em mingau. Mia foi atingida de raspão, bateu contra uma rocha e viu estrelas negras estourarem na sua cabeça. Ao cair, deixou escapar a sombra da serpente-cuspideira, que rugia numa fúria incandescente.

– Ela... – perguntou Mia, piscando forte, cuspidando areia da língua – ...me ouviu?

– ...*quando você invocou a escuridão...*

– ...*interessante...*

A fera uivou de novo, aparentemente furiosa, a pele ondeando, as tripas borbulhando e espocando na garganta. Mas, agora, sem sombras para distraí-la, e percebendo que estava subitamente livre das correntes, a serpente-cuspideira voltou a cabeça cega para a vibração da plateia que cantava e berrava. E, quando o público também percebeu que a corrente do monstro tinha se quebrado, começou a gritar e a entrar em pânico.

Mia enfiou a mão nas espaldeiras, e seu sangue gelou quando percebeu que a bolsinha com vidro-falso não estava mais lá. Ela procurou na areia ao redor de si enquanto a serpente-cuspideira rastejava rumo ao muro da arena; o vidro quebrado e os fogareiros pareciam ridículos perante a enormidade e a fúria do monstro. Um destacamento de meia dúzia de legionários luminatii correu para a arena, com espadas de aço-solar em punho, gritando “Pela República!” e “Luminus Invicta!” ao atacar. A fera, porém, aparentava não estar nem aí para repúblicas, luzes ou qualquer outra coisa; vomitou seu

estômago de novo e cobriu o destacamento inteiro numa maçaroca de rosa podre e ácido ardente.

O suor queimava nos olhos de Mia, os gritos do público ecoavam em seus ouvidos. A arena ao redor era puro caos. Havia gente correndo para as saídas, outros estavam paralisados nos assentos e gritando de terror.

A serpente-cuspideira ergueu-se e urrou, a coleira quebrada pendendo solta do pescoço. Vinte novos legionários com escudos e espadas atacaram a partir de um dos rastrilhos de ferro, mas com um só golpe da sua enorme cauda, o monstro esmagou todos contra o muro da arena. Sua pele grossa e coriácea tinha sido perfurada numa dezena de pontos por lanças e espadas, e seu sangue escuro pingava das feridas.

– ...*muito bem, isso está espetacular...*

– Sabia que é muito fácil cruzar os braços e criticar? – arfou Mia, deitando-se de barriga para baixo com a cabeça ainda zunindo.

– ...*também dá uma satisfação estranha...*

– ...*diga isso às pessoas prestes a serem devoradas...*

– ...*para que mesmo...?*

A serpente-cuspideira tinha chegado ao muro da arena, ondulando seus mais de vinte metros como uma lagarta grotesca. Assomou sobre a barricada de três metros com facilidade e balançou a cabeça indistinta sobre um grupo de espectadores aterrorizados; as tripas borbulharam quando tomou fôlego. Mia se levantou como pôde do chão, a cabeça latejando, os corpos dos gladiatii mortos espalhados e esmagados ao redor. Procurando entre os cadáveres, encontrou uma lança comprida com o cabo ainda intacto. O maldito elmo só atrapalhava sua visão, mas ela não ousava tirá-lo por causa da chance remota de um servo qualquer da Igreja ver o seu rosto. E assim, com uma oração silenciosa para a Mãe Negra, ela levou o braço para trás e arremessou a lança com toda a força.

A arma singrou pelo ar num arco perfeito. A cabeça de aço reluziu à luz dos sóis antes de penetrar a garganta da cobra. O monstro urrou e balançou a cabeça para remover aquele palito de dentes. O sangue negro jorrava. Mia, mais uma vez invocando as trevas empoçadas sobre o animal, segurou a sombra dele.

– Ei! – ela berrou. – *Desgraçado!*

O corpo da serpente-cuspideira estremeceu; um gemido vibrante percorreu todo seu comprimento feito um calafrio. Esquecendo-se das pessoas na arquibancada, a fera voltou a cabeça cega para Mia e cortou o ar com um rugido oco, ensurdecedor.

– ...*agora você ganhou a atenção dela...*

– Excelente.

Mia pegou duas espadas da areia ensanguentada e completou:



**31** Temporal era um porto na região noroeste de Itreya, e uma das mais antigas cidades da República. Seu início fora humilde: um simples farol construído na costa norte da Baía dos Tempestades para afastar os navios dos recifes traiçoeiros. Apesar de todo o esforço, ocorreram tantos naufrágios que uma comunidade de catadores se formou no litoral próximo e acabou erigindo uma cidade chamada Quebramar.

Um escândalo estourou uns anos depois, quando o faroleiro de Quebramar, Flavius Severis, foi acusado pelo amigo, Dannilus Calidius, de guiar os navios para as pedras a fim de aumentar a própria fortuna. Calidius construiu um segundo farol ao sul da baía, e fundou uma segunda cidade, que chamou de Nebulosa.

A rivalidade entre a família Severis e Calidius e, por conseguinte, entre Quebramar e Nebulosa, era lendária. Vários conflitos sangrentos estouraram ao longo dos anos, e os dois faróis acabaram destruídos. O rei Francisco I, o Grande Unificador, que não dava a mínima para “certo” e “errado” e que apenas queria que “a porra dos seus navios paressem de bater na porra das pedras”, ameaçou crucificar todos os Severis e Calidius que encontrasse se não houvesse paz.

A solução, contudo, não veio pela violência. Uma moça da família Severis e um moço da família Calidius se conheceram e, contra todo o bom senso, apaixonaram-se loucamente. Embora tivesse todos os contornos de uma clássica tragédia itreyana, a história acabou com uma paz notável, e apenas um melhor amigo, um primo de segundo grau (de que ninguém gostava muito mesmo) e um pequeno terrier chamado de “Barão Bauwau” foram assassinados no drama que resultou da união. Os jovens se casaram, a paz se fez, e muitos bebês nasceram. Com o tempo, a renomeada Temporal se tornou um dos portos mais ricos do reino de Francisco.

A cidade perdura até as viragens de hoje, num testemunho perene, nobre amigo, do poder dos hormônios adolescentes e do desejo dos pais por netinhos lindos.

**32** Um ramo do ministério de Aa, com total aprovação da Igreja, dedicado ao culto da deusa Tsana. Composto exclusivamente por mulheres, os votos da Irmandade incluem castidade, humildade, pobreza, sobriedade e geralmente não fazer porra nenhuma que seja divertida. **33** O animal só tinha dois metros e meio, mas matou sete homens antes de ser mandado para o túmulo. **34** Embora seja geralmente considerado o predador alfa das ruínas ashkahi, o kraken-de-areia *de fato* fica em segundo lugar com relação aos verdadeiros senhores do deserto. Criatura tão terrível que chega a parecer irreal, a serpente-cuspideira faz a sua parte para destruir a ilusão de que há alguma bondade no criador do universo.

Com quase sessenta metros de comprimento, a serpente-cuspideira é uma criatura serpentiforme sem olhos ou narinas identificáveis, com apenas ouvidos mais rudimentares. Sábios do Grande Colégio de Godsgrove especulam que esses animais sentem a presença da presa por vibração, ou talvez por um tipo de ecolocação similar ao das várias espécies de ratos voadores. Contudo, como qualquer infeliz burro o bastante para estudá-los acaba dissolvido numa poça de ácido sulfúrico concentrado, a teoria ainda não pôde ser testada.

A serpente-cuspideira tem duas bocas rugosas, uma em cada extremo do corpo, que também servem de orifício traseiro (qual serve a que finalidade em determinado momento parece ser um fato inteiramente arbitrário, que depende do humor da serpente-cuspideira em questão). Ela não tem mandíbulas nem dentes e é incapaz de agarrar a presa com a boca. Em vez disso – naquele que talvez seja o método mais nojento de nutrição em todo o reino animal –, a serpente-cuspideira cospe o seu *estômago inteiro* para fora da boca, envolvendo a presa num emaranhado de tentáculos retorcidos e ácido corrosivo, e então suga de volta toda a maçaroca, com a presa indefesa inclusa.

Viu o que eu queria dizer?

De verdade, que tipo de *desgraçado* doente pensou numa coisa dessas?

35 Uma das melhores invenções da Shahiid Mataranhas, talvez você se lembre de que o vidro-falso possui três variações:

A preta produz fumaça, útil para distrações.

A branca cria uma nuvem da toxina conhecida como Desmaio, útil para apagar as pessoas.

A vermelha simplesmente explode, útil para matar as pessoas.

Três cores, três sabores. Tudo bem simples, embora você talvez se surpreenda com a frequência com que um novato enfia a mão na bolsinha errada no calor da hora. Deve ser um pouco constrangedor se dar conta de que o vidro-falso preto atirado perto dos próprios pés para causar uma distração era na verdade branco, e que você sem querer causou seu próprio desmaio. Embora isso não seja tão ruim quanto jogar um punhado de vidro-falso vermelho e, sem querer, explodir as próprias pernas.

Contudo, esse é o tipo de erro que uma Lâmina só comete uma vez.

# Capítulo 18

## Gloria

Por mais que tentasse, Mia era incapaz de manter a fera parada.

Como um gigante que empurrasse uma criança indefesa, a serpente-cuspideira se soltou das sombras de Mia, girou o corpo enorme para longe do público e rastejou até a garota. Com a boca escancarada, lançava um rugido estremeedor saindo da escuridão das entranhas. As duas espadas de aço liisio nas mãos de Mia eram a mesma coisa que facas de manteiga, e sua sombra ondulava à medida que seus passageiros bebiam seu medo.

Deixando-a fria.

Rija.

Impávida.

Com a mente a mil. Seus olhos vasculharam os muros da arena, e viram rochas partidas, a areia ensanguentada, o monstro cada vez mais perto. E, por fim, ela avistou, meio enterrada num monte de pedras partidas e areia, entre si e a monstrosidade que a atacava.

Sua bolsa com vidro-falso.

Foi então que uma ideia se plantou na sua cabeça. Uma ideia insana, suicida. Mas sem medo, sem pausa, sem fôlego a desperdiçar, com suor nos olhos, o cabelo grudado à pele suja e os lábios arreganhados, Mia disparou com um grito de gelar o sangue *direto* ao encontro da cobra furiosa.

O público atemorizado paralisou admirado ao ver aquele fiapo de garota correr diretamente para o terror das Ruínas Sussurrantes. A fera ergueu seu corpo colossal e emitiu um arroteo horrendo das entranhas. Mia disparou por uma massa de corpos desfeitos, pedaços de pedra, armas quebradas entulhadas na areia, saltando cuidadosamente sobre a bolsinha de couro cheia de vidro, meio enterrada na areia. E a serpente-cuspideira abriu suas fauces, cuspiendo as tripas no chão.

E cobriu a garota por inteiro.

Nas viragens seguintes, os momentos que vieram depois seriam tema de incontáveis contos de taverna, debates ao jantar e brigas de bar por toda a cidade de Temporal.

Havia quem jurasse ter visto a garota saltar para o lado, rápida demais para que alguém pudesse ver, e escapar das entranhas da fera. Havia quem alegasse que toda a areia, sangue e caos simplesmente não permitiam dizer *o que* tinha acontecido; a única certeza era que a garota tinha sido rápida como um raio. E havia quem – taxados de

loucos e bêbados em sua maioria – jurasse pelo Onividente e todas as suas Santas Filhas que aquele fiapo de garota, aquela demônia em couro e malha de ferro, simplesmente *desapareceu*. Num instante estava soterrada pelas tripas da serpente-cuspideira e no outro estava a três metros de distância, sob a sombra comprida que o animal projetava na areia a seu lado.

Os pés de Mia vacilaram, o pico de vertigem quase a fez cair de joelhos. Apenas a adrenalina e a vontade teimosa a mantiveram ereta, meio tropeçando, meio correndo, o peito queimando enquanto a cabeça girava. A fera puxou de volta suas entranhas, engolindo cadáveres despedaçados de gladiatii e armas caídas e a bolsinha de couro cheia de globos vermelhos e brilhantes. Mia tomou impulso numa rocha e se lançou contra as costas da coisa, enterrando as espadas na sua carne para se firmar. O gigante se debatia à medida que a garota escalava tateando pelo seu comprimento, subindo até a sua cabeça curvada. O público urrava, a serpente-cuspideira rugia, o próprio pulso de Mia trovejava. E sob tudo aquilo, em meio à cacofonia, ao caos ensurdecedor, ela pensou ter ouvido, bem dentro da barriga do monstro.

Uma série de estouros minúsculos e úmidos.

A serpente-cuspideira parou, um tremor lhe percorrendo o corpo de ponta a ponta. Mia se esforçou para chegar ao pescoço, se livrou das espadas e apanhou uma lança quebrada fincada na pele dura do bicho. Agarrando-se à fera com as coxas e unhas e pura e simples loucura, ela levou para trás o aço liisio e, com um grito, o enfiou na carne atrás do minúsculo ouvido do monstro.

A criatura urrou, uma bolha de sangue subiu pela goela e estourou na boca. O público não fazia ideia do vidro-falso que ela engolira; nem desconfiava que a explosão transformara boa parte das entranhas da serpente-cuspideira em sopa de sangue. Tudo o que sabia era que, diante dos seus olhos atônitos, das suas bocas abertas de admiração, a garota fincou a espada, a fera balançou para a frente e para trás como um bêbado no banheiro e, com um suspiro borbulhante, tombou morta e imóvel no chão.

O baque ecoou pela arena, a poeira subiu com o colapso da criatura. Mas quando os ventos da quasinoite começaram a soprar pelas arquibancadas, pela areia empapada de sangue, a mortalha clareou para revelar uma única figura, sozinha, de pé sobre a cabeça da fera morta.

Arfando, sangrando, Mia curvou-se e puxou a espada de volta. E, voltando-se para os espectadores atônitos, ergueu-a devagar no céu.

O silêncio ecoava pela arena. Oco e inerte. Ninguém na multidão era capaz de acreditar nos próprios olhos, quanto mais falar. Até que finalmente um menininho nos braços da mãe apontou para a garota

manchada de sangue no centro da arena e arregalou os olhos castanhos.

– Corvo! – veio o gritinho.

Um homem ao lado olhou para o garoto e então gritou para os que estavam ao redor:

– Corvo!

A palavra começou a ser repetida, como um eco, mais e mais gente aderindo ao coro. Dezenas, depois centenas, depois milhares, todos cantando juntos, como numa promessa, numa oração, “Corvo! Corvo! Corvo!”, enquanto Mia percorria mancando a carcaça da serpente-cuspideira, com a espada alta, o público batendo os pés no ritmo do canto, cada vez mais rápido, as palavras e o trovejar dos pés amalgamando-se em “CorvoCorvoCorvoCorvoCorvo!”.

Mia urrava com eles, o peito enchendo-se de entusiasmo e de um orgulho selvagem.

– Qual é o meu nome? – ela gritou.

– CorvoCorvoCorvoCorvoCorvo!

– QUAL É O MEU NOME?

– CORVOCORVOCORVOCORVOCORVO!

Mia fechou os olhos, absorvendo tudo aquilo, deixando penetrar sua pele.

*Sanguii e Gloria.*

Ela se virou para o camarote dos sanguilas e viu dona Leona de pé, comemorando. Olhou para as celas dos gladiatii e viu Sid, Cantespadas e Carniceiro nas barras, uivando seu nome e batendo no ferro. E, por fim, no alto das arquibancadas, em meio ao mar de rostos sorridentes, avistou uma garota. De cabelo ruivo e comprido. De olhos azuis como um céu sem nuvens. E, com um sorriso tão radiante quanto os sóis no alto, Ashlinn levantou uma mão espalmada.

E soprou um beijo para Mia.

**O** Colégio Remus teve uma virada de medulares aquela quasinoite. Uma mesa comprida na região das celas, sob a arena, foi carregada de comida e vinho; os irmãos e irmãs gladiatii de Mia brindavam à vitória da garota como os nobres de antigamente. Furian sentava-se à cabeceira como um rei, lugar que lhe cabia por ser o campeão. Mas, se aquele era o seu reino, agora havia uma rainha. Sentada ao pé da mesa, com os louros prateados da vitória coroadando seu cabelo comprido e escuro, Mia Corvere levantava o copo de vinho e sorria feito uma desvairada.

Os gladiatii estavam recuperados o suficiente da intoxicação e pilhados pela adrenalina da vitória de Mia. Bebiam muito e comiam pouco, narrando a batalha uma vez após a outra. Sidonius tagarelava

tão alto a respeito que até parecia ter sido ele a derrotar a fera; enroscava o braço grosso como um pernil no pescoço de Mia e declarava ter sido aquele o maior triunfo que já presenciara numa arena:

- Esta vadia maravilhosa! – esbravejava
- Me solta, seu ignorante! – sorria Mia, empurrando-o.
- Nunca vi coisa igual! – urrava Sid. – Já viu, Canta?
- Nunca – respondeu a mulher, sorrindo e levantando o copo. –

Nunca.

- Fazondas?

– Uma vitória digna de Pythias e Prospero! – afirmou o grandalhão.<sup>36</sup>

- E você, Carniceiro? E você, Otho?

- Não – responderam os dois. – Nunca.

- Ao Corvo! – berrou Sid, e a mesa inteira levantou os copos.

Apenas Furian permaneceu calado, bebericando o vinho como se estivesse envenenado.<sup>37</sup> Não tirava os olhos dos de Mia, com uma expressão carregada de acusações e ódio frio. Mia sabia que, por mais doente que tivesse ficado, ele teria assistido à batalha e, provavelmente, sentido o momento em que ela invocara a escuridão. Ainda assim, não havia como negar que a vitória fora gloriosa e, apesar de lhe doer por dentro ver os louros prateados na frente de Mia, o Incaído manteve o ressentimento sabiamente guardado atrás dos dentes.

De vez em quando Mia lançava os olhos negros como tinta através da mesa e os cravava nos do campeão. O enjoo e a fome que sempre sentia quando ele estava por perto inflavam-se em sua barriga. Com os olhos no assento dele à cabeceira da mesa, ela prometeu silenciosamente:

*Em breve.*

- Atenção!

Os gladiatii fizeram silêncio e levantaram-se à entrada do executus Arkades ao lado da magistratae. Dona Leona vinha atrás, radiante.

- Domina! – ladraram os gladiatii.

– Relaxem, meus Falcões – ela disse com as mãos levantadas, gesticulando para que todos se sentassem. – Não vim aqui para acabar com a sua comemoração. O nome do Colégio Remus ecoa pelas ruas, e vocês merecem este momento de alegria, todos vocês.

A dona sorriu quando os gladiatii ergueram os copos e brindaram à sua saúde. Ela tinha se dado ao trabalho de trocar de roupa e agora usava um vestido tomara que caia com um espartilho de veludo prensado no mesmo tom vermelho-ferrugem que seu cabelo. Mia se perguntou quantas pratas exatamente a mulher tinha gastado na roupa. Quantos vestidos tinha trazido do Ninho. Quanto lhe tinha

custado aquela maldita comemoração e de que abismo ela tirava dinheiro. Para alguém que estivera tão apertada a ponto de vender Mia a uma casa de tolerância uma simples viragem antes...

Mia lançou um olhar para Arkades e notou que o executus examinava a comida e o vinho com a mesma preocupação. Mia olhou para as joias no pescoço da dona, o ouro nos pulsos, e a conclusão ficava cada vez mais inevitável:

*Ela é péssima com dinheiro. Foi criada em uma família rica, então nunca aprendeu o valor real do dinheiro nem compreendeu de verdade que tipo de vida está à espera de quem se vê sem um mendigo no bolso. Só quer saber da sua aparência aos olhos dos outros.*

*Aos olhos do pai.*

Mia olhou Leona de alto a baixo e suspirou por dentro.

*Será que eu seria assim se o meu pai não tivesse sido morto?*

Mia viu Furian olhar para a domina pelo canto do olho, talvez à procura de algum sinal de reconhecimento. Mas, fiel ao seu papel, alta, orgulhosa e tão *decente*, Leona não se dignou nem a lhe lançar um olhar rápido.

– Minha bela sanguinária – a dona disse a Mia com um sorriso. – Uma palavrinha.

– Domina.

Mia seguiu Leona para fora do recinto, ciente do olhar ardente de Furian em suas costas. Arkades e a magistrae foram atrás, e a mulher fechou a porta no momento em que Sidonius narrava mais uma vez a batalha, usando uma jarra de vinho e um palito de dentes como personagens.

– Você está bem? – perguntou Leona.

– Bastante bem – respondeu Mia. – Obrigada, domina.

– Sou eu quem deve agradecê-la – disse Leona, os olhos dançando. – Você e o nosso colégio são o assunto da cidade *inteira*. O próprio Quintus Messala, governador de Temporal, declarou que esse *venatus* foi o melhor da história da República, e você – Leona apertou os ombros de Mia –, minha bela sanguinária, está no coração dele.

– Vivo para honrá-la, domina – disse Mia.

Arkades estreitou os olhos ao ouvir isso, mas Leona pareceu quase inebriada pelas palavras.

– O governador Messala organiza um tradicional banquete na quasinoite do *venatus* – disse a dona. – Todos os medulares e administratii comparecem no seu palazzo, e ele convida também os sanguilas que põem gladiatii na arena, assim como seus campeões. – Os olhos de Leona faiscaram com um deleite orgulhoso. – Mas ele me mandou uma carta de próprio punho, pedindo que, além de Furian, eu leve *você*, para que todos possam contemplar a Salvadora de Temporal.

– A Salvadora de Temporal? – balbuciou Mia.

– Título estiloso, não? – gracejou Leona. – Os menestréis já cantam sua vitória nas tavernas da cidade. Você será o orgulho do banquete, a joia da minha coroa. E eu receberei uma chuva de moedas. A elite de cidade vai atirar ofertas de patrocínio aos meus pés. Os olhos de todos os sanguilas vão *arder* de inveja.

Todos os sanguilas...

– Messala sempre protegeu os lutadores do colégio do meu pai – disse Leona. – Por anos desfiou elogios aos Leões de Leonides. Quanto não vai lhe doer me ver nas graças de Messala, sentada à sua direita?

A dona apertou os dedos contra os lábios para conter o sorriso maníaco.

– Imagine a cara do desgraçado.

– Mi dona – avisou a magistrae, com os olhos em Mia. – A senhora não deveria falar assim...

– Hmm, sim. – Leona voltou a si, acenando com a cabeça e ajeitando as pregas do vestido. – Pouparei você dos meus devaneios, Corvo. Vá celebrar a sua vitória. Mas nada de vinho demais, hein? Quero que esteja impecável para o banquete de amanhã.

*Como um bicho de estimação caro*, Mia se deu conta. *Como uma cadelinha aos pés da dona. A ser vendida na primeira vez que não latir quando mandarem.*

*Senta.*

*Rola.*

*Finja-se de morta.*

*Morra.*

Mia apertou os lábios com força. Pensou no pai, balançando na ponta de uma corda. A mãe sangrando até a morte em seus braços. O irmãozinho, dando os primeiros passos num poço sem luz e morrendo no escuro.

Pensou em Duomo.

Pensou em Scaeva.

*Olhos no troféu, Corvere.*

E, olhando nos olhos de Leona, ela se curvou com a mão no peito.

– Seu menor suspiro é uma ordem – ela disse. – Domina.

—**P**ela porra da Mãe Negra, você foi *demais*!

Ashlinn foi ao encontro de Mia e a abraçou forte assim que a garota pulou a janela da taverna. Mia concordou – “É, é” – e escapou dos braços de Ash para fechar as cortinas. Ela era a pessoa mais famosa da cidade, afinal, e as ruas estavam cheias de boêmios comemorando o *venatus*. Os sóis lhe queimavam a vista, a surra da tarde já deixava suas marcas e, depois do banquete com os irmãos gladiatii, Mia estava



mais bêbada do que deveria. Após correr os olhos pelo quarto minúsculo, ela percebeu que não havia cadeiras para se sentar – apenas uma caminha com um colchão mais fino do que uma fatia de queijo caro.

– Não é bem a villa do cônsul, não é?

– Todas as estalagens, quartos e bordéis estavam cheios por causa do *venatus* – respondeu Ash, dando de ombros. – Graças à Mãe, encontrei uma vaga neste barraco. Não me pergunte quanto estamos pagando. Ainda bem que Mercurio nos deu bastante dinheiro. Em todo caso, que se dane, você acabou de matar um colosso! A cidade inteira está falando disso agora!

Mia soltou o corpo na cama e começou a massagear as costelas doloridas.

– É – foi o que conseguiu comentar.

– Sangue e abismo, Corvere – disse Ash, sentando-se no colchão ao lado dela. – Você matou uma serpente-cuspideira! Salvou a vida de centenas de pessoas diante de outras dez mil! Leona teria que ser três vezes louca e estar cinco vezes bêbada para cogitar a possibilidade de te vender agora! Você não está feliz?

Mia tinha se feito a mesma pergunta no caminho até ali, ao escapar das celas da arena e passar pelas sombras. *Deveria* estar feliz. Tirando o fato de a serpente-cuspideira ter quebrado a corrente, tudo tinha corrido mais ou menos como planejado. Ela caíra nas graças de Leona. O patrocínio do colégio estava garantido. Seu nome ecoava nas ruas. Ela estava uma vitória mais próxima do *magni* e do pescoço de Scaeva e Duomo.

Mas a sensação de que aquilo tudo estava errado crescia silenciosa como um câncer. Cada viragem passada com a marca na bochecha tornava mais difícil ignorar as pessoas que não podiam simplesmente escapar das correntes pelas sombras como ela. E não eram apenas os gladiatii. A República inteira era empurrada pela máquina do sofrimento humano. Agora que seus olhos haviam se aberto para isso, ela não conseguia mais fechá-los. Não *queria*.

Mas Mia também sabia que não era capaz de resolver o problema. Não era capaz sequer de ajudar os outros membros do colégio sem condenar seu plano ao fracasso. Tinha arriscado coisas demais para estar ali. E não apenas ela se arriscara: Mercurio e Ashlinn também. E tudo por um bem maior, não? Dava para dizer isso de verdade? Que a República seria melhor sem um tirano na cadeira de cônsul?

Que *todos* teriam uma vida melhor com a morte de Julius Scaeva?

Mas o que aconteceria aos seus irmãos e irmãs do colégio se o plano desse certo? Dois escravos mataram seus mestres e os administratii executaram todos os escravos da casa. O que aconteceria com aqueles que ficariam para trás no Ninho do Corvo se ela matasse um cardeal e

a porra do cônsul? Mesmo se ela conseguisse realizar esse milagre, Sidonius, Bryn e Byern, Cantespadas... todos seriam executados.

Mia olhou para a garota que a encarava com olhos azuis e brilhantes.

– Uma viragem longa, só isso – suspirou. – Tem cigarrilha?

Ashlinn sorriu de orelha a orelha, enfiou a mão dentro da camisa e sacou uma cigarrilha fina e prateada. Trazia um relevo com o selo da família Corvere – um corvo em pleno voo sobre duas espadas cruzadas. Tinha sido um presente de Mercurio na quasinoite em que Mia completara quinze anos. A pele de Ashlinn tinha deixado o metal quente.

Mia acendeu a cigarrilha com uma pederneira e suspirou uma nuvem cinza.

– Onde estão Eclipse e Senhor Sabe-Tudo? – perguntou Ash.

– Eclipse está de guarda na rua. Senhor Simpático está espionando dona Leona. Vai haver um grande banquete no palazzo do governador amanhã. Leona está tentando garantir um patrocínio para o colégio e acabar de uma vez por todas com seus problemas de dinheiro. O governador pediu a ela que me levasse junto.

– Claro – concordou Ash. – Você devia ter visto. O maldito do monstro parecia prestes a devorar metade dos espectadores, e quando o xingou, ele se virou para você feito uma serpente. Inacreditável.

– É – confirmou Mia. – Nem eu consigo acreditar.

Ela deu outro trago na cigarrilha e balançou a cabeça. Ash ainda sorria; seus olhos azuis brilhavam com a lembrança da vitória de Mia. Ela estendeu a mão e acariciou o sulco na testa de Mia, como se tentasse apagá-lo. Mia afastou a mão com um tapa.

– Dentes da Fauce, o que foi? – bufou Ash, exasperada. – A cidade inteira faz brindes a você. Ganhou os louros, caiu nas graças da sua dona e garantiu o futuro do colégio. Tudo correu como planejado, e você está com a cara mais fechada do que o céu antes de uma tempestade.

Mia mordeu os lábios. Pensava se devia dizer algo. Olhou para Ashlinn. Os olhos escuros da garota cintilaram com uma pontinha da brasa quando ela tragou a cigarrilha. O vinho na barriga havia soltado a língua de Mia, mas a desconfiança nas veias mantinha sua boca bem fechada.

– Sangue e abismo, Mia, o que foi? – insistiu Ashlinn.

– A serpente-cuspideira – disse Mia afinal.

– O que tem ela?

– No deserto perto da Montanha Silenciosa, quando eu estava perseguindo você e Remus até Última Esperança... – Ela exalou fumaça cinza, esperando que Ash reagisse à menção do conflito anterior entre as duas, mas a outra apenas ouvia. – Um kraken-de-

areia atacou a caravana luminatii e matou um monte de homens de Remus.

– Eu lembro.

Mia respirou fundo, mantendo o ar nos pulmões por um instante longo e tenso.

– Eu fiz o kraken-de-areia fazer aquilo – ela soltou por fim.

Ashlinn piscou, surpresa.

– Como?

Mia deu de ombros.

– Não faço ideia. Só sei que sempre que eu invocava as sombras nas Ruínas Sussurrantes de Ashkah, os krakens-de-areia vinham, e furiosos. E a serpente-cuspideira da arena reagiu da mesma maneira. Tentei prendê-la na própria sombra e o bicho ficou ensandecido.

Mia balançou a cabeça e deu outra tragada.

– Os estudiosos dizem que os krakens-de-areia e as outras monstruosidades das Ruínas de Ashkah tinham sido deformados pelos poluentes mágicos que resultaram da destruição do Império.

*A Coroa da Lua.*

*A queda do Império Ashkahi.*

*As monstruosidades que restaram.*

– Eu fico me perguntando... será que está tudo relacionado?

– Com a queda do império? – perguntou Ashlinn. – Com os sombrios?

Mia deu de ombros. Uma frustração já familiar subia pelas entranhas. Cassius nunca aprendera nada sobre si mesmo. Furian não queria aprender. Mercurio e a Mãe Drusilla tinham lhe dito que ela era uma Escolhida da Mãe, mas que abismos significava aquilo, afinal?

Ela nunca conhecera ninguém capaz de lhe dar respostas de verdade. Mas aquela coisa na necrópole de Galante... parecia saber mais.

*“A verdade sobre você jaz enterrada na cova. No entanto, você mancha as mãos de vermelho por eles, quando deveria estar pintando os céus de preto.”*

– Só não aguento mais não saber porra nenhuma sobre o que sou, Ashlinn.

– Ah, isso é fácil – afirmou a garota, esticando a mão para apertar a de Mia.

– Ah, é?

– É – sorriu Ashlinn. – Você é corajosa. Brilhante. E linda.

Mia riu desdenhosa, balançando a cabeça e virando o rosto para a parede.

– É sério – disse Ashlinn, aproximando-se para beijar a bochecha de Mia.

Mia se virou para encarar a garota, os olhos pretos fixos nos azuis

claríssimos. Ashlinn ainda se mantinha próxima, e se aproximava cada vez mais. Sentiu o cheiro de lavanda imiscuído na pele, o cabelo ruivo caindo ao redor do rosto levemente sardento, o frio na barriga quando percebeu que a garota estava prestes a beijá-la.

– Você é linda – sussurrou Ash.

E, com os olhos fechados, ela inclinou-se para a frente e...

– Não – disse Mia.

Ashlinn parou, os lábios a um triz dos de Mia. Ela baixou o olhar, dos olhos de Mia para a boca.

– Por que não? – sussurrou.

– Porque não confio em você, Ash – respondeu Mia. – E não quero que pense que pode me levar para a cama e assim me ter nas mãos.

Ashlinn se inclinou para trás e encarou Mia, descrente.

– Você acha que eu...

– Faria qualquer coisa para conseguir o que quer? – perguntou Mia.

– Mentir? Trair? Transar? Matar?

Mia deu uma longa tragada na cigarrilha, apertando os olhos. A língua estava grossa demais na boca depois do vinho no banquete, mas ia ficar solta agora.

– Sim, Ash, esse é o problema – ela disse. – Acho que penso exatamente isso.

Ashlinn saltou da cama como se Mia tivesse lhe batido. Caminhou pelo quarto, se afastando tanto quanto o espaço diminuto permitia. Estava com as mãos na cintura, os olhos na parede. Permaneceu calada por um longo momento até por fim encarar Mia com o rosto fechado.

– Vai se foder, Mia.

Ela atravessou o quarto com passos fortes e esfregou os nós na cara de Mia.

– *Vai se foder!*

– Tire a mão da minha cara, Ashlinn – avisou Mia.

– Eu devia arrancar essa cigarrilha da sua boca! – berrou Ashlinn.

Mia balançou a cabeça e deu outra tragada.

– Já notou que as pessoas começam a gritar quando não têm nada de interessante para dizer?

– Pelos dentes da Fauce, você tem umas pedras... Caso não tenha reparado, só há uma pessoa no mundo inteiro que está ao seu lado neste exato momento, e...

– Mercurio estava ao meu lado, Ashlinn. Bem antes de você.

– Eu não estou vendo Mercurio aqui. Você vê? – berrou Ash. – Não vejo Mercurio se ferrando para ir de Godsgrave até Alvatorre e depois até Temporal. Não vejo Mercurio invadindo arenas para esconder vidro-falso na areia e te contar da monstruosidade pronta para derreter a carne da porra dos seus ossos. Ele não fez nada a não ser

tentar te convencer a não seguir este plano, e eu não fiz nada a não ser te ajudar para caralho!

Mia balançou a cabeça e apagou o cigarro na parede.

– Não porque você odeia o Ministério tanto quanto eu. Não porque vai ganhar com tudo isso, ah, não, a Mãe é testemunha. É tudo porque você gosta *tanto* de mim.

– E isso *assusta* você para caralho, não é?

Mia desdenhou.

– Eu tenho dois demônios de sombras que literalmente comem o meu medo, Ashlinn. Nada me assusta.

– Senhor Merdoso e Lobinha não estão aqui – disparou Ash. – Somos só nós duas agora. E, por mais que finja, pensar nisso faz você perder a cabeça de pavor. Pelo seu cheiro, dá para notar que precisou secar uma garrafa de vinho d'ouro para juntar coragem e mandar os dois embora. Mas *mandou*. E você é covarde demais para admitir por quê.

– Vai se foder, Ashlinn.

– Por que demorou tanto, Mia?

Mia ficou tensa e levantou com um salto da cama, os punhos cerrados. Ashlinn se manteve onde estava, encarando-a com o queixo erguido. Os rostos estavam separados apenas por alguns centímetros, o ar entre as duas carregado de corrente arquêmica.

– Não finja que não sente nada – disse Ash. – Porque está escrito em cada traço seu, em cada curva do seu corpo. Você pode me conhecer, Mia Corvere, mas eu *te* conheço também. E sei o que quer.

Mia cerrou os dentes, apertou os punhos. Não sabia se queria socar a garota ou...

Havia um mar de mentiras entre as duas. A traição de Ash. O assassinato de Tric. A certeza de que a garota *era* capaz de fazer ou dizer qualquer coisa para conseguir o que queria. Mas também havia verdade em suas palavras. Dentre todas as pessoas que Mia conhecia no mundo, a única que a ajudava naquele momento de extrema necessidade era Ashlinn Järnheim.

Ashlinn Järnheim era feita de mentiras.

Ashlinn Järnheim era venenosa.

E Ashlinn Järnheim era linda.

Mia não podia negar. Os lábios semiabertos à luz baça. O cabelo ruivo comprido escorrendo pelos ombros em ondas. A pele macia, as bochechas rosadas de raiva. Os olhos grandes e azuis emoldurados pelos cílios escuros e curvados, a expressão neles fazendo os dedos de Mia formigarem, a barriga dela gelar. Com o vinho vibrando nas veias, ela encarou aquelas piscinas de azul-celeste e viu seu reflexo, viu nos próprios olhos o que via patente nos de Ash.

Desejo.

Desejo.

Mas...

...sem os passageiros, Mia tinha *medo*.

Não de desejar uma garota, como talvez Ashlinn pensasse. Ela tinha ficado com uma antes, afinal. Apesar de *aquela* beleza dourada na cama de Aurelius ter sido apenas o meio para um fim, Mia admitia que talvez pudesse ter encontrado antes um jeito de beijar o filho do senador. Que talvez pudesse ter acabado com ele bem antes de sentir os lábios dourados entre as pernas, de sentir o sabor da garota na língua de Aurelius.

Não. Se Mia tinha medo, não era de desejar uma garota.

Era de desejar aquela garota.

Ashlinn Järnheim.

Ladra.

Mentirosa.

Assassina.

Traidora.

– Como posso confiar em você? – perguntou Mia. – Depois de tudo o que fez?

– Se eu te quisesse morta, Mia...

– Não estou falando de confiar minha vida a você, Ashlinn.

Mia olhou para o peito arfante de Ashlinn, imaginou o coração dentro dele. Perguntou-se se ele trovejava tanto quanto o seu, ou se tudo aquilo era apenas um meio para um fim.

Ashlinn levantou a mão até o rosto de Mia. Seus dedos acariciaram a pele dela, leves como uma pluma, produzindo um pico de calor que nada tinha a ver com a luz dos sóis ou com o vinho. Ela encurtou o espaço, os olhos descendo até os lábios da garota. A respiração ficou mais forte, mais perto, só um centímetro de distância agora, só um fio de cabelo. E Mia olhou para o outro lado do quarto e

passou

para a sombra

das cortinas,

que jogou para o lado para abrir a janela. A cabeça girava por causa da bebida, por causa da passagem pelas sombras, por causa de tudo. Ash a chamou pelo nome, mas ela ignorou. Escalou desajeitada o peitoril e desceu pela parede, ligeira como um adeus na viragem seguinte a uma quasinoite compartilhada.

Mia chamou Eclipse, jogou o manto de sombras por cima dos ombros e da cabeça e foi se esgueirando pelas ruas na quasinoite. A comemoração de sua vitória ainda ressoava das janelas das tavernas, das portas das tabacarias, ecoando pelo ar. O medo ia sendo drenado do seu corpo como o veneno de uma ferida à medida que Eclipse se avolumava em sua sombra, deixando-a fria, dura e impávida.

Ela não podia confiar em Ashlinn Järnheim. Isso era certo. Mas e a

ideia de pisar nos cadáveres dos homens que tinham destruído tudo o que amara na vida? A sensação do metal frio na mão e do sangue quente no rosto e a certeza de que tudo pelo que trabalhara finalmente estava a seu alcance?

*Nisso ela podia confiar.*

*E nada mais importava.*

Ela passou a mão na bochecha que Ashlinn tocara. Sua pele ainda formigava.

*Nada mesmo.*

---

36 “A Tragédia de Pythias e Prospero” é uma saga de autoria de Talia, um famoso bardo. Embora banida pelo Ministério de Aa, continua a ser uma das peças mais antigas e renomadas da história, tendo sido escrita séculos antes da existência do Reino de Itreya. A peça se baseia num mito antigo e se passa numa época anterior à expulsão da Mãe da Noite do céu itreyano. Apresenta as aventuras de dois amantes, Pythias, capitão da guarda, e Prospero, filho do Rei Feiticeiro, que são separados quando o pai de Prospero descobre seu envolvimento. Pythias é banido para os confins mais longínquos da terra e, em sua luta para estarem novamente juntos, os amantes conquistam exércitos, nações e, por fim, o próprio Rei Feiticeiro.

Infelizmente, como o conto traz a palavra “tragédia” no nome, talvez seja burrice esperar um final feliz. Pythias é envenenado no confronto final. Prestes a morrer nos braços do amado, pronuncia um discurso comovente sobre o poder perene da esperança, da fidelidade e do amor – fala que costuma ser considerada o melhor monólogo já escrito sobre um pergaminho. Prospero, herdeiro da mágica do pai, transporta o corpo do amado para o céu na forma de uma constelação, que batiza em honra dele.

Não há olho que permaneça seco no teatro, nobre amigo.

Embora tenha sido banida pelo Ministério, e a maioria das suas cópias tenha sido destruída na queima de livros da Luz Fulgente, em 27PR, o monólogo de Pythias é recitado até hoje. Há boatos de que algumas versões completas da peça existem em segredo – manuscritos reescritos de cor por atores que a encenavam, ou escondidos dos puritanos da Igreja de Aa. Essas cópias, contudo, são raras, e se tornaram praticamente um mito entre os grupos de teatro de Itreya. Qualquer ator que alegue ter lido alguma delas provavelmente não passa de um metido mentiroso.

Embora, pensando melhor, quase todos os atores que conheci sejam metidos mentirosos...

37 Sejamos justos com Furian: o último vinho que ele bebeu estava *mesmo* envenenado.

# Capítulo 19

## Desistir

Chamaram Mia um pouco antes da sobremesa.

Ela aguardava onde dona Leona havia instruído – uma pequena antecâmara na ala dos criados do palazzo do governador. Um guarda vigiava a sua porta. Ela fez uma refeição simples acompanhada de um vinho aguado, enquanto os convidados na sala de banquetes desfrutavam uma entrada de coração de codorna recheado com manteiga licorosa seguida pelo prato principal: peixe-mel assado com lagosta cozida no vapor de vinho d'ouro.

Mia sabia que Quintus Messala já governava Temporal havia seis anos; tinha sido destinado ao cargo logo depois da rebelião Faz-Rei. Amigo de infância do cônsul Scaeva e membro de uma das doze grandes famílias da República, sua fortuna e seu poder faziam a inveja de todos os que o conheciam, e parecia que Messala vivia para atizar essa inveja. Mia era incapaz de se lembrar de um evento tão faustoso ou de uma casa tão opulenta. A antecâmara em que aguardava estava decorada com intrincados relevos no teto, veludo prensado e candelabros de cristal dweymeri. O homem que serviu sua refeição trajava roupas que a maioria dos dons medulares invejaria.

Mia tinha esperado ali remoendo sua discussão com Ashlinn até Arkades aparecer para buscá-la. Ele estava vestido em seu melhor traje, o gibão era bordado com falcões e leões. Mia vestia a armadura da viragem anterior, embora ela tivesse sido polida quase a ponto de ganhar vida própria. Não lhe tinham devolvido o elmo, mas a garota podia fazer pouco a esse respeito. As chances de um servo da Igreja Vermelha estar presente no banquete eram baixas, mas ainda assim, ao caminhar rumo à sala de banquetes com o executus na frente e dois guardas nas laterais, Mia tinha a sensação de estar completamente nua e prestes a adentrar um covil de cães-sarnentos.

– Alto – ordenou Arkades, parando diante da porta do salão.

O homenzarrão virou-se para ela e ergueu o dedo em alerta.

– Não fale a não ser que lhe dirijam a palavra. Lembre-se de que todos os olhos estão sobre você. Talvez você nunca tenha visto pessoas como essas antes, mas todos ali dentro são *víboras*, garota. Matam com um cochicho. Criam fortunas ou destroem reputações com uma palavra. Se você envergonhar o nome da sua domina, juro pelo Onividente que te farei pagar.

*Mãe Negra, o fogo que Arkades tem por essa mulher seria capaz de iluminar a veratreva...*

A verdade é que Mia conhecia bem demais as maquinacões dos



medulares; tinha assistido à mãe jogar os jogos de poder deles por anos. Dona Corvere era capaz de reduzir homens a cascas vazias e mulheres a lágrimas quando queria. Mas Mia não ia deixar Arkades saber disso. Assim, apenas baixou a cabeça.

– Sim, executus.

Satisfeito, o homem abriu a porta do salão e mancou para dentro. Mia esperou, com as mãos unidas. Dava para ouvir a música das cordas, as vozes lá dentro.

– Bela luta ontem – murmurou um dos guardas ao seu lado.

– É – concordou o outro. – Espetacular pra caralho, moça.

Mia acenou a cabeça em agradecimento, feliz que a notícia da sua vitória ainda estivesse se espalhando. Se houvera alguma chance de Leona vendê-la antes do *venatus*, estava tão morta quanto a serpente-cuspideira agora. A domina teria que descobrir outro jeito de pagar seus credores. Mas se tudo corresse bem nessa virada, isso não seria difícil. Os medulares ricos costumavam patrocinar seus colégios favoritos, e como os Falcões de Remus eram o assunto da cidade, Leona não deveria ter problemas para conseguir investimentos.

O futuro do colégio estava garantido.

Só faltava garantir a vaga no *magni*.

Mia logo escutou um anel bater num cálice de cristal e fazer as conversas baixarem o volume. Uma voz soou dentro do salão; era suave e grave como a de um barítono, e Mia supôs que pertencia ao governador Messala.

– Estimados convidados, honoráveis amigos, agradeço a sua visita à minha humilde residência nesta quasinoite. Eu e minha boa esposa sentimos um orgulho sem fim ao vê-los aqui. Que o Onividente vele por vocês, e que as Quatro Filhas lhes concedam suas bênçãos.

Messala esperou o fim das palmas educadas para continuar.

– Organizamos este banquete todo *venatus*, para agradecer aos amigos que nos agradiam com sua presença apenas raramente, e mesmo assim deixam uma marca indelével no coração e na mente dos nossos cidadãos. Não é por hipérbole que afirmo que o *venatus* de ontem foi o maior já visto na nossa querida cidade, e agradeço a cada um dos sanguilas aqui presentes por isso, que se esforçaram tanto para que isso acontecesse!

Messala fez outra pausa para os aplausos. Era raro que os sanguilas fossem convidados para a casa de um governador – senhores de sangue nunca teriam o status de medulares. Mas Mia podia ver a astúcia de Messala naquilo. Os sanguilas eram populares entre o povo, e o amor da gente comum fez com que Julius Scaeva rompesse com todas as convenções e chegasse ao terceiro mandato como cônsul. Fazia sentido que Messala conquistasse o coração dos homens que tinham o carinho das massas.

*Esse é uma cobra, com certeza.*

– Agora – retomou Messala. – Cada sanguila trouxe o seu campeão para que pudéssemos admirar. Mas, caros amigos, preparei para vocês um presente ainda mais maravilhoso. Graças à generosidade de dona Leona do Colégio Remus – Mia ouviu um burburinho crescer entre os convidados –, tenho o prazer de apresentar a vencedora da *ultima* de ontem, e um dos melhores guerreiros a pôr o pé nas areias... Corvo, a Salvadora de Temporal!

As portas se escancararam, e Mia deparou com o mar de rostos curiosos. Centenas de pessoas estavam presentes – a nata da sociedade, reunidos em belos grupos ou acomodados nos divãs espalhados pelo amplo espaço. O salão era de mármore, cheio de afrescos, com as grandes janelas abertas para deixar entrar a brisa fresca da quasinoite. Os pratos estavam carregados de comida, os cálices transbordavam de vinho, a riqueza respingava das paredes.

Mia reconhecia esse mundo. Tinha crescido nele, afinal. Era filha de uma família medular, fora criada em meio a uma opulência como aquela. Tanta riqueza em tão poucas mãos. Um reino de cegos, construído sobre as costas dos pobres e desgraçados.

E jamais nasceu alguém nele que questionasse qualquer parte daquilo.

O governador Messala estava no centro do salão; era um itreyano bonito, com olhos escuros e penetrantes. Os divãs estavam dispostos ao redor do divã dele, e os convidados se sentavam de acordo com a sua condição. Mia viu dona Leona num lugar de honra à direita de Messala, com Arkades ao lado. Furian estava de pé, atrás, trajando um peitoral de ferro, braçais e grevas na forma de asas de falcão. O campeão praticamente espumava, encarando Mia com ódio.

Mas quando ela olhou para ele... aquela fome...

Aquele *desejo*.

Mia reparou nos outros sanguilas no salão, os quais reconheceu pelos brasões. Havia um homem musculoso com a espada e o escudo do Colégio Trajan. Um homem com apenas um braço que só podia ser Phillipi, um ex-gladiatii que abrira o próprio colégio. E, entre eles, Mia viu um homem obeso trajando uma sobrecasaca com bordados de leões dourados. Reconheceu-o no ato: o homem que tinha oferecido mil moedas de prata para comprá-la e que não conseguira por causa de uma moeda.

*Leonides.*

Ainda estava próximo de Messala, Mia notou, embora não tivesse posto nenhum gladiatii na *ultima*. A garota voltou a pensar nisso, e na revelação de Leona de que por anos o governador favorecera os Leões de Leonides. Outra pessoa podia correr os olhos pelo salão e enxergar um simples banquete. Mas Mia enxergava uma teia de aranha. E no

centro dela estava dona Leona, com o cálice nos lábios, sentada reluzente à direita da aranha.

O próprio Leonides não parecia nada de mais. Tinha um gosto excessivo por comida e bebida talvez, mas não era nenhum monstro. Ele bebericava o vinho e fingia bocejar, como se não tivesse notado a entrada de Mia. Mas a garota viu como ele a observava; os olhos azuis que sua filha havia herdado não deixavam passar nada.

*Então é assim que os maiores monstros conseguem o querem*, ela concluiu.

*Parecendo igual aos outros.*

Ao lado de Leonides estava o seu executus enorme e careca, Titus, cujos músculos forçavam a camisa de seda. E atrás de Titus, Mia viu uma figura num manto cinza, com pelo menos dois metros de altura, a cabeça encapuzada apesar do calor.

*O campeão dele?*

– Bom Corvo.

A voz do governador arrancou Mia das suas especulações.

– Venha até aqui – ele chamou. – Deixe Temporal ver sua salvadora.

Mia marchou para dentro do salão como ele mandou, com os guardas ao lado. Os convidados não se rebaixaram a ponto de aplaudir – Mia era apenas uma posse, afinal, e gente de estirpe não batia palmas quando um cachorro acertava um truque. Mas mesmo assim ela sentia uma corrente arquêmica no ar. Só uma viragem antes, dezenas de milhares de pessoas gritaram seu nome de pé. Ela constatou que isso lhe dava uma certa gravidade. O mesmo tipo de magnetismo que Arkades envergava como uma armadura, e que os outros gladiatii na sala lutavam para obter. Era algo primitivo, talvez. Conquistado com sangue.

Mas era poder mesmo assim.

– Meus parabéns, bom Corvo – disse Messala. – E meus agradecimentos em nome dos cidadãos da nossa cidade. Você não apenas nos presenteou com um espetáculo distinto de todos os outros, como, por sua habilidade e coragem, salvou a vida de muitos de nossos cidadãos de uma calamidade. – O governador levantou o cálice, no que foi acompanhado pelos muitos convidados no salão. – Que Aa a abençoe e guarde, e que Tsana sempre guie a sua mão.

Mia se curvou.

– É uma honra, governador.

– Uma honra para *nós*, assim como para a sua domina. – O governador se voltou com um sorriso para a mulher à sua direita e levantou o cálice para Leona. – Obrigado, graciosa dona, por nos dar a oportunidade de ver a nossa salvadora em carne e osso.

Leona inclinou a cabeça.

– Sou sua humilde serva, governador.

– Ela é maravilhosa, não é? – perguntou Messala aos convidados, rodeando Mia e admirando cada ângulo. – A deusa Tsana encarnada. Uma coisa é ver dos camarotes, outra bem diferente é ver de perto, não é?

Leona sorriu.

– Quem poderia imaginar que uma garota tão bonita também poderia ser tão valente?

– Aposto que ela seria capaz de ganhar de qualquer um dos meus três seguranças.

Leona alargou o sorriso, deleitando-se com a adulação. Lançou um olhar venenoso para o pai, e Mia percebeu que o rosto de Leonides estava corado de raiva. Enquanto pensava nisso, Mia viu a dona olhar seu executus com os lábios curvados num sorriso malicioso.

– Talvez o senhor e os seus convidados queiram uma demonstração, governador Quintus?

O homem inclinou a cabeça de lado, divertido.

– A senhora nos daria essa satisfação, mi dona?

– Seria uma honra botar meu Corvo para lutar contra o seu melhor homem – disse Leona. – *E navium*, claro.<sup>38</sup>

Messala arqueou a sobancelha, correndo os olhos pelos convidados.

– O que acham, amigos?

Arkades fechou a cara à sugestão, claramente desagradado. A própria Mia não morria de amores pela ideia de lutar para entreter a elite: ainda estava toda roxa da luta com a serpente-cuspideira na viragem anterior. Mas os medulares ficaram encantados com a sugestão da dona, e uma única luta *parecia* uma maneira razoável de Leona obter o patrocínio de que necessitava.

*Ainda assim...*

Mia olhou para Leonides. Para Messala. Tentou livrar-se da sensação ruim que fazia sua pele arrepiar.

O governador se voltou para um dos guardas – um sujeito fortão com o bíceps da grossura do pescoço.

– Varius, talvez você pudesse nos fazer essa gentileza?

O grandalhão assentiu com a cabeça, tomou um gládio de um guarda ao seu lado e o jogou para Mia. Ela o pegou no ar e olhou para dona Leona, que apenas lhe deu um aceno encorajador com a cabeça, ao passo que Furian – claramente incomodado por ser ofuscado – permaneceu atrás dela, com uma expressão furiosa. Os criados do governador abriram um espaço no centro do salão, e Mia assumiu seu lugar, de espada em punho, tentando se livrar das desconfianças. O guarda puxou a própria espada, fez uma reverência para o governador e pôs os olhos sobre Mia.

– Perdão, honrado governador – veio uma voz. – Posso intervir?

Todos os olhos se voltaram para o sanguila Leonides, que se curvava

baixo diante do divã.

– Meu bom Leonides? – perguntou Messala.

– Caro anfitrião, não quero ofender o seu homem – disse Leonides. – Mas se queremos ver a Salvadora de Temporal na sua melhor forma, permita-me sugerir que ela cruze espadas com alguém treinado nas artes da areia. – Leonides voltou os olhos faiscantes para a filha. – A não ser que a sanguila de Corvo julgue que sua gladiatii não está apta para a tarefa.

Leona lançou um olhar para o pai através da multidão; o rosto vestia uma máscara da mais perfeita calma. Mas Mia ficou eriçada. Percebeu a armadilha. Com algumas palavras azeitadas Messala tinha manipulado Leona a pôr uma espada na mão de Mia, e Leonides poderia fazer a filha passar por covarde se recusasse o desafio. No entanto, Mia sabia que o homem não era burro a ponto de propor uma luta se não tivesse alguma vantagem.

A dona finalmente pressentiu o perigo que ela própria corria. Seus olhos passaram do anfitrião para o pai, e ela permaneceu muda por um instante um pouco longo demais.

– Ela hesita – sorriu Leonides aos outros convidados. – É compreensível, claro. O Colégio Remus só tem três louros na conta, e o nosso Corvo aqui não passa de uma bebê na arena. Talvez a nossa salvadora precise de algumas viragens para descansar as asas antes de estar apta a lutar de novo, não?

Mia viu Arkades cochichar algo no ouvido da dona. Mas Leona gesticulou irritada, e o homem se calou. Ela correu os olhos mais uma vez pelo salão, pelos rostos dos medulares reunidos – gente com quem ela poderia se sentar como se fossem seus pares caso ainda estivesse casada com um justicus. Benfeitores de que ela precisava agora para manter seu colégio de pé. Mia percebia em seus olhos a necessidade desesperada de impressionar. Era o mesmo desejo que a fizera dar aquele lance nos Jardins sem pensar, gastando mais do que tinha, o mesmo desejo que a fazia se vestir toda viragem como se fosse a um baile de gala. E, enquanto o coração de Mia estava apertado por ver que sua domina era tão fácil de provocar, enquanto a garota segurava o grito de alerta por trás dos dentes, Leona inclinou a cabeça e sorriu.

– Pensei apenas em poupar o senhor do constrangimento, sanguila Leonides. Mas aceito agradecida a sua proposta. Minha bela sanguinária encara qualquer homem do seu plantel, aço contra aço.

– Homem? Ah, não, minha cara, a senhora entendeu errado. – Leonides gesticulou para a figura encapuzada atrás de si. – Pensei em manter a minha Ishkah aqui à espera até o próximo *venatus*, já que acabei de fazer a sua compra. Mas em honra ao nosso bom governador Messala, e como a luta é *e navium*, não vejo risco em dar uma pequena amostra para aguçar os apetites.

Ele voltou-se para a figura e disse baixo:

– Vá devagar com ela, minha leoa.

Um burburinho de entusiasmo percorreu o salão quando a lutadora de Leonides adentrou o círculo improvisado. Aquilo era um bônus que ninguém esperava: ver campeões cruzarem as espadas para o entretenimento exclusivo dos medulares. Os convidados sorriram de orelha a orelha, os dentes com manchas escuras de vinho, os pulsos acelerados com a perspectiva de sangue na água. Mia ergueu a espada e a luz dos sóis reluziu na lâmina.

– Nobres amigos e amigas, honoráveis convidados – disse Leonides com um gesto dramático. – Permitam-me apresentar o mais novo acréscimo aos meus leões. Uma oponente mais temível que a própria Mãe Negra, um terror entre seu povo, cujo próprio nome significa “morte” na língua do Domínio. Levei anos para adquirir uma prenda como ela, mas em todo o meu tempo diante da areia, nunca vi ninguém igual. Apresento-lhes a minha próxima campeã, e a próxima vencedora do *venatus magni*... Ishkah, a Exilada!

Leonides baixou a mão. E em meio a suspiros admirados, a desafiante tirou a túnica para revelar o que havia por baixo.

– Quatro Filhas... – balbuciou alguém.

– Aa onipotente... – murmurou outro.

*Pelos Dentes da Fauce...*

Mia engoliu em seco e sua sombra tremulou aos seus pés.

*Uma sedosa.*

Mia tinha lido a respeito dos habitantes do Domínio dos Sedosos quando criança, nos livros de Mercurio, mas jamais imaginou que veria um em carne e osso. Ao olhar para a lutadora de Leonides, Mia conseguia ver que se tratava quase com certeza de uma fêmea: tinha os quadris curvados sob a saia de couro com contas de metal, os seis braços cruzados em frente ao peito levemente erguido. Tinha mais de dois metros de altura, a pele quitinosa de um verde tão escuro que era quase preto. Os lábios estavam pintados de branco; e havia dois globos sem detalhes sobre o rosto liso e oval, seis olhos menores espalhados pelas bochechas, como sardas. Ela não tinha pálpebras. Pelo que tinha lido, Mia achava que se tratava de uma jovem, mas a verdade era que ela não tinha como saber ao certo.<sup>39</sup>

A sedosa levou as mãos às costas e puxou seis espadas, cada uma delas levemente curvada, afiada feito uma navalha e gravada com glifos estranhos. Enquanto os medulares presentes murmuravam atônitos, ela agitou as armas numa dança intrincada e vertiginosa, o aço zunindo ao cortar o ar. Ao terminar a exibição, Ishkah abriu os braços como um leque, as espadas prontas e apontadas direto para Mia.

A garota olhou para Leona, Arkades, Furian. O rosto da dona

parecia impassível, mas os olhos estavam escuros de medo ao constatar como tinha caído tão fácil naquele jogo. Contudo, com os medulares tomados pela empolgação, ela não ousava se manifestar para dar um fim prematuro ao combate. Leonides olhou para a filha e sorriu feito um gato que tinha roubado o leite, o balde e a vaca também.

*Ele a manipulou feito um fantoche. Se eu perder aqui, o povo da cidade talvez continue a cantar o meu nome. Mas as pessoas com poder e influência... vão cantar apenas o nome dos Leões de Leonides. E o patrocínio de Leona vai por água abaixo.*

Mia viu a armadilha revelada. Parou por um instante para admirar sua simplicidade. Viu os fios da teia que ligava o governador a Leonides, o convite que tinha trazido Leona até ali com a guarda baixa. Suavizando-a com uma ou duas taças de vinho e um conjunto de elogios vindo de gente de classe mais alta, induzindo-a a aceitar uma luta que ela não podia perder e, no entanto, imaginando que ela jamais venceria.

*Vamos ver isso, seus desgraçados.*

– ...você tem certeza disso...? – veio um sussurro do cabelo de Mia.

– Você tem certeza de que consegue calar a boca pelos próximos minutos para que eu não acabe morta? – ela murmurou.

– ...ah...acho que...não...?

– Pois é.

Na verdade, Mia nunca teve menos certeza de algo na vida, mas não tinha escolha: perder implicava que o colégio continuaria atolado até o pescoço em dívidas, e todo o esforço dela continuaria em risco. Assim, ela se virou para um dos guardas que tinha elogiado a sua vitória quando entraram e lançou um olhar para a espada na cintura dele.

– O senhor teria a bondade de me fazer um empréstimo?

O guarda puxou a espada e a entregou como pedido.

– Que Tsana te guie, moça.

Mia tomou a espada e agradeceu com um aceno de cabeça. Cortou o ar com as lâminas, enquanto Sr. Simpático fazia o seu melhor para calar a boca por alguns instantes, e assumiu posição no círculo, olhos cravados nos da sedosa.

– Este combate será travado *e navium* – recordou o governador Messala. – Uma mão estendida em submissão será o sinal do fim da luta. Lutem com honra e pela glória do seu colégio. Que Aa abençoe e guarde vocês, e que Tsana guie as suas mãos.

Os espectadores se calaram, a música parou, e Mia era capaz de ouvir apenas as batidas estrondosas do próprio coração.

– Comecem! – gritou Messala.

Rápida como um raio, Mia golpeou com as duas espadas, e o aço

retiniu quando a sedosa defendeu com quatro das suas. Dançando para a frente, ela atacou de novo, na cabeça e no peito, mas a oponente novamente bloqueou com facilidade. Dessa vez a sedosa contra-atacou com uma avalanche de golpes que borraram o ar. Mia foi forçada para trás, defendendo-se desesperada até ser empurrada para fora do limite do círculo. Os medulares em volta saltaram de lado, com os olhos nas espadas. Mas a sedosa não continuou a investida; retornou ao centro do círculo e esperou com as armas dispostas como leques reluzentes.

Mia inclinou a cabeça para o lado, sentiu o pescoço estalar. Tirou o cabelo dos olhos. E, encurtando a distância com a inimiga, lançou outra saraivada.

Ela sempre tinha se orgulhado da sua perícia com as lâminas; tinha treinado duro com Mercurio, e ainda mais duro com a Igreja Vermelha; combinava a sua velocidade natural com total audácia e uma pontaria impressionante. Mas mesmo seus melhores oponentes só a tinham enfrentado com duas espadas – nunca seis das malditas armas. Não importava onde Mia golpeasse, uma lâmina da sedosa estava lá. Sempre que Mia abria uma brecha, Ishkah a forçava para trás. A sedosa tinha tamanho, envergadura, velocidade. E, pior, Mia sabia que sua oponente não estava dando tudo de si. Como Arkades tinha avisado na primeira viragem em que a garota pôs o pé na areia do Ninho do Corvo, Ishkah apenas estudava o seu estilo para preparar seu ataque final.

E, assim, no intuito de equilibrar a balança (como seis espadas contra duas não era muito justo, raciocinou), Mia tomou a sombra sob a sedosa.

Ninguém teria notado – a escuridão tremeu apenas um pouquinho. Mas quando a sedosa deu um passo à frente para golpear, sentiu as botas grudadas ao chão de mosaico sob si, nas sombras compridas projetadas pela luz dos sóis vinda de fora. Um instante de hesitação da inimiga bastou para que Mia golpeasse forte e emendasse uma série de ataques que quebrou a guarda de Ishkah e abriu uma ferida comprida e feia no ombro dela, a pouca distância da garganta. Os presentes soltaram suspiros de admiração, e sangue verde como as folhas de um choupo borrifou do corte. Mia mandou uma das espadas da sedosa pelos ares e preparou um golpe para derrubá-la.

E então, como na primeira viragem em que ela pusera os pés na areia do Ninho do Corvo

ela perdeu o controle das sombras  
e a inimiga desviou.

O golpe de Mia passou longe, então as lâminas da sedosa reluziram e abriram um corte raso na mão da garota. A espada se soltou de sua pegada e saiu voando. Mia tentou contra-atacar com a outra lâmina, mas deu com uma muralha de aço e um golpe da mão vazia de Ishkah



que lhe roubou todo o ar dos pulmões. Mia cambaleou. A sedosa foi para trás dela e bateu com o cabo da espada na sua nuca. Mia ouviu sinos de catedral soarem dentro do crânio, o mundo duplicando-se em sua vista enquanto suas pernas vacilavam e ela caía quase sem sentido no chão.

A sedosa ergueu-se sobre ela, com as espadas prontas para golpear.

– Desista – ela exigiu, em voz seca como as asas de uma cigarra.

A testa de Mia tinha se aberto ao bater no chão, a cabeça ainda estava zozza. Arranhando o piso com as unhas, ela piscou para se livrar do sangue e chutou na tentativa de derrubar a sedosa. Ishkah desviou como uma dançarina, apertando as lâminas contra a garganta de Mia.

– Desista – disse de novo.

Mia olhou para o rosto abatido de Leona. Para Arkades, que balançava a cabeça em desdém. E por fim para Furian. Olhando nos seus olhos escuros, teve certeza, assim como tivera na viragem da luta com Arkades: o desgraçado a tinha feito perder o controle das sombras e permitido que a inimiga se soltasse.

Os dentes cerrados.

O ódio fervente nas entranhas.

– Até um cão sabe quando perdeu – veio uma voz dentre os sanguiais.

– Talvez a culpa não seja do cachorro – replicou Leonides –, mas da dona.

As bochechas de Leona coraram de raiva ao olhar para o pai, e se voltou para ele com os punhos cerrados. Arkades cochichou alguma coisa que Mia não pôde ouvir, e a mulher se aquietou, com o rosto vermelho, os olhos ardentes.

– Desista – ordenou.

– ...*desista, mia...*

Apenas uma viragem antes, Mia se apresentava triunfante diante de dezenas de milhares de pessoas, e cada uma delas entoava o seu nome. Agora, estava caída de bruços como um filhote castigado enquanto os medulares em volta soltavam risadinhas divertidas. Ela olhou para Furian, com o peito fervendo de ódio, os contornos da sua sombra ondulando. Mia conseguia sentir as trevas dentro de si, o negrume, querendo espalhar-se até o Incaído e destroçar o seu corpo membro por membro. Mas as lâminas contra sua garganta, a lembrança da sua família, a consciência de que ninguém naquele salão podia saber quem ela era de verdade: tudo isso a ajudou a conter a raiva e resfriar o peito. Não a esquecer. Nem a perdoar. Nunca.

E, devagar, Mia ergueu a mão trêmula e ensanguentada para o governador.

– Desisto – balbuciou.

Satisfeita, a sedosa tirou as espadas da garganta de Mia e as embainhou nas costas. O governador Messala olhou para os convidados. O clima tinha mudado, tingido de vermelho. O ar estava carregado de tensão, não apenas por causa do derramamento de sangue no círculo, mas pela óbvia inimizade entre dona Leona e o pai. Se havia uma coisa capaz de entreter os ricos e fúteis mais do que uma luta sangrenta eram os escândalos. Vê-los se manifestarem diante dos seus olhos era um esporte melhor para eles do que qualquer *venatus* sob os sóis.

– Você me enganou – disse Leona, com a voz trêmula.

– Você que se enganou – provocou o pai. – Quando começou esse seu colégio num fim de mundo. Eu avisei, Leona. As areias não são lugar de mulher, e o camarote dos sanguilas não é lugar para você.

Leona lançou um olhar para a sedosa.

– Melhor você não olhar, pai, mas a sua campeã tem seios.

O público riu baixo com a resposta certa de Leona. Incentivada, ela continuou:

– Mas talvez não seja a sua intenção levar essa campeã para a arena, não é mesmo? Notei a ausência do seu colégio na *ultima* de ontem, enquanto o meu conquistava os louros da vitória. Foi melhor apresentá-la como uma atração barata de um teatro de dois mendigos de esquina e roubar a minha glória a portas fechadas?

– Se você acha que foi enganada – ele declarou – deixe Aa e Tsana decidirem. O próximo *venatus* é em Alvatorre, daqui a quatro semanas. Vou botar a minha Ishkah para lutar com o seu Corvo. E já que você está tão desesperada, cara filha, aposto uma das minhas vagas no *magni* na vitória de Ishkah. Mas vai ser uma luta até a morte dessa vez, hein?

Leona olhou para os medulares em volta, abriu a boca para fal...

– Receio que a disputa seja desigual – disse uma voz. – E o público diria o mesmo.

Todos os olhos se voltaram para a voz rouca. Arkades, o Leão Vermelho, apareceu do lado da sua senhora, com um olhar fulminante para o antigo senhor. O rosto estava torcido numa carranca, a cicatriz cortando uma sombra profunda sobre seus traços. Mia conseguia ver a inimizade nos olhos fixos no homem por quem lutara e sangrara.

– Elogio o seu achado, sanguila Leonides – continuou o executus, olhando para a sedosa. – Nunca vi nada igual também. Nem mesmo em todos os meus anos *dentro* da arena. Mas seis espadas contra duas? Que honra há num combate assim?

Arkades olhou para Mia ainda estirada no chão, e então para Furian atrás de si.

– Especialmente quando o melhor do nosso colégio não participou

da luta.

Leonides encarou o seu antigo campeão com um sorriso calculista.

– Uma observação justa. Nunca se diga que Leonides desconhece a vontade do público – ele falou, em seguida correu os olhos pelos medulares presentes e deu asas ao artista dentro de si. – Leve os seus *três* melhores gladiatii para Alvatorre, então. Ishkah vai encarar todos. Seis espadas contra seis. Sem descanso, sem desistência. Uma luta para ficar na história, não é?

Arkades balançou a cabeça.

– Eu a...

– Fechado.

Os medulares olharam para Leona. A sanguila permanecia imóvel como uma rocha, com os olhos cravados no pai. Mia enxergava o ódio ali, puro e cego. Conhecia bem aquele rancor. Aquele fogo capaz de manter uma pessoa aquecida mesmo depois de o mundo ter ficado frio e escuro. Capaz de fazê-la continuar avançando, mesmo quando tudo no mundo a puxa para baixo.

Ela se perguntou o quê, exatamente, Leonides fizera para merecê-lo.

– Fechado – repetiu Leona. Ela olhou ao redor para os medulares sorridentes, os dentes manchados de vinho, os olhos cintilando. – Vejo você em Alvatorre, pai.

Leona saiu do salão batendo os pés, Furian logo atrás. Arkades e Leonides se entreolharam por um instante mais, ex-senhor e ex-campeão, agora amargos rivais. O executus coxeou até Mia e deteve-se diante dela, aguardando. A garota se levantou custosamente com um gemido baixo; os cílios colados de sangue, a cabeça latejando de dor. Acompanhou trôpega o executus para fora do salão.

– Arkades – chamou Leonides.

O homem se virou para o sanguila sorridente.

– Da próxima vez que falar com a sua domina, agradeça a ela por ter me poupado do erro de comprar o pequeno corvo. Se a sua senhora quiser recuperar um pouco das perdas, tenho uma casa de tolerância em Alvatorre que sempre tem vaga para uma nova boceta.

Leonides olhou Mia de alto a baixo com desdém.

– Talvez ela se saísse melhor com outro tipo de espada na mão.

Um risinho divertido ondeou pelos presentes. Arkades se virou e coxeou para fora sem uma palavra. Mia o seguiu, cabisbaixa, o cabelo escuro ocultando o rosto sujo de sangue. Ela sabia que era tolice, que não devia deixar aquele idiota pomposo irritá-la. Que, ao ganhar o *magni*, ela teria que derrotar os melhores lutadores de Leonides e o faria provar a vergonha da derrota também. Mas *ainda assim*...

Ainda assim...

Esfregar a cara daquele babaca na própria merda tinha se tornado uma prioridade ardente.

38 As lutas no calendário que precede o *venatus magni* costumam ser travadas e *mortium*, ou até a morte. Pouco mais aplacará o apetite das multidões, sem contar que não é possível alguém convencer um kraken-de-areia a interromper seu desjejum. Mas muitas lutas entre gladiatii são travadas e *navium*, até a rendição.

Embora também empreguem armas de verdade, os gladiatii podem recorrer a qualquer momento aos editorii para pedir que a luta termine; basta estender a mão aberta em súplica. Além disso, não se desferem golpes mortais no adversário caído ao fim da luta. Há abundantes lesões mesmo assim, mas mortes acidentais são raras em disputas e *navium*. Assim, os sanguilas podem avaliar a têmpera do plantel dos oponentes e construir a reputação dos seus colégios evitando a inconveniência de perder um lutador a cada derrota.

Antigamente, os sanguilas mais espertos usavam bexigas com sangue de galinha e lâminas falsas para dar uma aparência de morte, mesmo em combates oficiais de *venatus*, mas esse subterfúgio não durou muito: o público começou a perceber que os seus mortos favoritos não paravam de ressuscitar. Esses truques baratos foram proibidos pelos editorii em 34PR, e relegados aos atores e aos mímicos, seus donos de direito. Se alguém assiste a uma luta até a morte durante um *venatus* nas viragens de hoje, pode ter uma certeza:

Os lutadores permanecem mortos para caralho.

39 Nativos das Escarpas do Dragão na fronteira entre Vaan e Itreya, e apesar do nome até bonito, os sedosos são uma espécie aracnídea famosa por serem... vizinhos indesejáveis. O Domínio Sedoso está espalhado por milhares de quilômetros de penhascos inóspitos, e sua conquista pelas legiões de Itreya se mostrou extremamente custosa; apenas depois que todos os Andantes de Guerra do Colégio entraram em cena é que a rainha sedosa dobrou os joelhos.

Embora os sedosos tenham aparentemente jurado fidelidade à República de Itreya, o assento deles no Senado sempre esteve vazio, já que lhes disseram que apenas machos podem ter o título de senador (os machos sedosos são menores do que as fêmeas, e não têm veneno). O Senado, da sua parte, fica contente em deixar os sedosos no seu canto, e a ameaça de enviar alguém como embaixador ao Domínio é quase sempre um porrete que mantém os membros mais jovens e rebeldes na linha. Via de regra, os sedosos procuram evitar relações com a República ou seus cidadãos sempre que podem.

As fêmeas sedosas marcam as bochechas com cicatrizes rituais a cada ninhada que chocam. É alarmante a frequência com que assassinam seus parceiros depois do coito. E se você está se perguntando como a espécie continua a existir sob essas circunstâncias, a única coisa que posso lhe dizer é que, sim, as fêmeas possuem vagina e, sim, os machos têm pênis.

O resto é autoexplicativo.

# Capítulo 20

## Três

– Furian, com certeza – disse Arkades.

– Nem precisava dizer – respondeu Leona. – Ele é o nosso campeão.

– Tem certeza, mi dona? Pensei que talvez a senhora tivesse se esquecido dele.

Leona, os dedos unidos no queixo, fulminou o executus com o olhar.

– Não me esqueço de nada, Arkades. E perdoo ainda menos.

A dupla se sentava num pequeno camarote no *Cão da Glória*; o navio subia e descia entre rangidos pelo mar. Tinham zarpado na viragem seguinte ao banquete na casa do governador Messala e, quatro viragens longe do Ninho do Corvo, Leona e Arkades tentavam decidir quem deveria enfrentar a sedosa. A magistrae sentava-se atrás da sua senhora, cujos cabelos ajeitava em sofisticadas tranças. E, sob sua cadeira, empoçado na sombra, havia um gato que nem de longe era um gato de verdade.

– Podíamos recusar a luta – disse Arkades. – Apostar as nossas fichas na *ultima*.

– Precisamos de dois louros de hoje até a vernaluz, executus – replicou Leona. – E Alvatorre é o último *venatus* antes do *magni* no calendário.

– Nossos equillais podem nos conquistar um louro. Bryn e Byern ficaram bem perto do primeiro lu...

– Podem, mas e se perderem? – perguntou Leona. – Mesmo com uma vitória na *ultima* depois disso, ainda nos faltaria uma. A única maneira de *garantir* Godsgrave é ganhar a aposta do meu pai e vencer aquela porra de sedosa.

– Cuidado com a língua, domina – censurou a magistrae.

– É – suspirou Leona. – Perdão.

A mulher mais velha franziu a testa em pensamento e retomou o trabalho no cabelo de Leona.

– Perdão, domina, mas se a senhora ganhar a luta contra a campeã do seu pai, os editorii vão honrar a aposta?

– Há precedentes muito antigos – explicou Arkades enquanto brincava com o castão da bengala. – Colégios tradicionais costumam seduzir sanguilas jovens e menos experientes para combates desiguais com a promessa de uma vaga no *magni*.

Leona encarou o homenzarrão com um olhar seco.

– Bom, quanto tato da sua parte.

– Ele está *jogando* com a senhora, mi dona – replicou Arkades. – A vaga é a isca e a aposta, o laço. Não satisfeito com arruinar os seus

patrocínios, seu pai quer que a senhora mande os seus três melhores gladiatii para serem massacrados e, com eles, o futuro do colégio.

– Sem o *magni*, não temos futuro! – disparou Leona.

O silêncio ecoou na cabine, interrompido apenas pelo rangido das tábuas e as incessantes ondas que se quebravam contra o casco. Senhor Simpático bocejou e lambeu a pata.

– Furian, então – suspirou Arkades.

– Sim – concordou Leona. – E Corvo junto com ele.

O executus se inclinou para a frente, balançando a cabeça.

– Mi dona...

– A não ser que as próximas palavras a saírem da sua boca sejam “que ideia esplêndida e, à propósito, o seu cabelo está maravilhoso”, não quero ouvir nada, Arkades.

O executus cofiou a barba e tentou, em vão, esconder o sorriso.

– Ah, ele ainda sabe sorrir – provocou Leona. – Pensei que você tivesse desaprendido.

– Com todo respeito...

– Ela é a Salvadora de Temporal! – suspirou Leona.

– Aquela sedosa quase partiu a porra do crânio dela!

– A língua! – censurou a *magistrae*.

Arkades resmungou desculpas enquanto Leona continuou:

– Corvo perdeu no palazzo de Messala, sim, mas o povo não sabe disso. Os cidadãos esperam que ela empunhe a espada sob a nossa bandeira. Pelas Quatro Filhas, Arkades, ela acabou com uma serpente-cuspideira quase sozinha. Você mesmo declarou que a luta contra a sedosa foi injusta. Corvo ganhou um louro para o nosso colégio, e honrou meu nome diante de toda a arena. Merece *algum* crédito, não?

O homenzarrão permaneceu calado por um instante e, por fim, assentiu contrariado.

– Ela não consegue levantar um escudo para se defender. Mas o Caravaggio dela é... aceitável.

– Que elogio – disse a *magistrae* com um suspiro. – Que a garota não escute você falar assim, ou o sucesso vai subir à cabeça.

Leona e Arkades trocaram sorrisos enquanto a idosa começava uma nova trança.

– Então – suspirou o homenzarrão. – Furian e Corvo. Quem vai ser o terceiro?

Leona fez um bico e levou o dedo aos lábios.

– Carniceiro?

– Ele não se dá bem em grupo.

– Fazondas?

– Bom com a espada, mas acho que falta técnica.

– A senhora me permite uma opinião, domina? – perguntou a *magistrae*.

– Ah, claro, que boa ideia! – bufou Arkades. – Conselho da babá. A quem vamos pedir ajuda depois? Ao camareiro?

Leona lhe lançou um olhar seco.

– Fale, magistrae.

A mulher madura arqueou uma sobancelha grisalha para Arkades antes de continuar.

– Confesso que não sou especialista. Mas o ponto forte de Corvo parece ser sua velocidade. Assim, parece ser necessário alguém que feche a lacuna entre a rapidez dela e a força de Furian.

Leona e Arkades se entreolharam e falaram em uníssono:

– *Cantespadas*.

Arkades se recostou na cadeira e olhou para o nada.

– Ela tem a envergadura que falta ao Corvo e a velocidade de que Furian precisa. Pode dar certo.

Leona se inclinou para a frente e apertou a mão dele.

– *Tem* que dar certo – ela emendou.

Arkades olhou para a mão dela sobre a sua. Sua pele era branca, seus dedos delicados, suaves como a seda. A mão dele era queimada de sóis, rachada feito couro velho, calosa pelo manejo da espada e pelo desgaste da vida na areia.

Ele engoliu em seco. Hesitou, como se estivesse prestes a dar um mergulho fundo. E, envolvendo a mão dela na sua, levou-a até os lábios.

– *Vai* dar certo, mi dona – ele murmurou. – Juro.

Leona piscou surpresa, a mão presa aos lábios de Arkades, sem saber para onde olhar. A magistrae aparentava espanto. Mas, sem dar a sua senhora chance de reagir, Arkades soltou sua dona, levantou e, bengala à mão, coxeou até a porta. Detendo-se no umbral, voltou-se para Leona.

– A propósito, o seu cabelo *está* mesmo maravilhoso.

E, com isso, se retirou.

—Não!

A espada de treino acertou o lado de Mia e a pôs de joelhos. Cantespadas atacou com um grito valente, mas Arkades já desviava e descia a outra espada no antebraço da mulher. Ela trombou com Furian e um contragolpe de Arkades mandou os dois para o chão.

O trio caído sobre a areia resfolegava, encharcado de suor até os ossos.

– Vocês ouvem, mas não escutam! – urrou o executus, mancando de um lado para o outro diante deles. – A Exilada é diferente de qualquer outro inimigo que já enfrentaram. Seis espadas empunhadas com um único propósito. Oito olhos para acompanhar cada movimento de

você. Eu só tenho dois de cada e não conseguem me vencer. Como, pela porra das Quatro Filhas, pretendem ganhar dela?

Eles passavam a viragem treinando – todas as viragens desde que tinham voltado ao Ninho do Corvo. Os outros gladiatii treinavam ao redor, mas a verdade é que todos os olhos estavam nos quatro dentro do círculo; todos observavam Arkades mandar seus oponentes para o chão uma vez após a outra. Os dois sóis pendiam intensos no céu, fervilhando com todo o calor do auge do verão, ardendo em dourado e vermelho-sangue. E quem se esforçava para enxergar notava um quê de azul mais forte no horizonte, um anúncio da chegada lenta do terceiro olho de Aa.

A veraluz estava próxima e, com ela, o *magni*. E os falcões do Colégio Remus estavam apenas um pouco mais próximos de suas areias do que três meses antes.

– De pé – ordenou Arkades. – Movam-se com determinação e ataquem como uma só coisa.

– Tarefa difícil – resmungou Cantespadas – quando dois de nós atacam com objetivos contrários.

Mia secou o suor da testa e lançou um olhar furioso para Furian. O Incaído retribuiu, os olhos negros reluzindo como obsidiana. Ele se pôs de pé e ofereceu a mão para Cantespadas, puxando-a da areia. Ignorando Mia completamente, ele pegou a espada e o escudo e assumiu a posição de guarda.

Mia se levantou com as espadas de treino na mão.

– Ataquem! – berrou o executus.

Sem esperar pelas outras, Furian desferiu uma sequência de golpes contra Arkades, fazendo-o recuar sobre a areia. O executus costumava se conter nos treinos; expunha as fraquezas dos parceiros sem a intenção de castigar. Mas nas últimas viragens Mia começou a perceber o quanto o antigo campeão se segurava. Arkades era um deus das areias; mesmo sem uma perna, se movia feito água, golpeava como um raio, defendia como uma montanha. Seus ataques faziam até o ar sangrar, sua defesa não tinha falhas, e ele castigava cada erro com um golpe de partir os ossos.

Arkades desviou do ataque de Furian, mandou o campeão de costas para a areia e se voltou para Cantespadas e Mia. A dupla se movia bem em conjunto. Mia encaixou seus golpes por baixo das espadadas da mulher mais alta e alvejou a barriga e as pernas de Arkades. Acertou de raspão o estômago do executus, mas, ao se esquivar do contragolpe do Leão Vermelho, deu de frente com Furian, que tinha se levantado e se atirado à luta de novo.

– Atenção, porr...

Uma lâmina de madeira estralou na têmpora de Mia e a mandou pelos ares. Arkades desarmou Cantespadas e cruzou armas com



Furian, a quem derrubou com uma cotovelada no queixo. A dweymeri rolou na areia, os nós de sal voaram, para recuperar as armas, mas soltou um palavrão quando Arkades arremessou as duas espadas e acertou na garganta e no peito.

Ele se aproximou de mãos vazias, arfando enquanto lançava um olhar fulminante para o trio derrotado.

– Patético – disparou.

– Essa vaca idiota ficou na minha frente – resmungou Furian.

– Ah, Furian – suspirou Mia, um olhar gélido cravado nele. – Se tem uma coisa que aprendi na vida foi não ligar quando um boi me chama de vaca.

– Eu sou um boi? – Furian se levantou do chão, e Mia seguiu, com a mesma velocidade.

– Basta! – vociferou Arkades.

A dupla permaneceu imóvel, olhos nos olhos, prontos para atacar. Mia podia sentir sua sombra tensa nas margens, como a água atrás de uma barragem. Se ela não a estivesse segurando, tinha certeza de que sua sombra atravessaria a areia até a sombra de Furian, com as mãos torcidas em garras. A garota cerrou os dentes e lutou para se acalmar, piscando para tirar o suor dos olhos. Se perdesse o controle ali, se todos descobrissem o que era...

– Basta por hoje – afirmou o executus. – Corvo, Cantespadas, vão treinar nos bonecos de madeira. Precisam golpear mais forte se querem quebrar a guarda da sedosa. Furian, trabalhe os pés. Precisa de mais ritmo para vencer essa oponente.

Mia e Furian trocaram um olhar inflamado e não moveram um músculo.

– Andem! – berrou Arkades.

Cantespadas apanhou as espadas caídas, marchou para o outro lado do pátio e começou a bater furiosa nos bonecos. Mia foi atrás, devagar, com os olhos apertados ainda fixos em Furian, a sensação de ódio frio fervilhando com o enjoo e a fome que ela sentia na barriga sempre que ele estava por perto.

*Porco idiota do caralho...*

Posicionando-se ao lado de Cantespadas, Mia imaginou a cabeça de Furian sobre os ombros do seu boneco de madeira e começou a golpeá-lo sem dó. O suor empapava sua pele, o cabelo caía por cima dos olhos, e ela acertava a espada com tudo contra a barriga, o peito e aquela cara de merda.

– Vou acabar morta por culpa de vocês – resmungou Cantespadas, balançando a cabeça.

– É Furian quem semeia a discórdia, não eu.

– Os dois – disparou a mulher. – Não sei por que vocês não encontram um cantinho escuro e bacana para transar e acabam com

isso.

Mia fez um som de desdém.

– Preferia que Carniceiro metesse em mim.

– Então qual é o problema entre vocês dois? – Cantespadas fez uma pausa para amarrar as tranças de sal que iam até o chão no alto da cabeça. – Vocês cospem veneno, mas não tiram os olhos um do outro.

Mia fez a mesma pergunta a si mesma. Por que sentia *atração* por Furian se era um babaca traidor e insuportável? Ela teria ganhado da sedosa se ele não tivesse interferido. Em vez disso, levou uma surra pública e Leona perdeu toda e qualquer chance de patrocínio com os medulares de Temporal. A lealdade dele à domina se manifestava de uma maneira estranha. E, no entanto...

Ela não conseguia negar. Apesar dos sentimentos complicados por Ashlinn, sentia atração por Furian. E, embora o Incaído fosse sem dúvida atraente, a coisa ia além do desejo. Nascia dos ossos. Era o mesmo que ela sentia quando Lorde Cassius estava por perto. Algo além da luxúria e mais parecido com... nostalgia. Como a falta que um amputado sente do membro perdido. Como um quebra-cabeça à procura de uma de suas peças.

*Mas por quê?*

Cleo falava disso no seu diário. Caminhar pela terra, sentir atração pelos outros sombrios, como uma aranha é atraída por moscas, e depois...

...depois comê-los.

Mas que abismo isso queria dizer?

*Os muitos eram um. E serão de novo; um sob os três, para erguer os quatro, libertar o primeiro, cegar o segundo e o terceiro.*

*Ó, Mãe, negríssima Mãe, o que me tornei?*

Mia balançou a cabeça, cuspiu no chão.

– Não faço a mais puta ideia.

– Bom, é melhor você pensar nisso, e arranjar uma solução – preveniu Cantespadas. – Porque, se arriscarmos nossas vidas num combate desse jeito, nós três vamos parar no Lume antes da veraluz, pequeno corvo.

A mulher voltou a bater no boneco, concentrada. Mia lançou um olhar para Furian do outro lado do pátio, o estômago torcido em nós de raiva.

– Não tem como argumentar com ele. Já tentei. Ele é um idiota ignorante.

*Pá!*, fazia a arma de Cantespadas contra o alvo.

– Furian é muitas coisas – ela bufou. – Teimoso, talvez. Arrogante, com toda a certeza. Mas jamais um ignorante.

– O caralho. – Mia acertou o pescoço do boneco de madeira. – Você já tentou conversar com ele?

– Ah, já – confirmou Cantespadas. – É como meter a cabeça numa parede de pedra. Honra. – *Pá!* – Disciplina. – *Pá!* – Fé. Esses são os princípios que o definem. Mas, acima de tudo, o Incaído é o campeão, e você é uma ameaça para ele nesse sentido. – A mulher deu de ombros. – O maior abismo entre as pessoas é sempre o orgulho, pequeno corvo.

Mis suspirou, olhando de novo para Furian.

– Suspeito que sejam sábias palavras.

*Pá!*, fez a espada da dweymeri contra o alvo outra vez.

– Não são minhas – ela bufou. – É do Livro dos Cegos.

Mia acertou o pescoço do boneco.

– Isso não é um livro sagrado liisio?

– É – confirmou Cantespadas. – Sei de cor. Tínhamos que ler os textos sagrados de toda a República. – *Pá! Pá!* – As suffis de Farrow querem que você tenha uma perspectiva mais ampla antes de entrar para a ordem. Conheça o mundo, conheça a si mesmo.

Mia inclinou a cabeça de lado, olhando de esguelha para a camarada. Agora tudo fazia sentido. As tatuagens pelo corpo inteiro. Os cânticos que de vez em quando ouvia por debaixo da porta de Cantespadas.

– Você era sacerdotisa?

– Só novícia. – *Pá!* – Nunca cheguei a pronunciar meus votos perpétuos.

– Então que abismo – *pá! pá!* – você faz aqui?

Cantespadas deu de ombros.

– Ataque de piratas. Venda rápida. A velha história.

Mia balançou a cabeça, enojada.

– Velha demais.

– As suffis me deram esse nome – *pá!* – quando nasci.

Mia dobrou-se sobre si, com as mãos no joelho, arfando.

*Mãe Negra, que calor...*

– Te deram esse nome?

Cantespadas parou de espancar o boneco de madeira e limpou o suor da testa.

– Você sabe como os dweymeris ganham nome, pequeno corvo?

Mia fez que sim, lembrando-se da história que Tric tinha lhe contado na Montanha Silenciosa.

– Levam você até a Farrow quando pequena – ela disse. – Para o Templo de Trelene. A suffi ergue você para o oceano e pergunta para a Mãe qual é o caminho à sua frente, então lhe dá um nome que combine com ele.

– Cantespadas foi o nome que ela me deu – a mulher respondeu. – Não Canta-Hinos. Nem Cantareza. *Cantaespadas*. E que desgraça será – ela disse, apontando a espada de treino para a cara de Mia – se o

canto final da minha espada acontecer porque você e Furian não conseguem concordar com merda nenhuma. Transe com ele. Dê uma facada nele. Dê uma facada enquanto transa com ele. Não me importa. Mas resolvam isso antes de matarem a gente.

Mia lançou outro olhar para Furian, que treinava a velocidade dos pés num canto do pátio. Enquanto ela olhava, ele levantou a cabeça e a encarou com um olhar negro e ardente.

– Vocês duas! – gritou Arkades. – De volta ao trabalho!

Mia soltou um suspiro. Mas, como sempre, obedeceu.

—Eu desconfiava que ia ver você, bruxa – disse Furian.

Mia olhou para os dois lados do corredor. Senhor Simpático seguia os guardas de ronda; não havia chance de eles a pegarem. Mas, sem seu passageiro, sua barriga era um emaranhado de fome e trepidação, piorado ainda mais pela presença do homem que viera ver. Ela escondeu o garfo/gazua roubado na tanga e permaneceu na expectativa no umbral do quarto do Incaído.

Esperando.

Espera  
ndo

– Posso entrar ou não, porra? – disparou afinal.

– Se quiser – Furian disse com uma expressão amarga. – Embora, se a saliva fosse minha, não me daria ao trabalho de gastá-la.

Mia fechou a cara e entrou, fechando a porta atrás de si. Correu os olhos pelo quarto e viu que tudo estava do mesmo jeito desde a sua última visita: o oratório a Tsana, a trindade de Aa rabiscada na parede, o incenso aceso. A cama estava limpa, bem-feita. Talvez preparada para mais uma visita da domina?

Pelo menos Furian estava vestido dessa vez, embora, naquele lugar, isso não significasse muito. O torso nu com os músculos salientes, a pele bronzeada pelo trabalho sob os sóis. Ele era um ídolo dourado, recém-saído da forja. E um babaca insuportável, cuspidor das profundezas do abismo.

Ela o odiava. Ela o queria. Nenhuma das duas coisas e as duas ao mesmo tempo.

Mia olhou para a sua sombra, que pairava como fumaça pela parede, estendendo mãos translúcidas para a de Furian. A sombra do Incaído correspondia, tremendo, mas, com um esforço visível, ele a mantinha na linha enquanto encarava Mia com os olhos negros e profundos.

– Controle-se – vociferou.

Mia cerrou os dentes e segurou sua sombra, que recuou, relutante, o cabelo esvoaçando como se estivesse ao vento, a mão estendida como

a de uma amante em despedida. Então, ela pensou em Ashlinn e sentiu uma pontada passageira e inexplicável de culpa. Queria duas pessoas e não queria nenhuma, sem prometer nada para ninguém. Mas, comparada com Furian, uma traidora com lábios de mel e língua venenosa parecia uma escolha bem fácil...

– O que você quer, bruxa? – perguntou o Incaído.

– Sou tão bruxa quanto você, Furian.

– Não tenho nada a ver com as trevas – ele disparou. – Não passo pelas sombras nem me esgueiro pela casa da domina feito um ladrão.

– Não, você só ameaça derrubar as paredes por cima da cabeça dela, seu merdinha.

– Você ousa...

– Ah, ousa, sim – respondeu Mia. – Essa é a principal diferença entre mim e a maioria das pessoas.

– Eu luto pela glória deste colégio. Pela glória da nossa domina.

– Você fez a nossa domina perder patrocínios em Temporal! – sibilou Mia. – Tudo o que precisava fazer era manter o pinto dentro da tanga e me deixar dar uma surra na sedosa, e Leona estaria com ouro até as tetas.

– Você invocou as trevas na luta contra a Exilada – disse Furian, cruzando os braços. – Se eu permitisse que ganhasse com suas obras do demônio no palazzo de Messala, você teria manchado o coração desta casa. Prefiro passar fome a comer comida comprada com dinheiro desonesto, e prefiro morrer a ganhar louros que não tenha merecido.

– Não tenha merecido? – Mia estava descrente. – Vai se *foder*, seu idiota metido. Quantas serpentes-cuspideiras você matou ultimamente?

– Uma vitória sem honra não é vitória – ele respondeu. – Senti você invocar as trevas quando venceu o monstro. E não vou permitir que ganhe mais falsos elogios para este colégio com as suas bruxarias.

– E aí você usa a mesma bruxaria para foder com a minha vida? – Mia se pegou levantando a voz e tentou segurar o gênio. – *Você* invocou as trevas quando me impediu de vencer a sedosa. Isso não parece um pouquinho de hipocrisia?

Furian avançou sobre a garota, com os punhos cerrados.

– Fora daqui, Corvo.

A sombra dele se incendiou, rastejando pela parede na direção da de Mia. A dela foi ao seu encontro, se contorcendo e erguendo-se feito uma víbora, as mãos tornadas garras. A garota era capaz de jurar que o quarto tinha esfriado, que sentiu calafrios na nuca, uma fome deflagrando-se na barriga e ameaçando engoli-la por inteiro.

– Não.

Mia fechou os olhos, balançou a cabeça. Forçou a escuridão para

dentro de si. Nada estava saindo como planejado. Era para ela segurar o gênio, falar de maneira sensata. Ela não sabia o que a presença de Furian lhe causava, por que ele a deixava tão propensa à raiva, tão ansiosa por uma briga, o que isso queria dizer. Tudo o que sabia era que...

– Temos de chegar num acordo – ela disse, abrindo os olhos, as mãos espalmadas em súplica. – Furian, me ouça. Se lutarmos juntos na arena do jeito que estamos, você, eu e Cantespadas seremos massacrados. De que isso adiantaria à nossa domina?

– Você pode achar que não tem valor sem a bruxaria para ajudar, garota – disse o homem, batendo no peito. – Mas eu sou o Incaído. Lutei por quase uma hora nos sóis ardentes de Talia, matei duas dúzias de homens para ganhar meus lou...

– Ishkah não é a porra de um homem! Você a viu lutar no palazzo de Messala. Com duas espadas, seria páreo para qualquer um de nós. Com seis? Numa luta até a morte? Ela vai nos cortar em pedaços.

– Como você vive com a sua consciência? – O Incaído balançou a cabeça. – Sem fé no Pai nem nas Filhas, sem fé em si mesma? Apenas sombras, trevas e trapaças.

– Não cometa o erro de achar que me conhece, Furian. – Ela olhou para a sombra trêmula do campeão e balançou a cabeça. – Você não conhece nem a si mesmo.

– Fora.

– Está esperando outra convidada, é? – Mia lançou um olhar para a cama.

Furian arregalou os olhos, com o rosto escurecido de raiva. Ergueu a mão para empurrar Mia para trás, e ela entrou em ação, jogando a mão dele para o lado e imobilizando seu braço. Ele a pegou pelo pulso e a bateu contra a parede. Entre resmungos e ofensas, a dupla se engalfinhava. Daquela distância, Mia conseguia sentir o cheiro do suor recente dele, o calor da pele dele contra a dela, raiva, luxúria e fome entrelaçadas. Pela tanga, sentia a ardência do membro dele, endurecendo contra sua cintura. Ela queria beijar Furian, morder, abraçar, enforçar, transar, matar; tinha os dentes arreganhados numa careta, o coração latejando no peito, os lábios a apenas um centímetro d...

– Aa misericordioso... – balbuciou Furian.

Ela seguiu o olhar do Incaído até as sombras de ambos na parede, e perdeu o fôlego com o que viu. As sombras estavam enroladas feito serpentes, contorcendo-se e curvando-se como fumaça. Tinham perdido completamente o formato; eram duas manchas negras amorfas, uma enlaçada na outra. Mia notou que estavam duas vezes mais escuras do que deveriam, assim como quando Sr. Simpático ou Eclipse estavam com ela. O quarto estava claramente mais frio, e a

pele dela se arrepiava, o desejo deixando suas coxas trêmulas.

Furian a empurrou, recuando com o rosto cheio de horror. As sombras continuaram unidas em nós, e o homem mostrou três dedos – o sinal de Aa para afastar o mal. Como mechas de cabelo enroladas, as sombras se separaram devagar e retomaram o formato humano. Tentavam manter-se juntas, unindo braços, mãos e depois as pontas dos dedos. A sombra de Furian foi voltando ao lugar à medida que ele recuava ainda mais. A de Mia pulsava e latejava na parede, como o mar na maré cheia.

– O que somos? – sussurrou a garota.

Furian arfava, com o cabelo comprido e escuro se movendo como que por conta própria. Ele pegou as mechas e as amarrou por cima da cabeça antes de responder, amargo:

– Não somos nada, nem eu nem você.

– Somos a *mesma* coisa. É isto que *somos*, Furian.

– *Isto* – Furian disparou, apontando o dedo para a trindade na parede – é o que sou. Um filho fiel e temente de Aa. Banhado pela luz dele e educado por sua escritura. *Isto* – ele disse, apontando para as espadas de madeira – é quem eu sou. Gladiatii. Invicto. Inquebrantável. Incaído. E assim permanecerei, ainda que mil sedosos se levantem entre mim e o *magni*.

– Se a liberdade é tão importante para v...

– Não se trata de *liberdade* – ele esbravejou. – E aí está mais uma diferença entre nós dois. Para você, ser gladiatii é uma máscara a usar. Para mim, a areia, o público, a glória, é o que me faz acordar. O que me faz *respirar*.

Furian atravessou o quarto e ouviu atento o que havia do outro lado da porta. Então a abriu. Lançou um olhar fulminante para Mia, aparentemente receoso de tocá-la de novo.

– Fora daqui, Corvo.

Ela não o tinha convencido. Não tinha nem chegado perto. A merda do orgulho dele. O senso de honra idiota. O medo de quem e do que ele era. Mia não compreendia nada daquilo. E, apesar de ambos serem sombrios, a garota percebeu que na verdade eram duas pessoas completamente diferentes. Que, por mais que tivessem uma afinidade nas sombras, naquele momento, naquela vida, naquela carne, os dois eram tão semelhantes quanto a veraluz e a veratreva.

*De que serve a chave, se você não vê suas correntes?*

E assim, suspirando, ela cruzou a porta do quarto e saiu ao corredor.

– Por que você é assim? – ela perguntou baixo. – O que você era antes?

– Exatamente o que você será ao fim do *magni*, garota. – Furian fechou a porta na cara dela com uma última palavra: – Nada.

# Capítulo 21

## Favor

– Muito bem – disse Sidonius. – Vejam só o que o gato de sombras trouxe pra casa.

Mia estava agachada no chão da cela, ainda zonza por causa da passagem. O alojamento estava quase totalmente escuro, e o silêncio era interrompido apenas pelo ronco baixo e os resmungos involuntários dos gladiatii ao redor. Sidonius estava do seu lado da cela, os olhos semiabertos. Senhor Simpático tinha avisado que o homem estava desperto, mas ele já conhecia o segredo dela mesmo. Bom, *alguns* segredos...

Não fazia sentido tentar esconder o que ele já sabia.

– Você trouxe alguma comida, ou o quê? – perguntou Sid.

Mia sorriu e jogou para o homem um pedaço de queijo que tinha roubado na cozinha. Ele abriu um sorriso de orelha a orelha, deu uma mordida e falou com a boca cheia:

– Você é mais silenciosa que peido na Igreja.

– Estava à minha espera? Que bondade a sua.

– Não, e saiba que na verdade você interrompeu um sonho lindo em que eu estava com a magistrae, um chicote de cavalo e uma cama de plumas.

– A magistrae?

– Tenho uma queda por mulheres mais velhas, pequeno corvo.

– Você tem uma queda por qualquer coisa com duas tetas, um buraco e pulso, Sid.

– Ah, você me conhece bem – sorriu o grandalhão com o queixo erguido num brinde. – Mas, Quatro Filhas, gosto do seu estilo, pequeno corvo.

– Pena que Furian não pode dizer o mesmo.

– Ah, era lá que você estava, então? Ele é bem-dotado? Quando um sujeito anda por aí cheio de pose, geralmente quer compensar a minhoquinha no meio das pernas.

Mia se lembrou da sensação do pau dele contra sua cintura e contraiu as coxas para intensificar a lembrança. Ela estava mais à flor da pele depois do encontro com o Incaído. Inquieta e transbordante. Tentando ignorar tudo e clarear as ideias.

– Eu não estava na cama com ele, Sid – ela resmungou. – Estava tentando convencer o idiota a não me fazer morrer.

– Bom, como viajante do mundo que sou, posso dizer que você ficaria surpresa de saber como uma punheta rápida ajuda a refazer relacionamentos desgastados.



Mia chutou palha no companheiro de cela, mas não conseguiu segurar o riso.

– Seu porco.

– Como eu disse, você me conhece bem, pequeno corvo.

– Se Furian e eu não aprendermos a lutar juntos, a sedosa vai usar minhas tripas para fazer linguiça.

– Ela é tão terrível assim?

– Ah, não tenho medo dela. Mas é a melhor espadachim que já vi.

– Ah, é? E quantos outros espadachins você já viu, pequeno corvo?

– Minha cota.

– Hmmf – bufou Sid e se escorou na parede para olhar Mia de alto a baixo. – Com você a coisa é um segredo dentro do outro. Não tem nem dezoito anos. Uma magrelinha, e melhor com a espada do que eu. Mas sabe que sempre tem uma alternativa a virar comida de sedosa, não tem?

– E qual é? – perguntou Mia em voz baixa. – Assassinar Furian enquanto ele dorme e torcer para que Leona coloque Cantespadas e eu com alguém que não seja um cabaço insuportável?

Sidonius levantou as mãos e gesticulou como se elas fossem um par de asas.

– Voar, voar, pequeno corvo.

– Não é uma escolha.

Sid desdenhou.

– Você entra e sai nessa cela mais vezes do que um adolescente descabela o palhaço. Pode fugir daqui a hora que quiser. Então, se o cabaço campeão vai acabar te fazendo morrer, por que não escapa?

Mia suspirou.

– Se eu escapasse, todos vocês seriam executados.

– Besteira – disse Sid. – Observo você, Corvo. Observo você *nos* observando. Arkades. Leona. Furian. Eu. As engrenagens atrás desses olhos sombrios estão sempre girando. E embora não seja a mais fria das pedras de gelo, não dá para dizer que liga muito se estamos vivos ou mortos. Especialmente porque é provável que todo mundo morra no *venatus* mesmo. Então qual é o seu jogo?

– Acredite, Sidonius – respondeu Mia. – A última coisa que estou fazendo aqui é jogar.

– Como quiser, então. – Sid deu outra mordida no queijo e balançou a cabeça, melancólico. – Para ser sincero, você me lembra de uma mulher que conheci. Esperta para caramba. Com os mesmos olhos que você. A mesma pele. Um segredo dentro do outro também.

– Alguma paixão antiga? Ela partiu seu coração, é?

– Nada. – Sid balançou a cabeça. – Nunca a amei. Mas a maioria dos homens que conheci amava. Ela quase pôs a República de joelhos. Mas, no fim, ela, seus olhos sombrios e os segredos dentro de segredos

mataram a família. Marido. Filhinha. Bebê. E um monte dos meus melhores amigos.

A barriga de Mia gelou. Os olhos semicerraram-se.

– De quem você está falando?

– Da antiga dona desta casa, claro – disse Sid, apontando para as paredes. – Esposa do verdadeiro justicus. Alinne Corvere. – Ele balançou a cabeça. – Puta burra do caralho.

Mais tarde, Mia não se lembraria de ter se mexido. Só recordaria do estalo satisfeito que o seu primeiro soco produziu ao acertar o queixo de Sidonius, do estrondo da cabeça dele contra a parede. O grandalhão xingou, tentou afastá-la enquanto ela segurava sua garganta e socava bochecha, têmpora, nariz.

– Você perdeu a...

– Retire o que disse – ela vociferou.

– Sai de cima de mim!

Mia e Sidonius caíram engalfinhados, e o grandalhão a imobilizou no chão enquanto ela desfigurava seu rosto.

– Retire! – ela urrava.

Os dois rolaram pela palha, entre socos e empurrões. Alguns outros gladiatii acordaram com o barulho: Cantespadas espiou pela fenda na porta da cela, Otho e Felix começaram a torcer quando perceberam a briga e se espremeram contra as barras para ver melhor.

– Calem a boca aí! – gritou Carniceiro da cela em frente.

– Paz, Corvo! – gritou Sidonius.

– ...*mia, pare com isso...*

– *Retire* o que disse!

– Retirar o *quê*?

Sidonius acertou Mia no queixo, ela o socou na garganta. Engasgando, o grandalhão pegou a garota pelo cabelo e bateu a cabeça dela contra as barras, fazendo o mundo todo soar feito um gongo. Golpeando às cegas, vendo estrelas, ela acertou um chute selvagem nas bolas dele. Os dois gladiatii caíram sobre o chão de pedra, arfando, sangrando, a ferida na testa de Mia causada pela sedosa aberta mais uma vez, Sid gemendo com a mão nas partes.

– ...*mia, pare, arkades vai ouvir...!*

O suspiro de Sr. Simpático atravessou a névoa vermelha na cabeça da garota e a fez recobrar o juízo. O não-gato tinha falado a verdade: se a briga continuasse, o executus com certeza ouviria, e eles acabariam açoitados. Ela acertou um último chute em Sidonius, que rolou pelo chão, xingando, e se arrastou para um canto da cela como um cachorro castigado. Mia foi para o outro lado. Ambos resfolegavam e se lançavam olhares de raiva através do piso de pedra sujo de sangue.

– Que a-abismo... foi isso? – Sid conseguiu falar afinal, a voz quase

uma oitava mais aguda.

Mia passou os dedos ensanguentados pelos lábios ensanguentados.

– *Ninguém* fala assim dela.

– Dela qu...

Sidonius piscou, surpreso. Os olhos azuis feito gelo se estreitaram ao focar na garota que arfava e chiava no canto. Que tirava os cabelos escuros e compridos dos olhos, olhos que o faziam lembrar de...

– Não pode ser... – ele balbuciou.

Sidonius olhou para as paredes ao redor. De novo para a garota. Mia viu o quebra-cabeça se montar lentamente, a matemática impossível, tudo se encaixando num lugar insano nos olhos dele. A garota que não queria escapar, apesar de poder sair quando quisesse. A garota que parecia determinada a lutar na disputa mais sanguinária inventada na história da República, para conquistar uma liberdade que podia ter quando quisesse. Então, se a questão não era a liberdade...

– Corvo – ele sussurrou. – E aqui estamos, no Ninho do Corvo...

...devia ser ganhar.

– Você é... – ele murmurou. – Você é a...?

Ela sentiu dentro de si. Por trás da dor dos golpes de Sid, por trás do sangue latejando na cabeça e descendo pelos olhos. O peso. Estar cercada toda viragem por lembranças de quem fora, de quem poderia ter sido, de tudo o que lhe fora tirado. A frustração e a fome que sentia perto de Furian, a confusão e o desejo que sentia perto de Ashlinn, a enormidade da missão diante de si. Não temia perante isso tudo, não, a coisa na sua sombra não permitia. Mas sentia tristeza. Arrependimento, por tudo o que era e pelo que poderia ter sido.

E, só por um segundo, só por um instante, o peso foi demais.

Os outros gladiatii se deram conta de que o espetáculo tinha acabado e voltaram aos seus lugares na palha. Mia se curvou, abraçando os joelhos arranhados, encarando Sidonius por trás da franja repicada. Com os lábios tremendo. Os olhos ardendo na escuridão.

– *Retire* – murmurou, lágrimas transbordando para os cílios.

– Paz, Corvo – murmurou o homem enquanto esfregava o sangue do nariz. – Perdão se ofendi. Eu não... Não *tinha* como...

Ele a encarava admirado, e mais uma vez olhou para as paredes ao redor. Pedra vermelha, barras de ferro, correntes enferrujadas. Nada daquilo a podia deter. E, no entanto, lá estava ela...

– Quatro Filhas, sinto muito...

Mia permaneceu encolhida no escuro, sentindo os olhos dele, a pena dele, escalando sua pele como piolhos. Era insuportável – a fraqueza que demonstrara, a tristeza nos olhos de Sid. Mais uma vez passou a mão nos olhos e sentiu o gênio inflamar-se de novo. Sentir raiva era melhor, bem melhor do que sentir pena de si mesma. A adrenalina da

briga formigava na ponta dos dedos e tremia nas pernas. Ela queria correr, queria lutar, queria fechar os olhos e acalmar a tempestade dentro da cabeça, para ter tempo de ficar quieta por ao menos um segundo.

Era isso que ela queria?

*O que você quer?*

Tinha sido burrice deixar escapar. Deixar-se vencer pela raiva, deixar Sid descobrir quem ela era. Mas tinha sido um erro?

Ele conhecera seu pai. Servira com lealdade. Ainda o reverenciava, depois de todos aqueles anos.

Será que ela *quisera* que Sid soubesse?

Talvez ela quisesse conhecer alguém que os havia conhecido? Que compreendesse ao menos um pouco como ela se sentia estando ali?

O futuro se abria diante de Mia, as areias vazias da arena de Godsgrave. Todo o sangue que a esperava, todo o sangue que deixara para trás. Cada instante da sua vida a tinha conduzido àquele caminho, àquela vingança, àquela estrada reta e sem bifurcações.

Mas o que ela queria, além de vingança?

Ainda faltavam horas para o fim da quasinoite.

Ela não queria dormir.

Não queria sonhar.

Não queria encostar a cabeça no chão que tinha sido o chão da sua casa, e agora lhe servia apenas como um lembrete de tudo que ela poderia ter sido.

*Então, o que você quer?*

– Corvo?

Ela levantou os olhos para Sid, que sangrava calmo no seu canto.

– Santo Aa, me desculpe, garota – ele disse.

Mia não queria que ele a visse, isso era certeza. E quando Sid se levantou da palha e se sentou ao seu lado, quando ele passou um dos braços grandes feito pernil pelo seu ombro, Mia se deu conta de que a última coisa que queria era ser consolada por aquele sujeito. Não queria pena. Não queria cair no abraço desajeitado de um grandalhão e chorar como uma garotinha assustada. Há muito esse tempo já tinha passado. Estava morto e enterrado com a sua família. Ela era uma Lâmina da Igreja Vermelha agora. Não era vidro frágil e quebradiço. Era aço.

Mas ela também não queria ficar sozinha.

Pensou na época de acólita. No esquecimento e conforto que encontrava nos braços de Tric. Mas ele também estava morto e enterrado agora. Mia tinha dito à shahiid Aalea que sentia saudades dele, e era verdade. Mais do que isso, porém, ela sentia saudade da clareza daquilo; da alegria simples de desejar e ser desejada. E a ânsia que lhe deixara a visita a Furian não ajudava em nada.

*As chamuscas mais brilhantes se consomem mais rápido, mas há um calor nelas capaz de durar a vida inteira. Mesmo num amor que só dura uma quasinoite. Para gente como nós, não há promessas para sempre.*

Ela levantou a cabeça e olhou Sidonius nos olhos, enfim se dando conta do que queria.

Não para sempre, talvez.

Mas agora.

– Por que você está me olhando assim? – perguntou o itreyano.

E sem uma palavra

ela olhou por cima do ombro dele

para a sombra na escadaria

e desapareceu dos braços dele.

**O**s sons do porto. Os soldados anunciando “tudo bem” durante a patrulha pelas ruas da quasinoite. O vento soprando do mar para dentro do Remanso do Corvo era uma bênção fresca, e Mia tremia depois do calor úmido do alojamento. A mão pairava sobre o vidro da janela da estalagem, hesitando em bater.

– ...*não é uma decisão sábia*...

– Volte ao Ninho – Mia sussurrou. – E diga para Eclipse vigiar a rua.

– ...*mia, eu*...

– Vá.

Sem um som, o não-gato a deixou, e a sombra dela ficou exígua e pálida. Assim que Sr. Simpático partiu, ela sentiu, esgueirando-se e escondendo-se em sua barriga: o medo que *sempre* sentia sem ele ao lado. Medo de estar ali. Medo do significado daquilo, de onde aquilo terminaria. Medo de quem e do que era. E, antes que ele pudesse afundar as garras demais na sua pele, ela bateu, uma, duas vezes, os nós dos dedos golpeando o vidro com força.

Nenhum som de dentro do quarto. Por um instante terrível, Mia pensou que talvez ela não estivesse lá, que tinha ido embora depois da briga, que a tinha traído e provado que toda a desconfiança e sus...

A janela se abriu. Ashlinn Järnheim apareceu no peitoril, com a cara amassada de travesseiro e bêbada de sono. Os olhos azuis como o céu ensolarado. O cabelo vermelho como o sangue nas mãos.

– Mia? – perguntou a garota, sufocando um bocejo. – Que horas são?

Aqueles olhos azuis se arregalaram ao ver os arranhões nas mãos de Mia, o corte sobre o olho inchado, o lábio partido.

– Mãe Negra, o que aconteceu...

A pergunta se desfez quando Mia estendeu a mão e pressionou o dedo contra os lábios de Ashlinn. Elas ficaram paradas por um instante; duas garotas, quase se tocando, o mundo em volta com a

respiração suspensa. A confusão nos olhos de Ashlinn começou a desmanchar quando Mia mexeu o dedo, leve como uma pena. Ela contornou a curva suave do lábio superior de Ashlinn, a maciez inchada do inferior, devagar e delicada. A curvatura da bochecha, a linha do queixo, a respiração de Ash acelerando à medida que ela acordava de vez, atenta, admirada, a pele do braço nu arrepiando-se. E, ao abrir os lábios para falar, talvez reclamar, Mia se aproximou e a calou com um beijo.

Ela nunca tinha beijado uma garota. Pelo menos, não assim. O beijo das duas na Montanha tinha sido uma despedida – um pouco demorado talvez, mas um adeus mesmo assim. O beijo de agora era um convite; uma súplica delicada, desesperada por um começo, não por um fim. Uma pergunta sem palavras. A boca aberta de Mia derretia-se contra a de Ashlinn. E quando ela sentiu Ash se arrepiar, o leve roçar da língua dela, Mia obteve sua resposta.

Ela pulou a janela, sem que os lábios se afastassem nem por um instante. Braços enlaçados, mãos tateando, Mia interrompeu o beijo apenas o tempo necessário para puxar a camisola de Ashlinn por cima da cabeça. A vaaniana estava sem nada por baixo; a nudez gloriosa manifestou-se com um simples gesto. Mia se deteve alguns instantes para contemplar a vista; a luz dos sóis acariciava a linha do pescoço, a protuberância das curvas, a sombra no meio das pernas.

– Mia, eu...

Então ela mergulhou de novo, apertando a boca contra o pescoço da garota. O peito de Ash erguia e descia, as bochechas coravam, ela sussurrava bobagens e jogava a cabeça para trás enquanto Mia descia até os seios, cobrindo um mamilo túrgido com a boca e brincando com a língua.

As duas caíram na cama, as mãos de Ash soltando as amarras em volta do peito, da cintura de Mia, gemendo com as mordidinhas que Mia dava em seu pescoço. Quaisquer perguntas que tivesse já estavam sufocadas; a respiração estava rápida demais para falar, os lábios entreabertos enquanto ela puxava Mia para si, pele com pele, mãos percorrendo aquele branco de leite entre os dedos. Desceram pelas costelas, pelas curvas do quadril, pelo volume do traseiro enquanto Mia passava a perna por trás dela, trazendo-a mais para dentro.

Mia sentiu os dedos de Ash roçarem a parte interna da sua coxa. Um arrepio arquêmico subiu pela pele e faiscou no escuro dos seus olhos. A mão de Mia foi mais para baixo, descendo pela barriga rígida de Ash até a pelugem loira entre as pernas. As mãos das duas atingiram o alvo ao mesmo tempo, o beijo se intensificou, os gemidos foram sufocados. Mia arqueou as costas ao sentir Ashlinn traçar círculos firmes com dedos hábeis. Ela apertou um seio com a mão livre enquanto a outra pôs-se a trabalhar no meio das pernas de Ashlinn,

imitando-a devagar, num ritmo agonizante que a fazia gemer em sincronia.

Era diferente de tudo o que ela tinha experimentado. Uma corrente galopante e uma suavidade doce e beijos infinitos, beijos paralisantes que a enchiam de calor até as pontas dos dedos. O tempo parou; não havia nada além de línguas provocantes e suspiros sem fôlego, um calor crescente no meio das pernas, incendiando o corpo inteiro.

– Ah, deusa, ah... – sussurrou Mia.

– Não pare – suplicou Ashlinn.

Os lábios dela eram mel, cálidos e suaves, e o corpo se contorcia enquanto os dedos de Mia acariciavam o botão. Ela estava tão quente lá embaixo, úmida e trêmula que o apetite de Mia cresceu até se tornar insuportável.

– Quero sentir o seu gosto – ela sussurrou, esfregando o nariz no pescoço de Ashlinn.

– Ah, sim... sim...

Foi descendo, devagar como gelo derretendo. Passou a língua pela garganta de Ashlinn, sorrindo ao ver a garota arquear as costas, encolher os dedos do pé. Desceu até o volume rígido dos seios, tomou cada um deles na boca, um depois do outro, lambendo, sugando, a mão ainda dedilhando em meio às coxas trêmulas de Ashlinn. Sentia uma sede ardente por dentro, a aridez de deserto, e Mia só conseguia pensar em uma maneira de satisfazê-la. Era puxada para baixo, como a gravidade, mas doce e sombria. Para baixo.

Sempre para baixo.

Ash espalhou-se no colchão, gemendo conforme Mia continuava a descer, com beijos longos e lânguidos pelas costelas, pela barriga. Mia pausou, traçando círculos lentos e ardentes ao redor do umbigo com a ponta da língua, as unhas riscando linhas leves pela pele da amante. Inalando o vago aroma de lavanda e o cheiro estonteante do desejo de Ash.

– *Por favor*, Mia – suspirou a garota.

Para baixo, para baixo, para a maciez comprida das pernas abertas de Ashlinn, correndo a língua perto do calor inebriante. Havia uma pequena verruga escura no ângulo entre a coxa de Ash e a genitália, e Mia a lambeu devagar, com um sorriso sombrio.

– Por favor, o quê? – sussurrou.

– Por favor, Mia...

Ela torceu os lábios, soprou de leve o alvo, e Ashlinn estremeceu. Já haviam sentido o gosto dela uma vez, mas ela nunca sentira o gosto de ninguém, e a ansiedade revirava as entranhas e a fazia tremer. Queria fazer com calma, saborear cada segundo, cada sensação, mas Ash enroscou os dedos no cabelo de Mia e, arfando e tremendo, a empurrou para baixo.

Sentia a maciez da seda, encharcada de luxúria, abrindo-se à pressão do beijo. Mia foi devagar, passou a língua pelos lábios úmidos de Ashlinn, para dentro e para fora. Ash ganhava e suspirava, movendo o quadril no mesmo ritmo, com as mãos no cabelo de Mia, forçando mais. Mia se viu consumida por aquilo, sedenta, faminta; o gosto, a torrente de néctar cáldo pela língua. Deleitava-se com os gemidos de Ashlinn enquanto beliscava seus mamilos túrgidos, apertava seus seios, arranhava suas nádegas.

Ash se perdeu quando Mia acelerou o passo. Seus olhos reviravam, quase caindo da cama enquanto incentivava Mia, dizendo “não pare, não pare”. Mia nunca tinha experimentado tanto poder; cada movimento, cada lambida, cada toque dos lábios produzia um gemido, uma súplica sussurrada, um tremor que percorria o corpo inteiro de Ashlinn.

O tempo perdeu todo o sentido, cada segundo durava um ano, cada ano um átimo, o calor crescia entre as duas; Ashlinn estava cada vez mais vibrada, mais quente e radiante, os gemidos crescendo, mais altos e longos, até ela ficar tensa como uma corda, com a coluna arqueada, as coxas travando a cabeça de Mia, todos os músculos saltados, fazendo força, enquanto os dedos do pé apontavam para o céu e a boca gritava como se o mundo estivesse chegando ao fim.

O corpo inteiro de Ash relaxou por fim, sem fôlego, e Mia continuou a traçar pequenos círculos com a língua, ainda saboreando o gosto, o poder do seu pequeno triunfo. Sorridente, enfiou a língua mais fundo, fazendo Ashlinn gemer.

– Chega, pela Deusa, chega.

E Mia cedeu. A garota a puxou delicadamente para cima. Envolheu Mia com os braços, os corpos fundindo-se num só, as pernas esbeltas ao redor da cintura de Mia. E elas se entregaram a outro beijo comprido e faminto. O gosto de Ash misturando-se nas línguas, Mia transbordando com a sensação, os cílios roçando contra suas bochechas, tudo tão bom e doce e intenso de alegria que ela não queria que acabasse nunca.

Mas então ela deu um gritinho quando Ashlinn bateu em sua bunda e mordeu seus lábios, quase com força bastante para tirar sangue.

– Ai – gemeu Mia. – Por quê?

– Por me fazer implorar – disse Ashlinn, de cara fechada.

– Ah, é? – sorriu Mia, os lábios roçando nos de Ashlinn. – Não ouvi reclamações na hora.

– Não venha se gabar comigo, Corvere. Foi sorte de principiante.

– Ah, é?

O riso leve se transformou em tremores cáldos quando Ash fungou no seu pescoço.

– É – suspirou a garota, os dentes tocando a pele.



– Então... talvez a dona queira dar uma demonstração à novata, não?

– Peça por favor.

– Eu... ah!

Mia perdeu o fôlego quando Ashlinn agarrou seu cabelo e puxou sua cabeça para trás, lhe dando outro tapa na bunda. Os lábios da garota deslizavam pelo pescoço de Mia, os dentes raspando a jugular, as unhas traçando linhas de fogo e gelo pelas coxas encharcadas.

– Peça – sussurrou Ash, mordiscando a garganta de Mia – por favor.

Por dentro, Mia nunca se curvara a ninguém. Nem na Igreja, nem na arena, nem na alcova. E, embora tivesse se deleitado em controlar instantes antes, quando cada toque seu, cada gesto incendiava a mulher entre seus braços, Mia se perguntou se não existiria uma alegria ainda mais profunda num curto instante de submissão.

Os dedos de Ash dançavam sobre ela, leves como a brisa. A barriga de Mia enrijecia à medida que a garota baixava, a língua traçando uma espiral apertada ao redor do seio arfante.

– Peça – sussurrou a garota, roçando o mamilo de Mia com a língua.

Uma luz vaporosa atravessava a cortina, e Mia fechou os olhos. Ashlinn descia, e Mia não queria ver nem ouvir nem falar, apenas *sentir*. Uma cachoeira de beijos precipitou-se pelo seu corpo, as mãos de Ash pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. As pernas de Mia se abriram por conta própria, a ânsia entre elas era uma doce agonia, a respiração cada vez mais entrecortada, o coração saltando de expectativa. Uma sensação diferente de tudo que já experimentara aflorava por dentro – diferente de Tric, de Aalea, de Aurelius e sua beleza dourada –, e o desejo subiu a um ápice ardente quando Ashlinn se ajoelhou entre as suas pernas, a respiração quente contra os lábios inchados.

– Peça...

Um carinho da língua da garota, de uma leveza impossível, que fez Mia chutar e tremer.

– ...por favor.

Mia levantou a cabeça, os olhos percorrendo o corpo até dar com Ashlinn, posicionada para devorá-la. O coração martelando, ar faltando nos pulmões, vertigem. E, olhos mais uma vez fechados, ela soltou a cabeça para trás e, a tensão dos ossos desfeita, se entregou por completo.

– Por favor – suspirou Mia.

Um gemido longo e grave lhe escapou dos lábios quando Ashlinn começou, lábios e língua dançando no escuro. Ela não fazia ideia de onde Ash tinha aprendido suas técnicas; Aalea, algum novo amor, algum amor antigo. Mas, deusa, era ofuscante. Ash era uma maestra, a harmonia entre elas era mais velha do que o tempo. O calor dentro

dela pulsava mais quente a cada roçada da língua da garota, e Mia mal conseguia respirar, com os punhos cerrados amassando o lençol. Ela quase perdeu a cabeça quando Ashlinn enfiou um dedo, curvou, girou, atçou a brasa fumegante, uma corrente arquêmica estalando até os dedos dos pés.

– Ah, deusa...

Estava indefesa, arrebatada por um furacão de volúpia e vontade, pelo calor quase insuportável por dentro. Ash não tinha dó, mantinha o dedo no ritmo da língua. Mia arqueou as costas, levantando o quadril, a boca num O perfeito, os dedos enroscados nas mechas ruivas de Ashlinn, puxando-a *mais* para dentro, mais forte, mais, mais. Tremia tanto que não conseguia respirar, não conseguia pensar, não conseguia falar senão murmurar súplicas sem palavras para que aquilo acabasse. E, ao sentir a mão de Ashlinn se mover, um segundo dedo se juntar ao primeiro, o quadril de Mia tremeu sem controle; estrelas escuras despontaram nos olhos, o calor de dentro explodiu em chamas vorazes. E ela se perdeu, gritando sem som, os olhos cegos pelo fogo de mil sóis.

Ela sentiu lábios macios sobre os seus, úmidos, uma doçura negra. Mia abriu os olhos e viu uma garota sobre si, linda, sorridente.

Uma garota em quem não devia confiar.

Uma amante que não devia amar.

Ela tentou recuperar o fôlego, o coração martelando contra as costelas.

– Foi... incrível...

– Foi é tarde – disse Ashlinn com um sorriso malicioso.

Mia a puxou num beijo e os lábios das duas se apertaram, as ondas do clímax ainda se propagando pelos ossos. Separando-se depois de uma doce eternidade, Ashlinn se jogou de costas no colchão, soltando um suspiro satisfeito.

Mia saiu da cama, com as pernas ainda trêmulas. Encontrou a cigarreira em cima do gaveteiro e acendeu uma cigarrilha com a pederneira antes de voltar para os lençóis. Ashlinn a envolveu em seus braços, tomou sua mão e beijou seu pulso antes de se aninhar contra o seu corpo e encostar o nariz no seu pescoço. Mia tragou a cigarrilha, inalando forte e sentindo a fumaça doce e pesada encher seus pulmões.

– Você fuma demais – resmungou Ash.

– Acalma os nervos – respondeu Mia.

– Eu deixo você nervosa, é?

Mia respondeu levantando a mão. Costumava ser firme como uma rocha, e jamais um tremor enfraqueceu sua empunhadura. Mas suas mãos agora tremiam.

– Ah, você está toda à flor da pele, amor – provocou Ash. – As

meninas ficam assim depois da primeira vez, não é?

– Vamos ver a sua, então, espertinha.

Ash levantou a mão, e embora tentasse esconder, Mia podia ver que ela também tremia. Podia sentir o seio dela apertado contra seu corpo, o coração por dentro na mesma toada estrondosa. Enlaçando os dedos nos de Ashlinn, sentiu as faíscas entre as duas. E se deu conta de que ainda tinha sede.

– Talvez  *você* devesse começar a fumar.

Ash fez uma careta.

– Acho que não gosto do sabor.

– Eu deixo mais doce...

Tragando forte a cigarrilha, Mia inalou outra nuvem quente e cinza. Depois, segurando o queixo de Ashlinn com a ponta dos dedos, aproximou-se num beijo, de lábios abertos, exalando dentro da boca da garota. Os lábios estavam açucarados pelo papel da cigarrilha, a fumaça com cheiro de cravo pairava sobre as línguas à medida que o beijo se intensificava. Ash inclinou a cabeça de lado e suspirou, apertando o corpo todo contra o de Mia. As mãos de Mia acariciaram suas costas, sentiram a pele se arrepiar, a ânsia doce mais uma vez crescendo no meio das pernas. Ashlinn fechou a boca e sugou a língua de Mia antes de interromper o beijo.

– Nada mau – sorriu. – Mas ainda assim não vou começar a fumar.

Mia deu de ombros e enfiou de novo a cigarrilha na boca. Ashlinn aninhou-se nela outra vez, o braço de Mia sobre seu ombro. Permaneceram um tempo em silêncio, ouvindo os sons da quasinoite do lado de fora. Mia examinou a garota ao seu lado, as curvas suaves do corpo, os buraquinhos gêmeos na base da coluna. Com os dedos, pôs de lado as grandes madeixas vermelho-sangue e expôs...

...a tatuagem espalhada pelas costas dela.

– O que é isso? – balbuciou Mia.

Ashlinn ficou tensa, sentou-se na cama e jogou o cabelo por cima do ombro.

Mia só viu de relance, mas conseguiu enxergar linhas intrincadas e sombras, e algo em uma escrita estranha, o desenho de uma lâmina curvada no ombro esquerdo de Ash...

– *Uma solicitação – o homenzarrão disse com o dedo em riste. – Um item importante para o seu cliente. Um mapa, escrito em ashkahi antigo e marcado com um selo em forma de foice.*

...Deusa.

– O mapa – percebeu Mia. – O mapa de Duomo.

– Foi para isso que você veio aqui? – perguntou Ash em voz baixa.

Mia franziu a testa, com a cigarrilha nos lábios.

– Quê?

– Eclipse está sempre à espreita. Talvez ela tenha visto algo. – A

garota cravou os olhos azuis como o céu em Mia. – Então você achou que a melhor maneira de dar uma boa olhada era arrancar as minhas roupas. Bela jogada, Corvere.

– É isso que você acha?

– Eu não acho nada. – Ash endireitou os ombros, jogou o cabelo para trás e escondeu a tatuagem. – É por isso que pergunto.

– Ash, eu não fazia ideia. Por que você tem o mapa de Duomo tatuado nas costas?

– Não é tatuagem – ela disse, olhando para os dois círculos marcados na bochecha de Mia. – É arquemia, como a sua marca.

Mia piscou surpresa, compreendendo.

– Então, se matarem você...

– A marca desaparece. Nada de mapa para eles. – A garota deu de ombros. – Quem brinca com fogo se sai melhor quando está preparado para se queimar.

Dezenas de perguntas queimavam na cabeça de Mia. O que havia de tão importante naquele mapa para fazer Ashlinn o marcar de maneira indelével na pele? O que Duomo e Scaeva queriam com ele, a ponto de agirem claramente um contra o outro por isso? Para onde levava? Onde a garota que ela acabara de ter nos braços se encaixava nisso tudo?

– Tem muita coisa que você não está me dizendo, Ash.

– Podia dizer o mesmo de você, Mia.

– Por exemplo?

Ashlinn olhou bem nos olhos dela e engoliu em seco.

– Por que você veio aqui?

– Porque queria estar com você.

– Mas por quê?

Mia deu um trago na cigarrilha e ruminou a pergunta.

– Porque eu estava pensando. Nas coisas que me trouxeram até este ponto. Nas coisas que me fizeram ser quem sou, e todas as coisas que poderia ter sido se tivesse tido escolha. E então não quis pensar mais.

– Foi só isso, então? – Ashlinn manteve o rosto firme, a voz tranquila, mas Mia percebia a tempestade se formando por trás dos olhos azuis. – Só uma distração?

– A mais doce das distrações – sorriu Mia.

– Não estou brincando – disse Ashlinn. – Com você as coisas são quentes ou frias como a água de uma banheira com defeito. Se isso foi só uma transa rápida para espantar pensamentos ruins, tudo bem. Antes disso do que uma estratégia para ver a tinta nas minhas costas. Mas seja lá o que for, preciso saber.

– Não foi nenhuma das duas coisas, Ash.

– Eu reconheço o gosto de uma mentira, Mia.

Mia suspirou, balançando a cabeça. Tinha refletido ao longo de todo

o caminho até ali, enquanto se esgueirava pelas ruas da quasinoite. Por que não parecia correto antes, e por que parecia correto agora. A briga com Furian a tinha deixado inflamada, a briga com Sid não a tinha satisfeito nem um pouco. Mas não era tão simples, não era a lembrança dos pais ou a consciência dolorosa de estar trancafiada naquele lugar nem os pensamentos sobre onde estivera e sobre o que estava por vir.

– Pensei em tudo o que eu poderia ter sido se tivesse tido escolha – disse Mia afinal. – E percebi que quase nunca tive. Desde a viragem em que mataram meu pai, meus pés começaram a trilhar esta rota. Não havia como negar. Não havia como escapar. Então quis escolher algo por mim mesma. Que pudesse ser só meu. *Minha* escolha.

Mia olhou para Ash e correu os dedos trêmulos pela bochecha dela.

– E escolhi você.

Ashlinn apenas olhou, os lábios carnudos abertos num suspiro, e Mia se viu caindo, mergulhando num beijo longo e doce. Ash ergueu o corpo, as mãos segurando o rosto dela, perdida na doçura de um beijo que parecia estremecer até a alma de Mia. Ela se afastou, relutante, e seus olhos escuros procuraram o de Ashlinn.

– Tenho gosto de mentira? – perguntou.

Ashlinn abriu um sorriso delicado e balançou a cabeça.

– E eu?

E ela? Algo mudara? Tudo não continuava como antes? A questão do mapa, para onde ele levava, por que Duomo o queria, o que tudo isso queria dizer: as perguntas ainda pairavam entre as duas. Ashlinn Järnheim continuava a ser uma garota que faria qualquer coisa para conseguir o que quisesse. Mentir, trair, roubar, matar. Ela guardava segredos. Era *perigosa*.

Mas Mia era muito diferente?

Quanto mais tempo as duas passavam juntas, mais afinidades ela encontrava com essa garota que deveria desprezar. Motivadas pelo mesmo desejo, procurando o mesmo objetivo: Scaeva morto, a Igreja Vermelha em cinzas. Ash estava ali, ela a ajudava, era corajosa e inteligente e linda.

– Você tem gosto de mel – sussurrou Mia.

Ashlinn sorriu e apertou a testa contra a de Mia. A garota fechou os olhos e escutou os sons das ruas do lado de fora, o frescor dos ventos da quasinoite, aos poucos amainando. Ela tinha perguntas. Perguntas demais. Mas a viragem logo começaria, e o executus ia despertá-los para mais uma sessão de suor e surras e o desgraçado do Furian, e tudo isso – que por um instante abençoado ela esquecera envolta nos braços da garota – voltou com força. Mia se lembrou de quem era. Do que era. Abriu os olhos e suspirou.

– Precisamos falar mais sobre isso. Mas preciso voltar.

- Eu sei – disse Ashlinn, inclinando-se para outro beijo curto.
- Quero ficar.
- Eu sei – murmurou Ash, mordiscando o lábio inferior de Mia. – Só prometa voltar.
- Peça por favor.
- O mordiscar virou uma mordida dolorida.
- Vai se foder, Corvere – ela sorriu.
- Por que demorou tanto?
- *Eu* não demorei, lembra?

Com um sorriso largo, ela beijou os olhos de Ashlinn, as bochechas, os lábios, se preparando para a despedida. Então se levantou da cama, a cama *delas*, e vestiu os farrapos de pano, lamentando a luz dos sóis à sua espera além da cortina. Ainda assim, abriu o tecido, com os olhos quase fechados por causa da luz, e se virou para uma última olhada na beleza que deixava para trás.

*Alguma coisa mudou aqui?*

Suspirando, ela saltou para a luz à sua espera.

Nada jamais seria o mesmo.

# Capítulo 22

## Silêncio

—Sangue e abismo, isso está *quente*.

Mia suspirou, fechando os olhos e afundando mais no calor fumegante. A água cobriu sua cabeça, os sons do quarto de banho emudeceram por uns momentos, e todo o ruído do mundo desapareceu.

Ela permaneceu ali no escuro e no calor, desfrutando a sensação nos músculos doloridos. Tinha passado as últimas duas semanas sob os sóis flamejantes ao lado de Furian e Cantespadas, e o trio não estava nem um pouco mais próximo de aprender a lutar em conjunto, como uma unidade. Ciente de que a sedosa não lhes daria pausa em Alvatorre, Arkades não demonstrava qualquer pena no círculo, e Mia sentia dor em músculos que nem sabia ter. Estava roxa de alto a baixo, e cada viragem mais decepcionada com Furian.

Com a respiração presa debaixo d'água, flutuava como se não tivesse peso. Lembrou-se por um instante das piscinas de Adonai, das passagens de sangue a partir da Montanha Silenciosa. Pensou em Solis, Drusilla e nos outros. No papel que desempenharam na ruína da sua família.

O que estariam fazendo agora? Ajudando Scaeva a garantir seu quarto mandato, sem dúvida. Chafurdando nas moedas feito porcos no chiqueiro. Mas o cônsul e, portanto, o Ministério, devia estar ficando impaciente com a sua falta de progresso na recuperação do mapa de Duomo. Como será que Mercurio estaria se esquivando deles?

Não pela primeira vez, Mia se deu conta do risco que seu antigo mestre corria por ela. Ao pensar nisso, sentiu vergonha de ter suspeitado que Mercurio fosse capaz de traí-la. Sentia saudades dele, na verdade. Dos conselhos, da voz grave de fumante, mesmo do seu gênio desgraçado. Mas logo ela voltaria para Godsgrave, para dentro da arena. Ela o veria então. E depois, quando tivesse feito o que tinha que fazer.

*Isso se eu não morrer em Alvatorre antes...*

Mia emergiu com os pulmões queimando, coberta de vapor. Piscando para tirar a água dos olhos, deparou com Fazondas entrando no quarto de banho. O homem brilhava com o suor de uma viragem de treinos, cheio do pó e da sujeira do círculo. Cantava um dueto chamado *Mi uitori*<sup>40</sup> sozinho; os versos da mulher em falsete, os do homem no seu habitual tom de barítono. Arrancando a tanga numa *noooooooooota* dramática adequada ao momento, entrou na banheira

enquanto recebia os aplausos de Mía.

– É muita gentileza, mi dona – agradeceu o grandalhão, curvando-se.

– Mas que coral você tem na garganta.

– Aprendi com os melhores.

– Você foi *mesmo* ator de teatro? – ela perguntou, inclinando a cabeça de lado.

– Beeeem – começou o grandalhão. – *Trabalhei* num teatro, na porta. Em viragens mais felizes, sempre quis subir ao palco para maravilhar o público, mas... – Ele deu de ombros para as paredes ao redor. – Não era para ser.

O homem estendeu o braço para pegar sabão, e Mía o examinou com olhos críticos. Fazondas era um brutamontes na areia, um pouco indisciplinado, talvez, mas forte como um touro. Ela estava disposta a apostar que aquelas mãos poderiam envolver facilmente a sua garganta e esmagar seu crânio se ele apertasse forte o bastante, e era tão incapaz de imaginá-lo de colante fazendo mímicas em alguma pantomima quanto de imaginar a si mesma com um par de asas.

– Deixe-me adivinhar – ele disse com uma sobancelha arqueada. – Você acha que não tenho perfil para o teatro.

– Perdão – ela riu baixo. – Mas não mesmo.

– É – disse Fazondas com um sorriso largo. – Meu pai falava o mesmo. Educou-me na arte do aço, como você vê. Ensinou-me desde menino a moer homens com as próprias mãos. Sua intenção era que eu fosse da guarda de honra do bara, acho, como o pai dele. Chamou-me de tolo quando eu disse que queria ser ator. A suffi não tinha me dado o nome de Pisapalco, afinal. Mas eu não gostava da ideia de me dizerem o que eu podia e o que não podia ser. Então, tentei mesmo assim. Era o meu sonho. E um sonho que se sonha melhor acordado.

Mía se viu concordar, com uma admiração crescente no peito.

– Então, viajei para a Cidade das Pontes e dos Ossos – continuou Fazondas com ar dramático. – Encontrei uma trupe que me aceitou. Um teatro pequeno chamado *Santuário*.

– Eu conheço – suspirou Mía, encantada. – Perto dos Baixos.

– Isso. – Fazondas deu outro sorriso largo. – Lugar antigo, chique. Eu não tinha formação, então comecei devagar. Ficava na porta, limpava depois dos espetáculos, mas isso já era mágico para mim. Ouvir os grandes dramas, ver a poesia flutuar no ar como seda e cenas ganharem vida diante dos olhos admirados do público. Esse é o poder das palavras; vinte e seis letras capazes de pintar um universo inteiro. – A voz de Fazondas era triste. – Foram as viragens mais felizes da minha vida.

Mía sabia que não devia abrir a boca. Que não devia saber mais do homem. Mas ainda assim...



– O que aconteceu? – ela se pegou perguntando.

Fazondas soltou um suspiro.

– Aemilia, uma das nossas atrizes. Chamou a atenção do filho de algum ricoço. Paulo era o seu nome. A dona deixou claro que não queria o afeto dele, e eu fui obrigado a fazê-lo se retirar algumas vezes por excesso de vinho d’ouro, mas isso não era raro. Era uma área complicada da cidade. Tudo ia bem, de verdade. A trupe ganhava dinheiro, o público crescia. Estudei bastante e fui escalado para o meu primeiro papel numa das produções. O rei magus em *Marcus e Messalina*. Conhece?

– Conheço – sorriu Mia.

– Era a viragem em que eu ia debutar. A estreia estava acertada para aquela quasinoite. Mas parecia que mesmo depois das recusas de Aemillia e das surras que eu dei nele, o tal Paulo não se acostumava com o “não”.

– Filhos de gente rica não se acostumam – disse Mia.

– É. Descobri o desgraçado nos bastidores depois das provas de figurino, tentando abusar de Aemillia. A roupa dela estava rasgada. Os lábios sangravam. Dá para imaginar o resto. Meu pai me ensinou desde menino a moer homens com as próprias mãos, afinal.

Fazondas baixou os olhos para as mãos calosas por causa da espada.

– Mas ele era filho de rico. Foi só pelo testemunho dos meus companheiros de palco que escapei da força. Em vez disso, fui vendido como escravo, e meu preço serviu de indenização para Paulo, por eu ter quebrado as mãos dele.

– Quatro Filhas – disse Mia com um suspiro. – Sinto muito.

– Não sinto, meu amor – sorriu Fazondas. – Eu não sinto. Deixei o rapaz num estado que duvido que ele vá conseguir pôr as mãos em alguém sem convite de novo.

– Mas esse é o preço que você paga? – Mia gesticulou para as paredes de pedra, para as barras de ferro.

– Um homem aceita o seu destino, pequeno corvo. Ou é consumido por ele. Por sermos gladiatii, temos mais sorte do que a maioria. Uma chance de ganhar a liberdade. *Sanguii e Gloria* e tudo mais.

– Mas não é justo, Fazondas. Você não fez nada de errado.

– Justiça? – caçoou o grandalhão. – Em que República você vive?

Balançando a cabeça e rindo como se Mia tivesse feito uma piada, o grandalhão continuou a se ensaboar como se tudo estivesse bem no mundo. Mia pegou outra barra aromática, e Bryn e Byern entraram no quarto de banho, já arrancando as roupas e tirando as sandálias aos chutes. Tinha sido viragem de treino no equorium, e Mia sentia o cheiro de cavalo e suor dos dois a dez passos de distância.

– Ah, os nossos valentes equillais – sorriu Fazondas. – Os terrores gêmeos, incomparáveis na pista, bem-vindos. Corvo e eu estávamos

conversando sobre teatro.

- Quatro Filhas, para quê? – desdenhou Bryn, já afundando na água.
- Eu conheci uma atriz certa vez – disse Byern em voz melancólica.
- Quem? A docinho que visitava a aldeia no verão?
- Ela não era docinho, mana. Era atriz de teatro.
- Se ela se deitava com você por dinheiro, era docinho, caro irmão.

Byern olhou para Mia e Fazondas.

– Ela está falando merda. Sujando meu bom nome para me denegrir. Nunca paguei por isso na vida, e a moça em questão ficava tão à vontade no palco quanto um peixe na água. Garanto.

– A única interpretação dela foi fingir que gostava de você – desdenhou Bryn.

– Respeite os mais velhos, filhote! – Byern jogou água no rosto da irmã.

Os gêmeos travaram uma curta guerra de água, e Mia e Fazondas se retiraram para o outro lado da banheira para escapar dos golpes. Byern afundou a cabeça de Bryn na água, e ela lhe deu um soco no estômago. A dupla se separou em cantos opostos, Bryn mostrando os nós para o irmão com uma carranca.

– Terminaram? – perguntou Fazondas.

– Sim – disse Bryn. – Não, calma...

Ela pegou uma barra de sabão e jogou na cabeça do irmão.

– Ai!

– Agora terminei.

– Uma viragem – declarou Fazondas depois do fim das hostilidades –, quando estivermos fora deste buraco, vou levar vocês todos para um teatro de verdade. Mostrar um pouco de cultura.

– Filhas, sei de alguém que está precisando – disse Bryn.

– Continue assim que vou denunciar você para a magistræ por calúnia – avisou Byern, mais uma vez jogando água na irmã.

Bryn contra-atacou traçando um arco com a mão, que produziu uma espécie de foice de água que acertou o irmão e Fazondas na cara.

– Sinto muito – ela disse com um sorriso.

– Ah, vai sentir mesmo – disse o grandalhão, esfregando o queixo.

Fazondas curvou as mãos enormes e disparou um punhado de água bem nos olhos de Bryn. Byern foi defender a irmã e mandou água de volta, acertando Mia sem querer. A garota entrou na briga, e logo os quatro estavam jogando água uns nos outros, com a força de dragões-brancos, batendo as mãos, xingando e rindo. Fazondas jogou Mia contra o peito nu de Byern, deu uma chave de pescoço em Bryn e começou a afogar-la. Ela chutava e se debati...

– Em nome do Onividente, o que está acontecendo aqui?

Mia tirou os cabelos encharcados dos olhos, levantou a cabeça e deparou com a magistræ de pé na porta do quarto de banho, com as

mãos na cintura. Os trajes estavam imaculados, como sempre, a trança grisalha e comprida por cima do ombro. A voz vibrava de indignação.

– Vocês são gladiatii do Colégio Remus, e eis que os encontro aqui, se esgoelando e brincando como um bando de pirralhos. É assim que honram sua domina?

– Mil perdões, *magistrae* – disse Fazondas soltando o pescoço de Bryn. – Foi um momento de descontração, só isso. O calor aumenta, as viragens estão mais longas e...

– E faltam só mais algumas viragens dessas para o *venatus* de Alvatorre e, depois, para o *magni* – cortou a *magistrae*. – Sabem o que o fracasso de vocês pode custar à sua domina? A vergonha que ela sofrerá? Talvez vocês pensem que é bom gastar o tempo com macaquices, mas se eu estivesse em seu lugar, poria minha cabeça nos jogos e no destino que os espera se este colégio falhar.

O sorriso morreu no rosto de Mia, a alegria temporária evaporou-se. Os gladiatii baixaram a cabeça como crianças depois de uma bronca. O que a *magistrae* dissera era verdade, e todos sabiam: se o colégio fracassasse, eles seriam vendidos como carne de segunda, e só o Onividente sabia a quem. Novos sanguilas, talvez, mas mais provável que fosse o Pandemonium. A vida de todos estava na balança.

Pelos dentes da Fauce, tinha sido ótimo se esquecer de tudo por um instante. Mas Mia firmou o queixo. Enrijeceu a vontade. Ela estava ficando mole naquele lugar. Não no corpo – com os treinos de Arkades, estava mais musculosa e preparada do que nunca na vida. Mas ficar próxima dos colegas gladiatii era um erro. Por mais simpáticos que fossem, os homens e mulheres do colégio eram apenas peões num tabuleiro. Peões que provavelmente seriam sacrificados antes de ela chegar ao rei.

*Essas pessoas não são sua família, não são seus amigos*, ela lembrou a si mesma.

*São apenas meios para um fim.*

—Mais forte.

Leona espalmou as mãos na parede e forçou os joelhos no colchão, com a cabeça jogada para trás. Furian a segurava pela cintura, escorregadia por causa do suor, o corpo todo dela tremendo a cada golpe do seu quadril. O estrado balançava com a força, a pedra da parede soltava um pó que pairava no ar.

– *Mais forte* – gemeu Leona de novo.

O campeão obedeceu, mexendo-se como um garanhão. A dona jogou as mãos para trás, arranhou sua pele, forçou-o para a frente, enquanto ele agarrava um punhado do seu cabelo e a puxava para trás, socando-a contra sua rijeza. Leona fechou os olhos, sacudiu-se até

os ossos, trêmula, a boca escancarada.

– Me fode – suspirou.

– Domina...

– Ai, Filhas, vai.

– Domina, não posso...

– Vai, completa – ela arfou. – Me fode, me fode, *me fode*...

Furian enfiou mais umas vezes e então se retirou, o corpo todo rijo ao derramar-se pelas nádegas e costas da dona. Leona baixou a cabeça, com as unhas cravadas na pele dele, mordendo os lábios para sufocar o grito. Sem fôlego, ela caiu de cara na cama, ronronando como uma gata.

O Incaído se abaixou ao lado dela, o peito arfante, o corpo encharcado. Embora a cama fosse pequena, tomou cuidado para não tocar a mulher: a dona não apreciava muito carícias pós-coito. Com as costas apoiadas na parede, ele lambia os lábios e suspirava, o coração disparado.

– Belo desempenho, meu campeão – murmurou a dona.

– Seu menor suspiro é uma ordem – ele respondeu.

Leona riu baixo, rolou de barriga para cima. Sacudindo os quadris, ela arqueou a coluna e levantou os olhos para o homem diante de si.

– Quatro Filhas, eu precisava disso – suspirou.

– Não menos do que eu – disse Furian. – Já desconfiava que a senhora tinha me esquecido.

Leona fez um bico, tirou os cabelos compridos do campeão dos olhos e passou a mão pelo abdômen ondulado dele.

– Sentiu minha falta, meu campeão?

– Fazia semanas, domina.

– Não tema, amante – garantiu a dona, sorridente. – Sempre voltarei.

– Até preferir outra pessoa?

– Outra pessoa? – Leona torceu os lábios. – E quem seria, diga, por favor?

– A Salvadora de Temporal – ele murmurou, num tom teatral.

– Ah – suspirou Leona com cara de tédio. – Chegamos à ponta da lança. Mas não gosto de mulher, Furian. E muito menos de ciúmes.

– A senhora a pôs para lutar ao meu lado na areia – ele resmungou. – Como se ela fosse minha igual. Mas ela não tem honra. Ela tem...

– Ela ganhou os louros da vitória – Leona disse. – Tem a simpatia do público. E tem um terço da chave para nos abrir os portões do *magni*.

– Eu consigo vencer a sedosa do seu pai sozinho, domina – esbravejou Furian. – Não preciso da ajuda de ninguém, muito menos de uma magrela astuta que minha inimiga já derrotou.

Leona suspirou. Levantou-se da cama, pegou o lençol e começou a limpar tranquilamente o sêmen dele da pele.

– Essa conversa me dá tédio.

Furian estendeu a mão.

– Leona...

– Leona? – A dona lhe lançou um olhar agudo. – Você esqueceu do seu lugar, escravo.

– Ah, escravo, sim – disse Furian, balançando a cabeça. – Até a senhora ter sede de novo. Então é “amante” e “campeão” e só palavras doces até que você esteja satisfeita.

– E isso é motivo para uma reclamação tão amarga?

– Tenho vontade de ser mais do que seu garanhão.

– E o que mais poderia ser? – perguntou Leona. – Você pode ser campeão na arena, mas está longe de ganhar outros louros. Sou a domina desta casa. Não pense que só porque dormimos juntos tenho em conta a sua opinião. Nem que, ao dar uma ordem, não espero que seja obedecida.

– Quando seus pesadelos lhe tiram o sono, acha que eu a conforto por obrigação? Acha que eu a abraço porque...

– Você está saindo da sua alçada, campeão.

Furian apertou os lábios. A raiva escureceu sua fronte. Mas ele não respondeu. Depois de encará-lo por um instante longo e imóvel, a expressão de Leona se suavizou. Sentou ao lado dele na cama, apertou a mão contra sua bochecha.

– Gosto de você – suspirou. – Mas não poss...

Uma batida soou na porta.

– Campeão?

Leona arregalou os olhos ao reconhecer a voz.

– Aa Onipotente... – ela silvou. – Arkades!

Furian se levantou da cama, com o rosto pálido.

– Pensei que estivesse perdido para as taças.

– E estava! Desmaiou na sala de jantar, morto para o maldito mundo.

Outra batida.

– Furian?

Leona vasculhou o quarto, desesperada. O oratório a Tsana. Um pequeno baú. Espadas de madeira e um boneco de treino. Nenhum lugar onde se esconder. Por fim, a domina da casa se ajoelhou e rastejou para debaixo da cama com a ajuda de Furian. Ela dobrou as pernas e as abraçou contra o peito. Satisfeito por ela estar fora da vista, o Incaído amarrou a tanga e abriu a porta.

Arkades estava no umbral, o rosto inchado de bebida. Cambaleava um pouco, o bafo carregado de vinho d'ouro. Ele olhou o campeão de alto a baixo.

– Perdão – ele disse. – Estava dormindo?

– Apenas descansando, executus.

– Hmf.

Arkades abriu caminho com o ombro e entrou, a perna de ferro retinindo na pedra, *clinc*, toc, *clinc*, toc, *clinc*, toc. Olhou em volta à procura de algum lugar para se sentar e, por fim, soltou o peso sobre a cama. O colchão de palha vergou sob a carga, e Leona teve de segurar o grito quando o estrado a acertou por trás e a fez bater a cabeça no chão. Xingando sem palavras, ela se colou ainda mais ao chão, como uma criança desobediente escondida dos pais.

Arkades farejou o ar e arqueou uma sobrancelha, com a voz carregada de vinho d'ouro.

– Como fede esse lugar.

– É o calor, executus. Saai se aproxima mais do horizonte a cada viragem.

Arkades torceu o nariz.

– Vou trocar uma palavra com a magistrae. O sabão que ela faz você usar tem cheiro de perfume de mulher.

Furian arregalou um pouco os olhos e conferiu a sombra debaixo da cama. O executus não percebeu; sacou o cantil de sempre e deu um longo gole. Ofereceu ao Incaído, que recusou balançando a cabeça em silêncio.

– Mmm, bom homem – disse Arkades ao guardar a bebida. – Deixa você mole na areia.

– Mas também faz você esquecer o sangue que a mancha – respondeu Furian em voz baixa.

Arkades fez que sim com a cabeça, quase como se o gesto fosse para si mesmo. Tinha uma expressão distante no rosto. Ele encarou o olhar sombrio do Incaído.

– Gosto de você por isso, Furian. Você enxerga. *Entende*. A dor que suportamos. Os rios vermelhos que devemos atravessar.

– No nosso caminho para a glória.

– Um fardo pesado.

– Eu o aceito de braços abertos. Se me trouxer a vitória.

Arkades troçou de leve.

– Gosto de você por isso também.

– Perdão, executus... Mas o senhor precisa de alguma coisa?

Arkades suspirou e se ajeitou no colchão, que vergou ainda mais, forçando Leona contra o chão. A dona respirava rápido e baixo, com o peito apertado contra a pedra, o pânico no rosto. Se ela fizesse algum barulho, se o executus a descobrisse ali...

– Preciso que pare de trabalhar contra Corvo – respondeu Arkades, a fala um pouco arrastada por causa da bebida. – Preciso que você lute ao lado dela, não contra ela.

Furian fechou a cara.

– Essa garota está na língua de todos esta quasinoite.

Arkades piscou, surpreso.

– Quê?

– Ela é mentirosa e covarde, executus. Não merece a glória.

– Como pode dizer isso? – perguntou Arkades, com a testa franzida.

– Pelo pinto de Aa, não tenho mais simpatia por ela do que você, mas você a viu lutar em Temporal. A vitória sobre a serpente-cuspideira...

– Foi baseada em trapagens. Ela não venceu, roubou.

Arkades suspirou, a mão indo ao cantil antes mesmo de ele perceber. Levantou-se, desequilibrou-se por um instante. Leona respirou aliviada por poder respirar de novo. Recuperando o equilíbrio e coxeando pelo quarto, ele gesticulou para as paredes ao redor.

– O que você enxerga?

– A casa da minha domina – respondeu o Incaído.

– Correto. As paredes que o abrigam, o teto que o protege dos sóis. Sabe o que vai acontecer se não conseguirmos garantir uma vaga para o *magni*?

– Não preciso de ajuda para ganhar da sedosa, executus – resmungou Furian. – E não vou lutar ao lado de uma cadela sem honra que rouba o que deveria ser conquistado.

– Por que você sabe bem como é ser um cão sem honra, não é?

Furian arregalou os olhos.

– Ousa...

– Poupe-me de sua indignação – esbravejou Arkades, erguendo a mão calosa. – Se esqueceu de que fui eu que o encontrei, que o trouxe para cá. Só eu sei de onde você veio, o que fez para acabar acorrentado.

Furian lançou um olhar para a cama. Para a figura à espreita debaixo dela.

– Isso foi há muitas viragens – ele disse. – Já não sou aquele homem. Sou um filho fiel do Onividente, e um gladiatii que vive para honrar a sua domina.

– Você vive para honrar *a si mesmo* – rebateu Arkades, balançando a cabeça exasperado. – Para provar que é melhor do que o homem que foi uma viragem. E enxergo bem isso. Mas não diga que luta pela sua domina. Se pensasse de verdade em Leona por um instante, se sentisse uma gota do que eu sinto por e...

Arkades piscou e se recompôs. Balançou o corpo. Levantando o olhar para o campeão, o executus limpou a garganta e esfregou os olhos baços.

– Você tem a capacidade e a *vontade* para nos levar até o *magni*, Furian. Não o tirei da lama para que se redimisse dos pecados do passado. Tirei porque vejo um *campeão* em você, como eu já fui. Você pode ganhar a sua liberdade. Caminhar entre nós como um homem de novo, não como o animal que era. Mas aqueles que lutam por nada

morrem pelo mesmo motivo. E quem luta por si mesmo, cai sozinho.

– Lutar por mim mesmo? – repetiu Furian, incrédulo. – Luto por estas paredes.

– Então prove – disse Arkades gravemente. – Lute *ao lado* de Corvo, não contra ela. E quando a sedosa estiver derrotada e nossa vaga estiver garantida, quando encarar Corvo nos grandes jogos *e mortium*, você pode provar ser o homem que sei que é.

Arkades pôs a mão no ombro do campeão.

– Ou cair sozinho – ele repetiu. – E levar esta casa para o chão junto.

O executus balançava como uma árvore na tempestade; a mão no ombro de Furian era mais um modo de se equilibrar do que de oferecer um conforto. Mas apesar do bafo pesado de vinho d'ouro, apesar de mal conseguir se manter de pé, parecia que tinha atingido seu alvo.

Furian tensionou a mandíbula. Mas, no fim, concordou com a cabeça.

– Vou lutar ao lado dela em Alvatorre – disse. – Mas ela morre em Godsgrave.

Arkades fez que sim, mancou até a porta, *clinc*, toc, *clinc*, toc, e virou-se para trás no umbral para lançar um último olhar para Furian.

– Talvez antes. Quem sabe?

O executus sorriu e fechou a porta ao sair. Furian permaneceu imóvel, ouvindo o som dos passos mancoss desfazerem-se no corredor. Então se ajoelhou, ofereceu a mão a Leona e a ajudou a sair de debaixo da cama. Logo que ficou de pé, a dona tirou a mão da dele e pegou o vestido para se cobrir. A indignação era patente em cada gesto seu.

– Então – ela começou, com um olhar fulminante. – Você desobedece a minha ordem de lutar ao lado de Corvo, mas Arkades fala um punhado de palavras e você entende?

– Domin...

– Você me disse que era negociante antes disto – ela disse, cravando os cintilantes olhos azuis no campeão. – Um mercador.

– Eu era – confirmou Furian.

– Não foi o que o executus deu a entender. Chamou você de animal. Quantos pecados um simples mercador pode acumular para ter de lutar com tanta força para redimi-los?

O Incaído não respondeu.

– O que você fez, Furian? – ela perguntou. – Que mentiras contou para mim?

O campeão apenas se virou para a trindade de Aa na parede, recusando-se a encarar a dona. Ela permaneceu ali por um longo momento, tentando olhá-lo nos olhos, à procura de respostas.



Encontrando apenas o silêncio, ela se virou e partiu a passos fortes para a porta. Escutou o movimento do outro lado por um instante, então a abriu com tudo, quase sem cuidado, e passou para o corredor depois de fechá-la com uma batida.

Os ombros do Incaído murcharam, e ele xingou baixo.

Sentou-se na cama e viu que Leona tinha esquecido a calcinha. Ele a tomou nas mãos e a encarou por um bom tempo, perdido em pensamentos. Correu os dedos pela seda, pelo bordado. Sentiu o perfume. Por fim, inclinou-se para a frente e a enfiou debaixo do colchão, escondendo-a nas sombras sob a sua cama.

As sombras onde um não-gato estava à escuta.

Num esforço tremendo para não revirar os não-olhos.

– ...*ai*, *ai*...

---

40 Infame ópera itreyana encomendada pelo rei Francisco XII (em vida, conhecido por todos os súditos como “o Orgulhoso” e, na morte, como “o Babaca”). Francisco era fanático por musicais, e depois de triunfar numa rebelião do rei Oskar III de Vaan, encomendou uma ode à sua glória. O principal compositor da corte, Maximilian Omberti, trabalhou duro por mais de um ano nela, e a intitulou *Mi uitori* (Minha vitória).

Francisco tinha a convicção de que a ópera era um caminho para a fama e a popularidade perene entre os súditos. Não poupou gastos para montar o espetáculo, e se achando um bom cantor, decretou que representaria a si mesmo na estreia. Encenada na arena de Godsgrave, todos os membros da nobreza marcaram presença, além de noventa mil cidadãos. Para garantir que o público apreciaria cada instante da sua obra-prima, Francisco XII ordenou que trancassem as saídas da arena quando a abertura começou.

Infelizmente, apesar de a ópera conter a canção que lhe dá título, *Mi uitori* – considerada a melhor peça de Omberti –, o rei tinha exigido que o compositor incluísse *cada detalhe* do triunfo em Vaan. A estreia teve mais de dezessete horas de duração, pioradas pela voz de cantor de Francisco, que foi descrita pelo historiador Cornelius, o Jovem como “semelhante a dois gatos transando dentro de um saco em chamas”.

A apresentação foi tão comprida que duas mulheres deram à luz durante o espetáculo, e várias centenas de cidadãos arriscaram quebrar a perna ou serem executados saltando das muralhas da arena para a rua. Um barão astuto da corte do rei, um tal Gaspere Giancarli, fingiu um ataque cardíaco para que os guardas permitissem que sua família removesse seu corpo sem vida do lugar.

Dizem que Francisco ficou “bastante decepcionado” com a recepção da ópera.

Omberti cometeu suicídio logo depois da estreia.

Não houve segunda apresentação.

# Capítulo 23

## Alvatorre

O estrondo de ondas contra uma praia rochosa.

Os gritos de gaivotas no céu queimado pelos sóis.

O rugido de setenta mil vozes feitas uma só.

Um gladiatii solitário de pé, no coração da arena, banhando-se nos trovões. A luz ofuscante dos sóis reluzindo pelo comprimento das duas correntes afiadas que ele tinha enrolado no corpo. Ele trajava aço cintilante, com o braço envolto numa cota de malha, grevas nas canelas. O rosto estava oculto por trás de um elmo polido no formato da fauce de um dragão rugindo.

Os prisioneiros ao redor não tinham essa proteção – vestiam retalhos de couro barato, traziam espadas enferrujadas nas mãos. As lutas de execução serviam para entreter o público entre um evento principal e outro, mas havia uma dúzia de homens e mulheres condenados na arena, lutando contra um único gladiatii; não adiantava dar aos criminosos muita chance de sobreviver. Estavam ali para morrer, afinal.

Um estuprador condenado atacou com um grito. O gladiatii deu com a corrente farpada na barriga do homem, derramando uma espiral de intestino roxo na areia já escarlate. O público urrou em aprovação. Um incendiário e um assassino atacaram o gladiatii por trás, mas ambos foram recebidos por uma muralha de aço sibilante, que lhes arrancou o braço da espada na altura do cotovelo e abriu a garganta até o osso.

À medida que a ovação do público aumentava, que as muralhas da arena de Alvatorre quase tremiam com as batidas dos pés, o gladiatii acelerava o ritmo. Abriu traqueias e barrigas, decepou mãos e pernas, e, no final emocionante, decapitou perfeitamente a cabeça do último prisioneiro.

– Cidadãos de Itreya! – veio o anúncio pelas cornetas da arena. – Honoráveis administratii! Senadores e medulares! O seu vencedor, Giovanni de Liis!

O gladiatii rugiu, erguendo as correntes ensanguentadas. Enquanto caminhava pela areia, levando a multidão à loucura com seus golpes no ar, os cadáveres mutilados dos criminosos eram levados para o descarte. Só uma cova sem nome e o abismo os esperava.

Mia estava na cela, olhando a areia através das barras. Os jogos estavam quase no fim: havia apenas a corrida de equillais e a luta deles contra a sedosa entre aquele momento e a *ultima*. Carniceiro tinha lutado algumas horas antes, mas levava uma bela surra de um

espadachim do Colégio Tacitus; só o pedido da misericórdia dos editorii poupou sua vida. Fazondas e Sidonius participaram de um combate com feras com mais duas dúzias de gladiatii e um bando de ursos-de-foice de Vaan. A dupla matou três feras no total, mas foi superada na contagem final de pontos por dois caçadores do Colégio Trajan. Ficaram a dois pontos da vitória.

Tão próximos dos louros e, no entanto, tão longe.

A dupla estava com Mia na cela agora, tratando os machucados e o orgulho ferido. Carniceiro estava com Larva, tomando pontos na cabeça e nas costelas. Cantespadas permanecia de costas para a areia, ouvindo o furor morrer do lado de fora. Cantarolando, amarrava um punhado de facas com a ponta em gancho nos nós de sal do cabelo. As lâminas tinham sete centímetros de comprimento e eram afiadas como navalha. A mulher vestia um peitoral de couro fervido, espaldeiras e grevas de ferro escuro. Um elmo sem a crista estava num banco ao lado dela.

– Bryn e Byern vão subir daqui a pouco.

Cantespadas fez que sim com a cabeça, mas não disse nada.

– Está nervosa? – perguntou Mia.

– Sempre – respondeu a mulher.

– Coragem, irmãs – sorriu Fazondas. – A luta é de vocês.

Cantespadas concordou devagar com a cabeça. Nas semanas que antecederam a saída deles do Ninho do Corvo, o treino delas com Furian tinha melhorado muito, e durante as longas sessões sob os sóis escaldantes, o trio tinha atingido uma espécie de sincronia. Movendo-se como um só, passaram a ganhar de Arkades com regularidade. A velocidade de Mia. A força de Furian. Cantespadas fazendo a ponte entre os dois. Embora o Incaído estivesse separado delas na sua cela de campeão, como era tradição antes de uma luta, os três tinham chegado o mais perto possível de formar uma equipe.

– Temos uma chance – admitiu Cantespadas.

A verdade é que tinham mais do que uma. Ashlinn chegara a Alvalorre uma semana antes dos gladiatii do Colégio Remus e espreitara a arena desde então. Passando mensagens por meio de Eclipse, tinha dito a Mia exatamente como os editorii planejavam apimentar o espetáculo do embate entre os campeões dos Colégios Leonides e Remus. Mas, sobretudo, Ash tinha providenciado um presente especial para fazer a balança pender ainda mais em favor de Mia.

Mia fechou os olhos, ouvindo o som do mar ao longe.<sup>41</sup> Godsgrave estava logo do outro lado da água; se ela escalasse as muralhas da cidade, poderia avistá-la dali. Estava a apenas um passo do *magni*.

A um passo da vingança.

As trombetas soaram e o público respondeu aos gritos. O chão de

pedra sob os pés de Mia tremeu quando todo o aparato de maquinaria sob a arena começou a girar. A garota olhou através das barras e viu o centro do círculo de areia se abrir, uma ilha oval erguendo-se no coração da arena. Quase quarenta cruzeiros enfileiravam-se perfeitamente ao longo da ilha, com presos condenados, atados às cruzeiros.

– Vai começar – falou Mia.

Cantespadas se juntou a ela nas barras, Fazondas ao lado. Ela olhou de relance para Sidonius, que alongava os músculos por perto. Não tinham falado da revelação sobre os pais dela desde a quasinoite da briga na cela: Sid parecia contente em esperar Mia tomar a iniciativa, em conversar quando estivesse preparada. Mas ela notou que ele passou a não se distanciar muito dela. Sentava ao seu lado nas refeições e treinava por perto, nunca a mais de três metros de distância. Era como se quisesse protegê-la agora. Como se a consciência de que ela filha de Darius Corvere...

– Cidadãos de Itreya! – veio o anúncio ribombante do editorii. – Apresentamos a vocês a corrida de equillais deste *venatus* de Alvatorre!

A multidão reagiu aos urros, ondas propagando-se pelas arquibancadas. A arena de Alvatorre não alcançava o tamanho de sua irmã de Godsgrave, mas Mia imaginava que havia pelo menos setenta mil pessoas presentes. O clamor delas, o calor, o ritmo pulsante dos refrões – tudo a transportou de volta para a arena de Temporal, para o seu desfile sobre o corpo da serpente-cuspideira.

– *Qual é o meu nome?* – ela gritou.

– *CorvoCorvoCorvoCorvoCorvo!*

– *qual é o meu nome?*

Agora eles sabiam, isso era certo. A notícia da vitória dela tinha se espalhado pela República; Ashlinn ouviu entendidos contarem a história na taverna havia apenas duas viragens. “A Bela Sanguinária”, era como a chamavam. “A Salvadora de Temporal.”

Ela olhou em direção a Godsgrave. Ouviu o som do mar acima do clamor da multidão.

*Logo, todos vão saber o meu nome.*

Ela cerrou os punhos.

*Meu verdadeiro nome.*

– E agora os nossos equillais! – anunciou o editorii. – Dos Lobos de Tacitus, os Colossos de Carrion Hall, Alfr e Baldr!

Dois vaanianos enormes saíram do rastrilho que se abriu na extremidade sul da arena. Vieram numa biga decorada com lobos rosnando; as asas nos elmos e o louro das barbas brilhavam à luz dos sóis. Levantaram os braços para o público vibrante.

– Dos Espadas de Phillipi! Os vencedores de Talia, a Nona Maravilha

de Itreya, Maxus e Agrippina!<sup>42</sup>

Uma segunda biga veio atrás da primeira, puxada por garanhões castanhos. Os equillais eram um de cada sexo, como Bryn e Byern, mas, pelo arco na mão, o homem aparentemente era o *flagellae* da dupla. Numa acrobacia impressionante, ele estava com um pé em cada cavalo, com os braços abertos para a multidão.

– Dos Falcões do Colégio Remus...!

– Lá vamos nós – cochichou Sidonius.

– ...os terrores gêmeos de Vaan, Bryn e Byern!

Os irmãos avançaram na biga, com os cascos dos animais trovejando na areia compactada. Para não ser superada pelo *flagellae* do Phillipi, Bryn estava com uma mão sobre Rose e outra sobre as costas de Byern, de cabeça para baixo, com o arco nos pés. Ela soltou uma flechada que se cravou na pista, bem na linha de chegada.

Mia e os companheiros ovacionaram quando a biga de Bryn e Byern passou diante da cela. Byern lhes deu um sorriso vitorioso, enquanto Bryn soprou um beijo que Fazondas fingiu pegar no ar.

– Que Trelene cavalgue com vocês, amigos! – ele gritou com a voz grave de barítono. – Cavalguem!

– E agora, dos Leões de Leonides, os vencedores de Temporal e Pontenegra, os Titãs da Pista, os seus amados... Matapedras e Armando!

Os equillais avançaram para a pista com sorrisos largos, e foram recebidos por aplausos ensurdecedores. Ergueram as mãos unidas. Vestiam armaduras douradas e tinham os ombros cobertos com a pele de leões enormes. Armando levou a mão à aljava na lateral do corpo e começou a disparar flechas pelo ar. Por alguma arquemia, as setas explodiram em confete e fitas que caíram como arco-íris sobre o público extasiado.

Um canto ritmado ia tomando conta das arquibancadas conforme os equillais assumiam suas posições nas extremidades da pista oval, uma equipe de frente para a outra. Mia assistia a Bryn e Byern sem medo no coração, mas sabia que as chances dele eram exíguas. Como Leona não ia botar nenhum gladiatii na *ultima*, louros na corrida não fariam diferença para a vaga do colégio no *magni*. Apenas a luta especial de Mia com a sedosa poderia conquistar um lugar para eles agora. Bryn e Byern competiam apenas pela bolsa, e talvez pela própria glória. Mas era arriscar muito por um punhado de moedas e orgulho.

Mia não era a única a reconhecer as chances. Cantespadas estava ao seu lado, dura feito aço. Fazondas segurava as barras com força. Sidonius prendia o fôlego. Mia lembrou-se das palavras de Bryn e Byern no Ninho. O ditado de sua terra natal que ensinaram a ela.

*A esperança sobrevive em cada suspiro.*

Ela apertou a mão de Sidonius.

– Continue a respirar – cochichou.

– Equillais... – veio o anúncio do editorii. – *Comecem!*

Houve o estalo das rédeas. O relincho dos cavalos. A percussão dos cascos. Mia cerrou os dentes quando a corrida começou e cada time acelerou ao máximo. Enquanto as bigas rugiam na pista, os arqueiros disparavam uma flecha atrás da outra contra os prisioneiros indefesos, na tentativa de matar o maior número possível para acumular pontos. A multidão uivava, os condenados berravam, as areias tingiam-se de escarlata.

Havia editorii sob cada crucifixo, conferindo as penas coloridas de cada equipe e atribuindo-lhes pontos pelas mortes. Acima das arquibancadas, a leste e oeste da arena, havia dois placares, em que crianças ágeis marcavam o total de cada equipe colocando pedras em buraquinhos na madeira. Sidonius apontou para um deles.

– Estamos na frente.

A multidão berrou, desviando a atenção de Mia dos pontos. A dupla Phillipi tinha adotado uma estratégia agressiva logo no começo, deixando os prisioneiros de lado e partindo para o ataque. O arqueiro deles mandava uma flecha atrás da outra em Bryn e Byern, as penas pretas assoviando no ar. Byern protegia a irmã atrás do escudo enquanto ela acertava uma flechada num dos últimos prisioneiros. Bryn então girou para trás e contra-atacou, forçando o arqueiro de Phillipi a se esconder. Enquanto isso, os Leões de Leonides trocavam flechas com os Lobos de Tacitus, e a multidão foi ao delírio quando Armando acertou habilmente a coxa do arqueiro dos lobos.

– Primeiro sangue para os Leões de Leonides! – gritou o editorii.

Trombetas.

*Faltam oito voltas.*

Três coroaes foram atiradas aleatoriamente na pista, coroaes prateadas que brilhavam sobre a terra. Valiam apenas um ponto, mas como era pouca a diferença entre o primeiro e o último colocado, cada ponto contava. Bryn disparou três flechas contra o arqueiro de Phillipi enquanto o irmão se esticava para fora da biga e pegava uma coroaes. Os Espadas pegaram a segunda e os Leões a terceira. Os corredores trovejavam pela pista, as flechas cortavam o ar, Mia e os companheiros continuavam a assistir, torcendo com o resto do povo.

*Faltam seis voltas.*

Mais coroaes caíram. Trombetas soaram, o chão tremeu e a arena se abriu. Barricadas de madeira emergiram da areia ao lado da pista, todas envoltas num emaranhado terrível de cipó-navalha. Como se não bastasse o risco de colisões, as barricadas explodiram em chamas. Os *sagmas* foram obrigados a prestar mais atenção à condução da biga e menos à proteção dos parceiros e, com a velocidade menor, era mais fácil diminuir a distância. As flechas voavam rápidas e abundantes, e

Mia xingou quando Bryn foi pega de raspão por um disparo que Byern não conseguiu desviar a tempo. E, para delírio do público, os Lobos de Tacitus conseguiram acertar Matapedras, cravando uma flecha de pena branca fundo na sua coxa.

Matapedras vacilou, caiu de joelhos e baixou o escudo, enquanto a biga derrapava fora de controle. O arqueiro dos Lobos disparou de novo, e a multidão uivou ao ver a flecha acertar o ombro de Armando. Com a habilidade que fizera dos dois campeões, Matapedras reassumiu o controle da biga, e Armando arrancou as flechas do braço e da perna de sua *sagmae*. Mas o sangue escorria grosso, e os Lobos aproveitaram o tempo para pegar a sua terceira *coronae*, passando à liderança.

Mia balançou a cabeça ao ver que Bryn e Byern ficavam ainda mais para trás.

*Faltam quatro voltas.*

Mais coroas foram atiradas na pista, dessa vez meia dúzia. Os Lobos vinham em primeiro lugar, Falcões e Leões estavam empatados em segundo. Bryn parecia possuída e disparava uma flecha atrás da outra contra os oponentes. Os Espadas eram os últimos, em uma situação desesperadora. Na pressa de pegar uma *coronae*, o *sagmae* dos Espadas passou com a biga perto demais de uma barricada; a roda esbarrou no cipó ardente e produziu uma chuva de faíscas. Desequilibrado, o *sagmae* caiu de joelhos, e Bryn disparou uma flechada impressionante, acertando sua flecha de pena vermelha bem na garganta do condutor.

O homem gorgolejou, e outra flecha o acertou no peito. Os cavalos esbarraram noutra barricada, o que fez a trave-mestra se partir em duas. A biga virou e caiu no chão num emaranhado de destroços.

– Primeira morte para os Falcões! – grasnou o editorii. – *Sanguii e Gloria!*

Bryn ergueu o punho em comemoração e Byern pegou outra *coronae*. Mia e os companheiros urravam. Com esses cinco pontos, o Colégio Remus estava de volta ao primeiro lugar. Vitória à vista.

– Faltam duas voltas! – veio o anúncio.

A fumaça das barricadas em chamas pairava pela pista, a areia já estava tingida de sangue. Mortos os oponentes que os haviam perseguido a corrida inteira, Byern chicoteou os cavalos até a velocidade máxima, aproximando-se dos Leões por trás. Armando estava encolhido atrás do escudo de Matapedras, e ambos sangravam muito. A multidão uivava, perguntando-se se seus amados Leões estavam próximos da morte, mas Mia franziu a testa. Eles não eram burros, e um felino é ainda mais perigoso quando está ferido.

– Cuidado! – ela berrou quando os Falcões passaram pela janela da sua cela.

Bryn levantou o arco e mirou, e o arqueiro dos Lobos fez o mesmo de seu primeiro lugar. O público estava de pé, pensando que

Matapedras e Armando estavam prestes a ficar no meio da troca de flechas. Mas, com uma habilidade impressionante, Matapedras pegou a roda com a mão e a travou. O truque fez a biga girar para o lado, e as flechadas dos oponentes passaram longe deles. Armando se levantou da proteção e deu uma flechada nos Lobos. A flecha passou assoviando pelo escudo do *sagmae* surpreso e parou no pescoço do arqueiro. A multidão berrou, o arqueiro tremeu e caiu de cara na areia.

– Terceira morte para os Leões! – foi o anúncio.

A biga dos Lobos resvalou numa barricada e derrapou para o lado. Enquanto três flechas de Bryn se cravavam no escudo de Matapedras, Armando voltou a atacar, acertando o condutor dos Lobos no joelho e no peito. Ela tombou para a frente, a perna presa na biga; o cadáver foi arrastado por algumas centenas de metros até o membro se partir e ela cair.

– Quarta morte para os Leões! *Sanguii e Gloria!*

A multidão urrava, inebriada pela carnificina. Byern pegou outra *coronae*, Briar e Rose estavam empapadas de suor. Matapedras fustigava os cavalos, tentando manter os Falcões à distância. Com as duas flechadas mortais nos Lobos, os Leões estavam na liderança; só precisavam manter a distância e pegar coroas no mesmo ritmo que os Falcões que a vitória seria deles.

– Última volta!

A arena inteira estava de pé; o ruído subia pela pele de Mia e descia pela espinha. Sidonius murmurava, torcendo pelos gêmeos, Cantespadas rezava em silêncio, Fazondas permanecia calado feito pedra. Os cavalos espumavam, o público urrava, as chamas estalavam, Sr. Simpático se inchava na sombra de Mia à medida que o medo tentava fincar raízes dentro dela. A garota cerrou os dentes. Assistia a Byern fustigar as éguas com força, tentando fechar a distância para que a irmã pudesse acertar uma flechada mortal. Desespero nos olhos. Morte no ar.

Mia sentia enjoo ao ver o público. A euforia, o vermelho nos olhos. Quatro pessoas estavam lutando pela própria sobrevivência na areia. Mas o público não via homens e mulheres com esperanças, medos e sonhos.

Ela queria que Bryn e Byern triunfassem. Apesar de saber que era melhor não os ver como amigos, Mia os *conhecia*. Gostava deles. Não queria que morressem. Mas também não queria que Matapedras e Armando e todas as suas esperanças e sonhos e medos morressem. Só por causa de uma vitória que não valia muita coisa mesmo?

Os Leões se aproximavam da linha de chegada. O público era uma massa de bocas abertas e urros disformes. Ao entrar na reta final, Matapedras se inclinou para pegar mais uma *coronae*. Os Falcões



saíram voando da curva, correndo tão rápido que a biga ficou numa roda só. Bryn disparou em meio à poeira, à fumaça e ao fogo, numa flechada milagrosa, que passou pelo escudo do homem e acertou seu braço. Matapedras escorregou no sangue, segurando nas rédeas. A biga girou para o lado, com a multidão aos berros quando ela bateu contra uma barricada, espatifando os equillais como vidro. O eixo se partiu, e uma roda soltou-se dos escombros e quicou para trás na pista.

Bem na direção dos Falcões de Remus.

Byern puxou as rédeas com tudo, tentando virar os cavalos para a esquerda, mas a inércia era grande demais. A roda desgovernada atropelou as pernas de Briar, e a égua caiu com um relincho de dor. A trave-mestra da biga se fincou na areia, e enquanto Mia e os camaradas suspiravam um

*Ah, não...*

a biga inteira curvou-se como lata e virou com tudo no ar.

Bryn e Byern foram lançados como bonecos de trapo e caíram no chão entre os gemidos do público. Bryn bateu com o ombro na areia, mas o irmão não teve a mesma sorte. Byern deu com a cabeça numa das barricadas em chamas; o estalo úmido do crânio se partindo fez Mia se encolher. O vaaniano atravessou o obstáculo e caiu todo retorcido seis metros mais adiante na pista, um pouco depois da cela dos gladiatii.

– Mãe dos Oceanos – suspirou Cantespadas.

O público estava atônito: ambas as duplas de equillais tinham caído antes da linha de chegada. Matapedras e Armando jaziam imóveis entre os destroços da sua biga, as costas do jovem arqueiro torcidas num ângulo apavorante. Mas a confusão que se seguiu foi logo atravessada pelos gritos de torcida do público.

– Aa onipotente, vejam! – gritou Sidonius.

Mia forçou a vista através da fumaça e viu que Bryn estava se mexendo. Devagar no começo, a garota se agitou, pôs-se de joelhos e se livrou do elmo com penacho. Enquanto o público tornava a urrar, Mia observou a arqueira se levantar rôpega.

Bryn estava a talvez uns quinze metros da linha de chegada. Só precisava atravessá-la para os Falcões conquistarem a vitória. Ela começou a caminhar na direção dela, mancando, com as mãos na costela, aos tropeços. O povo começou a gritar “Bryn! Bryn! Bryn!”. A jovem arqueira cuspiu sangue na areia, com o rosto retorcido, os olhos cravados na linha.

Até ver o irmão.

Mia prendeu a respiração quando a garota parou. A arena inteira se calou. A confusão tomou conta do rosto de Bryn. E logo ela estava tropeçando, mancando, arfando na direção de Byern. Ele jazia de

braços, a um tiro de pedra de distância da cela de Mia e dos outros. Bryn caiu de joelhos ao lado do irmão e o virou para cima com cuidado.

– Byern? – perguntou em voz trêmula.

Mia viu o sangue nos lábios dele. Os olhos azuis abertos para o céu ardente. Bryn o tomou em suas mãos ensanguentadas e começou a sacudi-lo.

– Ir-irmão?

– Ah, Filhas... – suspirou Sidonius.

– Continue a respirar – rezou Mia.

Bryn se inclinou para o irmão, encostou a orelha em seus lábios. Como não ouviu nada, o balançou de novo, o rosto retorcendo-se num grito.

– Byern? – chamou, sacudindo-o. – *Byern!*

Guardas marcharam para arena, todos de uniforme preto. Enquanto conferiam os corpos dos Leões caídos, Bryn abraçou o irmão e começou a lamentar, a chorar, a uivar. Mia sentiu o coração doer, lágrimas descenderem pela bochecha. Sidonius estava quieto como uma estátua. Fazondas baixou a cabeça quando Bryn gritou mais uma vez:

– *byern!*

Os guardas marcharam até a garota ajoelhada na areia e a levantaram pelos braços. Caindo em si, Bryn revidou aos chutes e gritos de “Não! NÃO!”. Foram precisos quatro homens para arrancá-la da areia, e ela não cessou de se debater e urrar o nome do irmão.

– Cidadãos de Itreya! – veio o anúncio nas cornetas da arena. – Lamentamos declarar que... não houve vencedores!

Mia fechou os olhos. Tudo isso para nada. Nada de louros. Nada de glória. Apenas nada. E então, enquanto suas entranhas ardiam e um calafrio lhe percorria a espinha, ela ouviu o público começar a vaiar. Espiando pelas barras, viu a multidão de pé, atirando comida e cuspiendo na areia. Naquela areia manchada com o sangue de oito homens e mulheres, sete dos quais morreram apenas para entretê-los. Sete pessoas com esperanças e medos e sonhos que, agora, não passavam de cadáveres.

E o público? O público não se importava nem um pouco.

Mia respirou fundo. Cerrou os dentes. Sidonius e os outros permaneceram nas barras, mas Mia deu meia-volta, afastando-se. Ficou os olhos no chão de pedra sob seus pés. No caminho diante de si. Na vingança que a aguardava no fim dele.

– ...*sinto muito, mia...*

– Você? – ela cochichou. – Por quê?

– ...*ele era seu amigo...*

– Eles não são minha família, lembra? – ela rebateu. – Não são meus amigos.

Ela olhou para as mãos. Os dedos se fecharam sobre os punhos. Tudo estava embaçado, sem forma, por causa das lágrimas.

– Todos são apenas meios para um fim.

---

**41** A cidade de Alvatorre é uma metrópole que se estende pela costa sul de Itreya e é a cidade-irmã de Godsgrave. É possível avistar a Cidade das Pontes e dos Ossos da praia, e o imponente aqueduto que abastece a capital de Itreya sai das montanhas atrás de Alvatorre, desce pela metrópole e atravessa a baía até seu destino.

Decorado por estátuas de Aa e de suas Quatro Filhas e protegido em cada ponta pelos enormes Andantes de Guerra itreyanos, o aqueduto é uma maravilha da engenharia. Seu arquiteto principal foi Marius Gandolfini, morador de Alvatorre, que recebeu o encargo de supervisionar o projeto do rei Francisco II, o grande construtor.

O aqueduto permitiu que a capital passasse de valeta fedorenta a uma maravilha das águas, transbordando de fontes, com uma rede complexa de esgotos, centenas de banhos públicos e todas as formas de tubulação. Embora Gandolfini tenha morrido de velhice antes do aqueduto ficar pronto, seu nome é venerado na Cidade das Pontes e dos Ossos até as viragens de hoje. Uma estátua dele se ergue orgulhosa no Passeio dos Visionários, no Colégio de Ferro; há bustos dele em mármore em casas de banho por toda a cidade, e certos bordéis especializados oferecem um “Gandolfini” para os seus clientes mais... ousados.

Use a imaginação, nobre amigo.

**42** Apesar da afirmação entusiasmada do editorii, existem apenas oito maravilhas de Itreya:

- As Costelas de Godsgrave.
- O Aqueduto de Godsgrave.
- O Mausoléu de Lucius I: lugar do descanso final do primeiro rei-mago liisio, esse zigurete ergue-se a quase cento e cinquenta metros de altura e deixa os engenheiros contemporâneos estupefatos com a genialidade da construção.
- As Cascatas de Pó de Nuuvash: uma série de escarpas enormes ao sul de Ashkah que despeja enormes avalanches de pó das Ruínas Sussurrantes no mar.
- A Estátua de Trelene em Farrow: localizada no principal templo da capital dweymeri, essa escultura em mármore e ouro da Mãe dos Oceanos realiza milagres quando não há nenhuma testemunha confiável por perto.
- As Mil Torres: uma série de pilares de pedra com centenas de metros que se erguem sobre um antigo leito fluvial em Ashkah. Na verdade, são apenas novecentas e sessenta e quatro torres, mas “Mil Torres” soa bem melhor.
- O Templo de Aa em Elai: construído por Francisco I, o Grande Unificador, para comemorar a conquista de Liis. No centro do edifício há uma estátua de trinta metros de ouro maciço; o material para ela foi conseguindo derretendo a fortuna pessoal de todas as famílias nobres que lutaram contra Francisco.

Menções honrosas para o Grande Sal, o Túmulo de Brandr I, e uma cortesã chamada Francesca Andiami, capaz de feitos extraordinários com uma tigela de morangos e um colar de contas. Também deixo aqui minha declaração de admiração por você, que gastou tempo para ler isto quando a corrida de cavalos está para começar.

# Capítulo 24

## Obsidiana

Oca.

Era assim que Mia se sentia por dentro. Ouvindo a massa impaciente bater os pés nas arquibancadas enquanto o cadáver de Byern era retirado da arena. Com o cabelo comprido pendendo sobre os olhos, ela começou a amarrar o peitoral de couro ao peito, as grevas de ferro na canela. Fria em cada movimento.

Metódica.

Mecânica.

– ...*você está bem...*?

Disse um suspiro em seu ouvido, debaixo das sombras do cabelo.

– ...*mia...*?

Os guardas chegaram à porta da cela para pegá-los, todos de uniforme preto. Furian estava atrás deles com sua armadura reluzente, um elmo de falcão na cabeça, a gargantilha prateada de campeão em volta do pescoço. Arkades veio coxeando por trás do Incaído, o rosto como uma máscara. Dona Leona estava à frente de todos, resplandecente num longo vestido azul-celeste, com o delineador nos olhos borrado pelas lágrimas. Quando os guardas abriram a cela, Mia olhou nos olhos da domina, tentando medir sua dor.

Seria sincera? Ou tão oca como seu peito naquele momento?

– Domina? – perguntou Cantespadas em voz baixa. – Bryn...

– Está com Larva – murmurou a dona. – Ela... não está bem.

– O irmão dela morreu lá fora, domina – disse Sidonius. – Como mais poderia estar?

– Eu...

– Chega – rosnou Arkades. – Byern morreu com honra, como gladiatii. Ponham a cabeça na luta e deixem os problemas de lado. A oponente de vocês não vai se deter por causa deles.

Mia ainda encarava Leona. Pensava em tudo o que sabia sobre a mulher. A dona tinha crescido em meio à tragédia. E embora possuísse um estábulo de homens e mulheres que lutavam e morriam para entretenimento das massas, talvez restasse um pouco de humanidade no peito. Ela mostrara sinais disso no quarto de banho com a magistrae, até em seu afeto relutante por Furian. Havia mais nela do que a mera sede de superar o pai. Será que ela mostraria verdadeiro luto, ou incentivaria os três a “vingar o irmão caído”, ganhando por tabela a vaga no *magni*?

Leona tomou a mão de Mia. A de Cantespadas também.

– Eu...

Ela balançou a cabeça, tentando falar. Os olhos se encheram de lágrimas.

– Cuidado lá fora – ela murmurou afinal.

Cantespadas piscou surpresa. Olhou para Arkades.

– Sim, domina.

– O combate os aguarda, mi dona – avisou o capitão da guarda.

Leona fez que sim e secou o rosto.

– Muito bem.

Eles foram conduzidos pelas entranhas da arena; o clamor ressonante do público vibrava pelos caibros do teto. Chegaram a uma ampla área de espera; havia um chão de pedra preta, um rastrilho de ferro, quatro degraus largos que levavam para a arena. Os sons do público passavam por Mia, e ela cerrou os dentes e olhou para a areia.

– É chegada a hora – disse Arkades. – A imortalidade está ao seu alcance. É uma chance de gravar seus nomes na terra, de honrar a sua domina e de ganhar a liberdade. Existe apenas uma inimiga entre vocês e o *magni*. Uma inimiga que pode sangrar. Uma inimiga que pode morrer. – Ele fixou os olhos azul-gelo em cada um dos três. – Vocês são gladiatii do Colégio Remus. Lutem juntos ou caiam sozinhos.

Furian assentiu com a cabeça.

– Executus.

– Sim, executus – sussurrou Cantespadas.

Mia apenas olhou, lembrando-se das palavras de Arkades para o Incaído no quarto. Sabendo que era apenas um inconveniente para o homem, uma pedra a ser pisada no caminho para o *magni*. Ele a usava só para ver Furian exaltado, para alcançar seus objetivos.

*Muito bem, seu bastardo. Vamos usar um ao outro.*

A voz de Mia saiu fria como o auge do inverno:

– Executus.

Leona não disse mais nada. A dupla se retirou, a porta foi trancada. Furian olhou para Mia de esguelha, a expressão oculta sob o elmo de falcão. Cantespadas, com os olhos fixos na arena, enrolava as tranças na crista do elmo antes de colocá-lo. Empunhando um escudo pesado de ferro gravado com um falcão vermelho, ela sacudiu a cabeça, e as lâminas que prendera no cabelo reluziram à luz dos sóis.

Mia abria e fechava as mãos vazias, com a sombra trêmula; toda a fome, o desejo e a energia arfante que sentia perto de Furian vindo à superfície. Não se deu o trabalho de pegar o escudo – era incapaz de usá-lo, afinal. Senhor Simpático e Eclipse inchavam-se na sua sombra, apanhando os tentáculos de medo que tentavam tomar conta do seu peito e consumindo-os um por um.

Ela sabia que essa seria a luta mais difícil de sua vida.

As trombetas soaram, a multidão se calou, até as paredes

transbordavam de ansiedade.

– Um momento – disse Furian, olhando para o capitão da guarda. – Onde estão nossas espadas?

– À nossa espera – respondeu Mia em voz baixa. – Lá fora.

– Cidadãos de Itreya! – as palavras do editorii ecoaram pelo silêncio.

– Honoráveis administratii! Senadores e medulares! Apresentamos uma luta especial entre os Leões de Leonides e os Falcões de Remus!

Um burburinho entusiasmado percorreu as arquibancadas.

– O combate será travado e *mortium*, sem desistências nem intervalos! O sanguila Leonides apostou anteriormente uma vaga no *venatus magni*! Caso os Falcões de Remus saiam vitoriosos, a filha dele, a sanguila Leona do Colégio Remus, terá autorização para inscrever seus gladiatii nos grandes jogos de Godsgrave, daqui a seis semanas.

O burburinho se tornou uma comoção crescente.

– Entrando pelo Portão da Costa pelos Falcões de Remus, apresentamos a vocês Cantespadas, a Ceifadora de Dweym! A Bela Sanguinária e Salvadora de Temporal, Corvo! E o Campeão de Talia, o Incaído em pessoa, Furiaaaaan!

O público se pôs de pé, rugindo sua aprovação. O rastrilhos foram levantados, e com um último olhar entre si, os três Falcões avançaram para a areia, com os guardas marchando dos lados. Cantespadas e Furian levantaram as mãos para saudar o público, que urrava em resposta, eram milhares e milhares. Mia apenas manteve a cara fechada. Lembrava-se do dia, não muito tempo atrás, em que aquele aplauso havia inflamado sua alma. Agora, sabia que eles não torciam por *ela*, mas pelo espetáculo sangrento que ela proporcionava. Não importava quem empunhava a lâmina, só que houvesse o pescoço de alguém para encontrá-la.

Mia queria acabar logo com aquilo, queria aquela festa toda terminada e Duomo e Scaeva mortos e mil anos numa banheira quente para se lavar do sangue e do fedor...

O grande canteiro central que marcava a pista dos equillais tinha submergido de volta à maquinaria sob a arena. A areia diante deles não tinha qualquer distinção, apenas a cor de sempre respingada de vermelho fresco.

– Esperem aqui – ordenou o capitão da guarda. – Não se movam até receberem ordens do editorii, ou serão desclassificados.

Os guardas marcharam de volta ao rastrilho e o fecharam.

– Que abismo está acontecendo aqui? – cochichou Cantespadas.

– Apenas se mantenha parada – respondeu Mia. – E se prepare.

– Você sabe alguma coisa que não sabemos, Corvo? – resmungou o Incaído.

– Furian – ela suspirou. – As coisas que eu sei e você não sabe podiam praticamente encher a porra do Grande Sal.

– Entrando pelo Portão da Torre pelos Leões de Leonides, apresentamos um terror das Escarpas do Dragão! Uma pária entre seu povo, seu próprio nome é morte na linguagem do Domínio! Eis Ishkah, a Exiladaaaaaa!

Um burburinho de admiração alastrou-se pelo público enquanto o rastrilho no muro norte da arena se abria ruidosamente. Das sombras, surgiu a sedosa de Leonides, ladeada por meia dúzia de guardas. Trajava uma magnífica armadura dourada, com detalhes em verde-esmeralda. Dos ombros pendia uma pele de leão, cuja cabeça e juba enorme cobriam o elmo. Em meio aos gritos loucos do público, a sedosa adentrou a arena. Os guardas retiraram-se em formação, e o rastrilho se fechou.

Mia lançou um olhar para a oponente; a areia subia com o vento que soprava. Ishkah tinha mais de dois metros de altura, feita toda de quitina e músculos, os lábios pintados de branco. Ela deixou cair a pele de leão e os seis braços se abriram como uma flor. A pele verde-escura brilhava na luz dos sóis, e os olhos sem expressão encararam os inimigos.

– Mãe dos Oceanos – balbuciou Cantespadas. – Isso é algo que não se vê toda viragem.

– Apenas se preparem – disse Mia.

– Cidadãos, atenção! – gritou o editorii. – Eis o campo de batalha.

Um tremor profundo ressoou por baixo das areias com o atrito das engrenagens colossais. O chão balançou, mas os companheiros de Mia se mantiveram firmes enquanto uma grande porção triangular começou a subir do solo. A areia caía em cascatas, e Mia olhou pela beirada para a enorme maquinaria lá embaixo. Sentiu cheiro de óleo, de enxofre e de sal.

Outras partes da areia começaram a mover-se, a arena inteira dividindo-se numa série de plataformas triangulares. Com alturas e dimensões diferentes, as plataformas começaram a rotacionar devagar em torno de uma base no centro, girando, virando, passando por cima e por baixo das outras como peças conectáveis do mostrador de um relógio gigantesco. Furian, Cantespadas e Mia se entreolharam, Cantespadas murmurando uma oração a Trelene.

– Não dá pra negar que eles sabem fazer um espetáculo – murmurou Mia.

O público estupefato ovacionava com todas as forças. Mia e os camaradas estavam talvez a uns seis metros do chão agora. Ela olhou para baixo de novo, para as entranhas de maquinaria da arena; escorregar pelas beiradas significaria cair naquelas engrenagens enormes, trituradoras, e ser esmagada até virar pasta entre os dentes de metal engraxados.

– Armas! – gritou o editorii.

A grande plataforma no centro da arena rangeu, e Mia viu uma dúzia de espadas de tamanhos variados emergirem da areia com o cabo para cima. Eram negras, com um gume brutal, e reluziam à luz dos sóis.

– Temos que correr para pegar as espadas? – balbuciou Cantespadas.

– Temos – confirmou Mia. – Mas cuidado; são feitas de obsidiana, não de aço. São afiadas como navalhas, mas frágeis. Só dá pra dar alguns golpes antes de ficarem inúteis. Usem o escudo, não a espada, para bloquear.

– Como você sabe disso? – quis saber Furian.

– E isso importa, porra? – ela esbravejou. – Vamos acabar logo com isso.

– Sem bruxarias, Corvo – ele avisou. – Vamos conquistar a vitória por merecimento ou morrer gloriosamente.

Cantespadas olhou para a dupla.

– Lutar juntos ou cair sozinho, lembram-se?

– Gladiatii! – chamou os editorii. – Preparem-se!

Mia postou-se como uma corredora, com os olhos num par de espadas gêmeas no centro do círculo.

– Boa sorte, irmã – disse Cantespadas. – Irmão. Que a Senhora dos Oceanos proteja vocês.

– Assim seja – disse Furian, acenando com a cabeça. – Que Aa proteja e guarde vocês, e que Tsana guie as suas mãos.

Mia levantou o elmo, piscando para tirar o suor da vista. A multidão trovejava em seus ouvidos. Ela olhou para o público fervilhante, à procura de uma garota com cabelo tingido de vermelho e olhos como o céu aberto. Sua sombra tremia nos contornos, escorrendo feito água na direção da sombra de Furian.

– Que a Mãe vele por nós – sussurrou.

– Gladiatii! – rugiu o editorii. – Comecem!

Mia disparou o mais rápido que podia. O ar queimava nos pulmões, o olhar estava fixo nas espadas enquanto a sedosa corria na direção delas a partir do outro extremo da arena sob os urros do público. Cantespadas avançava apenas uns passos atrás, as pernas compridas movendo-se com suavidade, e Furian vinha na retaguarda.

Mia chegou ao fim da plataforma e saltou para a próxima. O triângulo trocou de posição debaixo dos seus pés, virando-se em sentido horário, as engrenagens colossais girando lá embaixo. Areia foi amassada sob as botas e ela deu um pulo em direção à próxima fileira de plataformas menores, mais próxima ao coração da arena. Seus olhos focavam na sedosa, que corria rápido, cada vez mais perto daquelas lâminas negras e brilhantes. O coração disparou ao se dar conta de que...

*...ela vai chegar primeiro.*



Mia concentrou-se além das plataformas movediças, das areias agitadas, das engrenagens gigantescas. Sua sombra tremeu quando ela segurou a da sedosa e a enroscou nas botas dela. Ishkah silvou, tropeçando por um instante enquanto Mia corria rumo à base central. Mas, com um palavrão, ela sentiu seu controle sobre as sombras se desfazer, e os pés de Ishkah se soltarem.

*Furian do caralho...*

– Sem bruxaria! – ele berrou atrás dela.

Ishkah chegou à plataforma central, suas seis mãos projetando-se como cobras para agarrar os cabos de seis cimitarras brutalmente encurvadas. A multidão rugiu enquanto a luz dos sóis reluzia na obsidiana. A sedosa correu para o outro lado quando Mia saltou para a base, e três das suas espadas cintilaram no ar, bem na direção do pescoço da garota. Arfando, Mia mergulhou para a esquerda, caiu de ombro na areia e rolou para trás de Ishkah, sob as lâminas que zuniam. Resfolegando, agarrou duas espadas e as puxou para fora.

Virou-se bem no instante em que Ishkah atacou; as lâminas da sedosa vieram como um borrão. Mia não ousou bloquear os golpes; a obsidiana poderia estilhaçar sem muito esforço, e Ishkah tinha espadas de sobra. Em vez disso, esquivou-se, levantando areia, girando para a esquerda e para a direita e se dobrando para trás, com a coluna esticada. Um dos golpes passou um pouco acima do seu queixo. Jogando-se para trás, rolou até ficar agachada bem na beirada da plataforma, onde parou trêmula a um triz do mar movediço de engrenagens de metal.

Com um rugido, Cantespadas investiu contra Ishkah por trás. Seu escudo colidiu nas costas da sedosa e a derrubou. Ishkah caiu para a frente, para fora da plataforma, e em cima de outra que passava abaixo. Seus olhos baços, sem expressão, apertaram-se ao ver que Mia recuperara o equilíbrio e que Cantespadas pegara uma espada de obsidiana. A sedosa deu alguns passos na direção de Furian, mas ele estava longe demais e logo saltou à plataforma central para pegar a última espada de obsidiana. O Incaído ergueu a lâmina no ar e a multidão berrou. A corrida tinha terminado, os competidores estavam todos armados. Agora a batalha podia começar de verdade.

Ishkah abriu os braços, as espadas dispostas como um leque reluzente, e sem ruído saltou de volta à plataforma central. Os três Falcões correram ao encontro dela. Mia atacou primeiro, rápida feito um raio, golpeando baixo. Cantespadas atacou no meio, e seu escudo protegia Mia enquanto Furian investia contra a cabeça da sedosa. Ishkah levantou as espadas e defendeu todos os golpes com facilidade, mas quando ergueu uma das lâminas para defender um golpe de Furian, a espada estilhaçou como vidro.

A sedosa reposicionou-se e logo suas espadas cortavam o ar. Acertou

um chute brutal no escudo de Cantespadas, que fez a mulher perder o equilíbrio. Suas espadas desviaram a de Furian, abrindo um corte raso no braço dele. Em seguida, respirando fundo, Ishkah abriu os lábios brancos numa carranca e cuspiu um jato de veneno verde e brilhoso bem no rosto de Mia.

– ...cuidado...!

Mia inspirou com força, girando desesperada e virando a cabeça. O líquido acertou a lateral do elmo e se espalhou viscoso. Chiava ao contato com o metal, devorando o ferro como faca quente no gelo. Mia rolou para fora do alcance da sedosa, arrancando o elmo e piscando várias vezes. Nada tinha entrado nos olhos, nem na pele, mas, Deusa, tinha sido por pouco...

O Incaído voltou a investir com um grito de fúria, golpeando de baixo para cima de maneira brutal. Ishkah ergueu duas espadas cruzadas e aparou os golpes. Com um estalo agudo, as três espadas se despedaçaram, e Mia teve de proteger os olhos dos cacos de obsidiana. Cantespadas investiu com a própria lâmina e o golpe resvalou na armadura de Ishkah, produzindo um estalo desconcertante. Enquanto Mia se levantava, Furian batia em Ishkah com seu escudo, forçando-a para trás em direção à beirada da plataforma. Outra de suas lâminas fraturou a armadura de Cantespadas. Mia atacou, golpeando por cima e por baixo, e o público uivou ao vê-la abrir um corte na coxa da sedosa. O sangue verde caiu na areia, e cacos de obsidiana voaram quando Ishkah derrubou uma das espadas de Mia no chão e a despedaçou com um pisão. Ela atacou novamente e Mia rolou de lado. A quarta espada da sedosa se estilhaçou na areia.

Furian só tinha um cabo como arma, Mia ainda tinha uma espada, e a de Cantespadas estava só um pouco rachada. Ishkah ainda tinha duas espadas e três oponentes. Ela atacou ao mesmo tempo, empurrando os Falcões para trás, sangrando o ar com seus golpes. Furian ficou na defensiva, batendo com o escudo quando podia. Cantespadas e Mia lutavam lado a lado. A dweymeri aparou um dos golpes de Ishkah com seu escudo e conduziu a lâmina para o chão, partindo-a no meio. A Exilada atacou com a última espada e a lâmina quebrada de outra, seus golpes zunindo em direção à barriga e ao pescoço de Cantespadas. Furian defendeu o golpe de cima com o escudo e Mia defendeu o de baixo, quebrando a última espada de Ishkah até o cabo. Com um grito de guerra furioso, Cantespadas avançou, acertando a sedosa na barriga com o escudo e a jogando para trás na plataforma. Ishkah emitiu um estalo desesperado e agarrou-se à beirada de uma plataforma que passava embaixo, interrompendo a queda e logo erguendo-se em segurança.

Os três Falcões permaneceram juntos, resfolegando. A sedosa rondava a base central na sua própria plataforma, com os olhos sem

expressão cravados nos deles. Ela ainda segurava o cabo de duas espadas, os olhos pálidos focados nas armas dos inimigos. Obsidiana era frágil, mas não devia ser *tão* frágil. Embora as armas dos Falcões estivessem lascadas e arranhadas, as lâminas de Ishkah tinham se mostrado tão delicadas quanto folhas de outono. Quase como se...

Como se...

Um sorriso lento curvou os lábios de Mia.

– Ela parece aborrecida.

– ...*então a víbora conseguiu...*

– Eu gostaria que você não a chamasse assim.

Mia arriscou um olhar para o público, seu coração inflava no peito, e procurou mais uma vez o cabelo vermelho-sangue e o par de belos olhos azuis entre as massas. Não tinha como saber se o composto que projetara – uma medida de ácido de calcita para duas de óxido bórico – seria tão eficaz nas armas da sedosa como tinham sido. Não havia como saber se Ash seria esperta ou rápida o bastante para cobrir as lâminas de Ishkah com a solução antes da luta. Mas, ao ver as lâminas quebradas nas mãos da sedosa e a espada quase intacta em sua própria mão, teve certeza de que Ash tinha dado um jeito. A sedosa estava praticamente desarmada e agora, mesmo com o veneno e a velocidade assombrosa, as chances estavam mais equilibradas.

A multidão rugiu, incentivando os Falcões a dar o golpe final.

Furian fez uma carranca para Mia.

– A luta se prova mais fácil do que eu imaginava.

– Que coisa – respondeu Mia.

– *Corvo...* – rosnou Furian.

Mia olhou de esguelha para ele e deu uma piscadinha.

– Chega de conversa – cuspiu Cantespadas. – Vamos estripar essa vadia horrorosa.

Os Falcões empunharam as armas, preparando-se para atacar.

– Espadas! – gritou o editorii.

Mia ouviu um estrondo e virou-se para a plataforma no canto da arena. Seu coração se apertou quando a viu tremer com a saída de mais dez espadas de obsidiana da areia.

– Merda – ela sussurrou.

– ...*imagino que você e a víbora não sabiam sobre essas...*

– Merda, merda, *merda*.

– ...*ah, que maraviiiilha...*

A multidão urrou ao ver Ishkah disparar em direção às novas espadas, pulando de uma plataforma movediça para outra. Mia correu em direção a ela, com os companheiros logo atrás. As plataformas viravam e giravam numa grande dança de maquinaria que era difícil de adivinhar com o suor queimando os olhos.

Ela imaginou que Ashlinn devia ter suspeitado que haveria um

plano reserva no caso de todos os competidores quebrarem suas armas, mas não havia tempo para reclamar agora – aquelas novas espadas não tinham sido enfraquecidas pelo composto dela. Se Ishkah pusesse as mãos nas armas, a luta poderia acabar ficando justa, e isso não podia acontecer. Mas, enquanto corria, seu coração mais uma vez apertou ao perceber que a sedosa chegaria primeiro.

– Furian? – ela resfolegou.

– Não! – o Incaído rosnou enquanto saltava por uma lacuna gigante.

Mia cuspiu a areia da boca, balançou a cabeça e, apesar do calor escaldante dos dois sóis no céu, invocou a sombra de Ishkah mesmo assim. Sentiu-a sob seu controle, fria e tenebrosa, escorregando como cobras para enlaçar os pés de Ishkah. A sedosa tropeçou e caiu de joelhos, o elmo desprendendo-se da cabeça e rolando para a maquinaria lá embaixo. Mas, com uma sensação nítida e cortante, Mia se viu perdendo o controle e a escuridão lhe escapou pelos dedos.

– Filho da puta, vai se foder! – esbravejou, com o rosto torcido de raiva.

– A vitória deve ser conquistada! – berrou Furian em resposta. – Não roubada!

Ishkah alcançou as espadas, jogou as lâminas quebradas no abismo e pegou seis novas – longas, desta vez, não curvas. Então, se voltou para o trio, saltando pelas plataformas na direção dela, que ainda era uma visão temível, cortando o ar com as lâminas de uma maneira quase hipnótica. Mia foi a primeira a chegar à plataforma; rolou e jogou um punhado de areia no rosto de Ishkah. A sedosa recuou tropeçando, esfregando os olhos, e Mia pulou mirando as espadas que sobraram, se jogando para o lado quando as lâminas da oponente começaram a acertar a areia. O público segurou o fôlego quando a bota da sedosa acertou as costelas dela. O impacto foi tremendo – a garota sentiu as costelas se partirem, sentiu um fogo terrível no peito. Com saliva caindo dos lábios e o rosto contorcido, ela viu Ishkah levantar a espada e...

*Créc!*, veio o som quando Cantespadas jogou seu escudo na cara da sedosa. Ishkah guinchou e cambaleou, o público urrou ao notar que a borda do escudo tinha acertado um de seus olhos. Um fluido verde começou a gotejar da ferida, e Mia se pôs de pé com um fôlego dolorido para pegar um par de espadas. Cantespadas saltou o buraco e Ishkah *estriooooooooou* ao encontro da dweymeri, que ergueu a espada rachada para se defender.

A lâmina de Cantespadas se despedaçou ao primeiro golpe, e a sedosa irada abriu feridas profundas no ombro da mulher, partindo uma das espadas na lateral do seu elmo. Cantespadas caiu de joelhos, a cabeça zunindo. Mas quando Ishkah ergueu as lâminas para dar o golpe fatal, Furian chegou, saltando o buraco com um grito e

aterrissando com o escudo na cara da oponente. A dupla foi ao chão num emaranhado de membros, e o escudo de Furian saiu deslizando pela areia.

O Incaído montou na sedosa, enfiou os dedos pela órbita sangrenta e desferiu um soco atrás do outro.

– Puta do caralho! – *Pá!* – Sabe quem eu sou? – *Pá!* – Sou o Inc...

Ishkah guinchou e cuspiu veneno. O líquido verde e bilioso espalhou-se do peitoral até a garganta desprotegida de Furian, que gritou quando começou a queimar. Ele caiu para trás, esfregando o pescoço e rolando na areia enquanto o público gritava. Ishkah se levantou trôpega, soltou um rosnado borbulhante e pegou as espadas para dar fim ao Incaído.

A espada de Mia relampejou, desviando o golpe. Ishkah contra-atacou, despedaçando a lâmina de Mia e emendando uma espadada na cabeça. A garota recuou com um pulo, soltando um grito quando o golpe desceu cortando sua testa e abrindo sua bochecha. Com os olhos sujos de sangue, vacilante, Mia recuou e caiu com um joelho no chão. Ishkah lhe acertou outro chute brutal no peito, causando uma dor fervente nas costelas. Trançando as pernas, Mia caiu de costas na areia, quase não conseguindo parar antes da beirada da plataforma.

Com um grito selvagem, Cantespadas virou o pescoço, suas tranças compridas cortando o ar. As lâminas que tinha amarrado ao cabelo rasgaram o rosto e os antebraços de Ishkah. A dweymeri então atacou com uma espada em cada mão, num corpo a corpo com a enorme sedosa sobre Furian, que jazia de bruços. Suas lâminas fendiam o ar, assoviando, zunindo, *cantando*, despedaçando uma das espadas de Ishkah e cravando-se fundo no lado da sedosa. Cantespadas *giro*u o pulso e quebrou a espada dentro da ferida. O sangue verde espirrou enquanto Ishkah contra-atacava com um silvo, abrindo o antebraço de Cantespadas até o osso quando a mulher tentou se defender do golpe. Um punho acertou o rosto da dweymeri, uma lâmina quase cortou seu pescoço e, quando Cantespadas se abaixou, deu de cara com o joelho da sedosa.

Ossos se partiram e Cantespadas curvou-se enquanto voava pela plataforma, o elmo escapando da cabeça, o nariz esmagado. Segurando as entranhas com uma mão, Ishkah continuou, acertando um chute brutal na boca do estômago da dweymeri e a fazendo rolar para o outro lado da plataforma. Mia se levantou, com sangue escorrendo da bochecha cortada, e gritou ao ver que Cantespadas estava prestes a cair.

– ...*mia, não...*!

Foi burrice. Idiotice mesmo. O objetivo era a vitória, não heroísmo, e Cantespadas não era sua amiga. Mas com um grito desesperado, sem pensar, sem medo, Mia se jogou para o outro lado da plataforma,

fincou a espada que lhe restava fundo na areia, e agarrou Cantespadas pelo pulso. A mulher gritou ao cair arrastando Mia, e a garota berrou enquanto tentava impedir a queda, segurando Cantespadas firme numa mão e o cabo da espada firme na outra. O fogo das costelas quebradas explodia em seu peito. A multidão uivava de admiração, e o rosto de Mia contorcia-se de dor. As costelas estavam apertadas contra a lateral da plataforma, e as engrenagens colossais giravam seis metros abaixo continuando suas revoluções em torno do centro da arena. A mão de Mia estava escorregadia de sangue, e o corpo empapado de suor.

– Agente firme! – ela berrou.

Cantespadas arfava agonizante, o rosto transformado numa massa de sangue. Ela baixou os olhos para a maquinaria girando e balançou a cabeça.

– Solta!

– Você está louca? *Sobe!*

– Sou muito pesada pra você, sua merdinha magrela! Solta!

– Lutem juntos ou caiam sozinhos!

Ishkah estava de joelhos, com duas mãos apertadas sobre a ferida terrível que Cantespadas abria no seu lado, licor verde gotejando do olho arregaçado e do rosto cortado. Com uma expressão contorcida, ela apalpou a areia e pegou uma espada caída. E, com a força de uma montanha, com os suspiros admirados do público, ela se levantou.

– Morte! – a multidão berrava. – Morte!

– Ah, merda! – resmungou Mia. – Sobe, Cantespadas!

Ishkah começou a avançar na direção dela, a luz dos sóis brilhando na espada. Mia gemia baixo, tentando se segurar enquanto Cantespadas escalava seu corpo. As costelas gritavam, o rosto latejava, os dentes estavam cerrados de dor. Com as mãos ocupadas, Mia não conseguia agarrar as sombras, não conseguia invocar as trevas como tinha feito tantas e tantas vezes antes...

– ...*mia, veja...!*

Atrás da sedosa que se aproximava, Furian começava a se mexer. Ele tirou o elmo e revelou a ruína borbulhante que era a carne do queixo, da mandíbula e da garganta. A respiração fazia seu peito tremer. Os gritos do público se transformaram num cântico, num ritmo, pulsando a cada batida do coração de Mia.

– Morte! Morte! Morte!

– Furian! – berrou Mia.

O Incaído levantou os olhos, viu Cantespadas escalando o ombro de Mia, viu o rosto da garota manchado de sangue e a sedosa a alguns passos de dar um fim nas duas.

– Furian, a escuridão! – berrou Mia. – Invoke!

Ishkah fez uma carranca, arreganhando os dentes pontiagudos

enquanto se aproximava.

– Morte! Morte! Morte!

– *Invoke!* – gritou Mia.

Cantespadas se ergueu pela beirada e deu a mão a Mia. Ishkah ergueu a espada, a apenas dois passos de distância das duas. E com os dedos curvados, os dentes à mostra, Furian, o Incaído, tomou a sombra sob ela e a enrolou em seus pés.

Ishkah tropeçou com um silvo, confusa. O público parou de cantar e prendeu a respiração. Mia subiu na plataforma com o rosto contorcido de agonia. Furian soltou um suspiro e caiu de bruços, perdendo o controle da escuridão. Ishkah se levantou e golpeou Cantespadas nas costas, abrindo a armadura de couro e fazendo o sangue espirrar. Cantespadas caiu com um grito e, com um rugido desesperado, Mia arrancou a espada de obsidiana da terra, desviou da espada de Ishkah e cortou fora o braço da sedosa na altura do cotovelo.

Ishkah gritou. Sangue verde começou a jorrar. O público inflamou-se, dando uivos de fúria. Mia girou e abaixou-se para abrir um rasgo na perna da sedosa e a pôr de joelhos. A arena entrou em erupção, o barulho era ensurdecador, setenta mil vozes gritando “*Morte! Morte! Morte!*” cada vez mais alto, os sóis fervendo no céu, o sangue vibrando nas veias de Mia, o coração trovejando no peito quando ela berrou e empunhou a espada com as duas mãos e – com toda a força, com toda a fúria, com toda a dor – arrancou com um só golpe a cabeça de Ishkah de cima dos ombros.

O sangue espirrou, salpicando Mia de um verde quente e viscoso. O corpo de Ishkah estremeceu; os seis braços se retorceram quando ela tombou da plataforma e caiu nas engrenagens abaixo. Mia encolheu-se ao ouvir o estalo borbulhante e desviou o olhar, a espada ensanguentada ainda firme na mão.

Ainda assim...

*Eu consegui.*

As trombetas ressoaram, nítidas e vívidas, as plataformas pararam de girar com um tremor. A voz do editorii ergueu-se sobre os gritos do público ensandecido pelo sangue e ecoou pelas muralhas da arena.

– Cidadãos de Itreya! Os vencedores! Os Falcões de Remus!

O público foi à loucura, as palmas eram ensurdecadoras.

Cantespadas levantou-se cambaleante, seu rosto todo iluminado pela dor e pelo triunfo, sangue escorrendo de suas feridas. Mesmo assim, a Ceifadora de Dweyn sorria. Passou o braço bom em volta do pescoço de Mia e beijou sua bochecha.

*Não, nós conseguimos...*

Virando-se para o público, Cantespadas ergueu a mão de Mia para o céu, gritando:

– *Qual é o nome dela?*

– Corvo! – veio o clamor.

– Qual é o nome dela?

Pés batendo, mãos aplaudindo, a palavra reverberava pela areia:

– Corvo! Corvo! Corvo! Corvo!

Mia baixou o olhar para a espada ensanguentada na mão. Olhou para Furian, encolhido na areia com as mãos na garganta destruída. Ela ergueu os olhos para o camarote dos sanguilas e viu dona Leona de pé, com o olhar horrorizado fixo no Incaído. Arkades estava ao lado dela, as mãos erguidas num aplauso relutante.

Mia pensou na Cidade das Pontes e dos Ossos: Godsgrave, no *venatus magni*, na vaga que a sua vitória tinha garantido. Pensou em Bryn, chorando com o irmão morto nos braços. Pensou no pai, segurando as mãos dela enquanto os dois dançavam num salão de festas brilhante, ela com os pés sobre os dele. Lembrou-se de sua mãe, fazendo-a assistir ao pai ser enforcado, sussurrando as palavras que moldariam Mia para sempre, enquanto a esperança acalentada por crianças e lamentada por adultos secava e caía, flutuando como cinzas ao vento.

– Nunca trema. Nunca tema. E nunca, *jamais*, se esqueça.

*Qual é o meu nome?*

– Corvo! Corvo! Corvo! Corvo!

*Qual é o meu nome?*

– CORVOCORVOCORVOCORVO!

Sentiu um deleite sombrio na barriga.

O sangue quente nas mãos.

Mia fechou os olhos.

Levantou a espada.

*Ó, Mãe, negríssima Mãe, o que me tornei?*



# Livro III

## O JOGO

# Capítulo 25

## Podre

– Segurem-no!

– *Aa Onipotente, como queima!*

– Segurem as pernas dele, desgraçados!

– *Aa, me ajude! Me ajude!*

Mia estava sentada num canto escuro da cela, com as costelas ardendo e um trapo empapado de sangue sobre a bochecha aberta. Ela conseguia sentir a adrenalina da luta acelerando pelas veias e fazendo tremer as mãos. A multidão urrava lá em cima, a *ultima* em pleno andamento, as pedras do piso vibrando com a fúria do combate final. Cantespadas estava ao seu lado, com o braço envolto num pano encharcado de vermelho enquanto Mia fazia pressão sobre uma bandagem empapada na ferida sinuosa em suas costas. Ambas precisavam de pontos, e o sangue empoçava no chão ao redor delas. Mas as mãos de Larva estavam mais do que ocupadas.

– Amarrem-no! – berrava a garota. – Ele só está piorando a situação!

Furian gritou de novo, com uma voz alta e trêmula. Sua agonia ecoava através das entranhas da arena. Estava sob um leito de pedra enquanto o executus e três dos guardas de Leona tentavam mantê-lo parado. A carne da garganta, do queixo e peito estava cheia de bolhas e pus por causa do contato com o veneno da sedosa. Ele parecia enlouquecido de dor, e os músculos tensionavam-se nos braços e no peito a cada grito.

Dona Leona permanecia junto à porta, olhando horrorizada.

– Aa onipotente... – balbuciava.

– Amarrem-no! – gritou Larva de novo.

Arkades fechou pesadas algemas de ferro ao redor dos pulsos, dos pés e da cintura de Furian, prendendo-o ao leito. Mas o Incaído continuava a se debater, cortando mãos e tornozelos no metal, batendo a parte de trás da cabeça contra a pedra. Mia já tinha visto dor antes: os açoites na Montanha, a marca que recebera na cela dos Jardins Suspensos. Mas nunca tinha visto uma agonia como aquela.

– Você tem que derrubar o homem, Larva – ela disse.

– Estou sem erva-do-sono! – gritou a garotinha, apontando para um barril e ervas e remédios. – Estragou tudo no caminho para cá!

– Você tem Desmaio?

– Usei tudo no Carniceiro!

– Quatro Filhas! – resmungou Leona. – Você só trouxe um dedo de Desmaio?

– Com todo o respeito, domina, mas faz meses que a senhora não me

dá dinheiro para repor os suprimentos!

– Bom, você precisa fazer alguma coisa! – gritou Leona. – Escute só!

Furian berrou de novo, com a boca escancarada, a garganta sangrando com a força do grito. Com um gemido por causa das costelas quebradas, Mia se levantou e foi mancando até o baú de ervas de Larva. Com os dedos grudentos de sangue, vasculhou os frascos e jarros de pó e líquido enquanto todas as aulas de Mataranhas vibravam em sua cabeça.

– Que abismo você está fazendo? – vociferou Arkades.

Mia ignorou o executus e entregou meia dúzia de jarros a Larva.

– Macere folha-escalpo com donzela, jogue um pouco de raiz-larga e depois misture com vinho d'ouro.

– Não – rebateu Larva, franzindo o cenho. – O álcool vai calcificar a donzel...

– É para isso que serve a brejeira – interrompeu Mia. – Ponha a folha na... Na verdade, eu faço isso. Vá suturar Cantespadas. Ela está sangrando na porra do piso todo.

– Corvo? – perguntou Leona.

Mia se voltou para a mulher à porta.

– Confie em mim, domina.

Leona olhou para Furian, ainda se contorcendo de agonia. Com os olhos marejando, ela concordou, e Mia pôs-se a preparar o composto. Larva pegou agulha e linha de seda e começou a costurar a terrível ferida no antebraço de Cantespadas. A lâmina da sedosa tinha fatiado a mulher até o osso, e sangue corria feito vinho barato em festival de veraluz. Cantespadas cerrou os dentes, com os olhos fixos no Incaído.

– Você consegue salvar Furian?

– Eu consigo fazer com que ele durma – respondeu Mia. – Executus, preciso do seu cantil.

Arkades arqueou a sobrancelha diante da mão ensanguentada de Mia.

– O vinho d'ouro, agora!

Arkades enfiou a mão na túnica e puxou o cantil prateado. Mia despejou o composto no uísque e sacudiu bem a mistura.

Furian ainda se debatia, gritando, implorando. E quando Mia se aproximou com o cantil na mão, a sombra dele começou a alongar-se pela pedra na direção da dela. Apenas a penumbra da cela e o drama ocorrendo sobre o leito impediu que alguém percebesse, e Mia tratou de ser rápida, abrindo caminho entre os guardas com os ombros. A sombra do Incaído fundiu-se com a sua; todo o enjoo, toda a fome que ela sentia perto dele subiu até sua garganta e quase a fez vomitar. Ela vacilou, quase derrubou o cantil, e Arkades a segurou pelos ombros para não a deixar cair.

*Mãe Negra, eu consigo senti-lo...*

– Você está bem?

*...como se ele fosse parte de mim.*

– A... abra a boca dele.

A dor da bochecha rasgada e das costelas quebradas era terrível, mas Mia sentia também dor na garanta e no peito; a agonia de Furian de algum jeito estava se estendendo para ela, piorando a sua.

– Furian, você precisa beber! – berrou Mia. – Ouviu?

Um gemido engrolado foi a única resposta, então ela virou o cantil na boca do homem. Ele gargarejou, tentando cuspir a dose, mas Mia travou os lábios cheios de bolha com as mãos e berrou:

– Engula!

Furian refugou, forçou as algemas, com lágrimas caindo dos olhos. Mas por fim fez o que Mia mandou; a garganta mutilada ondulava à medida que a bebida ardente descia. Levou alguns minutos para as ervas surtirem efeito – Mia não estava trabalhando com os melhores ingredientes, afinal. Mas, devagar, a resistência do Incaído foi diminuindo, os gritos se tornaram gemidos, e por fim, depois de instantes que pareceram eras nas entranhas sem luz sob a areia ensanguentada, seus olhos injetados se fecharam.

Mia caiu de joelhos, com o cabelo colado à testa e a bochecha partidas, e a cabeça girando.

– Onde você aprendeu a fazer isso? – perguntou Larva, admirada.

Mia baixou a cabeça, a vista começando a embaçar.

– Corvo? – perguntou Leona.

– ...*mia*...?

– ...*mia*...!

Sentiu sangue nas mãos, nos olhos, o gosto de um remédio amargo que ela nunca provaria. Ela baixou o olhar para a sombra. A sombra que deveria ser escura o bastante para três. Mas quando o espaço começou a se desmanchar diante de seus olhos, quando a dor das feridas e o trauma do suplício na arena e as consequências aterradoras se levantaram para jogar uma cortina negra sobre ela, Mia se deu conta...

*Escura o bastante para quatro...*

–...**M***ia*...

Ela acordou dentro de um navio, com o rangido dos caibros erguendo-se acima do som das ondas ao redor. Ao abrir os olhos, sentiu um toque fresco na nuca, leve como uma pluma, e ouviu um suspiro aliviado na orelha:

– ...*até que enfim*...

A rede em que ela estava balançava e escorregava, e a boca estava seca como areia. Uma luz ofuscante penetrava pelo vidro de uma

escotilha, o vislumbre de dois azuis emoldurados além dela – o brilho dos sóis no céu e a profundidade do mar. As costelas ardiam feito brasa. Mia levou a mão ao rosto e sentiu os curativos na bochecha e na testa, encrustadas de sangue seco.

– Não toque – veio uma voz. – Vai curar melhor se você não mexer.

Mia levantou os olhos e viu Larva, com seus olhos negros e seu belo sorriso. Estava ao lado de Furian, que balançava na maca ao lado. Mia conferiu sua sombra e viu que a de Furian a tinha deixado enquanto ambos dormiam. Mas o enjoo continuava, a dor pela falta de um pedaço de si inchando no peito.

Ela respirou fundo, gesticulando em Deslândia para que Sr. Simpático pudesse compreender.

*Onde?*

– ...no cão da glória... – veio a resposta sussurrada. – ...rumo ao ninho do corvo...

*Eclipse? Ashlinn?*

– ...algumas viragens atrás de nós...

*Furian?*

– ...nada bem...

Mia assentiu com a cabeça e correu os olhos pela cabine. Nunca tinha estado na parte de cima antes; viajara todas as vezes trancada no porão. O cômodo era apertado; um baú com os apetrechos e as ervas de Larva e algumas caixas de madeira eram as únicas decorações. Três redes pendiam do teto. Mia estava na do meio. Cantespadas estava de bruços na da esquerda, com os olhos fechados, o braço e as costas envoltos em ataduras ensanguentadas. E, à direita, o campeão do Colégio Remus jazia inconsciente, encharcado de suor. O torso e o pescoço de Furian estavam emplastrados com uma pomada esverdeada, mas as feridas do veneno da sedosa ainda pareciam bem feias. Por cima do mofo do mar e do suor, Mia sentia o cheiro do início de uma decomposição certa e firme.

Larva levou um copo de água fresca aos lábios de Mia, que bebeu tudo apesar da dor e suspirou aliviada.

– Cantespadas... – ela começou. – C-como ela...

– Está bem – cochichou Larva para não perturbar os que dormiam. – O corte no tendão e no músculo do braço é bem feio. Mas os pontos ficaram bons e acho que ela vai acordar.

– E... F-furian?

Larva suspirou e lançou um olhar para o Incaído.

– Não tão bem. A infecção está se alastrando e acho que vai virar uma sepe. Precisamos voltar logo para o Ninho.

– Vamos velejar o mais rápido que Trelene e Nalipse permitirem.

Mia levantou os olhos e deu com dona Leona à porta, com os olhos fixos no Incaído. A magistrae estava ao seu lado, a companheira fiel.

Como sempre, a aparência da magistrae era impecável, mas Mia ficou surpresa em ver o traje escolhido por Leona. A dona costumava vestir-se como se fosse a um baile de gala, mas agora usava apenas uma camisa branca. Mia notou as unhas roídas até a cutícula e, na mão direita, a gargantilha de prata que antes envolvia o pescoço de Furian. O metal estava um pouco derretido pelo veneno da sedosa.

– Domina – disse Mia, com uma vênha.

– Meu Corvo – respondeu a mulher. – Fico feliz em vê-la desperta.

Mia sentou-se com um gemido leve e a cabeça zonza. A bochecha estava inchada, e os pontos pinicavam a pele. Com as costelas doendo, ela pegou mais um copo de água com Larva e o esvaziou num só gole.

– P-por quanto tempo dormi?

– Três viragens desde a vitória de vocês – disse Leona.

– Então é nossa? – ela perguntou, sentindo um frio na barriga. – A vaga para o *magni*?

– É – respondeu a dona, adentrando o camarote. – É nossa. Meu pai é muitas coisas, pequeno corvo. Uma cobra. Um mentiroso. Um desgraçado. Mas nenhum sanguila ousaria renegar uma aposta feita de maneira tão pública. Com os louros que ganhou, ele tem vagas de sobra. Pode se dar ao luxo de perder uma. Mas agora, graças ao sacrifício de Bryn e Byern, ele não tem mais equillais. E, graças à bravura de vocês, não tem campeão.

A mulher fixou o olhar em Furian.

– Tudo o que desejamos está agora ao nosso alcance.

– Como está Bryn? – perguntou Mia.

Um olhar assombrado da dona foi a única resposta de Mia. A garota tinha perdido o irmão gêmeo bem diante dos olhos. Esmagado e ensanguentado sob as vaias do público. E tudo por nada. Nada de bolsa. Nada de glória. Nada de nada.

*Sangue e abismo, como você espera que ela esteja?*

– Como estão suas feridas? – perguntou Leona.

Mia tocou com cuidado o curativo na bochecha e olhou para Larva.

– Diga você.

– Você quebrou as costelas – respondeu a menina. – A dor vai ser péssima, mas vai passar. O corte no rosto está indo bem. Só acho que vai deixar cicatriz.

Mia concentrou-se nessa informação, que por um instante ardeu mais que a dor das feridas. Ela nunca fora bonita quando menina; só descobriu o que era beleza quando Marielle teceu seu rosto na Montanha Silenciosa. E a verdade era que se deleitava com o poder que isso lhe dava.

Perguntou-se o que Ashlinn diria. Como a garota passaria a vê-la agora, e se ela teria ódio do reflexo que enxergaria naquelas piscinas de azul-celeste. Por um instante, desejou estar de novo na Montanha,

onde Marielle seria capaz de curar todos os machucados com um simples movimento da mão. Imaginou que essa alternativa lhe seria negada para sempre agora que ela tinha se voltado contra a Igreja. Que a cicatriz, com a marca ao lado, seria sua até a morte.

Mia imaginou o pai, balançando e sufocando diante da multidão. A mãe, chorando e sangrando em seus braços. O irmão, morto ainda bebê num poço sem luz.

E, baixando a mão do rosto, deu de ombros.

– A escolha entre uma aparência normal e uma bela não é uma escolha de verdade. Mas qualquer idiota sabe que uma aparência perigosa é melhor do que as duas.

Um sorriso sem vida desenhou-se nos lábios de Leona. A dona balançou a cabeça devagar.

– Gosto de você, Corvo. Que o Onividente me perdoe, mas gosto. Não sei o que fazia antes, mas serei sempre grata pela ajuda que deu ao nosso campeão e por sua bravura na arena.

– Não sei se o seu campeão dirá o mesmo, domina...

Os olhos da dona voltaram a pousar em Furian, os dedos tão apertados em torno da gargantilha prateada que começavam a esbranquiçar. Mia perguntou-se quantas vezes a dona teria vindo visitá-lo desde que partiram de Alvatorre. Perguntou-se se era possível que ela gostasse dele de verdade. Perguntou-se o que Arkades diria se soubesse...

– Talvez devêssemos voltar para o convés, domina? – perguntou a magistrae baixinho, apertando a mão da mulher. – Para deixá-los descansar.

Leona piscou como se despertasse de um sonho, mas assentiu e deixou-se levar. Ao chegar à porta da cabine, parou e se voltou para Mia.

– Obrigada, Corvo – sussurrou.

E saiu.

**V**iragem após viragem, o *Cão da Glória* cortou o Mar de Espadas, de vento em popa. A Senhora dos Oceanos teve misericórdia, e o navio aportou na baía de Remanso do Corvo umas boas vinte horas antes do previsto. Mas mesmo com a Mãe Trelene a seu lado, parecia que a sorte de Furian já tinha acabado.

Como Larva tinha previsto, as feridas infeccionaram. Quando chegaram a Remanso do Corvo, a carne da região do peito e do pescoço já estava escura e supurando, e o doce fedor da podridão pairava sobre ele como uma neblina. Larva e Mia fizeram o máximo para mantê-lo sedado, embora ele alternasse estados de consciência e inconsciência. Quando acordado, quase não aparentava lucidez;

quando dormia, balbuciava delírios febris sem sentido. Mia não fazia ideia do que a morte dele significaria para o colégio e para Leona.

Uma carruagem estava à espera deles e apressou-se para o Ninho do Corvo, com os cascos martelando pela colina. O conhecimento de ervas de Mia parecia ter impressionado a dona, e ela também foi na carruagem, com Larva e o gemente e confuso Furian, Leona e a magistrae ao lado. Arkades e os outros gladiatii tiveram que subir a colina a pé.

O capitão Gannicus os recebeu ao portão, e os guardas de Leona carregaram Furian para os fundos da casa. Apesar da dor nas costelas quebradas, assim que entraram na enfermaria de Larva, Mia começou a procurar ingredientes que poderiam combater o veneno da sedosa. Larva, por sua vez, desapareceu na casinha no canto do pátio. Leona rodeava o homem como uma galinha com seus pintinhos; apertava um lenço contra o nariz para conter o fedor e estava pálida de preocupação.

– Você vai conseguir salvá-lo? – ela perguntou.

Mia apenas franziu a testa, suspirando enquanto revirava prateleiras e baús. A menina tinha dito a verdade: parecia fazer meses desde que Leona lhe permitira repor os ingredientes. Mesmo com tudo o que aprendera com Mataranhas e com seu amado e gasto exemplar de *Verdades arquêmicas*, não havia muito material com que trabalhar.

– Precisamos de raiz-santa – declarou Mia. – Donzela. Algo para acabar com o inchaço, como lateira ou bexiga de baiacu. E gelo. Muito gelo. A febre o está queimando por dentro como a porra de uma vela.

– Você sabe escrever? – perguntou Leona.

Mia arqueou uma sobrancelha.

– Eu sei escrever.

– Faça uma lista – ordenou Leona. – Com tudo de que precisar.

Larva voltou da casinha, cambaleando sob o peso de um velho balde de latão. Ela o soltou sobre a pedra manchada de sangue ao lado da cabeça de Furian, amarrou o cabelo e começou a tirar os curativos pustulentos da garganta e do peito dele.

– O que você está fazendo? – perguntou Mia.

– Lembra quando você perguntou de onde veio o meu nome?

– Você me mandou rezar para não descobrir – respondeu Mia.

A garota esfregou o nariz no braço, estremecendo com o fedor das feridas de Furian:

– Bom, você não rezou o bastante.

Mia espiou dentro do balde e viu uma massa enorme e agitada, com centenas de minúsculos corpos brancos com cabeças pretas, fungando o ar em total cegueira. A garota levou a mão à boca, o vômito subindo diante daquelas coisas rastejando e se retorcendo...



- Quatro Filhas – ela gaguejou. – São...
- Larvas – respondeu a menina. – Crio na casinha.
- Mas para que abismo?
- O que as larvas comem, Corvo?

Mia olhou para a carne do pescoço e do torso de Furian. A infecção estava bem alastrada; as feridas estavam manchadas de pus, os músculos e a pele em decomposição. As veias ao redor da chaga estavam escuras de podridão, e cada batida do coração apenas a espalhava.

- Carne podre – ela murmurou. – Mas o que os faz parar de comer...
- As partes boas?
- É.
- Tem dois jarros na prateleira atrás de você. Traga para cá.

Mia fez o que ela pediu, examinando a escrita angulosa nas laterais. Ela olhou para a garotinha, e um sorriso se insinuou em seu rosto.

- Vinagre e folhas de amoreira. Você é muito boa nisso.

Larva abriu um sorriso sem vida e começou a aplicar os vermes nas feridas, jogando-os como sal sobre a carne pútrida. Enojada apesar da genialidade da ideia, Mia começou a escrever numa tabuinha de cera tudo o que precisava para manter Furian sedado, impedir a sepse de se espalhar e acabar com a febre. Ela mostrou a lista para Larva, que olhou apenas tempo suficiente para bufar em concordância, e a entregou a Leona.

A dona correu os olhos uma vez pela tabuinha e a passou para a *magistrae*.

- Anthea, para a cidade – ordenou. – Consiga tudo o que Corvo pediu.

A *magistrae* olhou para a lista e franziu a testa.

- Domina, o custo...

- Dane-se o custo! – disparou Leona. – Faça o que mando!

A *magistrae* olhou para Mia e Larva e torceu os lábios. Mesmo assim, voltou-se para sua senhora e curvou-se baixo.

- Seu menor suspiro é uma ordem, domina.

A *magistrae* saiu para o pátio com a tabuinha de cera na mão. Dona Leona permaneceu na enfermaria, os olhos fixos em Furian, roendo as unhas já gastas.

- Ele tem que sobreviver – ela murmurou.

Uma ordem.

Uma esperança.

Uma prece desesperada.

Mas se o motivo era a preocupação com o homem ou a preocupação com o *magni*, Mia não fazia ideia.

**A**s duas trabalharam quasinoite adentro. Larva aplicava os vermes pululantes às feridas de Furian, espalhando vinagre e folhas de amora em volta para afastar os bichos da carne saudável, então cobria tudo delicadamente com gazes. Mia permaneceu ao lado da garota, ajudando quando podia, mas na maior parte do tempo apenas observando com o estômago revirado.

Dedo levou a virada até elas; o cozinheiro raquítico olhou para Furian como se já estivesse morto. Logo depois, Canino veio farejar à procura de restos de comida, e por causa da dor nas costelas e da náusea que lhe dava o tratamento de Larva, Mia deu quase a refeição inteira ao cachorro, acariciando-o atrás das orelhas enquanto ele abanava o cotoco de rabo. Dona Leona também se recusou a comer. Permanecia sentada de olho no Incaído, sem dizer uma palavra. Os olhos estavam arregalados e injetados. As bochechas estavam murchas.

Os outros gladiatii por fim chegaram ao Ninho e marcharam para os alojamentos escoltados pelos guardas da casa. Arkades entrou coxeando na enfermaria, empoeirado e dolorido após a longa caminhada. Deu um olhar demorado para Furian, pôs a mão sobre a testa suada do homem, observou o peito subindo e descendo rápido. A longa cicatriz que dividia sua bochecha ficou mais funda quando ele fechou a cara. Mia tocou o curativo no próprio rosto. Mais uma vez, pensou em Ashlinn.

Imaginando.

- Como ele está indo? – perguntou Arkades.
- Fizemos tudo o que dava até a magistræ voltar – Larva respondeu.
- As ervas e compostos que ela vai trazer vão ajudar. Mas não é certeza, executus.

Arkades acenou com a cabeça.

- Corvo, vá para o alojamento. Larva vai chamar se precisar.
- Gostaria de fic...
- E eu gostaria de uma villa no sul de Liis e de ter a minha perna de volta – rosnou Arkades. – Já é quasinoite. O seu lugar é atrás das grades no alojamento.

Mia olhou para dona Leona, mas a mulher não prestava qualquer atenção; mantinha o olhar fixo em Furian. Depois de se despedir de Larva com um toque no ombro, Mia saiu mancando pelo pátio, acompanhada por dois guardas. Arkades permaneceu, olhando para sua senhora, a testa franzida em reflexão. Um pequeno pedaço da sombra de Mia, em forma de gato, também ficou.

- Mi dona, a senhora deveria descansar – disse Arkades.
- Vou ficar.
- Larva pode avisar se houver alguma mud...

– Eu vou *ficar*! – estrilou Leona.

Larva levantou a cabeça ao ouvir o grito, mas logo voltou ao trabalho. O executus olhou para sua senhora e para o gladiatii caído no leito. Assentiu com a cabeça devagar.

– Seu menor suspiro é uma ordem.

O executus deu meia-volta e saiu da enfermaria rumo ao pátio. Levantou os olhos para os sóis da quasinoite, o brilho azul despontando cada vez mais intenso no horizonte. A veraluz estava bem próxima agora: só mais algumas semanas e os três olhos do Onividente arderiam brilhantes no céu. Purificando o mundo com seu fogo. Expondo todos os pecados.

Pecados.

Arkades olhou por cima do ombro para sua domina, observando-a observar o campeão, com os lábios torcidos. Então adentrou a fortaleza e percorreu os corredores, *clinc*, toc, *clinc*, toc, no ritmo dos seus passos. A fronte estava sulcada de rugas, os lábios apertados, e os punhos potentes e calosos da espada, cerrados.

Não reparou na forma pequena e escura que o seguia, pulando de uma sombra a outra por trás dele, silenciosa como um gato.

Arkades passou pelas pinturas de antigas lutas de gladiatii nas paredes, pelas armaduras e elmos reluzentes, pelos bustos de mármore dos ancestrais de Marcus Remus, sem dar um instante de atenção a nada disso. E, por fim, chegou à porta solitária no fim do corredor e a destrancou com uma chave de ferro.

Arkades entrou no quarto de Furian. Cruzou os braços e examinou o lugar. O oratório a Tsana debaixo da pequena janela. A trindade de Aa na parede. Um boneco de treino e espadas de madeira. Um pequeno baú com os escassos pertences do Incaído.

Fechando a porta, Arkades avançou até o baú. Ajoelhou-se com dificuldade, e começou a vasculhar: duas coroas de louros de prata conquistadas em Talia e Pontenegra. O cabo de uma espada quebrada. Um baralho mofado e alguns dados. Uma tanga extra. Um pente de espinha de peixe. Um punhado de mendigos de cobre.

Arkades se levantou, correndo os olhos pelo quarto com o cenho franzido. Sua expressão começou a ficar mais sombria, e os olhos brilharam de raiva. Ele coxeou até a cama, procurou dentro do travesseiro e o jogou no chão, arrancou os lençóis, correu as mãos pelo colchão de palha. Com um palavrão frustrado, virou o colchão e o jogou contra a parede. E lá, no estrado, viu.

Uma calcinha de seda.

O executus se curvou, levou a calcinha ao nariz e fungou. Um perfume vago de jasmim. O mesmo perfume que sentira ali antes do *venatus*, quando visitara o Incaído e o avisara que o sabão lhe deixava com cheiro de mulher.

– Seu filho da puta...

Arkades apertou a vestimenta nos punhos com toda a força.

– Seu ingrato da...

Arkades deixou o quarto como estava antes. Refez a cama, alisou os lençóis. O rosto estava pálido, o queixo tenso. Com o aposento arrumado, ele se virou e saiu dali a passos fortes, *clinc*, toc, *clinc*, toc, mancando pelo corredor.

Furioso como estava, o executus não notou a magistrae perto da despensa, os braços carregados com os medicamentos que trouxera da cidade.

Mas a mulher mais velha com certeza notou a roupa de seda apertada na mão dele.

– ...*interessante*... – murmuram as sombras.

# Capítulo 26

## Prata

Eles se reuniram no pátio depois do desjejum.

Sete viragens tinham se passado e pouco tinha mudado: a febre do Incaído tinha abaixado, mas ainda não se extinguido por completo. Os vermes faziam... bom, faziam exatamente o que larvas fazem. O processo era mais do que nojento, e a visão que se revelava cada vez que Larva tirava os curativos era mais do que Mia suportava. E ainda não havia como dizer se aquilo estava ajudando.

Havia um clima estranho entres os gladiatii. Estavam aliviados pela vitória na arena e pela vaga dos Falcões de Remus no *venatus magni*. Mas o preço que pagaram...

Bryn permanecia na cela e não falava com ninguém, nem mesmo durante as refeições. Cantespadas talvez nunca mais voltasse a lutar. Furian pairava às portas da morte, e Byern estava morto. O sacrifício por uma chance de liberdade vinha coberto de mais sangue do que a maioria gostaria.

Arkades os havia reunido por ordens da domina. Os sóis golpeavam a areia como martelos na hora em que os gladiatii do Colégio Remus se juntaram. Mia sentia uma dor abominável nas costelas, e o corte no rosto coçava sob o curativo incrustado. Era esquisito ver o mundo com um olho sob uma atadura, a falta de profundidade, a perda de equilíbrio. A garota sabia que devia ir ver Ashlinn: Eclipse tinha aparecido em sua cela tarde da quasinoite anterior para informar que o navio delas havia aportado em Remanso do Corvo. Mas, do jeito que a situação estava na fortaleza, Mia não ousava arriscar uma visita. Furian podia acordar a qualquer momento, e se Larva a chamasse para preparar ervas no meio da quasinoite e os guardas descobrissem sua ausência...

Ela tocou o curativo no rosto. Ainda não tinha tomado coragem para olhar por baixo dele diante do espelho. Perguntava-se o que veria quando o fizesse.

Perguntava-se o que Ashlinn veria.

Carniceiro estava com as mãos unidas atrás das costas, passando o peso do corpo de um pé para o outro como sempre. Apesar de ter perdido em Alvatorre, parecia contente de ter ganhado mais algumas cicatrizes para a coleção.

Sidonius esperava em silêncio, com os braços cruzados sobre a palavra *covarde* gravada no peito largo. O cabelo curto crescia, os olhos azuis cintilavam aos sóis. Como sempre, estava ao lado de Mia, e nunca se afastava demais se pudesse evitar. Tinha entoado elogios a

ela no alojamento, declarando que a luta contra a sedosa tinha sido a maior que vira na vida. E ainda não forçava o assunto dos pais dela. Não fazia perguntas que ela não estava preparada para responder. Apesar de todas as bravatas e sacanagens, apesar de todas as tolices que fazia perto das mulheres, Sidonius sabia quando falar e quando manter a boca fechada.

Mia gostava dele cada viragem mais.

*Mas ele não é meu amigo.*

Fazondas estava ao lado de Sidonius, com os pés plantados na terra como as raízes de uma montanha. Tinha lutado feito um diabo contra os ursos-de-foice na arena; ele e Sid perderam apenas por dois pontos. De novo, Mia achou difícil imaginar aquele homem fazendo cabriolas no palco com meias de seda, falando em dísticos rimados. Imponente, a pele reluzindo à luz dos sóis, ele parecia um guerreiro de nascença.

*E ele não é meu amigo.*

Bryn estava entre Otho e Felix, aparentando não ter dormido nada desde Alvatorre. Era estranho vê-la sem o irmão gêmeo; Mia chegou a pegar-se procurando por Byern. A vaaniana caminhava feito um fantasma, com olhos injetados e vazios, abraçando a si mesma.

*E ela não é...*

Cantespadas se escorava na porta da enfermaria. Tinha o rosto lânguido sob as tatuagens, o braço com que levantava a espada pendendo duma tipoia encharcada de sangue. O corte nas costas tinha sido cruel, mas a ferida no braço era horrenda. Ninguém sabia se a mulher voltaria a empunhar uma espada de novo. Dava para ver o medo nos olhos dela.

*Mas ela não é...*

E Furian?

Dormia no leito de pedra da enfermaria, com Larva a seu lado. Mia sentia a dor dele sempre que passava perto demais, como se a agonia vazasse para a sombra dela. Não fazia ideia do motivo. Apesar de todos os preparados de erva que fez e de todos os remédios de Larva, ninguém sabia o destino do Incaído, exceto talvez a Mãe.

– Gladiatii! – rosnou Arkades. – Atenção!

Os guerreiros reunidos endireitaram o corpo e levaram o punho ao peito. Leona e Anthea marcharam para fora da varanda, a dona um passo à frente da magistrae.

Leona parecia cansada, mas pelo menos vestia-se de uma maneira mais conforme ao seu costume. Usava um vestido branco esvoaçante; o tecido ondulava em torno das sandálias quando ela assumiu seu lugar nas areias ardentes. O cabelo estava trançado em torno da fronte como os louros da vitória que ela segurava na mão direita.

– Meus Falcões! – ela começou, erguendo os louros. – Vejam!

Os gladiatii reunidos comemoraram, mas, dadas as circunstâncias, o

entusiasmo pareceu soar um pouco vazio.

– Embora o preço que pagamos tenha sido alto, temos a vitória que tanto buscávamos. Com estes louros vem uma vaga no *venatus magni*, daqui a cinco semanas. A liberdade está ao seu alcance, e logo a Cidade das Pontes e dos Ossos ecoará o nome do Colégio Remus.

Uma segunda aclamação soou no pátio, bem mais alta do que a primeira. Parecia que, por mais baixo que estivesse o ânimo dos gladiatii, a promessa de liberdade era capaz de fazer qualquer um esquecer suas dores. Fazondas espalmou a mão no ombro de Sid, e Carniceiro bateu nas coxas e rugiu. A ideia de lutar no *magni* bastava para empolgar o coração deles, e Mia sentiu o sangue correr mais rápido com os demais. Viu na cabeça a imagem de Scaeva e Duomo.

*Em breve, seus desgraçados...*

– Três dentre vocês se destacam – declarou Leona. – Os melhores e mais corajosos que foram treinados dentro destas paredes sob o olho cuidadoso do nosso nobre executus.

Leona inclinou a cabeça para Arkades, que retribuiu com uma vênica rígida e formal.

– E, no entanto – continuou a dona –, apenas uma pessoa desferiu o golpe mortal na Exilada. Apenas uma pessoa, com o seu valor e a sua perícia, abriu-nos o caminho para a glória.

Leona olhou para Mia.

– Corvo, um passo à frente.

Mia lançou um olhar para Cantespadas, mas obedeceu, curvando-se diante de sua senhora. Leona fixou o cintilante olhar azul sobre ela.

– Ajoelhe-se – ela disse simplesmente.

Mia cerrou os dentes perante aquele lembrete da sua condição, mas obedeceu, estremecendo um pouco pela dor nas costelas quebradas. Com cuidado para não estragar o curativo na testa da garota, Leona pôs a coroa prateada na cabeça de Mia. Em seguida, tirou das dobras do vestido a gargantilha prateada de Furian, que apresentou sobre a mão espalmada. Estava levemente derretida, e o metal perdera um pouco a cor por conta do beijo venenoso de Ishkah.

– Isto agora é seu – disse Leona.

Mia franziu a testa na direção da enfermaria e depois olhou nos olhos da dona.

– Se queremos a vitória no *magni* – continuou Leona –, se os Falcões de Remus querem conquistar a glória que é nossa por direito, penso que ela terá de vir pela sua mão e nenhuma outra. Mas, a bem da verdade, não importa o que aconteça, você merece isso, Corvo.

Leona pôs a gargantilha no pescoço da garota.

– Minha campeã – ela declarou orgulhosa.

Sidonius rugiu, e os outros gladiatii fizeram o mesmo, batendo os pés e aplaudindo com toda a força. Mia olhou mais uma vez para

Cantespadas, sentindo a injustiça. A dweymeri e Furian tinham lutado tão duro quanto ela, se arriscado da mesma forma; não teria triunfado sobre Ishkah sem ambos. Mas só o nome de Mia era mencionado nas glórias. Apenas ela foi chamada de campeã.

*Foi para isso que você trabalhou*, ela recordou a si mesma.

*Só precisa jogar esse jogo por mais algumas semanas.*

Mia curvou a cabeça, e sua voz saiu baixa:

– É uma honra para mim, domina.

– É uma honra para nós, Corvo. E você continuará a honrar-nos na Cidade das Pontes e dos Ossos. Mas não trajando retalhos de couro e sucatas de aço, não. *Você lutará sob a nossa bandeira como campeã. E sua aparência deve fazer jus à condição.*

Leona bateu palmas.

– Veja.

Dois dos guardas da dona saíram da casa empurrando um manequim de madeira. O boneco usava uma armadura que ficava no longo saguão de entrada, mas Mia percebeu que ela tinha sido ajustada para o seu tamanho.

O ferro era quase negro, polido até brilhar. O peitoral era gravado com um falcão de asas abertas, e as grevas e espaldeiras também tinham a forma de falcões em pleno voo. O peitoral terminava numa saia plissada, e as mangas eram de tiras de ferro; um manto de penas vermelho-sangue descia dos ombros. O elmo era feito à semelhança do rosto da deusa Tsana, com uma expressão valente e impiedosa. Lâminas gêmeas estavam embainhadas no cinto, de aço liisio pela aparência: um gládio de dois gumes e uma adaga comprida e afiada, ideais para lutar no estilo Caravaggio.

Era uma das melhores armaduras que Mia já vira, com toda a certeza. Mas devia ter custado uma fortuna. Uma fortuna que Leona não podia pagar.

*Você lutará sob a nossa bandeira como campeã.*

Mia olhou para Leona, contendo um suspiro.

*E sua aparência deve fazer jus à condição.*

– Eu agradeço, domina – disse Mia.

– Pode agradecer no *magni* – respondeu Leona. – Trazendo-me a vit...

A voz da dona se deteve ao ver um guarda marchar para o pátio, acompanhado por um jovem com uma pena na boina. A bochecha do rapaz estava marcada com apenas um círculo, mas ele vestia um libré caro, ainda que um pouco empoeirado da estrada. Os Leões de Leonides estavam bordados no gibão.

– Mensageiro, mi dona – disse o guarda. – O garoto alega que o assunto é urgente.

– Trago uma missiva do meu mestre, o seu pai, graciosa dona – disse



o garoto, curvando-se baixo. – Recebi ordens de ler em voz alta, sob pena de ser flagelado.

– Fale, então – ordenou Leona.

O garoto sacou um rolo de pergaminho com o selo de Leonides. Olhou para os gladiatii reunidos, claramente nervoso. Mas, em voz alta e clara, começou a falar:

*Amada filha,*

*É com alegria no coração que a parabenoza pela vitória em Alvatorre. Confesso ter ficado surpreso ao ver que você não procurou uma audiência comigo para gabar-se, e alegra-me pensar que a humildade que tentei ensinar a você na infância começa a fincar raízes. Desejaria ter...*

A voz do garoto vacilou. Ele levantou os olhos para Leona e engoliu em seco.

– Continue – ela ordenou.

O garoto gaguejou um pouco antes de encontrar a voz:

*Desejaria ter espancado você com mais força, e mais frequência.*

Vários gladiatii se agitaram, fulminando o garoto com o olhar. Mia sentiu as unhas enterrarem-se na palma da mão. O garoto começou a suar, puxando o colarinho do gibão como se sufocasse. Desesperado para terminar, limpou a garganta e retomou:

*Recebi de meus contatos comerciais a informação confiável de que o Colégio Remus tem sérias dívidas com seus fornecedores. Para poupar-me da vergonha de ver uma filha da minha estirpe arrastada ao tribunal de dívidas, tomei a liberdade de comprar todos os seus débitos junto aos credores. São agora uma única dívida, que deve ser paga ao Colégio Leonides, e que acumula juros semanais.*

Leona arregalou os olhos.

– Quê?

*O seu primeiro pagamento de três mil duzentos e quarenta e três sacerdotes de prata vence no fim do mês, daqui a três semanas. Na sua eventual incapacidade de honrar o compromisso, não terei escolha senão buscar medidas compensatórias punitivas junto ao magistrado, e solicitar a posse do seu colégio, de suas propriedades e de seus outros bens como forma de reembolso.*

*Por favor, não pense que guardo raiva ou rancor de você no coração, minha querida. Como já me disse certa vez, são apenas negócios.*

O garoto levantou os olhos para Leona, com a voz trêmula.

*Com todo o respeito que você merece, o p-pai que a ama, Leonides.*

O silêncio no pátio era tão grande que Mia poderia ter ouvido a respiração de Sr. Simpático. Ao olhar para o mensageiro, percebeu que o pobre infeliz não fazia ideia do conteúdo da carta que entregava. Ele olhava para o rosto de Fazondas e de Otho, na certeza de que seria arrastado até o penhasco e jogado no mar.

– E-ele também deseja que eu lhe entregue um presente, mi dona –

disse o garoto. – Para comemorar a sua vitória.

O garoto tirou da bolsa uma garrafa de vinho d'ouro e a colocou na areia. Um rótulo vermelho-sangue anunciava a safra.

*Albari 74.*

Quando Leona viu o rótulo, todo seu corpo enrijeceu-se de raiva. Mia não fazia ideia do motivo, mas, para a dona, a visão daquela garrafa teve o mesmo efeito que sangue para um dragão branco. Com evidente esforço, Leona respirou fundo, e apenas o tremor nos punhos cerrados deixava entrever sua raiva. Ela endireitou-se ativa e dirigiu-se ao garoto com a formalidade de costume.

– Transmita meus agradecimentos a meu pai – ela disse. – Informe que não será necessário envolver o magistrado. Ele terá seu dinheiro ao fim do mês. Eu juro.

– Sim, mi dona.

O garoto se curvou com o rosto transbordando de alívio.

– Você está dispensado – ela disse, a voz novamente gélida como aço.

O rapaz enfiou a boina na cabeça e saiu o mais rápido que suas pernas podiam ir.

– Ah, sim. Garoto? – chamou Leona.

O mensageiro deu meia-volta, encolhido, com a sobrancelha arqueada.

– S-sim, mi dona?

Leona correu a mão pela nova armadura de Mia e deteve os dedos sobre o cabo da adaga.

– Por favor, transmita a meu pai meus pêsames pela morte de sua campeã. Diga-lhe que não vejo a hora de assistir ao meu Corvo matar a próxima atração dele em Godsgrave.

– S-sim, mi dona – gaguejou o garoto antes de sumir correndo.

O silêncio imperava no pátio, cortado apenas pelos gritos das gaivotas ao longe e pela vaga canção do mar. Leona caminhou pela areia, pegou a garrafa de vinho d'ouro e encarou aquele rótulo. Então correu os olhos pelos gladiatii, a raiva corando as bochechas. Tinham lutado tão duro, chegado tão longe, e mesmo então, às raias da vitória, permaneciam à beira do abismo do desastre. Onde, em nome das Filhas, ela conseguiria arranjar tanto dinheiro?

– De volta aos treinos, meus Falcões – ela ordenou. – Temos trabalho a fazer.

Os gladiatii foram para os armários pegar as armas de treino.

A dona virou-se e voltou para dentro da fortaleza.

Arkades a observou sair.

Com os olhos semicerrados.

Os punhos fechados.

Leona estava em seu escritório, debruçada sobre os livros de contas, banhada pela luz dos sóis que jorrava pela janela saliente. Havia sombras longas e compridas na sala, e se uma delas tinha um formato peculiar, a dona estava concentrada demais no trabalho para perceber.

Um guarda bateu de leve na porta e entrou com a ordem dela.

– Mi dona – disse o homem. – O executus implora para lhe falar.

– Mande-o entrar – respondeu Leona.

Arkades entrou, *clinc*, toc, *clinc*, toc, e o guarda fechou a porta. O olhar de Leona não se desviou dos livros. Com uma pena entre os dedos, ela anotava números em caligrafia bela e limpa. O Albari 74 estava sobre a escrivaninha, fechado. Arkades parou diante da mesa, olhos fixos na garrafa, inquieto.

– Que foi, executus? – perguntou a dona sem levantar os olhos.

– Gostaria de saber se a senhora estava bem, domina.

– E por que não estaria?

– Pela carta do seu pai...

Leona parou e finalmente levantou a cabeça.

– Achei que o presente foi um detalhe adorável da parte dele. – A dona lançou um olhar para a garrafa a seu lado. – Estou surpresa por ele ter se lembrado da safra.

– Sabia que ele era o mais cruel dos homens, mas... – Arkades suspirou, com a voz baixa de tristeza. – Sua mãe era uma boa mulher, mi dona. A senhora não merece tamanho insulto. E sua mãe não merecia o que ele fez com ela.

– Ele espancou minha mãe até a morte com uma garrafa de vinho d'ouro, Arkades – disse Leona, a voz começando a tremer. – Porque ela derrubou a taça dele na virada. Quem *mereceria* isso?

O executus olhou para as tábuas do assoalho, como se procurasse as palavras certas. Ele podia ser um deus da areia, mas ali, na privacidade dos aposentos da sua dona, sob o olhar azul-claro dela, parecia tão indefeso quanto um recém-nascido.

– Se alguma viragem...

Ele se deteve, engoliu em seco. Tomou um fôlego como se fosse mergulhar.

– Se alguma viragem você precisar de consolo... isto é, se algum dia quiser conversar...

Leona inclinou a cabeça para o lado, olhando o executus no olho.

– É muita gentileza sua, Arkades. Mas não acho apropriado.

Ele lançou um olhar para a janela, para o pátio, na direção da enfermaria onde Furian jazia.

– Apropriado? – repetiu.

– Já não sou a garota que passou a infância pisando em ovos, por medo da próxima coisa que poderia tirar do sério o monstro com

quem vivia. Não sou a garota encolhida debaixo da mesa enquanto a garrafa caía de novo e de novo. Sou sanguila. Sou a domina deste colégio. Você é meu executus. E o teatro barato do meu pai só serve para uma coisa: aumentar minha determinação de vencer em Godsgrave.

Arkades apenas a olhou, a dor e a raiva eram patentes no seu rosto.

– Não preciso de consolo – continuou Leona, a raiva brilhando nos olhos. – Preciso daquele desgraçado do caralho de joelhos. Se quer me servir, Arkades, peço que me sirva naquilo para que eu pago o seu salário. Traga-me a vitória.

Leona debruçou-se de novo sobre os livros, a cabeça apoiada na mão.

– Você pode ir – ela disse.

Arkades permaneceu ainda por um instante vazio, completamente mudo. Mas por fim...

– O seu menor suspiro – murmurou – é uma ordem.

O homenzarrão deu meia-volta e coxeou para fora da sala, fechando a porta. Leona soltou a pena assim que ele saiu. Apertava os lábios e resfolegava, trêmula. Esfregou a mão nos olhos em fúria. As lágrimas acabaram vencidas, e ela se voltou para olhar a garrafa sobre a mesa. A luz dos sóis reluzia no vidro. No rótulo pintado de vermelho-sangue.

Leona baixou a cabeça, e ondas de castanho esconderam seus olhos.

– *Pai* – cuspiu.

Uma batida soou à porta.

– Quatro Filhas, quem é agora? – ela quis saber.

– Mil perdões, mi dona – disse o guarda, esticando o pescoço para dentro. – A magistrae quer lhe falar.

– Muito bem.

A mulher mais velha entrou e fechou a porta. Leona sentava-se com as costas retas na cadeira, a pena na mão, em um modelo de postura. A magistrae pôs-se de pé diante da domina e, mexendo na trança comprida de cabelo grisalho, curvou a cabeça.

– O que foi, Anthea?

– Domina, a senhora sabe que sempre a servi com fidelidade. – Os olhos da magistrae brilharam de trepidação ao darem com a garrafa de vinho d'ouro. – E que jamais procuraria magoá-la.

– Claro.

– Sei que seu pai ameaça suas finanças. Não queria pôr mais uma preocupação na sua cabeça. Perguntei-me muitas vezes se devia ou não lhe contar isso, mas...

– Anthea – disse Leona com calma. – Desembuche.

– É Arkades, domina.

– O que tem ele?

– Ele *sabe*.

Leona pôs a pena de lado e recostou-se na cadeira, com a testa franzida.

– Sabe o quê?

– Leona – disse a *magistrae*. – Ele *sabe*.

Mia estava na enfermaria, ouvindo os ventos da quasinoite soprarem do oceano. A mudança de temperatura era um alívio bem-vindo, mas estava longe de tranquilizá-la. Mais cedo, ela tinha forçado o olhar para o horizonte e pensado ter visto o terceiro sol no fim do mundo. Logo, ele nasceria, e a veraluz começaria; haveria um calor terrível e multidões estrondosas e mares e mais mares de sangue.

O som dos outros *gladiatii* na virada vazavam pelas paredes de pedra, e Mia ouviu Carniceiro reclamar da qualidade do “guisado” de Dedo. Para as vaías e os louvores dos companheiros, o raquítico cozinheiro informou em alto e bom som onde o Carniceiro de Amai poderia enfiar o tal guisado se não gostasse.<sup>43</sup>

O risinho de Mia se transformou num ganido quando Larva passou aloé e sempre-viva em sua bochecha e uma leve ardência subiu pela ferida. Larva assentiu com a cabeça, botou gazes novas no rosto de Mia e as atou com um nó delicado.

– Está sarando bem – disse Larva. – Da próxima vez podemos deixar sem curativo.

– Certo – disse Mia. – Obrigada.

– Anime-se, pequeno corvo – veio uma voz débil por trás. – Por mais bonita que você fosse, ninguém é *gladiatii* de verdade sem ter algumas cicatrizes.

Mia se voltou para Cantespadas, que bocejava sentada no leito de pedra ao lado.

– Bom, se é assim – sorriu a garota –, você é a maior *gladiatii* a pisar na arena, Cantespadas.

– É – confirmou a mulher com um sorriso amarelo. Seu braço continuava envolto nos curativos. – Vai ficar uma beleza, isso é certo.

– Você já consegue mexer? – perguntou Mia delicadamente.

Cantespadas olhou para Larva e balançou a cabeça.

– Só passaram poucas viragens – afirmou a menina. – É cedo demais para dizer.

Mia e a mulher mais velha trocaram um olhar desconfortável, mas não disseram nada. Dedo entrou na enfermaria arrastando os pés, carregando quatro tigelas fumegantes numa bandeja de madeira. Ele pôs a carga numa mesa de maneira teatral, e Mia o olhou de alto a baixo, perguntando-se quantos órgãos humanos o homem teria usado na sua criação dessa vez.

– Virada – ele declarou. – Comam enquanto ainda está quente.

– *Fantástico* – disse Larva com um sorriso. – Obrigada, Dedo.

O homem acariciou o cabelo da menina e se retirou. Mia arqueou uma sobrancelha.

– Fantástico? – ela disse quando teve certeza de que o cozinheiro não podia ouvir. – De todas as palavras do mundo, a última que eu usaria para descrever os pratos de Dedo é “fantástico”, Larva.

– Isso depende de como você cresceu. – A menina deu de ombros. – Se já comeu rato cru com as próprias mãos, fica bem menos seletiva com comida, pode acreditar.

Mia assentiu, mordendo os lábios. Mais uma vez, ficou impressionada com o quanto a menina a fazia lembrar-se de si mesma. A vida a tornara dura e insolente, como acontecera com Mia depois da morte dos pais. Não tinha medo de dizer o que pensava. Era talvez um pouco esperta demais para o próprio bem. Mia sabia que não devia. Sabia que era fraqueza.

Mas gostava dela.

– Boa observação – sorriu. – Desculpe.

– Você quer ou não?

– Pode me dar.

Larva passou uma tigela para Mia e ergueu uma sobrancelha para a segunda paciente.

– Cantespadas?

– Obrigada.

A mulher pôs a tigela a seu lado no leito. Mia a observou dar uma colherada cuidadosa com a mão ferida. Pôs-se a pensar no que lhe aconteceria caso o seu braço bom nunca se recuperasse. Com que velocidade o mundo não descartaria uma gladiatii incapaz de levantar uma espada?

Canino entrou na enfermaria; o cachorrão olhou para a tigela de Mia e balançou o rabo, esperançoso. Ela se inclinou para acariciar suas orelhas, mas ficou com a refeição.

– Como vai Furian? – perguntou Mia.

Larva esticou a cabeça na direção do Incaído e falou de boca cheia:

– Venha ver.

Mia pôs a tigela de lado e se levantou com um gemido; as costelas ainda incomodavam, mas não havia muito jeito senão as forçar o menos possível. Ela foi até Furian e suas sombras tremeram, uma fome conhecida aumentando na barriga, sem qualquer relação com a refeição que a esperava.

A verdade era que o Incaído parecia um pouco melhor. O rosto recuperava aos poucos alguma cor e, quando Mia tocou a testa do homem, percebeu que a febre tinha diminuído. Tremendo de hesitação, ela puxou um pouco os curativos para dar uma espiada. As feridas eram assombrosas, sem dúvida; o veneno da sedosa tinha

queimado a pele e o músculo do peito e da garganta. Mas, em vez da massa podre e pustulenta que tinha visto da última vez, Mia encontrou machucados limpos, saudáveis, rosados. A visão das larvas gordas rastejando pelas fissuras na pele de Furian ainda fazia o estômago dela dar voltas, e o cheiro estava longe de ser o de rosas. Mas, Mãe Negra seja louvada, a carne podre tinha quase sumido.

– É incrível – murmurou Cantespadas.

– É nojento – disse Mia.

Completamente enjoada, ela enfim cedeu a tigela de comida para Canino, que latiu e pôs-se a devorá-la todo contente.

– Mas sim, é incrível – admitiu Mia. – Muito bom, Larva.

A menina agitou a colher de madeira como uma rainha.

– É gentileza demais, mi dona. Gentileza demais.

– O que vem depois?

– É mais arte do que ciência, certo? – respondeu Larva, esfregando o nariz no braço. – Acho que daqui a algumas viragens podemos tirar os vermes. Minha mãe dizia para afogar os bichos em vinagre quente, mas não gosto de fazer isso depois de todo o trabalho que eles tiveram. Depois, mantemos as feridas limpas e medicadas e ele sedado. A febre ainda não sumiu, e a infecção pode retornar se tivermos azar. Ele está bem longe de sair do deserto, mas, cá entre nós, as chances estão cada vez maiores.

– Será que ele vai conseguir lutar no *magni*? – perguntou Cantespadas.

– Calma lá – disse a garotinha. – Não sou milagreira.

– Parece milagre para mim – disse Mia, balançando a cabeça admirada e dando um sorriso para a menina. – Foi mesmo a sua mãe que ensinou tudo isso pra você?

– Foi. Ela podia ter me ensinado mais, se tivesse dado tempo. Às vezes penso nas coisas que ela levou para a cova.

– É – suspirou Mia. – Sei como é.

Larva girou a colher na tigela, mordendo os lábios.

– É esquisito, mas estava pensando... Quando você tira alguém deste mundo, não tira apenas *a pessoa*, né? Tira tudo o que ela era também.

– A garotinha franziu a testa para Cantespadas. – Você pensa nisso quando mata alguém na arena?

– Não – disse a mulher. – Esse é o caminho para a loucura.

– No que você pensa então? – perguntou Larva, dando mais uma colherada.

– Acho que antes eles do que eu – respondeu Cantespadas.

A garotinha se voltou para Mia e falou de boca cheia:

– E você, Corvo? Pensa nessas coisas quando tira a vida de alguém?

Mia abriu a boca para falar, mas não encontrou palavras.

A verdade era que ela *pensava* naqueles que matava. Cada vez mais,

parecia. Os luminatii que matara na Montanha eram fáceis de justificar. Mas e todo o resto depois? Os filhos dos senadores e o magistratii que ela assassinara para Scaeva sem saber? Aqueles homens no Fosso dos Jardins Suspensos? Os gladiatii que ela matara na arena? De alguma maneira, todos pavimentaram seu caminho para estar ali, a apenas algumas semanas do pescoço do cônsul e do cardeal. Mas isso por acaso justificava aquelas mortes nas suas mãos?

– Acho que os fins justificam os meios – ela respondeu. – Desde que o fim não seja o meu.

– Acredita nisso de verdade?

– Preciso acreditar.

– Bom – disse Larva com um sorriso triste –, antes você do que eu.

Canino ganiu e lambeu os dedos de Mia com a língua chata e rosada.

– Desculpe, garotão – ela disse, agachando-se para acariciar o queixo do cachorro. – Você já comeu tudo. Estou admirada que tenha espaço para mais.

O mastim ganiu de novo, mais forte dessa vez, e lambeu os beijos. Depois, cheirou a mão de Mia e andou num pequeno círculo com o cotoco de rabo entre as pernas. Sentou-se e fez um barulho, como se estivesse engasgando. Então olhou para Mia com seus grandes olhos castanhos e tossiu uma poça de sangue no chão.

– Dentes da Fauce – exclamou Mia, se esquivando.

A tigela de guisado caiu da mão de Larva e virou no chão de pedra.

– Corvo...

Mia levantou a cabeça e viu um fio de sangue cair dos lábios da garota.

– Não estou me sentindo bem... – ela balbuciou.

– Ah, merda – suspirou Mia.

Larva escorregou do leito de pedra e tossiu um bocado de sangue; Mia correu para não deixar a garota cair. Então olhou para Cantespadas, que esfregou os lábios e ficou com as costas da mão vermelhas. Mia viu a mulher apertar a barriga e tossir sangue no chão de pedra.

Olhou para Canino, que jazia encolhido numa poça de sangue.

Para a tigela vazia em que o cachorro tinha comido a virada dela...

– Ah, merda...

*Veneno...*

– Alguém ajude! – ela berrou. – *Socorro!*

Ela ouviu gritos de dor vindos da varanda, palavrões de espanto, tosses engasgadas. Tomando Larva nos braços, caminhou com dificuldade até a porta da enfermaria e viu cada um dos gladiatii do colégio de joelhos ou estirados de costas, com as mãos e as bocas sujas de sangue, as tigelas de guisado viradas sobre as mesas e o chão. Larva



gemeu e tossiu outro punhado de sangue no peito de Mia. Dedo, atônito, observava a sangria, e vários guardas estavam ao redor, estupefatos.

– Não fiquem aí parados. *Me ajudem*, porra! – berrou Mia.

Dedo viu Larva nos braços de Mia e foi mancando até elas. Em algum lugar da casa, alguém soou o alarme. Juntos, Mia e Dedo levaram Larva de volta à enfermaria e a deitaram num leito de pedra. Cantespadas estava desmaiada, com sangue escorrendo da boca. Mia correu os olhos pelo cômodo, a mente a mil. Ajoelhou-se sobre a tigela de Larva, mergulhou o dedo no guisado, provou e cuspiu. Por trás do tempero, sentiu algo amargo, um toque metálico. Com todo o conhecimento que a tornara a aluna predileta de Mataranhas revirando-se na memória, ela repetiu os quatro princípios da arte do veneno para si mesma, sem parar:

*Dispersão: Ingestão.*

*Eficácia: Letal.*

*Velocidade: Cinco minutos ou menos.*

*Local: Estômago e intestinos.*

Mia arregalou os olhos. A resposta veio como um lampejo.

– É Elegia – ela disse, virando-se para Dedo.

– Você tem...

– Sim, tenho certeza, porra. Você tem leite de vaca na cozinha? Ou nata?

– Tenho leite de cabra para o chá da dona.

– Ponha para ferver. Tudo. Agora.

– Mas eu...

– AGORA, DEDO!

O cozinheiro se retirou coxeando, e Mia começou a revirar os jarros e frascos de Larva. Elegia era um veneno mortal, relativamente difícil de preparar para quem não conhecia a arte direito. Mas foi uma das primeiras toxinas que Mercurio lhe tinha ensinado a fazer, e embora o antídoto não fosse muito conhecido, era fácil para uma Lâmina de Nossa Senhora do Bendito Assassinato. Grata por Leona ter permitido que Larva repusesse os suprimentos, Mia saqueou as prateleiras para pegar os ingredientes necessários.

*Erva-brilho. Lupécia. Mimos...*

– Quatro Filhas...

Mia se virou e encontrou dona Leona de camisola, parada à porta da enfermaria. A magistrae estava ao seu lado, horrorizada. O alarme ainda soava.

– Em nome do Onividente, o que... – sussurrou Leona.

– Veneno – Mia disse. – Elegia, misturado na comida. Não temos muito tempo. Não consigo encontrar a porra do nitrato de prata. Você tem um espelho?

O olhar da dona estava fixo no rosto de Larva, observando o sangue escorrer dos lábios da menina.

– Leona! – berrou Mia. – Você tem um espelho?

A mulher piscou, olhando para Mia.

– T-tenho.

– Leve para a cozinha. Agora! – Então ela se virou para os guardas ao redor da senhora. – Você, carregue Larva. Vocês dois, Cantespadas. Rápido!

– Façam o que ela diz! – ordenou Leona.

Mia juntou um monte de frascos e jarros e atravessou o pátio correndo com os guardas atrás, enquanto Leona disparava para o seu quarto. Ela ouviu Larva tossir de novo, Cantespadas gemer. A varanda parecia uma zona de guerra, com os gladiatii estirados em piscinas de sangue. Fazondas estava com o rosto para baixo, Bryn, caída sobre a mesa, fios grossos de sangue e muco escorrendo dos lábios. Sidonius estava de costas. O executus estava de pé em meio à sangria, com os olhos arregalados e horrorizados.

– Arkades, vire Sidonius para o lado – gritou Mia ao passar correndo. – Não deixem ninguém deitado de costas ou eles vão engasgar com o próprio sangue!

Na cozinha, Dedo curvava-se sobre uma panela grande e mexia o leite fervente. Mia o afastou com um empurrão e começou a acrescentar os ingredientes, medindo-os com cuidado apesar da pressa. Ela não tinha segundos a desperdiçar; cada instante levava Larva e os outros para mais perto da morte. Mas, como sempre, o passageiro da sua sombra mantinha seus nervos rijos como aço e suas mãos firmes. A primeira regra da arte de preparar venenos era: um antídoto malfeito era pior do que ficar sem antídoto.

Os guardas puseram Larva num banco atrás de Mia. A menina, pálida como um fantasma, gemeu e tossiu mais um catarro de sangue.

– Mantenham a garganta dela limpa, ela precisa respirar!

Suor escorria nos olhos. O pulso latejava sob a pele. Larva tossiu de novo, e uma bolha vermelha e brilhante estourou nos lábios.

– Larva, não pare de respirar, ouviu?

Leona chegou com um grande espelho oval tirado da parede do seu quarto.

– Isso vai...

Mia o tomou dela, pegou uma faca de cozinha e arrancou a moldura. Depois enfiou a lâmina por trás do vidro e começou a raspar loucamente a camada refletiva de nitrato de prata; os flocos de metal reluziam conforme caíam sobre o banco da cozinha. Larva tossiu de novo, a cabeça pendendo dos ombros como se ela tivesse quebrado o pescoço.

– Corvo, ela parou de respirar! – gritou a magistrae.

– Larva, não vai morrer agora! – gritou Mia por cima do ombro.

Ela juntou os flocos de nitrato e macerou com socador e pilão até virarem pó. Empurrando Dedo de novo, ela acrescentou o pó no preparado fervilhante no fogão, e o cheiro de metal subiu no ar. Ela olhou por cima do ombro e viu Larva convulsionar nos braços de Leona. Preces para a Mãe Negra, para as Quatro Filhas, para quem quisesse ouvir jorravam de seus lábios.

– Por favor – ela murmurava. – Por favor, por favor, *por favor...*

O preparado ficou pronto. Com um copo de barro, Mia tirou uma boa dose da panela e se virou para a menina. Larva estava pálida como a morte, parada como água de açude. A dona tinha os olhos arregalados, e a camisola e as mãos estavam salpicadas com o sangue da menina.

– Dê um copo a todos os afetados – ela disse a Dedo. – Os inconscientes primeiro. Faça beberem pelo menos três goles, use um funil se precisar, vai, *vai!*

Mia tirou Larva dos braços de Leona, com a respiração acelerada. Deitando a garota de costas, limpou a espuma de sangue dos lábios e abriu sua boca à força. Segurando o copo com a mão firme, ela derramou uma boa dose na boca da menina.

– Engole, filha – sussurrava, massageando sua garganta. – Engole.

Larva não ouvia. Com certeza não engolia. Mia a ergueu, a pôs sentada, e o antídoto lhe escorreu pelos lábios. Leona e a magistrae ajudaram a manter Larva ereta, e Mia, inclinando a cabeça dela para trás, despejou mais do preparado na boca aberta.

– Engole, Larva – ela implorou. – *Por favor.*

Mia massageou a garganta da garota, a sacudiu de leve. Larva não reagia, não se mexia, não respirava. Frouxa nos braços de Leona e Anthea, parecia uma boneca quebrada. A Lâmina que Mia fora tinha visto tudo isso antes. Mas a garota que enxergava em Larva um pálido reflexo de si mesma recusava-se a acreditar. Rezava por algum milagre, como nos livros que lia quando criança. Para que um príncipe chegasse num cavalo prateado e acordasse Larva com um beijo. Para que aparecesse alguma fada madrinha com os bolsos cheios de mágica e desejos de sobra.

Mia sentiu lágrimas quentes nos olhos, e um peso esmagador nos ombros. Um grito negro tomava forma na sua barriga, mas a voz saiu apenas um suspiro oco:

– Por favor, filhinha.

*É esquisito, mas quando você tira alguém deste mundo, não tira apenas a pessoa, não é?*

Leona olhou para Mia, com os olhos arregalados de choque, lágrimas caindo pelas bochechas.

– Corvo?

*Tira tudo o que ela era também.*

*– Por favor – Mia implorou.*

*Você pensa nisso?*

O copo escorregou dos dedos de Mia e se espatifou no chão.

Mia fechou os olhos.

*No que você pensa então?*

---

43 Não sou médico nem especialista em anatomia, mas a sugestão de Dedo parecia exigir do Carniceiro uma flexibilidade que não é deste mundo.

# Capítulo 27

## Ruptura

Mia não conseguia se lembrar da última vez que tinha chorado.

Derramara uma ou duas lágrimas aqui e ali durante o caminho, mas nunca sentira aquele tipo primitivo de dor. Aquele tipo que arranca soluços, que chacoalha os ossos e deixa um vazio por dentro. Ela não tinha chorado depois de fracassar na iniciação. Não tinha chorado quando Ashlinn matou Tric. Não tinha chorado quando o Ministério rezou uma missa discreta e selou o garoto num túmulo vazio no Salão dos Elogios.

Ela não sabia lidar com o luto muito bem, como você vê.

Mia preferia sentir ódio.

Estava na enfermaria diante do corpo sem vida de Larva, com as entranhas reviradas de fúria. O cabelo da menina tinha sido penteado, o sangue lavado do rosto. Parecia quase adormecida. Otho estava ao lado, com a mesma serenidade. Os olhos do itreyano estavam fechados, e as rugas de preocupação que sulcavam seu rosto durante as lutas na areia tinham sumido.

Era um milagre apenas dois terem morrido; como se o “apenas” fizesse algum sentido. Larva era pequena demais, e ingeriu muita toxina. Otho era um homem adulto, forte como um touro. Mas tinha devorado toda a refeição de uma vez e já estava quase partindo quando o antídoto fez efeito, e então já era tarde demais. Mais Falcões teriam sucumbido – todos, na verdade – se Mia não estivesse presente. Ela imaginou que quem quer que tivesse envenenado a comida não esperava uma assassina treinada por perto para preparar o antídoto. Agora quase todos os gladiatii sofriam diferentes graus de hemorragia interna, mas o remédio dela tinha salvado todos da morte.

Quase todos...

Canino jazia numa manta manchada de sangue; os olhos do cão estavam fechados para sempre. O executus quase chorou ao encontrar o animal encolhido sobre uma piscina de sangue na enfermaria. Ele estava sentado ao lado do mastim, passando a mão calosa nos quartos dele. Os dedos tremiam. Mia não sabia se de raiva ou luto.

– Em nome do Onividente, como isso aconteceu? – quis saber Leona, com as mãos na cintura, olhando para os corpos.

– Simples – sussurrou Mia, sem desviar por um segundo os olhos do corpo de Larva. – Alguém pôs Elegia nas cebolas da despensa e Dedo as usou no guisado. A cebola é porosa, funciona como uma esponja. E o cheiro e o sabor mascaram a toxina. É um bom método para aplicar o veneno. O assassino sabia o que estava fazendo.

Leona virou para Dedo. O cozinheiro tremia entre dois guardas, argolas de aço nos braços. O cabelo escorrido pendia sobre os olhos.

– O que você sabe sobre isso? – perguntou a dona.

– N-nada, domina – respondeu o cozinheiro. – Sou um servo fiel!

– Qualquer cobra sibilaria o mesmo – rosnou Leona.

Dedo balançou a cabeça, com a voz trêmula.

– Domina, eu... A senhora sempre me tratou bem e com justiça. Não tenho motivo para prejudicar o seu plantel. Nem machucaria a menina. Ela era como família para mim. Servi a refeição para ela com as próprias mãos. – Os olhos dele se encheram de lágrimas, e um fio de ranho desceu ao seu lábio quando ele olhou para o corpo de Larva. – A senhora me considera frio a ponto de olhar nos olhos dela e sorrir ao p-passar a faca que acabaria com a vida dela?

O peito do homem arfava e o rosto se contorceu enquanto lágrimas começavam a descer pelas bochechas.

– Nunca. Pelo Onividente e todas as Filhas, *nunca*.

Leona apertou os olhos, mas via estampado no rosto dele, como Mia. O corpo frágil tremendo. Os olhos transbordando de luto. Ou Dedo era um ator digno do melhor teatro da República, ou estava realmente arrasado com a morte de Larva.

– Quem tinha permissão de entrar na despensa? – perguntou Leona.

Dedo esfregou os olhos e fungou forte.

– Qualquer um com acesso à casa podia chegar às provisões, domina. Não ficam trancadas à noite... E-eu teria guardado com mais cuidado, mas n-não fazia ideia de que uma serpente vivia entre nós.

– Nem eu – disse Leona. – Mas alimentei uma no meu seio, com toda a certeza.

– Não é fácil preparar Elegia – disse Mia. – É perigoso. Complicado. Mas numa cidade do tamanho de Remanso do Corvo, deve existir um jeito de comprar, se você tiver dinheiro.

– E como você sabe disso mesmo? – rosnou Arkades.

– Nunca escondi meu conhecimento sobre ervas – respondeu Mia. – A diferença entre remédio e repouso eterno pode ser apenas um grama. E se é para registrar tudo, a minha comida também estava envenenada.

– Então como você não ficou como o resto dos seus companheiros?

– Eu não comi – disparou Mia.

– É a segunda vez em poucos meses que você escapa de uma refeição suspeita.

– Você olhou debaixo dos curativos de Furian? – esbravejou Mia. – É nojento para caralho. O cheiro faria qualquer cão sarnento largar a comida, pra não falar da aparência.

– E então *por acaso* você deu a comida para o *meu* cachorro e o viu morrer? Então *por acaso* você tem os ingredientes para salvar a vida

dos seus companheiros?

Mia se virou para encarar Arkades, com os dentes cerrados.

– Você está me acusando? Me acusando de envenenar uma menina de onze anos?

Arkades a ignorou e se voltou para Leona.

– Para mim, se procuramos a serpente entre nós, devemos começar pela que conhece melhor o veneno, não?

Mia foi tomada por uma raiva viva e cega, e deu um passo na direção de Arkades com os punhos cerrados. O homenzarrão se levantou com uma rapidez surpreendente, as costas eretas, o queixo baixo. Dava para sentir o peito dele vibrar.

– Tente – ele disse. – Apenas *tente*...

– Executus, basta – disparou Leona. – Corvo é a campeã deste colégio. Já está no topo da montanha. O que ela ganharia ao assassinar todos os meus Falcões, quanto mais Larva?

– O que *alguém* ganharia? – perguntou a magistrae, correndo os olhos pela sala. – Se queremos achar o assassino, devemos primeiro encontrar o motivo. Quem *lucra* com isso?

– O seu pai lucraria, domina – disse Mia.

Leona balançou a cabeça.

– Ele não ousaria...

– Pense bem – respondeu Mia. – Ele concentrou todas as suas dívidas. Você deve a ele um dinheiro que simplesmente não tem. Fez as contas de quanto devia aos seus credores antes?

– Ainda estou trabalhando nos números.

– Certo – disse Mia. – Mas mesmo levando em conta a bolsa de Alvorre, você pensou numa maneira de arranjar três mil peças de prata que não implique vender ao menos algum dos seus gladiatii para o Pandemonium?

Leona olhou para Arkades, depois para a magistrae.

– Não – ela admitiu.

– Então, o que acontece se todos os seus gladiatii estiverem mortos e você não tiver nenhum para vender?

– Perco tudo – Leona disse. – O *magni*. O colégio. Tudo.

– Seu pai é o tipo de homem que mata para conseguir o que quer? E seria muito difícil para um homem com tanto dinheiro controlar algum dos seus guardas? Ou talvez alguém até mais próximo de você?

– Peste impertinente – esbravejou Arkades. – O que você quer dar a entender?

– Apenas que existem dois tipos de lealdade – respondeu Mia. – A que é paga com amor, e a que é paga com prata.

– Domina, isso...

Leona ergueu a mão, cortando a objeção da magistrae. Então se voltou para o capitão da guarda doméstica, e sua voz saiu fria e

imperiosa:

– Gannicus, quero todos os aposentos da fortaleza vasculhados. Cada baú, cada armário, cada fenda. Você e seus colegas de guarda farão as buscas em trios, e ninguém revistará os próprios pertences. Fui clara?

O capitão bateu o punho no peito.

– Sim, domina.

Gannicus deu meia-volta, juntou os outros guardas e marchou através do pátio. Com o rosto fechado, Arkades lançou um último olhar ao cão assassinado e à menina morta, e começou a mancar na direção dos guardas.

– Onde vai, executus? – perguntou Leona.

– Ajudar nas buscas, domina.

– Gannicus cuida disso. Vá com Dedo juntar lenha para uma pira. – A dona lançou um olhar rápido para o corpo de Larva. – Não faria bem deixá-los aí nesse calor. Devem partir para o Lume, para a guarda zelosa da Senhora Keph.

Mia olhou Arkades de alto a baixo e notou as pupilas dilatadas, a respiração acelerada. O instinto de luta ou de fuga despertava.

– ...*ele está com medo*... – veio o cochicho na orelha dela.

Mas enfim, como sempre, o executus se curvou.

– Seu menor suspiro é uma ordem.

**M**ia nunca tinha sentido o cheiro de carne humana queimada.

Tinha sentido o cheiro da morte, claro. O fedor deletério de tripas rasgadas. O perfume doce e elevado da decomposição. Mas até estar no pátio do Ninho do Corvo, ouvindo os estalos e rangidos da madeira seca contra o murmúrio do mar, nunca tinha sentido o cheiro de uma pira fúnebre. Lera histórias a respeito quando criança; de amantes enlutados e crianças órfãs que mandavam seus entes queridos para o além no topo de um pilar de chamas. Havia algo de romântico nisso, ela pensava. Um quê de bravura e brilho e perenidade. Mas os livros nunca mencionavam o cheiro. O cabelo queimando, o sangue fervendo, a pele escurecendo.

Era horrendo.

Tinham posto Larva em cima da lenha que Arkades e Dedo juntaram, com Otho do lado dela. Não era o esquife mais grandioso já criado, mas os dois usaram todas as toras da cozinha, que empilharam em fileiras de mais de um metro de altura. Os cadáveres estavam envoltos em camisas simples de algodão, com os rostos descobertos voltados para o céu. Dona Leona rezou baixo ao Onividente diante dos corpos. Uma coroa de flores foi posta sobre o peito deles. Uma pequena moeda de mogno, debaixo da língua.<sup>44</sup>

E então acenderam o fogo.



A maioria dos gladiatii conteve o luto, mas Bryn chorava abertamente; era o segundo funeral de que participava na mesma semana, e todas as feridas da perda do irmão se abriram e tornaram a sangrar. Sidonius foi o único outro gladiatii a deixar as lágrimas correrem; seus ombros fortes e musculosos subiam e desciam. Mia pensava no enigma que ele era: a marca no peito, as piadas libidinosas, tudo o oposto do camarada que tinha falado com adoração do pai dela e tentado reconfortá-la no escuro.

As chamas ardiam mais forte, a fumaça subia ao céu ofuscante. Ouvia-se o rebentar de ondas distantes. Os gritos das gaivotas voando em círculos. A oração lastimosa de dona Leona a Aa.

Ao terminar de recitar o ritual, Leona baixou a cabeça e se afastou com solenidade da pira. Mia a observou percorrer o pátio; a fumaça pinicava seu olho sem curativo. Ela sabia que Leona era produto do mundo em que crescera, que no fundo as duas não eram tão diferentes. Se a infância de Mia tivesse sido diferente, tranquilamente podia ser ela a senhora da fortaleza. Mas parte dela não conseguia não culpar a dona por aquilo. Se o colégio não existisse, se Larva nunca tivesse sido vendida para ela...

*Não. Você não tem tempo para “e se”...*

Leona subiu até a varanda, bem na hora em que o guarda que tinha posto no comando das buscas voltou de dentro da casa. Mia os observou de esguelha; Gannicus falava baixo, lançando um olhar para Arkades. Então ele entregou à sua senhora o que parecia ser um tecido dobrado, e o estômago de Mia gelou.

– Arkades? – chamou Leona, voltando-se para o executus.

O homem levantou os olhos da pira ardente. No rosto, ainda via o mesmo medo que ela tinha visto na enfermaria.

– Mi dona?

– Explique isso – disse a dona, estendendo a mão.

Apertada nos dedos dela estava uma calcinha de seda com finos bordados.

Os gladiatii viraram-se para olhar, a pira ainda ardendo ao fundo. Arkades olhou para os guerreiros que tinha treinado, com a expressão escurecendo. Mal conseguia olhar para Leona, e sua voz saiu entrecortada de vergonha:

– Mi dona, se pudéssemos conversar em part...

– Encontraram no seu quarto – disse Leona. – Debaixo do seu colchão. Agora vejo por que tanta ansiedade para ajudar Gannicus e os guardas nas buscas. Mas me diga, nobre Arkades, como é possível que as minhas roupas de baixo estejam entre as suas posses?

– Mi dona, eu...

– E o que é isso?

Leona mostrou um pequeno frasco com um líquido claro que

brilhava à luz dos sóis.

Arkades piscou.

– Nunca vi isso antes na m...

– Encontraram envolto na minha calcinha. Escondido no seu pequeno tesouro. Perfume talvez? Ou uma bebidinha para deixar a quasinoite mais fácil? – Leona se virou para Mia e estendeu-lhe o frasco na palma da mão. – Corvo.

Com um olhar para Arkades, vendo o medo crescer dentro dele, Mia tomou o frasco das mãos da dona. Tirou a rolha e cheirou, enfiou um dedo e provou, e logo cuspiu uma, duas vezes. Com os lábios torcidos, olhou para Leona.

– É Elegia, domina. Sem dúvida.

O olhar fulminante de Leona se encheu de lágrimas quando ela olhou para Arkades, com os lábios trêmulos, o corpo inteiro chacoalhando de raiva.

– Você.

Os olhos de Arkades se encheram de terror.

– Mi dona, eu jamais...

– Então como isso foi parar no seu quarto? – quis saber Leona. – Envolto na calcinha que roubou de mim? Ou também nega que estava com ela?

– Não nego. Encontr...

– Você me conhece desde criança, Arkades! Julguei que fosse um homem honrado, que via a justiça da minha causa. Julguei que sua paixão fosse inofensiva, mas agora a vejo transformar-se em veneno diante dos meus olhos. – Ela sacudiu a seda na cara dele. – Agora vejo o seu coração! Agora vejo o motivo de você ter me acompanhado todos esses anos!

– Paixão? – Arkades estava pálido, com a voz trêmula.

– Quanto o meu pai paga para você?

– O quê?

– Quanto? – ela berrou. – Sempre cismeï com esses leões que você mantinha no seu gibão, com a cabeça de leão na sua bengala. Pensei que eram apenas uma homenagem ao lugar de onde veio e a quem era, mas agora enxergo a verdade! Você *sempre* foi dele! *Sempre!*

A magistrae pôs uma mão delicada sobre o ombro de sua senhora.

– Domina, por favor.

Leona rosnou e arrancou a mão da mulher do ombro.

– Ele me prometeu a você, talvez? Um trofeuzinho quebrado para esconder sob o seu colchão, com todos os outros segredinhos sujos? Você envenenaria meu plantel, assassinaria uma menina de onze anos para ter o que quer?

Lágrimas brilharam nos olhos de Arkades.

– Você me acha capaz...

– Acho você um *mentiroso* – disparou Leona. – Acho você um *assassino*. Um velho triste dominado pela luxúria e pela maldita bebida e pela lembrança podre e deformada de uma glória passada. – Leona puxou um fôlego entrecortado através dos dentes cerrados. – Acho que é um desgraçado tão grande quanto meu pai. Quero você fora do meu colégio.

– Leona, eu...

– *Fora!* – rugiu Leona. – Ou juro pelo Onividente e todas as suas Filhas que vou lhe mostrar a mesma misericórdia que você teve para com a criança naquela pira!

A mulher tremia, lágrimas derramando-se pelas bochechas. Mas o queixo estava firme, os dentes à mostra numa carranca. Arkades pendia como um espelho quebrado, o peito arfava, o rosto estava pálido. Correu os olhos pelos gladiatii, encontrando apenas desdém e raiva. Ele se voltou para Leona, com agonia nos olhos, uma súplica final e desesperada nos lábios.

– Por favor...

– *FORA!* – berrou Leona, atirando-se contra ele e golpeando com os punhos. Arranhando seu rosto, seus olhos. – *FORA! fora!*

Arkades cambaleou para trás, e a magistrae tirou Leona, aos gritos e golpes, de cima dele. Os guardas avançaram para separá-los, com as mãos nas espadas e olhares fulminantes para o executus. Gannicus pôs a mão no peito dele o empurrou ainda mais para trás, o aviso evidente em seu rosto. Era óbvio que o capitão não queria desembainhar a espada, mas a vontade da sua senhora era clara, e o cheiro daquela criança em chamas pairava forte no ar.

Arkades correu os olhos pelo pátio e não encontrou amigos. As lágrimas inundavam seus olhos. Abriu a boca para falar, mas não tinha palavras para salvar-se. Procurou entre os rostos de seus antigos pupilos, e não achou ninguém para defendê-lo. Mia podia notar as palavras se agitarem por trás dos dentes dele, mas, ao olhar nos olhos de Leona, Arkades enxergou apenas ódio e raiva. E, sem nenhuma outra escolha real, ele se virou e começou a coxear para os portões.

– Aqui, pegue isto! – gritou Leona jogando a peça de roupa nas costas dele. – Que ela o mantenha aquecido na quasinoite!

O executus se deteve, lançou um olhar por cima do ombro. Mas, sem uma palavra, apenas baixou a cabeça e continuou a andar. Mia o observou sair, sem saber ao certo o que pensar. O ciúme podia levar um homem a extremos, e Arkades *usava* os leões do seu antigo mestre no peito. Descobrir que a mulher que ele amava tão obviamente ia para cama com Furian devia ter sido um golpe terrível, e o amor podia se transformar em câncer se regado com traição. Mas parte de Mia achava difícil crer que ele trairia Leona de uma maneira tão cruel...

Apoiando-se na magistrae, a dona se retirou do pátio, ainda em

prantos. Mia olhou para a pira outra vez, observando as chamas subirem cada vez mais. O calor beijava sua pele. A fumaça beijava sua língua. Tanta coisa na balança. Tão pouco para o fim. Tanto risco antes de ela chegar lá, e tanta vontade de chegar.

Não via a hora de tudo aquilo terminar.

– Adeus, Larva – sussurrou. – Vou sentir saudades.

E ela ainda não conseguia se lembrar da última vez que tinha chorado.

Vapor rodopiava no quarto de banho, o calor escaldava-lhe a pele. Mia afundou na água com um suspiro, a dor nas costelas amenizada pela quentura. Deslizando para baixo da superfície, tentou calar os pensamentos, emudecer as dúvidas e a raiva, para desfrutar de um instante de silêncio. Por pouco tempo. Por apenas um segundo.

Bryn adentrou o quarto de banho, caminhando como se dormisse. Os olhos estavam injetados, as bochechas vermelhas. Sem olhar para Mia, tirou as roupas, afundou na água e começou a lavar as lágrimas da pele. Ficou submersa quase tempo demais, e Mia estava a ponto de puxá-la quando Bryn por fim emergiu, o cabelo loiro escorrido grudado no rosto. A garota foi para o canto e ali ficou, imóvel feito pedra, feito uma estátua, feito um cadáver, olhos fixos nas ondas da superfície, sem dizer absolutamente nada.

– Viragem difícil – disse Mia.

– É – murmurou Bryn.

– A domina recitou bem o rito.

– É.

– Como você está?

Bryn levantou a cabeça por um instante, e seus olhos ganharam foco.

– Como você acha? – sussurrou.

Mia baixou a cabeça, olhou para as espirais de vapor.

– É.

Fazondas entrou no quarto de banho, arrancando a tanga. Mia era incapaz de se lembrar de uma única viragem em que tivessem tomado banho juntos sem que o grandalhão lhe brindasse com uma canção, mas Fazondas não cantarolou sequer uma nota dessa vez. Seu silêncio atípico pairava pesado no ar, a tristeza ia tomando conta do peito de Mia. Pensava na guerra de água que fizeram, ali, com Byern, apenas algumas viragens antes. Pensava na garotinha queimando na pira, e em tudo o que se tinha perdido com ela.

*Esta gente não é sua família nem seus...*

– Quatro Filhas, porra...

Mia levantou os olhos e viu Sidonius passar apressado por entre os

guardas postados à entrada. Ele fechou a porta, arrancou a roupa e entrou na água, com os olhos arregalados, a respiração rápida.

– Você parece mal-humorado – comentou Fazondas.

– Não pareço, irmão. Estou mesmo.

– Qual é o problema?

– A nossa porra de domina – reclamou o itreyano. – Acabei de ouvir de Milaini, uma das criadas, que Leona mandou uma missiva convidando o bastardo do Varro Caito para a virada amanhã.

– Por que ela vai comer com um açougueiro? – perguntou Fazondas.

– Porque pretende nos vender para ele, por que você acha? – disparou Sidonius. – Ela já fez uma lista, parece. Milaini a viu na mesa dela.

– Quem está lá? – perguntou Mia.

– Para começar, Bryn – disse Sid, acenando com a cabeça para a vaaniana.

Bryn piscou, como se tivesse ouvido a conversa pela primeira vez.

– A domina seria capaz de me vender para Varro Caito?

– Ela precisa de dinheiro – resmungou Sidonius. – Não tem como pagar por um novo condutor e formar outra dupla de equillais. Mas depois da sua apresentação em Alvatorre, você vale uma fortuna.

– Quem mais? – quis saber Fazondas.

– Cantespadas – Sidonius emendou. – Felix. Albanus. Carniceiro. E eu.

– Ela vai vender Cantespadas? – exclamou Mia.

– Vai vender qualquer um que tenha pulso, porra – respondeu Sid. – Precisa de três mil sacerdotes de ouro, e apostou tudo que tem na sua vitória no *magni*, Corvo. Nós, o resto, não passamos de sacos de moeda para ela.

Bryn balançou a cabeça e soltou um suspiro.

– Merda.

– Isso é tudo o que tem a dizer? – cochichou Sidonius, atônito.

– E o que você queria que eu dissesse? – rebateu a garota.

– Diga que não vai ser vendida feito palha para morrer no Pandemonium – vociferou Sidonius. – Porque, pela porra das quatro Filhas, eu não vou.

– E que escolha temos?

Sid lançou um olhar para a porta fechada e baixou ainda mais a voz.

– Sempre resta outra escolha – disse.

Um calafrio percorreu a espinha de Mia quando ela olhou Sid nos olhos.

– E o que isso quer dizer?

– Quer dizer que o executus foi embora, e o seu chicote foi junto – respondeu Sidonius. – Quer dizer que esses guardas domésticos são mais moles que cocô de bebê, enquanto nós somos gladiatii de

verdade. Podemos bater neles até a morte com as nossas espadas de treino se quisermos. Especialmente com o fator surpresa ao nosso lado.

Fazondas fechou a cara enquanto esfregava o peito.

– É – murmurou. – Podíamos.

Bryn arregalou os olhos, a voz baixando até se tornar um cochicho furioso.

– Você está falando de rebelião? Perdeu a cabeça? Quer acabar executado no *magni*?

– Prefere morrer no Pandemonium? – perguntou Sidonius. – Caso não tenha olhos para enxergar, irmã, esta porra de casa está desabando sobre as nossas cabeças. E não quero estar aqui quanto o telhado cair.

– Não é certo – disse Fazondas. – Cantespadas lutou com honra. Corvo seria a primeira a admitir que não venceria a Exilada se não fosse por ela, certo?

Mia concordou devagar.

– Certo.

– E agora vai ser vendida como carne? Porque não consegue levantar uma espada? – O grandalhão olhou para Bryn. – Seu irmão deu a vida por esta casa. E é assim que Leona honra esse sacrifício? Penhorando a irmã dele para um desgraçado feito o Varro Caito?

– Não vou tolerar isso – disparou Sid. – Não posso. Não vou.

Fazondas olhou para Sidonius e balançou a cabeça.

– Nem eu.

Mia lambeu os lábios e falou baixo.

– Esperem.

Os três gladiatii olharam para ela, esperando-a falar. Depois do seu desempenho na arena, não havia nenhum dos gladiatii que não a respeitasse. E embora ela visse a injustiça daquilo, embora soubesse que se estivesse na situação deles com certeza defenderia a mesma ideia...

Se os gladiatii do Colégio Remus se rebelassem, ela jamais veria o *magni*. Nunca teria sua vingança. Se os ajudasse, no melhor dos casos, seria uma fugitiva, a esmo numa República em que rebeliões assim eram brutalmente castigadas. No pior dos casos, ela simplesmente morreria na tentativa. E se não participasse, mas permitisse que aquilo acontecesse, provavelmente seria crucificada pelos administratii mesmo assim por viver numa casa em revolta.

Mas cruzar os braços e não fazer nada enquanto Bryn e Cantespadas e Sid eram vendidos...

– Esperem? – perguntou Sidonius. – Esperar o quê?

– Não vamos ser apressados – disse Mia. – As feridas do funeral de Larva estão frescas. Quer dizer, esperem algumas viragens antes de

fazer qualquer loucura.

– Loucura? – desdenhou Sid. – É a nossa vida que está em jogo aqui!

– Pode estar tudo bem para alguns – disse Fazondas. – Mas nem todos somos campeões nas graças da dona.

– E essas graças mudam como o vento, Corvo – disse Bryn, aparentemente se apegando à ideia. – Veja como ela se livrou rápido de Arkades.

– Apenas aconselho paciência – insistiu Mia. – Leona e Caito se encontram amanhã, mas não vão fechar negócio antes de uma ou duas viragens. O sangue da domina está fervendo como o nosso. Talvez com o tempo ela enxergue sua loucura e procure outro jeito. Talvez encontre algum truque nos registros que evite a venda de alguém. Tenho certeza de que ela não quer se desfazer de nenhum de nós.

– Se você acha que essa mulher tem um pinga de lealdade dentro dela – disse Fazondas – é a burra que nunca imaginei que fosse. Leona pensa na própria glória, e na de mais ninguém.

– Paciência – ela suplicou. – Por favor.

Os três gladiatii se entreolharam, carrancudos. Mas parecia que não haveria mais discussão por ora, e cada um se fechou num silêncio amuado. E com pouco mais a dizer e nenhum consolo a oferecer, Mia enfim saiu do banho, secou o corpo, pôs as tiras de roupa e saiu pisando com cuidado.

Foi caminhando pelo corredor até a cela, a mente num turbilhão. Sabia que não podia deixar uma *rebelião* contra Leona acontecer; tudo seria desfeito. Mas se permitisse que a dona fizesse o que queria, se ela não mudasse de ideia, Sid, Cantespadas e Bryn estavam praticamente mortos. Ninguém sobrevivia ao Pandemonium. Mesmo os melhores guerreiros duravam apenas alguns meses lá, quando muito.

Um silêncio lento instalou-se no alojamento enquanto os gladiatii deitavam-se pela quasinoite. Sidonius voltou do quarto de banho e se sentou em frente a Mia na cela. Ela ainda não tinha se mudado para o andar de cima; com todo o drama das últimas viragens, imaginou que a dona tinha questões mais urgentes do que arranjar aposentos novos para a nova campeã. Assim, Mia ainda estava presa àquela jaula. Sentiu os olhos de Sid sobre si à medida que as lâmpadas arquêmicas se apagavam e a conversa dos outros gladiatii diminuía até parar, enfim substituídas pelos sons do sono.

Como sempre, o homem permanecia calado quando estavam a sós. Nunca forçava o assunto.

Apenas olhava.

Os minutos escorriam como viragens. Os olhos azuis fixos nela.

Sem piscar.

Mudo.

– Mãe Negra, que foi? – ela chiou afinal.

– Não disse nada – cochichou Sidonius.  
– Então o seu plano é ficar aí me olhando a quasinoite inteira?  
– Você prefere que eu fale?  
– Prefiro, dane-se! Desembuche. Você não teve vergonha na porra do quarto de banho. Aí ficamos sozinhos e de repente o gato come a sua língua?

– E do que falaríamos? Você deixou a sua opinião bem clara.  
– Você me segue como um falcão-de-sangue desde que descobriu quem sou. E nunca me perguntou sobre isso, nem uma vez. No entanto, ao primeiro rumor de... – Mia olhou em volta e baixou a voz – ...de rebelião, a sua língua fica toda agitada.

– A medida que tomo a respeito da minha venda iminente só cabe a mim, Corvo. Mas no que concerne aos seus pais, não estou em posição de falar. E se estava na dúvida, só precisava perguntar. Sigo você por respeito ao seu pai. Ele gostaria que eu cuidasse de você.

– E o que você sabe das vontades do meu pai?

Sidonius riu baixo.

– Mais do que você, pequeno corvo.

– Você era um soldado. Marcado por covardia e enxotado da legião. Você não fazia parte do conselho dele. Não o conhecia.

Sidonius balançou a cabeça, com mágoa brilhando nos olhos.

– Sei que ele teria vergonha do que esta casa virou.

Mia se calou ao ouvir isso. Tomou um fôlego fundo, trêmulo e olhou para as paredes ao redor. Barras de ferro e sofrimento humano. Ela tinha se esfregado com força no banho, mas ainda sentia o cheiro da pira fúnebre de Larva no cabelo.

– Seu nome é Mia, certo?

Ela levantou a cabeça na hora, com os olhos apertados.

– Levei um tempo para lembrar – disse Sid. – O justicus falava de você às vezes, mas guardava os assuntos de família para si. Acho que se sentia mais próximo da família assim. Sem dividir com os outros. Sem manchar a imagem de vocês que tinha na mente com todo o sangue e a merda que víamos na campanha.

– É – ela respondeu afinal. – Mia.

– O seu irmãozinho se chamava Jonnen.

– É.

Sid assentiu com a cabeça e mordeu os lábios, sem dizer nada.

– Filhas, põe para fora – suspirou Mia.

– Para fora o quê?

– A censura que está obviamente fervilhando atrás dos seus dentes, porra. “Você pode deixar essas paredes a hora que quiser, Corvo, não tem direito de nos impedir de fazer o mesmo. Ainda que a gente fracasse, os administratii não vão pegar você. Nenhuma cela é capaz de te segurar.”



– É isso que eu estava pensando? – perguntou Sid. – Ou o que você estava pensando?

– Vai se foder, Sid.

– Levei um tempo – disse o grandalhão. – Refletindo. Por que você estava aqui, por que queria lutar no *magni*? Então me lembrei quem vai estar na areia com você quando for declarada campeã. Os mesmos homens que presidiram o julgamento dele, certo? Os homens que sorriam enquanto ele era enforcado.

Mia não disse nada. Apenas olhou.

– Eu não estava lá quando aconteceu – disse Sid. – Já estava acorrentado a essa altura. Mas ouvi depois. Ouvi que dona Corvere ficou de pé nos muros do fórum, acima da multidão ululante. Com uma garotinha nos braços. Devia ser você, certo? Que coisa para fazer a filha assistir...

– Ela queria que eu visse – falou Mia. – Queria que eu me *lembrasse*.

– A sua mãe.

– É – disparou Mia. – Como você a chamou? *Putta burra do caralho*?

– É, foi grosseria da minha parte – suspirou Sid. – Mas é difícil para mim achar palavras gentis para a sua mãe, Mia. Sabendo o que sei dela.

– E o que você acha que sabe?

– Só que Alinne Corvere tinha mais ambição do que o justicus Darius e o general Antonius juntos. Metade dos centuriões do seu pai era apaixonada por ela. Ela tinha um terço do Senado nas mãos. – Sid levou as mãos ao queixo. – Como você acha que ela conseguia isso? Não era a espadachim que sua filha veio a ser. Era uma política. Acha que uma mulher assim conseguiria quase pôr a República de joelhos sem que ela própria se ajoelhasse uma ou duas vezes?

Mia lançou um olhar fulminante para Sidonius.

– Não ouse.

– *Sei* que você quer vingar os dois – disse Sidonius. – Sei que acha justo. Só me pergunto se acharia o mesmo se soubesse o tipo de mulher que a sua mãe era. Ou o tipo de homem que o seu pai era.

– Sei que tipo de homem ele era. Era um *herói*.

– Todo mundo pensa isso dos próprios pais – disse Sid. – Eles nos deram a vida, afinal. É fácil achar que são deuses.

– Se você falar mal uma só vez do meu pai – sussurrou Mia –, juro pela Mãe Negra que acabo com você aqui nesta cela. Ele estava fazendo o que achava melhor para a República e para o povo. Era um homem que seguia seu coração.

– Eu amava seu pai, Mia. E o servia da melhor maneira possível. Ele tinha aquele ar em torno de si. A lealdade que inspirava em seus homens... Acho que todos nós o amávamos, cada um do seu jeito. – Sid fixou os olhos em Mia. – E, sim, ele era um homem que seguia o

coração. Só não do jeito que você pensa.

– Do que você está falando?

Sidonius suspirou.

– Seu pai e o general Antonius eram amantes, Mia.

Mia estremeceu como se tivesse levado um tapa na cara.

A respiração trêmula.

O mundo todo caindo sob seus pés.

– Quê?

– Todo mundo sabia – disse Sid. – Todos os homens dele, pelo menos. Ninguém ligava. Nem mesmo a sua mãe, desde que eles mantivessem discrição. Ela tinha se casado com o cargo, não com o homem. O casamento deles era de amizade. Talvez até de um tipo estranho de amor. Mas antes de tudo, era um casamento de ambição. De política. Seu pai inspirava lealdade nos luminatii. Não importava que o futuro rei e o Faz-Rei de vez em quando acabassem juntos na cama. Alguns de nós achava até romântico. – Sidonius se inclinou para mais perto, e sua voz saiu pesada e dura. – Mas não venha me dizer que a rebelião era por causa do amor de Darius Corvere à liberdade ou ao povo, Mia. Era por causa do seu amor a Antonius. O general queria ser rei. E seu pai queria ser o homem que colocaria a coroa na cabeça dele. Simples assim.

Mia se lembrou das quasinoites no Ninho do Corvo quando o general vinha visitar. Ela o chamava sempre de “Tio Antonius”. Sua mãe, seu pai e ele comiam juntos, o vinho correndo solto, o riso ecoando nos corredores longos de pedra vermelha.

E depois...

Talvez debaixo daquele mesmo teto...

– Mentira – sussurrou Mia. – Você está contando mentiras.

– Não, Mia – disse Sidonius. – Só estou contando verdades difíceis.

Mia se calou, o coração palpitando no peito. Piscando.

Ela não se lembrava ao certo quando tinha sido a última vez que tinha chorado...

– Dói, não dói? – suspirou Sid. – Descobrir que aqueles que deram a vida a você são tão frágeis e mortais quanto todos nós?

Mia secou as lágrimas com as mãos trêmulas. Lembrou-se do jeito como o pai beijava a mãe. Primeiro uma pálpebra, depois a outra, e depois na testa macia cor de oliva.

Mas nunca nos lábios.

Seria verdade?

*Faz diferença?*

Se não havia mentiras entre eles, por que ela se importava com quem se deitavam? Embora não tivessem se amado, ambos tinham amado Mia; disso pelo menos ela tinha certeza. Tinham-na ensinado a confiar na sua inteligência, a ser forte, a nunca ter medo. E ela ainda

sentia a falta dos dois, como se um buraco tivesse sido cavado no seu peito no dia em que eles foram arrancados dela.

Mas se o seu pai não tinha sido o herói do povo que ela tinha imaginado, se ele tinha mesmo tentado derrubar o Senado por fins egoístas...

...para que tanto assassinato e tanto sangue, mesmo?

*Não.*

Não, Scaeva e Duomo ainda mereciam morrer. Eles ainda tinham mandado prender sua mãe e seu irmão, e deixado os dois morrerem numa masmorra na Pedra Filosofal.

*Mandarei lembranças suas ao seu irmão...*

– Sei o que vai custar a você deixar uma rebelião acontecer sob este teto – sussurrou Sid. – Mas pense em Bryn. Em Cantespadas. No Carniceiro e em mim. Será que merecemos mesmo morrer num poço infame porque Leona odeia o pai, e você ama o seu demais?

O silêncio entre os dois fez-se pesado como o chumbo. Mia olhou para o homem de alto a baixo; aquele homem que ela tinha achado que era um burro pervertido, um capanga, talvez até o covarde que a marca no peito declarava ao mundo. Não viu nada disso. Ainda assim...

– Por que você não estava lá quando meu pai e Antonius foram capturados? – ela perguntou em uma voz vazia. – Por que não está morto com o resto dos homens dele?

Sidonius respirou fundo e baixou a cabeça.

– Os centuriões luminatii e seus segundos lanceiros foram informados do plano de Darius e Antonius na quasinoite em que nos reunimos. Antonius fez um discurso grandioso, falou da corrupção, dos excessos, de como a República estava sob o controle de homens fracos e ímpios. E quando todos os gritos, golpes no escudo e punhos no peito acabaram... eu não consegui. A República é podre, Mia, isso eu não discuto. Um câncer come os ossos de Itreya, e Godsgrave é o centro dele. Julius Scaeva é duas vezes mais tirano do que Antonius seria. Mas nós éramos a Legião Luminatii. Soldados de Deus. Antonius controlava partes do exército, mas o Senado tinha outros generais fiéis a ele, outras legiões que podiam nos enfrentar. A guerra que viria se marchássemos contra a nossa própria capital, o sofrimento que deixaríamos atrás de nós... Milhares teriam morrido. Dezenas de milhares, talvez. E para quê? Para um homem poder usar uma coroa e outro poder colocá-la na cabeça dele? Não consegui. Fui até o meu centurião e falei para ele. Ele escutou pacientemente enquanto eu tentava lhe mostrar como aquilo estava errado. E, quando terminei, mandou me espancarem quase até a morte, me marcarem como covarde e me venderem.

Sidonius balançou a cabeça.

– Seis anos de correntes por um instante de princípios. Esse é o preço que paguei. Mas você sabe o que aprendi em todos esses anos entre aquela viragem e hoje, pequeno corvo?

– Não.

Sid cravou os olhos azuis como gelo em Mia.

– Não há travesseiro mais macio do que uma consciência limpa.

Mia permaneceu no escuro, tremendo de alto a baixo, lágrimas escorrendo pelas bochechas. E, sem mais nenhuma palavra, Sidonius deitou-se na palha, rolou de lado e fechou os olhos.

– Durma bem, Mia.

---

44 Chamada de *reparii*, essas moedas eram entregues à deusa Keph em troca de seu auxílio no além.

Como faz eras que a deusa da terra dorme, e como ela não precisa de dinheiro, as moedas de madeira são atiradas ao Lume para mantê-lo aceso. O fogo do Lume foi presente da irmã de Keph, Tsana, Senhora do Fogo, que considerou injusto que a mãe, Niah, recebesse sozinha o domínio sobre os mortos. Assim, criou o fogo para dar às almas boas um lugar para se reunir e se aquecer em meio ao frio da noite infinita do além.

Tsana odeia a mãe, como você pode notar. Quase tanto quanto o pai odeia.

Não podemos deixar de imaginar se ela foi abraçada o bastante na infância.

# Capítulo 28

## Cicatrizes

– ...*não é uma decisão sábia...*

– Como você gosta tanto de me lembrar.

– ...*se não lembrasse, quem lembraria? eclipse, aquela idiota...*?

– Se eu não te conhecesse bem, diria que tem ciúme de Eclipse e Ashlinn.

– ...*besteira...*

Mia se ajoelhou no beco, encontrou o manto que Ash tinha lhe deixado e o jogou por cima dos ombros. Embora esgueirar-se por Remanso do Corvo naquele calor de manto e capuz não fosse exatamente a melhor maneira de evitar olhares, era mais fácil que sair tropeçando cega sob um manto de sombras.

– Preciso conversar com ela, Senhor Simpático – disse Mia, erguendo o capuz. – Faz duas viragens que ela voltou e as coisas estão caminhando rápido no colégio.

– ...*houve um tempo em que você conversava comigo...*

– Ainda converso com você.

– ...*mmm...*

Senhor Simpático saltou para o ombro dela e enrolou o rabo ao redor do seu pescoço. Mia saiu do beco e esgueirou-se até a Rua dos Pescadores, rumo à estalagem. Era tarde da quasinoite, os ventos que sopravam do mar quase arrancavam o capuz da cabeça dela. Algumas pessoas esparsas tocavam seus negócios, e ela ouvia o sino repicar no porto, mas tirando algumas figuras suspeitas como ela, as ruas estavam praticamente vazias.

– Pois bem, então – ela murmurou. – Do que você quer falar?

– ...*por onde começar...* – veio o sussurro no ouvido dela. – ...*aquela coisa que salvou a sua vida em galante? a sua teoria de que os sombrios estão de alguma forma ligados à queda do império ashkahi? o mapa nas costas de ashlinn? e não vamos nos esquecer da sua luta com a sedosa e o segundo conjunto de lâminas que ela tão convenientemente esqueceu de envenenar...*

– Qualquer um podia ter cometido aquele erro, Senhor Simpático.

– ...*você é tola em confiar nela...*

– Se Ash me quisesse morta, já poderia ter acabado comigo dez vezes.

– ...*mesmo assim, o envolvimento dela está prejudicando seu juízo. há tantas perguntas sobre o que está acontecendo aqui, e parece que você não busca respostas para nenhuma delas...*

– Não consigo fazer muito atrás das paredes daquela porra de

colégio – ela sussurrou. – O *magni* vem primeiro. Só temos uma chance.

– ... *você se lembra do que aquela coisa de sombras falou para você em galante...?*

– Que eu devia pintar os céus de preto. Seja lá que porra isso quer dizer.

– ...*disse que a sua vingança só cega você, mia...*

– Você quer dizer que eu deveria esquecer o que Scaeva e Duomo fizeram?

– ...*quero dizer que coisas maiores podem estar em jogo aqui...*

– Acha que eu não sei?

Eles dobraram a esquina para o beco atrás da estalagem, sentindo o cheiro de lixo e podridão no ar. Mia tirou o capuz; Sr. Simpático pulou para uma caixa quebrada e lambeu a pata translúcida, enquanto a garota continuava:

– Veja, há meses me sinto um peão que só enxerga metade do tabuleiro. E as perguntas na minha cabeça são quase ensurdecedoras. Mas todas elas ainda precisarão de resposta quando a veraluz acabar e a chance de dar um fim em Scaeva e Duomo tiver passado. Nosso plano está a uma rebelião da ruína. Tudo depende das próximas viragens.

– ...*bom, se a ideia de os gladiatii se rebelarem é tudo o que preocupa você, a resposta é óbvia...*

– Ah, é? Diga, por favor.

– ...*você não pode deixar que aconteça...*

– Não é tão simples, Senhor Simpático.

– ...*é, sim, tão simples. se você ainda quer se vingar, precisa vencer o magni. e não pode vencer o magni se tiver sido executada por causa de uma rebelião contra a república. você fala o tempo todo do quanto abriu mão para chegar tão longe. não pode falhar agora, nos metros finais...*

– Então apenas deixo Sid e os outros morrerem?

– ...*eles não são seus amigos, mia...*

– Quem é você para me dizer isso?

O não-gato jogou a cabeça de lado;

– ...*eu sou seu amigo. seu amigo mais antigo. quem ajudou você quando scaeva mandou te afogar? quem a salvou nas ruas de godsgrove? quem ficou ao seu lado em todas as provas da igreja? e em todo esse tempo, alguma vez conduzi você pelo caminho errado...?*

Mia sentiu uma reprovação subir aos lábios, mas, antes de conseguir falar, sentiu sua sombra ondular, um calafrio particular arrepiando a pele. Uma sombra escura tomou forma sob seus pés, lustrosa e lupina, embrenhando-se ao redor e pelo meio das suas pernas.

– ...*você voltou...*

– ...Olá, Eclipse.

– ...senti saudades...

– ...ah, por favor...

Eclipse rosnou e cravou as patas de sombra no chão.

Senhor Simpático fingiu bocejar.

– ...ah, pare, você está me assustando...

– ...acho você burro demais para ter medo de mim, pulguentinho. mas uma viragem, vou mostrar-lhe qual é o preço de ter boca demais e dentes de menos...

– ...diga-me, vira-latas, você ensaia essas pequenas ameaças sem graça quando está sozinha ou é tudo improvisado...?

Mia fechou a cara. A sua tolerância com o sarcasmo do não-gato estava no nível mais baixo de todos os tempos.

– Senhor Simpático, vá vigiar o Ninho. Venha me chamar se Furian se mexer.

– ...está me mandando embora...?

– ...ai, meu coraçãozinho dói...

– ...não temos coração, sua cadelinha idiota...

– ...não se esqueça disso quando eu estiver devorando o seu...

O gato de sombras chiou, a loba de sombras rosnou. Mas, com uma onda no preto sob si, Mia sentiu o passageiro partir. Ela se ajoelhou e passou as mãos em Eclipse, sentindo o mais vago toque de veludo frio sob as pontas dos dedos.

– Está tudo bem?

Os pelos de Eclipse ainda estavam eriçados, mas o toque de Mia aos poucos a fez se acalmar. Lambendo a mão da sua senhora com a língua translúcida, a loba de sombras falou em voz suave:

– ...TUDO BEM. MELHOR AGORA, QUE VOCÊ ESTÁ AQUI. COMO ESTÃO AS FERIDAS...?

Mia tocou o curativo e fez uma careta.

– Bem o bastante.

– ...você parece triste...

– Talvez esteja um pouco.

– ...precisamos machucar alguém...?

– Preciso que você fique aqui, Eclipse. De olho na rua, certo?

– ...como quiser...

Mia sorriu e entrou pela viela, feliz por ao menos um de seus demônios se contentar em obedecer. À medida que se distanciava mais, começando a escalar a calha para a sacada de Ashlinn, sentiu o poder de Eclipse sobre si desfazer-se, e uma sensação fria se insinuou na sua barriga. Ainda era estranha, enjoativa e úmida. Fazia com que se sentisse pequena. Fazia com que se sentisse fraca.

Mãe Negra, ela odiava sentir medo.

Ela agachou-se diante da janela, com o punho posicionado para bater no vidro. Tinha a sensação odiosa de piolhos rastejando pela

barriga. Suor frio pinicando os pontos na bochecha. Cerrando os dentes, ela juntou toda a coragem que tinha para bater baixo.

A janela se abriu e Ashlinn apareceu, banhada pela luz escaldante dos sóis. Por um momento, Mia se esqueceu do sangue, da morte, do medo, e apenas a contemplou: ali estava a garota que tinha arriscado a vida de novo, reunindo informações em Alvatorre, envenenando a Exilada para igualar as chances dela, seguindo Mia por toda República sem pestanejar.

– Ai, deusa – suspirou Ashlinn, apertando os lábios contra os de Mia.

A sombria fechou os olhos, passou os braços em volta da cintura de Ashlinn e deixou a garota cobrir seu rosto de beijos. Ash tomou a mão de Mia e a levou para a cama, deitou-a e jogou os braços em volta dela, apertando forte. Apesar da dor nas costelas quebradas, dos sofrimentos das últimas viragens, Mia respirou mais fácil ao sentir o aroma de lavanda e hena do cabelo de Ashlinn. Simplesmente abraçava e era abraçada.

– Senti sua falta – sussurrou Ash.

– Também senti.

Elas se beijaram de novo, um beijo longo, alegre e suave. Ashlinn a puxou para mais perto e enterrou o rosto no pescoço dela. Ficaram deitadas assim por uma era, os corpos encaixados como estranhas peças de quebra-cabeça. O abraço daquela garota era o último lugar em que Mia tinha esperado ver-se ao longo da sua jornada. E o mais aconchegante. O mais doce.

Depois de um nada longo e tranquilo, Ash por fim saiu dos braços de Mia e olhou-a de alto a baixo, do cocuruto até a sombra aos pés.

– Onde está Senhor Sarro? – perguntou.

– Mandei de volta para a fortaleza – suspirou Mia.

– Ele não gostou, apostou.

Mia deu de ombros enquanto brincava com a ponta de uma das tranças de Ashlinn.

– Ele estava me irritando. Sempre tem algo sarcástico a dizer. Sempre questiona. Sempre força. Nunca é apenas... legal.

– Parece alguém que conheço – sorriu Ash.

Mia arqueou a sobrancelha e lançou um olhar seco para a outra.

– Ah, é?

– É como eu enxergo, pelo menos – disse Ash com um sorriso malicioso.

– Assim você me magoa, dona. Sou amável para caralho, e vou provar.

Ashlinn sorriu de novo.

– Andei pensando nisso, na verdade.

– Em como sou amável para porra?

– Não – respondeu Ashlinn revirando os olhos. – Sobre seus



passageiros. Como são diferentes. Depois de passar tanto tempo viajando com Eclipse, agora a conheço muito bem. Ela e Senhor Simpático são como a veraluz e a veratreva. Ele é sarcástico, maldoso e um pé no saco. Eclipse é mais simples, mais direta. Não questiona. E percebi que essas características lembram você e Lorde Cassius. Você mesma disse que ele nunca quis saber a verdade sobre o que é ser sombrio.

– Você acha...

– Não acho nada. – Ash deu de ombros. – Só é interessante. Talvez o passageiro herde o jeito de ser do sombrio a quem se apega primeiro, quem sabe?

Mia ruminou aquilo por um instante, e pareceu fazer sentido. Pensando bem, de verdade, os dois passageiros eram *mesmo* parecidos com aqueles a quem acompanharam primeiro. O humor ácido e negro de Sr. Simpático, sua mordacidade. A lealdade absoluta de Eclipse, a tendência a procurar soluções violentas para qualquer situação.

Será que o gato de sombras era apenas um reflexo sombrio dela?

E se isso fosse verdade, será que os pensamentos dele não eram a melhor medida do que *ela própria* pensava?

...eles não são seus amigos, mia...

– Fiquei preocupada com você – sussurrou Ash. – No *venatus* de Alvatorre.

Mia piscou e voltou ao presente.

– Estou bem – suspirou. – Costelas quebradas. Uns arranhões.

Ashlinn apoiou a cabeça na mão e carinhosamente correu a ponta dos dedos pelo curativo na testa e na bochecha de Mia.

– Não parecia um arranhão quando ela abriu o corte.

– Está bom, Ash.

– Mostre.

Mia balançou a cabeça, com as entranhas revirando.

– Ashlinn, não quero...

– Mia – disse Ash com suavidade, tomando a mão dela. – Mostre.

O medo. Subindo por dentro como veneno. Ela queria Sr. Simpático e Eclipse de volta naquele momento. A vida era tão mais fácil sem medir consequências, sem pensar na dor. Os passageiros eram o que a deixava forte, o que lhe permitia ser um terror na arena, o que lhe poupava de pensar em ferir ou ser ferida em troca. Ela era de aço quando eles estavam dentro de sua sombra. Sem eles...

*Sem eles, o que eu sou?*

Por mais que falasse que preferia uma aparência perigosa a uma bela, ainda tinha medo do que havia debaixo do curativo. Do que veria nos olhos de Ashlinn quando o tirasse. Mas, com a mesma rapidez, sentiu seu velho gênio se inflamar. A raiva que a tinha acompanhado por todos os anos entre a viragem da execução do pai e

aquela. Que importância tinha a sua aparência?

Que diferença fazia para quem ela era?

Mia levou a mão ao curativo e o soltou da testa. A gaze tinha grudado na ferida, incrustada de sangue, e ela precisou puxar um pouco, tremendo de leve com a dor. Ashlinn ficou calada, observando com aqueles lindos olhos de azul ensolarado. Mia viu seu reflexo no espelho. A ferida cortava sua testa e se curvava num gancho pela bochecha esquerda, costurada com os pontos das mãos firmes como ferro de Larva.

– Não está tão ruim – sussurrou Ashlinn.

– Mentirosa – rebateu Mia.

– Sou mesmo – concordou Ashlinn com um sorriso, então balançou a cabeça. – Mas não agora.

A garota se inclinou para a frente, e com lábios leves feito uma pluma, beijou a testa de Mia. Baixando um pouco, deu meia dúzia de beijos delicados ao longo da linha da ferida e, por fim, apertou os lábios contra os de Mia.

– Nossas cicatrizes são apenas presentes dos inimigos – sussurrou Ashlinn na boca da garota. – Lembram-nos de que não foram bons o suficiente para nos matar.

Mia abriu um sorriso débil, enlaçando os dedos nos de Ashlinn.

– Você lutou com coragem na arena – disse Ash.

– É fácil quando Senhor Simpático e Eclipse estão comigo.

– No entanto, você veio aqui sozinha. Não deve ter sido fácil.

Mia balançou a cabeça.

– Não foi.

– Então não se diminua tanto, Corvere. Ninguém vivo é capaz de fazer o que você faz. Você é a pessoa mais corajosa que conheço. Deusa, quando pulou para segurar Cantespadas e a sedosa foi para cima de vocês... Fiquei com tanto medo. – Ash balançou a cabeça e deu um tapa de brincadeira na perna de Mia. – Não faça mais nenhuma idiotice dessas de novo, ouviu?

– Eu não podia deixar Cantespadas cair, Ashlinn.

O olhar da garota amoleceu, então um sulco lento desenhou-se em sua testa.

– Por que não?

– Ela salvou minha vida.

– E, ao salvar a dela, você arriscou a sua. – Ash balançou a cabeça, com os olhos azuis faiscando. – Não é por isso que estamos aqui, Mia. A questão é maior do que a vida de uma gladiatii. É o futuro da República inteira. O fim de uma tirania que está supurando faz tempo demais. O fim da Igreja Vermelha, o fim d...

– Sei por que estamos aqui, Ashlinn. Não sou uma heroína. Não sou salvadora de porra nenhuma. O plano é *meu*, lembra?

– Parece que não sou eu que preciso de um lembrete.

Mia fechou a cara e soltou-se dos braços de Ashlinn. Foi até a escrivaninha, achou as cigarrilhas e acendeu uma com a pederneira. Inalou fundo, apesar da dor nas costelas, sentindo o calor açucarado espalhar-se pela língua e formigar nos lábios.

– Larva morreu.

– Quê? Como?

– Parece que Arkades envenenou a nossa virada com Elegia. Trabalhava para Leonides. Leona precisa vender um punhado de gladiatii para afastar o pai por tempo suficiente para me pôr no *magni*. Mas os gladiatii ficaram sabendo que vão ser vendidos.

– E como estão se sentindo em relação a isso?

– Como você acha, porra? – Mia cruzou os braços e encostou na parede, a cigarrilha pendendo da boca. – Decidiram se rebelar. Sidonius está tentando me convencer a ajudar. Sabe que consigo escapar das celas, soltar os outros. Se atacarem na quasinoite, vão derreter os guardas de Leona feito mijo na neve.

– Merda – suspirou Ashlinn. – Como você vai impedir isso? Vai contar para Leona?

Mia olhou para Ash e tragou forte o fumo.

– Quem disse que vou impedir?

– Quê?

– Eles não merecem morrer, Ash. Nenhum deles. Não por isso.

– Mia – disse Ashlinn. – Sei que você sente uma afinidade com essa gente, acredite, eu sei. Mas você sempre se preocupou demais com os outros, mesmo quando era acólita. Eu avisei na época, e aviso agora.

Mia apertou os olhos para a garota na cama, com aquela velha e deliciosa raiva comendo todo o medo.

– Ash, se eu não tivesse poupado a vida daquele garoto na minha prova final, teria estado presente quando você envenenou o banquete de iniciação. Teria acabado amarrada como Shiu e os outros, à mercê dos luminatii.

– Eu não deixaria isso acontecer, Mia.

– Você não poderia impedir – respondeu Mia. – Remus acabaria comigo assim que pusesse as mãos em mim. Então não se engane. Se eu não tivesse sentido pena e falhado na prova, estaria morta agora. Morta como Jessamine. Morta como Tric.

Ash estremeceu. Tomou um fôlego longo e entrecortado.

– Você joga isso na minha cara sempre que discutimos. Não é justo, Mia.

– Ah, e o que você fez com ele foi justo?

– Sinto muito por Tric ter precisado morrer – disse Ash. – Sei que você gostava dele. Eu também gostava. Mas é *isso* que eu quero dizer, Mia. *Todo mundo* nessa história tem alguém de quem gosta e que gosta

dele. Os gladiatii que matou na arena, os luminatii que massacrou na Montanha. Todos eram filhos ou filhas de alguém. Todos tinham alguém para lamentar a sua morte. Isto aqui é *maior* do que uma pessoa, do que mil pessoas. É o futuro da República. E é *tudo* pelo que você trabalhou.

Mia fez uma careta e tragou com força a cigarrilha. Ashlinn saiu da cama, caminhou até a garota e a tomou pela mão.

– Você nasceu para isso. E acho que sabe disso. No instante em que seu pai decidiu se levantar contra a República, você foi destinada a coisas grandiosas e terríveis. Mas o destino não teria te escolhido se não fosse forte o bastante para aguentar o peso. Sei que tem medo. Sei que está sofrendo. Mas estamos *tão* perto agora. Você pode fazer isso. É a pessoa mais forte que conheço. Esse é um dos motivos de eu te amar, Mia Corvere.

A fumaça de cravo dava voltas por entre os dedos dela, pairando no ar e enlaçando-se às palavras que ainda pendiam pesadas sobre a cabeça de Mia.

– O que você disse?

Ash se aproximou e enlaçou as mãos nas de Mia. Apertou o corpo contra o dela. Pôs os lábios sobre os dela. O beijo foi suave, doce e estonteante; o chão vacilou sob os pés da garota, o aroma de lavanda e cravo queimado envolveu-a, em um desejo nostálgico e latejante. O mundo inteiro parou de girar. O tempo inteiro parou.

– Eu disse que amo você, Mia Corvere – sussurrou Ash.

*Para gente como nós, não há promessas para sempre...*

– ...*mia*...

Mia recuperou o fôlego, o coração palpitava no peito. Tirando os olhos dos de Ashlinn, deu com uma forma conhecida sentada no peitoril da janela. Um não-gato limpava a não-pata com a não-língua.

– O que foi? – ela perguntou.

– ...*furian*... – respondeu Senhor Simpático.

**E**la teve que correr feito louca colina acima, com o manto esvoaçando, nem mesmo se dando ao trabalho de se esconder sob as sombras. Se alguém de Remanso a visse, paciência, mas a repercussão de um estranho qualquer ter visto a campeã do colégio na rua não seria nada perto do que aconteceria se os guardas dessem pela ausência dela na cela. Ela tinha sido uma idiota por arriscar uma visita com tanta coisa acontecendo. Mia xingou-se de burra e tentou esquecer-se do fato de que Ashlinn Järnheim...

*Ashlinn Järnheim disse que me ama.*

Mia pôs esse pensamento de lado; a dor berrava nas costelas cada vez que o pé batia no chão.

- Ele acordou? – ela arfou.
- ...*está se mexendo. se chamarem você...*
- Eu sei.
- ...*você se arrisca demais, mia. tudo está em xeque agora...*
- Eu sei.
- ...*sabe mesmo...?*

Mia cerrou os dentes e correu, xingando-se de novo. Senhor Simpático tinha razão. Ashlinn também. Ela estava *mesmo* ficando mole. A Mia que conhecia era determinada. Pensava numa só coisa. Tinha um desejo ardente por essa coisa e só por ela. Não podia se dar ao luxo de ter afinidades. Os riscos que elas a faziam correr, tudo que podia desmanchar se falhasse...

A uma distância segura do Ninho, ela pôs o manto de sombras, *passou* pelo rastrilho como já tinha feito uma dezena de vezes e foi tateando o caminho até o alojamento. Tocando as trevas, *passou* através das sombras para sua cela, caindo de joelhos com as mãos sob o peito que ardia. Mas, depois da sua corrida desesperada, tudo parecia calmo: se Furian tinha acordado, aparentemente Leona e os guardas não viram necessidade de chamá-la ainda.

*Deusa, isso podia ter sido bem ruim...*

Ela jogou o manto no chão e reapareceu no escuro do alojamento, entre os suspiros, roncos e sons do sono. Estirado num canto cheio de palha, Sidonius abriu os olhos devagar: o homem parecia ter a habilidade bizarra de sempre perceber quando ela voltava. Ou talvez quando ela saía.

– Está com problemas para dormir? – ele murmurou, esfregando os olhos. – Eu tenho a cura.

Mia fez uma careta e não respondeu; não estava a fim de mais uma aula sobre os benefícios de uma consciência limpa. Ela ouviu passos pesados descerem pela escada e as chaves virarem na maquinaria ao lado do portão do alojamento. Sidonius se endireitou, estreitando os olhos para os três guardas que se aproximavam com espadas e armaduras.

– Fique tranquilo – ela disse. – Estão aqui por minha causa.

– Estou bem tranquilo, Mia – ele cochichou. – E tenho fé que você também vai ficar.

O trio de guardas chegou à cela, liderado pelo capitão Gannicus.

– O Incaído acordou – disse o guarda. – Está com dor. Dona Leona deixou ordens para acordarmos você se isso acontecesse, e com toda a delicadeza. Sem Larva...

– Certo, vou cuidar disso – suspirou Mia. – Levem-me até ele, por favor.

Os guardas destrancaram a cela e Mia se levantou. Sidonius a observou ser levada para fora do alojamento, rumo à enfermaria. A

cabeça dela ainda girava tentando descobrir o que fazer sobre a revolta em gestação, ponderando o certo e o errado daquilo tudo. As palavras de Ashlinn e de Sr. Simpático pairavam na sua cabeça. Seu coração estava dividido: a vingança que a tinha conduzido ao longo de tantos anos contra a ideia de deixar Sid e os outros morrerem.

O que era mais importante?

Vingar um pai e uma mãe que agora ela via que mal conhecia? Ou a vida das pessoas que, por mais que tentasse negar, tinham se tornado seus amigos?

Era tarde, mas, à medida que se aproximava, Mia ouviu uma seleção especial de palavrões vinda da enfermaria. Lá dentro, viu Furian no leito, encharcado de suor. Os braços e as pernas estavam atados, e os curativos no peito, manchados de sangue.

– O tolo tentou arrancar as gazes – cochichou Gannicus. – Tivemos que amarrá-lo.

– Tem *um monte de larvas rastejando em cima de mim*, porra! – reclamou Furian.

– Deixe comigo – disse Mia a Gannicus. – Cuido das feridas dele. Se o senhor puder pedir a Dedo para ferver um pouco de vinagre, eu agradeceria muito.

– Sim, campeã – o guarda disse.

Depois de acenar com a cabeça para os seus companheiros, Gannicus deixou dois deles postados à porta da enfermaria e saiu para acordar o cozinheiro. Mia entrou e percebeu que Cantespadas não estava no leito. Devia ter sido levada de volta à cela em algum momento da quasinoite: ainda era cedo demais para ela ter sido vendida a Caito. O que queria dizer que Mia e Furian estariam a sós...

O homem a olhou de alto a baixo, com uma expressão sombria no belo rosto. A fome que Mia sentia sempre que estava perto dele veio com tudo. Furian ainda parecia mais para lá do que para cá: o cabelo comprido estava escorrido de suor, a pele amarelada. Mas estava desperto, consciente, com os olhos escuros fixos na gargantilha ao redor do pescoço da garota.

– Ela nomeou você campeã? – ele sussurrou.

– Eu não pedi – respondeu Mia. – Mas a verdade é que ninguém sabia se você ia acordar.

– Então ela passa minha gargantilha para outro antes mesmo de o meu corpo esfriar, e me deixa aqui para apodrecer?

– Você não está apodrecendo – suspirou Mia.

– Meu corpo está cheio de vermes!

– As larvas estão tirando a carne infeccionada pelo veneno da Exilada. Salvaram sua vida. E se você não se acalmar e não parar de se debater contra as tiras, vai começar a sangrar de novo. – Mia já fuçava nas estantes para juntar ingredientes. – Mas tenho certeza de que a

dor não está agradável. Vou preparar algo para você.

Furian voltou a reclinar a cabeça na pedra, sua voz saindo pesada de fadiga.

– A domina também nomeou você enfermeira, além de campeã? Onde está Larva?

Mia apertou os lábios enquanto macerava os ingredientes num pequeno pilão.

– Larva morreu.

A expressão sombria de Furian vacilou. Ele a olhou perplexo.

– Como?

– Arkades pôs uma dose de Elegia na virada de todo mundo. Larva e Otho acabaram sucumbindo antes que eu pudesse preparar o antídoto.

– Arkades?

– É.

– Besteira – sussurrou Furian. – Arkades foi gladiatii. Um homem como ele olha os inimigos nos olhos e mata com uma espada, não com uma refeição amarga.

Mia deu de ombros e, depois de cheirar com cuidado um copo de água, misturou o pó nele. Levou o copo até Furian e o ergueu aos lábios dele, observando a sombra do Incaído tremer e ondular nas bordas. A própria sombra dela se inclinava para perto da dele, como ferro e ímã. Todas as perguntas se levantaram na sua cabeça. O que eu sou? O que nós somos? Por quê? Quem? Como?

– É só erva-fátua com um pouco de ginebra – ela disse. – Vai aliviar a dor.

O Incaído a encarou apertando os olhos.

– Você salvou a minha vida, Furian – disse Mia. – Não é uma dívida para esquecer assim tão cedo. Se o quisesse morto, poderia ter dado um jeito bem antes de você acordar. Agora beba.

O ex-campeão bufou concordando e engoliu a bebida que Mia lhe deu. Voltou a encostar a cabeça no leito e, suspirando, olhou para o teto e forçou os pulsos contra as amarras.

– Lembro... depois da luta... você tirou a minha dor.

– Era um remédio caseiro. – Mia deu de ombros. – Fácil de fazer.

– Não – disse Furian, balançando a cabeça. – Antes de você me dar a bebida para dormir. Quando eu estava gritando sobre a pedra. Quando a sua... quando as nossas sombras se tocaram.

Mia franziu a testa, lembrando-se desse momento debaixo da arena de Alvatorre. À medida que sua sombra escurecia, ela sentia *mais* dor, não menos; a agonia de Furian misturava-se com a dela. Nunca imaginou que estivesse de alguma maneira compartilhando o fardo dele, mas parecia que tinha diminuído a dor dele tomando-a para si...

*Por quê?*

*Quem?*

Como?

– Eu não sabia que podia fazer isso – ela admitiu. – Nunca tinha feito antes.

Furian não disse nada, apenas a encarou com seus belos olhos escuros. Mia viu que o preparado que tinha lhe dado começava a fazer efeito; as rugas de dor aos poucos se suavizavam.

– Eu... queria agradecer, Furian – disse Mia. – Por usar a escuridão na arena. A Exilada teria acabado comigo se não fosse você.

O Incaído permaneceu mudo por uma era, apenas olhando. Quando finalmente falou, as palavras saíram hesitantes, como se elogios não tivessem muito lugar na sua língua.

– Você arriscou a vida por uma irmã gladiatii – disse. – Arriscou a vida por *mim*. Mostrou honra. Lealdade a este colégio. Era no mínimo justo que eu retribuísse.

– Isso foi um elogio? – perguntou Mia. – Sangue e abismo, será que botei erva-fátua demais no seu chá?

Furian se permitiu um pequeno sorriso.

– Não deixe isso subir à sua cabeça, garota. Vou recuperar a minha gargantilha assim que for capaz de levantar uma espada. Quando eu lutar no *magni*, não se engane: será como o campeão deste colégio.

Mia balançou a cabeça de novo, tentando resolver o enigma que era aquele homem. Ele só a tratava com desdém, falava que os dons da escuridão de ambos eram bruxaria. Mas quando a corda tinha apertado no pescoço, havia torcido as sombras para que os Falcões vencessem a Exilada. Moral à parte, ele parecia estar pronto para qualquer sacrifício pela vitória.

– Por que isto é tão importante para você? – ela perguntou.

– Já disse, Corvo. É isto que *sou*.

– Isso não é motivo – suspirou Mia. – Você não *nasceu* gladiatii. Deve ter tido uma vida antes disso tudo.

Furian balançou a cabeça e piscou devagar.

– Não chamaria de vida.

– Então o que você era? Assassino? Estuprador? Ladrão?

Furian a encarou; seus pensamentos ocultos formavam um turbilhão por trás dos olhos sem fundo. Mas a erva-fátua fazia cada vez mais efeito, e a raiz-mole que ela misturou no preparado soltava sua língua. Mia sentiu culpa por ter intoxicado o homem na esperança de que ele se abrisse, mas queria compreendê-lo, tentar avaliar sua posição caso Sidonius e os outros se rebelassem.

– Assassino, estuprador, ladrão – respondeu Furian com a voz carregada. – Tudo isso e mais. Eu era um animal que enchia os bolsos com o sofrimento de homens. De mulheres. De crianças.

– O que você fazia?

Furian olhou para as paredes ao redor, para o aço enferrujado e as



barras de ferro.

– Eu enchia lugares como este. A carne era o meu pão, e o sangue meu vinho.

– Você era traficante de escravos?

Furian fez que sim com a cabeça e falou baixo:

– Capitão de navio por anos. O *Gaivota de Ferro*. Percorria o litoral todo até Nuuvash, do leste de Liis até Ta'nise. Vendia homens para as rodas de luta, mulheres para as casas de prazer, crianças para quem quisesse. – Os ombros dele caíram. – Se no fim ninguém quisesse, simplesmente as jogávamos ao mar.

– Sangue e abismo – disse Mia, com os lábios torcidos de repulsa.

– Você está me julgando.

– Pode ter toda a certeza de que sim – ela silvou.

– Não mais do que eu me julgo.

– Acho difícil de acreditar – disse Mia, a voz rija como aço.

– Acredite no que quiser, Corvo. É o que todo mundo faz.

– Como você veio parar aqui, então?

Furian fechou os olhos e puxou um fôlego longo e profundo. Por um instante, Mia achou que ele tivesse adormecido. Mas por fim ele falou, a voz carregada de fadiga e de alguma coisa ainda mais sombria. Arrependimento? Vergonha?

– Atacamos uma aldeia em Ashkah – ele disse. – Um dos homens que levávamos a bordo era missionário de Aa. Rapha era seu nome. Deixei os homens se divertirem com ele. Não éramos grandes admiradores de sacerdotes, sabe? Espancamos o homem. Queimamos. No fim, jogamos iscas na água para chamar dragões, e eu o mandei andar na prancha. Dá pra descobrir o valor de uma pessoa quando ela olha para aquele azul todo. Alguns suplicam. Outros xingam. Alguns nem conseguem andar. Sabe o que Rapha fez?

– Não sou capaz de adivinhar. – Mia deu de ombros. – Também não sou uma grande admiradora de sacerdotes.

– Rezou para Aa nos perdoar – disse Furian. – De pé, na prancha, com um dragão-tempestade de dez metros à espreita lá embaixo. E o desgraçado *rezava* por nós.

O Incaído balançou a cabeça.

– Nunca tinha visto uma coisa assim. Então o deixei viver. Na época não sabia bem o motivo. Ele navegou conosco por quase um ano. Ensinou-me o evangelho do Onividente. Ensinou que eu estava perdido, que não passava de um animal, mas que podia reencontrar a minha humanidade se abraçasse a Luz. Mas também me disse que eu devia reparar o mal que tinha feito. E assim, depois de um ano de leituras e discussões, de ódio e xingamentos e de chorar sozinho nas longas horas da quasinoite, aceitei o Onividente na minha vida. Dei as costas para a escuridão. E naveguei para os Jardins Suspensos, onde

vendi a mim mesmo.

– Você... – Mia piscou, surpresa.

– Parece loucura, não é? Que idiota escolheria isso?

Mia pensou no próprio dilema, no próprio plano, e balançou a cabeça devagar.

– Mas... *por quê?*

– Sabia que Aa ia me dar uma chance de me redimir se eu me pusesse sob sua proteção. E ele me trouxe aqui. Um lugar de tribulação, de pureza e de sofrimento. Mas no fim, nas areias do *magni*, quando me ajoelhar diante do grão-cardeal coberto com a minha vitória, ele não apenas vai me declarar livre; vai me declarar um *homem livre*. Não um animal, Corvo. Um *homem*. E então estarei redimido.

Furian acenou com a cabeça e respirou fundo, como se tivesse purgado um veneno do sangue.

Mia cruzou os braços e fechou a cara.

– Então é isso? – ela perguntou. – Você vai reparar a venda de centenas de homens e mulheres matando centenas de homens e mulheres? Não dá para limpar as mãos lavando-as no sangue dos outros, Furian. Acredite em mim, isso só as deixa mais vermelhas.

Furian balançou a cabeça e franziu a testa.

– Não espero que você me entenda. Mas o *magni* é um rito sagrado. Julgado pela mão do próprio Deus. E se tem algo que Rapha me ensinou foi que as coisas que *fazemos* são mais importantes do que as coisas que *fizemos*.

Mia ouviu passos atrás deles, uma batida na porta da enfermaria. Gannicus entrou com dois outros guardas que carregavam juntos uma panela fumegante.

– O vinagre fervido, como você pediu.

Mia assentiu e se virou para Furian.

– Vou tirar as larvas de você agora. Vai doer.

– A vida sempre dói, pequeno corvo. A vida é dor, perda e sacrifício.

Furian cerrou os dentes e fechou os olhos.

– Mas devemos dar as boas-vindas à dor. Se ela nos trazer a salvação.

**M**ia voltou à jaula, escoltada por dois guardas da casa. Sidonius abriu os olhos quando a cela se fechou e a maquinaria girou até travar. No trajeto até ali, ela tinha observado com cuidado qual das chaves na argola de ferro abria os portões do alojamento, qual controlava a porta da sua cela.

Seria aquilo a coisa certa a fazer?

Será que eles compreenderiam, no final, que ela tinha feito tudo

para o bem deles?

– Conversei com Furian – ela sussurrou assim que os guardas saíram.

– Sobre o quê? – resmungou Sidonius.

– Sobre quem ele é. Como pensa. De onde veio. – Ela balançou a cabeça. – Ele só sonha com o *magni*. Jamais faria alguma coisa que o pusesse em risco. Acho que ele está doente demais para nos atrapalhar, mas quando *nós* nos levantarmos, não há chance de ele se juntar a nós.

– Quando nós nos levantarmos?

– É, irmão.

Mia estendeu a mão no escuro e apertou a de Sidonius.

– Nós.

# Capítulo 29

## Levante

Era muito para pedir de uma garota só.

O corpo de Sidonius era um nó de nervos trêmulos. Seu apetite era uma lembrança longínqua. Cinco viragens haviam se passado desde que Mia lhe apresentara seu plano na penumbra da cela, e Sid não vinha dormindo muito desde então. Em vez disso, andava de um lado para o outro na jaula a quasinoite inteira, com os olhos fixos na tranca da maquinaria na porta e contando as horas até que começasse.

Fazia três viragens que Mia se mudara para os aposentos de campeã, de modo que Sid se viu sozinho pela primeira vez desde sua chegada ao Ninho do Corvo. Sozinho com o medo do que estava por vir, do risco que todos assumiam, do destino que os aguardava em caso de fracasso. Ele punha tanta fé em Mia, e havia tanta coisa nas costas dela. Tinha servido Darius Corvere lealmente e enxergava as qualidades que admirara no homem despontarem ainda maiores em sua filha. Coragem. Inteligência. Ferocidade. Mas Mia tinha perdido o pai ainda criança, e desde então tinha por companhia sombras e assassinos.

Sidonius gostava dela. Mas podia dizer de verdade que a conhecia?

Podia *confiar* nela?

Dona Leona tinha se encontrado com Varro Caito três quasinoites atrás, e o demônio de Mia, à espreita sob a mesa enquanto os dois comiam e bebiam, ouviram cada uma das palavras ditas. Aparentemente, Leona dobrou o açougueiro com palavras açucaradas e negociou a venda de Bryn, Carniceiro, Felix, Albanus, Cantespadas e do próprio Sidonius. O valor era alto, e Leona seria capaz de pagar a primeira parcela ao pai, mas o custo era pesado. O colégio ficaria estripado; sobrariam apenas Mia, Fazondas e Furian. Leona arriscaria tudo numa última aposta no *magni*. Mas não fazia ideia de que os seus Falcões também lançariam seus dados.

A virada foi silenciosa, os gladiatii estavam cabisbaixos. O plano fora sussurrado no quarto de banho, e em volta dos bonecos de treino. Todos concordavam que a chance de êxito era tão exígua que era capaz de escorrer pelas fendas entre os paralelepípedos de uma rua, e Sid farejava o medo no ar. Uma coisa era arriscar a vida na arena, outra era enfrentar a República. Os administratii. O próprio Senado. Todos sabiam que o passo não tinha volta. As marcas nas bochechas deles só começariam a sumir alguns minutos depois da morte, de modo que não havia como esconder quem e o quê eram se quisessem continuar a respirar. Ser escravo fugitivo na República era estar

sempre correndo.

Ainda assim, era melhor correr do que morrer de joelhos.

Mesmo com umas viragens a mais de descanso, Cantespadas ainda estava ferida, com as costas e o braço cobertos por camadas de curativos. As costelas de Mia ainda doíam, mas pelo menos ela já podia usar os dois olhos de novo. Fazondas e Sidonius não tinham se recuperado por completo da última luta na arena, e Carniceiro ainda mancava. Não formavam o exército mais temível já criado, com certeza. Mas tinham a surpresa ao seu lado, embora nem todos estivessem bem, e eram gladiatii treinados, todos e cada um deles.

A venda estava marcada para a viragem seguinte.

Caito já tinha pago o adiantamento.

A bem da verdade, era agora ou nunca.

A quasinoite havia caído, ventos frescos beijavam as paredes ocre, diabos de areia rodopiavam no pátio. Depois da traição de Arkades, dona Leona havia duplicado as patrulhas pela casa, e os guardas eram onipresentes. Mesmo assim, os gladiatii trocaram suspiros e acenos secretos, e todos pareciam preparados.

Mas, Filhas, a espera...

Todos estavam no escuro. Ninguém falava, ninguém se mexia. Observavam os globos arquêmicos apagarem-se devagar, escutavam os sons da casa acima diminuírem aos poucos. Sidonius ouvia Cantespadas cantar na cela; uma última oração à Mãe Trelene pedindo boa sorte, sem dúvida. Lançando um olhar para a cela do outro lado do corredor, ele viu Carniceiro agachado, o corpo indo para frente e para trás, pronto para agir.

Sid lembrou-se dos tempos de legião. A quasinoite antes da batalha era sempre a pior. Na época ele tinha sua fé em Aa para sustentá-lo. Sua lealdade ao justicus. O consolo dos seus irmãos luminatii, e a certeza de que faziam a coisa certa. Tudo isso tinha passado; só lhe restaram a consciência limpa e a marca de covarde no peito de recordação. Em vez de irmãos luminatii, tinha irmãos e irmãs gladiatii. Em vez de fé no Onividente e nas ordens do justicus, punha toda a sua confiança na filha dele de dezessete anos.

Era muita coisa para uma garota só.

Sidonius ouviu um ruído seco e baixo, um vago tinir de metal contra a pedra. Carniceiro também ouviu e se levantou, agarrando as barras da cela. Mia tinha duas opções para soltá-los quando escapasse do quarto: dar um jeito de forçar os controles da maquinaria para abrir as celas dos alojamentos, ou obter a chave-mestra do guarda de vigia. Sid não fazia ideia do caminho que ela seguiria. Mas sentiu a pele arrepiar ao ver uma silhueta descer as escadas até a antecâmara no porão. Tinha um porrete de madeira numa mão e o que aparentava ser uma chave de ferro na outra.

– Sangue e abismo, ela conseguiu – Carniceiro disse para si mesmo com um sorriso.

Girando a chave na maquinaria, Mia destravou as celas e levantou o rastrilho; Sidonius se encolheu com o som suave do ferro contra a pedra. Os gladiatii se esgueiraram para fora dos alojamentos, reunindo-se na antecâmara, todos com sorrisos valentes e nervos à flor da pele. Sidonius deu um abraço rápido em Mia, e disse em voz baixa:

– Algum problema?

Mia fez que não.

– Quatro guardas caídos. Tem mais dois no pátio da frente.

– Vamos nessa, então – sussurrou Fazondas.

– É – concordou a garota. – E em silêncio, por favor.

Mia conduziu o grupo escada acima, onde os corpos de quatro dos guardas de Leona jaziam sobre o piso. Os homens vestiam armaduras de couro preto, penas de falcão no topo dos elmos; o capitão Gannicus estava entre deles. Todos desacordados à base de porretadas. Os gladiatii logo arrancaram suas armaduras; Sidonius, Fazondas, Carniceiro e Felix assumiram os uniformes. O couro fervido não apenas os protegeria caso as coisas ficassem feias, mas o colarinho alto ajudaria a esconder as marcas nas bochechas.

Armas foram distribuídas: porretes e gládios de pau. Ao longe, Sidonius ouviu as quatro badaladas soarem em Remanso do Corvo, o rebentar das ondas contra a praia rochosa. A luz ofuscante dos dois sóis jorrava pelas janelas abertas, as cortinas de seda balançavam à passagem dos gladiatii rebeldes.

Moviam-se o mais silenciosamente possível. Avançaram até o saguão de entrada e as portas da frente. Carniceiro e Fazondas tiraram a barra de ferro que as trancava, e os gladiatii se reuniram num grupo compacto no limiar.

– Prontos? – perguntou Sidonius.

– Prontos – confirmou Cantespadas, levantando a espada com a mão que ainda estava ferida.

Mia abriu a porta e os gladiatii partiram sem ruído rumo ao rastrilho da frente. Os guardas precisaram de alguns instantes para compreender o que viam e, quando compreenderam, era tarde demais. Um caiu de costas, gorgolejando depois que Sidonius lhe deu uma porretada na garganta. Fazondas arremessou-se em outro guarda, espremendo-o contra a parede do posto de sentinela. O homem levantou o porrete, e seu grito saiu em um gemido abafado quando Mia pôs a mão na sua boca e enterrou o joelho nas suas bolas. Ele caiu feito pedra, e a garota pegou seu porrete e bateu na cabeça dele, deixando-o estirado no chão.

Carniceiro começou a girar a alavanca que subia o rastrilho enquanto Cantespadas e Albanus arrancavam as armaduras dos

últimos dois guardas e amarravam seus peitorais. Mia era pequena demais para caber no uniforme de qualquer um dos homens, e também não havia guardas inconscientes o bastante para pilhar. Assim, ela pôs um manto que arranjava só Aa sabia onde e puxou o capuz por cima dos olhos.

– Certo – ela sussurrou. – Temos de chegar ao *Cão da Glória* no porto. Andem eretos, olhem as pessoas nos olhos. Para ganhar esse jogo, precisamos aparentar ser parte dele, certo?

Os gladiatii concordaram e com toda a calma que conseguiram, atravessaram o rastrilho em formação organizada e desceram a estrada. Mia vinha atrás, com o capuz bem baixo. A armadura de Fazondas estava um pouco apertada nos seus ombros largos e o braço de Cantespadas ainda estava coberto de curativos manchados de sangue: os disfarces não suportariam um olhar atento. Mas já era tarde, e o porto abaixo do Ninho estava tranquilo. Com sorte o subterfúgio duraria o suficiente para que eles conseguissem embarcar.

Marchando à frente, Sidonius tentava controlar os nervos. Os dados tinham sido lançados, e o que acontecesse a partir dali estava nas mãos do destino. Mas, Filhas, era difícil simplesmente não sair correndo para chegar o mais longe possível, o mais rápido possível. A trupe descia pela estrada de terra ao redor do Ninho do Corvo. Sid olhava para as águas azuis do Mar de Espadas. Ao entrarem na cidade, passaram por alguns fazendeiros a caminho do mercado, um mensageiro afanando-se com os negócios de seu mestre, um punhado de crianças de rua reunindo-se ao redor de um pão roubado. Nenhum deles lhes deu qualquer atenção.

Sidonius já conseguia enxergar os mastros principais dos navios no porto; seu coração começou a bater mais rápido. Pensou no vasto mar azul, nos lugares para onde podiam navegar, qualquer lugar menos onde estavam. Olhou para os outros gladiatii e arriscou um sorriso. Bryn retribuiu, Fazondas cochichou um “Aguentem firme”. Aproximaram-se, o cheiro de sal no ar, o grito das gaivotas soando como música aos seus ouvidos, cada passo os levando para mais per...

– Atentos – murmurou Cantespadas. – Soldados à frente.

Sid cerrou os dentes, mas não diminuiu o passo ao notar o quarteto de legionários da guarnição de Remanso do Corvo marchando do outro lado da rua. Não fazia ideia se os soldados locais conheciam os guardas de Leona: homens de espada tendiam a se juntar para reclamar do chefe, não importava quem fosse. Mas, à distância, os disfarces poderiam passar despercebidos, e faltavam apenas algumas dezenas de metros para o port...

– *Conheço* você – disse uma voz.

Sidonius parou e olhou para trás. Uma jovem ruiva vestida com a boina de pena e a mochila de um cacheiro viajante tinha parado na

rua e apontava para Mia.

– Quatro Filhas, eu conheço você – ela repetiu. – É a Salvadora de Temporal!

Mia lançou um olhar de alerta para os outros e abriu um sorrisinho para a garota.

– Sim, dona.

– Vi você matar a serpente-cuspideira! – gritou a garota com os olhos azuis brilhando. – Aa misericordioso, que luta! Nunca vi igual.

– Obrigada, mi dona – murmurou Mia. – Mas eu t...

– Vejam só! – a mascate gritou para a rua. – A Salvadora de Temporal!

– Lá vêm eles – murmurou Fazondas.

Sid sentiu um nó na garganta ao perceber que os legionários tinham ouvido a mascate, e que os quatro iam atravessar a rua. O centurião viu a pena que enfeitava o elmo de Sidonius e cumprimentou:

– Ei, Gannicus! O que traz uns preguiçosos feito vocês aqui a esta...

O centurião parou, olhando com atenção para o rosto de Sidonius pelas fendas no elmo.

– Gannicus?

– Vão! – gritou Mia.

Os gladiatii puxaram as armas e atacaram. O centurião e seus homens atrapalharam-se para pegar as espadas, com os rostos lavados de pânico. Para os guardas de Leona eles recorreram a porretes e punhos, mas não havia margem para a piedade ali: aqueles homens estavam armados até os dentes, tinham armaduras, e eram legionários de Itreya treinados para matar. Fazondas enfiou a espada pelo peito do centurião, atravessando-o como um porco no espeto. Carniceiro jogou de lado a espada de outro, girou e abriu-lhe a garganta, tingindo o ar salgado de escarlate. A mascate começou a correr aos gritos de “Assassinos! Assassinos!” enquanto Sidonius acabava com outro legionário com um golpe rápido de espada. Albanus deu cabo do último, cortando as pernas do homem antes de enterrar a espada na junta entre o ombro e o pescoço.

– Para o porto! – gritou Mia. – Vamos! Vamos!

Eles saíram numa corrida desabalada, abandonando todo fingimento. As sandálias de Sid martelavam o calçamento e o povo parava para olhar enquanto eles passavam correndo, os gritos de “Assassinos!” vindo cada vez mais fortes do alto da rua. Chegaram ao cais, passando por marinheiros e mercadores que descarregavam seus itens e por pescadores. Fazondas corria ao lado de Sid, Bryn ia à frente, Mia era a última, todos sujos de sangue. Dava para ver o *Cão da Glória* ancorado, a talvez uns cem metros da praia.

– Lá está ele – resfolegou Sid.

Ele pulou pelo lado do cais para o escaler do *Cão*. Os outros pularam



ao seu lado, e Carniceiro e Fazondas pegaram os remos e começaram a remar como se a vida deles dependesse daquilo. Sid conseguia ouvir os sinos repicarem, o alerta espalhando-se por Remanso do Corvo e tirando os moradores da cama. O grito temível ecoava por todos os cantos das ruas tranquilas:

– *Rebelião!*

– *Os Falcões se revoltaram!*

Carniceiro e Fazondas davam duro nos remos, cada remada os levando para mais perto do *Cão*. Cantespadas protegia os olhos contra o reflexo da água, com a cabeça voltada para os mastros vazios.

– As velas estão guardadas.

– Podemos içar rápido – bufou Fazondas.

– Tem certeza? – resfolegou Carniceiro.

– Fique tranquilo, irmão – garantiu Fazondas. – Eu já aprendia a navegar enquanto você ainda mamava nas tetas da sua mãe.

– Você só aprendeu a navegar no ano passado? – sorriu Bryn, maliciosa.

– Vamos deixar as tetas da minha mãe fora disso, certo? – resmungou Carniceiro.

– Falem menos, remem mais – disse Sidonius.

Chegaram ao *Cão* e subiram desajeitados pela escada de cordas que levava ao convés. O navio subia e descia com o mar, a luz dos sóis ardendo no céu azul infinito. Um vigia solitário veio da proa exigindo saber o que eles queriam, mas um soco de Fazondas o mandou para o chão, gemendo e sangrando. Do alto do convés, Sid avistou a movimentação no cais: um punhado de legionários e marinheiros apontava na direção deles.

– Precisamos içar as velas já, Fazondas!

– Certo – concordou o homem. – Devem estar no porão. Todos comigo.

Fazondas abriu a enorme tábua de carvalho que fechava o porão do *Cão da Glória* e desceu rápido pela escada até o bojo do navio. Cantespadas foi a segunda a descer, Sidonius e os outros gladiatii foram atrás enquanto Mia e Bryn permaneceram no convés de vigia. A luz dos sóis entrava pelas grades de madeira acima deles, iluminando as entranhas do navio, e os gladiatii se espalharam à procura das grandes lonas que os poriam a caminho. Caixotes e barris, rolos de corda incrustadas de sal, baús com estrutura de ferro. Mas...

– Não encontro as velas – disse Cantespadas.

– Devem estar aqui em algum lugar – resmungou Fazondas. – Continuem procurando.

– Por que abismos alguém guardaria velas afin...

Sid ouviu pés se arrastando lá em cima, um palavrão baixo. Forçando a vista por entre as grades, viu duas figuras brigando, suas

silhuetas recortadas contra a luz. Bryn era uma delas, dava para saber pelo topete. Mas a figura atrás dela, com o braço em volta do seu pescoço, parecia...

– Mia? – ele sussurrou.

Ele ouviu um gemido, um tombo úmido; Bryn tombou para dentro do porão e aterrissou em cima de um grande rolo de corda, gemendo. E quando Sid abriu a boca para dar o alarme, o alçapão acima deles se fechou com tudo, trancando todos lá dentro.

– Que abismo? – chiou Fazondas.

Sidonius se ajoelhou ao lado de Bryn. A garota mal estava consciente, tinha marcas vermelhas na garganta. Ele olhou pela escotilha gradeada, com a barriga gelada, a boca de repente seca como areia.

– Corvo? – chamou. – Que joguinho é este?

– Desculpe, Sidonius – ele ouviu a garota responder com a voz carregada de tristeza. – Mas disse a você. A última coisa que estou fazendo aqui é jogar.

Carniceiro subiu pela escada e golpeou a escotilha com a espada tentando abri-la.

– Que porra está acontecendo aqui?

Os gladiatii entreolharam-se, todos os rostos cheios de confusão e dor. Estavam presos na barriga do Cão como peixes num barril, sem ninguém contra quem lutar, nenhum jeito de sair.

– É assim que vocês me retribuem? – veio uma voz.

Sidonius levantou os olhos e tomou um fôlego trêmulo ao ver dona Leona caminhando pelo convés acima deles. Em vez da sua roupa de quasinoite, vestia preto, tinha os olhos delineados, o cabelo trançado como se fosse para a guerra.

– Depois de tudo o que fiz por vocês – disse Leona, baixando os olhos para os gladiatii presos no porão. – Tirando-os do chiqueiro. Alimentando e abrigando vocês sob meu teto. Cobrindo-os da glória e da honra do nome do meu colégio. Este é o meu agradecimento?

– Corvo – vociferou Fazondas, andando em círculos e olhando para o convés. – Corvo, o que você fez?

– Ela fez o que nenhum de vocês teve coragem de fazer – disse Leona. – Permaneceu *fiel* à domina dela.

– Sua *vadia* filha da puta! – urrou Carniceiro, jogando o corpo contra a grade. – Vou *matar* você!

– Você não vai fazer nada disso – replicou Leona. – Vai minguar nesse porão até eu decidir o seu destino. E receio que ele não será prazeroso, traidor.

– Você quer falar de traição? – gritou Cantespadas. – Ganhei honra para você em Alvatorre. Corvo *nunca* teria vencido sem mim! E você agradece me vendendo para aquele inferno de bosta do Varro Caito,

antes mesmo de eu sarar das feridas? – A mulher cuspiu no assoalho de madeira. – Sua vaca desleal!

Leona fez cara de desdém e balançou a cabeça.

– Só escuto ratos traiçoeiros guinchando no buraco que eles próprios cavaram.

Carniceiro golpeava a grade com a espada. Fazondas forçava a madeira do teto do porão. Meia dúzia de guardas saíram da cabine principal do *Cão* e cercaram a dona: eram do segundo turno, que agora deveriam estar dormindo em seus alojamentos. Não havia dúvidas de que Leona sabia que aquilo ia acontecer, que toda a fé que os gladiatii tinham posto na filha de Darius Corvere...

Sidonius cerrou os punhos e olhou pela grade. Mia o encarava, com olhos escuros e nublados, o rosto fúnebre e pálido. A cicatriz que lhe descia pela bochecha lhe dava um ar maligno, uma crueldade e uma insensibilidade que ele só agora notava. Ainda assim, imaginou enxergar lágrimas naqueles cílios escuros. O vento da quasinoite fazia o cabelo comprido dela levantar-se e agitar-se ao redor do rosto como uma auréola negra.

– Corvo?

– Isso é importante demais para mim, Sid – ela sussurrou.

Ela balançou a cabeça, as mãos agitando-se indefesas na lateral do corpo.

– Sinto muito.

Tinha sido demais para arriscar numa garota só.

Mas ele nunca, nem por um instante, achou de verdade que eles fossem perder.

– É, pequeno corvo.

Sidonius baixou a cabeça e esfregou o peito dolorido.

– Eu também sinto...

# Capítulo 30

## Interlúdio

Dois passageiros se encontraram numa viela de terra, numa cidadezinha à beira-mar.

O primeiro era pequeno, exíguo como um suspiro, e tinha a forma de um gato. Já fazia sete anos que usava essa aparência. Mal se lembrava do que era antes: a fração de uma escuridão mais profunda, apenas com consciência suficiente para rastejar das trevas sob a pele de Godsgrove e buscar alguém semelhante a si.

*Mia.*

Ela tinha perdido o pai na viragem em que se conheceram. Fora enforcado, dançando diante de uma multidão. Ela gritou e fez tremer as sombras, e ele seguiu seu chamado até encontrá-la ao lado da mãe. A imagem do pai ardia viva na mente dela quando ele se aproximou e a tocou. Mas ela tinha perdido o gatinho também, que teve o pescoço quebrado pelas mãos do justicus que roubara o título do pai dela junto com a vida dele. Uma ferida menor. No final, pareceu mais sensato roubar a forma do gato. Bem melhor do que a do pai. Era bem mais fácil amar uma coisa simples.

Ela tinha lhe dado o nome de Sr. Simpático. Ajustava-se até bem. Mas, no fundo, o gato que não era gato sabia que esse não era o seu nome.

A segunda passageira era maior, usava sua forma havia mais tempo. Ela tinha encontrado seu Cassius quando ele ainda não passava de um menino. Surrado. Faminto. Maltratado além da conta. Um filho dos ermos de Itreya, arrastado em correntes para a Cidade das Pontes e dos Ossos e, lá, quase afogado em sofrimento. O povo do menino caçava lobos; disso ele se lembrava, mesmo na sarjeta. E o garoto também se lembrava de que os lobos eram fortes e ferozes. Então ela se tornou uma loba para ele, e juntos eles caçavam todos que ficassem no seu caminho.

Ele lhe tinha dado o nome de Eclipse. Estava próximo da verdade. Mas bem no fundo, a loba que não era loba sabia que esse não era o seu nome.

Ela sentia saudades dele.

– ...olá, *pulguento*... – disse a não-loba, encostada na parede de uma estalagem barata.

– ...olá, *vira-latas*... – respondeu o não-gato do alto de uma pilha de barris vazios.

– ...então, já foi...?

– ...já foi...

A loba de sombras voltou os não-olhos para o mar e acenou uma vez com a cabeça.

– ...então, vou dizer a ashlinn que ela pode tirar aquela bolsa ridícula de ambulante...

– ...eu agradeceria muito se você a convencesse a se jogar no mar ao mesmo tempo...

– ...seu ciúmes me fascina, pulgientinho...

– ...cuidado, querida vira-latas, creio que você acaba de usar uma palavra difícil...

– ...como é que alguém que come medo pode ser tão medroso...?

– ...eu não tenho medo de nada...

– ...sinto o medo no seu fedor...

– ...seja uma boa menina e suma da minha frente...

– ...vai ser um enorme prazer...

A loba que não era loba começou a desaparecer, como um sussurro no vento. Mas o pedido do não-gato a deteve.

– ...espere...

– ...o quê...?

Senhor Simpático permaneceu calado por um instante, à procura de palavras.

– ...você não teme ...?

– ...o quê...?

– ...não o quê. por quem...?

– ...seus enigmas me aborrecem, bichano...

– ...não teme por ela...?

A loba de sombras inclinou a cabeça de lado.

– ...por que temeria...?

O não-gato soltou um suspiro e olhou para o horizonte como se procurasse alguma coisa.

– ...às vezes me pergunto sobre no que a estamos transformando...

– ...estamos tornando-a mais forte. de aço. impiedosa como a tempestade e o mar...

– ...isso que tiramos dela... me pergunto se ela não precisa...

– ...você está falando do medo...?

– ...não, do senso estético...

– ...para que ela precisa de medo, pulguento...?

– ...quem não teme o fogo, acaba queimado. quem não teme a espada, acaba sangrando. e quem não teme a cova...

– ...está livre para ser e fazer o que quiser...

– ...ela está diferente do que era antes. nunca foi tão fria, tão imprudente...

– ...e você me culpa por isso...

– ...somos dois agora os que se banqueteiam onde apenas um comia. talvez tiremos demais. talvez a deixemos assim. insensível. calculista.

cruel...

– ...e tenho certeza de que as descobertas recentes sobre a igreja vermelha e a família dela não têm nada a ver com a mudança de atitude...

– ...palavras difíceis de novo...

– ...terminamos aqui, pulguentinho...?

O não-gato olhou para o céu vermelho ardente e dourado brilhante e azul ofuscante.

– ...vai chegar a hora do acerto de contas, eclipse. está à nossa espera na cidade das pontes e dos ossos. posso sentir. como aquele maldito sol no horizonte. mais perto a cada fôlego...

– ...que bom que não respiramos, então...

Senhor Simpático soltou um suspiro.

– ...eu te odeio...

Eclipse riu.

– ...ótimo...

E, sem mais um ruído, ela se foi.

Um passageiro solitário estava num beco sujo, numa cidadezinha à beira-mar.

Mal se lembrava do que fora antes: a fração de uma escuridão mais profunda. Uma consciência larval, sonhando com ombros coroados com asas translúcidas.

E com aquela que lhe daria essas asas.

Mia.

# Capítulo 31

Veraluz

*Godsgrave.*

Mia estava no convés do *Cão da Glória*, o vento do mar no cabelo, contemplando a Cidade das Pontes e dos Ossos. A baía estava cheia, centenas de veleiros espalhados pelo tapete de azul brilhante, gente vinda de todos os cantos para celebrar as viragens da maior festa de Aa na gloriosa capital da República.

A veraluz, afinal, tinha chegado.

Saai finalmente tinha emergido do horizonte durante a viagem desde o Ninho do Corvo; o globo azul-claro tinha se juntado aos irmãos dourado e vermelho no céu. O calor era escaldante e fazia Mia sofrer; Senhor Simpático aninhava-se na sombra dela, tão infeliz quanto. Podia sentir a fúria do Pai da Luz, golpeando-a como martelos numa bigorna. Com a cabeça curvada, ela caminhava pelo convés por cima das pessoas que já a haviam chamado de amiga.

Sidonius e os outros estavam acorrentados no porão, com algemas nos pulsos e nos tornozelos. Tinham assumido uma postura corajosa, jurando matar qualquer guarda de Leona que descesse ao porão para pegá-los, mas depois de três viragens sem água no calor terrível, estavam fracos demais para resistir. Os guardas entraram na quinta viragem e os prenderam em ferros. Receberam comida e água desde então; precisavam estar bem o suficiente para empunhar armas nas suas lutas de execução, afinal.

Mia só tinha evitado a prisão por ter colaborado para a captura dos insurgentes, e Furian, apenas graças ao leito na enfermaria e ao testemunho juramentado de Leona perante os administratii. A dona tinha recebido um adiantamento de Varro Caito, mas depois que a notícia do levante se espalhou por Remanso do Corvo, não podia completar a transação: ninguém seria tolo o bastante para comprar um bando de gladiatii que se rebelaram contra sua senhora.

Assim, a dona simplesmente roubou o adiantamento de Caito e partiu para o mar, escolhendo a rota com a melhor vista para Godsgrave e decidida a preocupar-se com o açougueiro ultrajado quando voltasse triunfante da capital. Com o dinheiro surrupiado, mais a bolsa de Alvatorre e o pequeno pagamento que receberia pela luta de execução, ela tinha dinheiro suficiente para quitar a primeira parcela do pai. Mas se não saísse de Godsgrave como vencedora do *venatus magni*, estaria completamente arruinada.

Tudo dependia daquela única luta.

*Tudo.*

Mia apoiava as mãos na amurada do Cão, a luz dos sóis ardendo sobre o mar. Tentou torcer as sombras a seus pés, mas era quase impossível; seu controle sobre a escuridão estava fraco e tentar segurá-las era como pegar fumaça. Fazia sentido, ela supôs. Seus poderes atingiam o auge na veratrevia; era lógico que estivessem mais fracos quando o Pai da Luz estava mais forte no céu. Mas isso não a fazia se sentir nem um pouco melhor a respeito das suas chances no *magni*.

Ela observou a grande capital itreyana com o coração na garganta. Fazia meses desde que pusera os olhos nela. Meses de suor, sangue e lágrimas. Toda a cidade estendia-se diante dela, o arquipélago partido reluzindo à luz dos sóis. Cada metro quadrado estava incrustado de casas, barracos e villas graciosas, apegadas à praia como cracas ao casco de um galeão antigo. Mais alto do que os pináculos da catedral e dos imponentes Andantes de Guerra e do Senado, erguiam-se as Costelas: grandes torres fossilizadas que se esticavam alto no céu com seu brilho branco lavado, quase ofuscante.

Mia tinha passado boa parte da infância no apartamento dos pais ali. Bem mais do que no Ninho do Corvo, verdade fosse dita. Sentada junto à mãe e seus criados, brincando com o irmãozinho. Se o Ninho do Corvo era o refúgio deles, Godsgrave era seu mundo. Ela nunca tinha conseguido escapar da sua atração por muito tempo.

A lembrança da família fez seu peito doer e os olhos nublarem-se. Tudo que tinha quebrado e roubado, todas as vidas tomadas e os quilômetros percorridos e os anos de estudo, tudo logo seria justificado. Em duas breves viragens, o *magni* começaria. Em duas breves viragens, ela lutaria para sobreviver e estaria diante de Duomo e Scaeva sobre a areia ensanguentada, e gritaria seu nome enquanto cortava as gargantas deles de orelha a orelha.

*Vai valer a pena.*

Ela lançou um olhar por cima do ombro, depois para as sombras do porão sob seus pés. Conseguia sentir os olhares deles sobre si. Daqueles que a haviam chamado de amiga.

*Tudo isso vai valer a pena.*

– Sabia que você era fria, Corvo – disse uma voz atrás dela. – Mas só agora descobri quanto gelo corre nas suas veias.

Mia contemplava a silhueta de Godsgrave contra o horizonte quando Furian juntou-se a ela na amurada. O cabelo comprido e preto do Incaído esvoaçava à brisa do mar, a pele bronzeada brilhava com um verniz tênue de suor. O peito estava furado e cheio de cicatrizes, a carne ainda tinha crostas, mas as três semanas de descanso a bordo do navio o tinham deixado quase são. Apesar dos três sóis ardendo no céu, a sombra de Mia tremeu quando ele se aproximou. Ao olhar para os pés, ela viu que a de Furian fez o mesmo.

– O que você quer dizer? – ela perguntou.



Furian lançou um olhar para a Cidade das Pontes e dos Ossos, com os olhos escuros apertados contra a luz.

– Disseram que é você que vai empunhar a espada na luta de execução.

– A domina precisa da bolsa.

– Ah, eu sei – disse Furian, acenando com a cabeça. – E sei que é direito da domina designar o carrasco. Só não achava que estaria disposta a enfiar a lâmina em Sidonius e nos outros.

– Somos os únicos dois gladiatii que a domina ainda tem, Furian. Suas feridas mal sararam o suficiente para arriscar você no *magni*. A não ser que a domina queira que a bolsa de execução vá para outro colégio, quem ela vai mandar pra arena? Será que devia botar uma espada na mão da magistrae e pedir para ela cumprir esse dever?

Furian sorriu.

– Isso sim seria uma coisa que não se vê todo dia.

– É – suspirou Mia. – Seria mesmo.

O sorriso de Furian morreu aos poucos nos lábios, e sua voz baixou até virar um cochicho.

– Por que você fez isso? – ele perguntou. – Faz um tempo que queria perguntar.

Mia o olhou de esguelha, apertando os lábios.

– O quê?

– Sabe a que me refiro – ele resmungou. – Cantespadas e os outros a consideravam uma amiga. No entanto, a domina me diz que logo que você ficou sabendo do plano, contou para ela. E não apenas estragou a fuga deles, mas garantiu que fossem capturados vivos para que pudessem ser punidos diante do povo.

– Se eles tivessem sido mortos na fuga, a domina *não* receberia nem uma moeda pela perda deles – disse Mia. – Leonides teria fechado o colégio. Nós não estaríamos aqui. Mas agora, com a bolsa de Alvatorre e a luta de execuç...

– É, é, sei de tudo isso – cortou Furian, já perdendo a paciência. – O que não entendo é por que você não os ajudou.

– Por que eu não sou uma porra de heroína, Furian. Se querem ajuda, eles têm de ajudar a si mesmos.

Mia deu as costas para se retirar, mas o Incaído a agarrou pelo braço e arreganhou os dentes.

– Quem abismo é você? – ele quis saber. – Não é uma magrela sem nome de Liis, isso é certo. Olho nos seus olhos e vejo propósito. Vejo *desígnio*. Desde que botou o pé no colégio, tenho sentido sua mão agir. Como se você fosse a manipuladora nas sombras puxando as cordas, e nós fôssemos as marionetes.

Mia soltou o braço com um puxão e lhe lançou um olhar frio.

– Não me toque.

– Você não tem lealdade a Leona – esbravejou Furian. – Sei disso agora. Mesmo na nossa luta em Alvatorre, quando você arriscou a vida para salvar Cantespadas, foi tudo para atingir seus próprios objetivos. Traiu aqueles que a chamavam de irmã. Assassinou, mentiu e roubou, tudo para estar nas areias do *magni* quando você pode simplesmente se esvair pelas sombras e ficar livre quando quiser. *Então por que, em nome do Onividente, você está aqui?*

Mia olhou fundo naqueles olhos amargos cor de chocolate, a escuridão tremendo sob si. Antes tinha pensado que ela e Furian eram como a veraluz e a veratreva. Mas via agora que isso era mentira. Enxergava as semelhanças entre eles, profundas como sangue e ossos. Ambos eram prisioneiros do passado. Ambos obcecados além da razão por ganhar o *magni*. Furian por redenção, e Mia por vingança.

Ela firmou o queixo, balançou a cabeça. Estava tentada a falar. A olhar dentro dos olhos dele e ver se lhe ofereceria alguma medida de compreensão. Ele, dentre todas as pessoas, deveria compreender. Mas era inútil, ela sabia. Furian buscava a absolvição dos seus pecados pelas mãos de um deus. Mia queria cortar as mãos desse mesmo deus pelos pecados delas. Para um deles sair vencedor, o outro teria que cair. E nenhum dos dois estava disposto a desistir para o outro ganhar. Aquilo não era um romance. Não havia amor entre eles. Nem companheirismo. Apenas rivalidade.

E acabaria apenas de uma maneira.

– Vá descansar, Furian – disse Mia.

Ela voltou os olhos mais uma vez para a cidade ofuscante.

– Você vai precisar para o fim da semana.

**D***rip.*

Prata no pescoço.

*Drip.*

Pedra nos pés.

*Drip.*

Ferro no coração.

Mia estava sentada na escuridão sob a arena, apenas ouvindo. Água salgada gotejava do teto, respingando no chão da cela. Todos os anos. Todos os quilômetros.

Na viragem seguinte, de um jeito ou de outro, tudo acabaria.

Tinham desembarcado na viragem anterior, depois de os administratii enviarem a aprovação para a luta de execução. O calendário estava abarrotado: já houvera cinco viragens inteiras de jogos, e centenas de prisioneiros já tinham sido assassinados pelo estado. Os editorii tiveram trabalho para encontrar espaço para mais uma execução nas festividades da viragem seguinte, mas um plantel

inteiro de gladiatii traidores podiam constituir um exemplo vil para os outros colégios. Assim, os Falcões de Remus seriam justicados numa janela de cinco minutos antes da última corrida de equillais. Suas vidas virariam pó enquanto o povo esperava por comida ou corria até o banheiro antes do evento principal.

E depois da meiada, depois do assassinato deles, o *magni* começaria.

*Drip.*

*Drip.*

Mia tinha ficado a sós na cela, ouvindo os festejos, o rugido do público colossal tremendo até as pedras sob os pés. Os campeões de cada colégio tinham direito a um pouco de privacidade: as paredes eram de pedra, a cama estava limpa, dois pequenos globos arquêmicos emanavam uma luz cálida e constante. Uma janelinha na porta pesada de carvalho deixava entrar um sussurro de ar fresco, o cheiro da cozinha, do sangue, do óleo e do ferro. Ela se perguntava em que condições Sidonius e os outros eram mantidos. Quanto mais seriam forçados a sofrer antes de pisarem na areia pela última vez. Senhor Simpático permanecia na sua sombra, observando-a com seus não-olhos. Sussurrando que, em breve, de um jeito ou de outro, tudo acabaria.

Ela não respondia.

Quando ela e Furian foram escoltados através do bairro medular lotado até as entranhas da arena de Godsgrove na viragem anterior, Mia tinha se impressionado com o tamanho descomunal da estrutura. Ela a tinha visto quando pequena, claro, mas nunca tão de perto. O oval enorme da arena fora escavado na própria Espinha, esticando-se por centenas de metros, e anéis concêntricos de arquibancadas erguiam-se em quatro andares. Havia arcos vistosos e contrafortes cancelados, mármore maciço e ossário por toda parte, estátuas do Onividente e de suas quatro filhas cercando o anel externo, o sofrimento dos escravos que a construíram; era um monumento ao poder temível, à visão e, sobretudo, à crueldade da República de Itreya.<sup>45</sup>

O *venatus* já encerrara as atividades naquela viragem, e a multidão despejava-se na rua com sorrisos radiantes e olhos arregalados. Os sinos da catedral soavam pela cidade, chamando os fiéis para a missa. Com todos os três olhos do Onividente abertos no céu, os cidadãos mais devotos da República preparavam-se para uma quasinoite de oração e piedade pública, e a gente menos religiosa, para um fim de viragem de farras privadas.

O entusiasmo era arquêmico, a ansiedade pelo *magni* atingindo as alturas mais estonteantes. Mia ouvia os estrondos das grandes maquinarias sob si conforme os sacerdotes do Colégio de Ferro testavam tudo para a viragem seguinte. Tratava-se do maior evento do

calendário itreyano, a celebração da República e do Deus da Luz. No dia seguinte, o mais grandioso espetáculo sob os sóis iria desenrolar-se diante dos olhares admirados do público, o cônsul em pessoa coroaria o mais poderoso guerreiro de Itreya com louros de ouro ao mesmo tempo que a Mão do próprio Deus iria lhe conceder a liberdade.

Era assim que se construíam as lendas.

*Drip.*

Mia olhava para o nada.

*Drip.*

Não dizia nada.

*Drip.*

Em vez disso, ouvia os ecos da multidão que se retirava, os legionários em patrulha pelas entranhas da arena, o chiado da vassoura de algum escravo no corredor do lado de fora. E, sobretudo, os pensamentos na sua cabeça.

*Não vou morrer aqui.*

Ela balançou a cabeça, cerrou os punhos.

*Tenho muita gente para matar ainda.*

A vassoura parou diante da sua porta. Ela ouviu um sussurro de tecido, o som leve de metal contra metal, o estalo delicado da tranca de maquinaria na porta. Um homem entrou varrendo, com as costas curvadas pela idade, o cabelo grisalho despontando em mechas rebeldes por cima de um par de olhos penetrantes e conhecidos.

– Bom – disse o ancião ao fechar a porta. – As acomodações não são grande coisa, mas os residentes deste lugar são completamente deploráveis.

– Mercurio!

Mia se levantou do chão e se jogou nos braços dele. O bispo de Godsgrave abriu um sorriso largo e a envolveu num abraço apertado. Ela quase soluçou ao sentir toda a tristeza e dor das últimas viragens de repente pesarem um pouco menos. A tensão escoou dos pés para a pedra impassível sob si. Ela o apertava tanto que ele respirava com dificuldade, e deu-lhe uns tapinhas nas costas até que ela o soltou e esfregou as mãos nos olhos.

– Sangue e abismo, como é bom ver você – ela suspirou.

– Digo o mesmo, pequeno corvo – sorriu o antigo mentor.

– Você parece bem – ela disse.

– Você já pareceu melhor – ele respondeu, tocando a cicatriz na bochecha dela. – Como está se saindo aqui?

– Bastante bem. – Ela deu de ombros. – A veraluz dificulta o meu controle sobre as sombras. A comida é uma merda. E estou morrendo de vontade de fumar.

– Bom, não tenho remédio para as duas primeiras coisas – disse o bispo. – Mas para a terceira...

Mercurio enfiou a mão na túnica esfarrapada e sacou uma caixinha prateada. O rosto de Mia se acendeu quando ele pegou duas cigarrilhas e as acendeu com uma pequena pederneira. Ela praticamente arrancou o presente das mãos do ancião, tragando fumaça para os pulmões como se sua vida dependesse disso. Gemendo, encostou-se na parede e inclinou a cabeça para trás, soltando uma pluma cinza com cheiro de cravo no ar e lambendo o açúcar dos lábios.

– Dorian, o Negro – ela suspirou.

– As melhores cigarrilhas em toda a Godsgrave – sorriu Mercurio.

– Pelos dentes da Fauce, eu poderia te dar um beijo...

– Poupe a sua gratidão para amanhã – ele disse. – Pode me agradecer não morrendo feito uma idiota.

– Esse é o truque – ela replicou.

– Nossa jovem dona Järnheim me informou dos detalhes das suas aventuras durante sua ausência de Godsgrave – disse Mercurio. – Agradeça à Mãe das Trevas por ela ter me mandado informes regulares ou eu teria tido a porra de um infarto.

– Reconheço que o plano saiu um pouco... desconforme...

– Desconforme? Foi tudo para as paredes como merda de louco, Mia. Solis está nas minhas costas feito seda barata num docinho de dois mendigos. Tenho me esquivado bem até agora, mas ele está perdendo a paciência – reclamou Mercurio com uma careta enquanto tragava a cigarrilha. – Neste momento, você está no norte de Vaan, só pra saber. Não conseguiu pegar o portador do mapa em Carrion Hall por uma viragem.

– Que desleixo o meu – murmurou Mia.

– É, bom, você nunca foi a minha melhor aluna.

Mia sorriu e deu outra tragada quente e doce.

– A propósito, recebi uma visita algumas viragens depois de você ter partido – disse Mercurio. – Uma amiga sua foi bisbilhotar na necrópole.

– Eu não tenho amigas, Mercurio, você sabe.

– Uma garota chamada Belle? Ela disse que foi você que a mandou.

Mia piscou, lembrando-se aos poucos. Recordou da garota de catorze anos na casa de prazer dos braavi, com o machucado no lábio e mágoas demais nos olhos.

– Ela foi atrás de você? – sorriu Mia. – Bom para ela.

– Meu negócio não é acolher todos os órfãos das ruas, Mia – ele resmungou. – Sou bispo de Nossa Senhora do Bendito Assassinato, não a porra de um agente de caridade.

Mia cruzou os braços, cravando os olhos escuros em Mercurio.

– Lembro-me de uma órfã que entrou no saguão da *Penhoras Mercurio* não faz muito tempo – ela disse. – Uma garota sem amigos

no mundo, com uma República inteira mobilizada contra si. Você a acolheu. Deu-lhe um lugar a que pertencer. Deu-lhe amor num mundo em que ela achava não ter sobrado nada além de merda. E, agora que penso nisso, acho que ela nunca chegou a agradecer.

Mia deu um beijo suave na bochecha do ancião.

– Então, obrigada. Por tudo.

– Para trás – ele resmungou, empurrando-a.

– Sei o que custa a você me ajudar – ela disse. – Sei o que arriscou para eu chegar até aqui. Scaeva e Duomo tiraram minha família, mas encontrei outra em você.

O velho pigarreou, franzindo a testa.

– Você está amolecendo, pequeno corvo?

– Nem em sonho.

O velho piscou loucamente e esfregou o rosto.

– Essas celas têm um pó da porra.

– É – ela sorriu, levando as mãos aos olhos. – É isso. Ashlinn está pronta?

– Tudo pronto. Você ainda confia nela?

– Com a minha vida.

– Acho que ela tem uma queda por você.

Mia sorriu com a cigarrilha na boca.

– Ela sempre teve mau gosto.

Mercurio suspirou, olhando-a nos olhos.

– Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

– Se não tenho, é um pouco tarde agora para trocar a música. – Ela deu de ombros. – Vou dançar enquanto a banda tocar e ver aonde os passos me levam.

– Não é tarde demais, Mia. Você ainda pode mudar de ideia.

– Mas essa é a questão, Mercurio – ela disse. – Eu *não quero*. Mesmo que Senhor Simpático e Eclipse não estivessem comigo, eu não teria medo. Cada viragem nos últimos dezessete anos me trouxe a este momento. Vou interpretar o papel que o destino me deu. E amanhã, quando as cortinas caírem depois do ato final, Scaeva e Duomo caem junto.

– Só se lembre – disse Mercurio, com o cenho franzido – de que o ato final da peça não precisa ser o seu também.

– Não tenho vontade de morrer – suspirou Mia, apagando a cigarrilha contra a parede. – Para ser sincera, parece bem mais interessante ser a assassina mais procurada da República.

– Um nobre objetivo para qualquer moça – disse Mercurio.

Mia abriu um sorriso largo.

– Bom, você me disse uma vez que eu nunca seria uma heroína.

Os olhos de Mercurio se encheram de lágrimas. Ele a envolveu num abraço apertado, puxando-a para o seu peito. E ali na escuridão, só os

dois, abraçando a garota como se fosse sua, o velho sussurrou:

– Talvez eu tenha mentido.

---

45 A construção da arena de Godsgrave foi iniciada no final do reinado do Grande Unificador, o rei Francisco I, embora só tenha sido concluída quando Francisco III, seu neto, assumiu o trono, trinta e seis anos mais tarde.

Os principais arquitetos eram marido e mulher: Don Theodotus e Agrippina da família Arrius. Theodotus era um homem de imenso brilhantismo no que dizia respeito a maquinarias, mas sua esposa era simplesmente uma gênio. Ambos trabalharam a vida inteira na estrutura; corriam boatos de que Agrippina tinha dado à luz o seu filho Agrippa na mesa de esboços.

Agrippina morreu três viragens depois de colocarem a pedra final do anel externo da arena. Arrasado pela partida do seu amor, Theodotus juntou-se a ela quase uma semana depois. Há estátuas dos dois lado a lado na Fileira dos Visionários do Colégio de Ferro; de mãos dadas num testemunho do poder da persistência, da ambição e da paixão.

A inscrição na base das estátuas diz: “Imortais no amor e na pedra”.

Essa é a história, nobre amigo.

Sem piada.

Sem sarcasmo.

Achei que você gostaria de ouvir algo doce, visto o que está para acontecer...

# Capítulo 32

## Devagar

Furian percorreu um canal sinuoso até o distrito medular, cercado por todos os lados por guardas do Colégio Remus. Era tarde da quasinoite, e o calor era amenizado só um pouco pelos ventos frescos soprando do Mar do Silêncio. A boemia jorrava de cada uma das tavernas, tabacarias e bordéis; belos dons e donas caminhavam de braços dados, canções e regozijo ecoavam pelo ar.

O Incaído não tinha estômago para nada disso.

Os guardas o escoltaram através da Ponte do Consolo, pela borda da Espinha até uma fileira de belas villas. Estavam à sombra da quinta Costela, pedra alva e azulejos ocre, flores nas janelas. Não eram as melhores moradas de toda a Godsgrave, com certeza, mas era o local mais próximo de um palácio em que ele dormiria na vida.

Os guardas o escoltaram até a porta da frente, onde a magistrae aguardava num vestido esvoaçante azul-marinho, uma expressão amarga no rosto.

– A domina solicita a sua presença – disse a mulher madura. – Por favor.

Com um último olhar para os guardas, Furian adentrou a villa e subiu as escadas sinuosas. Havia paredes de mármore branco polido, cortinas ondulando com a brisa, um tapete vermelho fino sob os pés. Andava devagar, sem saber ao certo para onde, até chegar num par de portas no fim do corredor.

Ela estava deitada sobre a cama, com o cabelo comprido e castanho descendo em cachos delicados sobre o rosto. Os olhos estavam delineados em preto vivo, os lábios eram vermelho-sangue. Trajava um vestido de seda branca, fino como teias de aranha; as curvas suaves e a deliciosa sombra entre as pernas estavam visíveis através do tecido diáfano. Os pulsos, envoltos em finas correntes de ouro, os olhos brilhando feito a superfície do mar.

Leona abriu os braços e o chamou para a cama.

– Olá, amante.

**M**ia estava sentada no escuro da cela, num leito simples de palha, a penumbra iluminada apenas por um pequeno globo arquêmico. Era tarde da quasinoite, o calor era amenizado só um pouco pela brisa fresca que soprava pelas barras da porta. Ela conseguia ouvir os sons distantes de aço contra aço, a maquinaria girando sob a arena, o estrondo da multidão ainda ecoando nas arquibancadas.



Mia não tinha estômago para nada disso.

Guardas patrulhavam o corredor, caminhando de um lado para o outro diante das celas dos campeões. Não eram as melhores moradas de toda a Godsgrave, mas permitiam um momento de privacidade antes da viragem que decidiria a vida dos seus ocupantes.

Mia ouviu a tranca virar na porta da sua cela, levantou os olhos e deu com uma guarda no limiar.

– Um instante do seu tempo – disse a mulher. – Por favor.

A guarda adentrou a cela e fechou a porta. A luz era turva e o rosto dela estava oculto, mas Mia a reconheceu no ato. Ela tirou o elmo e seu cabelo ruivo e comprido escorreu pelo rosto. Os olhos estavam sem sombra, os lábios sem tinta. Vestia um peitoral de couro preto e saia, com os três sóis da legião itreyana no peito. Os pulsos estavam envoltos em grossas braçadeiras, os olhos eram azuis feito um céu ensolarado.

Mia abriu os braços e a chamou para a cama.

– Olá, amante.

**L**eona apertou os lábios contra os de Furian, com a boca aberta, faminta. As mãos correram pelas costas dele, arrepios arquêmicos descendo pela espinha conforme ela explorava os sulcos e elevações dos músculos. Enroscando as mãos no cabelo comprido e escuro, Leona o puxou para a cama, suspirando em sua boca. As mãos dela estavam em toda parte, acariciando, provocando, queimando. Os suspiros de Leona contra a pele dele eram quentes como a luz dos sóis do lado de fora.

– Quero você – ela gemeu.

Ela montou nele, o cabelo caindo por cima do rosto, beijando-o mais fundo, movendo os lábios, esfregando-se nele. Ela tomou as mãos de Furian e as pôs sobre seus seios; o calor da sua pele, o aroma do seu perfume, a música dos seus suspiros preenchiam o quarto.

– Preciso de você – ela sussurrou.

Os beijos dela foram baixando, as mãos descendo para desafivelar o cinto, arrancar a tanga. Deixou um rastro de beijos ardentes peito abaixo, sobre os músculos ondulados da barriga dele, sua língua lambendo o suor da pele de Furian à medida que ela baixava mais e mais.

– Eu sou sua dona – ela suspirou.

– Pare – ele sussurrou.

Ele segurou o queixo de Leona e, devagar, empurrou-a para trás.

– Pare.

Ash apertou os lábios contra os de Mia, com a boca aberta, faminta. As mãos correram pelas costas dela, arrepios arquêmicos descendo pela espinha conforme ela explorava as linhas suaves e curvas graciosas. Enroscando as mãos no cabelo comprido e escuro, Mia a puxou para a caminha de palha, suspirando em sua boca. As mãos dela estavam em toda parte, acariciando, provocando, queimando. Os suspiros de Ash contra a pele dela eram quentes como a luz dos sóis do lado de fora.

– Quero você – ela gemeu.

Ash montou nela, o cabelo caindo sobre o rosto de Mia, o beijo das duas se aprofundando à medida que esfregavam os quadris. Ash tomou as mãos de Mia e as pôs sobre seus seios; o calor da sua pele, o aroma do seu suor, a música dos seus suspiros preenchiam o quarto.

– Preciso de você – ela sussurrou.

Os beijos dela foram baixando, as mãos descendo para desafivelar o cinto de Mia, arrancar a tanga. Deixou um rastro de beijos ardentes peitos abaixo, sobre os músculos rijos da barriga dela, sua língua lambendo o suor da pele de Mia à medida que ela baixava mais e mais.

– Eu te amo – ela suspirou.

– Não pare – Mia sussurrou.

Ela segurou o cabelo de Ash e, devagar, a puxou para si.

– Não pare.

Leona piscou surpresa para Furian, os olhos nublados de confusão.

– O que houve?

Furian saiu da cama macia, dos lençóis de mil fios, desejando com toda força estar de novo em sua cela. Ele amarrou a tanga, evitando o olhar dela.

– Escravo – exigiu Leona –, eu fiz uma pergunta.

Ele falou devagar, com palavras afiadas feito aço.

– Isto foi um sonho. E eu fui burro de sonhar.

Em seguida, ele olhou Leona nos olhos.

– Isto não é amor – ele disse.

E, sem olhar para trás, deu as costas e saiu do quarto.

Ash estava nos braços de Mia, encharcada de suor, encarando os olhos escuros dela.

– O que houve?

Mia apenas balançou a cabeça e abraçou Ashlinn com mais força.

Estavam deitadas na caminha de palha naquele poço escuro, uma com o gosto da outra ainda nos lábios. O manto de Ash debaixo delas. Pedra e ferro ao seu redor. O mundo inteiro contra elas. A morte despontando enorme no horizonte cruel. E, por um instante singular e simples, nada disso importava.

Nada importava de verdade.

– Isto parece um sonho – sussurrou Mia. – E eu não quero acordar.

Em seguida, ela olhou Ash nos olhos.

– Isto é amor – disse Mia simplesmente.

E, inclinando-se, fechou os olhos e beijou Ash devagar.

# Capítulo 33

## Início

O som era impossível.

Uma coisa viva, colossal, pressionava a pele de Mia, tão real que ela se sentia quase capaz de tocá-la. Um peso nos ombros que a enraizava na terra. Um tremor na pedra ao redor, uma sensação física no ar. Em todos os anos da sua vida, mesmo em Temporal, mesmo em Alvatorre, ela nunca tinha ouvido algo assim.

Ela estava na cela, ouvindo a canção de morte acima, os versos de aço contra aço, a percussão dos cascos, o coro do público louco por sangue. Senhor Simpático e Eclipse estavam ondulando nos contornos da sua sombra, tentando devorar o medo que crescia no peito dela. Era difícil não temer agora, por mais que tentasse. Os demônios faziam o máximo, mas ainda assim ela o sentia, como os sóis odiosos sobre si. O aroma do suor de Ashlinn na pele a lembrava de tudo o que ela tinha a perder agora.

– Estou com medo – ela sussurrou.

– ...*desculpe, mia...*

– ...*nós tentamos, mas os sóis...*

– ...*nos queimam...*

Ela apertou as mãos para fazê-las pararem de tremer. Lembrou a si mesma quem era. Onde estava. Tudo o que seria desfeito se perdesse.

– Conquiste o seu medo – ela murmurou – e será capaz de conquistar o mundo.

A tranca de maquinaria estalou, a porta se abriu. Dona Leona apareceu, emproada e orgulhosa, cercada de seus guardas e de legionários de Itreya. Usava um vestido de prata reluzente que esvoaçava como chuvas de verão. O cabelo trançado estava entrelaçado com uma fita metálica ao redor da cabeça, como louros da vitória.

– Minha campeã – ela disse.

– Domina – respondeu Mia.

– Está preparada?

Mia fez que sim.

– E a senhora?

Leona piscou.

– Por que eu não estaria?

– São os seus gladiatii que estão para morrer, domina – respondeu Mia. – Pensei que talvez lamentasse um pouco.

Leona levantou a cabeça, com o queixo firme de orgulho.

– Só lamento ter abrigado um ninho de traidores por tanto tempo. A

próxima temporada será diferente, juro. Com o dinheiro que ganhar no *magni*, vou suprir meu colégio apenas com os melhores gladiatii, e com um executus em que possa confiar para forjá-los em verdadeiros deuses.

– Arkades forjou Furian, não? Forjou a mim.

– Arkades era um cachorro. Um animal sem honra que...

– Arkades a amava, domina.

Os lábios de Leona se abriram, mas a mulher não encontrou palavras.

– Certamente você percebeu, não? – insistiu Mia. – Ele tinha sido campeão e depois executus de um dos colégios mais ricos e vencedores da história do *venatus*. Por que a teria acompanhado até o Ninho do Corvo, se não para seguir o próprio coração?

– Arkades me *traiu* – silvou Leona.

Mia fez que não com a cabeça.

– Arkades era gladiatii. Um homem da espada. Mesmo que descobrisse que você se deitava com Furian, acha de verdade que tentaria envenenar o colégio inteiro? Sabendo o que ele sentia por você, e o que lhe custaria se seu pai conseguisse o que queria?

– Mal sei por onde começar – disse Leona, esquentada. – Em primeiro lugar, como ousa supor...

– Olhe para a sua casa, Leona – insistiu Mia. – Para os mais próximos, e se pergunte quem de fato ganharia caso você se visse obrigada a rastejar de volta à civilização e suplicar perdão aos pés do seu pai. Quem a encorajou a pedir dinheiro para ele? Quem era a primeira a reclamar sempre que você falava mal dele em público?

A dona permaneceu imóvel, uma pequena ruga se insinuando em sua testa.

– Sanguila Leona – disse um legionário no corredor. – Corvo precisa se preparar para a execução.

Mia se aproximou da sua senhora e falou num tom que só as duas podiam ouvir.

– Eu poderia ter sido como você, se o destino tivesse sido mais bondoso e mais cruel. Você é o que é por um motivo. Má e generosa. Corajosa e impiedosa. Gosto de você, e também a odeio, e não poderia ter feito isso sem você. Assim, no fim da viragem, lhe darei toda gratidão que conseguir juntar. Vai achar longe do suficiente, tenho certeza. Mas é tudo que posso fazer por você, Leona.

A dona apertou os olhos até restar apenas uma fenda fina como papel.

– Você tem que me chamar de domina!

O público urrava sobre elas e as trombetas soaram altas e claras no ar, sinalizando o fim da corrida de equillais. Mia olhou para a mulher mais velha e assentiu devagar.

– Não por muito tempo – disse.

**E**la estava diante do rastrilho de ferro, envolta em aço negro. Tinha asas de falcão nos ombros, um manto de penas vermelhas nas costas. O rosto de uma deusa cobria o seu próprio, e apenas seus olhos eram visíveis pela frente do elmo.

Estava feliz que ninguém veria caso chorasse.

A temperatura subia disparada, o público cozinhava aos sóis. Muitos aproveitaram o final da (espetacular) corrida de equillais para procurar sombra ou refresco. Mas ainda assim não faltavam olhos para observá-la. Dezenas de milhares nos bancos, batendo os pés à espera do início do evento principal.

– Cidadãos de Itreya! – as palavras do editorii ecoaram pela pedra manchada de sangue. – Apresentamos a nossa última execução!

A reação do público foi morna, com algumas palmas e não poucas vaias daqueles que queriam apenas que o *magni* começasse logo. Depois de cinco viragens de carnificina incessante, o abate de mais um punhado de réprobos parecia absolutamente um lugar-comum.

– Estes não são criminosos comuns! – insistiu o editorii. – São os mais vis dos covardes, os mais perversos dos infames, escravos que traíram seus mestres!

A multidão se animou um pouco, e vaias retumbantes ecoaram pela arena.

– Agradecemos à sanguila Leona, do Colégio Remus, por fornecer o gado para esse justicamento! Cidadãos, apresentamos a vocês... os condenados!

Um rastrilho se abriu no norte da arena, e o coração de Mia se partiu ao ver sete figuras cambalearem para a luz dos sóis e as vaias do público. Sidonius e Fazondas. Cantespadas e Bryn. Felix, Albanus e Carniceiro. Não tinham sido bem tratados no cativeiro: todos pareciam fracos e famintos. Estavam armados com espadas enferrujadas e vestidos em armaduras baratas e só alguns retalhos de couro nos peitos e nas canelas, que não adiantariam de nada diante de alguém com o mínimo de habilidade com uma espada.

Era para eles morrerem, afinal.

A guarda ao lado de Mia lhe entregou um gládio afiado feito navalha e uma adaga longa, terrível, lustrada até cegar. Mia a olhou nos olhos, azuis como céu ensolarado.

– Não tema – sussurrou Ash. – Golpeie de verdade.

Mia fez que sim e voltou a olhar para a areia. Sentia enjoo no estômago. Horror ao pensar no que estava por vir. Certeza de que era o único jeito, que tudo o que sacrificara ganharia sentido, que toda morte, todo sangue, toda dor seriam justificados quando Scaeva e

Duomo estivessem no chão.

Era o fim da tirania. E os fins justificavam os meios, não?

*Desde que o fim não seja o meu?*

– E agora – gritou o editorii. – A nossa carrasca! Campeã do Colégio Remus, vencedora de Alvatorre, Salvadora de Temporal, cidadãos de Godsgrave, apresentamos... Corvo!

A multidão se pôs de pé com a curiosidade enfim inflamada. Todos tinham ouvido histórias sobre a garota que matara a serpente-cuspideira, que salvara os cidadãos de Temporal da morte certa, que vencera uma guerreira do Domínio Sedoso.

O rastrilho se levantou e Mia marchou para o calor impiedoso, a sombra estremecendo enquanto Sr. Simpático e Eclipse silvavam seu sofrimento. A multidão rugiu ao vê-la, com as penas vermelho-sangue, a armadura negra como a veratreva, o rosto belo, inclemente, forjado em aço lustroso. Como programado, as areias ao redor dela jorraram ondas de chamas, e a multidão urrou em aprovação. Ela seguiu os pilares de fogo até o centro da arena, estupefata com o tamanho de tudo.

As areias claras estavam manchadas de sangue. Os muros de ossário levantando-se ao céu ofuscante. A barreira separando o público da areia erguendo-se a mais de seis metros de altura, com estandartes dependurados: das casas nobres, dos colégios, da trindade de Aa. Nos assentos especiais, à beira da barreira, Mia avistou um grupo de ministros e homens sagrados trajando suas vestes vermelho-sangue e chapéus altos e pomposos; o coração disparou quando ela encontrou o grão-cardeal Duomo entre eles. Duomo sentava-se no meio do seu rebanho, firme como um banheiro de tijolos, com a mesma aparência de vândalo que espancou um sacerdote até a morte e roubou suas vestes. A túnica era cor de sangue, e seu sorriso era como uma faca no peito de Mia.

Ao lado da igreja, Mia viu os camarotes dos medulares e dos sanguilas. Avistou Leonides e seu executus enorme, Titus. Conseguiu ver a magistræ num deslumbrante vestido escarlata. Mas não viu sinal de Leona. Voltou os olhos para as arquibancadas superiores, para o mar revoltado e ululante de pessoas.

– Corvo! – gritavam. – CORVO!

Ela olhou para o camarote do cônsul, decorado com pilastras caneladas e protegido do sol. Os senadores de Godsgrave sentavam-se ao redor, homens idosos com olhos brilhantes, usando togas brancas com bordas púrpuras. Um pequeno exército de luminatii os rodeava com as espadas de aço-solar ardendo nas mãos. Mia viu uma grande cadeira com detalhes dourados, perigosamente semelhante a um trono. Mas estava vazia.

*Nada de Scaeva.*

As trombetas soaram, chamando a atenção de Mia de volta à areia. Sidonius e os outros caminhavam na direção dela com as espadas enferrujadas na mão. Aquelas lutas não eram planejadas para serem justas, mas os ex-Falcões ainda eram gladiatii. E apesar das surras, das feridas e da fome, eram sete, e ela era uma só. Uma lâmina enferrujada ainda era capaz de cortar até o osso se empunhada com habilidade, e uma língua venenosa podia cortar ainda mais fundo.

– Então – disse Fazondas, parando a cinco metros de distância. – Mandaram você pra dar a machadada? Que apropriado...

– Aa Onipotente – murmurou Sidonius. – Onde está o seu coração, Mia?

– Enterraram com o meu pai, Sidonius – ela rebateu.

– Sua traidora do caralho! – disparou Cantespadas.

Mia correu os olhos pelos sete, pelos rostos daqueles que antes a chamavam de amiga. A boca estava seca feito areia. A pele, empapada de suor.

*Logo tudo isso vai valer a pena.*

– Eu explicaria exatamente por que considero essa palavra um elogio e não uma ofensa – ela disse. – Mas não sei se temos tempo para monólogos, Cantespadas.

Ela desembainhou a espada pesada, a adaga afiada, e saudou o camarote do cônsul.

– Agora vamos terminar logo com isso.

**A**s trombetas soaram, o público uivou, e dona Leona chegou ao seu assento no camarote dos sanguilas. A magistrae a cumprimentou com um sorriso e levantou uma sombrinha para proteger sua senhora dos olhos ardentes do Pai da Luz.

Leona olhou para os assentos ao redor, viu Tacitus, Trajan, Phillipi, os outros suspeitos de sempre. Cercados por seus executus e criados, vestidos nas cores brilhantes dos seus colégios, o brasão de cada um bordado em estandartes nas costas. E, imediatamente à sua esquerda, sob um leão dourado rugindo, vestindo uma sobrecasaca extravagante e amassando uma uva entre os dentes...

– Pai – ela disse com um aceno de cabeça.

– Filha querida – sorriu Leonides, levantando a voz sobre o rugido do público. – Meu coração se alegra em ver você.

– Digo o mesmo – ela respondeu. – Creio que o meu primeiro pagamento chegou, não?

– Sim – confirmou Leonides. – Foi recebido com gratidão e, confesso, não pouca surpresa.

– Você verá que sou cheia de surpresas, pai – ela respondeu. – A sua Exilada podia dar testemunho disso, se meu Corvo não tivesse



separado a cabeça dela do corpo.

Os sanguilas ao redor sorriram e cochicharam, atualizando o seu placar mental. Mas Leonides apenas desdenhou e jogou outra uva na boca.

– Achávamos que não íamos ter o ar da sua graça durante a execução.

– Desculpe decepcioná-lo.

– Já estou acostumado, minha querida – ele suspirou. – Mas eu acabava de dizer a Phillipi aqui que não saberia ao certo se a vergonha deixaria que eu desse as caras caso a maior parte do *meu* colégio fosse ser executada por revolta.

– Você ainda sente vergonha, pai? – perguntou Leona. – Pensei que estivesse enterrada com a esposa que matou a garrafadas.

O clima murchou ao redor deles, e os sanguilas começaram a trocar olhares constrangidos. O rosto de Leonides ensombreceu, e a magistrae pôs uma mão apaziguadora no braço de Leona.

– A senhora foi longe demais, domina – sussurrou. – Não é sábio insultá-lo assim.

As trombetas soaram de novo, e Leona olhou para Anthea, um sulco lento desenhando-se na testa. Ela voltou os olhos para a areia, semicerrados por conta do brilho terrível dos sóis. Corvo e os gladiatii traiçoeiros trocavam palavras envenenadas, mas Leona só ouvia pedaços.

Ela sabia o que arriscava ao botar sua campeã para liquidar a escória de traidores. Mas precisava demais do dinheiro para deixar outro sanguila empunhar o machado. Corvo era uma das melhores lutadoras que ela vira na areia, e os traidores estavam surrados e famintos à exaustão. Com a graça de Aa, Corvo ainda entraria ao lado de Furian no *magni*, ainda traria a glória e o dinheiro de que Leona necessitava desesperadamente.

*Dinheiro pelo qual ansiava.*

As trombetas soaram, a luta começou, e Corvo se moveu rápida como a ave que lhe dava o nome. Precisava igualar os números depressa, eliminar os Falcões mais fracos antes que a vantagem numérica fizesse a diferença. Assim, a garota partiu direto para cima de Felix, deslizando por baixo do seu golpe cruzado e entrando na sua guarda. O homem era claramente o mais prejudicado pelo cativo, reagindo lento demais, e com a velocidade que a fez campeã do colégio, Corvo cravou a faca no peitoral de couro e no coração por trás dele.

O público urrou, Felix levou a mão ao peito mutilado e caiu de cara na areia, o sangue espirrando vermelho vivo. Corvo moveu-se como um vulto, chutou um punhado de areia nos olhos de Fazondas e investiu contra Bryn. A vaaniana podia ser um demônio com o arco e

flecha, mas com a espada estava longe de ser um prodígio. Corvo desviou o golpe da garota ao mesmo tempo que abria um pequeno corte na sua coxa. Enquanto Bryn gritava, cambaleando, Corvo foi para trás dela e enfiou a adaga por baixo da espaldeira da vaaniana, perfurando suas costas.

Sangue jorrava da ferida. Brilhando no aço de Corvo. Refletido nos olhos dos espectadores. Eles urraram quando o corpo da vaaniana caiu numa piscina escarlate. Fazondas gritou e atacou com um terrível golpe de cima para baixo, a espada assoviando no ar. Mas as semanas de fome no porão do *Cão da Glória* tinham enfraquecido suas pernas, deixando um pouco desequilibrado e lento na recuperação, e um golpe rápido o pôs de joelhos, com as mãos no peito, o sangue vazando por entre os dedos.

– Não!

Cantespadas atacou, e a multidão suspirou ao vê-la abrir um corte raso no braço de Corvo. Sidonius veio pelo lado, Carniceiro e Albanus por trás, e Corvo rolou para o lado e se levantou de novo com uma velocidade chocante. A adaga brilhou, Carniceiro soltou um grito e caiu para trás com um esguicho de sangue. Cantespadas partiu frenética para cima de Corvo, que rolou para trás e jogou um punhado de areia nos olhos da mulher. Levantando-se com um salto, aparou o golpe de Sidonius com a espada, as pernas quase dobrando sob a força do grandalhão. Mas, para os gemidos da multidão, para o estremecimento de cada homem nas arquibancadas, Corvo deu com o joelho nas bolas de Sidonius, que caiu na areia com um grito agudo. O contragolpe dela atravessou zunindo a guarda de Albanus, e a adaga enterrou-se até o cabo na axila dele, o sangue jorrando feito uma cachoeira.

Piscando para tirar a poeira dos olhos, Cantespadas voltou a atacar. Corvo se curvou para trás e o golpe passou raspando pelo seu queixo. Com as tranças de sal compridas agitando-se feito cobras, a mulher continuou investindo e mandou o gládio de Corvo pelos ares. Armada apenas com a adaga agora, Corvo contra-atacou: deu um soco no rosto da mulher com a mão livre, esquivou-se de outro golpe e agarrou uma das tranças compridas de Cantespadas, que perdeu o equilíbrio. Com um puxão, fez a mulher ir para trás, de encontro à sua lâmina. O público uivou encantado enquanto Cantespadas caía de joelhos, o sangue descendo do peitoral rasgado até a barriga, e depois de cara na areia.

Só restava Sidonius. O homem estava curvado, com a mão nas bolas. Corvo caminhou até ele, impiedosa, e o grandalhão tentou afastá-la. Ele gritava com ela, mas estavam tão distantes que Leona só captou um punhado de palavras.

– ...traidora...

– ...pai...

– ...não...

E Corvo?

Não dizia absolutamente nada.

Em vez disso, passou ao lado do itreyano e cortou-lhe o pulso, e a espada dele caiu girando na areia. Então chutou as pernas do homem, que caiu de joelhos. E, em meio aos berros do público, deu a volta nele, com o cabelo comprido escorrendo pelos ombros, e enfiou a adaga por dentro do peitoral de Sidonius, cravando-a na sua espinha. O rosto de Sidonius torceu-se de agonia, um reluzente jorro escarlate esguichando da ferida. Ele caiu de frente, manchando a areia de vermelho. O público urrava, deleitado.

Leona viu os lábios dele se moverem.

Uma prece murmurada talvez?

Um insulto à garota que o matou?

Então seus olhos se fecharam pela última vez.

Leona permaneceu calada, olhando para Corvo. Para a lâmina manchada de sangue na mão.

Aquela ruga lenta estava mais marcada na testa agora.

Os sanguilas ao redor aplaudiam por educação. Tacitus lançou um olhar para Leona e acenou a cabeça como que aprovando a forma da campeã. A dona se virou para o pai, mas não conseguiu olhar em seus olhos. Leonides observava a garota magrela empapada de sangue na areia. A garota que vencera a sua Exilada. A garota que acabava de matar sete gladiatii com apenas um arranhão. A expressão do sanguila era sombria. Seus olhos estavam apertados.

Ele se virou para seu executus, Titus. Cochichou algo no ouvido do homem.

A ruga de Leona ficou ainda mais marcada.

– Cidadãos de Itreya! – anunciaram os editorii. – A sua vencedora!

Corvo pegou o gládio caído, apontou a lâmina ensanguentada para a cadeira vazia do cônsul e depois a levantou para o céu. Estava envolta em aço negro. Com asas de falcão nos ombros, um manto de penas vermelhas nas costas. Enquanto dava a volta na arena, os cadáveres dos gladiatii eram arrastados para fora da areia. O rosto dela estava coberto pelo rosto de uma deusa, e apenas seus olhos estavam visíveis na parte da frente do elmo.

Ninguém conseguia ver se ela chorava.

# Capítulo 34

Magni

*Não falta muito agora.*

Mia tinha sido tirada da areia depois das execuções e levada, ainda enopada de sangue, diretamente para uma ampla cela de espera. Trataram da sua ferida, deram-lhe um copo de água e pediram que aguardasse. Embora a boca estivesse seca como um osso, em vez de beber, ela desperdiçou a água na tentativa de lavar o sangue das mãos trêmulas.

Esvaziou o copo, mas os dedos continuaram pegajosos.

Observou um destacamento de Sacerdotes de Ferro passar apressado, um grupo de guardas colocando os gladiatii na cela de espera, poucos por vez. Mia reconheceu alguns presentes no palazzo do governador Messala: Ragnar de Vaan, campeão do Colégio Tacitus; Comemundos, campeão dos Espadas de Phillipi. Mas logo passaram a ser dezenas, centenas, espalhados pela câmara, vestidos em couro e aço.

A temperatura era sufocante, suor escorria pelas paredes. Criados iam de um lado para o outro com baldes e conchas para oferecer água, mas Mia só pedia mais água para as mãos. Para esfregar as manchas da execução, recusando-se a olhar seu reflexo na poça vermelha que se formava a seus pés.

Ela ouvia a maquinaria gemer sob seus pés, um motor colossal sempre faminto de sangue. Tentava não pensar em Cantespadas e Bryn, em Fazondas e nos outros. Tinham escolhido seu destino, escrito em vermelho. Ela não podia se dar ao luxo de pensar neles agora. As provações deles já tinham acabado, enquanto a maior das provações de Mia estava diante dela. A garota ainda conseguia ouvir as palavras de despedida de Sidonius antes de cair de cara na areia.

Os olhos fixos nos dela.

Tão baixo que ninguém além dela pôde ouvir.

– *Boa sorte, Mia* – ele sussurrara.

As mãos ainda estavam grudentas.

– *...estamos com você...*

– *...sempre estaremos com você...*

– Você lutou bem.

Ela não levantou o olhar. Não precisava saber quem estava de pé na sua frente. O enjoo na barriga lhe informava. O desejo e a fome, a ânsia. A sombra dela se mexeu, estendendo-se até a dele centímetro a centímetro, como ferro e ímã. Os lábios dela se torceram num sorriso amargo quando ela respondeu:

– Lutei contra sete prisioneiros famintos que mal conseguiam segurar as espadas.

– Esse é o preço da rebeldia em Itreya.

– É o que dizem.

– Eu não sabia bem... como ia me sentir ao ver. Eles também eram meus irmãos e minhas irmãs. Quando caíram pela sua espada... – suspirou Furian. – Mal pude acreditar. Acho que esperava algum truque. Algum esquema ou jogo ou adiamento de última hora.

– Jogo?

Mia balançou a cabeça, perplexa.

– Por que todo mundo ainda age como se isso fosse a porra de um jogo?

– Gladiatii! – um guarda gritou. – Atenção.

Os olhos dos guerreiros reunidos se voltaram para o rastrilho de ferro. Mia viu três editorii, recortados em sombras contra a luz incessante do lado de fora. O mais velho do trio deu um passo à frente e correu os olhos pelos gladiatii. Tinha barba longa e escura trançada, olhos de cores diferentes, um castanho e outro verde. Um píton listrado enroscado no pescoço.

– Gladiatii dos colégios de Itreya – ele começou. – Cada um de vocês e seus mestres conquistou, pelo direito do combate e da perseverança, um lugar na areia do *venatus magni*. O maior espetáculo do calendário itreyano está prestes a iniciar, e vocês lutarão e morrerão pela glória da República perante uma multidão fanática. Os que caírem ainda permanecerão lendas. E aquele dentre vocês que permanecer até o fim do *magni* receberá a liberdade da própria Mão de Deus. Este *magni* será uma batalha geral; todos os guerreiros começarão a luta já na areia. Cada um portará uma faixa colorida no braço, para marcar sua lealdade inicial. Gladiatii do mesmo colégio serão agrupados, embora vocês *não* tenham obrigação de aderirem a essa aliança até o final do combate. Nunca se esqueçam de que todos devem cair para um se levantar.

O homem deixou as palavras pairarem no ar por um instante duro e frio como o ferro.

– Assim que este rastrilho se abrir – ele retomou –, dirijam-se para as posições designadas e aguardem as instruções do editorii-mor. Que Aa os abençoe e guarde, e que Tsana guie suas mãos.

Mia embainhou a espada e a adaga, então voltou a esfregar o vermelho nas mãos. Enquanto os guardas circulavam pelos gladiatii, entregando tiras de pano vermelhas, azuis, douradas e brancas, ela conseguia sentir. O medo. Subindo pelo coração e pela mente dos guerreiros ao redor, vazando pela pedra e pendendo pesado no ar. Cada um deles encarava a morte nos olhos, e todos sabiam que só um ia sobreviver. Alguns andavam de um lado para o outro, batendo no

peito, murmurando consigo mesmos. Outros permaneciam mudos, lutando em silêncio contra o medo. Outros recorriam aos camaradas para um momento de consolo, sabendo que qualquer aliança desmoronaria antes que a trombeta soasse pela última vez.

*Não falta muito agora.*

Um guarda forçou caminho entre a multidão e amarrou um pedaço de tecido no braço de Furian para identificar seu grupo inicial. Depois de ordenar a Mia que se levantasse, fez o mesmo no bíceps dela. Ambas as tiras eram vermelhas como o sangue nas mãos dela.

As trombetas soaram, o chão tremeu. O anúncio dos editorii ecoou pela arena, o público gritando em resposta.

– Cidadãos de Itreya! Honoráveis administratii! Senadores e medulares! Bem-vindos ao *venatus magni* de Godsgrave! Dos melhores colégios da República, apresentamos a vocês os mais fortes guerreiros sob os três sóis! Aqui para pelear diante de seus olhares admirados, para banharem-se em sangue e honrar o Aa onividente e onipotente, apresentamos os Dragões de Trajan!

O rastrilho de ferro se abriu e um primeiro grupo de gladiatii caminhou para areia, escoltado por um destacamento de legionários itreyanos. Havia talvez duzentos e cinquenta guerreiros reunidos na cela de espera – gente demais para ser chamada um a um. Os estábulos entravam em massa: os Lobos de Tacitus, os Espadas de Phillipi, os Leões de Leonides, saindo um após o outro para receber as boas-vindas do público. À medida que cada colégio assumia seu lugar na arena, fãs nas arquibancadas identificavam favoritos e campeões honrados. O volume não parava de aumentar.

– Os Falcões de Remus! – veio o anúncio.

– E assim começa – cochichou Furian.

– E assim termina – replicou Mia.

Ela caminhou para a luz ofuscante com o Incaído ao lado. A multidão celebrava – alguns a Salvadora de Temporal (“*Corvo! Corvo! Corvo!*”), outros o campeão de Talia (“*Incaíúúido!*”). Quando a dupla assumiu seu posto entre outras faixas vermelhas, a voz do editorii soou pelos ares.

– Cidadãos de Itreya, todos de pé, por favor!

Um estrondo de trombetas ecoou quando o público se levantou, a fanfarra fazendo a pele de Mia arripiar.

– Sete anos se passaram desde que os traidores Faz-Reis tentaram pôr a República de joelhos! Sete anos de paz gloriosa, sete anos de razão e prosperidade, sete anos de justiça e luz!

O coração de Mia bateu mais rápido, sua boca ficou seca de repente. Ela sabia o que estava por vir, *quem* estava por vir. Sete anos desde que ele destruíra o mundo dela, de pé no patíbulo do seu pai como um abutre sobre uma lápide. Sete anos de promessas manchadas de

sangue, de assassinatos e aço, de planos e preces. Furian olhou para ela, sua sombra ondulando à medida que a dela pulsava, estendendo tentáculos negros na direção dos senadores, dos luminatii, do...

– Seu salvador! Seu cônsul! Julius Scaeva!

Foi como um soco na barriga de Mia. A visão dele. Depois de tanto tempo, ela achou que o impacto seria menor. Mas a dor foi como uma faca no peito, fazendo-a cambalear, sua sombra agitando-se e ondulando apesar de os três sóis arderem no céu.

Ele era alto, bonito de doer, com o cabelo escuro agora salpicado com discretos fios brancos. Vestia uma toga comprida púrpura vivo e louros dourados na frente. Quando sorriu, pareceu que os três sóis brilharam mais, e o público gritou arrebatado. Ao lado dele estava uma bela mulher, de cabelo escuro e olhos verdes, ostentando seda fina e joias de ouro. Nos braços dela, um garoto de seis ou sete anos. Tinha o cabelo escuro da mãe, os olhos pretos sem fundo do pai. O emblema da legião luminatii bordado no peito, mas nenhuma trindade no pescoço.

Scaeva abraçou a esposa com um braço e esticou três dedos no sinal de Aa. A multidão imitou o gesto, cem mil pessoas levantando a mão e chamando seu nome. Mia sentiu o queixo tão tenso que os dentes doeram. Prendeu a respiração, porque era simplesmente doloroso demais respirar. Vê-lo sorrir ao lado da própria família quando ele tinha casualmente arruinado a dela...

Rodeado por um mar de luminatii munido de ferro e aço-solar, Scaeva deu um passo à frente até o púlpito no camarote do cônsul.

– Meu povo! – ele começou, as palavras reverberando pelo mar humano. – Meus contrerrâneos! Meus amigos! Nesta santíssima festa, reunimo-nos sob os olhos do Onividente nesta que é a mais grandiosa República que o mundo já viu!

O cônsul fez uma pausa para receber uma salva de palmas vertiginosa.

– Meus amigos, os tempos são preocupantes. Quando anunciei minha intenção de concorrer ao quarto mandato de cônsul, estava assolado por dúvidas. Mas os contínuos ataques contra nossos magistrados, nossos administratii e mesmo aos filhos dos nossos nobres senadores do outro lado do mar convenceram-me de que as ameaças à nossa gloriosa República ainda não cessaram. E não abandonarei Itreya, ou *vocês*, numa hora de tanta necessidade.

Scaeva teve de falar mais alto quando o público entrou em erupção.

– Devemos permanecer juntos! E com o apoio de vocês, *permaneceremos* juntos! Eu, minha amada esposa Liviana, meu filho Lucius... – Scaeva foi obrigado a se deter, porque as ovações superavam a altura da sua voz – ...toda a minha família agradece a família de cada um de vocês, pela vigilância, pela coragem, mas

sobretudo pela fé! Em Deus, e em nós!

Os olhos de Mia estavam fixos em Scaeva, fervilhando de ódio. Seus dedos procuraram inconscientemente a adaga de ossário escondida no ferro ao redor do pulso. A adaga de ossário que Alinne Corvere apertara contra a garganta de Scaeva na viragem em que ele tirou tudo de Mia.

*Paciência.*

Os dedos de Mia se afastaram da adaga. Ela sentia o gosto de sangue na boca.

*Paciência.*

Scaeva estava radiante com a adoração do público, bancando o humilde, o grato. Ele se aproximou da esposa, tomou o filho Lucius nos ombros e estendeu de novo os três dedos no sinal de Aa. Mia observou o garotinho baixar a cabeça e cochichar no ouvido do pai.

– Meu filho diz que sempre falo demais – ele sorriu, e uma onda de risos percorreu a multidão. – Ele me lembrou de que estamos aqui com uma finalidade. Então, devemos *começar*?

O público berrou em uníssono.

– Meus amigos, perguntei se devíamos começar?

Um grito único e ensurdecedor elevou-se até o céu.

– Passo então a palavra para o nosso amado grão-cardeal, e meu caro amigo, Francesco Duomo, para que ele nos conduza na prece.

Todos os olhos voltaram-se para os assentos à beira da areia onde estava o ministério de Aa. O grão-cardeal Duomo subiu em outro púlpito, os olhos escuros fixos em Scaeva brilhando com malícia velada quando ele se curvou. Falou numa corneta de maquinaria, e sua voz ressoou pela arena, grossa como caramelo, doce e escura.

– Muito obrigado, glorioso cônsul – ele disse, curvando-se uma vez mais. – Que Aa o mantenha sempre na Luz. Que o seu *reinado* seja longo e fecundo.

O sorriso de Scaeva tornou-se mais agudo ao retribuir a vênia.

– Amados cidadãos, por favor, baixem a cabeça – disse Duomo.

A arena inteira calou-se, e o silêncio ecoou pelo ar e pelo vento.

– Aa onipotente, Pai da Luz, criador de tudo, nesta sua santíssima festa, agradecemos o teu amor, a tua vigilância, e as tuas muitas bênçãos sobre nós. Permanece sempre zeloso dos nossos corações, e abençoa aqueles que estão aqui para morrer pela glória da nossa República. *Em teu nome pedimos isto.*

A multidão respondeu numa só voz:

– Em teu nome pedimos isto.

Duomo então abriu os braços e um sorriso acendeu seu olhar.

– Que comece o *magni*!

A multidão vibrou, batendo os pés e uivando enquanto Duomo retornava ao seu rebanho de cardeais e bispos, arrogante como um



noivo na noite de núpcias. Os olhos de Mia voltaram-se para Scaeva de novo, observando-o tomar seu assento. Os olhos do cônsul estavam fixos em Duomo. A dupla se entreolhava como duas víboras diante do corpo de um único rato. Mas o filho de Scaeva cochichou algo no ouvido do pai, que de repente começou a rir em alto e bom som. A esposa inclinou-se e lhe deu um beijo na bochecha. Scaeva parou de olhar para Duomo e voltou-se para sua família, radiante. Mia sentiu as pernas tremerem.

Eles não mereciam ser tão felizes. Scaeva não tinha o direito de ter mulher e filho depois de deixá-la sem nada. Duomo não tinha o direito de fingir piedade e falar de amor depois de destruir todo o seu mundo. Ela olhou para os gladiatii ao redor, cada um deles um obstáculo, cada espada um estorvo, cada garganta um degrau para chegar ao coração daqueles desgraçados.

– Consigo sentir... – murmurou Furian. – O seu ódio...

Mia piscou e olhou para o homem ao seu lado. Furian a encarava num misto de horror, medo e pena. Baixou os olhos para a sombra dela.

– Aa onipotente... o que eles fizeram para você?

– Cidadãos de Itreya! – veio o anúncio. – Eis o campo de batalha!

O público se calou. Um grande e trêmulo rangido percorreu toda a arena. Os quatro grupos de gladiatii – vermelho, branco, dourado e azul – foram posicionados em cantos opostos na arena oval, cada um com cerca de sessenta membros. Mia viu o chão se abrir diante dos seus olhos e a areia descer em cascatas para as entranhas da maquinaria. O público se ergueu num esforço para ver melhor as quatro grandes formas que emergiam do chão. Com quinze metros de comprimento, cascos pesados de pau-ferro, animais fantásticos esculpidos na proa, laterais pontilhadas por dezenas de remos reluzentes.

– São navios de guerra – murmurou um gladiatii atônito.

– Mas... – outro disse. – Mas...

– Gladiatii, atenção! – ordenou o centurião, apontando para as escadas de corda que pendiam das laterais dos navios. – Todos vocês, subam! Agora! Andem!

Mia fez o que mandaram no ato, e Furian a seguiu sem questionar, escalando as escadas até o convés. Outros foram subindo atrás, mas ainda mais gladiatii simplesmente olhavam para o centurião sem conseguir disfarçar a perplexidade.

– Navios? – perguntou um deles. – Aa onipotente, estamos na porra da areia!

O chão gemeu de novo, as trombetas soaram.

– Eu cumpriria a ordem se fosse você – disse o centurião.

O homem deu meia-volta e, com o resto do seu destacamento, saiu

batendo os pés pela areia. Alguns gladiatii começaram a subir para as galés, outros olharam ao redor, confusos. Mia ouviu a maquinaria gemer de novo, o rangido de metal sob pressão. Portas pesadas de metal caíram sobre os rastrilhos ao redor da arena e uma série de grades curvadas emergiu das areias. E, sob os olhares maravilhados do público, essas grades tremeram e com uma tosse oca e metálica começaram a cuspir água alto pelo ar.

O povo suspirou, comemorou, o vapor de água permeando a brisa agitada e trazendo um frescor misericordioso ao calor opressivo da arena. Mas, em questão de instantes, esses suspiros tornaram-se gritos de deleite à medida que a água jorrava com mais força, mais alto, inundando a arena oval e agitando-se em torno dos navios. Logo atingiu um palmo. Dois. Meio metro, chegando até as canelas dos gladiatii numa enchente inexorável.

– Esta água é salgada – disse um deles.

Um Leão de Leonides se inclinou na balaustrada e gritou a plenos pulmões:

– É uma batalha naval, seus burros desgraçados! Subam, subam!

Os gladiatii obedeceram, disparando para as escadas e escalando as laterais. Mia estava na proa, observando a água bater contra a quilha. Com três metros e subindo, o navio já começando a balançar sobre a sua base de madeira, prestes a boiar na enchente. Graças ao trabalho de reconhecimento de Ashlinn, Mia fazia uma ideia do que as areias lhe reservavam, mas estar em meio àquilo tudo...

A garota balançou a cabeça, simplesmente atônita diante da demonstração de força. Da engenhosidade. Do puro e simples excesso. Em vez de mandar os cidadãos para o mar, a grandiosa República de Itreya trouxera o mar aos cidadãos.

– Cidadãos de Itreya! – gritou o editorii-mor. – O Senado e o Colégio de Ferro da nossa gloriosa República têm o orgulho de lhes apresentar a Batalha de Quebramar!<sup>46</sup>

A água já atingia três metros de altura e não parava de ficar mais profunda. Uma grande plataforma ergueu-se no centro da arena, com uma fortaleza de pedra no topo, possivelmente representando as poderosas fortificações de Quebramar. Mia notou catapultas de maquinaria sobre os muros ameiados, todas carregadas de piche fervente. E, ao baixar os olhos para os turbilhões na água, viu dezenas de vultos escuros passando perto do casco.

– Por acaso são...

A multidão urrou quando um dos vultos subiu à superfície, com seu focinho largo, olhos negros mortais e fileiras sobre fileiras de dentes afiados. Com quase cinco metros de comprimento, o animal cortou a água com seu enorme rabo partido antes de desaparecer sob a superfície.

– Dragões-tempestade – sussurrou o Incaído.

Mia balançou a cabeça. Havia catapultas à frente. Inimigos nos barcos ao redor. Monstros abaixo. E, olhando para os braços no peitoral e nos escudos dos gladiatii ao redor, percebeu que ela e Furian estavam cercados pelos Leões de Leonides. Pelo menos uma dúzia, todos grandes como casas e fortes como o ferro no peito dela.

– Bom – murmurou Mia –, não é muito acolhedor.

– Inimigos por todos os lados – cochichou Furian.

– Pelo menos é consistente com a minha vida.

– Se só sobrarmos você e eu...

– Eu sei.

– Mas até lá? – Ele olhou para as armas nas mãos dela, ainda manchadas com o sangue daqueles que a chamavam de amiga. – Você teve senso de dever o bastante para defender o colégio e acabar com os que o traíram. Tenho esperança de talvez a ter julgado errado. De que você tenha aprendido algo da honra e do modo de ser dos gladiatii. Preciso me preocupar com a sua espada nas minhas costas?

Mia o olhou de esguelha, a água ao redor subia cada vez mais.

– Isto aqui termina de apenas um modo – disse. – E você e eu sabemos qual. Mas vou atacar você pela frente. Posso prometer isso, pelo menos.

O Incaído fez que sim e apertou o cabo da espada.

– Que assim seja. *Sanguis e Gloria*.

Mia balançou a cabeça.

– Você pode ficar com a glória, Furian.

Ela voltou os olhos para a cadeira do cônsul.

– Só estou aqui pelo sangue.

**L**á embaixo, nas entranhas da arena, Mercurio acabava de carregar o carrinho de mão, erguendo o último balde pesado sobre ele com um gemido. A verdade era que estava velho demais para aquele tipo de esquema. A maldita artrite dava as caras de novo, e circular por ali todo esfarrapado nas últimas duas viragens não tinha ajudado seu herpes nem um pouco também.

– Da próxima vez, *eu* vou me vestir de guarda – ele resmungou.

Ashlinn revirou os olhos.

– Sangue e abismo, quem vai acreditar que você é um guarda, seu velho chato e reclamão?

A garota estava à espreita na porta da antecâmara, de olho no corredor. Ainda vestia a armadura roubada: peitoral de couro preto e saia, e um elmo com penacho para cobrir o rosto. Mercurio conseguia ouvir o público gritar lá em cima, e ficou com a barriga gelada ao se dar conta de que o *magni* tinha começado.

Embora mantivesse o semblante duro como pedra, a filha de Järnheim parecia partilhar da preocupação. Ela levantou os olhos na direção da arena e suspirou.

– Eu devia estar lá em cima.

– Isto é importante para ela – replicou Mercurio.

– Seja como for, este plano todo é uma loucura do caralho.

Mercurio suspirou.

– Não sei se você percebeu, garota, mas Mia Corvere e loucura andam juntas como cigarrilhas e fumaça.

Ashlinn sorriu.

– Ah, sim, percebi.

O bispo de Godsgrave juntou-se a ela à porta e espiou o corredor.

– Sei que não é a hora nem o lugar adequado – ele cochichou –, mas saiba que se você a magoar, não haverá lugar sob os três sóis em que possa se esconder de mim.

Ash arqueou a sobrançelha e olhou o velho de alto a baixo.

– Sabe, você é um doce para um velho chato e reclamão.

– Cai fora – resmungou Mercurio.

– Parece um bom plano. Vamos?

– Vamos. Mas como você gosta tanto de comentar, sou um cidadão da terceira idade.

– E daí?

– E daí que você vai empurrar a porra do carrinho.

Aplausos ecoaram pelas pedras acima deles e, com Ashlinn empurrando o carrinho, a dupla se afastou pela sombra.

**A**multidão ribombou com o soar das trombetas, e cada homem, mulher e criança ficou de pé. Depois de cinco viragens de carnificinas, cinco viragens de luz ardente dos sóis, cinco viragens de espetáculo cegante, o *venatus magni* estava acontecendo.

Leona observou as catapultas da fortaleza de Quebramar dispararem seus barris de piche fervente. Os primeiros tiros foram apenas de alerta; os projéteis dispararam pelo ar e mergulharam na água com um chiado cruel. Mas a ameaça de imolação foi o bastante para fazer os gladiatii correrem de um lado para o outro, e o caos irrompia nos conveses em pequenas disputas pelo comando.

Ragnar de Vaan logo assumiu a liderança do navio dourado, e o público vibrou quando ele acabou com um breve motim de outro Lobo de Tacitus enfiando a espada pela garganta dele e o chutando sobre a amurada. A água abaixo logo espumou vermelha quando pelo menos quatro dragões-tempestade despedaçaram o homem. Berrando para os remadores, Ragnar assumiu o timão e virou o navio na direção da fortaleza.

Comemundos, do Colégio Phillipi, assumiu o comando do navio azul logo em seguida, e a tripulação começou a remar para as fortificações. O convés do navio branco estava um completo caos, com os Dragões de Trajan disputando a precedência com gladiatii de vários outros colégios. A multidão ovacionava o açougue em que o navio tinha se convertido, com sangue escorrendo pelo assoalho.

Leona olhou para os vermelhos e viu que o galeão estava a caminho, com os Falcões-de-Sangue de Artimedes no timão. Conseguiu avistar Corvo e Furian na proa, de espadas à mão, o navio rumo às fortificações. Mas então viu mais de uma dúzia de Leões de Leonides agrupando-se às costas dos dois. Não satisfeitos em esperar até a fortaleza, os gladiatii de Leonides pareciam determinados a pôr fim nas esperanças de vitória de Leona bem ali e no ato.

A dona olhou para o pai e encontrou o homem a encarando com um sorriso.

– Apenas negócios – ele sussurrou.

—Eles estão vindo – murmurou Furian.

– Eu sei – respondeu Mia.

– Não morra antes de eu matar você.

– Não é aqui que vou morrer.

Os Leões atacaram sem cerimônias, e Mia e Furian se viraram para enfrentá-los, aço contra aço. A multidão entrou em êxtase com uma traição tão repentina e vil. Mia e Furian foram sendo forçados para trás até encostarem na figura de proa.

Embora em desvantagem numérica, tinham escolhido bem o terreno da batalha: a proa era estreita, afunilando os Leões e fazendo os seus números não pesarem tanto. Mia invocou as sombras sob os pés de um Leão que investia, mas não conseguiu controlá-la com os três sóis ardendo no céu. Foi obrigada a confiar apenas na sua velocidade, no treinamento com Mercurio, Solis e depois Arkades, as viragens, semanas e meses passados com alguma lâmina nas mãos.

Nisso, e na medida de Desmaio que Ashlinn misturara na água dos gladiatii, claro.

Não era uma dose grande; não o bastante para fazê-los sonhar. Mas ela sabia que qualquer um que tivesse tomado uma concha cheia já estaria sentindo o efeito, e parecia que os Leões que os atacavam tiveram muita sede antes da luta. Mia esquivou-se para a esquerda, e o Leão tropeçou, xingando quando a garota abriu um corte fundo na sua coxa com o gládio. Ele investiu, mas ela desviou e empurrou o escudo dele para o lado, fazendo a espada cair dos dedos atrapalhados e sair rolando pelo chão com um barulho metálico.

Furian se movia feito água; o cabelo comprido e escuro esvoaçava

atrás de si enquanto ele afastava os Leões com seu escudo largo. Aparou um golpe com a própria lâmina, e o contra-ataque fez a espada do outro cair girando na água. As catapultas dispararam outra salva, o fogo riscou o ar e acertou a lateral do navio. As chamas explodiram, um estrondo trovejante que encobriu a multidão. Homens caíram gritando no convés e gemendo na água, os dentes dos dragões luzindo e mordendo na espuma vermelha. A fumaça negra pairava sobre as faíscas dançantes, sobre o fedor de carne e óleo queimados. E Mia ergueu a espada e atacou de novo o inimigo.

O homem cambaleou, um pouco tonto de Desmaio, o suficiente para dar a vantagem à garota. Um golpe sibilante da lâmina de Mia abriu a garganta dele, no mesmo instante em que Furian dava cabo do inimigo com uma estocada curta e mortal. Apesar da carnificina, apesar do medo, ela se sentia exultante, com o sangue frenético e a pele arrepiada. E, ao baixar a vista para o assoalho, percebeu que sua sombra se mexia por conta própria, escorrendo como melado pelo sangue derramado, na direção da sombra de Furian, que retribuía o gesto.

Como amantes separados.

Como um quebra-cabeça à procura das peças faltantes de si mesmo.

Mia balançou a cabeça. Sem fôlego. Faminta. O caos havia irrompido no convés, gladiatii voltando-se uns contra os outros enquanto os Leões atacavam Mia e Furian e a breve aliança ruía. Aço batia em aço, gritos de guerra e de agonia cortavam o ar, outro barril de piche em chamas explodiu no alto e fez chover fogo líquido no convés. Os Leões recebiam ataques por trás, enquanto Furian e Mia recuavam até a proa, lutando para sobreviver. A garota percebeu que o navio dourado tinha chegado ao forte e seus gladiatii assumiram o controle das catapultas de maquinaria. O galeão branco estava quase todo em chamas, o azul quase igual, com a madeira rangendo e os homens gritando ao bater de frente contra a fortaleza. Os azuis atacaram com um grito sanguinário; subiram pelas escadas de corda até as ameias, e os dourados foram ao encontro deles com tudo.

Outro barril de fogo atingiu os vermelhos, dessa vez na popa, sacrificando os gladiatii no timão. Os remadores trabalhavam duro, desesperados para chegar ao forte e escapar daquele caixão flamejante. Mas sem ninguém para conduzir, e com o timão em chamas, o navio passou direto, os remos partindo-se como varetas queimadas contra a plataforma. A embarcação balançou. Furian caiu de joelhos, e o mesmo quase aconteceu com Mia.

– Vamos! – gritou Mia, embainhando as lâminas e correndo para dar um salto por cima da amurada. Com as mãos esticadas ao máximo, agarrou uma escada de corda pendurada na ameia que pendia perigosamente sobre a água. Furian a seguiu e saltou para a escada ao

lado; os remadores e outros gladiatii logo fizeram o mesmo. Um Leão deu um salto desesperado e agarrou-se à escada abaixo de Furian, apenas para levar uma bota na cara que o mandou para as águas revoltas com um grito. Com a fumaça ardendo nos olhos, Mia conseguiu subir pelas muralhas da fortaleza. O fedor de óleo fervente e tripas abertas era esmagador.

A multidão cantava, ovacionava, extasiada com o massacre e o espetáculo. Mia piscou o suor dos olhos e sentiu Furian saltar a ameaça depois de si sem nem olhar para ele. Como na viragem em que brigaram no quarto dele, ela sentia o puxão na sombra, a fome dentro de si erguendo-se como se tivesse vida.

E, ao olhar para seus pés, viu que as sombras dos dois estavam completamente enlaçadas.

– Que abismo está acontecendo? – ela balbuciou.

**L**eonides soltou um palavrão pesado, erguendo-se do assento e rugindo. Era difícil ver com a camada de fumaça, mas parecia que restavam ao grande sanguila pouquíssimos guerreiros na batalha. Leona observava os galeões vermelho e branco começarem a afundar, os remadores pulando na água preferindo o risco dos dragões a morrerem queimados. A água era uma sopa revolta de nadadeiras dorsais, rabos partidos e gemidos, a multidão vibrava à medida que aquele pequeno mar se avermelhava.

Leona observava Corvo, forçando a vista. Alguma coisa roía-lhe as entranhas. Havia algo na garota... algo estranho que não conseguia dizer ao certo. O jeito como se movia entre os Leões; ela provava ser a campeã que Leona nomeara. Mas havia algo estranho na maneira como ela lutava. Golpeando com o gládio, estocando, socando, chutando...

*...mas sem usar a adaga.*

Leona se levantou, estreitando os olhos através dos fumos escuros, observando Corvo lutar sobre as ameias ao lado de Furian. A dupla era arrasadora, decepando todos diante de si e avançando devagar para o meio do forte. Mas a suspeita da dona se confirmou. Mesmo quando a chance de um golpe com a adaga se apresentava, Corvo a usava apenas para aparar os golpes dos oponentes. Ela tinha usado a lâmina menor com toda a despreocupação durante as execuções, mas agora durante o *magni*...

– Ela só golpeia com o gládio... – murmurou Leona.

A magistrae se voltou para sua senhora.

– Domina?

Leona sentiu um frio na barriga. Lembrou-se da viragem em que apresentara Corvo com a armadura, o gládio e a lâmina de aço negro

de Liis para combinar. Observou a luz dos sóis refletir-se na lâmina prateada na mão da garota naquele momento, e teve a certeza terrível de que...

– ...esta não é a adaga que eu dei para ela.

Ashlinn e Mercurio caminhavam pelas entranhas da arena, através de corredores sinuosos e por baixo de arcadas de pedra, seguindo um rastro pegajoso e vermelho. Passaram por patrulhas de soldados, faxineiros, criados, mas quase todos que tinham olhos estavam no andar de cima assistindo ao *magni*. Os dois podiam ouvir os sons do conflito lá em cima, os estrondos ocos e os uivos do público.

No fim do corredor, viram um par de portas largas de madeira, com dois legionários especialmente frustrados de guarda, a cabeça inclinada para cima na tentativa de ouvir a carnificina na arena. O mais alto endireitou o corpo ao ver Mercurio se aproximar, olhando o velho de alto a baixo antes de fixar-se em Ashlinn.

– Você tem...

Ashlinn se curvou e fez um pequeno globo branco quicar no chão de pedra. A dupla teve tempo para registrar o vidro-falso antes de ele explodir com um ruído seco e uma nuvem alva de gás preencher o ambiente. Ash e Mercurio esperaram para ver se alguém apareceria correndo por causa do barulho, mas o volume do público e do conflito lá em cima parecia ter abafado a explosão com sucesso.

Amarrando lenços grossos ao redor do rosto, os dois entraram na sala, fechando a porta atrás de si. A inscrição na placa sobre as portas estava agora bem visível:

NECROTÉRIO.

Sangue nas mãos e na língua.

Sangue nas lâminas e nos olhos.

Mia lutava no topo das ameias; a pedra estava escorregadia de sangue. Aglomerados de gladiatii atacavam-se com espadas e facas, aço soando contra aço, gritos de guerra preenchendo o ar. Comemundos, campeão do Colégio Phillipi, estava encharcado de sangue dos pés à cabeça, empunhando uma picareta de duas pontas e destroçando armaduras e escudos como se fosse papel. Ragnar, do Colégio Tacitus, também ainda estava de pé, berrando feito louco enquanto se abaixava para virar um gladiatii que o atacava por cima do ombro, direto na água abaixo deles.

A carnificina era terrível e os corpos se empilhavam; talvez restassem apenas vinte gladiatii dos quase trezentos do começo. Mia



nunca tinha visto tanto sangue derramado na vida. Furian lutava ao lado dela, tingido de vermelho até as axilas.

As sombras estavam completamente entrelaçadas agora, todas as quatro: Mia, Sr. Simpático, Furian e Eclipse, juntando-se na escuridão sob eles. Mia ouvia a multidão ao longe; observava suas lâminas dançarem no ar quase como se tivessem vida própria. Mas, mais do que isso, podia ouvir Furian, as batidas do coração dele, a respiração, e, por baixo disso tudo, por baixo do sangue, da fumaça e dos gritos ensurdecedores da multidão ébria de sangue, ela percebeu que era capaz de ouvir...

*...não os pensamentos dele, mas...*

Sua fome. Seu desejo. O que pensava de Leona, cheio de tristeza e amargura. A vontade de conquistar os louros da vitória ecoando em cada batida do seu coração. Por um momento, ela sentiu aquilo tão intensamente, tão como parte de si, que ficou tentada a simplesmente jogar a espada no chão e se deixar vencer pelo Incaído. Por sua vez, Furian também parecia senti-la, a ponto de lançar olhares para o camarote do cônsul e para o grão-cardeal entre seu rebanho covarde e cerrar os dentes de ódio.

– Aa onipotente – murmurou –, que desgraçados...

A respiração dela queimava, os olhos ardiam de suor, o pulso latejava sob a pele. A lâmina cantava no ar, e em algum lugar ao longe, vagamente, sob o barulho do público, sob o barulho das chamas, sob o barulho dos três sóis flamejando no céu, ela ouviu.

A escuridão.

Debaixo da água.

Debaixo da pele.

Debaixo da camada de mármore que cobria os ossos da cidade. A sombra dela enlaçada na de Furian, esparramando-se na dele como o sangue espalhado sobre o chão de pedra.

– *...mia...*

– Está sentindo? – ela arfou.

Furian enterrou sua lâmina em outro peito, e o sangue escorreu até cobrir suas mãos.

– Sinto *você* – ele arfou.

Girando e virando, esquivando e golpeando, o tempo rastejando.

– Sinto *nós*...

– *...mia, o que está acontecendo...?*

– Não sei – ela sussurrou.

Ela derrubou outro gladiatii, abaixando-se sob o golpe dele e cortando o tendão da sua perna.

– Mãe Negra, me ajude, eu não sei...

Comemundos ergueu a picareta e partiu para cima de Mia com passos que faziam a pedra tremer. Por trás, ela sentia Ragnar e Furian

com as lâminas travadas uma na outra. Mesmo com Desmaio nas veias, os homens eram campeões, veteranos de dezenas de massacres, duros feito aço. Mas Mia ainda conseguia sentir Furian, as sombras dos dois completamente amalgamadas, aninhadas, dançando no sangue. Era como se ela tivesse dois pares de olhos, dois corações, duas mentes, duas vezes mais força, duas vezes mais determinação, duas vezes mais fúria. Comemundos girou a picareta em direção à cabeça dela, e ela sentiu a mão de Furian sobre a sua guiando o contragolpe. Furian atacou Ragnar e sentiu a mão de Mia na sua espada. Aglutinados, unidos, sem distinguir onde um acabava e o outro começava. Ali, sob os sóis ardentes, ainda que por apenas um instante, o quebra-cabeça parecia ter encontrado a peça que faltava.

O gládio dela rasgou a carne atrás do joelho de Comemundos, cortando o tendão até o osso. Furian desarmou Ragnar com um golpe-relâmpago, mas o vaaniano agarrou-se ao Incaído e os dois caíram no chão, trocando socos sobre a pedra manchada de vermelho. Quando as mãos de Ragnar apertaram o pescoço de Furian, Mia sentiu a própria garganta apertada. Resfolegou, sufocando, sentindo a picareta de Comemundos bater contra suas costelas. Tanto ela como Furian gritaram de dor, e Mia deixou escapar sua adaga, que escorregou ruidosa pela pedra até parar ao lado de Furian e Ragnar.

O vaaniano apertou ainda mais o pescoço de Furian, e Mia sentiu falta de ar. Comemundos a jogou no chão e deu-lhe um soco na cabeça, arrancando seu elmo e mandando o gládio pelos ares. Ela não conseguia respirar, não conseguia enxergar, as mãos de Ragnar em Furian a sufocavam. Tateando pela pedra enquanto a multidão berrava a plenos pulmões, os dedos de Furian encontraram o cabo da faca caída de Mia. Comemundos bateu a cabeça dela no chão, uma vez, duas, três, quatro vezes, a luz dos sóis queimando os olhos dela.

Os dedos de Furian se fecharam no cabo da adaga de Mia.

– Furian – Mia resfolegou. – Não vai...

Com um grito desesperado, o Incaído ergueu a faca e a cravou no buraco entre a espaldeira e o peitoral de Ragnar.

A multidão perdeu o fôlego.

Furian gritou triunfante.

E a adaga retrátil de Mia deslizou para dentro do seu cabo.

—Ei.

Sidonius sentiu um chute de leve no braço. A barriga se revirou, mas o gladiatii permaneceu de olhos fechados, prendendo a respiração.

Então houve outro chute de um dedo especialmente ossudo.

– Ainda consigo ver a sua marca de escravo, defunto. Que bom que os caras que trouxeram vocês para cá nem se deram ao trabalho de

tirar os seus elmos. É hora de levantar.

Sidonius abriu a mais mínima fenda dos olhos e viu um velho em farrapos inclinado sobre si. Tinha olhos azuis, um tufo de cabelo grisalho, uma cigarrilha acesa nos lábios.

– Você é... Mercurio? – ele sussurrou.

– Não, sou a amante do grão-cardeal. Agora de pé.

Sidonius sentou-se no chão do necrotério, rodeado por centenas de corpos mortos. Viu uma garota esbelta usando uma armadura de guarda diante do “cadáver” de Fazondas, dando-lhe tapinhas nos ombros.

– Você é Ashlinn – sussurrou Sidonius.

– Prazer em conhecê-lo – confirmou a garota. – Agora, é sério, levanta daí porra.

Cantespadas, já de pé, tirava o elmo ainda encharcado de sangue. Com um sorriso de orelha a orelha, Sidonius tirou o próprio elmo, enfiou a mão por trás do pescoço e puxou a bexiga furada de baixo do peitoral. Ainda sentia o sangue de galinha nas costas, coagulando numa sujeira oleosa e grudenta.

– Os baldes no carrinho de mão – disse Mercurio. – Lavem-se, vistam-se. Precisamos sair antes de o *magni* terminar. E não falta muito tempo.

Os Falcões alternaram-se para lavar o sangue o melhor que podiam e colocaram as roupas que lhes deram: as armaduras dos guardas inconscientes para dois, farrapos para o resto. Sidonius punha o elmo de aço do guarda, o peitoral de couro, e olhava para cima enquanto a multidão gritava frenética.

– Como vocês acham que ela está? – ele murmurou.

Fazondas lhe deu um tapinha no ombro.

– Tenha fé, irmão. Ela nos trouxe até aqui.

– Com muito mais do que uma ajudinha sua – sorriu Bryn.

– É, mas tinha que ser sangue de galinha? – perguntou Carniceiro com uma careta. – Fede.

Fazondas deu de ombros.

– É o que me ensinaram no teatro.

Mercurio fechou a cara e tirou a cigarrilha da boca.

– Tenho consciência de que as chances de os administratii enviarem uma equipe de buscas atrás de um bando de gladiatii mortos são pequenas, mas se vocês já terminaram de papear, temos uma fuga ousada para empreender. – O velho gesticulou para a porta. – Então, se os senhores filhos da puta não se importarem...?

– Peço desculpas – sussurrou Ashlinn. – Ele é sempre assim.

Sidonius endireitou o elmo e aprumou os ombros. Com os camaradas atrás, marchou para o corredor. As entranhas da arena estavam praticamente vazias, com todos os olhos no espetáculo acima.

O grupo avançou rápido pelos corredores, Ashlinn à frente, até depararem com uma pequena entrada de serviço, trancada com uma barra.

Ash abriu a porta, que dava para um pequeno beco. Dois guardas estavam jogados no chão; se mortos ou dormindo, Sid não conseguia dizer. Mas também viu uma pequena carroça de mercador e uma bela loira sentada no assento do cocheiro. Ela olhou para eles e sorriu.

– Esta é Belle – disse Mercurio. – Vai levar vocês para o outro lado do aqueduto. Uma mercadora de escravos chamada Bebelágrimas espera vocês no continente.

– Mercadora de escravos? – bufou Cantespadas.

– Ela deve um favor a Mia – Ashlinn disse. – O maior tipo de favor que existe. Ela está com a papelada que prova que vocês compraram a própria liberdade. E tem contatos com os administratii para que consigam remover as marcas. Agora vão.

– Mia... – começou Sid.

– Vão.

Bryn e os outros já estavam na carroça. Fazondas pegou Sidonius pelo braço e o içou para a caçamba. A garota bateu com as rédeas e lá foram todos, quicando pelas pedras da rua e atravessando Godsgrave.

– Belos cavalos – disse Bryn, acenando com a cabeça para os animais que puxavam a carroça.

– O preto se chama Ônix – disse a garota com um sorriso. – E a égua branca se chama Pérola.

Sidonius subiu no assento do cocheiro e tentou parecer formal com o uniforme. Ele notou que suas mãos tremiam, seus joelhos fraquejavam, todo aquele esforço o deixando vazio. Depois de semanas tramando, interpretando um papel, rezando para que eles conseguissem, a adrenalina começava a esvair-se das suas veias, deixando-o exausto e...

– Não tenha medo – disse a garota, apertando a mão dele. – Tudo vai ficar bem.

Sidonius a olhou de alto a baixo. Tinha olhos grandes e escuros. Era pouco mais do que uma criança.

– Como você sabe? – ele desdenhou.

– Porque as vozes na sua cabeça que dizem o contrário são apenas o Medo falando. Nunca o escute.

A garota sorriu, voltando os olhos para a estrada aberta.

– O Medo é um covarde.

**M**ia gemeu quando Comemundos bateu de novo sua cabeça contra o chão de pedra, com os polegares apertados contra os seus olhos. E, deslizando a adaga de ossário da braçadeira no pulso, enfiou a lâmina

por baixo do queixo do campeão até o cérebro dele.

Comemundos guinchou e caiu de lado. Levantando-se com um salto, Mia pegou seu gládio e avançou pela ameia, os lábios arreganhados numa carranca. Ragnar, com as mãos no pescoço de Furian, levantou os olhos para a garota que corria em sua direção. Ergueu os braços para defender-se do golpe, mas o Desmaio ainda vibrava em suas veias e a lâmina de aço liisio cortou seu pulso e partiu seu elmo, espalhando carne e sangue pelo ar. Mia puxou a espada de volta, e o corpo do campeão caiu para trás num esguicho vermelho.

Furian se livrou do cadáver com um chute e levantou-se com um salto, a adaga de Mia ainda na mão, os olhos escuros penetrando ardentes nos dela. A multidão rugia sedenta de sangue. Das centenas de homens e mulheres que entraram na areia, apenas dois permaneciam agora. Embora não pudessem ouvir as palavras que os Falcões trocavam entre si por causa da distância, dos urros dos companheiros, do sangue pulsando nas veias, todos sabiam que o combate logo terminaria. O fato de que os dois eram companheiros de colégio não fazia diferença. Só havia uma maneira de aquilo acabar.

– *Todos devem cair para um se levantar!* – veio o grito.

Mia e Furian trocaram olhares em meio à carnificina, as sombras fervilhando a seus pés. Se antes estavam enlaçadas, amalgamadas numa treva perfeita, agora estavam encolhidas, agitando-se, unhando-se furiosas.

– Então – acusou Furian, arremessando a adaga aos pés de Mia –, mentirosa até o fim.

O público era um urro distante. A arena, um cenário esmaecido, pálido e translúcido. Mia conseguia sentir a cidade de Godsgrave ao redor, escaldada pelos sóis terríveis. Sentia-a como uma coisa viva, sentia o ódio e a fúria incrustados nos ossos, como na veratreva de muito tempo atrás, quando ela não conseguiu matar Scaeva na Basílica Grande.

Sentia-a como a si mesma.

– Furian... – ela começou.

– Você não aprendeu *nada* sobre honra no seu tempo de arena. Pensei que tinha dito que não era heroína. Que se quisessem ajuda, tinham que se ajudar.

– E eles *se ajudaram*, Furian – retrucou Mia. – Nós nos ajudamos.

– E por quê?

– Porque eles são meus amigos. E não mereciam morrer.

– Mas morrerão – ele disparou. – Como os traidores que são. Quando eu for nomeado vencedor, a primeira coisa que farei é revelar a sua trama aos editorii. E todas as suas mentiras não adiantarão de nada.

Ele fez uma pausa para pegar uma espada ensanguentada do meio

da carnificina.

– Não dá para limpar as mãos lavando-as com mais sangue, Furian – disse Mia.

– Eu me entrego ao Onividente.

– Furian, você não está sentindo? Veja as nossas sombras! Ouça!

– Não ouço nada – ele esbravejou. – Exceto a bruxa que estou prestes a matar.

– Não!

O Incaído avançou sobre o piso de pedra, empunhando a espada ensanguentada. O urro da multidão voltou a desabar sobre Mia, um maremoto ensurdecador soando dentro do crânio. O tempo rastejava, segundo a segundo, a boca de Furian estava aberta num rugido, a espada bem erguida.

Ela não queria matá-lo.

Mas também não queria morrer.

– ...*mia*...?

– Todos devem cair para um se levantar! – veio o grito.

– ...*mia*...?

*Todos devem cair para um se levantar.*

E então ela se moveu, nobre amigo. Como o vento. Como a água. Como as sombras. Esquivando-se por baixo do golpe que cortava o ar na direção da sua garganta, o aço assoviando a um triz da sua pele. As trevas sob os dois se unham e se rasgavam, negras como a tinta sobre a pedra ensanguentada, com ódio, fome e algo próximo à tristeza. O gato de sombras chiou, a loba de sombras rosnou e a garota, a Lâmina, a gladiatii golpeou, a ponta da espada acertando o pescoço do Incaído.

Houve um esguicho vermelho. Um fôlego vazio. Mia sentiu dor e levou a mão à garganta como se ela própria tivesse levado o golpe. Nada de bexigas cheias de sangue de galinha agora. Nada de tramoias. Nada de jogos. O sangue dele era tão real quanto a luz dos sóis na pele dela.

Furian olhou para Mia com os olhos arregalados de surpresa. Com as mãos na garganta, ele se virou para o camarote dos sanguilas, olhando para sua domina. Mia sentiu tudo. Arrependimento. Tristeza. E pediu para que Sr. Simpático e Eclipse esgueirarem-se pelo chão e, no último suspiro dele, arrancarem seu medo.

E, com um último suspiro, o Incaído caiu.

Mia sentiu uma martelada na espinha. Um pico de sangue nas veias, um arrepio na pele, cada terminação nervosa ardendo. Ela caiu de joelhos, o cabelo esvoaçando numa brisa fantasma, a sombra torcendo-se em linhas enlouquecidas e irregulares sob si, Sr. Simpático, Eclipse e mil outras formas rabiscadas nos desenhos sobre a pedra. A fome dentro dela estava saciada, o desejo eliminado, o vazio

repentina e violentamente preenchido. Uma ruptura. Um despertar. Uma comunhão pintada em vermelho e negro. E, com o rosto voltado para o céu, por um instante, um átimo só, ela viu. Não um campo infinito de azul ofuscante, mas um negro sem fundo. Negro, inteiro e perfeito.

Repleto de minúsculas estrelas.

Pendendo sobre ela no céu, Mia viu um globo de luz pálida brilhar. Como um sol, mas não vermelho ou azul ou dourado nem ardendo com um calor furioso. A esfera era de um branco fantasmagórico, emanando uma luminância pálida e projetando uma sombra comprida a seus pés.

– OS MUITOS ERAM UM.

– *Corvo! Corvo! Corvo! Corvo!*

– E SERÃO DE NOVO.

Um grito rasgou seus pulmões, comprido, agudo e lamentoso. O céu se fechou com tudo, o fogo dos sóis trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Ela estava de joelhos sobre as pedras ensanguentadas, a arena ecoava, o público de pé gritava “*Corvo! Corvo! Corvo! Corvo!*”, uma corrente arquêmica dançava em sua pele, arrebatando-a na onda de euforia. Havia sangue nas mãos. Sangue na língua.

Furian morto diante dela.

Ela baixou a cabeça. Arfante. A respiração queimando os pulmões. Cheia e vazia ao mesmo tempo. Triunfante. Todos os quilômetros, todos os anos, toda dor, e ela tinha conseguido.

Ela vencera.

Mas algo...

...algo estava diferente.

E, baixando o olhar, viu sua sombra, agora parada como água de açude, empoçada nas pedras manchadas de sangue sob si.

Escura o bastante para quatro.

---

46 Um embate infame nos primeiros anos de Itreya, e talvez a maior batalha marítima já travada sob os três sóis. A Batalha de Quebramar envolveu quatro esquadras enormes; a Marinha de Itreya sob o comando de Francisco I, o Grande Unificador, e uma esquadra mercenária do estado-vassalo de Vaan lutaram contra os navios dos clãs dweymeris sob o comando do bara Dançassóis do clã Três Dragões, e uma armada de lordes piratas que tinha jurado resistir ao domínio itreyano sobre os mares.

Como você pode imaginar, a resitência durou tanto quanto uma garrafa de vinho d'ouro de primeira num bordel cheio de bêbados.

# Capítulo 35

Ir

Leona gritou junto com os outros, o coração na garganta. Algo entre êxtase e agonia ao ver Furian desabar e Corvo cair de joelhos perante o cadáver, triunfante. Ela tinha conseguido. Tinha ganhado a vitória para o Colégio Remus. Todos os sonhos de Leona se realizaram. Todo sacrifício seria recompensado.

Mas a adaga que Corvo usara durante o *magni* era falsa.

O que queria dizer que as execuções...

– Mi dona, uma taça?

Leona piscou de volta à realidade e se voltou para o escravo que tinha se materializado ao lado dela, um velho com uma bandeja de prata, cálices e uma garrafa do melhor vinho d'ouro. Era um dos doze servos que circulavam pelo camarote dos sanguilas servindo novas taças aos senhores de sangue enquanto eles se levantavam para aplaudir Leona de má vontade. O *magni* foi uma luta dura, mas também gloriosa, e era hora de os homens que mais lucravam honrarem os jogos e a sua vencedora com um tradicional e bem merecido vinho d'ouro.

A marca circular na bochecha do velho parecia recente, um pouco escura demais. Os olhos azuis brilhavam como navalhas, e algo nele produziu um desconforto em Leona. Ela olhou para o cálice que ele oferecia e balançou a cabeça.

– Não – ela murmurou. – Obrigada.

Leona voltou a olhar para o centro da arena e viu Corvo de pé em meio à carnificina. A garota ergueu o gládio ensanguentado e o público explodiu. Todos estavam de pé: desde os ministros da igreja de Aa até o povo, passando pelo camarote do cônsul. O próprio Scaeva estava em pé, com seu garotinho sobre os ombros, comemorando alto.

Ninguém enxergava?

Eram todos cegos?

– Mi dona? – perguntou o velho de novo.

– Eu disse não – estrilou Leona. – Desapareça.

– Talvez apenas a taça, então – ele disse, forçando o cálice na mão dela.

A dona fechou a cara, prestes a humilhar o velho tolo pela petulância. Mas então reparou na safra da garrafa. Um rótulo que ela reconhecia da infância, uma lembrança que estava gravada na mente. A garrafa na mão do pai, salpicada de sangue enquanto a mãe gritava.

– Albari – ela balbuciou. – O 74.

– Bela bebida – comentou o velho.



– Suma! – a magistrae estourou. – Antes que eu mande te espancarem pela impertinência!

O velho se voltou para magistrae e fixou nela os olhos azuis como gelo. Ele soltou a bandeja carregada nos braços da mulher irritada, em seguida enfiou a mão na túnica e sacou uma cigarrilha de cravo cara, que meteu nos lábios.

– Sabe – ele resmungou –, existe um lugar especial no abismo reservado a quem assassina garotinhas.

O coração de Leona parou. Ela olhou para Anthea, então para o pai. Homem de jamais desperdiçar uma boa bebida, ele erguia a taça de Albari 74 com os outros, os olhos azuis cintilantes cravados nos dela enquanto ele e os colegas bebiam. Talvez ele pensasse que fosse coincidência. Talvez simplesmente não se importasse. Mas depois que tinha bebido fundo do cálice, ele olhou para a filha e lhe deu um sorriso sombrio.

Leona olhou para o cálice que o velho lhe tinha dado. Uma pequena tira de pergaminho estava enfiada no fundo, cinco palavras escritas em tinta preta:

*Toda gratidão que consegui juntar.*

Abaixo, havia um esboço de um corvo em pleno voo sobre espadas cruzadas.

O brasão da família Corvere.

Leona olhou nos olhos do velho. Os dela estavam arregalados de compreensão. O velho sacou uma pederneira, acendeu a cigarrilha e tragou fundo.

– Caso queira, encontrará Arkades em Pontenegra – ele disse. – Se dá valor ao seu lindo pescoço, melhor não voltar ao Ninho do Corvo. Vão tomar tudo de você. A sua casa. O seu colégio. A sua fortuna. Mas ainda terá sua vida se fugir agora. Isso foi tudo o que ela quis lhe deixar.

O velho fechou a cara para Anthea mais uma vez, então deu meia-volta, passou pelos sanguilas e desceu as escadas. Leona olhou de novo para o pai, depois para a magistrae. A voz de Mía ecoou na sua cabeça:

*Olhe para os mais próximos...*

– Preciso ir ao banheiro – ela disse. – Não me sinto bem.

– Mas, domina – começou a magistrae. – As suas honras? Eles vão apresent...

– Será apenas um instante. Espere aqui até eu voltar.

A magistrae franziu a testa, mas curvou a cabeça.

– Seu menor suspiro é uma ordem.

Leona acenou com a cabeça para os guardas, segurou a saia do vestido e começou a subir as escadas. Então pausou e olhou para a magistrae:

– Ah, e Anthea? – Ela gesticulou para a bandeja nos braços da mulher. – Sirva-se de um cálice enquanto eu estiver fora.  
– Sim, domina – disse a mulher, confusa. – Obrigada, domina.  
– Não há de quê – respondeu Leona, dando-lhe as costas. – Acho que você merece.

**P**aciência.

Mia estava de pé na plataforma central, firme como as pedras à sua volta. A lembrança daquele globo único e brilhante no céu estava gravada na sua mente. A voz ecoando no seu crânio. Apesar dos três sóis ardendo no alto, seu controle sobre a escuridão parecia mais forte depois da morte de Furian. Mais profundo, de alguma maneira *mais rico*, a sombra a seus pés ondulando, girando, escorrendo pelo chão na direção de...

*Scaeva.*

*Duomo.*

*– ...eles estão vindo...*

*– ...sempre a observadora...*

Ela conseguia vê-los, caminhando em direção à beira da arena. A multidão abrindo-se como um mar diante da onda de luminatii que os precediam. Mia ouviu um gemido de maquinaria, as águas infestadas de dragões num turbilhão à medida que uma grande arcada de pedra emergia do chão da arena. Com água do mar jorrando das laterais, a estrutura deslizou e formou uma ampla ponte entre a beira da arena e a plataforma central. Scaeva estava de um lado, o filho nos ombros, erguendo os três dedos para abençoar o público fanático.

*– ...ele está com o menino...*

*– ...e? ele não viu nada de errado em assassinar o pai de mia diante dela...*

*– ...tão sedenta de sangue, cara vira-latas...*

*– ...prepare-se, pulguento. é hora do pequeno lucius aprender as realidades duras da vida...*

Mia fixou os olhos em Scaeva em sua opulenta toga púrpura, Duomo atrás dele nas vestes vermelho-sangue de cardeal. Ela assistiu a meia dúzia de ajudantes tomarem o cajado da mão dele, tirarem-lhe as vestes. Por baixo delas, o grande santo trajava uma camisa esfarrapada de estopa, descalço. Ele tirou os anéis, as pulseiras de ouro e, por fim, a trindade de Aa que pendia do seu pescoço.

Estava despido.

O homem mais santo da República. A Mão de Deus em pessoa, reduzida a um mendigo, como o Pai da Luz na velha parábola ao conceder a liberdade ao escravo generoso. E, em breve, a campeã do *magni* experimentaria a mesma liberdade, concedida pela voz do

Onividente na terra.

Mas primeiro vieram os luminatii e um bando de atendentes da arena. Marcharam pela ponte de pedra enquanto dragões-tempestade gordos e saciados a cruzavam por baixo. Uma centúria inteira de soldados, trajando armaduras de ossário, as lâminas de aço-solar ondulando com chamas santas. Ao chegarem no forte, cercaram Mia, e os atendentes puseram-se a trabalhar, jogando os corpos dos gladiatii mortos das ameias para as águas revoltas. Ela lançou um olhar para o corpo de Furian, observou-o girar no ar e afundar no azul; e as sombras aos pés dela tremeram. Um centurião luminatii pôs-se diante de Mia e, sem palavras, estendeu a mão, olhando para o gládio ensanguentado da garota. Mia entregou a espada sem piscar.

Enquanto o público cantava e comemorava, os atendentes rapidamente lavaram o sangue, juntaram as armas caídas e as jogaram na água, para junto dos cadáveres dos seus donos, então se retiraram apressados pela ponte. Mia ficou rodeada de luminatii por todos os lados, cem contra uma.

– Ajoelhe, escrava – ordenou o centurião.

Mia obedeceu, joelhos e mãos apertados contra a pedra, a cabeça curvada.

A adaga de ossário estava mais uma vez escondida na braçadeira de ferro em seu punho.

As trombetas soaram. A procissão começou. Duomo primeiro, os ombros largos endireitados, a barba eriçada, os três dedos em riste enquanto marchava pela ponte cercado de ainda mais legionários. Depois veio Scaeva, acenando para o público jubiloso, o filho montado em seus ombros segurando os louros dourados da vitória. Mia manteve a cabeça baixa, um olhar fulminante para o cardeal que se aproximava, os luminatii que a cercavam abrindo passagem.

Duomo parou diante dela e olhou para baixo com um sorriso doce. Fazia anos que ele não a via. Ela tinha um rosto novo e cicatrizes novas dessa vez. Mas, ao olhá-lo nos olhos, procurou algum sinal de reconhecimento. Algum fragmento de compreensão sobre quem estava ajoelhada diante dele. Algum reconhecimento de tudo o que ele tinha feito.

Nada.

*Ele nem me reconhece.*

Mais luminatii, com Scaeva marchando atrás, sem pressa. Exibindo o filho para o público. E, à medida que sua comitiva se aproximava cada vez mais, além do frio teimoso na barriga, Mia sentiu. A sensação já lhe era familiar.

Fome.

*Desejo.*

O querer de um quebra-cabeça à procura de uma peça de si mesmo.

*Dentes da Fauce...*

Ela arregalou os olhos. A boca estava seca como cinzas.

*Alguém aqui é sombrio...*

Ela procurou entre os soldados, mas não sentiu nenhum sinal de fome. Com o coração disparado, olhou para Duomo, mas não... seria impossível. Tinha-o visto segurar uma trindade na mão; se fosse sombrio, os símbolos de Aa o afastariam, como acontecia com ela...

Ah, Mãe Negra...

*Scaeva?*

Seu coração estava apertado. Os olhos arregalados. Mas ela também o tinha visto na veratrega em que atacara a Basílica Grande. Entre os bancos da casa santa de Aa, sem sofrer qualquer efeito em meio aos fiéis do Pai da Luz nem dos seus símbolos. Mas...

Ah, Mãe Negra...

*O menino...*

O filho de Scaeva.

Mia olhou para ele e viu que o garotinho retribuía o olhar, com a testa franzida em confusão. Tinha cabelo e olhos escuros, como ela. E, sentindo o chão lhe faltar, viu no rosto dele, no contorno das bochechas ou talvez no formato dos lábios. Ela viu...

*– Luminus Invicta, herege – disse Remus. – Mandarei lembranças suas ao seu irmão.*

...ela viu.

*– Você tem o que é seu – disse Alinne. – Sua vitória vazia. Sua preciosa República. Espero que sirvam de consolo nas noites frias.*

O cônsul Julius baixou os olhos para Mia, com um sorriso escuro como um hematoma.

*– Você gostaria de saber qual é o meu consolo nas noites frias, pequena? Não...*

*Mia piscou na escuridão, os olhos vasculhando o interior da cela.*

*– Mãe, onde está Jonnen?*

*A mulher moveu a boca, formando palavras sem som. Bateu os lábios. Arranhou a própria pele, enterrando as mãos no cabelo sem brilho. Cerrou os dentes e fechou os olhos enquanto lágrimas escorriam bochechas abaixo.*

*– Já foi – ela murmurou. – Com o pai. Se foi.*

Não “morreu”.

Apenas “se foi”.

Com o...

...não.

*Ah, mãe, por favor, não...*

– Pai – o menino nos ombros de Scaeva chamou.

– Sim, filho? – respondeu o cônsul.

A criança apertou os olhos negros como tinta. Olhando diretamente para Mia.

– Estou com fome...

Mia voltou os olhos para a pedra. O coração trovejava agora, apesar de todos os esforços de Sr. Simpático e Eclipse. O pulso latejava sob a pele. A ideia era repulsiva demais para crer, terrível demais, mas ao olhar de novo no rosto do garoto, ela viu. O formato dos olhos da sua mãe. A curvatura dos lábios. Lembranças do bebê com quem ela brincara quando criança, seis anos e uma vida inteira atrás, inundando-lhe a cabeça e ameaçando jorrar da boca num grito.

*Jonnen.*

*Ah, doce e pequeno Jonnen.*

*Meu irmão está vivo...*

A cabeça estava a mil. O coração latejava. O suor ardia. Mia cerrou os punhos e apertou-os contra a pedra quando o cardeal Duomo se pôs diante dela, abrindo os braços e erguendo o rosto para o alto.

*Paciência.*

– Pai da Luz! – começou Duomo. – Criador do fogo, da água, da tempestade e da terra! Nós o invocamos para dar testemunho nesta que é a sua festa santa! Pelo direito do combate e da perseverança diante do seu olhar onividente, nomeamos esta escrava uma mulher livre, e imploramos que lhe conceda a honra da sua graça! Levanta-te e fala o teu nome, filha, para que todos conheçam nossa vencedora!

*Paciência.*

– Corvo! – urrou a multidão. – CORVO!

O nome ecoou nas muralhas da arena.

Reverberação.

Admoestação.

Bênção.

– *Corvo! Corvo! Corvo! Corvo!*

A garota se levantou devagar, erguendo-se feito uma montanha sob os sóis ardentes.

– Meu nome é Mia – ela disse baixo.

A mão deslizou para a adaga de ossário no pulso.

– Mia Corvere.

Duomo arregalou os olhos. Scaeva franziu a testa. A lâmina assoviou pelo ar e cortou a garganta do cardeal de orelha a orelha. Ele cambaleou para trás, sangue escuro jorrando da ferida, com os dedos na carótida e na jugular rompidas. O esguicho atingiu o rosto dela, grosso e vermelho, morno nos lábios quando ela se moveu, quando os luminatii se moveram, quando tudo ao redor se moveu. A multidão gritava horrorizava. O cardeal desabou no chão de pedra. Os luminatii gritaram, erguendo as espadas. E a garota. A Lâmina. A gladiatii. A filha de uma casa assassinada, filha de uma rebelião fracassada, vencedora da disputa mais sangrenta que a República já vira... ela atacou.

Julius Scaeva.

O medo embranqueceu seu belo semblante, os olhos escuros arregalaram-se de horror. Os luminatii correram para interceptar, mas ela era rápida como as sombras, afiada como uma navalha, dura como aço. Scaeva gritou, levantando o menino do ombro, os olhos da criança repletos de medo. E, enquanto as entranhas de Mia se reviravam, o cônsul segurou o filho como um escudo e, covarde entre os covardes, jogou-o contra Mia.

Ela gritou, com a mão estendida, os braços da criança girando como um cata-vento no ar. O mundo desacelerou até rastejar, os sóis martelando as costas de Mia, o calor das chamas de aço-solar ondulando na pele. Ela pegou o menino, segurou-o firme no braço livre e o puxou para si. E, erguendo-se sobre os dedos dos pés, girou como uma dançarina, o cabelo comprido e escuro esvoaçando, o braço esticado num arco reluzente.

Perfeição.

A lâmina afundou no peito de Scaeva e enterrou-se até o cabo. O cônsul gemeu, com os olhos arregalados. O rosto de Mia estava torcido, a cicatriz repuxando na bochecha, ódio como ácido nas veias. Todos os quilômetros, todos os anos, toda a dor, concentrando-se nos músculos do seu braço, tenso e forte para que ela puxasse a lâmina de lado, partindo as costelas dele e cortando seu coração no meio. Deixou a adaga de ossário vibrando no peito de Scaeva, o corvo no cabo sorrindo com seus olhos âmbar, o sangue escuro jorrando da ferida. E, com o garoto apertado contra o peito, ainda girando como poesia, como pintura, ela se virou para trás, para as ameias.

E caiu.

Nas viragens subsequentes, os próximos momentos seriam temas de incontáveis contos de taverna, debates em banquetes e brigas de bar por toda a cidade de Godsgrave.

A confusão surgiu por uma série de motivos. Primeiro, porque por volta desse instante que a magistrae, Leonides, Tacitus, Phillipi e quase todos os outros sanguilas e executus nos camarotes à beira das areias começaram a vomitar sangue por causa do vinho d'ouro envenenado que beberam, fato que se mostrou uma pequena distração. A plataforma central estava a uma boa distância mesmo dos assentos mais próximos, de modo que foi difícil para muitos nas arquibancadas verem. E, por fim e mais importante, o grão-cardeal e o cônsul tinham acabado de ser brutalmente assassinados pela campeã do *magni*, o que deixou todos na plateia um pouco chocados.

Alguns disseram que a garota caiu com o menino nos braços direto na boca de um dragão-tempestade faminto. Alguns disseram que ela caiu na água, mas escapou dos dragões e fugiu pelos canos que tinham trazido a água do mar para a arena. E por fim havia aqueles que –

considerados loucos e bêbados em sua maioria – juravam pelo Onividente e todas as suas quatro Santas Filhas que aquela magrela, aquele demônio envolto em couro e aço que tinha acabado de matar os dois maiores oficiais da República, simplesmente *desapareceu*. Num momento estava caindo na água sob a sombra comprida do forte, e no instante seguinte tinha sumido por completo.

A arena estava em polvorosa, em fúria, pânico e terror. Os senhores de sangue estavam caídos nos assentos ou estirados no chão, Leonides e a magistrae entre eles, todos os colégios de gladiatii da República degolados com um só golpe. Duomo jazia no forte, com o rosto sangrado pálido, a garganta cortada até o osso. E ao lado do grão-cardeal, com sua túnica púrpura empapada com o sangue escuro do coração, jazia o salvador da República.

Julius Scaeva, o Senador do Povo, o homem que vencera os Faz-Reis e resgatara Itreya da calamidade, tinha sido assassinado.

# Capítulo 36

## Godsgrave

Ashlinn atravessava a Cidade das Pontes e dos Ossos como uma faca no peito de um cônsul. Os sons de pânico levantavam-se na arena atrás dela e o coração da garota cantou quando os sinos de todas as catedrais da cidade começaram a soar as badaladas de finados.

– Mãe Negra, ela *conseguiu*.

Ela mordeu o lábio para sufocar um sorriso orgulhoso.

– Ela conseguiu.

Ash apertou o passo, avançando sobre canais e pelas ruas sinuosas do bairro medular. Os três sóis flamejavam no alto com seu calor impiedoso, o suor empapando o corpo. Ela teria feito uma pausa para recuperar o fôlego, mas a verdade é que não tinha tempo para respirar. Pelos sons do caos que emergiam da arena ao longe, a notícia da morte de Scaeava espalhava-se pela cidade como fogo em mata seca. Logo a Igreja Vermelha saberia que seu amado cliente estava morto, e toda a fúria dos acólitos de Nossa Senhora do Bendito Assassinato desabaria sobre a cabeça deles.

Ela tinha que se encontrar com Mercurio na necrópole, depois com Mia no porto. Dali, partiriam pelo azul, até um lugar em que nenhuma Lâmina nem membro do Ministério os encontrasse. Então, ela poderia descansar. Respirar. Afundar-se nos braços de Mia e nunca, jamais, soltá-la de novo.

Ashlinn seguiu à sombra das Costelas, por uma larga passagem de mármore até o Braço da Espada. O ar aos poucos enchia-se com o repicar dos sinos e os gritos apavorados que ressoavam na cidade. Um garoto a ultrapassou correndo, de olhos arregalados, acenando com a boina e estrilando:

– O cônsul e o cardeal foram assassinados!

– *Assassina!* – veio outro grito distante. – *Assassina!*

Ash chegou à cerca de ferro fundido que rodeava a casa dos mortos de Godsgrave. Esgueirou-se pelos portões altos, seguiu por uma porta gravada com relevos de crânios humanos, e desceu pelas sombras úmidas da necrópole. Rápida e silenciosa, avançou pelos túneis sinuosos de fêmures e costelas, até o túmulo de um senador esquecido havia muito. Puxou uma pequena alavanca para revelar uma porta secreta numa pulha de ossos empoeirados, e por fim, passou aos corredores da capela da Igreja Vermelha.

Escuros.

Quietos.

Seguros, afinal.



Ela disparou para os aposentos modestos de Mia, pegou um pequeno embrulho de couro com a preciosa espada de ossário. Os olhos do corvo no cabo brilharam vermelhos à luz baixa, e Ash lançou um breve olhar para a cama vazia, as paredes vazias, a escuridão vazia. Então deu meia-volta e correu para o escritório de Mercurio.

– Você está pront...

O coração de Ash parou de bater. Sentada à escrivaninha de Mercurio, com os dedos segurando o queixo, estava uma anciã de cabelo grisalho e ondulado. Parecia meiga, os olhos brilhando enquanto mediam Ashlinn de alto a baixo. Embora estivesse sentada na cadeira de bispo, não pareceria deslocada diante de uma lareira alegre com os netos no colo e uma xícara de chá na mão.

– Reverenda Mãe Drusilla – sussurrou Ashlinn.

– Ah, não, jovem dona Järnheim – a anciã disse. – Não sou a Reverenda Mãe desde que a sua traição terminou com o assassinato de Lorde Cassius. Sou a Senhora das Lâminas agora.

Ash correu os olhos pela sala. Cinco figuras, envoltas na penumbra – todo o Ministério da Igreja Vermelha – estavam à espera dela. Aalea, com seu olhar negro de morte e os lábios vermelho-sangue. Mataranhas, com o semblante fechado e uma toga verde-esmeralda. Mouser, com seus olhos de velho e sorriso de jovem. E, por fim, Solis, com o olhar cego fixo no teto, mas fulminando-a mesmo assim.

Ashlinn segurou mais firme a espada de ossário de Mia.

– Onde está Mercurio? – quis saber.

– O bispo de Godsgrave já regressou para a Montanha Silenciosa – disse Solis.

– Ele resistiu um pouco, é verdade – disse Mouser. – Receio que o tenhamos machucado.

Mataranhas olhou para Ashlinn com seus olhos negros e brilhantes.

– Alguns dentre nós esperam encarecidamente que o mesmo possa ser dito sobre você, filha.

– Por favor – gesticulou Drusilla para a cadeira à sua frente. – Sente-se.

– Ou o quê? – perguntou Ashlinn com uma raiva crescente. – Você não pode me matar como fez com meu pai, sua vaca velha. O mapa está marcado na minha pele. Se eu morrer, está perdido para sempre.

– Por favor, sente-se, dona Järnheim.

Um homem saiu do quarto de dormir de Mercurio e a barriga de Ashlinn gelou. Era alto, bonito de doer, com o cabelo escuro salpicado com discretos fios brancos. Vestia uma comprida toga púrpura e louros dourados na cabeça.

– Não... – suspirou Ashlinn.

– Se quiséssemos você morta, teríamos feito isso muito tempo atrás – disse o cônsul Scaeva. – Então, sente-se, por favor, antes que sejamos

obrigados a recorrer a... constrangimentos.

– Você está morto – resfolegou Ashlinn. – Eu vi você morrer.

– Não, você não viu – disse Scaeva. – Embora admita que a semelhança *era* extraordinária.

Os olhos de Ashlinn se arregalaram quando ela entendeu...

– A tecelã – sussurrou Ash. – Marielle. Ela colocou o seu rosto em outra pessoa...

– Você sempre foi esperta, Ashlinn – sorriu Aalea.

– Haverá de perdoar todo esse drama, espero – disse o cônsul Scaeva. – Mas tais subterfúgios são necessários para um homem como eu, com tantos inimigos.

Ashlinn estudou os rostos deles, com a mente em turbilhão.

Eles sabiam.

*Eles sabiam disso o tempo todo, porra...*

*Mas por que deixariam acontecer...*

*A não ser que quisessem que nós...*

Como um quebra-cabeça sem peças faltantes.

Todas no lugar certo.

– Você queria a morte do cardeal Duomo – ela sussurrou. – Mas não podia simplesmente mandar a Igreja matá-lo. Ele estava protegido pelo Juramento Vermelho. Só uma Lâmina teria capacidade de eliminá-lo, mas tinha que ser uma Lâmina disposta a trair o Ministério. Assim, a reputação da Igreja permaneceria intacta, e você teria a morte do seu inimigo...

– E assim que eu me revelar milagrosamente vivo para os cidadãos de Godsgrave, que tanto me adoram...

– Eles vão te adorar ainda mais.

– E *não* terão quaisquer dúvidas a respeito dos contínuos perigos que a República enfrenta.

– Garantindo o seu quarto mandato de cônsul...

– Ah, não – disse Scaeva com um sorriso largo. – Esses louros já foram garantidos. Mas o assassinato brutal do grão-cardeal diante da capital inteira durante a festa mais sagrada de Aa? Repita comigo, jovem dona Järnheim. Poderes. Emergenciais. Perpétuos.

Os lábios de Ashlinn se torceram de desprezo.

*O ego desse cretino...*

A garota soltou a bolsa com um desdém quase casual, jogou-se na cadeira oferecida e pôs os pés na escrivaninha de Mercurio, bem na cara de Mãe Drusilla. A anciã a olhou com ódio, mas a espada de ossário de Mia ainda estava nas mãos de Ash, que tamborilava os dedos no cabo.

– Previu tudo, é? – ela perguntou ao cônsul.

– O suficiente.

– Exceto a parte em que Mia rouba seu filho?

O sorriso aos poucos se desfez nos lábios de Scaeva.

– Isso foi... indesejado – disse o cônsul com um músculo saltando no queixo. – Nunca deviam ter deixado o menino acompanhar o meu dublê para a cerimônia. Minha esposa... veja, ela não pode ter filhos. Então se apegou a ele, talvez demais. – Os lábios de Scaeva se torceram num novo sorriso, pequeno e mortal. – Mas não importa. Tenho o amado professor. E agora a amante. E, por mais fria que seja, não creio que minha filha faria mal ao próprio irmão.

O chão fugiu dos pés de Ashlinn.

– Filha?

A garota sentiu o movimento atrás de si. Um breve olhar lhe revelou um garoto magro e pálido à porta, com estonteantes olhos azuis e um gibão de veludo escuro. Estava mudo como sempre, mas a faca nas suas mãos parecia afiada o bastante para cortar a luz dos sóis em seis. Na última vez em que Ash o tinha visto, ele estava preso em correntes luminatii, graças à traição dela. E ela apostava que ele era do tipo que guardava ressentimento.

– Tudo bem, Shiu? – perguntou Ash.

Ela viu outras figuras atrás dele, de cara fechada, olhar fulminante. Todas Lâminas, sem dúvida.

– Hora de ir, Ashlinn – disse Drusilla.

– Ah, não – choramingou Ashlinn. – Não posso ficar um pouco mais para ouvir o cônsul se gabar? Eu gosto *tanto* de ouvir esse babaca contar como pensou em tudo.

– Você discorda, dona Järnheim? – sorriu Scaeva.

– Receio que sim, cônsul Scaeva – sorriu Ashlinn em resposta. – Porque uma pessoa que pensa em tudo teria pensado em revistar a minha bolsa antes que eu a jogasse no chão. E uma pessoa que não gosta tanto de ouvir a própria voz talvez tivesse escutado o estopim da bomba-caixão que está lá dentro.

Drusilla arregalou os olhos. Ashlinn saltou para o lado quando a bolsa explodiu com um estrondo de romper os tímpanos. Solis foi lançado através da sala, batendo com tudo na parede; o Ministério foi pego pela bola de fogo arquêmico, Shiu foi arremessado para fora do escritório, com o gibão em chamas, e o resto das Lâminas voou feito palha.

Ash se levantou e saiu correndo, os ouvidos sangrando, as roupas fumegando, a cabeça girando por conta da explosão. Com a espada de ossário de Mia na mão, ela disparou para a necrópole; havia pelo menos três Lâminas da Igreja no seu encalço. Correndo desabalada pelo labirinto sinuoso, chegou ao andar de cima e saiu para o cemitério, os sóis martelando nas costas. Ela tinha que chegar ao porto, tinha que...

Uma adaga acertou na parte de trás de sua coxa, arranhando o osso.

Ela gritou e caiu, ralando as palmas das mãos e o joelho no piso. Com os dentes cerrados, rolou de barriga para cima e arrancou a adaga. Levantando-se com dificuldade, viu quatro Lâminas da Igreja vindo ao seu encontro. Silenciosos e cruéis, com olhares sombrios, de pedra. Matadores, todos eles. Cada um feito uma tempestade, sem pena daqueles que afogavam.

Ashlinn levantou a espada de ossário.

Lançou um olhar para os matadores e abriu um sorriso sombrio.

– Acho que é para vocês me levarem viva – ela provocou. – Sinto muito desde já...

– É – disse a mulher que os conduzia. – Sentimos muito também.

Ash piscou. A vista ficou embaçada. O mundo girou. Olhou para o sangue nos dedos trêmulos, que escorria da coxa ferida, olhou para a adaga que a tinha acertado, e só então notou a falta de cor do aço.

*Veneno.*

– Acho que eu devia ter esperado por isso... – balbuciou.

Um calafrio percorreu seu corpo, escuro e vazio. A pele ensanguentada começou a arrepiar. Os sóis ardiam no céu, mas na necrópole, as sombras eram escuras, quase negras. Uma forma se levantou por trás das Lâminas, usando manto, capuz e espadas que só podiam ser de ossário nas mãos. Golpeou o assassino mais próximo, arrancando-lhe a cabeça dos ombros. As outras Lâminas se viraram rápidas, levantando as armas, mas a figura se movia como um raio; acertou um, dois, três golpes de ossário. E quase mais veloz do que um piscar de olhos de Ash, as quatro Lâminas jaziam sangrando no chão.

– Dentes da Fauce – ela suspirou.

Não era humano. Isso estava claro. Tinha a forma de um homem por baixo do manto: era alto, de ombros largos. Mas as mãos... Sangue e abismo, as mãos envoltas nos cabos das espadas eram negras. Tenebrosas e quase translúcidas, os dedos enrolados no cabo como serpentes. Ashlinn não conseguia enxergar o rosto, mas pequenos tentáculos pretos se agitavam e volteavam dentro do capuz, baixando-o ainda mais sobre o rosto. E, embora fosse veraluz e os três sóis ardessem no céu, a respiração formava pequenas nuvens brancas diante dos seus lábios. O corpo inteiro de Ashlinn tremia de frio.

– Quem é você?

A coisa tirou o capuz. Tinha pele alva. Tranças com nós de sal serpenteando como se estivessem vivas. Olhos negríssimos e vazios. Mas mesmo com o veneno nas veias e todo o mundo em volta desfazendo-se em preto, Ashlinn reconheceria aquele rosto em qualquer lugar.

– OLÁ, ASHLINN – disse a coisa.

– Sangue e abismo – ela suspirou.

A escuridão foi se fechando.

– Tric?

# Dicta Ultima

– Não.

*Ouçõ você dizer a palavra, como se me sentasse ao seu lado no quarto. Vejo você, debruçado sobre o volume entre as mãos, com rugas na fronte e uma ofensa nos lábios, como se estivesse empoçado na sombra aos seus pés. A consciência de que não há mais páginas começa a despontar agora, e é a raiva que o faz se levantar. Eu ouço. Eu vejo.*

Não, você diz de novo.

*E o que aconteceu com Mia e Jonnen? Com Scaeva? Mercurio, Ashlinn e Tric? Os segredos dos sombrios? A Coroa da Lua? Prometi ruínas quando do seu surgimento. Luz pálida cintilando nas águas que beberam uma cidade de pontes e ossos. Todas essas perguntas por responder, e mesmo assim o livro está no fim?*

Não, você diz. Não pode terminar assim.

*Não tema, pequeno mortal. A canção ainda não terminou. Esta é a calma antes do crescendo. Este conto é apenas o segundo de três.*

*Nascimento. E vida. E morte.*

*Então paciência, nobre amigo.*

*Paciência.*

*Feche os olhos.*

*Tome a minha mão.*

*E caminhe comigo.*



# agradecimentos

Minha gratidão, tão profunda quanto a Escuridão, para as seguintes pessoas:

Amanda, Pete, Jennifer, Paul, Joseph, Hector, Young, Steven, Justin, Rafal, Cheryl, Martin, e todo o pessoal da St. Martin's Press; Natasha, Katie, Emma, Jaime, Dom, e todos da Harper Voyager UK; Rochelle, Alice, Sarah, Andrea, e todo o pessoal da Harper Austrália; Mia, Matt, LT, Josh, Tracey, Samantha, Stefanie, Steven, Steve, Jason, Kerby, Megasaurus, Virginia, Vilma, Kat, Stef, Wendy, Marc, Molly, Tovo, Orrsome, Tsana, Lewis, Shaheen, Soraya, Amie, Jessie, Caitie, Nic, Ursula, Louise, Tori, Siân, Caz, Marie, Marc, Tina, Maxim, Zara, Ben, Clare, Jim, Rowie, Weez, Sam, Eli, Rafe, AmberLouise, Caro, Melanie, Barbara, Judith, Rose, Tracy, Aline, Louise, Adele, Jordi, Kylie, Iryna, Joe, Andrea, Piéra, Julius, Antony, Antonio, Emily, Robin, Drew, William, China, David, Aaron, Terry (RIP), Douglas (RIP), George, Margaret, Tracy, Ian, Steve, Gary, Mark, Tim, Matt, George, Ludovico, Philip, Randy, Oli, Corey, Maynard, Zack, Pete (RIP), Robb, Ian, Marcus, Tom (RIP), Trent, Winston, Andy (RIP), Tony, Kath, Kylie, Nicole, Kurt, Jack, Max, Poppy, e a todos os leitores, blogueiros, booktubers, leitores do Instagram, e outras espécies de cafetões de livro que ajudaram a difundir esta série.

Ao povo e à cidade de Roma.

Ao povo e à cidade de Veneza.

E a você.



**Sua opinião é muito importante**

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**  
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jun. 2018



# Nevernight

Kristoff, Jay

9788592783259

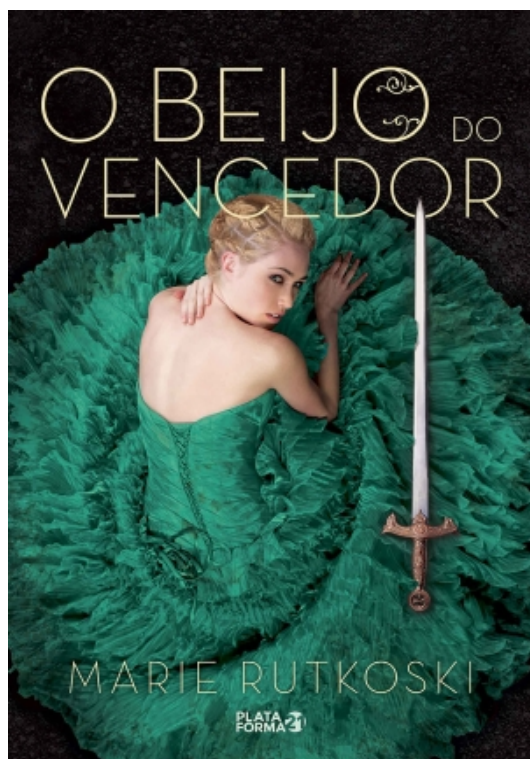
608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há histórias sobre Mia Corvere, nem todas verdadeiras. Alguns a chamam de Moça Branca. Ou a Faz-Rei. Ou o Corvo. A matadora de matadores. Mas, uma coisa é certa, você deveria temê-la. Quando ela era criança, Darius Corvere – seu pai – foi acusado de insurreição contra a República de Itreya. Mia estava presente quando o carrasco puxou a alavanca, viu o rosto do pai se arroxear e seus pés dançando à procura do chão, enquanto os cidadãos de Godsgrave gritavam "traidor, traidor, traidor"... No mesmo dia, viu a mãe e o irmão caçula serem presos em nome de Aa, o Deus da Luz. E, embora os

três sóis daquela terra não permitam que anoiteça por completo, uma escuridão digna de trevas tomou conta da menina. As sombras nunca mais a largaram. Mia, agora com dezesseis anos, não se esqueceu daqueles que destruíram sua família. Deseja tirar a vida de todos eles. É por isso que ela quer se tornar uma serva da Igreja Vermelha – o mais mortal rebanho de assassinos de toda a República. O treinamento será árduo. Os professores não terão misericórdia. Não há espaço para amor ou amizade. Seus colegas e as provas poderão matá-la. Mas, se sobreviver até a iniciação, se for escolhida por Nossa Senhora do Bendito Assassinato... O maior massacre do qual se terá notícia poderá acontecer. Mia vai se vingar.

[Compre agora e leia](#)



# O beijo do vencedor

Rutkoski, Marie

9788550700762

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

A guerra começou. Arin está à frente dela com novos aliados e o império como inimigo. Embora tenha convencido a si mesmo de que não ama mais Kestrel, Arin ainda não a esqueceu. Mas também não consegue esquecer como ela se tornou exatamente o tipo de pessoa que ele despreza. Ela se importava mais com o império do que com a vida de pessoas inocentes – e, sem dúvida, menos ainda com ele. Pelo menos é o que Arin pensa. Enquanto isso, no gélido norte, Kestrel é prisioneira em um campo de trabalhos forçados. Ela deseja desesperadamente escapar. Deseja que Arin saiba o que ela sacrificou por ele. E deseja fazer com que o império pague pelo que

fizeram a ela. Mas ninguém consegue o que quer apenas desejando. Conforme a guerra se intensifica, Kestrel e Arin descobrem que o mundo como o conheciam já não é mais o mesmo. O oriente está contra o ocidente, e os dois se encontram no meio de tudo isso. Com tanto a perder, é possível alguém realmente ser vencedor? "O beijo do vencedor" é o grande final da Trilogia do Vencedor. Numa narrativa tão empolgante quanto sensível, a difícil paixão entre Kestrel e Arin alcança um novo patamar.

[Compre agora e leia](#)



## Garota oculta

Hall, Shyima

9788576838142

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor" Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptos de Shyima referiam-se a ela como "garota estúpida" e a forçavam a fazer de tudo

como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptos mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)



## Garota imperfeita

Howell, Simone

9788576838777

320 páginas

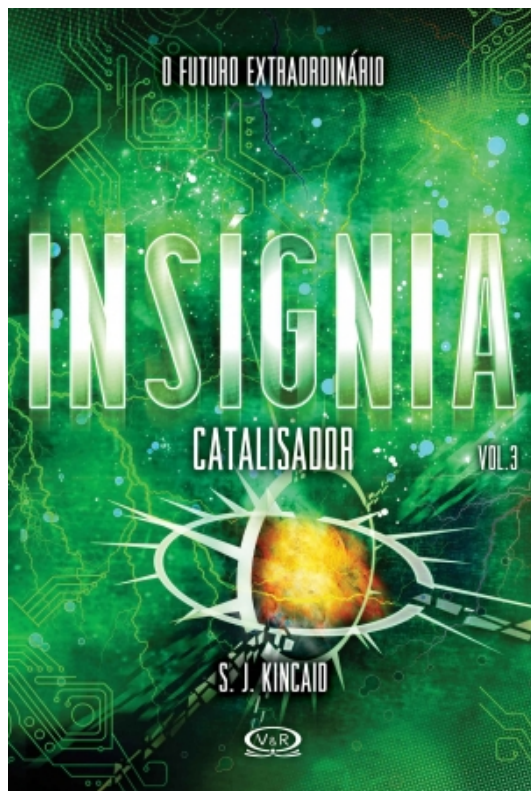
[Compre agora e leia](#)

Skylark não é mais uma menina, mas os outros personagens dessa história não estão prestando atenção nesse fato. Gully, o irmão mais novo de Sky, tem dez anos e está obcecado por investigar uma tentativa de assalto; sua mãe foi embora para o Japão numa busca insana pela vida artística; seu pai, Bill, parece satisfeito em beber enquanto permanece imerso na loja de vinhos e no passado; do alto do terraço, Nancy, a amiga mais velha e experiente, fuma um cigarro e diz que Sky deve se divertir mais; uma garota é encontrada morta e há cartazes com seu rosto estampado por todo o bairro; há uma estranha



ligação entre a garota dos cartazes e Luke, o novo funcionário de seu pai. Nessa história, cada acontecimento tem sua própria melodia. E essa é a história de como Sky encontra seu lugar no mundo. Um lugar em que não existem garotas perfeitas. É também a história de uma garota louca e de uma garota fantasma; de um garoto que não sabia de nada e de um garoto que achava que sabia de tudo. E é sobre vida, morte, luto e romance. Só coisa boa. Destaques do livro "Divertida e dona de um olhar mordaz sobre as imperfeições do mundo (e sobre ela mesma), Sky é autêntica." – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)



## Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em

seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. "Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?"  
Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)